

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**SÃO THOMÉ DAS LETRAS NA ENCRUZILHADA DAS FONTES, DOS
TEMPOS E DOS SABERES**
UM ESTUDO SOBRE ETNOGRAFIA E HISTORICIDADE COM REGISTROS AUDIOVISUAIS

Carla Alfonsina D'Auria

CAMPINAS, 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

**SÃO THOMÉ DAS LETRAS NA ENCRUZILHADA DAS FONTES, DOS
TEMPOS E DOS SABERES
UM ESTUDO SOBRE ETNOGRAFIA E HISTORICIDADE COM REGISTROS AUDIOVISUAIS**

CARLA ALFONSINA D'AURIA

Este exemplar é a redação final da
dissertação defendida pela Sra. **Carla
Alfonsina D' Auria** e aprovada pela Comissão
Julgadora em **28/08/2000**

Prof. Dr. Marcius Cesar Soares Freire
-orientador-

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Multimeios do Instituto
de Artes da UNICAMP como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Multimeios e Ciências, sob
a orientação do Prof. Marcius Freire.

CAMPINAS – 2000.

30
 MADA:
 UNICAMP
 267A
 Ex.
 BC/ 44084
 16.392107
 R\$ 11,00
 25/04/07
 CPD

1-00155149-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

D267s D'Auria, Carla Alfonsina
 São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes, dos
 tempos e dos saberes : um estudo sobre etnografia e
 historicidade com registros audiovisuais / Carla Alfonsina
 D'Auria. – Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Acompanha 2 fitas de vídeo
 Orientador: Marcius Freire
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
 Campinas, Instituto de Artes.

1. Historia – Metodologia. 2. Antropologia visual.
 3. Historia oral. 4. São Tomé das Letras (MG) – História.
 I. Freire, Marcius. II. Universidade Estadual de
 Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Com amor
aos meus filhos,
Gabriel e Francisco.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, principalmente à minha mãe, pelo apoio e incentivo constantes.

Ao Prof. Marcius Freire, que sempre respeitou, valorizou e incentivou minha experiência profissional.

À prima Marilene, pela generosidade em oferecer a câmara de vídeo, com a qual realizei este trabalho.

Aos primos Telma, Barney e André e às amigas Andréa e Jakeline, que me acolheram em Campinas.

Àqueles que me mostraram as inúmeras faces de São Thomé das Letras, especialmente à Ane, porque foi a primeira a me abrir as portas de sua casa.

À Sílvia Helena pela leitura final da dissertação.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que forneceu apoio financeiro durante o ano de 1997, 1998 e primeiro semestre de 1999, decisivo em relação ao desenvolvimento desta pesquisa.

Resumo

São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes **Um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais.**

A pesquisa partiu de um duplo objetivo: 1) investigar a história do município de São Thomé das Letras, no sul de Minas Gerais, tomando como fio condutor a atividade de extração do quartzito, rocha ornamental com afloramento abundante na região, utilizada seguramente desde o último quartel do século XVIII. 2) experimentar uma metodologia de pesquisa em relação aos estudos históricos, adotando como viés a utilização conjunta dos pressupostos da história oral e da antropologia filmica, principalmente quanto aos filmes (leia-se vídeos) de exploração.

Os resultados da pesquisa são apresentados em duas partes. A primeira contempla alguns ensaios sobre teoria e metodologia da história em relação ao trabalho que foi desenvolvido, acompanhada de duas fitas de vídeo: uma delas contém registros realizados em importantes momentos da pesquisa, e a outra, notas videográficas sobre a extração dos quartzitos. A segunda parte privilegia a história que foi possível escrever através da experimentação metodológica em campo.

Abstract

Sao Thome das Letras - in the Fountains, Time and Knowledge Crossroads

A research of ethnology and history with audiovisual records.

The research had the double aim of studying: 1) the history of the city of Sao Thome das Letras a city in southern Minas Gerais State, using as the connecting point of the quartz extraction activity which is an ornamental rock abundantly available in the local region and that has been extrated since the last quarter of the 18th century. 2) the experimantation of a new research methodology related to historical studies. Thus, the chosen theoretical/methodological approach made use of the joint means of oral history and filmed anthropology especially using exploring videos.

The results of the research are presented in two parts; the first of the three presents a series of essays on the history theory and methodology related to the research done in Sao Thome das Letras, the second part talks about the history that was possible to written through the field methodology experimentation.

Résumé

São Thomé das Letras au Carrefour des Sources, des Temps et des Savoirs

Une étude ethnographique et historique appuyée sur des supports audiovisuels

La recherche a eu comme point de départ l'intention d'atteindre un double objectif:

- 1) celui de mener une recherche sur l'histoire de la ville de São Thomé das Letras, située dans la région sud de l'Etat de Minas Gerais, ayant pour fil conducteur l'activité d'extraction du quartzite, une roche ornementale qui affleure en abondance dans cette régions et certainement utilisée depuis le dernier quart du XVIII^e. siècle;
- 2) celui d'expérimenter une nouvelle méthodologie de recherche dans le domaine des études historiques. Ainsi, l'angle théorico-méthodologique choisi a utilisé à la fois les présupposés de l'histoire orale et ceux de l'anthropologie filmique, notamment celle des films (etendons par là des films vidéo) d'exploration.

Les résultats de cette recherche sont présentés en deux parties; la première porte sur une série d'essais sur la théorie et la méthodologie de l'histoire, en rapport avec le travail entrepris à São Thomé das Letras; la deuxième privilégie l'histoire qu'il a été possible d'écrire grâce à l'expérimentation méthodologique sur le terrain.

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	11

Primeira Parte

Ensaio de Teoria e Metodologia

De como a memória se transformou em história:

<i>um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais</i>	21

Passado-presente-futuro

<i>Os tempos da história e o presente como elo</i>	23

<i>A questão dos paradigmas em história</i>	28

<i>Os paradigmas dominantes durante o século XIX</i>	30

<i>L' École des Annales</i>	33

<i>A História Nova</i>	36

A Pesquisa em São Thomé das Letras

<i>Aspectos Metodológicos</i>	44

<i>A História Oral</i>	48

<i>A História Oral no Contexto Brasileiro</i>	55

<i>Cinema e História</i>	62

A Antropologia Fílmica

<i>Fundamentos teórico-metodológicos</i>	69

Antropologia Fílmica/História Oral

<i>Aspectos do Conjunto</i>	78

O trabalho de campo em São Thomé das Letras:

<i>De como as memórias se transformaram em história</i>	88

<i>A formação das redes de informantes</i>	93

<i>A ética nos relacionamentos</i>	115

<i>O vídeo como agente da inserção</i>	118

<i>O vídeo como instrumento de registro de técnicas materiais</i>	121

<i>O vídeo na pesquisa exploratória</i>	121

A exploração em campo	122
A dupla inserção entre os mineradores das pedreiras do Patrimônio	122
Aprofundando a inserção	128
O vídeo de exploração e a dupla perspectiva de registro: presente e passado	132
As notas videográficas e o vídeo organizado	139
O vídeo como ferramenta na aplicação da história oral	142
A câmera como instrumento de registro das entrevistas	142
As entrevistas	144
Roteiro temático oral	146
Roteiro temático audiovisual	148
Roteiros Visuais – As fotografias históricas	149
A experiência com as fotografias em São Thomé das Letras – Duas perspectivas	151
O vídeo como registro do cotidiano e de eventos diversos	156
Os documentos escritos	158
Alcances e limites do método proposto	163
O vídeo e a restituição da pesquisa à comunidade estudada	167
A questão da análise dos resultados de pesquisa	171
O vídeo como meio e veículo da história	172
Para concluir, a Segunda Parte como restituição	173

Segunda Parte

São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes

<i>Ensaio sobre a História</i>	175

Algumas considerações sobre a questão da autoria	177
Encruzilhada	185
A Memória, o Narrador, a Verdade e a História em São Thomé das Letras	187
Preliminares	193
Posição Geográfica	194
A Cidade no Tempo	195

Paisagem	198
Povoamento Colonial	207
Origens	211
A Tradição Oral como Cartão Postal	212
A Origem na Voz	
As letras, a imagem e o patrimônio do santo	214
As imagens e a oralidade	
A mensagem, o tempo e os mensageiros	228
A Origem nas Letras	234
A Escrita e a História, ou Outras Histórias	237
“A força da grana que destrói coisas belas”	250
A década de 1980: a dessacralização das origens, uma questão de poder	
Resgate de antigas em novas versões	251
O ouro	251
A lepra	263
A origem	
As versões e a ausência de estudos sistemáticos	271
O arraial	274
O século XIX	280
Os caminhos	289
As festas	292
A magia	297
A cidade morta	300
Revitalização – A Indústria da Pedra	302
O Exército	318
A década de 1960	320
A década de 1970	321
A década de 80	338
A década de 1990	354
Os ciclos turísticos	356
Mineração	358
<i>Em conclusão</i>	374

Apêndice

Sociedade Brasileira de Eubiose	379

Anexos

Escritos

1 – Agenda XXI.	
Cap. 13 – Gerenciamento de Ecossistemas Frágeis	393
2 – Tabela de população	406
3 - Transcrições	
Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Thomé das Letras	407
4 – Transcrição do artigo: “Bicho Grilo não é Micróbio”	417

Videográficos

1. Audiovisualidades

I - Coopedra	6’47’’
II - Proposta para a Limpeza da Cachoeira da Garganta	4’40’’
III - Novos Registros	6’03’’
IV - Extração do Quartzito	26’32’’
V - Pedreiras no Patrimônio	9’17’’
VI - 7 de setembro de 1998	45’

2 - Notas Videográficas

A Lavra do Quartzito em São Thomé das Letras.....	52’

Bibliografia	421

Introdução

“ ... porque aqui em São Thomé, meu filho, queira sim ou queira não, ainda tem essa paternidade, o nosso pão aqui continua sendo a pedra. O filho de São Thomé, então teu pão é pedra, você não vai poder comer as pedras, mas é do dinheiro delas que você sobrevive.”

Tião Rosa¹

No alto de uma serra, no Sul de Minas Gerais, habita uma comunidade que há gerações extrai, da superfície da serra, o quartzito sericítico, rocha ornamental de grande valor econômico. A atividade tem sido passada de pais para filhos com algumas poucas, porém substanciais alterações tecnológicas. Atualmente a extração é feita em duas fases, a primeira com a utilização de máquinas, e a segunda de maneira artesanal, quando movimentos do corpo e ferramentas rudimentares compõem um compasso harmonioso.

As primeiras lascas da serra, intencionalmente retiradas por mãos escravas, serviram para a construção das casas, templos e muros que marcavam o início do povoamento local, ainda no século XVIII. A história documentada de São Thomé das Letras aponta para o ano de 1770, quando o padre Francisco Alves Torres recebeu a provisão que havia solicitado para a construção de uma capela em homenagem a São Tomé, ao lado de uma gruta que já levava o nome do santo ². Nas paredes dessa gruta resistem, até os dias de hoje, vestígios de inscrições feitas com um pigmento de cor

¹ Tião Rosa é minerador em São Thomé das Letras, e foi um dos informantes desta pesquisa.

² A história de São Thomé das Letras foi sintetizada por pesquisadores do IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, quando elaboravam a documentação para o tombamento de uma área no município, em 1984. O processo pode ser consultado na Biblioteca do Instituto, *Pasta 77*.

avermelhada, possivelmente por povos do neolítico. A relação de tais inscrições ao nome do santo certamente se deve à interpretação de religiosos que as conheceram no século XVIII. Para o padre jesuíta José Mascarenhas, nos idos de 1747, elas seriam o registro da passagem de São Tomé ali, naquele local, em 54 d.C., quando teria pregado para os índios ³. Tal interpretação, adicionada de outros elementos, inspiraram narrativas épicas, resguardadas com vigor pela tradição oral local. A narrativa, embora não conte com uma única versão, tem como elementos comuns seus protagonistas: o branco, ao mesmo tempo cruel e benevolente senhor da colonização, o negro como trabalhador rebelde e a Igreja, como redentora no relacionamento entre eles. Em uma das versões existem elementos que remetem as letras a Sumé, importante personagem da cultura indígena. Todos esses elementos estiveram presentes na origem do povo brasileiro.

São Thomé das Letras integra atualmente a rota turística do sul de Minas e faz parte, junto a outros 29 municípios, da região da AMAG – Associação dos Municípios do Circuito das Águas. Sua área total é de 368 quilômetros quadrados, limitando-se com Três Corações, Luminárias, Cruzília e Conceição do Rio Verde. Tinha à época da última contagem da população feita pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 1996, um total de 5.733 habitantes, destes, 2.739 na sede, localizada a uma altitude de 1.290 metros acima do nível do mar, em um dos pontos mais altos da serra. De lá, descortina-se ao olhar um vasto terreno cheio de ondulações, parte do planalto mineiro.

A população do arraial teve, até bem pouco tempo atrás, restrito contato com o mundo do vivido no planalto que se avista lá do alto. Os caminhos precários dificultavam o acesso e a falta de energia elétrica imputaram um longo período de reclusão à população local, quebrado esporadicamente nas ocasiões de festa ou quando recebiam alguns poucos visitantes que se aventuravam pelas rudimentares trilhas de

³ A transcrição do documento pode ser encontrada na obra: *Códice Costa Matoso. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2v. (Coleção Mineiriana, Série Obras de Referência); pgs. 378/382.

terra ou pelo ar, em pequenos aviões. Entre esses visitantes estavam principalmente compradores de pedras, atraídos pela revitalização da atividade extrativa, na década de 40; esotéricos da Sociedade Brasileira de Eubiose, que desde o final dos anos 30 frequentavam o local e antiquários, em busca de peças antigas e baratas.

Esse distanciamento do padrão cultural dominante, possibilitou a preservação de uma visão de mundo e de um tipo de vida ainda em muito marcados por antigas tradições, expressada principalmente pela oralidade e por várias formas de manifestação, que sempre pontuadas por um tom de misticismo, constituem importante fator da identidade cultural local.

Nos primeiros anos da década de 70, os contatos com o mundo de fora passam a se tornar mais intensos. Aos poucos visitantes habituais, somam-se jovens *hippies*, ou tão somente aventureiros. Na mesma época, o abastecimento de energia elétrica é inaugurado, trazendo consigo imagens mais frequentes de um mundo diferente, através da televisão. Até então, eram poucos os aparelhos na cidade, que funcionavam por poder de um gerador. Uma delas ficava em uma “venda”, onde os mineradores, quando deixavam a lida nas pedreiras no fim do dia, podiam se encostar no balcão, tomar um trago de cachaça, acompanhado por um naco de mortadela ou linguiça pra tirar o gosto, enquanto as notícias do telejornal e cenas de *Irmãos Coragem* ou *Os Inocentes* podiam ser conhecidas através da TV.

Dai em diante, em ritmo crescente e acelerado, São Thomé das Letras passa a conhecer o “progresso”, e a experimentar as transformações que vieram na sua esteira. A mineração do quartzito recebe “impulsos” tecnológicos que fazem aumentar a produtividade da jazida, ao mesmo tempo em que o turismo desponta, timidamente, como uma alternativa de renda para os habitantes.

A mineração mantém-se até os dias de hoje como a principal fonte de renda e o turismo já se firmou como alternativa, recebendo incentivos da iniciativa pública e privada. Entretanto, a construção da realidade atual não se deu sem a geração de conflitos, por vezes intensos. As próprias atividades econômicas que sustentam a vida no alto da serra são, em suas essências individuais, incompatíveis. O turismo, atividade mais recente, por seu turno, atrai pessoas tanto em função da ambiência mística ali

cultivada, como também pela paisagem natural, que forma belos cenários, ao mesmo tempo áridos e exuberantes. Do alto, inúmeras nascentes vertem suas águas serra abaixo formando belas cachoeiras cercadas pela densa vegetação que ocorre nos grotões. Além delas, os afloramentos de rochas compõem uma enorme profusão de cavernas, grutas e paredões, muitos deles adornados por inscrições rupestres. Por outro lado, a mineração, atividade mais antiga, por sua própria natureza, baseia-se na exploração dos recursos naturais não renováveis, que são as rochas, alterando substancialmente a paisagem; a atividade, que foi a mola propulsora para o “progresso” da localidade, constitui hoje um sério problema ambiental, pois além da “poluição visual” que cria, entope nascentes e gera o assoreamento dos cursos d’água. Além disso, a ignorância, ou a insensibilidade de alguns mineradores quanto à necessidade de preservação do patrimônio natural e cultural que os afloramentos representam, leva-os a explodir impunemente locais onde existem inscrições rupestres e a minerar nas bordas dos cursos d’água, arrasando a rica vegetação dos grotões e cortando, definitivamente, as belas esculturas que a natureza construiu há muito tempo, mais precisamente há aproximadamente 570 milhões de anos – idade pré-cambriana; quando formavam-se os terrenos mais antigos do globo e entre eles a Serra de São Thomé das Letras. Geologicamente ela representa a parte superior do Grupo Carrancas que, unida aos Grupos Canastra e São João del Rei, demarcava as bordas do antigo continente existente no Proterozóico Inferior⁴.

A realização do trabalho *São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes – Um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais*, teve como objetivo principal o estudo da história do município, tomando como fio condutor a extração do quartzito. A adoção desse viés na abordagem do processo histórico não aconteceu por acaso, tendo sido determinado pelos seguintes pontos:

⁴ O Grupo Carrancas tem sua parte inferior denominada Rio Elvas, a intermediária como Campestre e a Serra de São Thomé das Letras como superior. Fonte: Ministério das Minas e Energia. Secretário Geral. *Projeto RADAMBRASIL – Levantamento de recursos naturais – volume 32; folhas sf.23/24 Rio de Janeiro/Vitória. Rio de Janeiro, 1983, pp. 139-143.*

. a antiguidade da atividade, que cobre seguramente toda a trajetória histórica do município, desde o início do povoamento, ainda no período colonial, quando começaram a ser erguidos os primeiros edifícios no alto da serra. Os trabalhadores desenvolveram ali uma técnica construtiva muito peculiar, privilegiando o material existente no local. As rochas eram usadas desde a construção da fundação dos edifícios, até o telhado, onde uma estrutura de madeira sustentava finas lajes de pedras, ou então as tradicionais telhas de barro. As paredes das edificações, tanto internas quanto externas, foram levantadas pela superposição de pedaços de rocha, encaixados de maneira tal que, dispensando o uso de qualquer tipo de argamassa, resultaram em sólidas construções, algumas em pé até os dias de hoje.

. pela ausência de fontes tradicionais - escritas - de pesquisa histórica capazes de revelar as transformações tecnológicas imputadas à atividade ao longo do tempo, oferecendo assim, a oportunidade de experimentar novas metodologias de pesquisa em relação à construção do conhecimento histórico.

Ante a ausência das fontes escritas, a opção metodológica que se apresentava como mais viável deveria se prestar à “criação” das mesmas. Nestes termos, a história oral acenava com uma proposta metodológica eficiente, permitindo adotar como matéria essencial da pesquisa, a memória das pessoas atuais. “*Se podemos arriscar uma rápida definição*”, coloca Verena Alberti, “*diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam*”⁵.

⁵ Verena Alberti. *História Oral – a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. Cit. Pg. 1.

Mesmo que as pessoas atuais não tenham sido testemunhas diretas do comportamento técnico dos primeiros mineradores, eu acreditava que as reminiscências poderiam indicá-lo, ou pelo menos apontar indícios sobre ele, uma vez que a permanência da atividade até os dias de hoje poderia dever-se a uma cadeia de transmissão criada entre as gerações. As memórias atuais, poderiam ainda guardar os ecos de um passado distante no tempo, recriado ao longo dos séculos até configurar suas experiências atuais. Era uma hipótese.

Entretanto, a recorrência à oralidade, por si só, apresentava um entrave. Na prática, a primeira fase que compõe a metodologia da história oral, como tradicionalmente ela vem sendo praticada, é que o pesquisador realize, antes mesmo de iniciar as entrevistas, uma exaustiva pesquisa documental sobre o tema e/ou sobre a história de vida do depoente. Dessa maneira, além de se familiarizar com o tema da pesquisa, o pesquisador transforma a si mesmo e ao seu entrevistado em “*interlocutores válidos*”. A pesquisa documental é que fornece o referencial comum entre pesquisador e pesquisado, na forma de elementos (assuntos, informações, datas, etc.) em torno dos quais se realizará a comunicação entre eles, ou seja, o seu diálogo.

A inexistência de fontes escritas que descrevessem as técnicas antigas aparece novamente como um problema, a exigir soluções. Estas vieram através da adoção, concomitante à história oral, dos pressupostos teórico-metodológicos apontados por Claudine de France quando lançou os fundamentos da disciplina antropologia filmica: “... a originalidade da disciplina é que ela possui um objeto de duas faces: o homem e a imagem do homem. É na pesquisa sobre o que faz a relação entre essas duas faces que reside a dificuldade de sua busca, de suas ambições, e seu estatuto de disciplina à parte. O objeto da disciplina é duplo, sua ferramenta, o filme, pode ser também seu objeto”⁶. A disciplina permitia, ao eleger tal objeto de estudo, que se partisse das aparências, ou daquilo que se dá a ver, e a registrar, através da utilização de tecnologia para registro de sons e imagens animadas, a saber, o cinema e o vídeo.

⁶ Claudine de France (ed.). *Du film ethnographique à l'anthropologie filmique*. Paris, Éditions des Archives Contemporaines, 1994. Cit. P. 7 – tradução livre.

Assim, no lugar de utilizar informações escritas como referencial comum para o meu diálogo com as pessoas que informariam a investigação através de sua memória, elegi as *imagens*; mais precisamente as imagens videografadas no presente, a partir das quais iniciou-se a pesquisa. Adotando-as como referencial, transformávamo-nos também, mesmo ante a ausência dos documentos escritos, em “interlocutores válidos”, capazes de entabular um rico diálogo sobre o tema proposto para investigação, que atingiu vários outros, em interrelação.

Dessa maneira, a pesquisa arquivística cedeu lugar ao trabalho de campo, constituído na convivência com as pessoas que constroem dia a dia a realidade estudada, tendo no instrumental tecnológico oferecido pelo sistema de vídeo o intermediador das relações que se estabeleceram entre minha pessoa e os informantes que pouco a pouco foram sendo incorporados ao processo de pesquisa ⁷. A abordagem ao processo partiu de minha inserção e de uma câmera de vídeo – que constantemente estava em minhas mãos – na comunidade estudada, através de um contato direto e prolongado com a situação investigada, e com as pessoas que informaram sobre a atividade extrativa e sua trajetória histórica. Nesse processo, o material construído demonstrou ser rico em vários sentidos, desde a descrição de pessoas, situações, e modos de vida que suas visões de mundo determinam, até o estudo de técnicas materiais, reveladoras do relacionamento que os homens, ali no alto da serra, estabeleceram com a natureza onde vivem e de onde retiram o seu sustento.

Além das fontes audiovisuais, algumas fontes escritas também foram incorporadas, seguindo sempre a indicação dos próprios informantes. A reunião de fontes de natureza tão diversa fez com que a história de São Thomé das Letras tomasse forma em meio às reminiscências de pessoas, que tiveram suas histórias de vida entrelaçadas à história do município, expressando uma pluralidade de vozes e tempos.

Busquei, durante todo o processo de pesquisa conhecer a história do município em duas instâncias, a que vive atualmente, na memória das pessoas comuns, anônimas

⁷ Aluguei uma casinha em São Thomé das Letras onde permanecia por longas temporadas durante todo o ano de 1998.

em relação à história oficial, e a das instituições que, através de sua atuação na área, constróem a história oficial.

A utilização conjunta de fontes de natureza tão diversas foi possível graças às transformações pelas quais passaram os paradigmas das ciências humanas, principalmente da historiografia. Assim sendo, a primeira parte *Ensaio de Teoria e Metodologia – De como a memória se transformou em história: um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais* contempla os pilares fundamentais que norteiam a vertente historiográfica na qual o presente trabalho se inscreve, conhecida por *História Nova*. Tais pilares sustentam o terreno onde os pressupostos teóricos que orientaram a pesquisa em São Thomé das Letras germinaram, subsidiando, junto à exposição detalhada do caminho teórico-metodológico percorrido, uma reflexão sobre os alcances e limites do método proposto. Com estes *ensaios*, longe de pretender esgotar o assunto, espera-se tão somente colocar como parâmetro da teoria, a prática, pois entende-se que a única forma de testar a aplicabilidade de um método é a sua experimentação. Além disso, em lugares/tempos de subjetividade, entende-se que a garantia do rigor esteja diretamente relacionada à transparência em relação aos objetivos e passos da pesquisa. Esta parte compreende ainda dois anexos videográficos, o primeiro deles, intitulado *Audiovisualidades*, contém uma síntese videográfica que demonstra algumas possibilidades instrumentais da utilização do recurso de vídeo em pesquisas históricas ou em ciências sociais; o segundo é uma síntese das notas de pesquisa relativas à lavra do quartzito, quando a câmera fazia as vezes de caderno de notas.

A segunda parte, *São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes – Ensaio sobre a História*, apresenta os resultados de pesquisa propriamente ditos. Esta parte será, do conjunto escrito da dissertação, aquela que será efetivamente “restituída” à sociedade local. Embora represente um conhecimento que já possuem, representa também meu olhar sobre o processo que eles me ensinaram a conhecer, e vale dizer que o caráter parcial dos resultados é um convite a que novas versões, ou novos olhares se juntem a estes fragmentos: assim como a história que conta, esta obra é aberta, e, espero, este é apenas o seu início. Cabe colocar que o

conhecimento histórico que se construiu não tem a pretensão de representar uma “verdade” inquestionável ou imutável. Ele reflete antes as várias “verdades” reveladas - por vezes ocultadas - na forma de versões, durante o período em que nos relacionamos.

O texto tem a pretensão de expressar uma polifonia, ou as várias vozes que contaram a história de São Thomé das Letras, enquanto seus donos desfiavam suas lembranças para que fossem registradas nas fitas de vídeo. Para escrever este texto, recortei e costurei fragmentos dessas lembranças, seguindo uma estratégia que permitisse, logo à primeira vista, o reconhecimento da participação de vários contadores da história local: a cada voz relacionei uma cor, construindo um texto multicolorido. A utilização das cores deve ser entendida como um recurso representativo da polifonia, haja visto que esta, uma vez transformada em texto escrito, perde muito de sua riqueza e tonalidade, captados através da audiovisualidade, por vezes pareceu-me intraduzível. Ante a impossibilidade de recriar, pela escrita, o movimento da fala aliada aos gestos e às expressões daqueles que contaram as suas lembranças, recorri às cores como se elas fossem capazes de resgatar e demonstrar também o aspecto lúdico que permeou as várias narrativas sobre a história local, na tentativa de impedir a sua diluição nas letras impressas em preto (ausência de cores) sobre o branco da folha (resultado da reflexão de todas as cores). Esta estratégia textual expressa, através das cores, o registro e por isso a fixação de momentos únicos, intermediários entre o preto/ausência e o branco/totalidade; refletem as memórias particulares (vivas, pulsantes) em oposição à sua homogeneização num texto síntese, em preto e branco. Os diversos fragmentos de memória, coloridos, foram entrelaçados no corpo do texto segundo minha intervenção: selecionei, montei e comentei, fazendo-me também presente na construção daquele conhecimento; para minhas intervenções reservei o preto, porque minhas palavras nem de longe se equiparam, em eloquência, àquelas que contaram os fragmentos de memória, aqui reunidos e transformados em história.

Vale dizer que a primeira e a segunda parte podem caminhar separadas: o leitor não precisa conhecer a primeira para ler a segunda.

Em tempos de interdisciplinaridade, os caminhos para a compreensão histórica por certo são múltiplos, tantos quantos a criatividade dos pesquisadores for capaz de

criar. Através da pesquisa *São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes – Um Estudo Sobre Etnografia e Historicidade com Registros Audiovisuais* espera-se contribuir para a construção de novas metodologias de pesquisa passíveis de aplicação nos estudos histórico-antropológicos, sem no entanto perder de vista as importantes conquistas que as metodologias tradicionais nos proporcionaram.

O estudo ora apresentado representa, na forma de *ensaios* - pois não há nele nada de definitivo - , um duplo convite: em primeiro lugar para a reflexão sobre novas metodologias de pesquisa em história, com vistas à interdisciplinaridade, e, em segundo, para penetrar na memória que algumas pessoas guardam em relação àquela serra, ainda hoje cheia de mistérios.

Primeira Parte

Ensaaios de Teoria e Metodologia

***De como a memória se transformou em história: um estudo
sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais***

Os Colombos

*Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.*

*Mas o que a eles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz dele historia
E por isso a sua glória
É justa auréola dada
Por uma Luz emprestada.*

Fernando Pessoa

Obra: A Mensagem

SP, Cia das Letras, 1998.

Passado-presente-futuro
Os tempos da história e o presente como elo

“ ‘Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana’, diz Lotze, ‘está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro’. Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à de salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.”

Walter Benjamin¹

¹ Apesar de utilizar o termo “materialismo histórico” relacionando-o ao entendimento da ligação entre os tempos da história, as teses de Walter Benjamin ultrapassam as fronteiras da ideologia que o termo encerra. Benjamin é expoente da Escola de Frankfurt, criada em 1920 por um grupo de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, primeiros militantes em meio universitário. O Instituto fazia suas publicações regularmente, construindo uma “teoria crítica” da sociedade, que não era outra senão aquela devastada pela experiência da Primeira Guerra. Até 1930, esse Instituto teve publicações periódicas, quando a perseguição nazista fez com que o grupo se dispersasse pela Europa e Estados Unidos e somente em 1950 tem início a reestruturação do Instituto de Frankfurt. Walter Benjamin. *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 4 ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 222/223.

A segunda, das dez teses que Benjamin escreveu sobre a história, expressa uma visão militante, que atualmente, já ultrapassou os limites dos escritos históricos, por ela já se aventuraram pesquisadores de outros campos da ciência.

A idéia de felicidade, atrelada à visão judaica de salvação determinaram, para Benjamin, a necessidade de militância na tentativa de sanar a dupla dívida que temos, em nosso presente, com o passado e o futuro: a história não está somente presa ao passado, ela deve ter por tarefa *transformar* o futuro. Comprometido com o pressuposto da Escola de Frankfurt de lutar pela justiça, discutia questões intrinsecamente ligadas ao sentimento instaurado na sociedade pelos tempos modernos. Questionava, atacando, tanto a história factual, historicizante, como o materialismo histórico, pela maneira como este vinha sendo conduzido em sua versão leninista-marxista, segundo a qual todas as sociedades passariam pelos mesmos estágios de evolução; o modelo deveria ser revisto com vistas à descontinuidade, a multidão, a solidão, e a morte da narrativa. Entendia que as relações entre as pessoas haviam sido irremediavelmente modificadas; o tempo do trabalho não mais permitia contar ou ouvir narrativas. Melhor, num mundo devastado e empobrecido pela experiência da guerra já não havia mais *o que* contar. Questionava os conceitos de barbárie e de civilização, revelando uma visão crítica e bastante ampla sobre o modelo capitalista de desenvolvimento, que, à sua época, já havia definido as feições da sociedade moderna e anunciado a sua crise.

O chamado à militância de intelectuais percorreu décadas, e, como um sussurro, insinuava-se, incômodo, num mundo dominado pela crença na neutralidade científica. O messianismo de Walter Benjamin, a atuação do “intelectual orgânico” de Gramsci, e as obras de outros que abraçaram essa missão, cada um a seu modo, ecoam hoje com vigor na produção da comunidade científica, determinando a atuação de inúmeros pesquisadores ².

A revolução dos paradigmas em vários campos da ciência, que teve lugar no correr do século XX, favoreceu, no âmbito dos estudos históricos, a multiplicação de

² Ver por exemplo a obra organizada por Carlos Rodrigues Brandão, *Repensando a Pesquisa Participante*, São Paulo: Brasiliense, 2.ed., 1985.

metodologias de pesquisa que objetivavam fazer uma outra leitura das sociedades, elegendo, no lugar da história dos vencedores, a dos vencidos, resgatar os “*marginais da história*” ou construir a “*história vista de baixo*”³.

Pensamentos como esses sempre me vêm à mente quando visualizo a serra de quartzitos de São Thomé das Letras, hoje extremamente devastada pela mineração. A aceleração do impacto visual e principalmente ambiental, é relativamente recente, não conta mais que vinte ou trinta anos; quando, seguindo o modelo de desenvolvimento econômico praticado no país, foi feito, durante as décadas de 70 e 80 deste século, grande investimento na indústria pesada. Tal investimento justificava-se em função do mercado externo, que consome desde então, grande parte da produção da jazida de quartzitos.

São Thomé das Letras, do alto de um conjunto de montanhas do sul de Minas Gerais está numa posição de guardião de importantes recursos naturais. É um verdadeiro santuário natural, de onde escorrem as águas que vão engrossar os leitos dos rios que correm na região. Nesse santuário, além das águas, se reproduzem espécies diversas da fauna e da flora, que adornam permanentemente os afloramentos do quartzito.

As montanhas são importantes fontes de água, energia e diversidade biológica. São consideradas ecossistemas frágeis e estão passando por uma rápida mutação. Elas são extremamente sensíveis ao desequilíbrio ecológico, tanto natural quanto aquele provocado pelo homem; são as áreas mais sensíveis a qualquer mudança do clima da atmosfera. Frágeis, porém grandes fornecedoras de importantes recursos. Cerca de dez por cento da população do mundo depende dos recursos montanhescos. Uma porcentagem muito maior utiliza outros recursos oferecidos pelas montanhas, inclusive e

³ Considere-se a definição de paradigma de Thomas Khun: “*Considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência*”, encontrada na obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 13.

Os termos *marginais da história* e *história vista de baixo* foram utilizados como verdadeiras bandeiras em defesa da utilização de fontes outras que não os escritos oficiais na construção do conhecimentos histórico. Entre as “novas” fontes podemos citar, entre outras, a produção material das sociedades, a oralidade, as imagens, as correspondências particulares, etc.

principalmente, a água. As montanhas são um reservatório de diversidade biológica e espécies ameaçadas de extinção ⁴.

Os habitantes de São Thomé das Letras, que da serra tiram seu sustento, são responsáveis pela qualidade de vida de inúmeras pessoas, que dependem dos recursos gerados pelas montanhas que circundam o maciço dos quartzitos. São privilegiados por estarem tão próximos do local onde esses recursos são gerados, e por isso, deveriam ser os principais guardiões desse patrimônio, que não lhes pertence. É necessário que suas posturas em relação ao ambiente em que vivem, transformem-se com vistas a usufruir sem destruir, preservando-o como legado às gerações que lá viverão no futuro.

A rapidez com que a paisagem natural tem sido modificada, através da mineração no alto da serra, é assustadora, haja visto a antiguidade da atividade. Mais de dois séculos nos separam do início da utilização das rochas pelos homens, algumas décadas da inserção de tecnologia moderna no método de lavra e somente alguns anos do reconhecimento da insustentabilidade ambiental gerada pelo processo de exploração extensiva da jazida. Entretanto, em relação à sobrevivência da população, um grande problema social se anunciou ante a primeira intervenção por parte dos órgãos públicos na área ⁵. É grande o número de famílias que depende exclusivamente da exploração da jazida.

A busca de soluções à esse impasse existe, mas é ainda tímida, acontecendo principalmente na esfera institucional. Estas chegam à pessoa do minerador na forma de fiscais, impondo-lhes normas, e, diga-se de passagem, precariamente cumpridas. Ainda não existe um projeto efetivo de conscientização sobre a questão ambiental, ou coisas do gênero.

⁴ *Agenda XXI*, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, cap. 13: Gerenciamento de Ecossistemas Frágeis: Desenvolvimento Sustentável das Montanhas. Este capítulo encontra-se no *anexo n. 2*.

⁵ A primeira intervenção aconteceu em 1991, quando o IBAMA, em uma ação conjunta com a Polícia Florestal, embargaram a mineração em São Thomé das Letras.

O presente trabalho não tem a pretensão de transformar essa realidade, pelo menos não diretamente. Seria tarefa por demais grandiosa, visto os limites a que deve se ater. Espera-se, tão somente, que, ao chegar ao final do caminho percorrido em sua construção, permita, através de seus resultados, fornecer elementos que favoreçam uma reflexão crítica sobre a mineração do quartzito, viés através do qual a dimensão histórica do município de São Thomé das Letras foi abordada. Essa esperança é fruto da convicção de que as transformações radicais que tem sido imputadas à vida das sociedades, pela ciência e tecnologia, gerando grandes e irreversíveis impactos ao meio ambiente, não devem ser analisados de maneira isolada em seus contextos sócio-econômicos, políticos e culturais: as mudanças inscrevem-se no conjunto deles, sob o signo da *aceleração*, inaugurada com os tempos modernos ⁶.

O reconhecimento da inter-relação existente entre os tempos, intuída por Walter Benjamin, no trecho que inaugurou a presente parte, aponta a história como agente de conhecimento e de transformação, logo, à construção do futuro. A militância ... Ah! Quanto a ela, é necessário reconhecer que, sempre que se adote metodologias de pesquisa que nos ponham em contato direto e imediato com os nossas “fontes”, ou “objetos”, ou “sujeitos”, corre-se o “risco” de ouvir o chamado, ou convite, à militância. Em nossa relação com as “fontes/objeto/sujeitos” do conhecimento, quando estas assumem a forma de pessoas vivas, devemos sempre levar em conta o fato de que, para além de nossas demandas pelo conhecimento que elas podem nos oferecer, existe a dimensão de suas próprias demandas, que, de alguma forma, esperam ver também concretizadas. Nenhuma relação é inocente, existe sempre uma *troca* implícita ou explícita no vaivém, que forma a trama tecida nos encontros interpessoais.

⁶ Pierre Nora. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In.: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, São Paulo, SP. Brasil, 1993. Cf. conceito de Aceleração, como o fenômeno que atinge as sociedades atuais, desde que o advento da era industrial determinou o fim progressivo das sociedades tradicionais. Tal fenômeno extinguiu os “meios de memória” das sociedades tradicionais; estes, nas sociedades industriais assumiram novas formas.

Meus encontros, em São Thomé das Letras, com as “pessoas fontes”, foram em grande parte registrados⁷. A ferramenta privilegiada para a construção desses registros foi o vídeo, que, por sua própria natureza, constitui um instrumento poderoso no sentido de registrar tudo aquilo que representa a exteriorização da ação humana, num suporte material e permanente. Ele foi, durante o processo de pesquisa, o meu elo de ligação com as pessoas envolvidas na construção do conhecimento histórico sobre a cidade, nosso instrumento de diálogo.

Cabe, nesse momento, o delineamento dos pressupostos teórico-metodológicos que subsidiaram o presente trabalho, principalmente quanto as relações que tem se estabelecido entre as evidências orais, escritas e visuais e a construção do conhecimento histórico, desde que a disciplina passou a “bater de frente” com o paradigma positivista, que por um longo período dominou a produção historiográfica ocidental.

A questão dos paradigmas em história

“Todas as mudanças profundas na metodologia histórica são acompanhadas de uma transformação importante da documentação”.

Jacques Le Goff⁸

A concepção do que vem a ser a construção do conhecimento histórico, desde que a história se afirmou como ciência, passou por várias transformações, até atingir sua verdade atual, e diga-se de passagem, não deveria aqui falar em “verdade”, mas em “verdades”, já que os historiadores contemporâneos, além de não compartilharem uma única visão sobre sua disciplina - como seus antecessores também não compartilhavam -

⁷ O termo “pessoa-fonte” foi utilizado pela pesquisadora Maria Luiza Martini, quando apresentava sua pesquisa no X Conferência Internacional de História Oral, no Rio de Janeiro, em junho de 1998.

⁸ Jacques Le Goff. Documento/Monumento. In.: *Enciclopédia Einaudi.-História*, vol. 1, Lisboa: Impresso nacional Casa da Moeda, 1984. P. 228.

passaram a reconhecer, ao longo do século XX, que o exercício de seu ofício não era menos permeado de subjetividade do que o fruto das ações dos homens - os documentos - “matéria” da história que eles estudavam.

A utilização de fontes sonoras e visuais na construção do conhecimento histórico, como propõe o presente trabalho ao adotar o sistema de vídeo como instrumento privilegiado no processo de pesquisa, é uma possibilidade decorrente de uma verdadeira revolução documental, iniciada no limiar das décadas de 1950 e 60, quando inaugurava-se a “era tecnologizada” da historiografia.

Os avanços tecnológicos representados pela informática e pelos equipamentos que registravam os sons e as imagens em movimento se tornariam a partir daí cada vez mais eficientes, acenando para os historiadores como ferramentas capazes de lhes permitirem lançar novos e múltiplos olhares sobre o passado.

A incorporação de tais ferramentas gerou, no ventre da historiografia francesa, uma efetiva transformação em relação à episteme da disciplina, disseminada na comunidade científica na forma do movimento da *História Nova*, no qual o presente trabalho se inscreve. O paradigma que então se inaugurava parecia prever a não existência de um paradigma único para o desenvolvimento dos estudos históricos, uma vez que representou novos olhares sobre evidências antigas, traziam como condição pragmática, a abertura da história a outros campos das ciências, como a lhe possibilitar o trânsito entre temas e fontes de natureza tão diversa. O “movimento” norteia, atualmente, grande parte da produção historiográfica, estando fortemente presente na formação dos universitários e nas obras publicadas no Brasil.

O “movimento”, inserindo-se nos tempos pós-modernos, constituía o desdobramento do movimento de renovação iniciado na França, em 1929, com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, que então lançava as bases de um novo paradigma em relação aos estudos históricos.

A revista marcava o início da *École des Annales*, tendo como ambição primeira a construção de uma história que abarcasse a totalidade das realizações humanas, fazendo a sua “síntese”. Tal ambição representava uma reação à “crise da verdade” vivida no final do século XIX, fazendo frente ao raciocínio positivo, ou progressista, que

informava os dois grandes paradigmas que até então dominavam os trabalhos das ciências humanas: o positivismo comteano e o materialismo histórico. Pretendia oferecer uma “terceira via” em relação a eles.

Os paradigmas dominantes durante o século XIX

Ambos os paradigmas tiveram suas origens vinculadas ao Socialismo Utópico, que produziu os últimos textos do *Século das Luzes*. Estes textos representavam uma tentativa de persuadir aqueles que detinham o poder econômico para os seus planos de reforma. Apontavam questões humanitárias e tinham extrema confiança no poder da razão, analisando a sociedade em suas *contradições*, nesse ponto inspirando o marxismo; a forte crença na razão influenciando o positivismo.

A ordem instaurada com o fim dos Governos Absolutistas, tinha como pressuposto fundamental a crença na razão como fonte de conhecimento. A razão, que aparecia no discurso iluminista com o objetivo de transformar a ordem vigente, trazia em si algo de subversivo. Esse tom tinha que ser transformado, porque ele não correspondia à realidade instaurada depois da Revolução Francesa, quando o princípio de igualdade foi vinculado à questão de propriedade, inaugurando uma contradição básica, pois preconizava uma desigualdade fundamental.

Então, na tentativa de tornar possível o desenvolvimento das novas formas de organização social, então emergentes, a ciência passa a construir discursos no intuito de se legitimar e de captar recursos do poder econômico para a realização de seus projetos sociais. Os temas que predominavam nesses discursos eram a dialética do espírito (Idealismo Alemão), a emancipação do sujeito racional ou trabalhador (construção de teorias críticas) e o desenvolvimento da riqueza (positivismo).

Quando considero a divisão do pensamento em dois grandes blocos, não quero dizer que todos os estudos da época ao domínio desses blocos se restringiam. A historiografia contemporânea nos aponta com variados exemplos que outras visões de mundo foram elaboradas em todas as épocas; me restrinjo às duas vias, positivismo comteano e materialismo histórico, porque além delas dominarem no sentido da

produção do conhecimento científico, foram modelos aplicados às realidades, determinando-as em tempos/espacos definidos.

Nos domínios dos estudos históricos, duas modalidades de pesquisa que se autodefiniam como científicas, eram praticadas. Vamos considerar a história factual, postulada pelo positivismo comteano, como “primeira via”. Como o próprio nome indica, entendia que a matéria prima da história, sua base empírica, eram os fatos do passado, considerados de maneira isolada. Tais fatos estariam contidos nos documentos escritos oficiais; a não existência destes, em uma sociedade, conferiria a ela uma inexistência histórica, assim como quanto maior eles fossem em número, mais real seria o *relato*, e mais *verdadeira* a história. Postulava que os estudos de sociedades deveriam seguir o método das ciências naturais; construindo o discurso da objetividade científica, buscava na precisão do método a sua justificação e, em decorrência, a justificação da ordem social e econômica. O paradigma positivista defendia a ordem burguesa e afirmava-a segundo a noção de “progresso”.

A inserção da história na dimensão do Positivismo de Augusto Comte, durante o século passado, trouxe algumas *vantagens* para a disciplina, eliminando narrativas de caráter metafísico religioso e o desenvolvimento da heurística, da crítica e de um método. O *método histórico*, então desenvolvido, não tinha por objetivo abarcar as mudanças, concebia o fato histórico como um acontecimento estático. Tal método contava com quatro fases em seu desenvolvimento: o primeiro era o estudo das fontes, a heurística; o segundo momento era o da crítica das fontes, em dois níveis, o interno (conteúdo) e o externo (formatação dos textos, comprovação de assinaturas, etc.), neste momento é que seria aferido à fonte seu caráter verídico ou falso; o terceiro passo seria a sistematização das fontes e o quarto, sua descrição, usada para a legitimação da ordem então estabelecida através da história dos grandes acontecimentos, personagens e fatos políticos.

Por outro lado, o materialismo histórico, aqui considerado como a “segunda via” em relação aos estudos históricos, era então considerada a via subversiva. Tinha como maior expoente Karl Marx, que, além de se colocar ideologicamente no extremo oposto em relação à ideologia que informava a história factual, discordava dessa em um ponto

fundamental, relativo à questão da linearidade da história, por ele entendida como um processo composto de marchas e contramarchas. Buscava nos modos de produção e nas lutas de classe seu objeto principal de estudo e de planejamentos para o futuro, incorporando ao raciocínio histórico a “dialética”, que conheceu com o Idealismo Alemão de Hegel. Representava a crítica à ordem burguesa, considerando-a como um estágio do desenvolvimento social que seria superado pela via revolucionária: através da desordem, alcançaria-se uma nova ordem, “ideal”, que em certa medida, recuperava o critério rousseauniano de igualdade e representatividade. Este modelo abolia a questão da propriedade, que seria coletiva, gerida pelo Estado, garantindo o acesso de todos ao usufruto de bens materiais.

O raciocínio que regia as duas teorias estavam sob um referencial que tinha algo em comum: ambas entendiam a história segundo uma visão progressista. Para o positivismo, o progresso seria atingido através da continuidade do modelo que já havia se estabelecido; o marxismo, apontava ainda uma fase, que seria inaugurada no momento de ruptura com o sistema dominante e a instauração de um outro modelo: o socialismo.

Durante o século XIX, e mesmo antes dele, a fragmentação e a interpenetração de alguns campos do saber em outros já eram apontadas como importantes vias para a pesquisa histórica. Tomemos como exemplo as relações entre a antropologia e a história, resgatadas por André Burguière através da obra de Legrand d'Aussy, escrita em 1782: *“Obrigado pelos grandes acontecimentos que deve contar, a escutar tudo o que não se oferece a ele com certa importância, ele só admite na cena os reis, os ministros, os generais de exército e toda aquela classe de homens famosos cujos talentos ou erros, esforços ou intrigas produziram a infelicidade ou a prosperidade do Estado. No entanto, o burguês em sua cidade, o camponês em sua choupana, o gentil-homem em seu castelo, o francês, enfim, no meio de seus trabalhos, de seus prazeres, no seio de sua família e de seus filhos, eis o que não nos pode representar”*⁹, escrevia aquele contemporâneo do Século das Luzes.

⁹ André Burguière. A antropologia histórica. In: Jacques Le Goff. *A História Nova*, SP: Martins Fontes. 1993. Cit. pg. 124.

Ante a predominância dos dois grandes paradigmas, os outros não eram reconhecidos como âncoras científicas. A “terceira via”, que a *École des Annales* ofereceu, foi em grande medida responsável pelos novos rumos que a disciplina histórica tomou, resgatando visões diferentes sobre a disciplina e sua prática, tão antigas quanto aquela que informou os paradigmas modernos.

La École des Annales

O nascimento da *École des Annales* pode ser relacionado ao contexto onde se elaboravam as reações à crise da verdade vivida pelas ciências no final do século XIX, quando, nas primeiras décadas do século XX, representava uma reação aos paradigmas até então dominantes. Foi um forte impulso, embora não o único, no sentido de resolver os impasses colocados pela crise da verdade, ou dos “relatos”, alterando “as regras do jogo” da ciência histórica, com a desconstrução dos modelos progressistas.

Os historiadores a ela filiados, flertavam com o marxismo e se mostravam abertos às correntes de pensamento mais progressistas das ciências sociais, distanciando-se das concepções conservadoras. Sob esta orientação, a História, cientificamente elaborada, passou a se interessar pelas diversas atividades e criações dos homens: a história converteu-se em história social englobando em um único conjunto todas as manifestações e realizações humanas, desprestigiando assim as tônicas anteriores, centradas unicamente na história política, ou econômica. Agora o centro do objeto de conhecimento histórico é a análise das sociedades, que parte dos diversos níveis existentes na realidade social, apontando a dinâmica da mudança social: privilegia o *movimento* da história, no lugar de sua imobilidade. Segundo tal perspectiva, os fatos não são acontecimentos estanques, sem elo que os vincule, ao contrário, são frutos das interações sociais, econômicas e políticas e devem ser estudados de forma integrada: a explicação histórica deve se preocupar com o *todo*, assim a capacidade básica do historiador deve ser a de apreensão e *síntese* do que haja de vivo nos processos sociais.

Mudando o objeto da história, muda-se também a noção de fonte histórica. Qualquer realização que parta da atividade do homem passa a ser passível de constituir uma fonte histórica, não apenas de documentos escritos – oficiais, mas tudo aquilo que constitui os vestígios deixados pelas sociedades nos ambientes em que viveram. Nesse sentido, o contato com outras ciências era bem-vindo, pois era preciso buscar nelas instrumentos teóricos e metodológicos que permitissem a leitura dos processos sociais através de fontes de natureza tão diversa. Dessa maneira, a *École des Annales* ampliou, em muito, o campo de atuação dos historiadores, tanto por abrir-se a outras ciências, como a sociologia, a geografia e a economia, como por inserir no horizonte do historiador a cultura material.

A noção de *tempo* também foi alterada. Em lugar do tempo breve e fugaz dos acontecimentos, encadeados somente por sua cronologia, os estudos começam a reconhecer a existência de tempos múltiplos, não lineares. Com Fernand Braudel, tem-se acesso a uma abordagem que explicita a coexistência de vários tempos, em *velocidades* diferentes: há um tempo de base, inserido na *longa duração*, que é a história quase imóvel das civilizações, uma história do homem em relação ao ambiente, onde se entrelaçam outros tempos, expressando, em sua dialética, o ritmo das permanências e das transformações das sociedades.

Na década de 60, a produção historiográfica que bebia na fonte da *École des Annales*, dedica-se a traçar recortes disciplinares orientados pelas diversas práticas e objetos, então apropriados pela ciência histórica. O desdobramento desse movimento levou à irrupção de uma disciplina que proclama estar sempre em construção, partindo em busca de novos instrumentos e objetos de análise, ao mesmo tempo em que repensa seus conceitos fundamentais, apontando para uma importante renovação teórico-metodológica.

A história total fragmenta-se em vários campos e linhas de investigação, transitando por um amplo leque de objetos e ferramentas teórico-metodológicas, por vezes buscadas em outras disciplinas. História Agrária, das Mulheres, das Religiões, do

Cotidiano e da Vida Privada, da Sexualidade, da Mentalidade, da Demografia ... a ampliação do rol dos interesses históricos tende ao infinito, toda manifestação ou criação do ser humano, independente de ser material ou não, pode ser transformada em matéria histórica, bastando para isso, que o historiador lhe lance suas vistas e a eleja como fonte de conhecimento

Ao mesmo tempo em que acontecia essa re-paradigmatização da disciplina, o desenvolvimento tecnológico - que é ao mesmo tempo fruto e germe de transformações - disponibilizava novas vias de investigação, tanto em relação à ampliação da variedade de fontes passíveis de serem eleitas, como em relação à coleta, sistematização e transmissão de dados e conhecimentos. Aos poucos os historiadores foram incorporando novas técnicas e novas metodologias de trabalho, que introduziram novas possibilidades na coleta de dados e no universo de análise, tanto em relação aos aspectos quantitativos quanto qualitativos.

Por um lado, a utilização dos computadores no tratamento dos dados, priorizando a quantidade das fontes, originou a história serial, transformando fontes escritas, algumas já tradicionalmente consideradas nos estudos históricos, em dados numéricos, possíveis informantes sobre os processos históricos, a partir daí abordados através de temas ¹⁰. Sob a ótica da qualidade das fontes: os avanços em relação aos instrumentos que faziam a captação de sons e imagens, além de fornecer fontes de natureza diversa daquelas até então utilizadas, como o cinema e a televisão, abriam para o historiador uma nova dimensão em seu trabalho: criar, ele mesmo suas fontes de pesquisa, inicialmente com prática da história oral.

Os precursores dos *Annales*, ao ambicionar uma história total, globalizante, que fosse capaz de estender seu olhar ao tecido social como um todo,

¹⁰ Várias são as obras onde poderíamos encontrar exemplos da produção diversificada e por vezes divergentes, a partir do nascimento da *École des Annales*. À guisa de exemplo, por sua expressividade, cito 3 delas: 1) Duby, Georges e outros. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986. 2) Le Goff, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990; 3) Burke, Peter (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, 1992. Ver a respeito da história serial pags. 181-194 do

paradoxalmente, criaram o terreno onde a fragmentação desse todo iria acontecer. Entrava em cena o “movimento” da *História Nova*.

A História Nova

O ambiente em que a História Nova tomou corpo já havia experienciado a modernidade: “No século XX (...) o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em incomensuráveis fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua modernidade”¹¹.

O texto acima refere-se à terceira fase do período moderno, de acordo com o corte temporal dado por Marshall Berman, seu autor. Ela foi aqui considerada por descrever uma importante fase, que coincide com a denominada “*pós-moderna*” por François Lyotard. A diferenciação entre elas é apenas aparente, residindo antes na nomenclatura do período do que a sua descrição. *Pós-moderno*, de acordo com Lyotard, é o termo que “designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos das ciências, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”¹².

“Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu o contato com as raízes de sua própria modernidade”: Berman faz eco à análise

livro de Francis Dosse. *A história em migalhas. Dos “Annales” à “Nova História”*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

¹¹ Marshall Berman. *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986. Cit. Pg. 17.

¹² Jean-François Lyotard. *O Pós-Moderno*, 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

de Lyotard em relação à “*crise dos relatos*” localizada no final do século XIX, como inauguradora da pós-modernidade. Tais relatos foram construídos no período entre o Século das Luzes e o final do século XIX, caracterizando a ciência moderna. Esta, herdeira do Iluminismo, transforma-lhe o sentido essencial, perdendo a legitimidade que julgava construir, através de seus relatos, quando passa a fazer o discurso da ordem vigente, ou de sua desordem. As ciências sociais, ainda recém-nascidas nessa época, transformam seus “relatos” em ideologia¹³. É essa transformação que permite “ler” na terceira fase da modernidade proposta por Berman, o “*pós-moderno*” preconizado por Lyotard. Dois paradigmas dominantes durante os séculos XIX e XX: positivismo e materialismo histórico; dois modelos: capitalismo e socialismo, ambos colocados em xeque a partir de seu próprio interior: as comunidades humanas onde eles se estabeleceram. Hoje em dia a própria ciência questiona sua legitimidade, talvez em função da ordem que elas próprias ajudaram a consolidar. A consciência do esvanecimento da tônica do Iluminismo (igualdade e liberdade entre os homens) é que diferencia a tônica do moderno e do pós-moderno; o segundo tem consciência disso partindo em busca de novos paradigmas e novos campos de atuação, buscando maneiras de novamente se tornarem legítimas.

No âmbito dos estudos históricos a História Nova apresentava-se como um caminho, como se entende nas palavras de Jacques Le Goff: “*Com efeito, embora postule a necessidade de uma reflexão teórica, a História Nova não depende de nenhuma ortodoxia ideológica. Ao contrário, ela afirma a fecundidade das múltiplas contribuições, a pluralidade dos sistemas de explicação para além da unidade da problemática. Ela pretende ser uma história escrita por homens livres, ou em busca de liberdade, a serviço dos homens em sociedade*”¹⁴.

A história, assim concebida, ao mesmo tempo em que transforma a disciplina em uma ciência operatória, aumenta a carga de subjetividade em relação ao ofício do historiador, sempre comprometido com seu presente. Entretanto, tal comprometimento e

¹³ Ver o conceito de ideologia e sua relação com o conceito de ciência na Introdução da obra de Michel Lowy. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen – Marxismo e positivismo na Sociologia do Conhecimento*, 4 ed. São Paulo: Busca Vida, 1987.

¹⁴ Jacques Le Goff. *A História Nova*. Cit. P. 21.

a subjetividade que lhe é inerente, não furtam à disciplina o estatuto de ciência. A interdisciplinaridade, que havia sido inaugurada pela *École des Annales*, é, com a História Nova ampliada em seus limites, que passam a ser considerados “interfaces” com outras disciplinas, constituindo um verdadeiro convite à criatividade do pesquisador, por abrir a possibilidade de experimentar novas ferramentas e novas metodologias, reformulando teorias.

Conceitos fundamentais como espaço, tempo e documento foram revistos em função da aproximação da História com a *realidade*, compreendida pelo material e pelo mental. Tanto pelo estudo de temas ligados ao cotidiano, como pelo novo entendimento baseado na dialeticidade dos tempos. Nessa perspectiva o próprio homem, vivo, atual, entendido enquanto produtor e mantenedor da matéria que subsidia a produção do conhecimento histórico, pode ser eleito enquanto fonte; não apenas a produção humana, mas o seu próprio produtor.

Em tempos de interdisciplinaridade a etnografia, a psicologia, a demografia, a estatística, a crítica literária, a cinematografia, enfim, uma vasta gama de associações vem engrossar as relações entre o saber histórico com outras disciplinas, inauguradas pela *École des Annales*, que já havia entabulado diálogo com a sociologia, a economia e a geografia. Assim, multiplicam-se com vistas ao infinito o número de obras sobre variados objetos e orientações, inaugurando a *história plural*.

A dialética dos tempos é incrementada com a revitalização da noção de *acontecimento* em função da forte presença dos meios de comunicação de massa na sociedade moderna, ligando a matéria do historiador ao imediato que a produziu. O acontecimento passa a ser entendido enquanto um momento que cristaliza situações mais amplas, ele não acaba em si mesmo, pode revelar além de estruturas sociais, o imaginário da sociedade que o produziu. Ao tempo longo, entrelaçam-se, assim os tempos breves, dos acontecimentos, que terminam por ultrapassar a fugacidade de seu momento.

Desempenhou também um importante papel nos redirecionamentos da *École des Annales* a valorização da comunicação oral na historiografia não escrita, aquela dos usos e costumes, das tradições orais. Na década de 70, a tônica dos estudos históricos centrou-se nas sensibilidades e na cultura material. A história que se chamou “*do cotidiano*” possibilitou ao historiador eleger os mais diversos tipos de fontes, apropriando-se do olhar do etnógrafo no intuito de escrever uma história que lançasse também vistas à vida das pessoas comuns em seu dia-a-dia, em detrimento da história dos grandes movimentos econômicos, transformando a antropologia numa interlocutora privilegiada ¹⁵.

A multiplicação dos objetos do historiador e a disposição de integração (ou aproximação) com as outras ciências sociais pode levar a história, na crítica de François Dosse, a perder sua especificidade: a capacidade de síntese ¹⁶. De acordo com este autor, ao se apropriar do olhar etnológico, antropológico, a história se fragmenta, se decompõe: “*Não falamos mais em História, mas em histórias*”. O real emerge nas obras enquanto fragmentos, histórias de localidades. Sem dúvida, a crítica de Dosse não é inválida. Ela procede se os historiadores se ativerem apenas ao aspecto fragmentado da história que produzem. Entretanto, a tentativa de contextualização mais ampla desses saberes locais, espacialmente e temporalmente condicionados, bem como a comparação entre os mesmos invalidaria a crítica, uma vez que a síntese seria favorecida e mais bem fundamentada em função da multiplicidade dos aspectos e das realidades que poderia abarcar. Sem dúvida, a multiplicação dos elementos torna a síntese mais difícil, mas não se pode negar que a enriquecem sobremaneira.

A fragmentação do saber, inaugurado pela ciência moderna atinge, com a História Nova, seu ápice, mas num contexto diferente. Ao mesmo tempo em que os saberes se fragmentam, o sentido que passa a dominá-los é marcado por uma visão integradora, mesmo reconhecendo-se que a síntese total é algo impossível: sempre

¹⁵ Jacques Le Goff, *A História Nova*. São Paulo. Martins Fontes, 1990. Nessas obras pode-se observar a variedade de temas e de abordagens nos trabalhos históricos.

¹⁶ François Dosse. *A História em Migalhas - Dos Annales à Nova História*. São Paulo, Ensaio; Campinas, Ed. da Unicamp, 1992.

haverá pontos que escaparão à abordagem histórica. A renovação do paradigma da história é, nesse sentido, por um lado a multiplicação dos campos da disciplina, por outro, a reafirmação do intento primeiro dos *Annales*, em se atingir a totalidade: “As histórias plurais situam-se dentro de um domínio histórico cujo horizonte continua sendo o da globalidade. Esta não é mais buscada na síntese, mas em objetos globalizantes, por um lado, e por outro, capazes de propiciar a realização de uma verdadeira interdisciplinaridade à margem”¹⁷. Estaria a História se aproximando do modelo funcionalista, inaugurado na antropologia por Malinowski¹⁸? Parece que sim, se levarmos em consideração os “objetos globalizantes”, como “pontes” para se acessar o todo.

É principalmente por essa perspectiva que o trabalho *São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes – Um estudo sobre etnografia e historicidade em registros audiovisuais* se inscreve no movimento da História Nova. Ao adotar a extração do quartzito como fio condutor para o estudo da história local, elejo esse aspecto da cultura material como “objeto globalizante”, porque ele é capaz de fazer o trânsito entre os tempos breves, que são a medida dos indivíduos em seu cotidiano, e a longa duração, composta pelos séculos que separam a atualidade do início da atividade¹⁹.

Ao modo da História Nova, é justamente essa duração que sofrerá todo o trabalho de decomposição, permitindo, nesse processo, a localização das transformações em relação ao comportamento técnico, que serão analisadas em função dos movimentos lentos e profundos da história, isso permitirá, por sua vez, que a história local seja inscrita em uma perspectiva mais ampla, apontando para a história regional.

¹⁷ Jacques Le Goff. Uma ciência em marcha, uma ciência na infância. In: *A Nova História*. P. 19.

¹⁸ O modelo funcionalista de investigação antropológica, praticado por Malinowski, partia de um ponto particular, na tentativa de explicar a totalidade do povo que estudava através do convívio por longos períodos. A função de tal ponto, ou costume, somente seria atingida quando este ponto estivesse inserido no sistema mais complexo representado pelo todo do grupo social em que acontecia.

¹⁹ Fernand Braudel. *História e Ciências Sociais*, 2 ed.; Portugal: Editorial Presença/Brasil: Livraria Martins Fontes, 1976. O autor é responsável por estudos que promoveram uma verdadeira “mutação do espírito histórico”, de acordo com as palavras de Le Goff (*História do Quotidiano*, p. 77).

A produção historiográfica sobre Minas Gerais, até os dias de hoje, privilegiou a região mineradora constituída por Ouro Preto, Diamantina e suas adjacências. O sul de Minas, em comparação, é pouco estudado. O estudo sobre uma realidade particular, no caso São Thomé das Letras, viria a contribuir, nesse cenário, para um melhor entendimento da história da região como um todo, compondo um quadro maior e mais complexo.

As dimensões local e regional, não deixaram de ter, no processo de análise e síntese dos dados *“como o horizonte e ambição uma história que englobe o conjunto da evolução de uma sociedade segundo modelos globalizantes”*²⁰. O “modelo globalizante” adotado como contraponto para a história local é oferecido pelas discussões que têm acontecido em âmbito mundial principalmente a partir da década de 70, acerca dos efeitos do desenvolvimento tecnológico sobre o meio ambiente, quando o *boom* do progresso passou, deixando em sua esteira uma crise relativamente profunda de nível mundial, que mergulhou as sociedades na recessão, no desemprego e na inflação, para não falar dos graves problemas ambientais gerados, que chegam a ameaçar as possibilidades de continuação de nossa espécie no planeta Terra.

A Prof. Raquel Negrão Cavalcanti, sintetiza “grandes momentos” desse “modelo globalizante” em relação à apropriação do meio físico pelo homem. Ela considera que *“desde a Revolução Industrial, no século XVIII, fase da constituição plena do capitalismo, até a década de setenta, predomina a preocupação com a disponibilidade de recursos materiais para a sustentação do crescimento econômico”*. Tal preocupação traduziu-se historicamente, através da dominação imperialista, que, ampliando as fronteiras geográficas da economia européia, resolvia a questão de fornecimento de recursos naturais. *“No final do século XIX, apesar dos recursos naturais não significarem limites ao crescimento econômico, eles continuam ocupando posição de destaque, pois nessa época a questão passou a ser política e militar, pois os países e grupos imperialistas disputavam a posse das fontes conhecidas e possíveis de matéria-prima.*

²⁰ Le Goff. Uma ciência em marcha, uma ciência na infância. In: *A Nova História*, p. 13.

“No século atual as discussões sobre recursos naturais são retomadas, pela primeira vez, devido a problemas de abastecimento durante as guerras, devido a dificuldades de comércio internacional. Na década de cinquenta a preocupação com o abastecimento é retomada, quando a demanda por matéria-prima foi muito grande, respondendo aos impulsos da reconstrução dos países que se envolveram com a Guerra. (...) A década de setenta marca o início de um novo período com relação aos limites ao processo de crescimento econômico, caracterizado principalmente pelo crescimento das contradições entre crescimento econômico e manutenção dos ecossistemas. (...) Os limites percebidos nesse momento, são impostos pela capacidade de suporte da terra, quanto à manutenção dos ecossistemas, associadas portanto, aos recursos ambientais e sua degradação, que resultaram do modelo econômico vigente, principal responsável pela formação de uma cultura de consumo de massa. Pela primeira vez os desafios a serem vencidos impõem a transformação de um modo de pensamento, de valores, enfim, de uma cultura, sobre a qual a ciência e a tecnologia tem uma eficiência muito mais limitada”²¹.

Estudando as transformações em relação ao comportamento técnico dos mineradores de São Thomé das Letras, não podemos deixar de considerar a forma que assume a relação dos homens, ali no alto da serra, com o meio ambiente, que subsidia a atividade, inscrevendo-a numa realidade mais ampla, que extrapola os limites locais. A apropriação do meio físico (paisagem natural) compreende a intervenção do homem sobre o mesmo, por isso, segue necessariamente padrões e valores culturais. É dessa relação do homem com o meio físico que emergem os aspectos material e mental do processo de apropriação. Dessa maneira, ao considerar as modificações impressas na paisagem natural pelas transformações tecnológicas da mineração dos quartzitos em São Thomé das Letras, a mentalidade que orienta a relação homem/natureza será inserida em um horizonte mais amplo, construído principalmente no âmbito da economia através

²¹ Raquel Negrão Cavalcanti. *Mineração e Desenvolvimento Sustentável. Caso da CVRD*. Tese de Doutorado. EDUSP, 1996, cit. pgs. 33/35.

de estudos sobre o desenvolvimento material do Ocidente. Tais estudos apontam para uma leitura que coloca em xeque o sistema capitalista, que, desde sua gênese teve por princípios norteadores a exploração de recursos materiais e humanos (principalmente não europeus) visando o benefício de apenas uma pequena parcela da população mundial. Além disso, baseou-se sobremaneira na exploração de recursos naturais não renováveis, promovendo uma irreversível modificação nos ecossistemas, que impactou de forma negativa. Essa situação é resultante da plena realização da idéia baconiana ²², segundo a qual o homem deveria *dominar* a natureza, hoje em dia amplamente questionada em face do reconhecimento da insustentabilidade da relação homem/natureza que ela construiu ²³.

A História, assim entendida, assume uma nova utilidade para a sociedade. Visão subjetivada e ideologizada do ofício do historiador? Talvez, mas se se admite, que *a história é filha de seu tempo*, então este fazer se legitima e toma forma em uma sociedade que se caracteriza principalmente pela multiplicação das situações de desequilíbrio social e ecológico, acentuadas ao longo do nosso século. Os motivos dessa crise, em seus vários aspectos, já são conhecidos pelas ciências, que tem se manifestado num sentido transformador, apontando para as necessidades de diminuição progressiva do motor do capitalismo, das diferenças econômicas entre as nações e da produção baseada em recursos não renováveis; em contrapartida, apontam para a necessidade de valorização dos saberes locais, tradicionais, hoje em franco processo de transformação, pela imposição de valores culturais em função de interesses econômicos. Em decorrência disso, as questões relacionadas aos hábitos, ao consumo e às mentalidades das sociedades devem ser temas privilegiados em relação também aos estudos histórico-

²² Francis Bacon, contemporâneo de Galileu Galilei, também influenciou fortemente o método empírico da ciência. Ele foi o primeiro a teorizar sobre o conhecimento indutivo, segundo o qual as leis gerais deveriam ser extraídas de experimentos, passíveis de serem testados por novas experiências. Bacon inaugurou uma fase na pesquisa científica que preconizava que a natureza deveria ser subjugada e colocada a serviço dos homens e a ciência e tecnologia deveriam ser desenvolvidas nesse sentido. A ciência dotava-se então, de uma visão profundamente anti-ecológica, contrária às diretrizes que lhe embasavam até então, que tinham por objetivo a sabedoria sobre a ordem natural e a vida em harmonia com ela. Apontado por Fritjof Capra. "A máquina de mundo newtoniana". In: *O Ponto de Mutação (A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente)*, São Paulo, ed. Cultrix, 1982, pags. 49/69.

antropológicos, e não somente econômicos, pois podem subsidiar ações transformadoras que valorizem o respeito entre as pessoas e entre as sociedades.

Dessa maneira, espera-se integrar as perspectivas local e global, pois elas condicionam-se dialeticamente. A síntese é fundamental na construção do saber histórico, entretanto, acredita-se que ela se fará com maior eficiência a partir do aumento dos estudos locais, porque estes podem agir no sentido de dar um suporte mais amplo à qualquer intuito de análise global.

A inter-relação presente, passado e futuro modifica o próprio significado do termo *História*. Em sua nova versão, não mais a história encarcerada no passado, mas uma outra, cuja concepção não se restringe aos domínios da *École des Annales*, ecoando nas palavras do materialista histórico Joseph Fontana: “*é a relação, a conjunção estabelecida por iniciativa do historiador, entre dois planos da humanidade: o passado, vivido pelos homens de outrora e o presente, no qual se desenvolvem o esforço pela recuperação daquele passado, para o benefício do homem atual e do homem vindouro*”²⁴.

A Pesquisa em São Thomé das Letras *Aspectos metodológicos*

Já revelados os *objeto* e *modelo* globalizantes, resta-nos, nesse momento, tecer alguns esclarecimentos quanto à metodologia de pesquisa utilizada em São Thomé das Letras. Ainda sob os auspícios da História Nova, buscamos na interdisciplinaridade a fundamentação metodológica para a realização da pesquisa.

²³ Allan Randall. Economic growth, resource scarcity, and environmental degradation. In: *Resource Economics. An Economic Approach to Natural Resource and Environmental Policy*. 2 ed. New York: John Wiley & Son, 1987. Sobre a insustentabilidade do sistema capitalista ver cap. 1.

²⁴ Joseph Fontana, *Análisis del pasado y proyecto social*. Barcelona: Grijalbo, 1982.

Ao centrar o interesse nas técnicas de extração do quartzito como fio condutor, num primeiro momento, as fontes de conhecimento privilegiadas estavam inseridas no grupo dos mineradores, composto por atores menos exibidos, mas nem por isso menos expressivos em relação às realidades concretas – material e mental – onde tramam os fios de sua existência cotidiana.

A inexistência de fontes escritas sobre o assunto, aliada ao desejo de experimentar novas metodologias na construção do conhecimento histórico, apontava para a *memória* desse grupo como matéria fundamental em relação ao estudo das transformações tecnológicas que configuraram o método de lavra do quartzito, como ele acontece nos dias de hoje. As evidências, ou documentos privilegiados para o resgate dessa memória, durante a pesquisa, foram orais e visuais, muito expressivas em São Thomé das Letras.

A realidade atual da pesquisa em História, ao reconhecer que partimos sempre das inquietações do presente, nos acena como um espaço privilegiado, determinando uma verdadeira encruzilhada de fontes. Tudo aquilo que podemos ler nos textos escritos, que podemos ouvir contar ou que visualizamos na forma de atitudes ou de objetos concretos constituem, objetivamente, as fontes passíveis de sistematização para construir um conhecimento científico sobre as sociedades.

Durante o processo de pesquisa, procurei conhecer a história que tinha como depositária a memória das pessoas comuns, anônimas em relação à história oficial, sistematizada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais em um *dossiê* ²⁵.

Dessa maneira, a construção do conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras partiu da investigação da memória de algumas pessoas, velhos e jovens, que tiveram períodos de suas vidas entrelaçadas ao local. Os velhos apresentaram interesse por deter maior conhecimento em relação ao passado: sua experiência é mais longa; os jovens por darem continuidade à experiência dos velhos, tanto em relação à mineração

²⁵ O dossiê originou o processo de tombamento de duas áreas no núcleo urbano de São Thomé das Letras. Pode ser consultado na Biblioteca do Instituto, é a pasta n. 77 do arquivo dos processos de tombamento. Contém reproduções de artigos de jornais e revistas, livros, correspondência da época entre a prefeitura e o instituto, fotos, análises estilísticas dos bens tombados, etc.

do quartzito quanto à tradição oral: são seus herdeiros, e reelaboram suas heranças sob o signo do presente, constituindo importantes elos na cadeia de transmissão de conhecimentos, valores e crenças entre as gerações que sucessivamente ocuparam o espaço de São Thomé das Letras, e as que vão ainda ocupar.

A aproximação com os mineradores, em seus ambientes cotidianos foi premissa fundamental, posto que *“no seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória. Cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido cotidiano da história, um objecto científico”*²⁶. A operação que permite essa transformação é o caminho metodológico que se trilha transitando do universo científico ao universo cotidiano e vice-versa. Duas perspectivas de criação de fontes se apresentam como eficientes: a arqueologia, por resgatar a cultura material e o recurso à tradição oral: *“mesmo nas sociedades alfabetizadas em profundidade, a leitura e a escrita são atividades descontínuas, enquanto a palavra e o gesto estão quase sempre presentes”*²⁷.

O caminho metodológico que orientou o resgate da tradição oral local e da técnica material, na forma de fragmentos cotidianos ora atuais, ora rememorados, teve como horizontes os fundamentos da *história oral* e da *antropologia filmica*. A primeira foi reincorporada à prática dos historiadores na década de 1960, a segunda teve seus fundamentos lançados como disciplina autônoma, por Claudine de France ²⁸. Ambas constituem vertentes pós-modernas de suas “disciplinas-mãe”, estando vinculadas aos avanços tecnológicos dos instrumentos de registro de sons e imagens, e a toda sorte de reflexões teórico-metodológicas que suas utilizações nos universos de pesquisa tem suscitado desde seus inícios.

²⁶ Jacques Le Goff. A História do Cotidiano. In.: Duby, Georges et alii. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986, p. 73-82. Cit. p. 80.

²⁷ Idem, p. 76.

²⁸ Os fundamentos da disciplina encontram-se em duas obras de Claudine de France, a saber: 1) como autora: *Cinéma et Anthropologie*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982. 2) como organizadora: *Du film ethnographique à l'anthropologie filmique*, Paris: Ed. des Archives Contemporaines, 1994.

A unidade básica da *história oral* é a entrevista, registro sonoro de diálogos que acontecem durante os encontros entre o pesquisador e as pessoas envolvidas no processo de pesquisa, sob a “chancela” de um gravador de som, que é a “ferramenta” tradicionalmente privilegiada. Entretanto, a proposta metodológica, ao incorporar a *antropologia filmica* também, distancia-se da história oral tradicional, extrapolando os limites do registro sonoro impostos pela “ferramenta” tradicional, posto que a disciplina tem por objeto eleito um duplo: *o homem e a imagem do homem*. Dessa maneira, além da tradição oral, registra também seu suporte por excelência: o homem, no momento em que a rememora, a retraduz em voz e gestos. A “ferramenta” tradicional foi substituída pela câmera de vídeo no sentido de enriquecer o registro do depoimento oral, inserindo-o em seu contexto, através das imagens, no momento mesmo de sua produção, e de toda a carga de informações que o registro em fitas de vídeo é capaz de apreender e transmitir.

A incorporação do registro de imagens animadas colocando os fundamentos da *antropologia filmica* no horizonte da pesquisa em São Thomé das Letras permitiu também o estudo da técnica de extração dos quartzitos. Por se tratar de uma técnica material que eu desconhecia quase que por completo, exigia um referencial que pudesse balizar o diálogo entre minha pessoa, leiga naquele assunto e os mineradores, informantes autorizados por sua prática. O referencial comum foi encontrado nas imagens. O conhecimento em relação ao comportamento técnico foi fruto de muitos encontros que tive com os informantes da pesquisa, em seus cotidianos de trabalho. Tais encontros foram sempre pontuados por registros audiovisuais, elaborados de forma conjunta e simultânea, tendo nos mineradores, em diversas ocasiões, os orientadores das tomadas quanto aos ângulos, enquadramentos, encadeamento das fases do trabalho, etc.

Quando se inicia um processo de criação ou de experimentação de uma metodologia, não se sabe ao certo os resultados que se vai obter. Por vezes, é impossível levar adiante um projeto pré-estabelecido, noutras, tem-se a alegria de comprovar a eficácia do método proposto em relação ao objetivo da pesquisa: nos dois casos, deve-se respeitar profundamente o percurso, pois ao lidar com realidades diferentes, as metodologias de pesquisa que envolvem pessoas vivas no papel de fontes de

conhecimento, devem sempre levar em conta que é preciso que se façam certos “ajustes”, dependendo sempre da empatia entre pesquisador e “pessoas-fonte-de-conhecimento”. O caminho metodológico que permitiu a transformação do cotidiano vivido em São Thomé das Letras em objeto científico, em seus passos e contrapassos, com a utilização do vídeo como instrumento de pesquisa proporcionou múltiplas vantagens, desde o simples registro de encontros, ou entrevistas, até a geração de acervo audiovisual, agindo em duplo sentido: de “legitimar” as fontes, desburocratizando a utilização da história oral, até o de socializar a informação, pois outros pesquisadores podem ter acesso a elas, desde que sejam acondicionadas em um arquivo público, que contemple os meios técnicos para a consulta em fitas magnéticas.

Assim, no intuito de explicar, mais à frente, como as metodologias utilizadas se complementaram, ora limitando-se, ora enriquecendo-se, e de apontar os passos e descompassos de sua adequação à situação investigada, serão considerados alguns pontos preliminares, como referência sobre a inserção da oralidade e das imagens nos domínios da pesquisa em História, em suas especificidades.

A História Oral

A utilização da oralidade como fonte de informação na construção do conhecimento histórico é prática ancestral da História, servindo, desde a Antiguidade, para a reconstituição de epopéias, acontecimentos e conjunturas, tendo desaparecido da cena do historiador durante o século XIX, época em que, sob a forte influência do Positivismo, a História transformava-se em uma disciplina e elaborava teorias e métodos que lhe afeririam estatuto científico.

Um grande “dogma” professado por essa tendência, como se viu, dominou a produção da História até as primeiras décadas do século XX - embora nem toda

produção a ele se restringisse ²⁹. Este consistia na crença de que a neutralidade e a objetividade científica, garantiriam a “verdade” histórica, sempre imparcial. Nesses termos, a oralidade, por sua própria natureza, foi totalmente excluída das fontes que o historiador podia utilizar em seu trabalho: uma fonte que tinha como matéria a memória daquele que narrava oralmente um acontecimento jamais se encaixaria nas exigências de objetividade que os historiadores acreditavam encontrar em documentos escritos, produzidos pelas instituições oficiais. À transformação destes em documentos verídicos destinavam-se as primeiras etapas do método histórico, que orientaria a produção científica no interior do paradigma que se tornou dominante daí em diante. O documento é a prova, e, para o historiador profissional, que professava o credo positivista, a prova seria encontrada nos documentos escritos, produzidos principalmente pelo Estado, Igreja e pelas grandes famílias. A ciência histórica os legitimava e eles legitimavam a ciência histórica.

Com a ruína do paradigma tradicional, a recuperação de outros paradigmas tornou-se uma possibilidade, e uma realidade, na esteira da renovação iniciada pela *École des Annales*, principalmente por sua penetração em vários contextos de ensino/pesquisa em História, permitindo, ou melhor, incentivando novas práticas. Nesse novo contexto, a comunidade científica se dedica a traçar outros caminhos metodológicos, lançando novos olhares – interpretações – a velhas fontes, ou então, inaugurando com originalidade, a prática da história oral, que, com a introdução do gravador de áudio, acenava-lhe com a possibilidade de *criar* as fontes de pesquisa, no lugar de se contentar em estudar aquelas produzidas em outras esferas, pelas sociedades e/ou instituições. Um dos primeiros desafios era o de transformar as fontes – a memória das pessoas, expressa nas narrativas orais – em “documentos”.

A reabilitação das narrativas orais como fontes de conhecimento para a História, da forma como aconteceu na França durante a década de 60 não deixaram de vincular-se às questões que giram em torno do poder do Estado, da sociedade e da comunidade científica, mas num contexto totalmente diferente. O “povo” excluído da produção

²⁹ Lyotard, *O Pós Moderno*, p. 54: a respeito da utilização das culturas narrativas populares como fontes de conhecimento científico no humanismo renascentista, no iluminismo, na filosofia idealista alemã, na

tradicional, volta à cena para legitimar o poder das novas autoridades. Como bem aponta Lyotard, a retomada da narração, na forma dos “relatos”, aconteceu “concomitante à emancipação dos burgueses em relação às autoridades tradicionais”³⁰. Tal legitimação repousa no “povo”, produtor das “fontes populares”: entre elas, as narrativas. Entretanto, o “povo” que teve suas vozes registradas a partir dessa época, não era mais o mesmo “povo” que narrava e gestualizava os saberes tradicionais das sociedades dos camponeses, ou “sociedades-memória”.

Essa reabilitação se deu em um ambiente já fragmentado pela experiência da modernidade, onde a sensibilidade dos historiadores não poderia deixar escapar as irremediáveis transformações que sua própria sociedade havia sofrido durante o período de consolidação da era industrial. Pierre Nora associa, com precisão, no interior das sociedades industrializadas, laicizadas e historicizadas, a criação dos “lugares de memória” (museus, centros de documentação, etc.) à morte dos “meios de memória”³¹.

Nas sociedades tradicionais, os “meios de memória” - seu veículo - eram as pessoas, que garantiam, através de suas narrativas, seus rituais e seu próprio cotidiano, tudo aquilo que era preciso “reter” para a continuidade de seus grupos, transmitiam seus “valores”, entre eles, as “ideologias-memória, como todas aquelas que asseguram a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se devia reter do passado para preparar o futuro”³².

No processo de modernização, a sociedade industrial, do advento ao apogeu, engendrou um ritmo de vida que tem como forte característica a ruptura do equilíbrio das sociedades tradicionais, ou sociedades-memória; a oscilação cada vez mais rápida do presente determinou a ruptura com o “passado-memória”.

escola histórica da França.

³⁰ Lyotard, p. 55

³¹ Pierre Nora. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In.: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, São Paulo, SP. Brasil, 1993.

“Sociedade tradicional” refere-se, no presente texto, aquelas anteriores à sociedade moderna, industrial, independente de ser a sociedade dos camponeses do contexto ser europeu, ou as sociedades indígenas de outros contextos.

³² Idem, pg 9.

Nos domínios da incerteza moderna, os narradores tradicionais, autoridades do conhecimento (porque seu veículo) foi substituído pelo narrador televisivo, na medida em que a mediatização dos “meios de comunicação” gerados pela tecnologia, estendia-se aos quatro cantos do mundo. “*É o mundo todo que entrou na dança, pelo fenômeno bem conhecido da mundialização, da democratização, da massificação, da mediatização*”³³.

Dessa maneira, considera Pierre Nora, o sentimento de continuidade tornou-se residual em alguns lugares: os *lugares de memória* existem porque não existem mais os *meios de memória*. A fragmentação das experiências foi fruto da violentação causada às sociedades tradicionais, a princípio pelo colonialismo, depois pelo imperialismo e hoje pela onda de globalização: as sociedades tradicionais foram tendo paulatinamente a sua percepção histórica alterada, rompendo a idéia do vínculo fundamental entre os tempos – passado, presente, futuro. Assim, a memória, cultivada pela *repetição oral e gestual*, no interior daquelas sociedades foi substituída, na sociedade moderna, pela hipervalorização de conquistas fugazes, de curto prazo, posto que a cadência temporal foi irremediavelmente alterada em seu ritmo e em seu significado: a rememoração cotidiana não seguia mais o ritual religioso ou mágico da repetição, a memória, já havia sido profanada pela razão, pela automação, pelo distanciamento, já havia virado história. A idéia de continuidade implícita do “tempo longo na duração” que regia as sociedades-memória cedeu, com a poderosa ajuda da mídia, ao tempo breve, rasteiro, das sociedades-história; o futuro não é mais o horizonte, a atualidade sim.

Entretanto, em meio ao mundo globalizado, o narrador resiste, ressurgiu com outras faces, aqui e ali, trazendo consigo os ecos de um passado longínquo, a compor o “saber popular”. Através deles, as culturas resistem à massificação, e refazem as identidades de seus povos. O narrador agoniza, mas ainda está em cena.

Nas sociedades-memória, o narrador era autoridade em relação ao saber que transmitia aos outros, eles mesmos, futuros narradores, elos da cadeia de transmissão oral, no tempo em que a história era memória (e vice-versa). Nas sociedades-história, a autoridade do saber saiu das mãos do narrador para as do cientista. Entretanto, desde que

³³ Idem.

o gravador passou a fazer parte das ferramentas do pesquisador e que estes elegeram “*o povo como herói do conhecimento*”³⁴, a autoridade do narrador foi recuperada, e a do cientista mantida.

A historicização da memória teve por intuito primeiro compor acervos, processo no qual a memória passava a se transformar em história, materializada em um suporte permanente. Multiplicavam-se então, na França, como aponta Pierre Nora, as equipes de trabalho que se ocupavam com a construção de enquetes orais, promovendo o processo de institucionalização da memória de atores menos expressivos, até então anônimos em relação à produção de arquivos. Estes, compunham-se de entrevistas gravadas, transcritas e indexadas. Os momentos de entrevista, que originavam os registros, constituíam o tempo/espço onde se encontravam, de um lado, o pesquisador, de outro, o narrador; entre eles, um gravador. A construção do “documento”, nesses moldes, é conjunta, pois exige o engajamento dos dois pólos, cujo diálogo é mediatizado pelo instrumento de registro, o gravador. Nesse processo, ao reabilitar a “fonte-viva”, o “entrevistado”, inaugura-se, no âmbito da História-disciplina, uma nova postura – a do diálogo com a sociedade viva e o contato com múltiplas realidades – trazendo importantes elementos tanto para a reflexão quanto à atuação dos pesquisadores.

A construção da fonte de pesquisa através da história oral, nesse contexto, é assumida em sua dupla carga de subjetividade, pois depende em primeira instância do interesse do pesquisador pela oralidade do outro; em segunda, da disposição do outro em permitir o registro de sua memória, cuja revitalização está em dependência direta de sua relação com seu passado, sob a influência de seus sentimentos no presente.

As primeiras questões que pontuaram sua utilização giravam em torno dos pilares da história tradicional, posto que minavam suas bases teórico-metodológicas. O documento escrito produzido no passado deixava de ter exclusividade em relação ao arsenal do historiador, seu trabalho não mais teria que se debruçar unicamente sobre os escritos produzidos em outras épocas, poderia ele mesmo *criar* as suas fontes, na medida em que sua intervenção é fundamental à construção da unidade básica da história oral, que são as *entrevistas*. Elas nascem do encontro entre o interesse científico por

³⁴ Lyotard, p. 55.

determinado tema ou período da história com a vivência do entrevistado, guardada em sua memória. Tal encontro coloca para o historiador uma dimensão até então impossível, a de se trabalhar com fontes vivas - o homem contemporâneo, ou com as representações que ele faz de si e do mundo, quando se expressa. Essa renovação metodológica aponta para uma prática em muito permeada pelo subjetivismo e é possível porque considera-se importante não mais o passado tal como ele aconteceu, mas antes a versão sobre esse passado apresentada pelo entrevistado. A “verdade histórica” tão cara à História Tradicional é substituída pelo relativismo característico das análises pós-modernas, que cuidaram de desmistificar a ciência como algo imparcial. As fontes orais apresentam problemas de análise como qualquer outro tipo de fonte. Seu caráter de dinamismo e fluidez, de possíveis lapsos e esquecimentos não agem no sentido de retirar delas a fidedignidade enquanto fontes. Ao contrário, também os silêncios e os esquecimentos passam a ser considerados dados relevantes, e a versão, mesmo sendo uma versão parcial, ou até mesmo não real, deve ser considerada como a verdade do depoente, naquele momento da entrevista. O pesquisador neutro transforma-se num personagem sempre pronto a assumir sua estreita relação com o sujeito de sua pesquisa, revelando *a priori*, seus objetivos e os procedimentos que lhe possibilitaram alcançá-los. Essa é a nova condição da objetividade científica³⁵.

“*O povo como herói*”, a relação subjetiva com o povo, o contato, o relacionamento, o envolvimento... pronto: A legitimação da história, no ambiente da ciência pós-moderna anuncia uma importante renovação: “*o povo está em debate consigo mesmo sobre o que é justo e o que é injusto, da mesma maneira que a comunidade dos cientistas sobre o que é verdadeiro e falso*”³⁶. No diálogo entre eles, quem é o mais autorizado, de qual polo fala “a verdade”, ou quem pode estabelecer o que é justo, ou não? Como conjugar a espontaneidade dos encontros, ou dos relacionamentos, com o rigor científico, e a necessidade de criar a “prova”, o “documento”? Ante o reconhecimento da relatividade dos saberes, a ciência novamente

³⁵ Sobre os debates relativos à utilização da História Oral ver artigo de Gwyn Prins, A História Oral. In.: Peter Burke (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

³⁶ Lyotard, p. 55

encontra-se “deslegitimizada”, seus relatos novamente questionados; nesse contexto, a legitimação deve ser buscada no próprio diálogo com a sociedade, sua “fonte de conhecimento”, é na prática de linguagens e na interação comunicacional que residem as possibilidades da ciência se tornar legítima frente às novas regras do jogo.

Durante os quarenta anos que nos separam da revitalização da história oral, inúmeras questões despontaram, e com elas, novas tentativas de legitimação, em dupla medida: 1) perante as demandas da comunidade científica, quanto aos métodos e técnicas utilizados no relacionamento com suas “fontes”, e de sua transformação em “documento”; 2) perante suas próprias fontes, pessoas ou grupos sociais, que tem também, suas próprias demandas: “ *O modo de legitimação de que falamos, que reintroduz o relato como validade do saber, pode assim tomar duas direções, conforme represente o sujeito do relato cognitivo ou prático: como um herói do conhecimento ou como um herói da liberdade. E, em razão desta alternativa, não somente a legitimação não tem sempre o mesmo sentido, mas o próprio relato aparece já como insuficiente para dar sobre ela uma versão completa*”³⁷.

A questão da legitimação das fontes em relação ao trabalho científico, e deste em relação à sociedade representada pelo seu “povo”, extrapola os limites da história oral, amplificando-se em direção à *práxis* da História-disciplina. No ambiente pós-moderno, é idéia corrente entre os próprios historiadores que não há mais História, mas Histórias de grupos para grupos. Para quê e para quem se escreve a história?; esta ainda é uma questão atual³⁸. Nesses termos, em tempos pós-modernos, a legitimação das ciências, entre elas, a história, deve ser buscada na prática de linguagem e na interação comunicacional. Nesse sentido, no presente trabalho, a incorporação de elementos que autorizassem a experimentação de novas formas de comunicação com uma dada sociedade – os habitantes de São Thomé das Letras – encontrou, nas teorias subjacentes à utilização das imagens animadas nos estudos antropológicos, importantes subsídios.

³⁷ Lyotard, p. 56.

³⁸ Sobre a pós-modernidade em história ver Ciro Flamarion Cardoso, História e Paradigmas Rivaís (p. 15). In.: Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

A História Oral no Contexto Brasileiro

No Brasil, a criação de Programas de Documentação em História Oral data de meados da década de 70, quando tem início a geração de acervos e as propostas teórico metodológicas que iriam transformar a memória, na forma do “dado oral”, em documentos. Tais programas, contavam com as contribuições dos estudos que já haviam se iniciado na Europa e Estados Unidos.

Em 1974 foi implantado um Programa de História Oral na Universidade de Santa Catarina, pelo Departamento de História. O Projeto Geral tinha por objetivo inicial a coleta do maior número possível de memórias gravadas que contribuíssem para o estudo da colonização em Santa Catarina. Pretendia-se a partir daí, fazer uma revisão da história política da época republicana, no nível estadual e municipal, como Projeto Especial. Consideravam a história oral uma *técnica* que “*tem valor para a pesquisa histórica quando complementa a documentação escrita*”³⁹. Previam a adaptação das técnicas de abordagem ao entrevistados, e também a elaboração de um sistema de preservação do sigilo de algumas informações: o acervo teria uso restrito a seus criadores por um período de vinte anos, atitude que justificavam por ser o objetivo do programa a formação de um “banco” de dados, e não a imediatividade de uma pesquisa. As entrevistas seriam transcritas, e as páginas das transcrições seriam assinadas pelo entrevistado; cada transcrição seria acompanhada de um índice particular, contemplando informações básicas, identificação dos entrevistados, bem como nomes, lugares e assuntos abordados naquela entrevista. Um fichário geral indexaria os nomes, proporcionando sua rápida localização. Estava assim configurada a normatização, através da organização institucional, da memória local.

Ainda no ano de 1975 era criado também um Programa de História Oral ligado ao Cpdoc, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Tal programa adotou como marco temporal o ano de 1930, e seguiam a *convicção metodológica* segundo a qual

³⁹ *Programa de Documentação em História Oral da Universidade de Santa Catarina*. Departamento de História. texto mimeo. Era um resumo geral das propostas do Programa, iniciado naquela universidade a

“um conjunto significativo e diversificado de registros gravados nos permitiria romper a opacidade do fato, ou do acontecimento em estado bruto para através deles, da vivência dos atores e de suas representações, compreender melhor (na conotação weberiana de *verstehen*) o significado da ação social, coletiva, captando-lhe o sentido mais profundo”⁴⁰. A utilização da técnica da história oral enquanto criadora de fontes históricas teve início com o registro de pessoas envolvidas na busca e cessão de documentos sobre 1930, “época da consolidação de um grande pacto político social”, sendo que muitos dos “heróis” ou “atores” de 1930 estiveram presentes em 1964. Logo que iniciaram as entrevistas, os pesquisadores perceberam a riqueza da técnica, pois os “primeiros entrevistados revelavam histórias surpreendentes e desconhecidas pelo público e por especialistas”⁴¹, contribuindo para o entendimento de um período tumultuado da história recente do país, no âmbito político.

A experiência do Programa foi sintetizada em um expressivo manual, publicado em 1990, quinze anos depois de iniciados os trabalhos de construção do banco de dados sobre a História Política do Brasil⁴². Nesse manual, as premissas básicas do programa foram colocadas, no sentido de garantir *rigor e status científico* para as gravações. O Programa, indissociável da pesquisa documental e arquivística, combinou as técnicas da história oral (constituída por um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de um tema) com o método da história de vida, como a garantir o rigor e a riqueza que a técnica por si não possuía. Consideravam como contraponto para a defesa de sua exigência teórico-metodológica a história oral praticada pelas tradições norte-americana e européia. A primeira criticada porque utilizava gravações realizadas de maneira pouco sistemática, a segunda por identificarem

partir das aulas na área de metodologia, ministradas pelo Professor George Browne junto ao curso de pós graduação do Departamento de História, em 1974.

⁴⁰ Aspásia Camargo, “Apresentação - Introdução. História Oral, técnica e fonte histórica. In.: *Programa de História Oral - Catálogo de Depoimentos*. Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Direito Público e Ciência Política. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981, p.9-24, cit. P. 12.

⁴¹ Idem

⁴² Verena Alberti. *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. Cit. pg. 2.

as histórias de vida com subjetivismos e fluxos “intra-psíquicos”, panoramas em que as entrevistas constituíam suporte documental duvidoso.

O Programa do Cpdoc privilegia a história política, ou história das elites dirigentes, e, defende sua legitimidade enquanto criador das fontes por um método, que prevê a utilização em conjunto as técnicas da história temática coma história de vida, considerando que: *“nada mais consciente do que uma longa vida que se decifra, com a chancela de um gravador”*. Define sua prática em breves e objetivas palavras: *“... a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em acervo aberto a outros pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., a luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam”*⁴³.

As entrevistas realizadas pelo programa também passaram por um processo que lhes transforma em fontes de consulta, que prevê, como no caso do Programa da Universidade de Santa Catarina, a sua transcrição e os procedimentos relativos à cessão dos direitos por parte dos entrevistados, em seus aspectos legais, também agindo no sentido de normatizar e institucionalizar as fontes orais, nesse processo, transformadas em documentos escritos.

De 1975 até os dias de hoje, a história oral se firmou no contexto de pesquisa brasileiro, fomentada pela criação de vários centros de memória e de documentação, que promoviam, como seus precursores europeus e norte-americanos, a historicização da memória no Brasil. Esses passos foram lentos em seus inícios, como se percebe através de um artigo sobre o panorama da história oral no Brasil, escrito pela professora Lucília de Almeida Neves Delgado, em 1987: *“... a memória é coisa secundária, apenas o memorialismo oficial foi cultivado incipientemente. Não há contribuição para*

⁴³ Verena Alberti, *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. Cit. P. 2.

a construção da nacionalidade, da história viva e real do povo e da nação brasileira”⁴⁴, motivos que estimularam, na França, a criação dos “lugares de memória”.

Hoje, o que podemos dizer, ante a multiplicação das pesquisas, no contexto brasileiro, que adotaram a história oral, quer seja como metodologia, técnica, ou fonte de pesquisa, é que o Brasil não é um país desmemoriado, como fazia supor o artigo acima citado, é antes, um país des-historicizado, representando pelas múltiplas contribuições culturais que teve e pela sua extensão territorial, um terreno fértil para pesquisas que privilegiem a tradição oral. Ainda podemos encontrar locais que guardam modos de vida muito peculiares, que escapam, embora não totalmente, à onda da globalização. Saberes tradicionais ainda resistem, principalmente nas zonas rurais, mas já em franco processo de reelaboração, pela penetração de valores modernos em seus contextos culturais.

Essas realidades representam ricos filões para a geração de arquivos através da história oral, mas, o que pensar a respeito desses arquivos, ante as pertinentes considerações de Pierre Nora: *“Muito bem. Mas quando se pensa, por um instante, que aí se trata de arquivos de um gênero muito especial, cujo estabelecimento exige trinta e seis horas por uma de gravação e cuja utilização só pode ser pontual, pois que elas tiram seu sentido da audição integral, é impossível não se indagar sobre as possibilidades de sua exploração”*⁴⁵.

Estaria, por esse motivo, a história oral fadada ser eternamente uma modalidade de pesquisa institucional, sempre vinculada a Programas que envolvem grandes equipes de pesquisadores? O que dizer de nossos informantes, quanto à assinatura das folhas transcritas, quando estes são pessoas que não dominam a leitura e a escrita? Teríamos que submeter nossos entrevistados a que ter seus nomes escritos por outras pessoas, “a rogo”, ao modelo dos documentos que eram produzidos nos séculos passados?

Felizmente, as respostas a essas questões parecem apontar no sentido da negativa. Pelo menos é o que se pode responder, tendo em vista a variedade de trabalhos.

⁴⁴ Lucília de Almeida Neves Delgado. Reflexões sobre Memória e História – A técnica da história oral. In.: *Revista do Departamento de História*, UFMG, jun.1987, n.4; pgs. 142/145.

⁴⁵ Nora, cit. pg. 16.

apresentados na *Décima Conferência de História Oral*, realizada pela primeira vez fora dos domínios europeus, em 1998 no Rio de Janeiro. Expressão da globalização aqui estendida à comunidade científica que pratica ou simpatiza com a história oral, a conferência representou um importante espaço de intercâmbio, pela apresentação dos trabalhos realizados em várias partes do mundo. A grande variedade de temas, usos e estratégias criadas pelos pesquisadores no processo de adaptação de sua proposta metodológica à investigação “em campo”, demonstra que a história oral é ainda um terreno “a desbravar”. Em função de sua própria natureza, é impossível trabalhar com a história oral seguindo uma série de regras fixas, o resgate da *intuição* do pesquisador é premissa básica para levar à cabo essa proposta, pois se baseia na *relação de intimidade* que se estabelece entre o pesquisador e o depoente: dela depende a *qualidade* dos resultados ⁴⁶.

Questões relativas aos desafios da história oral quanto aos processos de comunicação, ao reconhecimento de múltiplas identidades culturais e à utilização de novas tecnologias foram os temas privilegiados nas palestras que abriram o evento, como a sintetizar o “panorama” dessa modalidade de pesquisa na atualidade.

O pesquisador Philippe Joutard, ao fazer o “balanço” da trajetória da história oral no século XX coloca os desafios desta para o século XXI. Considera que os dois primeiros desafios da história oral já foram conquistados, o primeiro por ela ter se afirmado como prática de pesquisa, o segundo pelo sucesso da institucionalização da memória, com a proliferação dos centros de memória ou de documentação em história oral. O terceiro desafio gira em torno da aparente desvantagem da história oral: sua ambiguidade e imprecisão. Esta desvantagem passa a ser entendida enquanto vantagem, pois favorece a experimentação metodológica, única capaz de estimular as reflexões sobre os processos de comunicação *inter* e *intra* grupos que envolve a sua prática, tônica ditada pelo momento.

⁴⁶ Ver anais: *Xth International Oral History Conference*, RJ, 14-18 de junho de 1998.

Além disso, apontou Joutard, o contato com os sujeitos vivos, por estes terem também as suas demandas, coloca para o historiador a questão da militância, pois a relação que se estabelece entre ele e os sujeitos de sua pesquisa passam, ou podem passar, a se basear em um tipo de *troca*. Todos os três desafios, os já vencidos, o atual e aqueles que ainda estão por vir, seguem a três “fidelidades”, presentes no âmbito da história oral desde seus inícios: 1) ouvir a voz dos esquecidos – ouvir a voz dos excluídos da história; 2) atualizar realidades indescritíveis pela escrita; 3) testemunhar aflições – aproximar-se do mundo onde a miséria é extrema. Nesse contexto, todas as diferentes contribuições são consideradas válidas, e o terceiro desafio é o que norteará a atuação dos profissionais para o próximo século ⁴⁷.

A questão da comunicação, das identidades culturais e da utilização de novas tecnologias foram os temas privilegiados na palestra proferida pelo pesquisador Alistair Thomson. Considera que as entrevistas, por acontecerem em padrões sócio-culturais diferentes, devem merecer atenção especial dos pesquisadores; estes precisam se adaptar às regras e normas próprias de cada grupo com o qual trabalha, porque elas determinam os repertórios específicos da comunicação das pessoas naquele grupo. A história oral tem ligação estreita com as questões de identidade, por isso, é necessário que os pesquisadores fiquem atentos ao fenômeno de *aparente* homogeneização das sociedades, alertando que as “*identidades fundamentalistas*” reagem frente à pessoas “de fora” numa ação espontânea de fechamento. Assim, a aprendizagem de suas normas somente poderá se basear no convívio.

A respeito da utilização de novas tecnologias na história oral, aponta em primeiro lugar o gravador, pois antes dele, a oralidade era apenas transcrita. Em seguida, considerou a informática, como eficiente ferramenta no sentido de indexar os arquivos orais. Por último, apontou o vídeo como possível suporte para os registros, considerando que, embora esse “meio” acarrete problemas quanto à interpretação da linguagem por incorporar gestos e mímicas, não “*devemos citar regras, é importante*

⁴⁷ Xth Oral History Conference pronunciamento de Phillip Joutard, 15 de junho de 1998, auditório da Fundação Getúlio Vargas.

que não nos fixemos na história oral que nasceu do gravador; não devemos trabalhar com medo do olho da câmera, posto que este não é uma degradação” ⁴⁸.

O terreno, como se pode perceber, está aberto à novas experiências metodológicas e a tônica que parece imperar é aquela que contempla a *comunicação* interpessoal e também intergrupal. Em nossa realidade “plural”, multifacetada, tal tônica aparece como o grande desafio, já que as possibilidades são também múltiplas e os caminhos ainda pouco explorados. O caminho que dá acesso às camadas mais profundas das memórias não é único, mas deve ser construído, ele é sempre um caminho a se trilhar, entre os vários possíveis. Cabe à intuição do pesquisador criar sua própria trilha, no sentido de encontrar as chaves capazes de “*destrancarem os cadeados*” ⁴⁹ dos donos do saber mais antigo, cada vez mais raros.

Nesse sentido, alguns pesquisadores têm testado formas de estimular o ato de rememorar dos informantes de suas pesquisas e as imagens, principalmente as fotográficas, tem se revelado importantes instrumentos para se alcançar este objetivo.

Bem antes de serem utilizadas em relação aos relatos orais, as imagens, desde muito tempo, são consideradas como importantes depositárias de informações, utilizadas em diversos trabalhos escritos para descrever cenários e situações. Elas narram visualmente aquilo que à escrita parece ser inenarrável. Somente o texto escrito não conta tudo, somente as fotos também não; não são veículos excludentes, são, ao contrário, complementares, podendo proporcionar sentido e significação mútuos ⁵⁰.

⁴⁸ Idem, pronunciamento de Alistair Thomson.

⁴⁹ Termo empregado pelo informante Tião Rosa, no início de sua participação na pesquisa em São Thomé das Letras. Ele disse que depois que me conhecia melhor, podia “*destrancar os cadeados*”, antes não.

⁵⁰ O potencial da utilização conjunta de imagens e escrita, para veiculação de conhecimento já era expressado na obra dos viajantes dos séculos passados. As expedições contavam com pesquisadores e também com desenhistas, encarregados de retratar as paisagens, plantas, animais e os povos das terras por onde passavam. Vários deles nos deixaram obras onde os desenhos serviram para descrever populações, costumes e paisagens dos locais que percorreram em suas jornadas. O caráter ilustrativo desses desenhos não deve ser considerado no sentido de desmerecer um ou outro suporte, e deve-se sempre observar que a natureza do discurso encerrado em uma foto é bem diferente daquele da obra escrita. De maneira mais elaborada, e já contando com a possibilidade do registro fotográfico, expressivo trabalho foi o realizado por Bronislaw Malinowski, que utilizou conjuntos de fotografias, arrumadas em pranchas com um título global, seguidas de seus comentários, como a contextualizá-las. Esse trabalho foi analisado pelo professor Etienne Samain no artigo Ver e Dizer na Tradição Etnográfica. Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: *Revista Horizontes Antropológicos – Antropologia Visual*, ano 1, n. 2, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

Entretanto, a penetração das imagens nos domínios do historiador, é anterior à perspectiva da criação deliberada de fontes históricas através da enquete oral orientada pelas fotografias históricas. As imagens em movimento, registradas pelo cinema, oferecem uma outra categoria de documentos produzidos pela sociedade. A partir daí, em função da natureza desse novo documento, impõe-se aos historiadores um novo aprendizado, no sentido de *ler* esses novos documentos. Em decorrência, abre-se o espaço a importantes considerações sobre as relações possíveis entre o cinema e a história.

Cinema e História

Na década de 60, já tendo sido apropriado pela antropologia⁵¹, o cinema firmou-se como um dos membros integrantes do conjunto de fontes utilizadas pelos historiadores: o filme também é testemunho, um documento que se torna histórico a partir do distanciamento temporal do momento de sua produção⁵².

Em um artigo publicado na revista *Annales*, em 1968, o historiador Marc Ferro teceu importantes considerações sobre a relação cinema/história, apontando a necessidade dos historiadores reaprenderem seu ofício, posto que a formação dos mesmos os inicia em técnicas de pesquisas válidas para os séculos passados e que, pelo menos em relação à época contemporânea, eles dispõem de documentos de um tipo novo, que traz consigo uma linguagem diferente daquela que até então prevalecia no “*diálogo com as fontes*”. Os documentos do cinema devem ser considerados porque trazem

⁵¹ Apesar dessa apropriação já contar com mais de meio século, até os dias de hoje é constante a polêmica em torno dos usos do cinema tanto em relação aos estudos antropológicos. Quanto aos estudos históricos, tal apropriação conta em torno de quarenta anos, e o cinema já se firmou como uma importante fonte de pesquisa, mas as polêmicas ainda subsistem.

⁵² No século passado aconteceu a primeira tentativa de fixar imagens em movimento junto a culturas exógenas à européia, com a utilização, em 1882, por Etienne Jules Marey, do *Collège de France*, de um fuzil fotográfico, que reproduzia 12 vezes por segundo o objeto que estava na sua mira. Desde então, a incorporação de instrumentos de registros cada vez mais sofisticados ao trabalho etnográfico, passou a ser uma constante na antropologia. Tornava-se possível registrar as situações sociais através de filmes, restituindo não somente a sua materialidade, mas também movimentos e expressões, mais tarde enriquecidos com sons de falas, músicas, etc.

inúmeras informações importantes por oferecer não somente uma ilustração de fatos já conhecidos, mas também por aferir uma nova dimensão ao conhecimento do passado.

Uma mesma imagem pode apresentar vários níveis de leitura: da própria representação da sociedade viva no momento do registro; do universo mental do *cameramen*, desde a escolha do tema que privilegiou e as formas que encontrou para abordá-lo; se este o escandaliza, ou apaixona. Os filmes expressam seus valores, os que assume e também os que ignora. Um outro nível de leitura consiste na comparação entre os gêneros cinematográficos – atualidade, documentários, desenhos animados, filmes de ficção, etc. Esses documentos revelam diversas formas de escritura, linguagem e sistemas de comunicação, que podem ser considerados como um outro reflexo da realidade social e mental.

Naquela época, em que a história dava os primeiros passos no sentido de estudar os documentos cinematográficos, Ferro considerava que a necessidade do historiador em verificar a exatidão de sua análise somente poderia se realizar sob uma perspectiva interdisciplinar, e por isso, os historiadores deveriam se associar aos linguistas, aos sociólogos e aos antropólogos. Ele considera ainda um importante ponto: *da mesma maneira que a língua se situa nos limites da natureza e da cultura, a mensagem cinematográfica se coloca nos limites do conhecimento científico e da criação artística: a experiência e o gosto dos profissionais (praticiens) constituem um auxílio precioso para a análise e devem constituir igualmente um objeto de estudo*⁵³. Por estas palavras entendemos que não apenas a obra, mas também seu realizador, podem ser objetos de investigação, complementando-se, pois um informa sobre o outro e vive-versa. A comparação de filmes do mesmo gênero, segundo sua origem e sua audiência são reveladores em potencial da mentalidade coletiva da sociedade que produziu e/ou consumiu tais produtos. Entretanto, se por um lado somente o cinema não é História, por outro, torna-se impossível conhecer o nosso tempo sem que o tomemos como fonte: o ideal é que se realize análises através da associação de documentos cinematográficos com documentos não cinematográficos.

⁵³ Marc Ferro. Société du XX siècle et histoire cinématographique. In: *Annales – Économies. Sociétés. Civilisations* 23/1968, Paris: Kraus Reprint 1978, pp. 581/585. cit. pg. 582 – tradução livre.

Como porta voz de um momento, Ferro faz eco às palavras que revitalizaram as narrativas orais como documentos, com a criação dos centros de documentação em história oral, finalizando seu artigo com um imperativo, que diz da “*necessidade urgente, em nossa época, em criar arquivos de nossos tempos. Redigir inventários, conservar documentos, constituir arquivos, esses são os objetivos que devem ser contemplados na pesquisa e no ensino*”⁵⁴.

Por esse imperativo, mais uma perspectiva é inserida entre cinema e história, apontando à uma nova postura do historiador: o engajamento. “*O historiador tem por função primeira restituir à sociedade a História da qual os aparelhos institucionais a despossuíram. Interrogar a sociedade, pôr-se à sua escuta, esse é, em minha opinião, o primeiro dever do historiador. Em lugar de se contentar com a utilização de arquivos, ele deveria antes de tudo criá-los e contribuir para a sua constituição: filmar, interrogar aqueles que jamais têm direito à fala, que não podem dar o seu testemunho. O historiador tem por dever despossuir os aparelhos do monopólio que eles atribuíram a si próprios e que fazem com que sejam a fonte única para a História*”⁵⁵.

Como se pode perceber pelas palavras de Marc Ferro, as tarefas são múltiplas. O filme sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo, usando a linguagem e a imagem para representar os pensamentos, as palavras, as experiências, enfim, a própria vida dos homens. O historiador, ao tornar-se ele próprio o cineasta, ou *cameramen*, ganha o “campo”, e seu ofício assume um caráter experimental, já que, em relação às suas ferramentas de trabalho, a câmera é um objeto novo.

As relações entre cinema e história entretanto, não se esgotam aí. Outras dimensões, de igual importância, aparecem em cena. Existem pelo menos três formas de associação entre cinema e história, que tem sido privilegiados: o cinema na história, a história no cinema e a história do cinema.

A primeira forma corresponde às proposições de Marc Ferro, já esboçados. Quanto a segunda, ou a história como matéria na elaboração de filmes, uma importante consideração foi colocada por Robert Rosenstone ao analisar o filme enquanto veículo

⁵⁴ Idem, p. 583.

⁵⁵ Marc Ferro. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 76.

do discurso histórico já sistematizado por outros meios: “inevitavelmente algo acontece no caminho da página para as telas – as trocas de sentido do passado, quando nos filmes – foi percebida por todos que trabalham com palavras”⁵⁶. Ele escreve sobre o momento em que os historiadores saem dos trabalhos solitários nas bibliotecas para experimentarem a *mídia visual*, como um momento de conscientização quanto ao alto potencial de audiência dos frutos de suas pesquisas. Ao constatarem que os limites disciplinares haviam fugido de suas mãos, tendo sido apropriados pelos produtores de filmes comerciais passam a identificar sérias questões sobre as *distorções* que envolvem a veiculação da história através de filmes.

Dois trabalhos de Rosenstone foram matérias de filmes, um drama (*Reds*, em 1982) e um documentário (*The Good Fight*, em 1984), sendo que ele participou de ambas as produções. Autorizado por sua experiência, considera que os problemas mais sérios que o historiador tem com relação ao passado na tela surgem fora da natureza e demandas do próprio *médio visual*. Nos dois filmes houve a ficcionalização da história, em função da adequação desta às formas de representação que a linguagem cinematográfica exigia e, em função dessa constatação, pergunta: *É possível contar histórias históricas em filmes e não perder o senso profissional ou intelectual?*

Para responder à questão, alia à sua experiência a análise de três historiadores: Kracauer, Raack e Jarvie.

O primeiro, na década de 60, afirma que o que era colocado na tela não era o passado, mas uma *imitação* dele. Com essa afirmativa, uma importante questão fica explícita: a inacessibilidade do passado, a não ser através de sua *representação*.

O segundo defende a história em filmes, pois considera que estes são meios mais apropriados para veicular a história do que a escrita. Para ele a escrita é algo muito linear e estreita e por isso incapaz de revelar a abundância do complexo mundo multi-dimensional no qual vivemos. Somente os filmes são capazes de aproximar a história do real, recuperando a “*vivacidade de todo o passado*”. O cinema, considera, é uma “*janela de emoção*”, pois nos permite experimentar pessoas e lugares como se nós lá

⁵⁶ Robert Rosenstone. History in Images/History in Words: reflexions on the possibility of really putting history onto film. In: *The American Historical Review*, 85, dec. 1988. Cit. pg. 1173 – tradução livre.

estivéssemos estado: no cinema, nós somos, durante um tempo, os prisioneiros da história. Por isso, o cinema, ao privilegiar dados visuais e emocionais em detrimento do analítico, altera nossa sensação de passado.

Emerge aqui, mais uma importante consideração em relação ao cinema como veículo da história: ele altera o ritmo da *leitura* histórica. Quando a história está veiculada por palavras, em um livro, é o próprio leitor que determina o ritmo da leitura, ele pode abrir e fechar o livro, de acordo com sua vontade, ou seja, sua leitura pode ser descontínua. Na história através das telas do cinema, o ritmo é ditado pela projeção da película, em uma sala escura: a história tem aqui um fluxo contínuo.

Já para o terceiro autor estudado por Rosenstone, a história é feita basicamente de debates entre historiadores. Dessa maneira, compara o texto escrito com os filmes históricos: como o historiador poderia se remeter com notas de rodapé, contradizer objeções e criticar oposições em filmes?, pergunta. Para ele, pode-se contar histórias históricas na tela, mas não é possível prover essas histórias dos elementos críticos fundamentais ao discursos histórico, a saber: avaliação de fontes, argumento lógico e sistematicidade das evidências. Portanto, conclui, é impossível para o estudioso sério corrigir inexatidões e simplificações.

Depois de transitar pela obras desses três autores, Rosenstone conclui que é impossível julgar a história em filmes pelos padrões da história escrita, pois cada meio tem seus elementos próprios. Da mesma maneira que a história escrita é amoldada por gêneros e idiomas, a história visual deve ser amoldada segundo as convenções de *gênero e idioma visuais*, a história em filmes deve se aportar em certos padrões, que devem estar em consonância com as possibilidades do *médio*. Nesse sentido, tanto a história escrita como as visuais são representações do passado e a história em filmes não é nem melhor, nem pior do que a história escrita, mas constitui um novo idioma, que aponta para um igualmente novo desenvolvimento para a história. *A história é sempre uma (re)criação do passado*.

Tanto a história como fornecedora de matéria prima para a realização de filmes, como os filmes como fornecedores de matéria prima para a história, apresentam o filme

como algo externo ao *processo* de pesquisa: é ora fonte, ora produto dos trabalhos históricos.

Uma outra possibilidade de relação, que incorpora a pesquisa na realização de filmes, foi inaugurada com a realização do filme *Nanook of the North*, de Robert Flaherty, nas décadas de 10 e 20. Nesse filme, os *Inuit* desempenham o papel de si mesmos, ou de seus antepassados, e foram habilmente colocados em cena por Flaherty graças ao excelente conhecimento que ele tinha da cultura desse povo, fruto da longa convivência que teve com os protagonistas. A essência de seu método foi revelar as películas sensibilizadas, em um laboratório improvisado, e em seguida projetá-las às pessoas filmadas. Nessas ocasiões, recolhia suas apreciações e elaborava, com eles, as grandes linhas do cenário e do registro do dia seguinte. À história como inspiradora de filmes, juntou-se um elemento importante: a *memória* do grupo registrado, que foram os colaboradores essenciais do filme.

O cineasta e seus colaboradores criaram efeitos de realidade na reconstituição do vivido no passado pelos *Inuit*. A obra é um marco do filme etnográfico, e como tal, atraiu críticos e seguidores. As maiores críticas tem como ponto crucial, a validade das distorções filmicas que o cineasta usou como artifício na reconstituição do passado ⁵⁷. Aliás, esta é também uma importante questão nos debates que contemplam o cinema comercial, mostrados por Rosenstone.

Lajoux considera que tais críticas não procedem, uma vez que os filmes, de maneira geral, podem passar pelo crivo de uma crítica, como os outros documentos históricos. A análise plano a plano permite o desmascaramento de possíveis trucagens e de estratégias de *mise en scène*. Ao analisar o filme de Flaherty, aponta os trechos que acredita haver trucagem ou distorções, mas isso, longe de desmerecer a obra, leva-o a afirmar que a enquête etnográfica através de filmes pode servir para registrar “fatos históricos”. Dessa maneira, a reconstituição e a generalização (artifícios utilizados por Flaherty) na frente da câmera, de técnicas ou práticas já desaparecidas, conhecidas somente pelas pessoas mais idosas, permitiu registrar além de métodos de trabalho, todo

⁵⁷ Jean Dominique Lajoux. Film Ethnographique et Histoire,. In: Claudine de France (org.).*Pour une anthropologie visuelle*. Paris: Ed. Mouton/EHES, 1979, p. 105/122.

um modo de vida que já estava sendo esquecido, sendo uma modalidade de filme que apresenta grande interesse em relação aos estudos históricos.

Nessa dimensão da relação entre cinema e história reside o interesse específico da pesquisa sobre São Thomé das Letras, posto que, ao eleger como fio condutor a extração do quartzito e, por opção metodológica, partir das imagens registradas no presente, tinha, na possibilidade de reconstituição das técnicas antigas uma das maiores ambições.

Para o estudo em São Thomé das Letras, as imagens, principalmente animadas, foram utilizadas na seguinte perspectiva: eu esperava encontrar nas imagens registradas no presente, possíveis chaves para penetrar na intimidade da comunidade, pois ali certamente encontraria a sua memória. Tais imagens revelaram-se, durante nossa convivência, além de eficientes chaves para a compreensão daquele cotidiano, um motivo, pois por elas nossos encontros aconteceram e tiveram a continuidade necessária à realização dos objetivos do trabalho, constituindo além de fontes e produto, um *meio* para a construção do conhecimento histórico sobre a localidade.

A construção e utilização de audiovisuais no processo de pesquisa colocou instigantes problemas, relativos à instrumentalização e a uma série de procedimentos teórico metodológicos, que devem ser considerados em três instâncias: 1) em relação à construção do conjunto de “documentos”, que foram sua base; 2) no momento de análise desses “documentos” e 3) na veiculação dos resultados de pesquisa. A tentativa de resolução desses pontos-problemas, implicou na busca de métodos de pesquisa fílmica e de teorias subjacentes, que subsidiassem uma reflexão sobre a natureza e as demandas próprias do meio audiovisual. O suporte para tal reflexão foi encontrado nos fundamentos da Antropologia Fílmica, que, do início ao fim, revelou-se uma alternativa metodológica feliz, e extremamente eficiente no sentido de permitir que eu ultrapassasse os limites impostos por minha formação universitária em História, quando aprendi que o passado, no presente, é sempre uma representação, seja ela oral, escrita ou visual.

A Antropologia Fílmica

Fundamentos teórico- metodológicos

Assim como os historiadores orais, os antropólogos também se dedicaram à construção de registros e a consolidação de arquivos que contemplavam as sociedades tradicionais, ou seus vestígios. Eram os construtores dos filmes etnográficos, que colocavam em suportes permanentes - os rolos de filmes - as ações e as tradições dos povos. Estes começaram a experimentar instrumentos de registro bem antes dos historiadores, e, na década de 60, quando a história por um lado, apropriava-se do gravador sonoro iniciando a construção de seus acervos orais, e por outro, passava a eleger os filmes produzidos pela sociedade como possíveis fontes para suas pesquisas, a antropologia já havia se dado conta do potencial do recurso cinematográfico tanto como instrumento de registro dos povos que estudava, quanto como transmissor de conhecimentos.

A diversidade de filmes então existentes, ora realizados para fins de pesquisa e destinado a especialistas, ora concebidos sem intenções científicas e destinados a um público indeterminado, compunham um amplo conjunto, cujas produções transitavam entre a ciência e a arte, do documentário à ficção, do esboço à obra pronta. Tendo como ponto comum o fato de partirem da observação do real, eram todos, registros etnográficos.

André Leroi-Gourhan aponta três tipos de filmes que podem ser considerados etnológicos: 1) *o filme de pesquisa, que nada mais é do que um meio de registro como outros*; 2) *o filme documentário público ou filme exótico, que é um tipo de filme de viagem*; 3) *o filme de meio ambiente, elaborado sem intenções científicas, mas que adquire um valor etnológico ao ser exportado, como uma intriga sentimental num ambiente chinês ou um bom filme de gangsters de Nova Iorque que se transformam em retrato de costumes curiosos quando mudamos de continente* ⁵⁸.

⁵⁸ André Leroi-Gourhan, Cinema et Sciences Humaines: Le film ethnologique existe-t-il? In: *Le fil du temps*, Ed. Fayard, 1983. Trad. s.n.t. p. 102-109.

O *filme de pesquisa* subdivide-se em dois tipos: as *notas cinematográficas* e o *filme organizado*. As tomadas realizadas no dia a dia do pesquisador, em campo, sem um plano determinado, a câmera fazendo as vezes de seu caderno de campo, constituem o primeiro tipo, ou as notas cinematográficas. Estas são importantes registros para as pesquisas, não apresentando entretanto, valor para a exibição pública. O segundo tipo de filme científico, o *filme organizado*, é fruto da montagem de sons e imagens, de acordo com técnicas cinematográficas, tendo por parâmetro determinados tipos de público; representam um excelente instrumento de ensino ⁵⁹.

Foi desse amplo conjunto de filmes, construídos durante aproximadamente um século, que originou-se e desenvolveu-se a Antropologia Fílmica como disciplina. Ela fundou-se no estudo do homem tendo o filme como *instrumento*, ou como *objeto*: através da realização de filmes ou da separação das diferentes obras em conjuntos, como subsídio para as análises ⁶⁰.

Entretanto, os filmes, mais propriamente os filmes etnográficos, constituem apenas a base empírica da disciplina, para que ela realmente exista, é necessário que explicita um objeto e construa um método. Como objeto, Claudine de France, a fundadora da Antropologia Fílmica define: *o homem tal qual ele é apreendido pelo filme, na unidade e na diversidade de maneiras pelas quais ele coloca em cena suas ações, seus pensamentos, seu meio*. O objeto da disciplina assim qualificado, não é somente o *homem filmável*, mas o *homem filmado*, tal como ele aparece colocado em cena pelo filme, aqui entendido enquanto uma *representação* do real e não o real em si.

Tal definição aponta uma dificuldade, compartilhada pela noção de antropologia visual proposta por Margareth Mead em 1973: a natureza do instrumento da disciplina (câmeras) participa da definição de seu objeto, o que sob certo ponto de vista pode lhe

⁵⁹ Na pesquisa em São Thomé das Letras a utilização da câmera de vídeo como caderno de campo gerou um acervo considerável. Desse acervo, alguns trechos foram selecionados, e serviram para a edição de alguns vídeos, representando produtos “organizados”, muito embora não possa encaixá-los “*de acordo com técnicas cinematográficas*”.

⁶⁰ Os fundamentos teórico-metodológicos da disciplina foram lançados por Claudine de France: *L’anthropologie filmique: une genèse difficile mais prometteuse*. In.: Claudine de France (ed.) *Du Film Ethnographique à L’anthropologie filmique*, Paris: Editions des Archives Contemporaines, 1994.

conferir o aspecto de uma “disciplina auxiliar”. Entretanto, essa própria dificuldade constitui, segundo Claudine de France, sua especificidade e pode ser superada considerando-se como objeto o *homem e a imagem do homem*. Aquilo que é retido pelo registro da imagem animada não é o mesmo que pode ser retido através da observação direta, a primeira permite uma observação diferenciada, porque instrumentalizada. Nesse sentido propõe a Antropologia Fílmica como uma disciplina autônoma, tanto em relação à antropologia clássica como em relação à antropologia visual. Da dificuldade: sua *ferramenta* (o filme) pode ser seu *objeto*, elege-se sua especificidade: na pesquisa da relação dessas duas faces reside a ambição da disciplina como um todo. O conhecimento sobre o homem, ser social e cultural, partirá de sua aparência, daquilo que ele deixa ver e que portanto, se pode registrar, que é a matéria privilegiada dos filmes etnográficos.

Nessa perspectiva, abre-se um importante espaço de reflexão e de subversão da base clássica da pesquisa antropológica, até então restrita à observação direta das realidades estudadas, levando a uma redefinição, pela antropologia fílmica, da própria natureza e estatuto da observação, das trocas entre observador e observado e das relações entre as imagens e a escrita no processo de pesquisa.

As ferramentas básicas do antropólogo tradicional, são a caneta e seu caderno de notas, onde sua sensibilidade transforma em escrita, as impressões que tem quando observa a comunidade que estuda. A observação direta do real era a única forma de apreensão do sensível. No processo de apreensão pelos sentidos e da tradução dessa apreensão pela escrita, as possíveis lacunas seriam preenchidas pelo “*imaginário verbal*” do pesquisador, “*tipo de filtro colocado entre o olhar e o pensamento*”, utilizado como elemento para a superação das “*faltas da observação direta, preenchendo os pontilhados da memória, propondo um fio condutor linear*”, como a *encobrir os dados sensíveis simultâneos, fugazes e incontrolláveis*”⁶¹, que não se manifestam antes da observação. A

⁶¹ Claudine de France (ed.) *Du Film Ethnographique à L'anthropologie filmique*, Paris: Editions des Archives Contemporaines, 1994. Cit. pg. 8 – trad. livre.

linguagem garantiria a legitimidade da observação direta como procedimento metodológico.

Quando a observação, graças ao registro filmico, pode deixar seus traços sobre um suporte permanente, uma importante renovação acontecia em relação à epistemologia da própria observação. Alguns antropólogos aboliram de suas práticas a escrita, tanto em relação aos registros em forma de notas durante a pesquisa em campo, como quanto às formas de veiculação dos resultados de pesquisa. Essa postura radical é ainda um importante tema entre os praticantes da antropologia visual. Claudine de France considera que uma perspectiva não deve excluir a outra, sendo ideal que se efetive um vaivém orgânico entre os trabalhos escritos e os trabalhos filmicos, sem a escrita e a teorização, as discussões não atingirão jamais o estado de um verdadeiro exame analítico, e crítico, indispensável à toda disciplina.

A partir do nascimento da observação filmica, a escrita poderia servir para outros fins que não a de memória do pesquisador, pois esta estaria registrada em um suporte permanente, o filme, e poderia ser consultada a qualquer momento. Por esse motivo, a observação filmica possui uma vantagem sobre a observação direta, pois confere a seu resultante, o *observado filmado*, um estatuto de referência epistemológica mais legítima, dotando-o de uma existência autônoma. O registro filmico inaugura a possibilidade da *observação diferida*, onde um mesmo processo pode ser observado inúmeras vezes, tanto pelo pesquisador (observador) quanto por quem se deixou filmar (o observado filmado) ou pelos dois, em conjunto, favorecendo novas descobertas sobre o processo registrado.

Dessa maneira, a proposta de Claudine de France extrapola os limites da simples utilização das câmeras como instrumento de registro. Pretende antes, através desse tipo de registro, evidenciar fatos, e relações entre fatos, que seriam impossíveis de estabelecer sob outras formas de observação e de expressão. O filme etnográfico, que segue um conjunto de exigências de ordem epistemológica próprias, desde leis de *mise-en-scène* até princípios metodológicos, tem sempre por exigência fundamental o conhecimento do real, independente do público a que se destina. Ele abre-se, com a proposta de Claudine, a uma nova perspectiva em sua construção, baseada na nova

relação de troca entre o observador e o observado, originando uma nova proposta metodológica: a *pesquisa exploratória*. Nos moldes clássicos, os filmes são produzidos com base em roteiros pré-estabelecidos; no novo molde, eles passam a ser construídos através de estratégias de registro desenvolvidas durante o trabalho de campo, tendo nas pessoas filmadas importantes orientadores dos registros.

A *exposição* e a *exploração*, através dos registros audiovisuais não são possibilidades que se excluem, e podem até mesmo se complementar. São apenas duas opções, e existem outras possíveis, visto a utilização do recurso videográfico estar em grande medida em dependência da sensibilidade do pesquisador e da relação que este estabelece com o grupo que vai estudar. Claudine de France considera que não são métodos propriamente ditos, mas duas grandes tendências do filme etnográfico, a partir das quais se desenvolvem opções metodológicas, particulares e extremamente variadas.

Em relação à pesquisa exploratória, proposta da antropologia filmica, faz-se necessário que o pesquisador sempre evidencie sua *estratégia*, que consiste em colocar a medida da relação que existe entre a instrumentação audiovisual, os procedimentos de *mise-en-scène* e as orientações metodológicas.

A noção de *estratégia* é importante, pois na apreensão cinematográfica, a presença da câmera sempre cria situações novas. “O ‘cinema direto’ obriga uma improvisação contínua em todos os momentos. As pessoas que estão sendo filmadas são tão responsáveis quanto o diretor quanto ao que vai acontecer. A dificuldade é justamente preparar este ambiente, e, a única resposta que posso ter é que ..., bom, é preciso de tempo”⁶².

Essas questões, colocadas por Rouch se aplicam perfeitamente à realização da pesquisa exploratória, pois ela, por sua própria natureza, pode ser considerada como uma das modalidades do *cinema direto*⁶³.

De acordo com Claudine de France, a pesquisa deve seguir a três princípios básicos:

⁶² Jean Rouch, em entrevista a Renato Sztutman e Evelyn Schuler. In: Sexta Feira – Antropologia Artes Humanidades, São Paulo, Klick editora, 1997.

⁶³ De acordo com Rouch, “A expressão *cinema direto* já era utilizada nos Estados Unidos bem antes dos filmes de Hitchcock. Utilizavam-na considerando que mesmo os filmes de ficção eram *cinema direto*.”

- 1) A atividade de pesquisa encontra sua finalidade nela mesma. Ao se eleger as imagens como ponto de partida para o conhecimento do homem, abre-se dupla perspectiva: o objeto é passível de ser descoberto e redescoberto inúmeras vezes, levando a pesquisa mais longe; em relação ao público: os primeiros espectadores são as próprias pessoas filmadas;
- 2) Os tempos: o pesquisador deve ter uma disponibilidade de tempo tal que o permita cumprir as diferentes etapas da pesquisa filmica: inserção, primeiros registros, exame conjunto dos primeiros registros, novos registros, novo exame conjunto, novos registros, e assim sucessivamente. Dessa maneira o pesquisador deve acompanhar as pessoas filmadas por tempo indeterminado, pois nesse procedimento, o ser filmado faz a lei, ele é o dono do tempo. Para o pesquisador, “conquistar o tempo” é também revelar os longos momentos que separam os tempos fortes da vida de um grupo ou de um indivíduo.
- 3) Descrição: o processo de criação do material da pesquisa é compreendido pela descrição das manifestações sensíveis da atividade humana, principalmente aquelas de natureza não verbal. Tanto os registros audiovisuais quanto a escrita podem ser os meios para organizar e veicular o conhecimento construído. O ideal é que os dois meios sejam utilizados de forma a se complementar e que a realização de filmes sempre suscite trabalhos escritos, além disso, as lacunas deixadas pela imagem podem ser sanadas pela escrita, e vice-versa.

Os precursores da pesquisa exploratória, recuperados por Claudine de France, fizeram importantes experiências metodológicas, oferecendo a base clássica da disciplina. O primeiro foi *Robert Flaherty* quando filmava, nas duas primeiras décadas deste século, a vida de *Nanook, o Eskimó*⁶⁴. Com essa experiência, nascia a idéia da colaboração estreita entre o cineasta e as pessoas filmadas, que partia da representação

⁶⁴ A base clássica da disciplina está traçada em: Claudine de France, *L'Exploration*. In: *Cinéma et Anthropologie*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982, p. 305/307.

do passado, seguida da observação comum das imagens. Pela primeira vez a observação direta tinha uma concorrente: a observação diferida, sobre a tela.

O segundo passo, em direção à metodologia da pesquisa exploratória, aconteceu anos mais tarde, em 1964, quando num congresso o pesquisador Germaine Dieterlen propunha que o filme fosse utilizado como um “roteiro de entrevista” junto aos informantes. Nessa perspectiva, o registro cinematográfico precederia a investigação oral durante a pesquisa, abrindo uma importante via ao filme etnográfico e à antropologia.

Nos anos seguintes, Jean Rouch fazia uma das primeiras experiências da observação diferida profunda, que qualificou de “*antropologia compartilhada*”⁶⁵, que compreende essencialmente duas fases: 1) no campo de pesquisa, com a sua câmera na mão, seguia os protagonistas, que decidiam por si o que fazer (os movimentos, a postura, as falas), não havia um roteiro planejado *a priori* para os registros; 2) a devolução das filmagens para os protagonistas, no intuito de obter novas informações e de anexar sugestões, depois disso, completava o registro inicial em função dessas informações⁶⁶.

Esses três realizadores de filmes, considerados os pioneiros da pesquisa exploratória, tinham a seu favor condições excepcionais de trabalho, vide as limitações tecnológicas impostas pelos instrumentos de registro e projeção até então existentes, que

⁶⁵ *Antropologia Compartilhada*, por Rouch: “A “antropologia compartilhada” nasceu depois da guerra, com jovens pesquisadores que trabalhavam na África, como Claude Lévi-Strauss, Marcel Griaule e Roger Bastide. Por exemplo, se eu pergunto a um indígena: “Você acredita em Deus?, ele pode responder “e você?”. Esta resposta é tão essencial quanto a pergunta que lhe foi dirigida. É neste momento em que se cria o diálogo. (...) A antropologia é um procedimento de certa forma terrorista. Antropólogos muitas vezes redigem suas pesquisas sem sequer relê-las às pessoas com quem havia falado. O cinema é o veículo que permite realizar a etnografia, esta antropologia partilhada, que é o feed-back”. Jean Rouch, em entrevista a Renato Sztutman e Evelyn Schuler. In: Sexta Feira – Antropologia Artes Humanidades, São Paulo, Klick editora, 1997. Trecho cit. pg. 14.

⁶⁶ Além dessas duas fases, existe uma terceira, a montagem ou organização do material filmico em um filme de exposição. Quanto a esta fase, Rouch faz uma importante observação em relação a seus procedimentos: “Minha posição é a de começar montando meus filmes eu mesmo, o que é um grande erro. Pois forçosamente, vemos sobre a tela a verdade. Eu lhes dou em exemplo. Durante as filmagens de *La chasse à l’Hypopothame*, fazíamos longas viagens de barco para chegar até as aldeias, e passávamos da margem direita à esquerda do rio. Para mim, esta imagem era algo muito importante. Este filme foi montado posteriormente por uma montadora profissional. E ela me disse: “que há de importante na travessia do rio? Você está perdendo tempo!”. Assim, há aí uma sacada muito interessante, que é a descoberta das imagens por alguém que, sobretudo, não deve jamais assistir às filmagens. Idem, pg. 15.

exigiam grandes reservas financeiras e também um conhecimento técnico específico e refinado por parte do pesquisador.

Duas importantes inovações tecnológicas renovaram a atitude metodológica em relação aos filmes etnográficos, ao mesmo tempo em que favoreciam o aumento das produções. A primeira aconteceu em 1960, quando a capacidade de registro das câmeras foi aumentada para uma dezena de minutos ininterruptos e as elas pode se ligar o gravador, através da invenção de um dispositivo, que os unia. Tornava-se possível o registro sincrônico das imagens e dos sons, do gesto e da palavra e a realização de longos planos-sequência. A partir daí, a observação cinematográfica conquistava uma de suas importantes especificidades: *a continuidade temporal*.

O filme tornava-se capaz de registrar o fluxo das atividades humanas, os tempos dessas atividades, e os sons que elas produziam, além das vozes dos seres filmados. Até então, os filmes de exibição eram sonorizados depois de editadas as imagens mudas, além de oferecer a maior parte do tempo, fragmentos de gesticulações.

Entretanto, aponta Claudine de France, somente as inovações tecnológicas quanto ao registro sincrônico do som e das imagens não foram suficientes para alterar de modo radical os métodos de investigação. Foi somente com o sistema de vídeo, disponibilizado dez anos mais tarde como um meio de registro de imagens e sons sobre um suporte magnético, que aconteceu a verdadeira revolução em direção à pesquisa exploratória. O sistema facilitava a leitura dos registros, à continuidade da observação se juntou a possibilidade de sua repetição no campo ou fora dele, para as pessoas registradas ou para outras pessoas. A partir daí, um filme não mais se restringiria à uma dentre tantas maneiras se expor os resultados de uma investigação prévia baseada na observação direta e nas entrevistas, ele passa a ser o veículo de uma descoberta progressiva do processo, pela produção e leitura repetida dos registros, que assume lugar privilegiado na investigação.

A antropologia filmica, assim como a história oral, se modifica e se constrói. Ambas podem se entrelaçar em função das transformações de seus instrumentos e da conjuntura científica, que tem apontado progressivamente ao fértil terreno que representa a perspectiva interdisciplinar. Assim, as fronteiras de seus domínios não são

fixas. O terreno onde transita nunca foi tão vasto quanto hoje, quando já conta com um grande desenvolvimento tanto em relação à tecnologia que pode utilizar quanto em relação à(s) ideologia(s) que orienta(m) os pesquisadores. A câmera pode revelar aspectos de nossas próprias realidades, aqueles explícitos, ou nem tanto, aqueles pouco visíveis; privilegia ainda, problemas de ordem social ao registrar as minorias étnicas ou culturais das sociedades, em seu processo de assimilação à cultura dominante, às vezes de forma brutal; pode portanto servir como instrumento de luta contra o poder dominante, ou à pesquisas de animação e intervenção social, reforçando seu aspecto participativo. O relacionamento com os informantes, nesses moldes, pode guardar importantes surpresas, porque é sempre único. Por esse motivo, embora seja importante trilhar com rigor uma determinada metodologia, estes passos não devem ser rígidos no percurso do método: uma vez que os laboratórios da disciplina são as sociedades *vivas*, a metodologia de pesquisa que prevê o *envolvimento* com as fontes, somente será eficiente se se construir sobre o próprio campo de investigação.

Nesse ponto reside a originalidade que a antropologia filmica partilha com a história oral: ambas tem seus campos epistemológicos abertos, elegendo como uma de suas ambições centrais dar voz e vez aos “*excluídos*”⁶⁷.

*“É dar, enfim, a palavra àqueles seres que, de uma maneira geral, dela foram privados: minorias culturais ou sociais, indivíduos e grupos étnicos que o desenvolvimento de suas sociedades tende a destruir, marginalizar ou brutalmente assimilar”*⁶⁸.

⁶⁷ Entende-se por “*excluídos*” tanto os miseráveis quanto os membros de famílias tradicionais. É qualquer pessoa que não tenha o poder de construir, por sua própria iniciativa, documentos ou contribuir para fazê-lo.

⁶⁸ Claudine de France, *Cinéma et Anthropologie*. Prefácio, pg. XIII.

Antropologia Fílmica/História Oral
Aspectos do conjunto

Especificamente em relação aos estudos históricos, a antropologia fílmica, mais precisamente os passos da pesquisa exploratória, pode oferecer várias vantagens para o registro e a condução de entrevistas, ou de narrativas orais. Ao som das vozes do entrevistador e do entrevistado irão se juntar, no registro, as imagens do encontro. Mais ainda, através da proposta do *filme de reconstituição* permite registrar, além da narrativa, a representação das técnicas, rituais, corporais ou materiais, da forma como os entrevistados acreditam terem sido realizadas no passado, por seus antepassados. É uma proposta que permite o registro da *memória animada*, revitalizada no presente, sob uma perspectiva mais ampla que a da reminiscência oral; é permitido, ou melhor, desejado, que o narrador não apenas narre, mas *represente*, por gestos, aquilo que lhe vai na memória, vestígios de um passado inacessível pela imagem direta. Esse rememorar verbo-gestual traz consigo importantes fragmentos da unidade de grupos humanos já em franco processo de esquecimento, escondidos nas memórias individuais ou coletivas. Além da possibilidade de fazer a reconstituição, através das imagens, de modos de vida já superados, ao registrar a tradição oral, registra também a memória viva, assegurando uma transmissão de valores e fatos que tendem cada vez mais a desaparecer, com o desaparecimento dos últimos testemunhos ⁶⁹.

Em relação à história oral tradicional, o registro fílmico representa, igualmente, uma infinidade de vantagens, pois apreende além da memória, expressa pela tradição oral, o seu suporte por excelência: o *homem atual*, ainda capaz de repetir e de transmitir às gerações futuras as *suas verdades*.

Se por um lado os historiadores orais não costumam fazer uso de equipamento de registro sincrônico de sons e imagens, talvez por elas trazem em si uma carga de significados que dificultariam a análise das narrativas orais ⁷⁰, devem considerar por outro lado, que, ao registrar sobre um suporte permanente as narrativas verbo-gestuais,

⁶⁹ O *filme de reconstituição*, inaugurado por Flaherty é uma das modalidades do *filme de exploração*.

⁷⁰ *X Oral History Conference ...* pronunciamento de Alistair Thomson, 15 de junho de 1998, RJ.

modificam a própria natureza de suas fontes e precisam por isso, buscar novas categorias conceituais para trabalhar com elas. É uma dificuldade que aponta para a reinvenção da metodologia tradicional, contribuindo no sentido de repensar o estatuto dos processos de comunicação que se estabelecem entre os pesquisadores e as pessoas que são suas fontes de pesquisa. A experiência serve também à construção de arquivos, que tem a vantagem de guardar, fisicamente, o gesto e a palavra de seres que escutamos e vemos, num equilíbrio que somente a tecnologia para registro sincrônico do som e da imagem pode proporcionar.

A incapacidade, ou dificuldade atual, em interpretar as imagens no presente não deve significar que as mesmas dificuldades se apresentarão no futuro, ou que outras pessoas farão as mesmas leituras que hoje fazemos delas. Não existe uma única forma de comunicação, aqui entendida enquanto trânsito de informações de todos os tipos; a comunicação visual exige que ambos os pólos estejam instrumentalizados do mesmo conjunto de significados para que a comunicação se efetive. Por vezes, vemos e não entendemos, outras vezes o entendimento pode ser parcial. Mas quando dominamos o conjunto de signos expresso numa imagem, nosso entendimento tende a se apoderar da totalidade do registro (e esse é um longo aprendizado, que somente o envolvimento com os produtores de tais signos pode nos ensinar). Além disso, a possibilidade de ver e rever os registros pode ser reveladora de mínimos detalhes, que são por sua vez, também reveladores em relação ao registro como um todo. O que em princípio se apresenta como uma dificuldade pode se transformar em uma vantagem.

Nessa perspectiva, todo pesquisador que trabalha com pessoas como fontes de conhecimento, têm necessidade de aprender o significado dos códigos que regem a vida dos grupos que estuda, pois através deles é que a comunicação acontecerá. A opção metodológica que orientou minha aprendizagem sobre as normas dos grupos e meu diálogo com as pessoas em São Thomé das Letras teve nas imagens, fotográficas ou videográficas, o ponto de partida. Elas foram as intermediadoras de nossos diálogos, momentos em que funcionaram como roteiros das entrevistas. A recusa em pesquisar documentos escritos, antes do início do trabalho de campo foi igualmente uma opção metodológica, assim como o foi a eliminação da parte burocrática que envolve a

produção de documentos de acordo com a história oral tradicional. Ao construir fontes de outra natureza, o estabelecimento de sua legitimidade se deu em outras bases. Registrando-se também a imagem do narrador, registra-se em grande parte a ambiência em que a entrevista aconteceu e portanto, a posição dialógica dos dois envolvidos, o depoente e o entrevistador.

Tanto na História Oral como na Antropologia Fílmica o pesquisador *constrói*, em conjunto com suas fontes de pesquisa, os seus documentos, porém, cada modalidade de pesquisa conta com certas especificidades metodológicas. Os depoimentos orais, que são a matéria prima da história oral, devem tradicionalmente seguir uma série de normas – de construção, legalização e arquivamento – construídas quando da criação dos programas de documentação em história oral, no intuito de torná-los documentos legítimos, e de atestar também a sua fidedignidade. Um dado oral é, na maioria das vezes, considerado um dado auxiliar nas pesquisas, devendo ser cruzados com outros tipos de dados, principalmente os escritos. É ideal que o historiador oral, antes da enquête, cerque seu objeto de estudo, buscando em fontes escritas subsídios para compor o roteiro da entrevista. Acredita-se que assim, o entrevistador se transforme em um *interlocutor válido*, ou seja, se torne capaz, porque previamente informado, de dialogar sobre determinado assunto, sobre o qual ele desconhece a versão que seu entrevistado vai fornecer. A antropologia fílmica, ao contrário, parte das aparências, ou melhor, parte daquilo que se dá a registrar. Não coloca como premissa o conhecimento a priori do objeto da investigação. Este virá através do exame conjunto – realizado pelo pesquisador e pelos informantes – dos registros audiovisuais. Nessas ocasiões, os próprios informantes é que vão apontar as formas como os registros devem ser conduzidos nas gravações posteriores: o audiovisual abre a pesquisa, sua análise a aprofunda.

Especificamente em relação à metodologia aplicada na pesquisa em São Thomé das Letras, a recusa aos documentos escritos, num primeiro momento, e a eleição dos audiovisuais como fontes privilegiadas deve ser entendida enquanto uma opção metodológica. A memória que se desejava ter acesso não era aquela registrada em documentos escritos, mas a memória que estava cristalizada nos sujeitos vivos.

As duas metodologias – história oral e filmes de exploração – utilizadas em conjunto, complementaram-se. Os filmes, ou melhor, os vídeos de exploração referendam a história oral e se por um lado trazem problemas quanto à interpretação das imagens em relação à fala, por outro, facilita sua utilização. O ato de se deixar registrar pela câmera, nos momentos das entrevistas, pode servir para referendar a veracidade dos depoimentos, bem como a anuência das pessoas em participar daquele momento de registro. Isso elimina em grande parte uma parcela considerável do trabalho da história oral, que lhe confere uma certa aura “burocrática” – transcrições, conferências, revisões, legalização das fontes, através de assinaturas, reconhecimentos de firmas, etc., passos elaborados com vistas à estabelecer a confiabilidade das fontes, considerando também a dimensão ética do relacionamento que se estabelece entre o informante e os programas que eles informam, com objetivo de proteger, legalmente, tanto uns quanto outros.

As preocupações em relação a esses aspectos foram eliminadas, porque entende-se que, a partir do momento em que as pessoas realizaram sua *mise en scène* defronte da câmera de vídeo, várias e consecutivas vezes, estariam por certo expressando também o seu consentimento e sua participação, sempre voluntária e consciente no processo de pesquisa.

A câmera sempre interfere entre os sujeitos que registra, ela nunca é invisível, ou neutra. O comportamento normal das pessoas pode ser alterado de diversas maneiras, de acordo com as circunstâncias, gerando a *profilmia*⁷¹, fenômeno que pode se revelar de várias maneiras, desde o olhar furtivo lançado à câmera até a postura de colaboração explícita por parte dos seres registrados, quando facilitam o registro de certos procedimentos que desejam salientar. A *profilmia* é ela própria um dado importante que pode revelar a relação que se estabeleceu o realizador do registro audiovisual com

⁷¹ *Profilmia*, de acordo com o léxico apresentado por Claudine de France, na obra *Cinéma et Anthropologie*, pg. 373: “Manière plus ou moins consciente dont les personnes filmées se mettent en scène, elles-mêmes et leur milieu, pour le cinéaste ou en raison de la présence de la caméra. Fiction inhérente à tout film documentaire, Qui revêt des formes plus ou moins aigües et décelables. Notion empruntée à Etienne Souriau (1953) mais Qui, étendue au film documentaire, concerne non seulement les éléments du milieu intentionnellement choisis et disposés par le réalisateur en vue du film, mais aussi toute forme spontanée de comportement ou d’auto-mise en scène suscitée, chez les personnes filmées, par la présence de la caméra.

aqueles que registrou e vice versa; aspecto que pode ficar um pouco obscuro nos registros sonoros das entrevistas de história oral.

Ao registrar o rosto do interlocutor, suas expressões faciais, seus gestos, a postura de seu corpo, estamos na verdade, registrando também a sua anuência em relação aos objetivos e procedimentos de pesquisa. Jean Rouch, bem aponta que Flaherty, ao eleger como primeiros espectadores os próprios seres filmados, inaugurava toda a dimensão ética nos relacionamentos entre quem faz o registro e quem é registrado⁷².

Também não foram priorizadas as transcrições totais das entrevistas, e sua conferência por parte dos informantes. Alguns deles conferiram *sim* o texto final, que foi construído, em grande parte, por fragmentos de transcrições.

Considereei como documentos os próprios iconogramas – fitas de vídeo - e não a sua transcrição, porque entendo que estas representariam uma forma já modificada de discurso. As vídeo entrevistas, por expressarem o tempo/espço onde se articulam a intensidade da fala, as performances do corpo e todos os ruídos cotidianos permitem acessar um universo intraduzível, que a escrita não consegue reproduzir: à sonoridade da fala, juntou-se a riqueza da imagem daquele que fala inserido em seu ambiente.

Ora, se um depoente deve ler um depoimento seu, transcrito, e assiná-lo, como então poderíamos considerar depoimentos de pessoas que não aprenderam a leitura e a escrita? Nesse caso, como poderíamos cumprir os trâmites que permitiriam transformar seu depoimento em fonte histórica? É como se a imagem, incorporada ao registro, viesse a substituir as cartas de cessão de direitos e as transcrições que devem ser assinadas pelos depoentes.

A questão da ética assume outras bases e referência, mas não deixa de existir, ao contrário, fica explícita no conjunto de registros gerados durante a pesquisa. As fitas registram os momentos de realização dos encontros e principalmente das entrevistas, revelando a presença tanto do entrevistado, à frente das lentes e também do

⁷² Jean Rouch. Os pais fundadores - dos ancestrais totêmicos aos pesquisadores de amanhã. *I Mostra Internacional do Filme Etnográfico*. RJ. Interior Produções, 1993. P. 16: “como filmar pessoas sem lhes mostrar sua imagem?”

entrevistador, mesmo que ele não apareça na imagem, seu posicionamento naqueles momentos fica evidente pela colocação da câmera e por sua voz, também registrada. Essas revelações podem agir no sentido de facilitar a crítica do documento, caso ele venha a ser utilizado por outros pesquisadores, ou então checados, em relação à pesquisa que o produziu, pois como apontou Jean Dominique Lajoux, o exame plano a plano de registros filmicos podem revelar suas possíveis montagens ou trucagens ⁷³.

Nesse sentido, a metodologia de pesquisa que parte da união da história oral com a antropologia filmica, agiu no sentido de facilitar o acesso a um conjunto heterogêneo de informantes, possibilitando a reconstrução de versões oriundas dos diversos segmentos sociais, inclusive daqueles que não dominam a leitura e a escrita, que, se submetidos à conferência de seus depoimentos para posterior assinatura da carta de cessão, estariam sem dúvida transitando em terreno estranho, como se fossem “peixes fora d’água”, numa relação de poder extremamente desigual. Ao assistirem na TV, por meio do sistema de vídeo, os registros nos quais eles foram os atores, tiveram a oportunidade de opinarem sobre o conteúdo do próprio registro. Quando estava aplicando a metodologia em campo, percebi que as pessoas, depois de observarem os primeiros registros, adquirem consciência de sua imagem e de seu discurso verbal, pois, em registros posteriores todos manifestavam alterações de comportamento, demonstrando um maior conhecimento do potencial da câmera como instrumento de registro. As atitudes variavam entre uma maior acuidade em compor a aparência, como a introdução de um adorno ao corpo ou o comedimento de gestos, até a pedir que eu desligasse a câmera em determinados momentos, ou a se recusarem a gravar de novo, ou então, inversamente, passaram a atuar com maior eficiência, visando realçar, nos momentos de registros seguintes, ou antes deles, algum aspecto de sua ação, como a direcionar a “leitura” daquele registro. O informante passa a se reconhecer como ator, e não raras vezes, a agir como tal. Através da convivência, o pesquisador tem condições de identificar as ocasiões em que a *atuação* é reforçada ou então quando a espontaneidade é que está regendo, criando também as suas estratégias no relacionamento com seus informantes.

⁷³ Lajoux, cit.; p. 105-122.

Outra perspectiva dos registros audiovisuais oferece uma importante vantagem comunicacional: a conjunção entre a palavra e a imagem oferece elementos capazes de enriquecer a reflexão sobre as ligações entre o gesto e a palavra, e suas respectivas funções na coordenação do registro como um todo, ou fora dele, contribuindo no sentido do estabelecimento da comunicação em duas perspectivas: *intragrupo* e *intergrupos*, sendo que esta última incorpora também preocupações com o tipo de público que vai consumir o resultado final da pesquisa.

Quanto à primeira perspectiva, ao registrar em um suporte permanente as atividades humanas, sua circulação entre as pessoas do grupo revelou-se um poderoso agente no sentido de facilitar o aprofundamento do conhecimento em relação ao tema privilegiado – num primeiro momento, a história da técnica de extração do quartzito – ao mesmo tempo em que oferecia um referencial comum aos nossos diálogos, foram, para mim, um instrumento igualmente poderoso no sentido de aprender as regras daquele grupo, até mesmo em relação à inserção da câmera – que é sempre um instrumento invasivo: a dosagem dessa invasão foi feita pelos próprios seres registrados, uma vez que eram eles que impunham os limites à essa invasão.

Depois de realizado o registro, em um suporte permanente, ele pode fugir das mãos tanto do realizador quanto dos seres registrados, apontando à segunda perspectiva, de comunicação intergrupar: facilitam o trânsito de informações no processo de *tradução intercultural*, que é exercício do pesquisador quando constrói um tipo de conhecimento – o científico – sobre uma dada sociedade. Na verdade, esse exercício é constituído pela tradução de uma cultura em outra, ou seja, dos conceitos da sociedade estudada nos de seu próprio grupo, ou do público que vai consumir seu trabalho ⁷⁴.

A *tradução intercultural* é uma dimensão importante nas ciências humanas contemporâneas, principalmente em se tratando de modalidades de pesquisa que tem por objetivo o estudo de contextos culturais diferentes através da proximidade com os sujeitos da pesquisa, como é o caso da antropologia, ou da história em sua versão pós-

⁷⁴ Ugo Fabietti. Sulla comprensione della differenza culturale: il punto di vista dell'antropologia. In: Fulvio Poletti (org.) *L'Educazione Interculturale*. Florença: Ed. La Nuova Itália, 1992, p. 3-27.

moderna ⁷⁵. Nesse sentido, Ugo Fabietti faz importantes considerações em um artigo sobre a prática antropológica, considera que esta consiste em conduzir pesquisas em contextos diferentes, colocando o olhar explicitamente sobre o outro, num esforço contínuo de compreendê-lo. Ele discute questões relativas ao modo pelo qual os antropólogos tem contribuído, através de suas pesquisas, para fazer da diferença cultural um tema de estudo. O discurso da diferença, que é a base da tradução de uma cultura em outra varia segundo o paradigma que orienta o *olhar* do antropólogo, o conjunto desses textos antropológicos expressa os conflitos entre os paradigmas *positivista* e *interpretativo*.

Sem entrar no mérito desse conflituoso campo, podemos considerar que os seus apontamentos extrapolam o âmbito da antropologia, pois podem também ser aplicados a outras ciências, inclusive pela história. Quando um pesquisador, seja ele antropólogo ou historiador, vai apresentar os resultados de seu trabalho, ele está na verdade, fazendo a tradução para o seu público de “*sua própria experiência, o que acredita ter entendido sobre a cultura estudada, ou seja, o seu conhecimento pessoal daquela cultura*” ⁷⁶. Dessa maneira, toda tradução é uma interpretação, onde o antropólogo, assim como o tradutor de um texto escrito se propõe a transpor o significado dos conceitos usados pelos seus sujeitos de pesquisa ao contexto em que vive o destinatário de sua análise.

Ante o reconhecimento da irredutibilidade cultural, a questão da legitimidade da tradução se coloca também, e principalmente, em termos *éticos*, e tem relação estreita com os paradigmas que orientam as pesquisas. “*O positivismo tradicional respondia a uma exigência de “classificação” da sociedade e da cultura humana que era derivada de uma segurança etnocêntrica: a possibilidade de ordenar o mundo sobre a base de um ideal de racionalidade científica e cuja origem estava na indiscutibilidade das categorias usadas pelo observador para interpretar o mundo*” ⁷⁷. A crise desse paradigma, que veio na esteira da crise do modelo de sociedade que ele engendrou, aponta a um outro entendimento: “*hoje duas forças contrárias parecem caracterizar o*

⁷⁵ Ciro Flamarion Cardoso, *Domínios da História*, p. 15: “... (em outras palavras: não há História; há histórias “de” e “para” os grupos em questão).”

⁷⁶ Fabietti, p. 6.

⁷⁷ Idem, pg. 23.

*cenário mundial: a reemergência da particularidade cultural e étnica por um lado e a tendência à homogeneização da sociedade e da cultura por outro, um processo, este, que certamente é favorecido pela dimensão planetária do sistema de merci (sic.) e da exportação dos “modelos de cultura” por parte das culturas (economias) dominantes*⁷⁸.

Fabietti conclui: “*se a tranquila aceitação de um mundo dividido em vencedores e vencidos nos repugna (...) então o trabalho da antropologia se configurará como um incessante trabalho de “tradução” entre culturas hoje não mais separadas pelos oceanos e pelos desertos*”⁷⁹. A esta tarefa, os filmes etnográficos, construídos segundo os passos da *pesquisa exploratória* proposta por Claudine de France, podem oferecer uma importante via (não a única), por eleger a *imagem animada* por gestos e sons, como um referencial comum durante o processo de pesquisa e também na expressão de seus resultados, assumindo aí a função de *agente tradutora* nas várias instâncias que os processos de comunicação assumem nos contextos das pesquisas. É um *agente legítimo* porque entende-se que no filme, ou vídeo – que é sempre uma construção – o sujeito do conhecimento é também o seu árbitro.

A proposta metodológica, aplicada ao campo de pesquisa, tinha a dimensão ética sempre em primeiro plano: ao basear-se na convivência com os sujeitos, e estar em dependência direta de sua cooperação, a estratégia constituiu, num primeiro momento, em formular as regras do jogo – os passos da pesquisa, de acordo com seu objetivo – e perguntar aos sujeitos se eles as aceitavam. Estes, por terem suas próprias demandas, formulavam outras regras, que me eram colocadas; eu teria, assim como eles, a liberdade em aceitar ou não. Dessa maneira, nosso relacionamento foi sendo pouco a pouco construído e a partir dele, foi possível que as pessoas envolvidas no jogo construíssem a sua verdade, ou a versão que dela quisessem fazer conhecer. A pesquisa representou, assim, à maneira da “*antropologia compartilhada*” de Jean Rouch, um “*etno-diálogo*”,

⁷⁸ Idem, pg. 24.

⁷⁹ Idem, pg. 25.

*“o conhecimento do observador não deve ser produto de um segredo roubado, mas de um processo contínuo de troca”*⁸⁰.

Assim, algumas considerações quanto ao produto final da pesquisa devem ser ainda relacionados. Depois de escrever o texto sobre a história de São Thomé das Letras, e de iniciar sua “devolução” aos informantes, fui levada a reconsiderar algumas questões, principalmente levando em consideração que, da mesma maneira que algo acontece quando da transposição da história escrita para as telas, também algo acontece quando transpomos informações das telas para o papel, através da escrita.

Um dos assuntos aventados durante as entrevistas relacionava-se à questão da ocorrência da lepra em São Thomé das Letras, que logo no início notei ser um assunto polêmico. Um dos informantes, (aliás o único) desmentiu tanto a ocorrência da lepra quanto do “papo”, ou bócio na cidade. Depois de nossa primeira entrevista, como era de praxe, levei-lhe uma cópia da fita, que assistimos juntos. Nessa ocasião ele reiterou suas informações, disse que era aquilo mesmo.

Quando levei-lhe o trabalho final, escrito, sua reação foi completamente diferente. Ao ver seu depoimento sobre aquele assunto, confrontado com outros, que o confirmavam, demonstrou um grande incômodo. No princípio, pediu que eu suprimisse aquela parte do texto (eu havia deixado claro que ele tinha total liberdade para alterar o que quisesse em suas palavras). Garanti-lhe que assim faria. Entretanto, o desconforto não acabou. Alguns dias depois ele entrou em contato comigo e pediu para que eu corrigisse a ortografia de suas palavras (que procurei manter o mais próximo possível da maneira como se fala): ele não queria parecer um ignorante aos olhos de quem lesse o trabalho. A questão do público o incomodava. Queria também que eu usasse um pseudônimo, pois ele não queria ser identificado. Passados mais alguns dias, ele voltou a me procurar e, muito sem jeito, disse que preferia que eu suprimisse totalmente sua fala do texto final, pois temia que, mesmo com o pseudônimo, as pessoas descobrissem quem ele era. Assim fiz. Quando imprimi cópias daquela parte, retirei completamente sua fala, e ele tranquilizou-se.

⁸⁰ Renato Sztutman, Jean Rouch e o cinema como subversão de fronteiras. In: *Sexta Feira – Antropologia Artes Humanidades*, São Paulo, Klick editora, 1997, cit. p. 28.

Outra reação ao texto escrito, quando de sua conferência apareceu em outros informantes, pois alguns, depois de lerem a história de São Thomé, naquelas páginas, optaram por um pseudônimo, mesmo que antes essa opção já lhes tivesse sido colocada, não havia sido, até aquele momento, adotada. Para estes, o problema se deslocava do *conteúdo* de suas falas (que não quiseram alterar) para a questão do *público*, não queriam ser identificados, mas queriam que seu conhecimento sobre o processo em questão ficasse registrado.

***O trabalho de campo em São Thomé das Letras:
de como as memórias se transformaram em história***

Minas Gerais, por sua extensão territorial, da diversidade dos hábitos inter-regionais, das diferentes economias e das múltiplas origens de seus povos oferece rico material em relação aos estudos históricos, pois ainda resguarda importantes núcleos culturais onde a memória construída por sociedades tradicionais ainda existe, ou melhor, resiste. A onda da *globalização* já ameaça engolfar, com suas águas poderosas, os locais onde o tempo ainda não sofreu, de todo, a *aceleração* característica das sociedades da era industrial e alguns velhos narradores ainda tem tempo para contar e platéia para ouvir. Entretanto, os efeitos do *progresso* já podem ser sentidos mesmo entre esses grupos ainda tradicionais, que, ao mesmo tempo em que assistem a rápida transformação das paisagens onde vivem, pela intervenção cada vez mais agressiva dos homens, conhecem, através de seus descendentes, um universo cultural que segue códigos e valores em muito já diferentes daqueles que aprenderam de seus antepassados.

Os “donos” do saber tradicional tendem, num crescendo, ao desaparecimento, na medida em que os velhos vão morrendo sem prepararem, entre seus descendentes aqueles capazes de transmitir seus valores para as novas gerações. Dessa maneira, importantes elos entre o passado e o futuro estão a ser rompidos, ou corrompidos pela fragmentação das experiências, como perceberam, nos anos 60, os pesquisadores dos países do “primeiro mundo”, que foram os primeiros a sentir os efeitos da devastação

cultural que veio na esteira do sistema capitalista. É chegado o momento para nós, de empreendermos nossos registros, e de criarmos nossos *lugares de memória*; de buscarmos entre as pessoas comuns aquelas que ainda guardam em suas memórias, importantes fragmentos de vidas de grupos que já não existem mais de forma autônoma, tendo se diluído pelos contatos múltiplos e sucessivos com o *progresso*, e, que tendem num crescendo a desaparecer, levando consigo importantes registros de uma época em que o mundo era bem diferente ⁸¹.

São Thomé das Letras, pelo isolamento que viveu até a década de 70, ainda conserva uma considerável tradição oral, que resguarda principalmente a narrativa sobre a origem da cidade. Conta ainda com um patrimônio cultural ainda não completamente devastado pela experiência da modernidade, mas que está “em vias de”.

A tradição oral ali, nas últimas décadas assumiu novas formas, a memória ganhou novos suportes; transformações ditadas pelas possibilidades de desenvolvimento econômico através do turismo, que passou a representar uma possibilidade a partir da década de 70, intensificando-se na década de 80. O turismo e a aceleração do ritmo da mineração nessas duas décadas geraram uma verdadeira explosão demográfica no centro urbano do município. Em 1970, a população urbana era de 631 pessoas, em 1980, esse número havia quase dobrado (1125 habitantes) e no ano de 1991 já estava mais que quintuplicada, a cidade já tinha 5700 habitantes ⁸². A sociedade tradicional, que até então podia ser considerada como um grupo coeso, quase hermético, em pouco tempo abriu-se a novas culturas e entrou em franco processo de reelaboração, a memória tradicional começava a esfacelar-se. Principalmente a partir da década de 70, a população local começou a conviver com símbolos de outras realidades diferentes e a incorporá-los também, nesse processo muito da cultura tradicional diluiu-se; os festejos, com o tempo, perderam seus significados tradicionais, as festas sagradas adquiriram

⁸¹ Ver a respeito dos *lugares de memória* em relação ao esfacelamento da memória tradicional no artigo de Pierre Nora, já citado.

⁸² Ver *anexo n. 3*, no final da dissertação, que contém uma tabela com os números da população de São Thomé das Letras de acordo com os dados dos diversos censos realizados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

caráter profano e modificaram seus enredos, sempre com vistas a acolher os turistas, que levam o dinheiro até o alto da serra ⁸³.

Nos trinta anos que nos separam da sociedade que ali vivia sem luz elétrica, tendo apenas contatos esporádicos com o mundo moderno, muita coisa mudou. A tradição oral é ainda hoje repetida, com riqueza de detalhes pelos mais velhos, e de forma lacônica pelos mais jovens. A diferença se dá porque para os mais velhos, contar e recontar histórias era uma forma de lazer, em momentos que compartilhavam com outros, que também contavam e recontavam aquelas mesmas histórias: o hábito representava um importante traço de sua identidade grupal; para os mais novos, constitui um dos “produtos” que a cidade pode oferecer para os turistas.

A tradição oral em São Thomé das Letras é uma das atrações turísticas, ou foi nos primeiros tempos do turismo, nas décadas de 1970, 1980. Atualmente a narrativa sobre a origem já foi reelaborada e colocada sobre outros suportes, não depende mais do narrador para circular entre os visitantes. Ela está presente, transformada em escrita, nos guias turísticos e nos folhetos de propaganda que a prefeitura distribui; já foi também representada e registrada em um vídeo, vendido aos turistas por um dos donos de pousada que em São Thomé das Letras fixou residência ⁸⁴.

Diante deste panorama, de intensa transformação, os registros audiovisuais dos momentos de rememoração representam o intuito de transportar as memórias individuais para um suporte permanente, construindo um tipo de *memória artificial*, videográfica. Pela materialidade do suporte, a memória artificial, nesse caso eletrônica, favorecerá a manutenção das identidades individuais, e através dela, da coletiva. As identidades têm na memória seu elemento essencial, que deixa de estar (em alguns fragmentos) em

⁸³ A tradicional Festa de Agosto, que acontece todo ano, seguramente desde o início do século, é um dos exemplo mais expressivos das transformações imprimidas à sociedade tradicional, desde que os contatos com o mundo “moderno” passaram a ser mais intensos. Na *fit* n. 2 do acervo registra a entrevista com os realizadores do filme documentário *Sam Thomé Sobre a Pedra o Homem*, realizado na primeira metade da década de 80. Nessa ocasião eles projetaram a película, que trazia, entre outros aspectos da vida local, a Festa de Agosto, que naquela época ainda tinha procissão que seguia um andor carregando a imagem de São Tomé. Já nas fitas n. 18 e 19, registrei em vídeo a festa no ano de 1998. Uma das grandes ausências no registro mais recente é a procissão, impedida de circular pelas ruas em função do grande número de barraqueiros e pessoas que lotam a cidade durante os três dias da festa.

dependência exclusiva da existência dos narradores: depois do registro, sua continuidade - parcial, é verdade – fica assegurada.

A busca da identidade, seja individual ou coletiva é uma das atividades fundamentais dos indivíduos das sociedades nos dias de hoje. Jacques Le Goff aponta que *a memória coletiva não é somente uma conquista, mas um instrumento e objeto de poder*, cabendo aos profissionais da memória (antropólogos, historiadores, jornalistas) *fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários*. Nesse sentido, *a memória do homem comum deve emergir do vasto conhecimento não-oficial, não institucionalizado, que ainda não se cristalizaram em tradições formais, que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros ou de indivíduos, contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos (...) devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens* ⁸⁵.

Nesse sentido, a metodologia proposta para a elaboração dos registros, ao tomar como árbitro consciente da construção dos documentos o próprio narrador, ou sujeito que rememora, age na direção apontada por Le Goff. Além disso, o vídeo multiplica e democratiza a memória, permitindo à tradição oral renascer sob uma nova forma, estabilizada em um suporte permanente - considerando-se que o que ficou estabilizado, na verdade é a memória humana, com toda a carga de imprecisões e deformações que lhe são inerentes. A percepção dessas deformações podem conduzir a importantes elucidações no processo de transformação da memória em história.

O estudo da história de São Thomé das Letras, que pretendia seguir como fio condutor a extração do quartzo, somente foi possível a partir do momento em que incorporou, nos quatro grandes momentos da pesquisa (inserção, produção dos documentos audiovisuais, análise e síntese) as múltiplas dimensões do vivido naquele local, que teve condições de acesso em função de uma atitude metodológica básica: a

⁸⁴ O vídeo *São Thomé das Letras – A Missão* foi produzido por Oriental Luís Noronha. A versão sobre a origem da cidade veiculada pela prefeitura está transcrita no corpo do trabalho, na Segunda arte desta dissertação, especificamente naquela que versa sobre a origem de São Thomé das Letras.

⁸⁵ Jacques Le Goff. *Memória*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa. Impresso na Casa da Moeda, 1984. Cit. na Conclusão.

disponibilidade temporal para uma convivência cotidiana relativamente longa com os informantes ⁸⁶. A importância que dei a essa atitude decorre do entendimento segundo o qual “*no seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória. Cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido cotidiano da história, um objeto científico*” ⁸⁷.

Especificamente em relação à pesquisa em São Thomé das Letras, ao transformar as memórias em história, adotando o instrumento de vídeo como intermediador neste processo, dois aspectos da memória local sobressaíram, merecendo especial atenção:

I – *Memória mítica*: considerada como toda narrativa que extrapolasse a experiência do narrador, principalmente nos momentos em que ele servia de veículo de comunicação da experiência de seus antepassados, assumindo sua condição de elo na transmissão dessa experiência;

II – *Memória histórica*: relacionada à experiência do narrador, especialmente quando contemplou aspectos do cotidiano e das transformações sociais que acompanhou ao longo de sua vida. Nessa categoria da memória, por causa das especificidades dos objetivos da pesquisa, mereceram especial atenção a *memória técnica*: especificamente em relação aos comportamentos técnicos segundo os quais acontecem a extração e utilização do quartzito sericítico; a *memória do cotidiano*: por envolver a memória técnica, fornecendo-lhe o contexto e a *memória oficial*: aquela produzida por instituições, que ofereceram, no conjunto, um contraponto para construir a história local.

A reconstrução, através dos registros audiovisuais, dessas dimensões da memória, somente foi possível com a colaboração de *redes de informantes*

⁸⁶ Permaneci por aproximadamente um ano em contato quase cotidiano com os informantes em São Thomé das Letras, período sendo que por dez meses mantive uma casinha alugada na cidade.

⁸⁷ Jacques Le Goff. A história do cotidiano. In: Duby, Georges et alii. *História e Nova História*. Lisboa Teorema, 1986. Cit. p. 80.

diferenciadas, que exigiram por sua vez, métodos diferenciados tanto na abordagem quanto na construção dos documentos na forma de videogramas.

As especificidades do processo de transformação da técnica material foram construídas ao longo dos mais de dois séculos que separam a origem do povoamento no alto da Serra das Letras de seu presente imediato, sendo que as transformações mais expressivas em relação ao *comportamento técnico* dos mineradores têm, no máximo 30 anos e foram determinadas por interferências vindas “de fora”. A primeira grande transformação aconteceu com a introdução de máquinas pesadas nas pedreiras. A segunda, que não representa ainda propriamente uma transformação na técnica, mas no comportamento técnico⁸⁸, compreende a adoção de uma série de procedimentos desde que a fiscalização passou a averiguar denúncias feitas junto aos órgãos ligados ao meio ambiente, introduzindo novas preocupações de dimensão técnica ainda não no método de lavra, mas no manejo do rejeito gerado pela atividade.

Por isso os informantes da pesquisa não se restringiram aos mineradores e, durante o trabalho de campo, outras redes foram estabelecidas: à história da técnica de extração do quartzito, outras histórias se juntaram. Foram construídas basicamente três redes: a primeira composta pelos mineradores, mais especificamente por aqueles que mineram atualmente na área denominada Patrimônio; a segunda contemplou pessoas que chegaram a São Thomé das Letras principalmente a partir da década de 70, por intermédio do turismo: *hippies*, ou *ex-hippies* e esotéricos e a terceira, que privilegiou as instituições que atuam ou já atuaram no local.

A formação das redes de informantes

A metodologia proposta para o desenvolvimento da pesquisa baseou-se fundamentalmente nas relações que pouco a pouco se estabeleceram entre minha pessoa e aquelas que informaram a pesquisa, e teve como premissa metodológica básica

⁸⁸ Considero como comportamento técnico os procedimentos que envolvem a atividade, dos quais a técnica que se usa na extração, em seus vários momentos, é apenas um dos elementos. O comportamento técnico é algo maior, envolve um conjunto de técnicas.

minha disponibilidade temporal com vistas à construção dessas relações. Durante o convívio prolongado, minha inserção, em São Thomé das Letras fazia-se na mesma medida da inserção dos informantes ao contexto da investigação, estendendo-se durante o período em que nossas relações eram *construídas*. Nesse processo, foram eles, em grande proporção, que ditaram o ritmo dos encontros, pois, como bem aponta Alessandro Portelli, quando realizamos uma entrevista, “*invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo*”⁸⁹. É portanto, de extrema importância que essa relação aconteça de forma a respeitar cada indivíduo, naquilo que ele tem de particular e naquilo que ele compartilha com seu grupo. A seleção partiu, na maioria dos casos, de indicações pessoais, levando sempre em consideração a disponibilidade, aceitação e disposição da pessoa indicada em contribuir com a pesquisa; por meu lado, tentava sempre criar um ambiente onde o informante se sentisse à vontade para dizer e/ou mostrar aquilo que ele acreditava ser verdade, agindo de forma consciente, impondo ele mesmo os limites em relação aquilo que falava, mostrava ou representava.

Os informantes da pesquisa, como já foi colocado, não se limitaram aos mineradores. Outras pessoas foram procuradas no intuito de buscar subsídios que permitissem relacionar as transformações no comportamento técnico dos mineradores a seus momentos históricos; para isso era importante conhecer outros olhares e outras vivências inseridas no mesmo processo. Assim pretendia-se *fazer o cerco* ao objeto privilegiado na investigação – a técnica de extração dos quartzitos, e suas transformações ao longo do tempo.

Entre as muitas pessoas que *poderiam* ter se transformado em informantes da pesquisa, algumas foram selecionadas na medida em que suas vivências permitissem meu acesso tanto à tradição cultural de São Thomé das Letras como às novidades que foram incorporadas a essa tradição, a partir da convivência dos diversos atores sociais que a cidade passou a abrigar depois de sua “abertura” ao mundo moderno, levando também e principalmente em conta suas disposições em participar.

⁸⁹ Alessandro Portelli. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, n. 15, São Paulo, Educ, 1997, cit. p. 21.

Nessa perspectiva saí em busca de pistas que pudessem apontar os possíveis informantes, e o primeiro contato realizado foi com a *Coopedra – Cooperativa dos Extratores de Pedras do Patrimônio de São Thomé das Letras*, que desde o ano de 1994 reúne mineradores que lavram na área urbana denominada Patrimônio. As pedreiras do Patrimônio localizam-se no interior do perímetro que contempla uma área doada provavelmente pela família Junqueira para a construção do arraial de São Thomé das Letras, ainda no século XVIII; até o ano de fundação da cooperativa tal área “pertencia” à Igreja ⁹⁰. Acreditava que ela seria um bom ponto de partida para minha inserção junto aos mineradores, então, o primeiro contato realizado foi com o Sr. Daniel Antônio Furtado, que era o presidente. Expliquei-lhe os objetivos da pesquisa, salientando que desejava gravar em vídeo a técnica de extração do quartzito, em sua forma atual e também, se possível, registrar a(s) técnica(s) antiga(s) de extração, praticada(s) antes da inserção das máquinas na atividade. Disse-lhe que queria através desses registros, estudar a história da cidade, mas a história que estava na memória das pessoas dali, e não a história que poderia existir em documentos escritos, mesmo porque, em relação ao método de lavra do quartzito, eles eram praticamente inexistentes. Justifiquei a existência do fio condutor por se tratar de uma atividade que cobria todo o período histórico dali, pois foi com a rocha que os colonizadores, no alto da serra, construíram as suas casas e templos. Expliquei-lhe detalhadamente os passos da pesquisa, de acordo com a perspectiva de Claudine de France em relação ao *filme de exploração*, ou seja, que não se tratava de chegar, observar as ações dos homens nas pedreiras, escolher os melhores ângulos, fazer as tomadas e editar um filme de exposição sobre as técnicas de mineração do quartzito; eu não estava ali para fazer uma reportagem para a TV, como ele logo supôs quando eu lhe disse que gostaria de filmar nas pedreiras. O filme seria construído durante os encontros com os mineradores, tendo nesses seus principais orientadores: seria um contato prolongado, que ultrapassaria a primeira visita. Pouco a pouco o Sr. Daniel tomava ciência acerca de meus objetivos, e, depois de várias

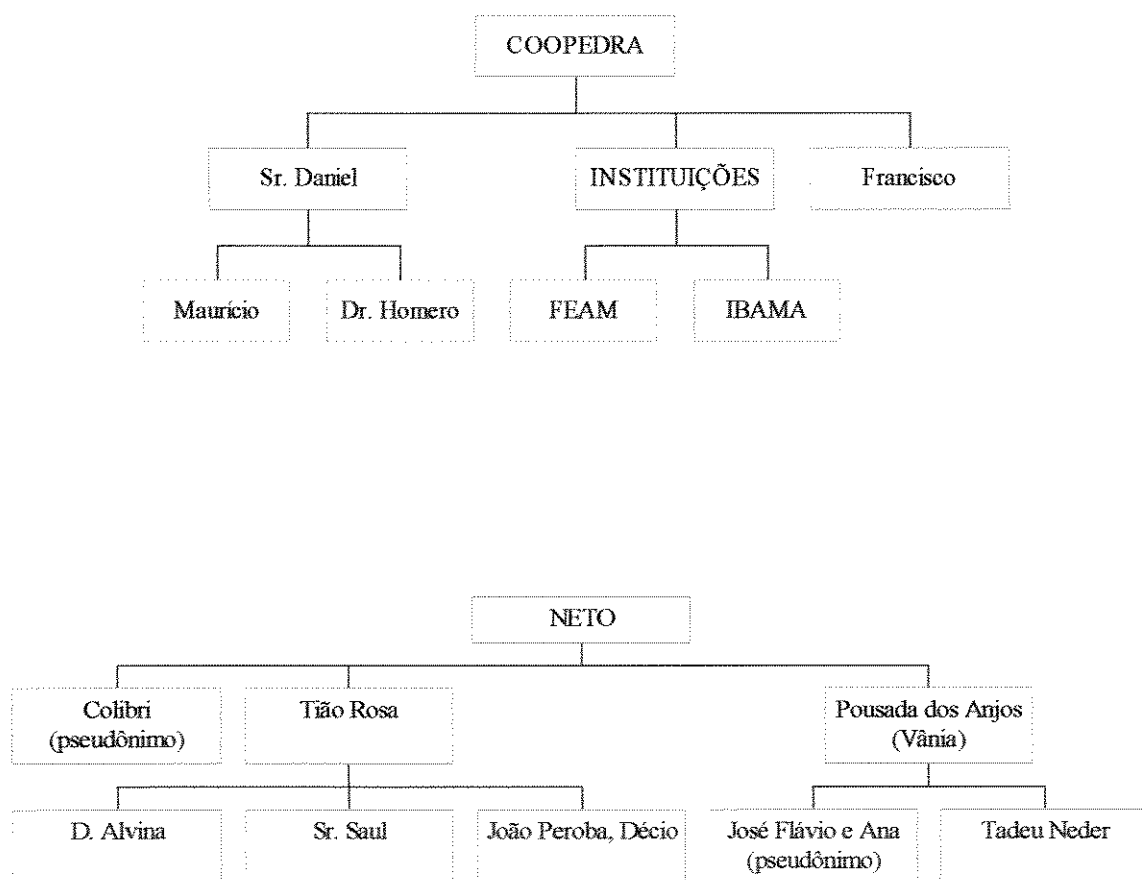
⁹⁰ A questão da propriedade do terreno onde foi construído o arraial de São Thomé das Letras, será esclarecida na Segunda Parte desta dissertação. No *anexo 4* encontram-se transcritos do *Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Thomé das Letras*, iniciado em 1903 e encerrado em 1996 todas as passagens que se referiram às pedreiras naquela área.

perguntas, certificando-se mais uma vez sobre o acesso deles às gravações - eles conheceriam todo o material que fosse produzido, prometi-lhe - pediu-me que, quando eu ali retornasse para gravar, se seria possível fazer também uma fita para ele, registrando algumas áreas que ele gostaria de mostrar à FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente, que faz a fiscalização na área mineratória. Garanti-lhe que gravaria a sua fita, e nos despedimos: “até a próxima...”. Estava dado o primeiro passo no sentido de minha inserção entre os mineradores da Coopedra, e um ponto, que iria caracterizá-la (pois aconteceu em outras ocasiões) já começava a se delinear: seria uma relação baseada num tipo de *troca*: eles me ajudariam a alcançar meus objetivos de pesquisa e, em contrapartida, esperavam ter também junto a mim, o espaço para a colocação de suas demandas.

Esse contato abriu a primeira via de constituição de uma rede de informantes: a dos mineradores do quartzito, restritos no âmbito da pesquisa, àqueles que lavram nas Pedreiras do Patrimônio, e das instituições envolvidas na atividade.

Além deles, era fundamental encontrar pessoas que pudessem oferecer um contraponto a abordagem que estes faziam do processo estudado. Nesse sentido, Neto, uma das primeiras pessoas “*de fora*” que conheci quando cheguei a São Thomé das Letras foi uma pessoa fundamental, pois apontou, entre outras, duas vias, que se revelaram frutíferas. Apresentou-me ao Tião Rosa, um dos narradores ainda vivos, herdeiro da tradição de sua família, que foi uma das primeiras a chegar a São Thomé das Letras como “escravos do Barão” e indicou-me a Pousada dos Anjos como um local onde eu poderia ter acesso a fotos antigas da cidade, pois seu dono é fotógrafo. Neto agiu, com essas importantes indicações como um verdadeiro “*facilitador*” em relação à minha busca de informantes. Tião Rosa abriu-me uma importante via ao indicar os anciãos D. Alvina e Sr. Saul, depositários da memória mais longínqua. Na Pousada dos Anjos, por seu turno, conheci Vânia, que disse ser uma das primeiras “*hippies*” que frequentava São Thomé das Letras, abrindo igualmente, uma importante via de investigação com a indicação do casal José Flávio e Ana (pseudônimos) e de Tadeu Neder.

A construção das redes de informantes podem ser melhor visualizadas através do seguinte esquema:



A esses mais alguns se juntaram, e não foram inseridos nos esquemas porque sua inserção na pesquisa não aconteceu através de indicações. São eles: Sérgio Amzalac, realizador do filme *Sam Thomé, sobre a Pedra o Homem*, que tive notícia através da imprensa; Marica, que espontaneamente se ofereceu como informante; Ana Branco, abordada quando contatei a Sociedade Brasileira de Eubiose, em São Thomé das Letras; Sr. Hilton, apresentado pela Ni, não incorporando propriamente uma das redes e

finalmente as instituições: Escola Estadual José Cristiano Alves e IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), que realizou, em 1984, um processo para o tombamento de uma área em São Thomé das Letras. A área seria a Igreja da Matriz e um perímetro definido como centro histórico. Entretanto, a publicação do tombamento saiu com erros: no lugar de tombar a Igreja Matriz, tombou-se a Igreja do Rosário. Dez anos depois, outro processo tombava a Igreja matriz e o centro histórico, ficando assim sob a proteção do patrimônio os dois templos e os dois perímetros.

Nesse momento, cabe considerar os informantes, alocando-os em novas redes, não mais segundo o critério de indicação, mas de acordo com os temas que informaram. Depois disso, o leitor terá uma dimensão mais ampla de suas contribuições específicas na construção do conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras, como a poder identificar os tecidos maiores, de onde os fragmentos de memória que informaram a história foram seccionados, como retalhos a compor a intrincada colcha da *identidade* local.

Nessa nova configuração, as redes ficaram da seguinte maneira:

Rede 1 - informantes do comportamento técnico: mineradores e instituições ligadas à fiscalização ambiental;

Rede 2 - pessoas que chegaram a São Thomé das Letras principalmente a partir da década de 70, vivenciando o momento de “abertura” da sociedade tradicional à modernidade. Nessa rede estão incluídas a Sociedade Brasileira de Eubiose e também o IEPHA.

A escola, que foi uma importante fonte de informações não está inserida em nenhuma dessas duas redes, entretanto, é considerada como informante porque construiu, com criatividade, uma síntese da história de São Thomé das Letras ⁹¹.

⁹¹ A síntese pode ser vista no anexo videográfico *Audiovisualidades*: “7 de setembro de 1998”.

Rede 1
informantes do comportamento técnico

1) mineradores:

Sr. Daniel: Foi o segundo presidente da cooperativa, possui um banco na área do Patrimônio e vive num sítio na zona rural de São Thomé das Letras, onde nasceu e sempre viveu. Foi ele que me introduziu no universo das pedreiras o Patrimônio, revelando-me os primeiros conhecimentos sobre a situação da mineração, apontando assim, importantes vias de investigação.

Maurício⁹²: Trabalha como *braço de fogo* (*blaster*) da cooperativa. É ele que acende os cordéis que detonam os explosivos utilizados pelos mineradores da Coopedra. De acordo com as exigências legais, tem a licença para trabalhar nessa função. Quando a fiscalização do IBAMA chegou por ali, embora ainda não tivesse a licença, já trabalhava com explosivos, atividade que aprendeu na prática. Sua família imigrou de Aiuruoca/MG para São Thomé das Letras entre os anos de 40 e 50: foram trabalhar nas pedreiras.

Seu trabalho como “*blaster*”, técnico especializado que manipula os explosivos, representa o esforço de normatização da atividade mineratória, necessário à continuidade da atividade a partir do momento em que a fiscalização do IBAMA chegou até ali. A fundação da cooperativa trouxe consigo uma série de exigências: entre as que contemplavam a utilização dos explosivos, o *prático* teria que ser substituído pelo *técnico*. Assim Maurício foi enviado a Belo Horizonte para fazer um curso e conquistar sua “carteirinha”. Embora tenhamos nos encontrado inúmeras vezes na pedreira, estivemos em situação de entrevista apenas uma vez. Nosso encontro foi registrado em fita cassete e, nessa ocasião segui um roteiro previamente elaborado.

⁹² Fita n. 4 do acervo de cassetes.

Dr. Homero⁹³: Advogado, mora em Elói Mendes e trabalha alguns dias por semana na Coopedra. Sua participação mais efetiva na pesquisa aconteceu quando o Sr. Daniel não era mais presidente, lugar então ocupado pelo Francisco. O Dr. Homero foi um informante fundamental quanto a história da Cooperativa, desde a aquisição da área do Patrimônio através de um processo de usucapião movido contra a Diocese de Campanha, em 1994, até os dias de hoje, em relação aos aspectos legais das atividades da cooperativa, inclusive em relação à compra e manipulação de explosivos.

Embora tenhamos nos conhecido logo que contatei a Coopedra, quando ainda iniciava minha inserção, somente depois de dois anos ele se dispôs a me conceder a entrevista. Desde nosso primeiro encontro, pedi sua colaboração, apontando-lhe a importância de seus conhecimentos para que eu conhecesse a história da cooperativa. Ele mantinha reservas, por vezes esquivou-se quando eu tentava marcar uma data, sem no entanto descartar sua possível participação na pesquisa. Eu aguardei, pois esperava que ele mesmo escolhesse o momento.

Este veio dois anos depois⁹⁴, quando o Sr. Daniel já não era mais presidente da cooperativa. Ele mesmo me chamou, e marcou a data, dizendo que estariam também presentes o Francisco, então presidente, e o Décio, vice-presidente.

Para esta ocasião elaborei um roteiro simples, que contemplava a trajetória da cooperativa, desde sua fundação, em 1994 até os dias de hoje. Mais uma vez (pois não foi a única *entrevista grupal*), a entrevista em grupo demonstrou ser uma importante forma de abordagem: um puxava pela memória do outro, estabeleciam relações entre acontecimentos, datas e ações, compondo um quadro rico em informações.

A entrevista foi registrada em vídeo e cada um dos participantes, à sua maneira fez sua *mise-en-scène*. Francisco, muito tímido, escolhia as palavras e perdeu completamente a espontaneidade defronte à câmera. Décio, que já havia participado de várias situações de registro e de restituição, não demonstrou incômodos por estar sendo gravado.

⁹³ Fita n. 36 do acervo audiovisual.

⁹⁴ Nos conhecemos em outubro de 1996, através do Sr. Daniel, e a entrevista aconteceu em novembro de 1998.

O Dr. Homero, talvez por ter determinado o momento daquele encontro instrumentalizado, além de demonstrar grande segurança em sua fala, já trazia consigo documentos que lhe auxiliaram a contar a história da cooperativa: sua *mise-en-scène* foi planejada, e, como eu havia previsto, ele fez seu momento.

Tião Rosa: Ele foi um informante muito expressivo, sua vivência pode ser considerada como uma síntese entre o tradicional e o novo no interior da comunidade de São Thomé das Letras. Ele vivenciou, trabalhando com seu pai, os primeiros momentos da “*indústria da pedra*”, e se relacionou com os novos habitantes que chegaram na década de 70. Falou sobre os *hippies* e *harecrishnas*, alguns dos quais se transformaram em seus amigos. Ele é, por isso, um importante testemunho desse momento de encontro cultural, aprendia novos hábitos com eles e por vezes os introduzia na vida de São Thomé, inclusive no trabalho nas pedreiras. É dono de um grande conhecimento tradicional, que aprendeu com seus antepassados. Conta com orgulho que ele representa a quinta geração de uma família de escravos levada até o alto da serra pelo Barão. Seus antepassados vieram de São João del Rei, e da *Fazenda “Fim do Mundo”*, “*pra lá do Sobradinho*”, que também era do Barão. Através dele outros informantes também foram incorporados. Ele, grande conhecedor daquela realidade, indicou outras pessoas: o Sr. Saul, como minerador mais velho; D. Alvina, benzedeira e conhecedora dos mistérios. Além dos dois anciãos, através dele conheci Décio e João Peroba, personagem expressivo no meu aprendizado sobre as técnicas de extração atuais, que pacientemente se prestou a participar do processo da pesquisa exploratória, e a orientar os registros em suas diversas fases.

Os conhecimentos que me transmitiu extrapolaram a questão da mineração, Tião completou sua *mise en scène* no contexto da pesquisa me introduzindo naquilo que ele chama de *misticismo* de São Thomé, que corresponde aos ecos que traz em si de um saber muito antigo, cultivado por seus antepassados.

Foi através de Tião Rosa que uma importante dimensão quanto a “troca”, ou a restituição da pesquisa à comunidade estudada foi colocada. Ele, João Peroba e o Décio

aceitaram representar a técnica antiga de extrair os quartzitos em troca de eu lhes ajudar a conseguir um licenciamento ambiental para reconstituir uma área degradada pela mineração⁹⁵.

Sr. Saul⁹⁶: Ele nasceu em São Thomé das Letras há oitenta anos atrás, e lá viveu toda sua vida. Ele foi indicado pelo Tião Rosa como o minerador mais velho, conhecedor de técnicas antigas. Vivenciou, entre outros, um importante momento da história local, quando houve a intensificação da extração das pedras. Até então, relembra, as pedras eram extraídas em pequena escala, servindo somente para usos na própria localidade. Foi testemunha de uma época em que ainda não utilizavam explosivos nas pedreiras, e as rochas eram “rachadas” com choque térmico. Além da dimensão técnica, o Sr. Saul foi um importante informante quanto as transformações impressas aos modos de vida em São Thomé das Letras, testemunhou o encontro entre os diferentes atores sociais que passaram a conviver no alto da serra principalmente a partir da década de 70.

Cheguei sozinha a sua casa, me apresentei e disse que ele havia sido indicado por diversas pessoas como o mais antigo minerador de São Thomé das Letras. Expliquei-lhe detalhadamente os objetivos da pesquisa, e ele não fez qualquer objeção ao registro videográfico. Gravamos duas entrevistas, a primeira já em nosso primeiro encontro. Na segunda visita, entreguei-lhe uma cópia da primeira, que assistimos juntos; depois gravamos novamente, ocasião em que alguns pontos tocados na entrevista anterior formam aprofundados.

Perguntei-lhe, logo no nosso primeiro encontro, se ele tinha fotos antigas. Ele disse que não, explicando que antigamente as pessoas que moravam ali não tinham o hábito de fotografias: as fotos eram feitas por *retratistas* de fora, principalmente durante as festas. Apresentei-lhe uma pasta contendo algumas fotos, que ele viu, com curiosidade, mas que pouco comentou. Seu depoimento foi mais expressivo na ausência das fotos.

⁹⁵ A experiência da “troca” será considerada em detalhes na partes que seguem.

⁹⁶ Fita n. 23 do acervo audiovisual.

João Peroba: sua participação na pesquisa se restringiu a informante da técnica atual de extrair o quartzito e dos problemas ambientais por ela gerados. Participou ativamente da pesquisa exploratória, e foi em grande parte responsável por meu entendimento quanto as diversas fases da extração, orientando paciente e detalhadamente os registros.

Décio: Foi o vice presidente da cooperativa na gestão do Francisco. Suas informações foram expressivas, pois além de deter o conhecimento técnico atual, conhece a que foi imediatamente anterior ao atual. Ele foi, junto ao Tião Rosa e João Peroba, um dos proponentes da representação do passado e da *troca*, na forma de intervenção em uma área de preservação permanente. Além disso, forneceu, na entrevista junto ao Dr. Homero e Francisco, importantes detalhes da história da cooperativa.

2) instituições:

Coopedra: representa, no processo histórico de São Thomé das Letras, o momento de normatização da atividade mineratória em área urbana.

FEAM - Fundação Estadual de Meio Ambiente: A atuação da FEAM, que faz visitas periódicas à área de mineração em São Thomé das Letras, foi registrada em alguns eventos abertos ao público. O primeiro deles aconteceu depois do Sr. Daniel me informar, em um de nossos primeiros encontros, que haviam ido alguns alemães a São Thomé das Letras. Esses alemães foram até ali para levar um projeto relacionado com a extração dos quartzitos, que seria realizado em parceria com a FEAM.

Conheci o projeto *Minas Ambiente* em Belo Horizonte, em novembro de 1997. Este envolvia as seguintes instituições:

CETEC - Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais

CDTN - Centro de Desenvolvimento de Tecnologia Nuclear

DESA - Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental/UFMG

FEAM - Fundação Estadual do Meio Ambiente

FIEMG - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

EE UFMG - Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais

GTZ - Deutsche Gesellschaft für technische Zusammenarbeit / GmbH

SEBRAE MG - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais

O objetivo do projeto, de acordo com seu material de divulgação é *contribuir com as indústrias no sentido de buscarem processos tecnológicos limpos e alternativas ambientalmente corretas, através da reunião de informações sobre o estado da arte da tecnologia e da disponibilização, ao empresariado interessado, de conhecimentos, tecnologias e soluções para uma produção economicamente viável e ambientalmente corretas*. O projeto contava três fases: *diagnóstico* (ambiental do setor em MG); *estado da arte* (situação nacional e internacional); *alternativas e plantas piloto* (alterações nos projetos industriais, emissões atmosféricas - efluentes líquidos - resíduos sólidos), e contemplava, além da mineração da pedra são tomé, as produções de ferro gusa, laticínios, galvanoplastia, têxtil e mais 3 projetos em áreas administrativas.

Os estudos sobre a pedra são tomé foram coordenados e apresentados em uma palestra por Leonora Dechamps, engenheira química, funcionária da FEAM e Sérgio Viana, engenheiro de minas, consultor na área de gestão de resíduos. A palestra fazia parte das atividades do Simpósio, onde foi veiculado o parecer técnico sobre a extração: diagnóstico, busca de métodos de lavra que gerem menos rejeito, e projetos para a deposição de rejeito.

O registro desse evento foi importante na medida em que colocam em perspectiva além do conhecimento técnico construído pelas instituições sobre a mineração em São Thomé das Letras, os tipos de relação que elas mantêm com a população local, em específico com os mineradores; não pude deixar de observar que a

relação é extremamente distante, e que o *envolvimento* das instituições nas realidades que elas fiscalizam era, à época dos registros, bastante precário⁹⁷.

Além desse evento, outro foi registrado, quando da realização em São Thomé das Letras do *II Seminário Mineração e Meio Ambiente*⁹⁸, que reuniu as diversas instituições que atuam na área em uma mesa coordenada por uma representante da AMDA – Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente. Esse evento reforçou minha primeira impressão sobre a postura de distanciamento das instituições com as pessoas envolvidas na mineração em São Thomé das Letras. Compareceram ao seminário alguns poucos médios e grandes mineradores. A mesa foi eminentemente composta por representantes das instituições e não houve espaço para que o minerador se colocasse. O evento, aberto ao público, foi realizado com a participação da Prefeitura Municipal de São Thomé das Letras, Promotoria Pública do Estado de Minas Gerais e Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente.

As mesas foram compostas por autoridades, contando com a presença do Prefeito, do Promotor de Justiça de Baependi, comarca a qual pertence São Thomé das Letras, da AMDA, do superintendente de Política Ambiental da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, do Departamento Nacional de Produção Mineral, da FEAM, do Ministério do Trabalho e do Exército.

Nenhum minerador foi convidado para compor a mesa, não tiveram, nesses dois eventos registrados, direito à fala, como a reiterar a importância das metodologias de pesquisa da história oral e da antropologia filmica por darem vez e voz àqueles que de outra maneira permaneceriam ausentes da produção de documentos. As ações institucionais são impostas de cima para baixo, não havendo um trabalho de conscientização da população diretamente envolvida no processo de exploração dos recursos naturais. Estes não podiam nem mesmo se pronunciar, pois apesar do espaço ser aberto, não havia tempo, as palestras foram feitas “à toque de caixa”, tinham pressa

⁹⁷ I Encontro de Negócios e Simpósio de Tecnologias Limpas – Minas/Alemanha, 27/11/97. *fitas n. 4 e* Palestra FEAM, *fitas n. 5* do acervo audiovisual. II Seminário Mineração e Meio Ambiente *Fitas n. 25, 26 e 27*, do acervo audiovisual.

em terminar o encontro. Pergunta-se; o que se aproveitou do evento, ou melhor, *quem* aproveitou o evento?

IBAMA – Instituto Brasileiro de Amparo ao Meio Ambiente⁹⁹: Em um dos períodos de permanência em São Thomé das Letras vi transitando pela rua uma frota de carros do Ibama e da polícia florestal. Abordei o grupo em um restaurante, onde eles haviam parado para almoçar. Apresentei-me rapidamente e marcamos um encontro para a noite, na pousada onde estavam hospedados.

Fui encontrá-los em uma pousada que pertence ao dono de uma mineradora. A equipe, composta por oito pessoas se reuniu comigo na sala, e fiz-lhes uma explanação geral da pesquisa, do estágio em que esta se encontrava e propus um registro em vídeo, que contemplasse a trajetória da atuação do IBAMA em São Thomé das Letras. Minha presença ali, entre os “homens da lei” causou certa inquietação no dono da pousada, que tentava a todo custo descobrir o que conversávamos, por vezes não conseguindo disfarçar sua curiosidade.

Marcelo Ferreira Guimarães, chefe do escritório do IBAMA , em Lavras, dispôs-se a “depor” e marcamos para o dia seguinte, pela manhã, um encontro na Coopedra. Depois de rodar com eles durante a manhã toda, finalmente o momento do registro. A *auto mise en scène* de Marcelo foi precisa em sua construção, ele compôs o cenário, *tramou* a situação: a pedreira ao fundo, os carros da Polícia Florestal e do Ibama estrategicamente estacionados, ele à frente, com o microfone nas mãos, a responder as perguntas que compunham o *roteiro* da entrevista, que ele fez questão de conhecer com antecedência.

Nunca mais nos encontramos e enviei-lhe uma fita com cópia da entrevista pelo correio, conforme havíamos combinado.

⁹⁹ Fita n. 13 do acervo audiovisual.

Rede 2

peças e instituições que chegaram a São Thomé das Letras principalmente a partir da década de 70, vivenciando os momentos de abertura da sociedade tradicional à modernidade.

1) pessoas “de fora”

Ana Branco¹⁰⁰: representando a Sociedade Brasileira de Eubiose, que tem sede em São Thomé das Letras desde a década de 1930; seu depoimento foi valioso no sentido de esclarecer muitas das histórias que se relacionam a São Thomé das Letras, principalmente histórias místicas. Seu discurso, embora revelador, foi pontuado, ou melhor, censurado: nem tudo o que eu queria saber pode ser revelado, pois eram conhecimentos que compõe os segredos que somente são transmitidos por aqueles que passam por um processo de iniciação na doutrina eubiótica.

Vânia¹⁰¹: Conheci-a através de uma indicação do Neto, na Pousada dos Anjos eu encontraria fotos de São Thomé das Letras. Ela e Adelaide, que me receberam na Pousada dos Anjos, não foram informantes, propriamente ditas, mas assim como o Neto e o Sr. Daniel, *facilitadoras* de minha inserção juntos aos informantes que constituiriam a rede das “*peças de fora*”, entre as quais foram selecionados José Flávio como informante e Tadeu Neder, que cedeu seu rico acervo fotográfico.

Em nosso primeiro encontro, convidaram-me para assistir uma sessão de slides, na noite seguinte. Através deles, a maioria de amigos seus, contaram alguns dos muitos encontros que tiveram lá.

As duas vivenciaram, junto às pessoas que indicaram, os inícios da década de 1970 em São Thomé das Letras. Todos eles são de Três Corações. Naquela época houve uma *invasão de hippies*, termo por elas empregado, no alto da serra. Ultrapassaram a

¹⁰⁰ Fita n. 37 do acervo videográfico.

¹⁰¹ Fita n. 15 do acervo videográfico.

condição de observadoras daquele momento, apresentando-se, junto a outras pessoas, como responsáveis por aquela “invasão”: Vânia e alguns amigos promoveram, nos idos de 1973, o *Festival do Som* em sua cidade de origem. Fizeram a propaganda do evento através de cartazes que colavam nas traseiras de ônibus e caminhões que transitavam pela rodovia Fernão Dias ¹⁰². foi para vários lugares do país. O resultado dessa estratégia foi uma verdadeira “invasão de *hippies*” em Três Corações, durante o festival. Muitos desses, depois do término do evento, ficaram por ali mesmo, e “infestavam” a cidade; vários deles subiram a serra: alguns por lá ficaram, outros passaram a ser frequentadores assíduos e levaram para lá inúmeros visitantes, pois começaram a falar do local para seus conhecidos.

A partir desse contato mais um elo com o passado de São Thomé das Letras pode ser construído, sob um novo olhar: o olhar daqueles que haviam chegado durante a década de 70, que passaram, a partir daí, a constituir uma forte característica da identidade local, pois não há quem caminhe pelas ruas da cidade sem “cruzar” com pessoas cujas aparências remetem imediatamente aos *hippies*¹⁰³.

José Flávio e Ana (pseudônimos) ¹⁰⁴: José Flávio esteve diretamente envolvido com a programação do *Festival do Som* de 1973. Já conhecia São Thomé das Letras de algumas visitas anteriores. Diz ser o primeiro *hippie* a morar na pequena cidade, junto com Ana. Fizeram de uma toca – gruta – sua casa, improvisando. Contam que a toca foi no passado habitada pelo Chico Taquara, personagem lendário do local. Os dois vivenciaram, como *hippies*, seus primeiros contatos com a população local, quando esta “se abria”. Seus depoimentos foram expressivos no sentido de revelar a diversidade de reações dos *nativos* ante os novos moradores.

¹⁰² BR381, que liga São Paulo a Belo Horizonte.

¹⁰³ Registro fita n. 15 do acervo: entrevista com projeção de slides, quando foram indicados José Flávio e Ana e Tadeu Neder, entre outros.

¹⁰⁴ Fitas n. 18 e 29 do acervo

Tadeu Neder¹⁰⁵: Conhece São Thomé das Letras desde os últimos anos da década de 60, e foi morador na década de 80, quando se casou com uma *nativa*, termo por ele empregado. Moram em Três Corações e coleciona, há décadas, um rico material sobre São Thomé das Letras, constituído por recortes de jornais, principalmente editados na região do sul de Minas, panfletos que circularam pela cidade, desenhos, poesias e fotografias antigas, que declarou ter recebido como presente de pessoas que conhecem seu gosto por colecionar. Seu acervo ajudou bastante como fonte de informação e com algumas fotos que cedeu elaborei um *roteiro visual temático*, utilizado nas entrevistas.

Marica¹⁰⁶: Conheci Marica em uma ocasião festiva em São Thomé das Letras, o 7 de setembro. Eu gravava o desfile e, depois deste ela me abordou. Contei-lhe a pesquisa e ela espontaneamente se ofereceu como informante, narrando sua chegada ali. Aceitei prontamente sua participação: ela, com muita fluência, se autodenomina esotérica e localizava sua chegada entre o final da década de 70 e início da de 80. Oferecia assim, um importante elo entre os tempos, capaz de traçar relações entre as décadas e os ciclos turísticos: a) entre as décadas de 70 e 80 e b) entre as décadas de 80 e 90, quando chegou a Eubiose. Marica contou, com gosto, a prazerosa experiência que para ela representou conhecer São Thomé das Letras através de um curso de astrologia que frequentou em Santo André, cidade da Grande São Paulo. Esse curso (que não era o que contempla a iniciação nos *graus*) era ministrado por pessoas que tinham ligação com a Sociedade Brasileira de Eubiose. Ela participou do momento de retomada do misticismo local, sob nova forma, impressa pela sociedade de consumo, inaugurando no alto da Serra das Letras o turismo esotérico.

Sérgio Amzalac¹⁰⁷: Ele foi considerado informante por ter sido, junto com Berenice Lima e Eduardo Menezes, quando colegas de faculdade, o realizador de um filme em São Thomé das Letras em 1984, *Sam Thomé, sobre a pedra o homem*. Durante nosso

¹⁰⁵ Fita n. 17 do acervo videográfico.

¹⁰⁶ Fita n. 21 do acervo videográfico.

¹⁰⁷ Fita n. 3 do acervo videográfico.

único encontro, em Belo Horizonte, ele e o Eduardo projetaram o filme, e eu o registrei em vídeo.

O filme é um documentário e pode ser considerado como fonte de informação em duas instâncias: por aquilo que registrou e pelas condições de sua realização. Quando me encontrei com os realizadores eles contaram sobre as condições de realização e o sobre o que quiseram mostrar inscrevendo a obra no movimento do *Cinema Novo* brasileiro¹⁰⁸.

Quanto ao que foi registrado, o filme oferece material rico em informações etnográficas e históricas, a primeira pela natureza do registro e a segunda por seu distanciamento temporal do presente, que é aquela realidade registrada, já transformada. Em função do gênero em que inscreveram seu documentário, filmaram a realidade tal qual ela se apresentou a eles, e nesse sentido são reveladores de relevantes aspectos do cotidiano daquela época. As imagens foram registradas em filmes de 16 mm. O som, pós-sincronizado, foi registrado em fitas de rolos, e sua qualidade, infelizmente, ficou muito comprometida: as narrativas não podem ser entendidas, a não ser em pequenos fragmentos, que deixam ouvir sugestivas palavras, como a insinuar seus conteúdos: Chico Taquara e o mistério que o envolve, a extração das pedras antigamente, a origem da localidade, cenas do cotidiano e o trabalho nas pedreiras. A narrativa oral é compensada, no conjunto, por uma rica narrativa visual, e, na última tomada que compõe o roteiro, uma narrativa gestual, que conta por mímicas uma história que *fala* de prisão, maconha e discos voadores, expressivos temas locais.

As imagens, que trazem em si importantes informações, foram divididas em dois blocos principais, o primeiro privilegiando as pedreiras e cenas do cotidiano, e a segunda, registrada na *Festa de Agosto* daquele ano; se comparadas às imagens do presente são reveladoras em potencial das mudanças, ou permanências.

¹⁰⁸ O cinema novo brasileiro, aconteceu na esteira do neo-realismo italiano e da *nouvelle vague* francesa. Não era entretanto, descomprometido como o cinema europeu, ao contrário, no Brasil, esse gênero de filmes era realizado com intenções políticas. A ideologia dos realizadores ficava explícita em suas obras: o péssimo nível técnico (luz e som) como a fazer o reflexo de uma realidade subdesenvolvida, filmada de uma maneira igualmente subdesenvolvida. A bandeira dos cineastas que criaram o cinema novo tinha como máxima “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, inspiração vertoviana. Cf. em: Jean-Claude Bernadet. *Brasil em Tempo de Cinema*. Coleção Cinema, vol. 3; Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

O filme foi utilizado como fonte em dupla perspectiva, das condições de realização, e daquilo que expressa, ele é, simultaneamente *documento* e *interpretação* da realidade.

2) instituições

***IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais*¹⁰⁹.**

O valor histórico do conjunto arquitetônico de São Thomé das Letras, principalmente da Igreja Matriz já eram apontados ao instituto desde a década de 60, como atesta correspondência arquivada nessa instituição, nos autos do processo de tombamento realizado na década de 80. Este foi subsidiado por estudos realizados por uma equipe do instituto, que elaborou pareceres técnicos. Em seguida, outra equipe, de restauradores trabalhou na Igreja Matriz, que compõe um dos conjuntos arquitetônicos tombados pelo instituto.

Sua presença em São Thomé das Letras aconteceu em um momento em que estava havendo o enfrentamento entre a já tradicional atividade mineratória e o turismo, que despontava como um forte concorrente no âmbito econômico. Os mineradores, acostumados a *dar as cartas do jogo* na cidade – deles dependia o sustento das famílias – passaram a ter seu poder questionado, principalmente quanto à destruição que causavam à paisagem natural. Os novos moradores, estimulados pela presença do IEPHA na área, atacavam frontalmente o poder local, levantando a bandeira de luta pela preservação do patrimônio cultural da cidade.

A equipe do IEPHA que iniciou a restauração da Igreja Matriz sofreu as consequências desse enfrentamento. A restauração foi paralisada por *motivos policiais-policialescos*¹¹⁰. Infelizmente, na época que fiz o contato com a instituição, em Belo

¹⁰⁹ Fita n. 3 do acervo videográfico.

¹¹⁰ A respeito da paralização das obras de restauração, uma notícia no jornal *O Patriota*, s/d: “Os trabalhos de restauração da Igreja de São Tomé das Letras, tombada pelo IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – foram interrompidos depois que funcionários do Instituto e a polícia

Horizonte, não foi possível encontrar ninguém que tivesse diretamente se envolvido nos trabalhos de restauração, limitando-me a registrar Carlos Henrique Rangel, superintendente do tombamento, que não fez comentários positivos sobre o relacionamento do instituto com a comunidade em São Thomé das Letras, nem no passado, nem à época do registro.

O contato com essa instituição ofereceu a possibilidade de consultar o relatório que deu suporte ao tombamento de duas áreas em São Thomé das Letras, que trazia informações históricas e arquitetônicas, além de fotografias, que não podem ser reproduzidas ¹¹¹.

Escola Estadual José Cristiano Alves: Antes de iniciar os trabalhos em campo, imaginava que o contato com a escola poderia abrir uma rica via de investigação da história local. A experiência, entretanto, revelou um outro aspecto: a falta de disposição dos professores e demais funcionários em participar de eventuais atividades de pesquisa, posto que se sentem sobrecarregados pela carga de trabalho que suas funções demandam. Tal dificuldade entretanto, não significou a exclusão da escola do processo. Nos acompanhávamos de longe e, por ocasião dos preparativos para o desfile de 7 de setembro de 1998, a diretora me procurou e pediu sugestões e material para elaborar possíveis temas para o desfile, sugeri a história local. Os professores dividiram a história em grandes cortes temporais, e cada um deles escreveu sobre um corte. Pediram-me que escrevesse algo sobre desenvolvimento sustentável, para encerrar o desfile. O termo, presente no discurso governamental, estava ainda distante de seus entendimentos.

entrarem em conflito. A Igreja Matriz de São Tomé, datada de 1785, possui uma rica ornamentação interna e as pinturas do forro são de José Joaquim da natividade, discípulo de Aleijadinho. Alegando falta de segurança para seus funcionários a direção do IEPHA decidiu paralisar a obra que, por sinal, já se encontrava em fase de conclusão.” Corre à boca miúda, na cidade, que a restauração foi paralisada porque encontraram maconha no sino da igreja. Alguns dizem que o flagrante foi armação dos donos do poder local, outros dizem que realmente foi esse o motivo.

¹¹¹ Os processos podem ser consultados na PASTA 77, arquivada na Biblioteca do Instituto, e aberta ao público.

Os alunos participaram do processo escrevendo faixas e formando as alas, através das quais a síntese histórica construída pela escola foi representada, em cortejo, nas ruas de São Thomé das Letras¹¹².

peças do município que informaram sobre a vida ali, sem relação específica com as redes anteriores, mas importantes na medida em que revelavam uma outra dimensão do cotidiano que envolvia a mineração e o turismo.

Colibri (pseudônimo): Ela não teve sua voz ou imagem registradas pelo sistema de vídeo, mas foi uma pessoa importante no sentido de me colocar em contato com a visão de mundo mágica, expressada em narrativas tradicionais e nas crenças de seus antepassados. Ela foi um importante veículo até sua avó, já falecida, da qual herdou um tipo de saber cultuado no passado.

Mesmo não permitindo registro audiovisual, tinha, sempre que nos encontrávamos, muita disposição em desfiar suas lembranças, em contar a tradição de sua família. Ela é descendente de uma tradicional família de São Thomé das Letras: seus antepassados foram escravos que ajudaram na construção do primitivo arraial. Em um dos nossos encontros, sugeriu que eu escrevesse o que ela ia contando, assim poderia registrar para me lembrar depois. Foi o que fiz daí em diante, transformando nossos encontros em entrevistas, registradas com o *método logográfico*, primeira forma de registro dos historiadores que se valiam da oralidade.

Sua contribuição se deu especificamente em relação à compreensão do cotidiano que ela viveu ali, em contato com a tradição de seus avós. Colibri realizava tarefas domésticas e por tudo que contou, se ocupava principalmente com a lavagem de roupas. Dessa maneira, suas lembranças contemplaram os locais onde a população pegava água, posto que até bem pouco tempo atrás as casas não tinham encanamento. Sua memória guarda cenários que hoje não existem mais, já foram bastante modificados desde que a

¹¹² *Audiovisualidades*: 7 de setembro de 1998.

população local começou a crescer. A um desses locais em específico, uma área verde chamada Carinana, relacionou a história de um encantamento, contada por sua avó, que teria acontecido ainda nos primórdios do arraial. A respeito dessa área, encontrei uma fonte escrita no século XIX, *Almanak Sul Mineiro*, de Nélson Vernek Sodré, que a aponta, da mesma maneira que Colibri, como um local onde a população se servia da água, sem no entanto, relacioná-la à sua guardiã, a cobra.

D. Alvina: Ela foi uma pessoa bastante especial no contexto da pesquisa. É uma anciã, diz ser a mulher mais velha da cidade. Foi indicada por várias pessoas, como detentora do saber tradicional. Fiz várias visitas à sua casa, e ela estava, na maioria das vezes, rodeada de crianças, que acabaram se revelando, desde o primeiro encontro que tivemos, como interlocutoras privilegiadas de D. Alvina, nas ocasiões em que eu registrava nossas entrevistas. Ela desfiava suas lembranças, contando às crianças sobre suas famílias, antepassados que ela conheceu.

As conversas aconteciam sempre com a participação das crianças. Ao ver a reprodução do quadro do Barão, reconhece-o pelo título de nobreza, mas o confunde com o Barão da Roseta, e diz para diz para um dos meninos que estavam em volta dela: *ó, esse aqui é teu senhor*. Essa fala expressa sua origem e a herança que ela lhe legou. Conta o pai como escravo, trazido para São Thomé para cuidar do filho de uma família dali. De sua mãe, conta que era índia e bugre, nascida ali por perto. D. Alvina é benzedeira, diz que tem uma *reza forte* e que conhece os segredos das plantas. É dona de um tipo de conhecimento que está em vias de desaparecer, resguarda o tradicionalismo, expresso inclusive por seu gosto em narrar o passado, para seu público: as crianças. Hoje em dia, idosa, vive em uma casa próxima ao centro de São Thomé das Letras, ainda sem acabamento interior ou exterior e sem luz elétrica. A casa foi construída com ajuda de outras pessoas e da Prefeitura Municipal. O terreno foi doado por José Ari quando prefeito, já falecido. D. Alvina disse que ele lhe deu o lote porque ela benzeu a filha dele quando era pequena e a menina sarou, por isso, ele era-lhe grato. Até o final do ano de 1998, o esgoto, no terreno em frente a casa dela ainda corria a céu aberto.

Em nossos encontros conversamos sobre temas variados, alguns dos encontros foram registrados, outros não ¹¹³. Especificamente sobre a extração das pedras D. Alvina nada comentou, esquivava-se sempre das perguntas, a vivência que narrou se relaciona mais com a lavoura, não conta dez anos de moradia na zona urbana de São Thomé das Letras, embora fosse assídua frequentadora, principalmente nas ocasiões de festa.

Sr. Hilton ¹¹⁴ : Nasceu na zona rural de São Thomé das Letras, onde seu pai foi fazendeiro, e transita entre esta e a zona urbana há mais de cinquenta anos. Ele forneceu uma visão geral do processo de extração das pedras e do desenvolvimento da localidade desde que a atividade se afirmou como uma alternativa econômica para a população local, que até então empregava sua força de trabalho nas lavouras da região que faz o entorno da serra. Ele não quis ter seu rosto registrado, apenas sua voz.

O conjunto das vozes desses informantes expressa a polifonia através da qual “*montei*” o conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras. Ele deu origem ao texto multicolorido que compõe a Segunda Parte desta dissertação.

A ética nos relacionamentos

A importância que deve-se dar a uma orientação ética na condução dos relacionamentos com os informantes, principalmente em se tratando dos usos de aparelhos de registro audiovisual tão próximo às pessoas, foi reiterada quando, em campo, um problema se colocou em função de experiências que alguns possíveis informantes já haviam tido com pessoas que fizeram registros fotográficos deles. São Thomé é uma cidade onde *clicam* muitas máquinas fotográficas. Estes realizadores de registros, em sua maioria turistas em busca do *curioso*, do *diferente* como temas de seus

¹¹³ *Fitas n. 24 e 25 do acervo videográfico.*

¹¹⁴ *Fita n. 38 do acervo videográfico.*

registros. Essa busca leva-os, por vezes, a desrespeitar alguns habitantes, como é o caso de um senhor, mudo e manco, que se esconde ou agride aqueles que lhe apontam suas câmeras, na tentativa de registrá-lo. Experiências onde as pessoas se sentiram violentadas com os usos de sua imagem foram relatadas por dois possíveis informantes, sendo que para um deles, o Sr. Vicente, tal violência foi motivo para não participar da pesquisa. Ele contou que certa vez uma mulher o havia procurado para conversar e, durante o encontro, pediu para fazer uma foto dele. Tempos depois, chegou até suas mãos uma revista, onde, num artigo sobre São Thomé das Letras aparecia sua foto, e as informações que havia fornecido àquela mulher. Quando justificava para mim os motivos para sua não participação, ficou muito evidente que ele se sentia indignado ante a atitude daquela jornalista, pois ela, além de não se apresentar como tal, não pediu a ele permissão para usar sua imagem e seu conhecimento para fins de publicação.

Uma experiência diferente foi narrada por Tião Rosa, que teve também sua imagem registrada por uma turista. Tempos depois, tomou conhecimento de que ela havia pintado um quadro reproduzindo sua imagem, com o qual, ganhou um prêmio, em dinheiro. Tião se sentia usado por isso, pois além de não saber que a foto serviria para inspirar um quadro, ela havia ganhado em cima de sua imagem e não havia lhe dado nada em troca. Felizmente, essa experiência não constituiu um impedimento em relação à sua participação como informante da pesquisa depois de conhecer os objetivos, embora, no princípio, tenha demonstrado alguma desconfiança.

Por isso, devemos ter sempre em mente que as barreiras, que podem ou não surgir durante o processo de pesquisa, dependem em grande parte de “como” as coisas são feitas, do tipo de contato que é estabelecido e do grau de empatia, de familiaridade e confiança depositado no pesquisador. A experiência em São Thomé das Letras apontou que os laços entre os informantes da pesquisa e minha pessoa tenderam, num crescendo, a se tornar mais estreitos e, na medida em que nosso convívio se prolongava, a confiança que eles depositaram em mim também aumentava, na mesma medida, diminuía a inibição inicial, ou a desconfiança, que algumas pessoas demonstraram nos primeiros registros, representando, ao fim do processo, uma *mise-en-scène* livre de qualquer inibição. Nesse tipo de relacionamento, um posicionamento ético, baseado na

honestidade e na transparência é a garantia de sucesso, pois se não for criado um vínculo de confiança mútua a pesquisa certamente estará fadada ao fracasso.

O sistema de vídeo da maneira como foi utilizado junto às redes de informantes será considerado sob os seguintes aspectos:

- 1) *agente de inserção*, favorecendo a aproximação e a construção das relações com os informantes da pesquisa;
- 2) *caderno de campo*, principalmente na perspectiva da *pesquisa exploratória*: no registro do método de lavra atualmente praticado pelos mineradores do quartzito, na *reconstituição* dos métodos antigos e nos usos que dão aos quartzitos na cidade. Foi também instrumento de registro do cotidiano e de eventos públicos, como festas e os encontros entre as instituições.
- 3) *ferramenta para a aplicação das entrevistas de história oral*: a câmera como instrumento de registro para as entrevistas e as fitas, como suporte material para roteiros de entrevistas e para a restituição dos registros às pessoas registradas;
- 4) *video organizado*: durante o processo de pesquisa, normalmente os registros videográficos eram utilizados sem qualquer edição, utilizávamos sempre os recursos do sistema, em poder adiantar, ou retroceder as fitas quando assistíamos aos registros. O material organizado é mínimo em relação ao conjunto total de registros. Os mais expressivos são os dois vídeos que partiram de demandas locais (Coopedra e Proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta, registrados na fita anexa *Audiovisualidades*) e um sobre as formas de extração e de utilização do quartzito pela população local, importante na medida em que reúne fragmentos cuja gravação contou com a orientação das pessoas registradas.

O vídeo como agente da inserção

A inserção é um estágio da pesquisa que consiste em fazer-se aceitar pelas pessoas, com ou sem câmera, e deixando-lhes sempre explícitos os objetivos da pesquisa, as convencer do interesse em colaborar com a realização de filmes como instrumentos de aprofundamento da investigação. É uma fase que pode variar, de uma experiência a outra, e depende do grau de reticências das pessoas, cujo envolvimento é fundamental à proposta do projeto de pesquisa. Quando as reticências não existem, a fase de inserção se reduz a um simples encontro, imediatamente seguido do primeiro registro. Não é um momento em que o pesquisador vai conhecer o processo que deseja registrar, mas consiste na sua própria inserção no meio em que esse processo se desenvolve. A realização da pesquisa através do instrumento do registro em vídeo, dessa maneira, depende em grande parte da forma como o pesquisador se coloca e habitua os outros à sua presença instrumentalizada: é a sua própria *mise en scène* àqueles que ele deseja fazer participar. A observação imediata dos resultados da gravação expressou um momento decisivo quanto à adesão das pessoas registradas à realização dos registros em São Thomé das Letras.

Nesse tipo de procedimento, as pessoas registradas têm sempre consciência da presença do pesquisador e da câmera, na circunstância do registro. Quando elas se deixam registrar, se colocam em cena e são, ao mesmo tempo, testemunhas da intervenção daquele que registra. A *mise en scène* das pessoas e a intervenção do *observador-cineasta* se manifestam em diversos graus, por vezes à revelia dos mesmos. Elas podem se apresentar de diversas formas, algumas tão discretas que chegam a passar despercebidas e constituem um *diálogo gestual* entre eles. Outras formas, mais evidentes, consistem em um diálogo aberto, baseado na oralidade ¹¹⁵.

Nesses termos, a observação instrumentalizada do pesquisador, ou seu diálogo com os informantes é sempre algo participante, porque sua abordagem e auto-apresentação representam uma intervenção em relação às pessoas registradas, e são

¹¹⁵ Claudine de France, *Cinéma et Anthropologie*, pg. 311.

inevitáveis. Reciprocamente, as pessoas registradas participam do processo de observação porque elas intervêm na apresentação (*mise en scène*) do pesquisador. Esta colaboração ativa, presente na relação de intervenção mútua que se estabelece, não se limita ao primeiro estágio da observação instrumentalizada, realizada através do visor da câmera durante os registros; ela prossegue tendendo a mostrar o fluxo das manifestações que se dão a ver, e a ouvir; mas é preciso estar atento: mostrar é também expressar. A sociedade moderna conhece a câmera, e o que ela é capaz de fazer: imortalizar e disseminar a sua imagem. Daí as modificações de comportamento por parte das pessoas registradas. Elas procuram sempre mostrar, mesmo inconscientemente a imagem que desejam que seja preservada e veiculada, o que pode gerar alterações no sentido de suas ações. Nesses momentos, somente a convivência com essas pessoas autoriza o pesquisador a reconhecer tais distorções e a buscar estratégias no sentido de minimizá-las, mas não mascará-las ou escondê-las, e uma estratégia eficaz representa passar a maior parte de tempo possível entre eles, com ou sem a câmera, apresentar-lhes o equipamento e permitir que o manipulem.

A conscientização dos informantes quanto ao potencial de registro da câmera de vídeo gerou diferentes reações, desde a inibição até a atuação explícita. Essas reações estiveram sempre diretamente vinculadas às diferentes personalidades dos informantes. Os mais tímidos ficavam inibidos, já os mais expansivos demonstravam abertamente o prazer em ser registrados, pois isso mexia com a sua vaidade.

É bom que se reconheça que a câmera invisível não existe, assim como também não existem o pesquisador imparcial, o depoimento objetivo e *mise-en-scène* inocente. Nesse terreno, fortemente impregnado de subjetividade, a presença da câmera, e do pesquisador, se não for dissimulada, mas assumida enquanto uma intervenção na realidade estudada, pode agir no sentido de aferir uma desejável – e indispensável – autenticidade ao “documento” videográfico.

A abordagem feita aos informantes e os primeiros registros deram início a um longo jogo de paciência, implicando um vaivém entre a enquete audiovisual estrita e a enquete oral, feita do questionamento das pessoas registradas a partir do exame conjunto dos registros. Nesse sentido, a utilização do registro audiovisual como elemento de

comunicação com os informantes favoreceu minha “inserção profunda” no cotidiano que investigava na medida em que oferecia um referencial comum ao diálogo que pouco a pouco foi sendo construído entre mim e meu informantes. Através da gravação e do retorno desta aos informantes, foi possível, em certa medida, que eu me apropriasse do olhar deles, que para mim eram os “*outros*”. Em contrapartida, ao visualizarem os registros que *eu* realizava, eles se apropriavam do *meu* olhar quando visualizavam os recortes através dos quais eu enquadrava suas ações, e opinavam sobre eles. Os audiovisuais forneciam um referencial comum para onde convergiam nossos olhares, determinando nossas ações conjuntas como observadores e observados, posições cambiantes no processo, pois ao mesmo tempo em que eu os observava, era por eles observada; nesse movimento, eu me tornava mais inteligível para eles e eles para mim.

Durante o contato prolongado, por vezes eu me juntava a eles sem levar a câmera comigo, e podia, através dessa estratégia, conhecer seu comportamento na ausência dela; tal atitude revelou-se importante na medida de perceber, nos momentos de registro, o quanto os informante estavam sendo atores ao elaborar conscientemente sua *mise en scène*.

Com o passar do tempo e com a convivência que tivemos, acostumaram-se comigo e a desconfiança inicial, que certamente foi gerada pela câmera de vídeo, cedeu espaço à atitude inversa. De reticentes quanto ao registro, as pessoas passaram a demandá-lo, convidando-me para participar de eventos familiares ou comunitários, ocasiões em que pediam que eu registrasse.

Embora partindo de estratégias de inserção diferenciadas em relação aos informantes, as abordagens e o início das relações através dos registros audiovisual tiveram sempre como ponto preliminar comum, a explicitação detalhada dos objetivos da pesquisa. A partir desses momentos, e em dependência direta deles, iniciava-se o duplo processo de inserção – de minha pessoa e da câmera de vídeo – a cada novo informante, e a cada novo encontro, esta refazia-se , no sentido de tornar-se mais profunda.

O vídeo como instrumento de registro de técnicas materiais

O vídeo como instrumento de registro de técnicas materiais na pesquisa em São Thomé das Letras contemplou duas modalidades básicas: a extração do quartzito e a sua utilização pela população local. O primeiro momento, compreendido pelo comportamento técnico dos mineradores, dividiu-se por sua vez, em duas perspectivas: a primeira teve por objetivo o estudo do método de lavra atual e a segunda pretendia investigar os métodos antigos de extração dos quartzitos, mais precisamente o comportamento técnico anterior à introdução de máquinas pesadas nas frentes de trabalho. Em ambas as perspectivas, a utilização do vídeo na pesquisa, seguiu de perto as orientações de Claudine de France quanto aos procedimentos metodológicos do *filme de exploração*, sendo que a segunda perspectiva, ao contemplar a investigação dos métodos de lavra anteriores ao atual, apontava para uma modalidade específica: o *filme de reconstituição*, inaugurada por Robert Flaherty quando produziu o filme *Nanook of the North*, na década de 1920¹¹⁶.

O vídeo na pesquisa exploratória

Aos estudos históricos, a possibilidade de experimentar uma nova proposta metodológica que privilegia a *criação de fontes* e sua transformação em *documentos*, prática inaugurada pela *história oral*. A utilização do vídeo como instrumento de registro, em detrimento do gravador de sons, ao incorporar à dimensão do registro as imagens animadas, criava, na verdade, um tipo de fonte de natureza diversa daquela produzida pela história oral. Dessa maneira, a experiência apontou elementos capazes de renovar a matéria história oral tradicional.

¹¹⁶ O pouco que se conseguiu dessa ambição encontra-se registrado no anexo videográfico *Notas de Pesquisa*.

Quanto a construção da história de São Thomé das Letras, tomando como fio condutor uma técnica material tradicional, esperava encontrar, no passado rememorado, momentos de transformação tecnológica, inscritos no entrecruzamento de temporalidades de longa e breve duração. Tais momentos poderiam indicar indícios do processo de formação do entendimento que orienta atualmente a relação entre os homens e a natureza.

A exploração em campo

A dupla inserção entre os mineradores das pedreiras do Patrimônio

A pesquisa exploratória em São Thomé das Letras tinha como objetivos principais a realização de registros que contemplassem o comportamento técnico atual e possivelmente, comportamentos técnicos segundo os quais a mineração acontecia no passado. Essa pretensão inaugurou os trabalhos em campo, e, a partir dela, iniciei minha inserção, primeiramente junto aos mineradores da área do Patrimônio.

O primeiro contato realizado, como já foi colocado, foi com a Coopedra, ainda no ano de 1996, quando conheci o Sr. Daniel, então presidente. Depois de explicar-lhe os objetivos e os passos previstos para a realização da pesquisa ali em São Thomé das Letras, num primeiro momento, ele demonstrou algumas restrições quanto à gravação em vídeo nas pedreiras. Utilizei então como estratégia, colocar à câmera a disposição dele também. Caso ele quisesse que eu filmasse alguma coisa em específico, era só falar. Garanti que as pessoas registradas seriam sempre os primeiros espectadores dos filmes, e poderiam participar de todas as fases do registro, aliás, era o que eu esperava deles. Depois desses esclarecimentos, as reticências começaram a desaparecer, pelo menos aparentemente e marcamos novo encontro para dali um mês, quando eu deveria retornar lá com o equipamento necessário às gravações.

Retornei na data combinada com uma equipe composta por dois colegas e um professor do Departamento de Multimeios, que nos orientava sobre a realização de

registros *tecnicamente corretos* ¹¹⁷. O equipamento utilizado para os primeiros registros foi uma câmera de vídeo super VHS, Panasonic, que ficou, por imposição do professor, a maior parte do tempo acoplada sobre um tripé com cabeça giroscópica. O equipamento imediatamente revelou sua incompatibilidade com a proposta de registro da pesquisa exploratória. O tripé que sustentava a câmera pesava quilos, dificultando minha movimentação em meio as ações que queria registrar, impedindo a aproximação e a tomada de detalhes do comportamento técnico dos mineradores, para registrá-los tinha que recorrer ao *zoom*, como a sanar a distância entre a ação e o instrumento de registro. Mas, para um primeiro momento de registro, cumpriu sua função. Os primeiros registros não tinham por objetivo imediato conhecer a realidade registrada, mas inaugurar minha *inserção instrumentalizada* entre os mineradores.

Nessa ocasião o Sr. Daniel, que nos acompanharia às pedreiras, pediu que eu gravasse dois locais, justificando que gostaria de apresentar um vídeo em uma reunião que aconteceria entre a Cooperativa e a Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente – que faz a fiscalização na área de mineração. Nessa reunião ele teria que prestar contas do primeiro ano de seu mandato como presidente da cooperativa. Nesse momento percebi que nosso “passaporte” para as pedreiras seriam aqueles registros, apontando à uma dimensão da *troca* que se estabelecia entre minha pessoa e a do presidente, que garantiria o meu acesso, com a câmera na área de mineração.

As imagens “encomendadas” contemplavam uma área onde pretendiam fazer um mirante, que já havia sido trabalhada por um trator de esteira e o viveiro de mudas, então recém-nascido. Durante as gravações nesses locais, o sr. Daniel se limitou a apontar o que desejava mostrar no vídeo, não fazendo qualquer tipo de comentário nos momentos em que percebia que a câmera estava ligada.

¹¹⁷ A disciplina destinava-se ao aprendizado acerca da utilização da câmera de vídeo, e foi ministrada pelo Prof. Paulo Martins. Algumas pesquisas foram eleitas para trabalhos em equipe, entre eles o projeto São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes.

Nesse mesmo dia, levou-nos para conhecer o maior banco das pedreiras do Patrimônio, onde acontecia intensa atividade¹¹⁸. Percebi que em meio aos seus, ele ficou muito mais descontraído, chegando a tomar as ferramentas das mãos de um trabalhador e se colocar na frente da câmera para mostrar a maneira de recorte das lajes, antes delas serem retiradas da superfície. A inibição que demonstrara quando estava a sós conosco, estranhos, desapareceu por completo.

Mais um mês se passou e retornei a São Thomé das Letras, levando comigo as imagens editadas em um vídeo de seis minutos e cinquenta segundos, sem áudio e um gravador de som, Nagra. Era a primeira *experiência de restituição* que fazia¹¹⁹. Convidei o Sr. Daniel para assistir comigo ao vídeo, explicando-lhe que estava sem som e que era necessário que, durante a exibição, ele deveria fazer os comentários que achasse pertinentes gravar, para editar o áudio. Assistimos ao vídeo cinco vezes, a primeira em silêncio, as quatro seguintes com depoimentos do Sr. Daniel, nos quais não fiz nenhum tipo de interferência, as imagens foram as referências para o discurso verbal do informante. O teor dos depoimentos não foram iguais em todas as gravações. Houve variação quanto ao conteúdo, o ritmo, os tempos e os silêncios. No primeiro depoimento ele se limitou a descrever, oralmente, as imagens que ia vendo na tela da TV; foi o mais descritivo de todos, embora todos o tenham sido. Sua fala reiterava aquilo que a imagem mostrava: “Ó, onde que vai ser o mirante, em cima daquela toca lá, ó”, ou então: “Ó o rapaz que tá trabalhando aí, que é o Chiquinho. Ó os saco de semente, o monte de esterco, as terra que eu pus aí ... Ó o galpão feito de bambu gigante. O galpão de seis metros por oito, coberto de sapé”. Nos dois últimos pude perceber um aumento considerável quanto a quantidade e qualidade das informações. Ele havia se tornado mais eloquente e já falava de suas intenções e realizações de maneira mais contundente, nesses momentos, por vezes sua fala se distanciava da imagem que via, tocando em questões relativas à sua atuação, que demonstravam os problemas que enfrentava: “O dique do moinho está me dando o maior problema. Tem que limpar, eu já limpei ele em

¹¹⁸ Banco é o nome que os dão à área em atividade de lavra. Na pedreira, que tem a extensão de 48.5 hectares, existem vários bancos.

¹¹⁹ Entende-se por *experiência de restituição* o momento em que mostraria para a pessoa registrada, o seu registro

oito meses eu limpei cinco vezes. Tô gastando muita hora de máquina. Isso tudo é pra preservar o emprego de 87 cooperado e seus companheiros". No vídeo que lhe apresentei não havia nenhuma imagem do dique do moinho.

Essa primeira restituição, em função da diversidade de temas abordados pelo Sr. Daniel, já apontava o potencial do vídeo enquanto instrumento de investigação: por um lado, ele serviu de roteiro para nossa entrevista, e por outro, apontava uma importante questão que deve ser considerada, pois se relacionam às possíveis *distorções* imprimidas à realidade quando os informantes se colocam como atores – e eles sempre o fazem, em graus e medidas diferentes.

Prometi-lhe levar o vídeo pronto na próxima visita. Editei o áudio, seguindo as imagens e coloquei uma música de fundo¹²⁰, para torná-lo mais agradável. De volta a São Thomé, entreguei-lhe a fita, que ele se recusou assistir comigo. Dias depois, comentou: *“é isso mesmo que eu queria, está tudo direitinho”*. Desse momento em diante, meu acesso às pedreiras estava garantido, a estratégia havia surtido o efeito desejado. O Sr. Daniel passou a me acompanhar pessoalmente quando visitava o local, apresentando-me aos mineradores e incentivando-os aceitarem as gravações. No início, me olhavam com certa desconfiança, mas a presença do Sr. Daniel a meu lado certamente agiu, num primeiro momento, no sentido de fazer com que eles baixassem a guarda e me aceitassem entre eles.

O resultado dessa experiência, além do sucesso de minha inserção – e da câmera de vídeo – entre os mineradores da área do Patrimônio, foi a elaboração do vídeo *Coopedra*. Nele podemos acompanhar a auto *mise-en-scène* consciente do Sr. Daniel no contexto de pesquisa, expressa na forma como ele se apresentou enquanto sujeito, revelando de conflitos que àquele momento impregnavam a realidade dos extratores de pedras de São Thomé das Letras. Em sua simplicidade, explorava com astúcia, o potencial do vídeo enquanto agente comunicador. Passava sua mensagem à Feam, ao mesmo tempo em que deixava registrada, sobre um suporte permanente, sua atuação enquanto presidente da Cooperativa. Manobrou as imagens e o próprio instrumento de

¹²⁰ composta e executada por Marcelo Santos, músico. O vídeo *Coopedra* pode ser visto no anexo videográfico *Audiovisualidades* desta dissertação

registro para imprimir à existência da Cooperativa, a sua própria existência. Nesse processo, sobressaltou sua atuação, insistindo na utilidade e no sucesso de sua vida, acentuando aspectos positivos da realidade que ele ajudava a construir, que, naquele momento, foram a expressão da sua verdade.

Supervalorizando sua atuação enquanto presidente da Cooperativa, coloca “antes não tinha nada”. Ao apresentar o vídeo para o engenheiro da Cooperativa, citado pelo próprio Sr. Daniel como responsável técnico no processo de legalização da mineração na área, pude ter o contraponto para a sua fala. De acordo com o engenheiro, a Cooperativa, que tinha na figura do Sr. Daniel seu segundo presidente, até aquele momento fazia as coisas sem projeto algum, pois não tinham noção da necessidade deles, e não detinham o conhecimento técnico necessário à execução. O resultado eram ações que não surtiavam o efeito desejado, como por exemplo o viveiro de mudas, feito para atender exigências da Feam, que produzia as mudas, sem que houvessem destinado uma área para plantá-las.

O contraponto ao discurso do Sr. Daniel, a partir do discurso do engenheiro, apontava uma importante questão: a necessidade de atenção constante quanto as distorções que eventualmente poderiam acontecer em relação à *auto mise en scène* dos informantes, que pode ser relacionada ao fenômeno de *ucronia* apontado por Alessandro Portelli em relação à memória passível de ser resgatada através da história oral, guardando-se as devidas dimensões dos exemplos: o discurso do Sr. Daniel refere-se ao seu presente imediato, ou o que ele poderia ser, enquanto o exemplo de Portelli se relaciona com o passado que poderia ter sido ¹²¹.

As imprecisões foram detectadas por Portelli quando ele cruzou os depoimentos com outras fontes, agindo no sentido de revelar as deformações e manipulações a que a memória e o ato de rememorar são susceptíveis. No caso do Sr. Daniel, as distorções

¹²¹ Alessandro Portelli. *Sonhos Ucrônicos . Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, São Paulo, 1993. Nesse artigo, Portelli aponta para as deformações presentes em depoimentos que colheu num contexto de pesquisa específico, classificando-as de *sonhos ucrônicos*. A *ucronia* diz respeito às histórias que teriam sido possíveis se um dado acontecimento, colocado em foco, tivesse tido um desfecho diferente. Aponta também às deformações nos depoimentos, relacionando os *acontecimentos* aos desejos e fantasias dos depoentes.

foram percebidas através do exame do mesmo documento (o vídeo Coopedra) sob um novo olhar, o do técnico.

O vídeo *Coopedra* representa, no contexto mais amplo da pesquisa, a reelaboração, em nível local (e mesmo pessoal), do discurso institucional (que tem nos órgãos fiscalizadores seus veiculadores). Nesse sentido, aponta à necessidade do entendimento sobre os tipos de relação que se estabelecem entre os agentes institucionais fiscalizadores e os mineradores, relação que em grande medida tem determinado uma renovação do comportamento técnico dos últimos.

O vídeo em questão representa ainda, a construção material da fonte de pesquisa – é uma fonte oral, mas é também visual, onde o observador do vídeo, independente do público a que pertença, pode identificar o homem que fala, por sua voz, e também por sua exterioridade, ou seja, por aquilo que sua aparência – seu corpo, seus gestos, suas roupas – permite observar. Foi o momento de uma *dupla auto mise en scène* do Sr. Daniel no contexto da pesquisa e na história da Cooperativa: ele *se* descreve oralmente no vídeo, se apresenta, mas sua imagem também o apresenta. As informações, de uma e outra natureza, a verbal e a visual, se complementam nesse vídeo, onde a parte verbal foi construída sobre a parte visual, uma reforçando a outra. Somente a visualização de sua imagem e dos locais que ele apontou para o registro, na mesma medida em que somente a audição de seus depoimentos nos confeririam uma compreensão fragmentada. *Vendo-o, a falar de si e de sua atuação, nossa compreensão sobre ele e aquele momento a que se refere são ampliadas.* O tipo de informação que as imagens animadas, unidas ao som conferem, permite que elaboremos um tipo de conhecimento sensorial, que depende de nossas impressões, que, longe de correrem paralelo com nosso conhecimento objetivo, nele se imiscuem, enriquecendo-os, na medida em que subjetiva-os.

Aprofundando a inserção

As limitações que o equipamento utilizado impôs quanto à aproximação da câmera à ação que registrava, embora garantissem melhor qualidade técnica, levaram-me a procurar algo que fosse mais eficiente no sentido filmar com a câmera na mão: *no domínio do filme etnográfico, é a técnica mais eficaz, porque permite adaptar a ação em função do espaço, de penetrar na realidade mais do que a deixar se desenvolver*, considerou Jean Rouch¹²². Os resultados do uso do tripé em função de um rigor técnico pode ser bem observado no vídeo *Extração de Quartzitos. São Tomé das Letras, 1996*¹²³, que foi construído a partir do registro realizado na primeira incursão, com os a equipe do Departamento de Multimeios - Unicamp e o Sr. Daniel, quando foram registradas as imagens para o vídeo *Coopedra*. A imobilidade da câmera não consegue ser equilibrada com a utilização do *zoom*, que permite um efeito ótico de movimento. Tais recuos óticos, entretanto, não aproximam a câmera dos homens registrados, *o olho zoom se parece com um voyeur que vê, que detalha, do alto de seu observatório*; a tomada arrogante, pode ser percebida pelo espectador¹²⁴.

Optei por usar uma câmera menor e mais leve, que permitisse maior desenvoltura em relação ao registro das atividades nos bancos de lavra e que garantisse uma qualidade de imagem equivalente à do equipamento anteriormente utilizado. A partir daí, e durante todo o processo da pesquisa de campo, servi-me de uma câmera de marca *Sony, modelo CCD-TRV81 Hi8*. Pequena e leve, encaixou-se à minha mão, apresentando ainda uma vantagem: o modelo traz acoplado um visor de cristal líquido, que revelou-se no prolongamento da pesquisa exploratória, um eficiente meio de retorno imediato dos registros realizados às pessoas registradas, a partir do qual, realizava novos enquadramentos da ação, onde a câmera passou a ser verdadeiramente *participante*.

¹²² Jean Rouch. The camera and man. In: Paul Hockings, *Principles of Visual Anthropology*. Paris, Mouton, 1974.

¹²³ O vídeo *Extração de Quartzitos* está na fita *Audiovisualidades*.

¹²⁴ Idem.



Nas incursões seguintes, modifiquei a maneira de gravar, na tentativa de me aproximar do estilo de Jean Rouch: *“a única maneira de filmar é de marchar com a câmera, de a conduzir lá onde ela é mais eficaz, e de improvisar, com ela um outro tipo de ballet, onde a câmera é tão viva quanto os homens que ela filma. É a síntese das teorias vertovienses do cinema-olho e a experiência da câmera participante de Flaherty. A improvisação dinâmica, a suavidade, não é outra coisa que a harmonia de um movimento feito em perfeita adequação com os movimentos dos homens filmados”*¹²⁵.

¹²⁵ Concepção de Vertov, o cine-olho: “*eu monto enquanto escolho meu sujeito (entre os milhares de sujeitos possíveis), eu monto enquanto observo (filmo) meu sujeito (realiza seleções entre mil observações possíveis...)*”. Rouch, p. 64.

Somente dessa maneira seria possível realizar registros que contemplassem a *descrição* da técnica de extração dos quartzitos, na restituição aproximada do encadeamento dos gestos e das operações e também da *micro descrição*, que se realiza na apreensão quase permanente do *polo operatório* da ação material. Com esse tipo de registro, pode-se fazer uma apresentação do contexto onde se realiza a ação (macrodescrição) e também, através da aproximação da câmera ao espaço da ação, a microdescrição, “*que tem por referência espacial o gesto humano individual, por exemplo, o trabalho da mão por oposição àquele do conjunto do corpo. Esta referência espacial é simultaneamente associada à uma referência temporal onde a união de base é constituída por uma plena operação material, por cada etapa de transformação de um polo operatório.* Este último designa o espaço de interação imediata entre a parte do corpo engajada na ação e o objeto sobre o qual se exerce esta ação” ¹²⁶. Dessa maneira esperava que a inserção na área de mineração proporcionasse oportunidades para que me exercitasse com o equipamento de registro, no sentido de decrever a técnica atual de extração, em seus diversos momentos.

Em minhas primeiras incursões ao universo das pedreiras do Patrimônio, o Sr. Daniel sempre fez questão de me acompanhar. Em uma das vezes, uma surpresa: ele “sacou” uma câmera fotográfica e começou a me fotografar, em um momento em que eu estava gravando... ele registrava também, e ria ¹²⁷. Ele espontaneamente tomou para si a função de me apresentar aos mineradores, atitude que, se no início favoreceu minha inserção, passou a se revelar algo inconveniente, porque os possíveis informantes que eu contactava transferiam para mim sentimentos que tinham em relação ao Sr. Daniel. Além disso, ele *escolhia* as pessoas com as quais queria que eu fizesse contato, eram aquelas com as quais ele mantinha boas relações; tentava direcionar minhas possíveis escolhas quanto aos informantes. Era preciso que eu andasse por ali sozinha, com maior liberdade de contato. Para seguir adiante, sem a presença do Sr. Daniel, passei a fazer visitas diárias às pedreiras, de manhã e à tarde; assim, o Sr. Daniel não teve outra

¹²⁶ Claudine de France, *Cinéma et Anthropologie*. Cap. 1, p. 38.

¹²⁷ Fita n. 6 do acervo audiovisual.

alternativa senão a de não me acompanhar mais, porque ele tinha seus afazeres enquanto presidente.

Liberada para transitar na área da Coopedra, com uma câmera na mão e o intuito de conhecer aquela realidade, dei continuidade às minhas visitas à área denominada Patrimônio, 48.5 hectares de área urbana onde existem diversos bancos de lavra. Passei a transitar por ali sem a presença do Sr. Daniel, entabulava os contatos por minha conta, aproximei-me daqueles que seriam os informantes da pesquisa. Fazia contatos, conhecia grupos distintos no interior daquele grupo maior, representado pela cooperativa. A cada novo contato, a inserção se refazia, claro que facilitada pelas vezes em que me observaram quando transitava ainda na companhia do Sr. Daniel. Os mineradores revelavam, além de desconfiança, curiosidade, o que facilitava minha aproximação e abordagem, momento em que lhes explicava as razões de minha presença ali e da câmera que me acompanhava. Nem todos os grupos abordados quiseram participar do processo. Alguns se mostravam resistentes, outros mais abertos, outros reticentes... No universo das pedreiras do patrimônio, os informantes iam sendo selecionados, na medida em que fragmentos de seus cotidianos no trabalho eram registrados em vídeo.

Esses primeiros registros, quando restituídos às pessoas filmadas, determinavam em grande medida se os grupos registrados seriam inseridos ou não ao universo da pesquisa. Os critérios eram ditados por um lado pelas próprias pessoas registradas, com a persistência ou não da disponibilidade em participar depois da primeira experiência de restituição, e também por mim, pois eram ocasiões em que tinha oportunidade de observar-lhes o comportamento ao mesmo tempo que avaliava seu potencial enquanto informantes.

Com algumas pessoas que foram registradas, o contato seguinte, para o retorno dos primeiros registros não aconteceu, eles não demonstraram interesse em ver seus registros, muito embora não tivessem se oposto a ele. Com outros, o contato seguinte limitou-se à primeira restituição e a relação não teve continuidade depois disso. Com um número menor, ao contrário, houve o prolongamento da relação, e os encontros sucessivos agiam no sentido de estreitar nossos vínculos, na medida em que construíamos nossa relação. Estes últimos se transformaram nos efetivos informantes da

pesquisa quanto ao comportamento técnico atual e também quanto a técnica imediatamente anterior a atual.

O vídeo de exploração e a dupla perspectiva de registro: presente e passado

Restringi os informantes principais da pesquisa exploratória nas pedreiras a dois grupos específicos, composto pelos trabalhadores de dois *bancos*: um deles pertence ao João Peroba e o outro ao Tião Rosa. A efetiva seleção dos informantes foi ditada pela empatia que acontecia entre minha pessoa e eles, e principalmente pela disposição deles em participar da pesquisa, depois de conhecer os objetivos dela e de já terem experienciado um momento de entrevista com a restituição dos primeiros registros em seus bancos. Nessas ocasiões, apesar de já conhecer os objetivos e os passos da pesquisa exploratória, já tendo se disponibilizado a participar, nem sempre se mostravam dispostos ou disponíveis a informar sobre, comentar ou analisar a sua imagem ou a de outras pessoas. Um outro tipo de comportamento nos momentos de restituição demonstrou o quanto um grupo, quando quer, é capaz de se tornar hermético, a conversa sobre os registros girava entre eles mesmos, riam, faziam gozações e brincadeiras entre si, sempre relacionadas a algum aspecto das gravações. Quando eu tentava estimulá-los, davam respostas lacônicas. Esses tipos de comportamento durante as primeiras restituições demonstraram que, no momento em que aceitaram participar não tinham, na verdade noção da dimensão da proposta. Na mesma medida, eu, quando fazia-lhes uma explanação geral dos passos da pesquisa e de seus objetivos, não tinha realmente noção de como eles haviam entendido minhas necessidades em relação a eles, e de como nos atenderíamos, uns aos outros. Somente depois da primeira restituição é que tivemos realmente condições de conhecer nosso potencial de adaptação em relação às exigências da pesquisa. Assim os grupos foram descartados, ou se descartaram, outros foram selecionados, demonstrando interesse e disponibilidade em participar. De todos os grupos contemplados nas primeiras experiências de restituição dos registros, os dois a que me restringi foram os que se mostraram mais dispostos a colaborar, a dedicar

seus preciosos tempos à construção do filme, em todas as suas fases. É preciso ter em mente que a disponibilidade temporal é uma exigência em tanto em relação ao pesquisador, quanto aos que se transformam em sujeitos da pesquisa.

Era a idéia original da proposta metodológica utilizar os registros das técnicas atuais como estimuladores da memória dos informantes em relação às técnicas antigas. Acreditava que tais registros pudessem fornecer uma referência quanto ao passado técnico, ou quanto ao possível processo de transformação que havia originado a técnica atual. Na prática, as imagens gravadas no presente, depois mostradas aos informantes, demonstrou não ser uma forma eficiente de estimular a memória deles. Normalmente demonstravam grande interesse em ver a fita depois. Marcávamos encontros, geralmente nos finais de semana para assistirmos juntos às gravações. Era impossível vermos as fitas no mesmo dia, pois a jornada de trabalho dos mineradores é árdua, e ao final do dia eles estão cansados. A criação da infra-estrutura ficava ora sob a responsabilidade deles mesmos, quando eu comparecia levando somente a fita que assistiríamos e a câmera, com a qual fazia o registro de nosso encontro.. Como a maioria das casas em São Thomé das Letras não tem vídeo-cassete, eles se desdobravam. Pediam vídeo emprestado ou então marcavam como local para nosso encontro a casa de algum amigo que possuísse o vídeo. Em outras ocasiões, eu mesma levava o aparelho de vídeo, e instalava em suas casas. Assistir ao vídeo virava sempre um acontecimento social, para o qual eram chamados vizinhos, parentes e amigos. Não houve uma só ocasião em que a pessoa filmada comparecesse sozinha ao encontro.

Durante a exibição do vídeo, eu sempre procurava estimulá-los, com frases do tipo: *sempre foi assim?*, ou então *como faziam antes?*, ou ainda *desde quando vocês fazem isso dessa maneira?*. De maneira geral, eles não se mostravam muito receptivos à estas interferências nos momentos do retorno, ou propensos a comentar oralmente. Gostavam de assistir às fitas e não de comentar sobre elas. Nessas ocasiões recebia respostas lacônicas ou olhares que traziam claramente a mensagem: *“Deixe-nos assistir à fita em paz!”*. Por vezes, depois de observarem a si mesmos e a outras pessoas nos registros videográficos, ficavam mais reservados, parecia que não queriam comentar ações que não eram somente suas, pois dela participavam também outras pessoas. A

câmara, nesses casos, transformava-se em agente inibidor. Em outras ocasiões, depois das primeiras vezes, percebi que, quando fazia novos contatos nas pedreiras, as orientações que me davam estavam relacionadas com aquilo que haviam assistido na TV. Não comentavam na hora, mas usavam as informações visuais depois orientando os registros seguintes. Essas reações diferentes entre si foram dados fundamentais na seleção dos informantes.

Percebi então, que aqueles momentos em que assistíamos juntos as gravações, não eram na verdade momentos de pesquisa, ou de trabalho. Para eles, era lazer, momentos de pausa, onde eles acompanhavam, com extrema descontração, o que havia sido registrado. Nesses “*momento de pausa*” em nosso relacionamento de trabalho, eu lhes levava o que eles queriam ver: suas imagens e vozes, e ter: as fitas com seus registros; mas quando eu colocava assuntos relacionados às pedreiras, os seus locais de trabalho, não era incentivada a continuar. Depois de assistirmos o vídeo, conversávamos sobre outros assuntos, variados, eles falavam de suas vidas e me faziam perguntas sobre a minha. Mesmo não tendo vídeo cassete em casa todos eles pediram uma cópia da fita, para guardar de recordação, demonstrando a importância que aquele registro tinha para eles. O próprio fato de me receberem em suas casas, ou na de seus amigos, e de terem a fita, parecia fazer com que se sentissem especiais, me tratavam, progressivamente, com cordialidade e deferência.

Os informantes se mostravam mais dispostos a falar quando estavam sendo filmados em suas atividades cotidianas, e não em nossos vídeo-entrevistas, que fugiam à via de regra de seu dia-a-dia¹²⁸. A narrativa fluía mais livremente se eles estavam realizando algum trabalho manual, ou se apenas conversávamos, mesmo com a câmera ligada. Quando se viam e se ouviam através do vídeo suas atenções ficavam completamente absorvidas por ele. Em algumas dessas ocasiões pude perceber que os informantes mudavam seu jeito de discursar, e de se posicionar, nas novas gravações. Ao se visualizar através do registro, a *mise en scène* seguinte demonstrava uma nova performance.

¹²⁸ Considerar como *video-entrevistas* os momentos em que nos reuníamos para observar as gravações em conjunto.

Depois das exposições, voltávamos a falar de trabalho somente nos novos encontros, quando eu ia abordá-los nas pedreiras. Ali sim, comentavam o que viram indicavam novos ângulos para o registro daquele dia e apontavam em seus bancos de lavra o que havia modificado desde a última gravação. Entretanto, a questão das formas antigas nunca era mencionada por eles, e quando eu tocava neste assunto, se esquivavam. Eu ainda não conseguia entender essas reticências, e por vezes era tentada a acreditar que eles desconheciam outros métodos de lavra. Se assim fosse, as peças do quebra cabeças não estavam se encaixando, pois eu já sabia que eles haviam sido iniciados na atividade por seus pais, que certamente mineravam sem o auxílio das máquinas, que somente foram inseridas partir de meados da década de 70.

Frente a esse comportamento por parte dos informantes, abandonei a expectativa de conseguir deles momentos de rememoração através da visualização das gravações, limitando-me a investigar as fases da técnica atual. Durante as entrevistas onde assistíamos as fitas, eles sempre demonstravam grande impaciência quando eu parava a fita, ou quando voltava a algum ponto, na tentativa de obter informações. Ficava sempre evidente que preferiam ver o fluxo das ações, tal qual este havia sido registrado. Como a restituição das gravações somente acontecia nos finais de semana, a pesquisa assumiu um ritmo bastante lento. Parti então para a construção de uma nova estratégia em nosso relacionamento, que permitissem um estímulo mais adequado no sentido de atingir os objetivos da pesquisa.

Como praticamente não conversávamos sobre a técnica extrativa fora das pedreiras, decidi utilizar o recurso oferecido pelo visor de cristal líquido que minha câmera possui para fazer a restituição imediatamente após o registro, no próprio ambiente em que ele havia acontecido. Dessa maneira, ao retrair o método de restituição dos registros, passei a obter orientações mais incisivas quanto aos enquadramentos que deveria fazer, aos ângulos e processos que deveria registrar na sequência. A experiência, desde o início, agiu no sentido de agilizar o registro das fases e de seus procedimentos específicos sob a orientação daqueles que as executavam, tornando-os mais participantes, na mesma medida em que eu podia juntar ao meu olhar instrumentalizado o olhar deles. Eu tinha ainda a esperança de conseguir penetrar em sua

memória, e experimentava a nova estratégia de restituição registros em seu próprio ambiente, e meus questionamentos sobre o passado também nessas ocasiões acontecia como possibilidades de estímulo para que a memória técnica emergisse, permitindo o registro de técnicas já desaparecidas.

Um dia, quando estava no banco do Tião Rosa, ele apontava um corte feito na rocha por uma explosão, coloquei mais uma vez a questão da técnica antiga, principalmente aquela que foi imediatamente anterior à inserção do compressor à óleo diesel, que atualmente faz os furos das minas, onde são colocados os explosivos. Nessa ocasião, fui surpreendida pela resposta positiva. Ele contou que antes do compressor, as minas eram feitas manualmente, uma a uma, por duas ou três pessoas. Para furar a rocha, uma dessas pessoas, ficava sentada no chão, segurando uma cunha, um ou dois em pé, batendo na cunha com marretas. A cunha ia sendo girada pela pessoa que estava sentada no chão. Essa maneira era corrente quando ele, ainda criança, era iniciado por seu pai no trabalho com a pedra. Logo após a descrição verbal, ele e outro companheiro que estava lá conosco começaram a fazer um furo para que eu registrasse. Um deles se sentou no chão, e o outro começou a bater na cunha com a marreta. No início devagar, começaram a fazer uma percussão diferente, que ia aumentando de intensidade na medida em que a prática impulsionava o ritmo. Fizeram um pequenino buraco na rocha. Disseram que os buracos que faziam antigamente eram um mais profundos do que aquele. Comentaram que o trabalho era pesado.

Perguntei-lhes se seria possível que eles representassem, para que eu registrasse em vídeo todo o processo antigo, ao que prontamente responderam que sim, que representariam desde que eu lhes ajudasse em uma tarefa. Estabeleciam assim uma condição para colaborar com a pesquisa que eu realizava. Propunham explicitamente condição, uma “troca”. O que eles desejavam era que eu lhes ajudasse a “limpar” um trecho do Ribeirão Passa Quatro, no qual localiza-se a *Cachoeira da Garganta*, bastante degradado pela mineração, em avançado processo de assoreamento.

Vale dizer a respeito da colaboração por parte dos informantes se vincular, em determinados momentos, a uma proposta de “troca” entre nós (colocada em primeiro lugar pelo Sr. Daniel e reiterada, depois, de maneira mais incisiva por Décio, Tião Rosa

e João Peroba), que é isto é um processo natural quando da estada do pesquisador em campo: as fontes vivas tem também suas próprias demandas, que desejam ver cumpridas.

Concordei em *tentar* ajudar o grupo que queria limpar o ribeirão, fazendo a ponte entre eles e o IBAMA. Entretanto, alertei-os sobre meu despreparo para levar adiante aquela empreita, já que desconhecia completamente o caminho que seria necessário trilhar, posto que dependíamos de licenciamentos institucionais.

Quetionei-lhes sobre o porque de não terem reagido antes, quando eu lhes perguntava sobre esse passado técnico, ao que responderam que falavam naquele momento porque já me “conheciam direito”, antes não. Percebi que na mesma medida em que eu procurava desenvolver minhas estratégia para conseguir chegar aos objetivos da pesquisa, eles também construíam as suas, no intuito de “me usarem” para conseguir um objetivo específico; e mais, percebi, que “tramavam nas minhas costas”, pois a proposta já estava bem elaborada quando foi colocada, e já era de conhecimento de mais alguns deles.

Fizemos algumas visitas à área, ocasiões registradas em vídeo. Durante essa visita, a proposta para a limpeza foi apresentada pelo João Peroba e registrada em vídeo. A partir da análise desse registro, um planejamento técnico mais detalhado passou a acontecer ao mesmo tempo em que escolhíamos os trechos que seriam editados em um vídeo síntese, *Proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta*¹²⁹. Depois da edição deste vídeo, fizemos mais algumas visitas, quando eles elaboravam detalhes sobre a forma de realizar a limpeza e quanto ao material que seria necessário.

Curiosamente, o grupo que propunha a recuperação, através da limpeza do ribeirão, não era o responsável direto pelo avançado estado de degradação da área, que divisa com o Patrimônio, onde se localizam seus bancos. Percebi então, que o grupo propunha a a limpeza motivado por uma ligação afetiva com o local. Sempre faziam referência à sua vivência ali quando pequenos, ou adolescentes, antes da poluição.

¹²⁹ O vídeo esta registrado no anexo *Audiovisualidades*. A edição foi completada por registros feitos posteriormente e seria enviada ao IBAMA, no intuito de conseguir o licenciamento para fazer a intervenção na área.

O pedido que me fizeram também revelava um sentimento de dificuldade em lidar com as teias da burocracia estatal e em dialogar com os representantes das políticas públicas relativas à preservação ambiental (FEAM e IBAMA) que fazem a fiscalização na área, apontando à distância que existe entre o Estado e a população local, a real guardiã da natureza naquele local.

Para se realizar qualquer tipo de intervenção física em curso d'água ou em suas margens, é preciso obter uma autorização do Ibama, responsável pela liberação, que somente é conseguida mediante a apresentação de um projeto técnico feito por uma equipe multidisciplinar, que representa num contexto maior, a “indústria da preservação ambiental”. O trabalho das equipes que realizam esses tipos de projeto estão muito além das possibilidades financeiras daqueles pequenos mineradores. Depois de apresentado o projeto, o Ibama faz a vistoria, liberando ou não a intervenção.

A necessidade de parecer técnico levou-nos a tentar envolver no projeto o engenheiro da cooperativa, Cláudio José de Carvalho. Este no início demonstrou muitas restrições, dizendo que tocar ali seria como “mexer com um vespeiro”. Certamente referia-se a possíveis oposições dos proprietários da área que margeia o ribeirão, envolvidos em processos jurídicos por causa da degradação daquele curso d'água.

Quando finalmente o engenheiro foi convencido a participar, já estava em processo uma certa desarticulação dos informantes que haviam feito a proposta. O momento coincidiu com a aproximação do período das chuvas de verão. Quando elas chegam o trabalho nas pedreiras é interrompido, porque não se tira e não se carrega caminhões nas chuvas, pois eles não conseguem transitar pelas pedreiras. Queriam levantar dinheiro rapidamente, para aplicá-lo nas obras de construção de suas pousadas na cidade, aproveitando ao máximo a estiagem.

Estes fatores, aliados ao meu despreparo para conduzir uma *pesquisa ação*, e transformar a idéia em uma ação, concorreram para a não realização da nossa troca. Infelizmente, naquelas circunstâncias, a proposta extrapolava muito a perspectiva da pesquisa original. Assim, possibilidade de construção de um vídeo de reconstituição das técnicas antigas foi sacrificada.

Entretanto, mesmo não tendo se realizado naquele momento, é ainda uma possibilidade para um desdobramento futuro do presente trabalho, pois a proposta continua em aberto e os informantes ainda se dizem dispostos a levar adiante tal experiência. Pediram um tempo para terminarem as obras em suas pousadas, depois disso, ficariam “mais folgados” e teriam disponibilidade para se dedicar à limpeza da Cachoeira da Garganta e representar a antiga técnica de extração do quartzito. Por certo, se esta experiência for realizada, uma importante via de utilização dos passos da pesquisa exploratória pode ser construída em relação à uma proposta de *pesquisa-ação*¹³⁰.

A experiência que originou a proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta representou minha *real* inserção junto aos mineradores. Até então existia a convivência e a cooperação espontânea em relação à construção dos registros audiovisuais da técnica de extração atual, mas ainda não havia uma relação de confiança propriamente dita, o que vem a reforçar a premissa metodológica básica, de dispensar à realização do trabalho de campo uma disponibilidade temporal relativamente longa. A inserção foi longa, mais sólida abrindo uma importante “brecha” à realização integral de um vídeo de reconstituição, nos limites do presente trabalho apenas esboçado, em pequenos fragmentos: 1) depoimento oral do Sr. Saul, minerador aposentado, que é um dos últimos vivos que praticavam a técnica extrativa anterior à inserção dos explosivos; 2) a breve representação realizada pelo Tião Rosa e pelo Décio, da técnica praticada quando já utilizavam os explosivos, mas ainda faziam os furos das minas de maneira artesanal.

As Notas Videográficas e o Vídeo Organizado

O vídeo, conforme já foi colocado, fez as vezes de caderno de campo, e, em função disso, construiu-se um acervo que conta cerca de noventa horas de gravação. Este acervo constitui, no corpo do trabalho, “notas videográficas”.

¹³⁰ Ver a respeito de pesquisa ação em Michel Thiollent. Notas para o debate sobre pesquisa ação. In: Carlos Rodrigues Brandão (org.) *Repensando a Pesquisa Participante*. S.P: Brasiliense, 2 ed, 1Pp. 82-103.

Se no princípio da pesquisa, uma das ambições era a de realizar um vídeo sobre as transformações técnicas na extração do quartzito, no decorrer do trajeto tal ambição foi por outras substituídas. Ao conhecer a potencialidade do equipamento que estava em minhas mãos, e as condições que o campo oferecia para os registros, logo me deparei com questões técnicas que não seriam fáceis de ser solucionadas. Movimentar a câmera nos bancos de lavra e manter a qualidade das imagens não é tarefa fácil: o terreno é extremamente irregular, e os escorregões, quando não se presta atenção onde se pisa, acontecem a todo o instante.

Também o registro do som, principalmente das vozes, nas pedreiras, é algo complicado também. O vento forte compromete a “limpeza” dos outros sons, principalmente das vozes; alie-se a isso o falar, por vezes muito peculiar daquelas pessoas.

Por esses motivos, abandonei aquela ambição e a organização dos registros videográficos se restringiu a uma montagem simples, de forma a sintetizar as informações sobre as técnicas antigas de lavrar o quartzito e a atual, registrada passo a passo, desde a limpeza dos bancos de lavra até o acondicionamento das pranchas, já cortadas no caminhão que as leva para fora de São Thomé das Letras. Esses registros foram elaborados seguindo de perto os passos da *pesquisa exploratória*, tendo nos informantes os principais orientadores da tomadas.

Quanto à utilização dos quartzitos pela população local, o vídeo foi utilizado numa outra perspectiva. Eu não tinha, no momento mesmo da filmagem, a intenção de fazer o “retorno” daquele registro aos informantes, pelo menos não da maneira minuciosa em que eles aconteceram em relação à fase de mineração. A devolução sempre acontecia, porque as pessoas filmadas receberam uma cópia do registro; todos eles, sem exceção demonstraram desejo em possuir uma cópia. Nesses registros, eu ia acompanhando com a câmera a atividade das pessoas e fazia perguntas ocasionais, no intuito de obter alguma explicação sobre seus gestos e as contingências em que eles acontecem. Dessa maneira, após observar os procedimentos técnicos, realizei os registros e, durante eles, dialoguei diretamente com as pessoas envolvidas, fazendo-lhes perguntas que tinham por objetivo a explicação das técnicas que empregavam naqueles

momentos. Foram contempladas nos registros três formas de utilização de quartzito: na confecção de casinhas de pedras, em miniatura, que são vendidas aos turistas como *souvenirs*; na construção civil, no revestimento de fachadas e pisos e finalmente, sua utilização nas obras públicas, no calçamento das ruas. O fato de ter privilegiado somente esses três aspectos da utilização dos quartzitos não significa que outros não existam, mas que são esses aspectos os mais expressivos na comunidade local. Nessa ocasiões, a inserção se fazia através de uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa, e, como não houve, por parte de nenhuma das pessoas, resistência quanto ao registro, a abordagem era imediatamente seguida da gravação. A anuência imediata ao registro aconteceu em grande medida porque aquelas pessoas já me conheciam de vista, pois eu já havia iniciado a pesquisa em São Thomé das Letras junto às redes de informantes; de certa maneira, minha inserção na comunidade já havia acontecido, e as pessoas gravadas nessa fase fizeram referência, quando abordadas, ao fato de já terem me visto na companhia de outros, seus conhecidos. Certamente isso contribuiu para que permitissem o registro.

O terreno onde se move o filme documentário aparece atualmente, com a multiplicidade de recursos disponibilizados pela tecnologia, como um grande campo aberto a novas experiências estéticas. *“Quanto ao cinema documentário, da mesma forma que ele foi se adaptando, incorporando inovações tecnológicas, como a televisão e o suporte magnético, está agora assimilando os suportes interativos de uma maneira geral”*, coloca o Professor Március Freire ¹³¹.

No presente trabalho, mesmo em face de tais possibilidades, as restrições impostas pelo equipamento utilizado e pelo meu precário preparo em sua manipulação, a edição dos vídeos de exposição (com exceção do vídeo *Coopedra* e *Proposta para Limpeza da Garganta*, que tinham objetivos definidos pelos informantes) se restringiram a montagens simples, elaboradas de forma a organizar material audiovisual em estado bruto e organizá-lo segundo dois temas principais: extração e utilização dos quartzitos.

¹³¹Március Freire. A tela pluridimensional. O filme documentário e suas novas próteses tecnológicas. In: *Cadernos da Pós Graduação. Instituto de Artes/UNICAMP, Campinas, SP – Brasil, v.3, 1999.*

O vídeo como ferramenta na aplicação da história oral

As relações do sistema de vídeo com a história oral, no contexto da pesquisa, foram construídas em três instâncias diferenciadas:

- a) a câmera como instrumento de registro das entrevistas;
- b) o vídeo como suporte material para os roteiros das entrevistas de história oral;
- c) a fita de vídeo como suporte para a conferência da entrevista, através de sua restituição (ou devolução) para as pessoas entrevistadas.

A câmera como instrumento de registro das entrevistas

As entrevistas, nas múltiplas formas que aconteceram na pesquisa sobre São Thomé das Letras, devem ser entendidas enquanto um espaço/tempo para a colocação de vários tipos de saberes: os experienciados, ou relacionados à existência individual do informante e os tradicionais, ou àqueles que trazem como herança de seus antepassados. O vídeo foi utilizado junto a todas as redes de informantes, embora sua utilização tenha variado, apresentando especificidades ditadas pelos tipos de relação construída com cada indivíduo, ou grupo.

Em relação à temporalidade, o alcance dos registros em vídeo assume uma importante dimensão ao colocar sobre um suporte permanente o informante em seu presente imediato, em toda a riqueza de informações que o registro audiovisual permite conhecer. A oralidade cobriu principalmente o tempo de vida dos informantes, mas por vezes extrapolou-o, alcançando outras gerações, através da permanência de narrativas que o homem atual ouviu contar de seu pai, que por sua vez ouviu de seu avô, e assim por diante. Na mesma medida que a oralidade, a visualidade apreendida pela câmera e principalmente a sincronia entre a oralidade e a gestualidade das pessoas registrados, permitem acessar gestos de um passado longínquo, observados pelo narrador atual; este pode repeti-los, na mesma intensidade em que reproduz as falas de seus antepassados,

quando rememora. Dessa maneira, os registros audiovisuais ao registrar o homem atual, expressa todo o seu valor na cadeia de transmissão das narrativas tradicionais, que vive em sua memória individual. Estas, são tipos de relatos que admitem jogos de linguagem, onde a fala e o gestual se unem inevitavelmente na performance dos que compõe essa cadeia de transmissão do saber. *“Os postos narrativos (remetente, destinatário, herói) são de tal modo distribuídos, que o direito de ocupar um deles, o do remetente, fundamenta-se sobre o duplo fato de ter ocupado outro, o de destinatário, e de ter sido, pelo nome que se tem, já contado por um relato, quer dizer, colocado em posição de referente diegético de outras ocorrências”* ¹³².

Em São Thomé das Letras, o fenômeno da *modernização* cultural está à galope. Os narradores tradicionais ainda existem, mas são cada vez menos numerosos. As narrativas estão assumindo outras formas desde que os efeitos do progresso chegaram por lá. As *rodas* – encontros entre as pessoas - onde as narrativas faziam, ao mesmo tempo, as vezes de opção de lazer e de instrumento de manutenção da identidade coletiva, já há algumas décadas não acontece mais com tanta frequência e, quando acontece, os assuntos não são mais os mesmos, renovam-se a cada dia, ao sabor da rapidez dos meios de comunicação. O narrador tradicional já não vive mais, e seu antigo público experimentou as novidades que a sociedade moderna ofereceu: ele também não é mais o mesmo e já não têm mais pra quem narrar ¹³³.

A antiga identidade local, cultivada por mais de dois séculos entrou, há quatro décadas, em franco processo de transformação. As memórias individuais que resguardam a tradição oral desaparecem com a morte das pessoas mais velhas: os mais novos são incapazes de dar prosseguimento a ela, pois contam em seus cotidianos com elementos culturais de outra natureza, o ritmo de suas vidas não é o mesmo de seus

¹³² Lyotard, *O Pós-Moderno*, cit. pg. 39.

¹³³ Tião Rosa sempre se referiu a seu pai, Antônio, seu avô, Joaquim Teodoro e a algumas outras pessoas como contadores de histórias. Ouvir os *causos* era uma atividade de lazer para a comunidade tradicional, reunido a família e eventuais visitantes. Antigamente, pessoas tinham o hábito de se visitarem, ocasiões regadas à cachaça ou a um cafezinho ralo e doce, quando desfiavam lembranças e contavam os mais variados *causos*. Mais uma referência aos contadores de histórias de São Thomé das Letras podem ser encontradas nos artigos da imprensa da década de 60, que colocam como uma das atrações do local os moradores, entre os quais são apontados principalmente nos integrantes da família Rosa, que se aproximam dos visitantes e lhes contam histórias fantásticas.

antepassados. Assim, os atores sociais que fiscalizavam as narrativas no interior das sociedades tradicionais, garantindo a transmissão de sua estrutura fundamental, não são mais os mesmos. É um povo cuja identidade já passou – e passa ainda, constantemente – por um rápido processo de reelaboração, incorporando novos valores, e novas visões de mundo.

Diante da intensificação do processo de transformação vivido nas últimas décadas alguns fragmentos da antiga identidade foram resgatados (e registrados), durante as entrevistas com os informantes da pesquisa.

As Entrevistas

As entrevistas, nesse momento consideradas enquanto encontros entre pessoas para fins de registro, são a base empírica tanto da história oral como da antropologia filmica; acontecem em decorrência de uma relação entre pessoas diferentes, onde o grau de *empatia* pode variar de pessoa para pessoa, sendo este, um dado fundamental para que a experiência se efetive. Qualquer entrevista, independente da metodologia de registro e construção que seguir, pode ter resultados diversos, pois depende de seres humanos e do relacionamento entre eles, de sua vivência conjunta naqueles momentos e além deles. Entrevistador e entrevistado devem ter, no momento da entrevista, como ponto comum, o interesse pelo mesmo tema, e um tipo de conhecimento sobre ele. O primeiro adquiriu ou pretende adquirir o conhecimento através de pesquisa e engajamento no projeto; o segundo através de sua experiência de vida.

É um momento em que linguagem, cultura e saberes diferentes interagem e dialogam sobre o mesmo assunto. Momentos em que se tecem impressões e idéias mútuas: do entrevistado sobre seu interlocutor pesquisador, e deste sobre seu entrevistado. A relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado determina, em grande parte, os resultados de pesquisa: *“O ideal numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre*

*entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado”*¹³⁴.

As entrevistas com os informantes da história de São Thomé das Letras não seguiram uma regularidade metodológica rígida. Constituíram antes encontros, em sua maioria registrados pela câmera de vídeo, onde ecoaram lembranças e entendimentos diversos sobre um mesmo processo histórico. São fragmentos de um passado, tornados presentes em momentos registrados, a partir de contatos pessoais, cada uma acontecendo segundo uma sistemática, de acordo com os tipos de relações que iam se estabelecendo entre mim e os informantes. Dessa maneira, na medida que os informantes iam sendo selecionados, acontecia a adaptação da sistemática dos registros, no intuito de dar total liberdade aos informantes: foram eles que escolheram os momentos e as formas, optando por gravar ou não a sua imagem; eles foram por isso, em grande parte, responsáveis por sua *mise en scène* no âmbito da pesquisa, no qual foram introduzidos num intuito de cooperação livre e consciente. A cada um deles foi dada uma explicação geral da pesquisa em dupla medida, em relação à construção da história através de suas memórias individuais e a questão do registro em vídeo como instrumento privilegiado para o estudo da história.

O registro com a câmera de vídeo sempre foi colocado por mim como uma condição, mas o posicionamento da câmera poderia ser arbitrado por cada um deles, de acordo com sua vontade. Se houvesse restrições quanto ao registro de sua imagem, bastava escolher um ponto onde as lentes ficariam fixas e a câmera faria as vezes de um gravador sonoro. Caso contrário, a câmara permanecia em minhas mãos, mas não constantemente em meu olho, eu procurava segurá-la ao lado de minha cabeça, de forma a encarar o depoente nos olhos, sem que as lentes fizessem a intermediação de nosso olhar no momento do diálogo. Para minha surpresa, apenas três dos informantes não quiseram gravar suas imagens, José Flávio, Sr. Hilton e Colibri, sendo que esta última não quis gravar nem mesmo sua voz; a ela abri uma exceção, em consideração ao

¹³⁴ Verena Alberti, *História oral. A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1990. Cit. pg. 69.

seu empenho em participar e a timidez que é uma de suas características pessoais. Os outros demonstraram bastante desenvoltura frente à câmera, não parecendo intimidados ou pouco à vontade com o olho mecânico que as encarava, ao lado dos meus olhos.

As entrevistas com ambas as redes de informantes compõem um tipo que podemos chamar de *complementares*, já que através delas buscava informações subsidiárias ao tema principal da pesquisa, a história da técnica de extração do quartzito, investigada sob a perspectiva da *pesquisa exploratória*. Vale lembrar que a construção do conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras, de acordo com a proposta do presente trabalho teve como opção metodológica a investigação do passado *por meio* da construção de registros audiovisuais no presente, apontando a recusa, num primeiro momento, aos documentos escritos, aí residindo o distanciamento fundamental da história oral tradicional: o tema da pesquisa não foi *cercado* através de documentos escritos, pois a *oralidade* não foi considerada como um tipo de conhecimento complementar ao conhecimento veiculado pelos documentos escritos. Ela, aliada as imagens, foi a base a partir da qual procurou-se por *vestígios de história*, que porventura estivessem registrados na memória, em seu veículo – *meio* – essencial o homem atual.

Os depoimentos são única e simplesmente parcialidades, visões particulares de cotidianos distintos que tiveram vez e lugar no interior de uma mesma comunidade: seu conjunto aponta como resultado a identidade local. Eles não devem entretanto, mesmo frente ao reconhecimento de seu caráter parcial e fragmentado, ser considerados como células isoladas, são antes, partes de um todo maior, o cotidiano vivido, onde se integram todos os cotidianos particulares: são parciais, porque específicos de indivíduos, mas também fontes de identidade entre eles.

No intuito de transitar entre os mundos daqueles indivíduos, tentando descobrir neles os fios que os uniam em todo maior, coletivo, experimentei, simultânea e sucessivamente entrevistas com os seguintes tipos de roteiro:

- 1) *Roteiro temático oral*: Era um roteiro bem simples, pouco elaborado, que compunha-se basicamente de três questões: *auto apresentação do*

informante; primeiro contato com São Thomé das Letras; experiência vivida em São Thomé das Letras. A simplicidade do roteiro não deve pressupor que as entrevistas realizadas com seu auxílio tenham sido igualmente simples. Ao remeter para a vivência das pessoas em São Thomé das Letras, abria-se a possibilidade de inserção de vários temas, que a história de vida dos informantes cuidavam de “costurar”, com riqueza de detalhes. Ao roteiro básico, de acordo com a experiência de cada informante, outras questões eram inseridas, e deste, outros roteiros surgiam, aplicados em um ou mais encontros.

- 2) **Roteiro temático audiovisual:** eram registros em vídeo de alguns locais da cidade e das pedreiras, com os quais esperava-se evocar possíveis temas para rememoração.
- 3) **Roteiro temático visual:** pasta com fotografias históricas e fotografias atuais.

Deve-se ter em mente que não houve nenhuma limitação no que diz respeito ao tipo, duração e quantidade de entrevistas para um determinado informante ou grupo. Houve casos em que o registro se limitou a um único encontro, orientado pelo roteiro oral básico, seguido da apresentação da pasta de fotos, como foi o caso do Sr. Hilton; em outros, os registros foram múltiplos permitindo que todos os tipos de roteiros fossem utilizados, mais de uma vez.

Essa descontinuidade metodológica justifica-se pelo fato de ter partido do informante as determinações quanto à forma e ao momento dos registros, eles fizeram o momento: escolheram ou montaram o cenário e fizeram sua *mise en scène*; eu registrei, e coloquei os temas, objetiva e subjetivamente, a experimentar formas de com eles me comunicar.

Roteiro temático audiovisual

Essa proposta metodológica tinha como objetivo testar a aplicabilidade do vídeo como possível auxiliar nos processos de rememoração, onde ele agiria como estimulador da memória dos informantes.

Antes mesmo de iniciar os trabalhos com a segunda e a terceira redes de informantes, quando o trabalho estava ainda restrito ao processo de seleção dos informantes nas pedreiras do Patrimônio, já havia percebido as dificuldades em assistir as fitas de vídeo junto com as pessoas registradas. Especificamente em relação aos procedimentos da pesquisa exploratória, onde assistir em conjunto os registros era uma premissa fundamental, a solução encontrada foi assistir o que havia sido registrado imediatamente após o registro, através do visor de cristal líquido da câmera, como foi descrito nas partes anteriores da presente dissertação. As mesmas dificuldades se apresentaram quando tentei utilizar alguns vídeos como estimuladores da memória junto às outras redes.

A utilização de roteiros audiovisuais, fora do contexto das gravações, não foi uma opção eficiente em São Thomé das Letras. Fatores de várias ordens dificultavam sua aplicação, e, após algumas tentativas frustrantes, essa opção foi abandonada. O vídeo cassete ainda não é um aparelho banalizado na cidade, eu tinha que levar o equipamento para instalar nas casas dos informantes. Entretanto, logo percebi, isso não ajudava muito a execução da proposta metodológica. As televisões dos informantes, algumas muito antigas, inviabilizavam, ou então dificultavam a instalação do vídeo cassete. Quando eu levava a TV também, por vezes aconteceram situações constrangedoras, pois as casas das pessoas, geralmente muito pequenas e entulhadas de coisas não ofereciam espaço para a colocação do equipamento, por isso, a instalação era demorada e gerava uma certa apreensão entre as pessoas.

A montagem da infra estrutura com o aparato tecnológico, necessário para assistir os roteiros videográficos, quando possível, sempre roubava um tempo precioso de nossos encontros, e os resultados, em termos de rememoração eram praticamente inexistentes. Na maioria das vezes as pessoas demonstravam satisfação em assistir as

fitas, principalmente quando estas traziam registradas as suas pessoas. Ficavam “vidrados” nas telas, e não recebiam bem os estímulos que eu tentava fazer nesses momentos, apreciavam o *continuum* das ações e por isso, as pausas também não eram bem vindas. Assim como já havia acontecido com o grupo de mineradores, assistirmos as fitas juntos passaram a constituir momentos de pausa em nossos encontros.

As reais condições encontradas em campo apontaram à necessidade de retilhar os caminhos metodológicos: as dificuldades em colocar a infra-estrutura de vídeo em funcionamento a cada novo informante, a cada novo local, ou a cada novo encontro e sua ineficiência, em minhas mãos, em produzir momentos de rememoração levaram-me a abandonar o vídeo como roteiro das entrevistas, embora tenha sido uma experiência bem sucedida no caso específico do Sr. Daniel (experiência de inserção que resultou no vídeo *Coopedra*). Mantive entretanto, a proposição inicial de sempre retornar para as pessoas registradas os seus registros, mas passei a fazê-lo como nas pedreiras, através do visor da câmera. Em algumas dessas ocasiões pude perceber que os informantes mudavam seu jeito de discursar, ou de se posicionar, principalmente depois da primeira vez que assistiam ao registro: quando ocorria um novo registro, a *mise en scène* seguinte, demonstrava sempre uma nova consciência.

Roteiros visuais – As fotografias históricas

A utilização de fotografias históricas nas enquetes orais tem subsidiado vários trabalhos, desde que se reconheceu que a dimensão imagética também condiciona o nosso lembrar. A Professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson bem aponta que “na verdade desde os anos 30 e 40 com a ‘democratização’ do registro fotográfico através do surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente barata que permitiram a fixação rápida e fácil de ‘instantâneos’, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do

*que pelos livros de memória, cartas ou diários e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético*¹³⁵.

Com a autoridade que sua longa experiência de pesquisa conjugando fotografias históricas com relatos orais no resgate de trajetórias de grupos sociais específicos lhe autoriza, a Professora Olga afirma o alto potencial das imagens fotográficas em todas as fases da pesquisa: 1) como detonadora da memória dos informantes, na fase de coleta dos relatos orais; 2) como auxiliar valiosa no processo de transcrição dos relatos orais; 3) como fator esclarecedor na construção de análises e 4) como componente fundamental na elaboração de um instrumento eficaz para a devolução dos resultados de pesquisa para o grupo pesquisado e para a sociedade mais ampla, através de exposições de fotos antigas em séries temáticas e/ou cronológicas¹³⁶.

Também em relação aos estudos antropológicos, as fotografias se prestam a importantes papéis nas realização de entrevistas, como aponta John Collier Jr, ao discutir os possíveis usos da fotografia em pesquisa na área de Ciências Humanas. Considera que uma das principais vantagens da utilização de fotografias é, sem dúvida, o deslocamento do eixo de atenção durante o momento em que ocorre a entrevista. Nos métodos tradicionais o objeto é o informante, o que acaba resultando em um certo desconforto; a utilização de fotografias minimiza, ou faz desaparecer tal sensação, agindo como orientadora, ou fio condutor, do diálogo, e talvez estabeleça verbalmente os tema da entrevista antes dela acontecer. Este caráter condutivo da fotografia age no sentido de otimizar a qualidade das entrevistas, por definir seus rumos. Quando uma entrevista é eminentemente oral, é muito comum que o entrevistado se distancie do tema proposto, e mais comum ainda, que o entrevistador tenha dificuldades em trazê-lo de volta ao eixo da conversa. Com o uso da imagem, basta que se mostre uma nova foto para que o entrevistado retome o fio condutor, além disso, as fotografias apresentadas

¹³⁵ Sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais ver Olga R. M. von Simson. *Imagem e Memória – Reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos de pesquisa histórico-sociológica*. Grupo de Trabalho Usos da Imagem. XIX Encontro Anual da ANPOCS – 17 a 21 out. de 1995.

¹³⁶ A professora Olga realiza pesquisas com esses instrumentos desde a década de 80, privilegiando os seguintes temas: carnaval, imigração de alemães para um bairro próximo a Campinas, história de dois bairros de Campinas.

aos entrevistados podem agir no sentido de acionar-lhes a memória. Essas observações colocadas pelo autor baseiam-se em experiências realizadas por ele e uma equipe de pesquisadores que estudavam o processo de aculturação de ingleses e franceses em um condado canadense. As entrevistas foram, num primeiro momento realizadas com base em um questionário e posteriormente com o auxílio de um conjunto de fotografias. Notaram que os relatos foram mais emotivos e subjetivos na primeira experiência, sem a presença das fotografias; com elas as informações foram mais concretas e objetivas, o que os levou a considerar que, em relação ao objetivo da pesquisa a entrevista foi melhor encaminhada. O motivo para o maior sucesso da experiência utilizando as fotografias estaria relacionado ao realismo fotográfico, transcultural, ultrapassando barreiras linguísticas por ser um objeto simbólico, de identificação visual: a imagem tem um significado mais direto e explicável para o informante ¹³⁷.

A experiência com as fotografias em São Thomé das Letras

Duas perspectivas

Inspirando-me nessas experiências, passei a buscar fotografias entre as pessoas que já colaboravam com a pesquisa ¹³⁸. Caso as encontrasse, tinha a intenção de compor com elas um roteiro que pudesse substituir os roteiros audiovisuais nas entrevistas como estimuladores da memória: elas ofereceriam a possibilidade de mudar o *timing* que o vídeo imprimia às entrevistas. As fotos, por serem imagens cristalizadas poderiam ser manipuladas com maior liberdade, permanecendo pelo tempo que fosse necessário ante os olhos do entrevistado, o que não acontecia com o vídeo, cujas imagens saíam do acesso visual destes com mais rapidez, e num ritmo que não era o seu, mas o meu.

Quando parti em busca das fotografias, um importante dado sobre a especificidade do processo histórico de São Thomé das Letras ficou evidente. Os informantes nativos em sua maioria não possuíam fotos, ou se possuíam eram poucas, e quase inexpressivas quanto à rememoração de seu vivido: lá, não tinham o hábito de

¹³⁷ John Collier Jr. *Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa*, EPU, São Paulo, 1973.

¹³⁸ Ver pags. 62/65 da presente dissertação.

produzir fotos, “os retratistas eram pessoas de fora” revelou Sr. Saul¹³⁹. A carência material e o relativo isolamento em que viveram até a década de 1970 não lhes tinha possibilitado o acesso às câmeras fotográficas, portanto, seu rememorar não estava, como nas sociedades modernas, vinculado às imagens cristalizadas pelas fotografias.

Ao comentar sobre esse assunto com o Neto, recebi a indicação da *Pousada dos Anjos*, ou melhor, seu dono, como uma possível via de constituição do acervo fotográfico. A partir dessa indicação uma valiosa rede se formaria, e com ela, o acesso à memória visual de São Thomé das Letras.

Essa nova rede de informantes, das “pessoas de fora”¹⁴⁰, que foi criada a partir do contato na Pousada dos Anjos, apresentava uma perspectiva diferente para a utilização das fotografias nas entrevistas. Ao contrário dos informantes nativos de São Thomé das Letras, eles conheceram as câmeras fotográficas bem mais cedo, e as utilizavam para registrar seus cotidianos ou suas viagens, portanto, as fotografias serviam-lhes como importantes auxiliares no sentido de narrarem suas experiências em São Thomé das Letras.

Com as fotografias cedidas por Tadeu Neder, e algumas poucas feitas por mim, compus um álbum, idealizado para ser utilizado como *roteiro* nas entrevistas. Durante os encontros com os informantes, depois de aplicar-lhes o *roteiro oral básico*, ou durante sua aplicação, mostrava-lhes o álbum e não fazia perguntas. Checava assim, quais eram reconhecidas pelos informantes, quais lhes traziam lembranças. A ausência de perguntas tinha o objetivo de perceber se as imagens agiriam no sentido de fazer com que os próprios informantes desvendasse os temas, que eram as imagens que elas registravam - origem, paisagem natural, paisagem urbana, festas, religiosidade, trabalho – ou então que eles próprios revelassem possíveis temas que relacionassem àquelas imagens, visto que em determinados momentos de suas vivências no passado, também foram delas testemunhos.

O uso das fotografias como roteiro nas enquetes orais, especificamente junto aos informantes nascidos e criados em São Thomé das Letras, revelou um certo poder

¹³⁹ Fita n. 23 do acervo audiovisual.

¹⁴⁰ Cf. essa rede de informantes nas pgs. 112/116 desta dissertação.

restritivo das imagens em relação ao discurso dos informantes. No lugar de estimular, elas agiam no sentido de direcionar, de pontuar, conduzindo ao mesmo tempo que empobrecia os depoimentos. Estes, sempre eram mais ricos quando os informantes falavam livremente, colocando seu olhar em pontos distantes, ou então a me fitar. A impressão que se tem é que eles se voltam para *telas interiores*, onde projetam seus passados... e rememoram. Nesses momentos, foram registradas narrativas onde as descrições do passado foram incrivelmente ricas em detalhes, como a demarcar seu ponto de apoio: falavam a partir de suas experiências, de suas histórias de vida.

Poucas imagens que eu apresentei foram expressivas no sentido de desencadear narrativas. A única que originou narrativas entre a maioria das pessoas foi a primeira das fotos do álbum: uma reprodução de um quadro do Barão de Alfenas, pintado por Nicolau Fachinetti no século XIX¹⁴¹. Este quadro, de grandes dimensões ocupa uma das paredes da sacristia da Igreja Matriz: é uma imagem há muito observada pelos habitantes locais, que tem com ela uma forte ligação, pois para eles, a origem do povoamento de São Thomé das Letras foi um acontecimento marcado pela presença do Barão¹⁴². Quando eu tentava instigá-los a falar sobre as outras fotos, respondiam laconicamente, ou então, limitavam-se a descrever aquilo que a imagem expressava.

Dos nativos, a única que mostrou fotos foi a D. Alvina¹⁴³. Das três fotos que mostrou, duas delas tinham molduras, na primeira ela estava retradada posando ao lado do marido, já falecido e na Segunda, ela e outra mulher posam ao lado de um homem que ela disse ser um político, o Francelino Pereira. A segunda foto é motivo de orgulho para ela, por ter sido registrada ao lado de uma “pessoa importante”. O registro entretanto, não suscitou lembranças sobre o motivo da presença daquele político ali, em São Thomé, ou sobre outro fato que não fosse a inveja e o bate-bocas que a foto originou entre ela e outras mulheres que viram a foto depois. D. Alvina conta, com gosto, que

¹⁴¹ O italiano Nicolau Fachinetti foi um pintor de retratos e paisagens que viveu no Brasil a partir de 1849. Registrou Gabriel Francisco Junqueira em um retrato de aproximadamente dois metros de comprimento por um de largura. De São Thomé das Letras, deixou mais três obras, contemplando paisagens da região. Donato Mello Júnior, *Facchinetti*, São Paulo/Rio de Janeiro: Art Editora Ltda/Ed. Record, 1982

¹⁴² A reprodução do quadro e as versões sobre a origem da localidade estão na Segunda Parte desta dissertação.

¹⁴³ *Fitas n. 24 e 25 do acervo audiovisual.*

elas sentiram inveja, principalmente por não terem sido contempladas com o mesmo privilégio.

Frente a esse comportamento das pessoas nascidas em São Thomé das Letras, não posso deixar de lembrar os importantes conceitos de *punctum* e *studium* desenvolvidos por Roland Barthes em relação às fotografias. *Studium*, ou *câmara obscura*, aponta as informações que a fotografia pode oferecer, em dependência da cultura do observador; se este tem ou não elementos para compreender o dado cognitivo presente naquilo que foi registrado. Nesse sentido, o *studium*, ou *câmara obscura*, é um dado elaborado pelo intelecto do observador. O *punctum*, ou *câmara clara*, ao contrário, liga-se à afetividade, é uma visão subjetivada da fotografia ¹⁴⁴.

Relacionando esses conceitos/metáforas à experiência em São Thomé das Letras podemos considerar que as fotografias que compunham o álbum não surtiram o efeito de desencadear rememoração nos informantes porque estes fizeram uma leitura delas em *studium*, a ela não se ligavam emocionalmente, como aconteceu com a foto do Barão. Esta, por relacionar-se a suas origens, desencadeou narrativas: a memória é algo estreitamente ligada à afetividade. Outro ponto que pode remeter ao conceito de *punctum* foi a importância que D. Alvina demonstrou em relação ao seu retrato com o político: o significado do momento em que ela, vítima de preconceitos por parte de várias pessoas, era registrada ao lado de um personagem ilustre é mais importante do que a foto em si, e as informações que ela contém.

Em São Thomé das Letras, pela especificidade de sua trajetória histórica, o rememorar ainda não está fortemente ligado à visualização de fotografias, pelo menos entre os mais velhos. Estes, que viveram os tempos anteriores à introdução das máquinas fotográficas entre a população local, vivenciavam a transmissão da memória entre as gerações pela oralidade, portanto, sua memória dificilmente poderia ser organizada por fotografias. As imagens que eu lhes apresentava pareciam encarcerar sua memória, e não

¹⁴⁴ Roland Barthes. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

suscitá-la; as fotos eram vistas com interesse, mas nada como uma boa *prosa* para que eles destravassem as línguas, e principalmente, a memória.

Com a experiência junto à rede de informantes composta pelas *peessoas de fora*, as fotografias assumiram outras perspectivas, apontando que a banalização do registro fotográfico alterou a *qualidade* da memória que as pessoas trazem consigo, que passa a transitar da oralidade à visualidade, tendo as fotos como intermediadoras: a memória torna-se pouco a pouco retiniana, na medida em que a vida das pessoas passam a ser registradas. Não raras as vezes, as pessoas quando iam narrar algum acontecimento ou experiência, buscavam nas fotos elementos narrativos de uma outra natureza, como se a visualização do registro fosse também capaz de explicar. Sob outra perspectiva, as fotografias assumem papel de prova, contaram suas experiências e mostraram fotos, como a reiterar aquilo que suas palavras já haviam descrito.

Junto à segunda rede, em específico, as fotografias desempenharam importante papel quanto à rememoração, orientação ou ilustração de narrativas. Vânia utilizou-se de slides para compor o roteiro de nossa primeira entrevista registrada,; Tadeu Neder, embora tenha sido a pessoa que me descortinou a memória visual manteve, durante nossa entrevista, *relações studium* com as fotografias, não eram fotos *suas*, mas fotos que recebeu de outras pessoas. Durante nossa entrevista, elas não suscitaram nele nenhum tipo de rememoração, ele limitou-se a descrevê-las. Com José Prado, uma outra perspectiva: ele narrava uma festa quando disse para eu esperar um pouco, saiu da sala e voltou um com um pequeno álbum de fotos, escolhendo a foto da casa onde a festa tinha acontecido: *essa tem que ser uma capa do seu trabalho*, apontava-a como a primeira casa de *hippies* em São Thomé das Letras ¹⁴⁵.

A experiência com a utilização de fotografias históricas na pesquisa em São Thomé das Letras foi importante em duas medidas: primeiro por me proporcionar uma *leitura studium* da evolução urbana do antigo arraial, que sem dúvida aumentou minha compreensão sobre a trajetória histórica local, e segundo, por poder, através da múltiplas experiências em torno das fotografias, conhecer um pouco sobre os processos

¹⁴⁵ Essa foto está integrada ao texto da Segunda Parte desta dissertação.

mnemônicos dos informantes durante as entrevistas: a participação deles demonstrou não seguir um padrão rígido, variando de acordo com suas experiências de vida.

O vídeo como registro do cotidiano e de eventos diversos

A câmera de vídeo funcionou em grande parte como *caderno de notas* durante o trabalho de campo, e com ela procurei o dia-a-dia – e a noite-a-noite, em diversos locais. No momento de análise do material de pesquisa, as *anotações videográficas* funcionaram como minha memória daquilo que observei no contato com a população local. Sua permanência em um suporte material garantiram a possibilidade de ver e rever as situações registradas, no sentido de descobrir nelas aspectos que certamente me teriam passado despercebidos caso me restringisse a observar e anotar no caderno tradicional, através da escrita.

Assim, os registros realizados com a câmera de vídeo não se restringiram às entrevistas ou aos temas relacionados ao trabalho nas pedreiras, e acontecimentos de várias naturezas foram registrados. Depois de conviver por determinado período de tempo na cidade de São Thomé das Letras, várias pessoas passaram a *demandar* registros, convidavam-me a participar de encontros, comemorações e festas públicas e privadas, para que as registrasse em vídeo. Dessa maneira, durante esse período um acervo audiovisual variado foi construído. Sem dúvida ele informou minha análise sobre a realidade atual e a composição da trajetória histórica local. Tais registros contemplam principalmente os seguintes temas:

1) atuação institucional em São Thomé das Letras, pois forneceram um contraponto para a perspectiva processual apontada pelos mineradores;

2) acontecimentos religiosos, como a chegada da Bandeira do Divino, a cavalhada de São Jorge, a Folia de Reis, as procissões da Semana Santa, etc.;

3) as festas, principalmente a tradicional Festa de Agosto. A comparação desses registros aos produzidos pelos realizadores do filme *Sam Thomé, sobre a pedra o*

homem, expressa a síntese das transformações pelas quais a sociedade, de maneira geral experimentou ali nos últimos quinze anos;

4) cenas do cotidiano da cidade nos anos de 1996 a 1998, sendo o último ano privilegiado quanto à quantidade e variedade de registros.

Tais registros compõe, junto aos que contemplaram o trabalho nas pedreiras e as entrevistas com os informantes, os documentos videográficos em seu estado bruto. Estes, mesmo que não utilizados na “montagem” de um vídeo etnográfico final - na perspectiva do vídeo como um *meio de expressão* dos resultados de pesquisa - podem servir a uma outra via de relacionamento entre os audiovisuais e a pesquisa histórica: eles são um *meio de pesquisa* ¹⁴⁶.

Os registros audiovisuais, na multiplicidade de maneiras segundo as quais foram construídos durante a pesquisa em São Thomé das Letras, devem ser considerados como *fontes de pesquisa*, ou *documentos*, levando-se sempre em consideração as especificidades que sua natureza lhe aferem. O acervo construído, a partir de sua alocação em um arquivo público poderão ser, eventualmente, analisados por outros pesquisadores; registram em um suporte material a ação dos homens – ou sua representação - em tempos/espacos definidos, na medida em que o distanciamento temporal dos momentos de registros vai aumentando, aumenta-se também o seu interesse em relação aos estudos históricos.

A *crítica* desses documentos, como a atestar sua validade ou não enquanto fontes de pesquisa, não é algo impossível: assim como no cinema uma análise *plano a plano* pode desmascarar possíveis trucagens, no caso do vídeo, a análise *frame a frame* pode surtir os mesmos efeitos. Além disso, um documento dessa natureza jamais será

¹⁴⁶ O potencial dos filmes como possível *meio* de pesquisa histórica já foram apontados nas partes precedentes do trabalho, através das obras de Marc Ferro e de Jean-Dominique Lajoux, entre outros. Vale notar que, em relação ao acervo audiovisual gerado durante a pesquisa em São Thomé das Letras, somente uma parte mínima foi utilizada nas edições, o que não significa que tal acervo possa ser, no futuro, utilizado em outros produtos editados.

utilizado de maneira isolada num contexto de pesquisa e, sua inserção em um conjunto maior poderá, sem dúvida “conferir” o tipo de “verdade” que ele expressa ¹⁴⁷.

Os documentos escritos

Em função da própria opção metodológica do projeto de pesquisa, as fontes escritas foram buscadas somente depois de realizado os registros audiovisuais, com exceção do processo de tombamento efetivado pelo *IEPHA*. Este contato foi realizado logo no início da pesquisa de campo, quando um funcionário da prefeitura (atualmente ex-funcionário) negou meu acesso ao dito processo realizado pelo *IEPHA* no município, alegando tratar-se de documento confidencial. Resolvi então, ir procurá-lo junto à própria fonte que o produziu, e a recepção foi bem diferente, não só o acervo pode ser consultado, pois fica em uma biblioteca pública, como explicado em seus detalhes em uma entrevista registrada em vídeo com o Superintendente de Tombamento ¹⁴⁸.

As outras fontes escritas consultadas foram livros de historiadores da região, genealogias de famílias ilustres, acervos cartoriais. Estas fontes foram procuradas na medida em que iam sendo sugeridas por pessoas do local, sendo que os livros de historiadores locais e a genealogia da família Junqueira foram cedidos pelos próprios informantes para minha leitura. Considerei também como *documentos* escritos os panfletos que tiveram circulação pública em São Thomé das Letras, que compunham o acervo de Tadeu Neder, eles são, assim como os documentos produzidos por instituições, testemunhos de uma época. Os artigos de jornais e revistas, encontrados principalmente nos acervos da imprensa local e regional foram, igualmente uma fonte importante, consultadas depois de finalizada a pesquisa audiovisual. Eles serviram para complementar as informações obtidas dos informantes da pesquisa, ora oferecendo um

¹⁴⁷ Ver a respeito da crítica dos documentos filmados em Lajoux, p. 111-113.

¹⁴⁸ Fita n. 3 do acervo videográfico.

outro *olhar* – o *olhar de fora* - sobre o vivido em São Thomé das Letras, ora referendando as informações, como a confirmá-las.

A pesquisa em acervos institucionais restringiu-se ao arquivo da Diocese de Campanha, Minas Gerais. Lá estava um *Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Thomé das Letras*, diversas vezes apontados pelos informantes, principalmente moradores mais antigos da cidade, como uma importante fonte histórica.

Iniciei a busca junto ao padre responsável pela paróquia na época, que me negou o acesso ao livro, embora declarasse que ele estava em seu poder. Foi um pouco agressivo, justificando a negativa porque que ele próprio o estava utilizando em uma pesquisa, “contra as lendas”. Quando este pároco foi transferido, (ultimamente mudam de paróquia anualmente) voltei a procurar o livro, mas este já não estava mais ali na cidade, fui informada de que havia sido levado para a Cúria Diocesana, em Campanha. Lá, ninguém dava notícia dele. A busca durou aproximadamente um ano, e foi somente depois que minha pressão assumiu a forma de reivindicação de uma declaração escrita, que atestasse o desaparecimento do livro que ele apareceu. Talvez a resistência por parte da Igreja tenha acontecido porque nesse livro, que foi iniciado no ano de 1903, traga registrada vendas de bens imóveis do Patrimônio, e as listas das alfaías que já não existem mais na paróquia.

O acervo da Cúria pode conter outros documentos de São Thomé das Letras e, na época da pesquisa não estavam ainda disponíveis para consulta, posto que passavam por um processo de sistematização e indexação. Estes estão, atualmente, indexados no recém inaugurado Centro de Memória do Sul de Minas¹⁴⁹. Esse centro, no contexto regional, representa o primeiro esforço institucional no sentido de organizar e preservar acervos de documentos escritos e fotografias históricas, disponibilizando-os para o pesquisadores e para o público em geral. A realidade da região aponta para a destruição de documentos antigos nos fóruns e nas prefeituras; a desconsideração em face desse acervo acontece em parte pela ignorância das pessoas responsáveis por esses acervos quanto a seu valor histórico, pela falta de espaço e condições para o acondicionamento,

¹⁴⁹ O Centro de Memória do Sul de Minas foi inaugurado no dia 19 de maio de 2000, em Campanha, nas instalações do prédio do Colégio Sion.

etc. Dessa maneira, o passado torna-se cada vez mais inacessível, à morte dos homens-memória, junta-se a destruição de documentos escritos: o esvaziamento do passado está à galope.

Outros acervos investigados durante a pesquisa foram os documentos cartoriais, em São Thomé das Letras e Baependi. O *Cartório de Registro Civil, Ofício e Notas de São Thomé das Letras – Comarca de Baependi – Minas Gerais* foi o primeiro produtor local de documentos escritos oficiais, representando o momento da incorporação do arraial ao sistema político/administrativo do Império, com a criação da paróquia e do distrito do juiz de paz, que reunia os cidadãos votantes da região em dias de eleição ¹⁵⁰.

A partir daí, o distrito foi dividido por quarteirões, e cada um deles contava com a figura de um inspetor, que recebia as denúncias ou reclamações da população. Era lavrada então uma ocorrência e remetida ao juiz de paz. As ocorrências eram levadas à público, apregoadas pelo porteiro ou, na falta deste, pelo escrivão, ocasiões em que eram intimados a comparecer perante o juiz de paz os réus, reclamantes e testemunhas.

Esses documentos, principalmente quanto às ocorrências de brigas registradas, em relação aos depoimentos, fizeram lembrar as narrativas de D. Alvina sobre as brigas em que ela ou sua família estiveram envolvidos. Ela afirma que a cadeia de São Thomé das Letras foi construída para prender seu pai, envolvido em uma briga local ¹⁵¹.

Em Baependi, a pesquisa nos cartórios de Primeiro e Segundo Ofícios, no fórum e na prefeitura ficou restrita a um rastreamento. Certamente esses acervos ofereceriam rico material sobre a história de São Thomé das Letras no século XIX, mas foi impossível pesquisá-los, por dois motivos: primeiro porque fugia ao objetivo central da proposta metodológica, em testar o potencial dos registros audiovisuais na pesquisa em história (que tomou todo o tempo disponível para a pesquisa) e, segundo, por estarem estes acervos, com exceção dos cartoriais, inviáveis para possíveis consultas.

¹⁵⁰ Em 1856 já existia em São Thomé das Letras quem assumisse a função de Juiz de Paz. É desse ano o livro “Termos de Bem Viver de Sam Thomé das Letras”, que junto a outros cinco livros compõe o acervo relativo ao século XIX do *Cartório de Paz e Tabelionato* de São Thomé das Letras, ainda sob a responsabilidade da família do primeiro “sub-delegado suplente”.

¹⁵¹ *Fitas n. 24 e 25* do acervo audiovisual.

Os cartórios exigem autorização judicial para a consulta dos documentos. Quanto ao acervo do *fórum*, que guarda importantes fragmentos da história do sul de Minas, é impossível consultar. Numa rápida visita pude ver caixas com documentos desorganizados que se deterioram rapidamente pelas más condições de acondicionamento. Esse acervo, para ser consultado exige que lhe dediquem um trabalho de organização, limpeza e indexação de acordo com seu acondicionamento para poder ser aberto à pesquisa histórica.

A FUNREI – Fundação Universitária de São João del Rei - se interessou pelo acervo e recebeu, em 1996¹⁵², parecer favorável da justiça quanto ao traslado dos documentos produzidos há mais de cinquenta anos para a instituição, desde que uma cópia microfilmada deles seja deixada na comarca de Baependi. Até hoje isso ainda não aconteceu, e os documentos continuam a se deteriorar.

Do acervo da prefeitura os documentos que apresentariam interesse seriam principalmente as deliberações da Câmara Municipal. Estava também inacessível, pois havia há pouco sido transferido para a Casa da Cultura e não havia ainda sido organizado.

Por fim, “caiu-me à mão”, o *Códice Costa Matoso*¹⁵³, importante publicação de transcrições e documentos primários sobre Minas Gerais no século XVIII. Cheguei até essa obra por indicação de José Flávio, quando fui levar-lhe a escrita da história de São Thomé das Letras, que trazia muitas de suas palavras. Aí encontrei a transcrição de um documento que certamente explica a devoção a São Tomé e sua relação com as inscrições da gruta, ou as “letras”.

¹⁵² No fórum da Comarca de Baependi existe um processo (não numerado), tendo como autor o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais – Memória do Judiciário, datado de 25 de novembro de 1996. O parecer foi favorável à transferência do acervo para a responsabilidade da FUNREI.

¹⁵³ *Códice Costa Matoso. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2v. (Coleção Mineiriana, Série Obras de Referência).

Possivelmente, em outros arquivos, fragmentos da história de São Thomé das Letras poderiam ter sido encontrados, como por exemplo no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, que guarda os documentos mais antigos do sul de Minas e em São João del Rei, em acervos eclesiásticos e da administração colonial. Entretanto, vale lembrar que uma pesquisa mais cuidadosa em tais arquivos não foi realizada, visto as especificidades da metodologia de pesquisa proposta para o desenvolvimento do presente trabalho.

Como se percebe, o breve rastreamento de possíveis acervos de documentos escritos apontou para o rico filão para a pesquisa histórica que a documentação escrita produzida por órgãos oficiais representa para o estudo da história do sul de Minas Gerais, e do relacionamento dessa região a contextos maiores. Resta criar condições para que estes acervos sejam efetivamente utilizados nas pesquisas, pois do modo como se encontram atualmente, inviabilizam qualquer tentativa de resgate, a não ser através de um amplo projeto com o envolvimento de instituições e de profissionais qualificados para dar o tratamento necessário aos documentos, transformando os amontoados de papéis sujos, que se decompõe ante a ação de traças e fungos em rico patrimônio histórico da região. Especificamente no contexto do presente trabalho era inviável investir nessa via, por todos os pontos acima colocados.

Alcances e limites do método proposto

Ao partir do registro da oralidade e da visualidade para o estudo da história de São Thomé das Letras, a metodologia de pesquisa proposta privilegiava fontes intrinsecamente ligadas ao homem atual. Suas reminiscências individuais, registradas em vídeo proporcionaram a construção de documentos que contém uma riqueza de detalhes que sob outra perspectiva metodológica não poderia ter sido considerada. Pela própria natureza do registro – em vídeo – à oralidade juntaram-se as imagens, depositárias de dados que por si só, são extremamente eloquentes: registram os corpos, as posturas, as expressões faciais, as vestes e os adornos, as atitudes, os hábitos, enfim, registram o narrador no ambiente onde ele vive, em seus aspectos materiais, ou exteriores. Os aspectos materiais, ou exteriores, por sua vez, se prestaram a “leituras” de um universo mais amplo, envolvendo também o mental, posto que este se realiza na esfera do material: tomamos aquilo que se dá a ver como expressão daquilo que não se dá a ver; os registros audiovisuais captaram a vivência das pessoas, na sincronia entre a imagem e o som, em seus locais de trabalho, de moradia, de lazer, em seus momentos de convivência com os outros e os processos que essa convivência engendra na história de São Thomé das Letras.

A metodologia que seguiu a dupla orientação da história oral e da antropologia filmica agiu no sentido de resgatar a memória, com suas mutilações e deformações, e transformá-la em história, que, a despeito do esforço em torná-la total, não se pode deixar de considerar que, assim como as memórias que a informaram traz em si um caráter parcial. Foi uma importante via para se penetrar no imaginário local, tanto quanto no material, permitindo descobrir naquelas *“lembranças que resistem, o tesouro de uma identidade preservada, estruturas intangíveis e enraizadas, a expressão mais autêntica dos temperamentos coletivos: em resumo, o que há de mais precioso”*¹⁵⁴.

Tanto a História Oral como a Antropologia Fílmica são propostas metodológicas que permitem dar vez e voz àquelas pessoas que de maneira geral são

¹⁵⁴ Michel Vovelle. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987. Cit. pg. 20.

excluídas dos processos de produção de documentos: as pessoas comuns. Estas, na medida em que são os verdadeiros agentes da história, porque a constroem dia a dia, trazem consigo importantes informações, que foram a matéria privilegiada para a realização do presente trabalho.

Além dessa coincidência quanto à eleição do *povo* como sujeito/objeto do conhecimento, um outro ponto em comum: ambas colocam para o pesquisador a perspectiva de *construção* de suas fontes de pesquisa, ou de seus “documentos”; porém, mesmo prevendo que tais documentos sejam construídos em conjunto – entre o pesquisador e as pessoas pesquisadas – cada uma delas tem seus próprios métodos.

Os depoimentos orais, enquanto matéria prima da história oral, devem seguir uma série de normas (de construção, de arquivamento, de legalização dos depoimentos) no intuito de torná-las fontes legítimas, atestando sua fidedignidade. Assim, um dado oral deve sempre ser cruzado com outros tipos de dados. É ideal que o pesquisador, antes da enquete, se informe em fontes escritas, sobre o tema e as pessoas que vai entrevistar. Ele deve antes de tudo, “cercar” o tema através dessas informações, levantadas *a priori*, que subsidiam o roteiro da entrevista. Ele pretende, com isso, se transformar em um interlocutor válido, ou seja, capaz de dialogar sobre aquele assunto, que ele ainda não conhece na versão de seu entrevistado.

A metodologia da antropologia filmica, ao contrário, parte das aparências, daquilo que se dá a registrar. Não coloca como premissa básica, como a história oral, o conhecimento *a priori* do tema que será estudado. Este será construído através de exames conjuntos entre pesquisador e informantes sobre o tema registrado. Nessas ocasiões, os próprios informantes é que apontavam as formas como os registros deveriam ser conduzidos nas gravações posteriores, agindo no sentido de aprofundar as informações. Especificamente quanto a este ponto, os audiovisuais desempenharam importante papel na descoberta e no entendimento dos objetivos da pesquisa por parte dos informantes. Muitos deles não sabem ler, nem escrever, e os registros representaram, durante a pesquisa, uma interface entre os dados que pouco a pouco foram sendo construídos e sua *leitura* pelos informantes. Nesse sentido, foi uma forma deles acompanharem de perto o andamento do trabalho de campo, tranquilizando-os quanto a

questão colocada desde o início do trabalho de campo, por várias pessoas: *pesquisadores vem aqui fazer pesquisa, conseguem o que precisam e não voltam nunca mais.*

A utilização conjunta da história oral e da antropologia filmica, se aparentemente aponta uma contradição em relação ao ponto de partida para a realização da pesquisa, em relação a São Thomé das Letras essa contradição não gerou impasse: adotei como ponto de partida, a proposta da antropologia filmica, parti dos registros audiovisuais. Desejava saber em que medida o passado existia no presente: meu desconhecimento sobre o passado agiu no sentido de conduzir os estudos partindo única e exclusivamente do conhecimento dos informantes. A opção, revelou-se bastante eficiente, sob dois pontos de vista: 1) o passado ainda é vivo entre eles, e por vezes veio à tona com riqueza de detalhes; 2) depois de conhecer as reais situações dos acervos escritos, e a impossibilidade em utilizá-los como fontes de pesquisa.

Nessa medida, a utilização da câmera de vídeo para registrar as entrevistas de história oral, seguindo os pressupostos da antropologia filmica tanto quanto o ponto de partida para a pesquisa quanto o seu aprofundamento através da observação conjunta dos registros, agiu no sentido de reinventar o uso da história oral, quebrando um certa “ortodoxia” que tem cercado essa prática, sem no entanto desmerecer o rigor metodológico prescrito pela história oral em relação à dimensão ética: seu objetivo ultrapassa o intuito de comprovação da veracidade dos depoimentos, ao legalizar a cessão de direitos quanto a utilização das informações contidas nas entrevistas, tem também o objetivo de preservar o pesquisador e também a pessoa pesquisada.

Em grande parte dos trabalhos de história oral, a oralidade é utilizada numa perspectiva de complementação de informações escritas, os pesquisadores ainda estão em muito preocupados com a questão da *verdade*, principalmente em função do caráter parcial, seletivo e deformador da memória, matéria básica de seus documentos. A metodologia de pesquisa adotada em São Thomé das Letras, ao partir exclusivamente da oralidade e da visualidade levou em consideração que a verdade, ou verdades que emergiram nas entrevistas, assumiam outras formas: a de verdades particulares, nem

sempre coletivas ou compartilhadas, e assim foram consideradas. Os depoimentos orais registrados nos audiovisuais, somente em uma fase posterior da pesquisa foram confrontadas aos documentos escritos, na medida em que estes puderam ser encontrados. O sentido de complementaridade agiu no sentido inverso: do oral ao escrito, e não do escrito ao oral ¹⁵⁵; o gestual, tenho que reconhecer, não foi explorado em toda a riqueza de possibilidades que ofereceu: a sua leitura e transcrição dependem de um longo aprendizado .

Os registros videográficos em relação às entrevistas de história oral, além de proporcionar uma maior amplitude quanto à *inserção* do entrevistado ao contexto da própria pesquisa, serviu de suporte tanto para a memória do entrevistado, como de minha memória particular, em relação às contingências em que as entrevistas aconteceram , pois estas ficaram registradas em um suporte permanente, revelador da ambiência em que a entrevista aconteceu; a câmera funcionou, nesses momentos, como caderno de notas.

Em relação às temporalidades do processo histórico local, a metodologia foi mais eficiente para se estudar a história mais recente, embora tenha registrado a memória de acontecimentos que, não tendo sido vivenciado pelos informantes, compunham fortemente sua tradição oral, conhecimento que adquiriram das gerações que precederam as suas. Pode-se dizer, seguramente, que é uma metodologia, em relação aos estudos históricos, de caráter exploratório.

Quanto à história dos séculos passados, apontou *pistas* ou *viéses* possíveis para o aprofundamento dos estudos em acervos documentais. As informações sobre os séculos passados foram imprecisas, pois se o rememorar não é algo objetivo, e, quando se trata de histórias que ouviram contar, a imprecisão pode ser ainda maior.

¹⁵⁵ Considera-se como *história oral tradicional* as experiências que seguem as normas encontradas na obra de Alberti Verena, sobre a experiência do CPDOC à pg. 45: “a primeira atividade para a qual se devem voltar os pesquisadores é a investigação exaustiva do objeto de estudo, em fontes primárias e secundárias, que garanta a qualidade dos trabalhos subsequentes. É conhecendo e estudando o material disponível em arquivos, bibliotecas e outras instituições, que os pesquisadores do programa estarão se preparando para desempenhar todas as atividades vinculadas à produção de entrevistas”. Como fazer quando se trata de um tema que não foi documentado de forma nenhuma, como é o caso dos métodos de lavra do quartzito ao longo do tempo, ou então com realidades onde os acervos de documentos escritos inviabilizam sua utilização?

Durante o processo, múltiplas e possíveis vias de pesquisa histórica surgiram em meio às narrativas dos informantes; era impossível seguir todas elas, que foram, então, consideradas como hipóteses possíveis. Entretanto, sua simples menção, por si só, já é um dado revelador quanto à riqueza de uma tradição oral ancestral, que se conserva até os dias de hoje; o estudo de documentos escritos poderiam representar igualmente, um rico filão para a pesquisa sobre da história local e o contexto maior que a envolve, principalmente se relacionada à tradição oral que ainda vive no alto da serra.

A metodologia aplicada no campo de pesquisa, por representar em primeira instância um intuito historicizante daquele local, ou melhor, da memória sobre aquele local, tendo sido importante principalmente frente as precárias condições dos acervos que possivelmente guardam documentos escritos produzidos no correr da trajetória histórica da cidade.

A pesquisa sobre a história de São Thomé das Letras encontrou na sociedade o seus laboratórios, nos seres humanos e em suas manifestações, sua matéria prima. Seu desenvolvimento partiu de uma metodologia de pesquisa que privilegiou os seres atuais, e por isso esteve, em grande medida, em dependência do tipo de relação que se estabeleceu entre mim e a *sociedade* pesquisada; entretanto, é bom salientar que é um tipo de metodologia que pode ter resultados diversos resultados, de acordo com a situação investigada e/ou as pessoas abordadas. As regras do método jamais poderão contar com a rigidez de uma pesquisa empírica em outros campos do conhecimento. Isso não implica que não tenham havido preocupações com o rigor científico, mas que ele se estabeleceu em outras bases ao eleger o sistema de vídeo como intermediador das relações. É uma metodologia subjetiva, onde a sensibilidade e uma relação estabelecida na confiança mútua são premissas fundamentais.

O vídeo e a restituição da pesquisa à comunidade estudada

A restituição dos resultados de pesquisa foi uma constante desde o início de minha inserção em campo. O vídeo foi um instrumento fundamental nesta perspectiva,

pois oferecia o suporte material para “devolver” aos informantes – que demonstravam sempre contentamento - o material videográfico produzido durante a pesquisa. Serviu também a tentativas de veicular suas demandas, como forma de levá-las até outros grupos.

Sobre a ética da restituição, Alessandro Portelli afirma que esta “*não consiste necessariamente em levar resultados de pesquisa ao local de origem*”¹⁵⁶. Muitas vezes, os sujeitos nem sabem o que fazer com um amontoado de material que reproduz um saber que é deles mesmos. Na maioria das vezes, este tipo de “restituição” serve apenas para deixar tranquila a consciência do pesquisador, pouco contribuindo para a comunidade propriamente dita. Devolver-lhes as fitas de vídeo, agia sempre no sentido de tranquilizar minha consciência, pois tinha, naqueles momentos, a certeza de que a medida da participação estava também sendo pontuada pelos informantes: eu não me sentia tão *invasiva* quando a câmera estava em funcionamento, além disso, sabia que eles permitiam o registro *com gosto*, pois teriam aqueles registros para si.

Portelli considera, ainda, que talvez o verdadeiro serviço prestado ao grupo seja levá-lo para fora, possibilitando que o seu saber e o seu discurso chegue a outros lugares, a outros grupos e comunidades. Uma restituição nunca é neutra, ela sempre constitui uma intervenção, uma interferência na história cultural da comunidade: “*o verdadeiro serviço que acredito eu, prestamos a elas (as comunidades), a movimentos e a indivíduos consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-la para fora, em por fim à sua sensação de impotência, em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades (...) A bem da verdade, levá-las para fora da comunidade representa a forma específica de restituição a nosso alcance, como acadêmicos que somos, pois em nível profissional, temos condições de entrar em contato com editoras e veículos de comunicação em geral. Em vez de nos limitarmos a restituir à comunidade conhecimentos que ela já dispõe, nós os restituímos e os complementamos com conhecimentos nossos, compartilhando-os com aquelas regiões do mundo que temos condições de chega*”¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Revista Projeto História, n. 15, pp. 15-21.

¹⁵⁷ Idem, pgs. 31/32.

Essas dimensões da *restituição* representaram um ponto forte durante o processo de pesquisa, agindo até mesmo como fator limitante quanto à realização do vídeo de reconstituição das técnicas antigas de extrair os quartzitos, que era um dos objetivos da pesquisa. Esta, ao partir da construção de uma relação de cooperação livre e consciente entre mim e os informantes da pesquisa, por vezes criou situações onde a *troca* entre nós foi uma condição explicitada pelos informantes. *Condições* foram colocadas por todas as redes, implícita ou explicitamente, variando quanto à sua forma. Para algumas pessoas, a simples posse de uma fita com a cópia de seus registros bastava; para outras, não apenas a posse da fita, mas a veiculação de seus registros em outros contextos, como aconteceu com um dos grupos de Folia de Reis da cidade, que com satisfação comentavam: “*você vai levar essa fita pra muito longe, não vai?*”¹⁵⁸.

Em determinados momentos, a proposta de *troca* explicitada assumiu características mais complexas, principalmente quando a condição colocada por parte dos informantes constituía reivindicações de intervenção social, no sentido de alcançarem suas demandas particulares, melhor, grupais. As duas experiências que surgiram a partir dessas demandas foram a proposta de criação de um museu histórico em São Thomé das Letras e a Proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta. Através de uma possível atuação de minha parte, esperavam, através das propostas, acessar outros universos, nos quais eles não transitam, reforçando, nesses momentos, o caráter participativo da metodologia de pesquisa aplicada.

A proposta de criação de um museu histórico em São Thomé das Letras partiu do interior da rede de informantes composta pelas “*pessoas de fora*”, sendo que não foi colocada como uma imposição, como aconteceu com a proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta.

O projeto do museu histórico é uma expectativa antiga entre aquelas pessoas. Ele renasceu no âmbito da pesquisa e significa que existe uma consciência, por parte de seus proponentes, do processo de esvaziamento da memória que acontece em São Thomé das Letras, pois quando eles chegaram até lá. A tradição oral era muito mais vigorosa,

¹⁵⁸ Fita n. 42 do acervo audiovisual.

relembrem. Desejam a criação de um *local de memória*, pois entendem que os *meios* de memória tradicionais, ali, no alto da serra já quase não existem mais.

No sentido de procurar atender essa demanda algumas tentativas foram feitas, mas sem sucesso; uma ação desse tipo teria, frente à realidade local, de contar com apoio institucional, e a Prefeitura Municipal não demonstrou interesse em engajar-se no processo, mesmo frente aos ganhos que poderia obter em função das leis de incentivo fiscal que contemplam realizações na área cultural com uma verba maior. Aliás, até o momento, mesmo sendo um patrimônio cultural tombado como patrimônio estadual, nem mesmo o tombamento municipal foi efetivado, ponto que revela o verdadeiro descaso que as autoridades locais tem tido quanto à preservação do patrimônio cultural local.

No caso específico de São Thomé das Letras, o momento de “*colher*”, que se relacionava à disposição dos informantes em participar da elaboração de um filme que reconstituísse as técnicas antigas de extrair os quartzitos, esbarrou numa demanda de difícil solução.

Já com relação à proposta de limpeza da Cachoeira da Garganta a imposição representou um entrave à realização do vídeo de restituição das técnicas antigas de explorar a jazida de quartzitos, por ser uma demanda de difícil solução. Entretanto, é bom que se atente para o fato de que os limites à realização da experiência já forma em parte superados, e o processo parou por causa dos próprios informantes, que no momento em que precisariam estar mais engajados no processo ocupavam-se de seus assuntos particulares, deixando entretanto, as portas abertas, depois que seus assuntos estivessem resolvidos. Além disso, como já foi colocado em partes anteriores desse trabalho, o tipo de intervenção que uma experiência dessa monta requer, apontou para a necessidade de outros marcos teóricos e conceituais como subsídio das ações.

Considerando a proposta para a limpeza da Cachoeira da Garganta e a experiência que resultou na edição do vídeo Coopedra, podemos afirmar que o vídeo assumiu uma dimensão inusitada durante a pesquisa: a sua utilização como instrumento de diálogo com os agentes fiscalizadores, público alvo certamente escolhido porque

deles (e de seus pareceres) depende a continuidade da atividade que lhes garante o sustento, ou seja, a mineração.

A questão da análise dos resultados de pesquisa

A metodologia de pesquisa adotada permitiu reconstruir narrativas de vários viveres, inseridos num mesmo momento; apontando para três instâncias narrativas: 1) o real, ou sua representação, registrado pela câmera de vídeo; 2) depoimentos: narrativas pelos atores sociais, de suas vivências ou de vivências de outros, que ouviram contar; 3) o texto organizado, seja ele escrito ou audiovisual.

Em relação à sistematização do material construído durante a pesquisa de campo e à escrita da dissertação, a riqueza de detalhes que o vídeo permitiu incorporar, agiu tanto no sentido de enriquecer a síntese, como no de dificultá-la, em função da diversidade de dados que um registro dessa natureza pode oferecer. Corre-se o tempo todo o perigo de *perder o fio da meada*, em função da diversidade de temas, de detalhes e de nuances que os audiovisuais contemplaram. Aliás, na escrita da história de São Thomé das Letras, o fio condutor que foi proposto, em muito se perdeu, e, especificamente em relação à descrição técnica, a fita magnética foi o suporte privilegiado: senti-me incapaz de descrever aquilo que aprendi, com os informantes, através das imagens, registradas nos seus cotidianos.

A natureza do suporte material para o registro, ao depender do sistema de vídeo para sua observação gerou uma dificuldade quanto à fluência do texto escrito, pois este, quando remete o leitor aos audiovisuais institui uma leitura fragmentada, em função dos meios de acessar as informações videográficas. Estas não podem ser incorporadas ao texto escrito, a não ser por descrição e/ou referência ao suporte (fitas) onde se encontra seu registro.

Entretanto, tais limites não devem ser considerados como *fraquezas* da metodologia, ao contrário: no presente trabalho, algumas possibilidades foram

esboçadas, e elas servem para atestar o enorme potencial que o recurso videográfico pode oferecer para pesquisas históricas e em ciências sociais. Além disso, a geração e acervo videográfico já é por si um importante argumento a favor da metodologia, pois fornecem ao futuro pesquisador fontes de outra natureza, que certamente terão o que contar do presente em que foram geradas. Ao ser disponibilizados a outros pesquisadores, se alocados em um arquivo público, assim, sobre os mesmos documentos, novos e múltiplos olhares poderão ser lançados, tanto em relação à história local e às memórias, quanto em relação aos procedimentos metodológicos que orientaram a criação daqueles documentos.

O valor desse acervo reside no fato do vídeo colocar o observador num contato mais direto com as fontes da pesquisa: confronta-o com as imagens do real. *Uma das possibilidades mais exaltantes do filme etnográfico é de permitir a todos os que não poderiam fazer sem ele, e entre eles, os especialistas em ciências humanas, de ver por um novo olho, sem dívida com toda sua riqueza a coleção de modelos de comportamento humano*¹⁵⁹.

O vídeo como meio e veículo da história

Os vídeos editados, que acompanham a dissertação em duas fitas são os seguintes:

FITA 1 - Audiovisualidades

- 1) *Coopedra*, (1996); 2) *Proposta para limpeza da Garganta* (1997); 3) *Extração do Quartzito* (1996); 4) *Pedreiras no Patrimônio* (1997). Esta fita é composta ainda por um registro, sem edição, do desfile do 7 de setembro (1998), que representa o olhar da comunidade sobre a trajetória histórica local: o longo plano-sequência é uma síntese.

FITA 2 – Notas de Pesquisa - A Lavra do Quartzito em São Thomé das Letras.

¹⁵⁹ Emílie de Brigard. *Historique du film Ethnographique*, p. 22.

Este vídeo, que é na verdade uma organização de “notas de pesquisa”, contemplou principalmente o presente, restrição esta ditada pela dificuldade em cumprir a exigência da troca já descrita. Do passado somente alusões, ou indícios: o depoimento do Sr. Saul, quando ele descreveu a técnica antiga de extrair as lajes do quartzito e o início da representação da maneira antiga de furar as minas, pelo Tião Rosa e Décio.

O entrave representado pela exigência dos mineradores, e sua própria incapacidade em cumprir os trâmites necessários à execução da proposta, naquele momento, inviabilizou a “colheita”, adiando-a. Plantar correspondeu à inserção, cuidar: construção das relações; colher: realizar o registro da representação do passado técnico dos mineradores. É ainda uma via de pesquisa que está em aberto ...

Para concluir, a Segunda Parte como restituição

A parte seguinte deste trabalho vai contemplar a exposição dos resultados da pesquisa em relação ao objetivo específico de estudo da história de São Thomé das Letras. O conhecimento histórico que foi possível construir a partir do contato com os habitantes, ou ex-habitantes de São Thomé das Letras representa um *intuito* de síntese, que, partindo de fragmentos lançou vistas ao todo. Essa parte será a que propriamente servirá à restituição à sociedade estudada na forma de um texto escrito e, mesmo que possa ser considerada uma restituição parcial, posto que estarei devolvendo à sociedade um conhecimento que ela já tem, sem dúvida o fato desse conhecimento estar sistematizado pode aferir a ele um novo *status* no interior daquela sociedade. Além disso, a restituição da história, que emergiu de algumas memórias, representa um convite para que às memórias individuais resgatadas, outras possam se juntar no futuro, aumentando a densidade do relato.

Segunda Parte

São Thomé das Letras na Encruzilhada das Fontes, dos Tempos e dos Saberes

Ensaio sobre a História

(...) era da raça dos come-rochas. Estes seres viviam muito longe (...), numa montanha... mas não viviam só na montanha, viviam da montanha, pois devoravam-na aos poucos. Alimentavam-se de rochedos. Felizmente, eram muito modestos e podiam viver durante semanas ou meses com uma única dentada desse alimento, para eles muito substancial. Além disso, não havia muitos come-rochas e, por outro lado, a montanha era muito grande. Mas como estes seres ali viviam há muito tempo — eram muito mais velhos do que a maioria das outras criaturas (...) —, ao longo dos anos a montanha adquirira um aspecto muito estranho. Parecia um queijo emental gigante, cheio de buracos e cavernas. E por isso mesmo, chamavam-lhe a Montanha dos Túneis.*

* fragmento do livro *A História sem Fim*, de Michel Ende, editado pela Martins Fontes, em São Paulo, 1988.

Algumas considerações sobre a questão da autoria

Chegado o momento de escrever a história local tomando como matéria privilegiada as várias vozes registradas durante o trabalho de campo, não posso deixar de considerar a medida de minha participação e das pessoas envolvidas no processo de construção do conhecimento histórico, que colaboraram na fase de elaboração dos principais *documentos* - videogramas - com a preciosa rememoração de seus passados. Como contar esta história de modo a unir fragmentos de memória e construir com eles, a trajetória histórica local sem diluir, no texto final, as várias presenças e vozes que, cada uma delas, à sua maneira (determinada por sua experiência, que é sempre particular) contou uma história que foi comum a todos? Como expressar visões específicas sobre um processo coletivo sem perder de vista tanto as individualidade quanto a coletividade?

No intuito de esclarecer estes pontos e justificar a maneira pouco convencional através da qual apresento a seguir a história de São Thomé das Letras, coloco em primeiro plano, neste momento, algumas questões relativas à *estratégia de construção* do texto escrito. Além de colocar em foco a minha intervenção, a estratégia textual que utilizei para *contar* a história de São Thomé das Letras tem a pretensão de expressar uma *polifonia*, ou a participação de várias vozes, cujos donos certamente não foram imparciais: *quem conta um conto aumenta um ponto*, diz o dito popular, como a alertar que os narradores também interferem nas narrativas. Dessa maneira, o texto que segue, não deve ser considerado como uma construção imparcial, ao contrário, nele estão explícitas as várias parcialidades (ou as várias vozes), entre elas aquela compreendida pelo meu entendimento daquele processo.

Os parâmetros para discutir a questão do autor na construção do saber científico foram resgatados dos pertinentes apontamentos feitos pela Professora Teresa Pires do Rio Caldeira ¹. As questões levantadas pela professora, embora se relacionem especificamente aos textos antropológicos, podem extrapolar (em tempos de

¹ Teresa Pires do Rio Caldeira. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Revista Novos Estudos* – CEBRAP – N. 21, julho de 1988, pp. 133-157.

interdisciplinaridade) as fronteiras disciplinares e serem colocados também em relação à outras ciências, no caso específico deste trabalho, em relação aos estudos históricos, já que ele, embora transite em terreno interdisciplinar – por ter em sua base a utilização conjunta dos pressupostos teórico-metodológicos da história oral e da antropologia filmica – teve por objetivo primevo a construção do conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras.

De acordo com as considerações da professora, o antropólogo contemporâneo, ao reconhecer os limites de sua capacidade em conhecer o outro, recusa-se a criar descrições holísticas, pois entende que os resultados de seu trabalho são interpretações, sempre parciais, das realidades estudadas. Por esse motivo, as regras segundo as quais constróem seus textos, permitindo sua produção, legibilidade e legitimidade estão mudando, apontando igualmente uma transformação na relação que existe entre autor, objeto e leitor.

Embora as ciências de maneira geral e as ciências sociais em específico, sigam muitas vezes um padrão de construção de texto que prevê uma aparente ausência do autor como garantia de objetividade e neutralidade científicas, o reconhecimento do caráter subjetivo que norteia as relações dos pesquisadores com seus objetos de estudo e também com o público que consome os produtos de suas pesquisas, não pode atualmente ser desconsiderado.

Nesse sentido, adverte Ruy Duarte de Carvalho:

“Nenhum autor, ao pretender abordar num texto as questões que o preocupam, pode furtar-se à constatação de que o texto é o lugar de convergência de todos os dados que o informam e de que ele é, enquanto autor, o lugar do próprio texto. Texto e autor, assim, fazem parte do corpo de elementos que determinam o tratamento das questões propostas. Daqui resulta uma subjetividade evidente (e inalienável) que mais vale assumir e utilizar, fazendo apelo a um máximo de conhecimentos e sobretudo, de experiências”².

² Ruy Duarte de Carvalho. *O Camarada e a Câmera – Cinema e Antropologia para além do filme etnográfico*. Esta edição foi realizada para o INALD pela Editora Ulisseia, Lisboa, 1984. Cit. pg. 10.

Em relação à antropologia, o pesquisador/autor nunca esteve ausente dos seus textos, uma vez que ele próprio constrói seus dados no trabalho de campo, ou seja, ele produz o conhecimento com base na sua experiência pessoal de uma outra cultura. Da mesma maneira, o historiador também não deve ser considerado um ausente dos textos que cria, visto que é o seu interesse que transforma evidências em documentos, dados passíveis de serem analisados e sintetizados de maneira a construir um tipo de conhecimento, que por certo, não é imparcial.

O estudo através dos audiovisuais e a escrita da história de São Thomé das Letras utilizando principalmente as transcrições das narrativas orais colocou como evidência principal a fonte viva, que é o homem atual, seu conhecimento, suas impressões, enfim, a memória que traz consigo, e que baliza sua existência cotidiana.

Privilegiando a memória, ou o rememorar, entramos em dois campos de estudo: o da tradição oral e o da história oral. Ambos podem se prestar a muitas finalidades e, no presente trabalho, o primeiro, que revelou universos mentais surpreendentes, se realizou através do segundo, responsável pela reconstrução do passado através da voz, “*o cordão da energia*”³ que faz a ligação entre os tempos. Pela especificidade do recurso tecnológico utilizado (o sistema de vídeo), ficaram registrados além do *cordão da energia*, aqueles que habilmente manipulam esse cordão, ou seja, os narradores que transformaram a energia do passado um dado presente.

Os documentos que subsidiaram a construção do conhecimento histórico sobre São Thomé das Letras foram forjados durante meu contato com os criadores da realidade local, as *fontes vivas*. Minha presença entre eles foi instrumentalizada, e à observação direta juntou-se, graças à incorporação dos pressupostos teórico-metodológicos da antropologia filmica, uma observação diferida, pois aos meus olhos e ouvidos, juntaram-se os olhos e ouvidos mecânicos da câmera de vídeo⁴. Dessa maneira, os registros realizados foram fruto de minha inserção em campo, quando,

³ Termo empregado por Tião Rosa ao descrever a maneira segundo a qual benze, curando as pessoas que o procuram para este fim. Ao relacionar essa prática ao conhecimento herdado de seus ancestrais, explicava que “*a voz é o cordão da energia*” que cura.

⁴ Em relação aos pressupostos da antropologia filmica, considerar como ponto mais relevante a metodologia de pesquisa relativa aos *filmes de exploração*, conforme o exposto na primeira parte desta dissertação.

contando com a colaboração estreita de alguns habitantes e ex-habitantes, construímos os documentos que permitiram a elaboração de um texto que expressasse a história local.

Como já foi colocado, elegi como fontes privilegiadas para conhecer o processo histórico local as *fontes vivas*, não pretendo portanto, apagar suas presenças, suas vozes, memórias ou interpretações. Procurei mantê-las no texto final - fragmentadas é verdade - como a expressar o trabalho de decomposição que o material bruto produzido em campo sofreu para fins de análise e síntese. Certamente, no processo compreendido pelo trajeto entre a pesquisa de campo e a construção do texto final muito se perdeu. Entretanto, creio que tais perdas puderam ser minimizadas em função da natureza dos documentos que criamos juntos, eu e os informantes da pesquisa, pois nossos contatos foram registrados em um suporte permanente – as fitas de vídeo – oferecendo uma dupla vantagem: por um lado funcionaram, durante as fases de análise e síntese como minha própria memória em relação àquilo que vivi entre eles e por outro, as eventuais perdas podem ser sanadas por novos olhares passíveis de serem lançados a estas mesmas fontes, posto que estas constituem um suporte permanente para manifestações fugazes, que de outra maneira se perderiam no momento mesmo em que aconteceram.

*“A idéia é representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma plurivocalidade, uma ‘heteroglossa’, e para isso todos os meios podem ser tentados: citações de depoimentos, autoria coletiva, ‘dar voz ao povo’ ou o que mais se possa imaginar. O objetivo final, no que diz respeito ao autor, seria fazer com que ele agora se diluísse no texto, minimizando em muito a sua presença, dando espaço aos outros que antes só apareceriam através dele”*⁵. Essa opção pode representar uma dispersão da autoridade científica do autor, transformando a participação do próprio leitor: *“ele não é mais aquele que se informa, mas deve ser agora participante ativo na construção do sentido do texto, que apenas sugere conexões de sentido”*⁶. Não chego a esse extremo, assumo enquanto autora o papel de *organizadora*, ou de *articuladora* dos fragmentos de memória de meus informantes, entretanto, apesar de assumir uma autoridade dispersa, em relação ao texto escrito, não abro mão de em determinados momentos além de

⁵ Caldera, 1998:142.

⁶ Idem.

organizar, também interferir, comentar e analisar tais fragmentos, de maneira isolada ou em conjunto, unindo às suas vozes a minha.

Proponho, como estratégia textual, uma estratégia que é também visual: a cada narrador será associada uma cor, que lhe caracterizará durante todo o texto; reservo para minhas intervenções a cor preta (utilizada também quando se trata de citações de obras escritas). O resultado final foi a criação de um texto multicolorido pontuado pelo preto, numa metáfora visual, o texto final pode ser comparado à uma colcha de retalhos: as diferentes cores remetem cada retalho (os fragmentos de narrativas) aos tecidos maiores de onde eles foram seccionados (a memória dos narradores). Depois de retirados de seus tecidos maiores, os retalhos foram artesanalmente unidos, costurados um a um com um fio preto, com vistas à construção da colcha. O colorido expressa por um lado, a originalidade de cada indivíduo e por outro, o conjunto multifacetado da identidade cultural local.

Essa estratégia visual deve ser entendida enquanto um elemento facilitador na identificação das múltiplas contribuições, através das quais o texto final foi escrito. Ela foi idealizada tendo em mente principalmente a questão da *devolução*⁷ do texto final aos informantes, pois alguns deles não dominam fluentemente a leitura e a escrita. Para estes, o “se achar” no texto, reconhecer suas palavras nos espaços (textuais) onde elas foram inseridas, seria tarefa árdua, e talvez constrangedora. Ao tomar conhecimento da cor com a qual suas palavras foram “escritas” eles terão, pelo menos aparentemente, a *medida* de sua contribuição. Através daquelas cores, eles se verão também como *autores*, ou melhor, *construtores* daquele conhecimento.

Procurei manter, na elaboração do texto final, a característica fragmentar da experiência de campo e dos registros que dela resultaram, no intuito de transmitir ao leitor além do conhecimento, essa importante dimensão do trabalho: mesmo lançando vistas à totalidade, o que se construiu na verdade, foi a reunião de várias parcialidades. Essa proposta, de escrever o texto na forma de uma polifonia, deve ser encarada como uma tentativa de incorporar ao texto final um pensamento e uma consciência sobre os

⁷ Esse texto final será efetivamente o “produto” para a restituição dos resultados de pesquisa à sociedade estudada.

procedimentos adotados nos momentos de análise e síntese dos resultados de pesquisa, como se através das cores que relacionei aos informantes pudesse tornar mais transparente ao leitor a sua montagem, ou o esforço de transformar fragmentos em um todo, na medida do possível, coerente.

Vestígios de várias naturezas podem ser relacionados à história de São Thomé das Letras, local privilegiado do ponto de vista da realização de registros ao longo do tempo. Os homens que por ali passaram, ou que ali viveram, deixaram muitos indícios. Estes podem ser encontrados nas rochas na forma de inscrições rupestres, na oralidade, que preserva uma rica tradição; em imagens, congelados pelas mãos de um pintor ou pelas lentes de câmeras fotográficas; em imagens em movimento, nos filmes que se serviram daquele cenário e na escrita, através de documentos oficiais, livros e imprensa, sem falar na cultura material, cotidianamente construída. A vasta gama de fontes existentes sobre São Thomé das Letras, não totalmente utilizadas, permitiu acessar a memória de duas maneiras: a memória que tem o homem atual como seu depositário, sendo portanto individual, particular e a memória colocada em outros suportes, principalmente sobre os papéis (documentos fotográficos e escritos) e sobre a película de um dos filmes que registrou São Thomé das Letras, no início da década de 1980 ⁸.

Valendo-me de tais vestígios, pude compará-los (e uni-los) às informações que vieram via registros audiovisuais, realizados durante o trabalho de campo. Os últimos foram os que efetivamente sofreram a decomposição da temporalidade, subsidiando as reflexões sobre a trajetória histórica local. O tempo, depois de decomposto para fins de análise, foi novamente reconstruído, e nesse processo de reconstrução procurei resguardar, na medida do possível, as vozes que contaram aquela história, em seus coloridos originais, cruzando-as à informações encontradas em textos escritos, que por vezes agiram no sentido de referendar as narrativas, ou então de completá-las ou negá-las. A polifonia composta pelas várias vozes e alguns fragmentos escritos e visuais está expressa, no texto final, através das cores: a cada narrador, uma cor, que o identifica. No conjunto do texto multicolorido, o leitor será remetido à origem de cada fragmento,

⁸ Refiro-me ao filme *Sam Thomé, sobre a pedra o homem*, de Sérgio Amzalac e equipe.

transcritos de seus todos maiores e reunidos, através das linhas mestras oferecidas pela temporalidade. O multicolorido como representativo do multivocal.

Minhas palavras, em preto, representam o fio condutor através do qual os fragmentos foram unidos. O preto foi utilizado também na transcrição do discursos institucionais, também em fragmentos, como a compor a totalidade da história, reunião de vários viveres, rememorados no presente.

Esse recurso contemplou principalmente a época que compreende a referência temporal das experiências individuais, o século XX, mais especificamente a segunda metade dele, pois a essa época se relacionam a maioria dos depoimentos registrados: a metodologia empregada foi mais eficiente no resgate de informações ligadas à experiência vivida pelos depoentes, embora, em São Thomé das Letras, a memória remeta também à tradição oral, ultrapassando, por vezes, os limites temporais da história de vida dos informantes.

Dessa maneira, minha presença enquanto autora manifestou-se em primeira instância, na participação que tive, junto com os informantes, na construção dos documentos – videogramas – que subsidiaram o trabalho, e, em Segunda instância, na organização das narrativas dos informantes, *editando* suas falas, ou as vozes transcritas, daqueles que contaram a história, ou as histórias que existiam em suas memórias, unindo a elas também informações veiculadas pela escrita. Nesse sentido, o texto expressa uma *polifonia*. No intuito de organização de tais informações, o *tempo*, assim como as *narrativas registradas*, sofreram um processo de decomposição, e os indícios de história presentes nos fragmentos de memórias foram agrupados segundo as épocas a que se remetiam, e que portanto, informavam. Assim procedendo, o resgate da trajetória histórica contemplou as seguintes durações temporais, que interagem:

. *longa duração*: época anterior à colonização, contemplando a formação da paisagem natural e os primeiros habitantes, considerados aqueles que ali estavam quando os colonizadores começaram a se apoderar das terras do sul de Minas Gerais, travando contato com os índios que até então eram os senhores dessas paragens;

. *média duração*: considerada a partir do povoamento colonial, estendendo-se pelo século XIX até quase meados do século XX;

. *breve duração*: contemplando o século XX, principalmente a partir da década de 40, pois até então, o isolamento em que a população vivia fazia com que o modo de vida do século anterior regesse o cotidiano local até a década de 1940, quando acontece em São Thomé das Letras o primeiro impulso modernizante daquela sociedade, com a inauguração da “indústria da pedra”.

Na reconstrução da temporalidade, as narrativas foram descontextualizadas, pois dos diálogos registrados, selecionei alguns fragmentos, daí a utilização das cores para remeter o fragmento ao todo de onde ele foi retirado, como se elas fossem capazes de fornecer, embora precariamente, sua re-contextualização. Procurei, na medida do possível, manter as palavras daqueles com quem devo compartilhar o posto de construtora daquela história: os narradores dela, ou melhor, entre os vários informantes possíveis, aqueles que efetivamente contribuíram, pacientemente, com a tarefa de trazer o passado de suas reminiscências pessoais, oferecendo generosamente as pontes através das quais pude conhecer o passado vivido por eles, ou fragmentos dele, que uni de forma a construir um todo – também fragmentado e parcial – que expressasse a história local.

Encruzilhada

“Compreender uma cidade significa colher fragmentos”.

As palavras são de Máximo Canévacchi ⁹. Para ele, a união dos fragmentos urbanos é que compõem a *polifonia*, expressão de uma forma descentralizada de comunicação. Tal forma aparece nas ciências humanas (especialmente na antropologia) na esteira da crise dos sistemas holísticos de representação, quando estes passaram a ser relacionados ao estudo das complexas sociedades pós industriais, ou pós-modernas. A partir daí, *“o sentido do trabalho antropológico consiste em procurar a ‘rede de significados’ desses fragmentos, com os quais se possa reconstruir partes circunscritas da ordem cultural contemporânea (ou do passado)”*.

A cidade de São Thomé das Letras, atualmente, já penetrou em tempos pós-modernos e portanto já se desenvolveu ali uma cultura urbana, *“atravessada por fluxos contrastantes, confusos e desordenados, que fragmentam sua unidade em mil pedaços”*. A rede de significados capaz de unir esses pedaços foi historicamente construída, emergiu das vozes que expressaram vivências e compreensões dos narradores, que a seguir serão relacionados a suas cores.

⁹ Massimo Canévacchi. *A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da Comunicação Urbana*. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993. Cf. pg. 34: “Para uma antropologia comunicativa”. de onde retirei as citações desta página.

COOPEDRA (fundada pelos mineradores da área denominada Patrimônio em 1991)	SR. DANIEL. Nativo, minerador.	MAURÍCIO. Blaster, migrante de Aiuruoca na década de 50, quando criança.
		<i>SR. HILTON</i>
	INSTITUIÇÕES	FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente
		IBAMA – Instituto Brasileiro de Amparo ao Meio Ambiente.
	FRANCISCO	

NETO	COLIBRI Nativa, descende de uma família de escravos, que chegou ao local no século XVIII ou XIX.	
	TIÃO ROSA Nativo, descende de uma família de escravos que chegou ao local no século XVIII ou XIX. Minerador da área do Patrimônio.	→D. ALVINA Nasceu nas roças vizinhas, descende de pai negro e mãe bugre. Frequenta o local desde a infância.
		→SR. SAUL Nasceu nas roças vizinhas; o pai migrante de outra cidade e a mãe da região. Minerador aposentado.
		→JOÃO PEROBA (nativo), DÉCIO (migrante na década de 80)
	POUSADA DOS ANJOS	→JOSÉ FLÁVIO E ANA. Funcionários públicos em Três Corações. Conheceram o local na década de 70.

OUTROS	MARICA - Mora no estado de São Paulo, conheceu o local no final da década de 70. ANA BRANCO – Funcionária municipal da cidade de São Paulo, membro da Sociedade Brasileira de Eubiose. SR. HILTON – Nasceu nas roças vizinhas. É motorista da prefeitura de São Thomé das Letras. <i>ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CRISTIANO ALVES</i> BETO SOL – Carioca, conheceu a cidade na década de 80. ISAAC – Ex-secretário municipal de Turismo. Conheceu a cidade na década de 90.

*A Memória, o Narrador, a Verdade e a História
em São Thomé das Letras*

A memória confere identidade individual e coletiva. Em meio às particularidades de cada indivíduo, alguns pontos são compartilhados, vivem na memória do grupo que cuida de preservá-la, e portanto, de transmiti-la. As experiências recordadas e as imagens do passado ainda partilhadas, no presente, têm particular importância para os grupos sociais, pois formam a sua identidade. Em São Thomé das Letras, por vezes, durante as narrativas fantasia e realidade se misturavam, compondo entretanto, a partir desta mistura, uma realidade expressa pela unidade básica dos discursos. Somente as fontes vivas são capazes de combinar, harmoniosamente, domínios tão distintos como fantasia e realidade, sendo que o trânsito que fazem entre eles é o que lhes confere ao mesmo tempo especificidade individual e o pertencimento a um grupo determinado. Dessa maneira, valorizei o significado social da memória mais do que a sua veracidade, por entender que, na construção da identidade de um determinado povo, a verdade (ou sua inexistência) pouco afeta a sua estrutura interna e o seu modo de transmissão: muitas vezes, a condição pragmática de uma narrativa oral é transmitir uma moral, uma advertência, ou um conselho, constituindo verdades de outra natureza, “*coisas com que, hoje, não sabemos o que fazer, de tão isolados que estamos, cada um em seu mundo particular e privado*”¹⁰.

As narrativas trazem, dessa maneira, mesmo contando *mentiras*, ou fantasias, as suas verdades, ou antes, as verdades importantes para o grupo que a resguarda e transmite. O principal elemento da identidade de São Thomé das Letras, de acordo com a tradição oral, tem referências materiais (inscrições nas rochas e a imagem de São Tomé): é a explicação sobre a origem do povoamento naquele local. Essa narrativa, que não é a única que compõe a tradição oral do local, pode ser entendida como uma narrativa fundamentalista: une na trama, os três elementos envolvidos na experiência da

¹⁰ Walter Benjamin. *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*, vol. 1, trad. por Sérgio Paulo Rouanet, 4^a ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. Cit. p. 11 do Prefácio escrito por Jeanne Marie Gagnebin.

colonização, sintetizando-os em uma cosmogonia (que explica o surgimento daquele universo particular). Esta une o branco aristocrata, o escravo negro e o índio nativo (que esteve presente em algumas versões somente na forma de indícios – as pegadas de Sumé – e não como um personagem, tal a desconsideração por sua presença em nossa história). Na trama, o primeiro personagem, o branco colonizador, assume ares de conquistador às vezes cruel, outras benevolente; o segundo, negro, representa o escravo rebelde: ambos redimem-se sob poder temporal da Igreja, cuja construção pode ser entendida enquanto a realização material da vontade dos santos (no caso, especificamente de São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo), cujas aparições em imagens – associada milagres – apontam os locais onde deveriam ser construídos os templos, fornecendo um forte elemento identificador do caráter devocional da população de Minas Gerais.

Muitas vezes as narrativas que contavam São Thomé das Letras transitavam nos domínios da fantasia e da realidade, portanto a questão do método foi fundamental à construção do saber sobre a história local.: “*A História é uma invenção para a qual a realidade fornece os elementos. Não é porém, uma invenção arbitrária*”¹¹. O texto que se segue revela esse trânsito, e, quando penetramos os domínios que julgamos pertencer ao reino da fantasia devemos ter em mente que tal fantasia traz em si uma verdade, que deve ser lida em suas entrelinhas, antes de tentarmos entender suas linhas, cujo alcance nos escapa, se nos atemos à face objetiva dos relatos. Em vários aspectos, as fantasias, em São Thomé das Letras expressam realidades bem objetivas.

O compartilhamento das experiências conduz, como pude perceber depois de realizar várias entrevistas, a um fluxo narrativo comum, que é requisito essencial quando falamos de tradição oral. Esta só existe em comunidades onde os indivíduos compartilham um mesmo grupo de referência, no interior do qual já ocuparam o posto de ouvintes, condição essencial para que hoje ocupem o de narradores. Nesse sentido, podemos considerar que as narrativas têm por base a experiência, em tempos/espacos compartilhados. São vestígios de um passado inacessível pela via direta,

¹¹ Hans Magnus Enzensberger. Primeiro comentário: a História como ficção coletiva. In: *O Curto Verão da Anarquia*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, cit. pg. 16.

experenciados pelos narradores que, num diálogo, relembram: em São Thomé tinha muitos contadores de histórias. Pessoas que iam de casa em casa contando histórias. Ali coava um cafezinho e ia-se ficando, horas a fio, a desfiar cause, um atrás do outro. O pai sentava aqui no terreiro, punha o Gordo dum lado do colo, a Chica n'otra perna e nós sentava tudo ali, em roda, e ficava escutando ele contá as história. Às veiz a mãe gritava: ô Antonho, para de contá história de assombração pras criança que depois ninguém dorme. Nessa época, os contadores de histórias ainda não haviam sido substituídos pelas televisões, ou por outras modernas diversões: havia tempo e público para contar e ouvir histórias.

O tempo do narrador, em São Thomé das Letras, ainda não acabou, mas está prestes a acabar. O modo de vida tradicional, que privilegiava os momentos de narrativas orais, já há algumas décadas tem passado por um processo de interação com valores modernos. Estes passaram a ser incorporados no início do processo de urbanização do arraial, na década de 1970, quando amplificava-se a *indústria da pedra* e iniciava-se o turismo. A extração das pedras, embora ocorresse ainda de maneira totalmente artesanal, assume, a partir daí, paulatinamente, características industriais, com a introdução de máquinas pesadas e o aumento da produção; por outro lado, o turismo atraía novos moradores, com novos estilos de ser.

Depois, a cidade era um arraial muito atrasadinho, não tinha, a vida aqui era trabalhar na enxada, pras fazendas, eu mesmo fui desse tempo (...) a extração de pedra faz uns 57 anos eu fui um dos primeiros que trabalhou e um dos derradeiros que existe (...) trabalhava de empregado, eu tenho a carteira do tempo do Getúlio Vargas, ainda peguei aqui, tá guardada. é diferente dessa de hoje (...) quem começou a tirar foi o Sr. Jesiel Luz e Companhia Limitada, um engenheiro lá do Rio, e a pedra ia no carro de boi, engradada num cargueiro, no lombo do burro, e lá atravessava a prancha pra poder ir pro Rio. Depois de atravessar a prancha, que fazia a travessia sobe o Rio Verde, as pedras eram colocadas nos vagões dos trens que ligavam o sul de Minas Gerais ao Rio de Janeiro desde o século XIX, quando foi inaugurada a Estrada de Ferro. A indústria da pedra inaugurada pelo Sr. Jesiel nos idos de 1940, iniciou, timidamente a princípio, a dinamização física e social do então distrito de São Thomé das Letras, mas ainda não

representava o início da construção de uma “*cultura urbana*”. Nessa fase, as famílias que chegam ao arraial eram oriundas das roças vizinhas, que trocavam o trabalho nas lavouras pelo trabalho nas pedreiras, seus estilos de vida não eram muito diferentes dos dos habitantes do *arraialzinho* ¹². Trinta anos depois o turismo e as transformações que se imprimiam à extração dos quartzitos acentuaram a dinamização e, aí sim, começa a se configurar o sincretismo entre uma cultura tradicional, nos moldes rurais e uma cultura urbana, que chegou, principalmente, junto com os novos moradores atraídos pelo turismo. A partir daí, o contato entre novo e tradicional passa a ficar mais estreito gerando, por vezes, situações de enfrentamento entre representantes da antiga ordem e os que chegam trazendo em suas bagagens os impulsos de mudança. O enfrentamento iniciado na década de 70 atinge na de 80, o seu clímax. Nos anos 80, a indústria da pedra e o poder local, são colocados em cheque por pessoas de fora, que se fixavam em São Thomé em função da atividade turística, que se afirmava principalmente sobre o inusitado acervo arquitetônico e a exuberante paisagem natural, representando, no contexto histórico, o primeiro impulso no sentido de controle das transformações que aconteciam no ambiente urbano. Na década seguinte, a de 90, o esforço de normatização da ocupação do alto da serra atinge também o ambiente natural, quando as instituições entram em atuação legislando sobre o prejuízo ao bem público, no caso, o ambiente natural.

A dinamização das experiências cotidianas impressas inicialmente na década de 40, pela indústria da pedra, e com maior ênfase a partir da década de 1970, com a intensificação da extração das pedras e pela paulatina implantação da indústria do turismo que se inaugurava, levaram à inevitável transformação das estruturas sociais que resguardaram por tanto tempo uma cultura fortemente marcada pela oralidade, e, como foi detectado em outros locais do mundo, também em São Thomé das Letras ao contato

¹² Entende-se o fenômeno urbano segundo dois sentidos distintos: 1) concentração espacial de uma população a partir de certos limites de dimensão e densidade (forma espacial) e 2) a difusão do sistema de valores, atitudes e comportamentos chamados cultura urbana (forma cultural). A cultura urbana é um fenômeno inerente das sociedades industriais, e traduz um dos polos da dicotomia urbano e rural, ou trabalho agrícola e trabalho industrial. Conceitos desenvolvidos por Manuel Castells no artigo *Structures sociales et processus d'urbanization: analyse comparative intersociétale*. In: *Annales – Économies, Sociétés, Civilizations*, 25^o année, n. 4. 1970. *Histoire et Urbanization*.

com o mundo moderno relaciona-se o declínio da antiga tradição cultural, que cede, pouco a pouco espaço às novas experiências oferecidas pela modernidade.

*“O depauperamento da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e linguagem”*¹³.

Atualmente os universos e as práticas de linguagem que coexistem em São Tomé das Letras expressam as múltiplas origens de sua população. Convivem ali, nos dias de hoje, raros remanescentes do saber tradicional, com jovens representantes de culturas urbanas: em um mesmo dia, no espaço público, podemos acompanhar experiências sagradas como a louvação de santos e também experiências de natureza profana como performances de *drag queens* no *Forrock*, “casa noturna” local.

A história de São Thomé das Letras é fruto de um trabalho de construção empreendido justamente porque reconhece-se a impossibilidade da experiência tradicional na sociedade moderna, já que a última traz em si um ritmo de vida diferente; entende-se que a experiência tradicional, hoje de caráter individual e privado, restrito à memória daqueles que não tem mais para quem contar suas histórias, deve ser democratizada, com vistas à preservação da identidade cultural local, em acelerado processo de transformação, daí a opção pelo equipamento de vídeo como instrumento de pesquisa. Este permitiu a fixação da tradição oral num suporte permanente, através do qual a memória adquiriu uma nova forma, tendo sido transformada em documentos para a escrita da história. A narratividade espontaneamente cultivada antes da modernidade chegar até o alto da serra, foi matéria dos registros realizados durante o trabalho de campo; este teve como ponto de partida o registro tanto das narrativas quanto dos narradores, em seus ambientes cotidianos, imprimindo as experiências, ou memórias individuais, no suporte permanente oferecido pelas fitas de vídeo.

¹³ Walter Benjamin. *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*, vol 1, trad. Sérgio Porto Rouanet, 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985; cit. p 11 do Prefácio escrito por Jeanne Marie Gagnebin.

Dessa maneira, foi a partir da encruzilhada de múltiplos saberes que a história de São Thomé das Letras tomou corpo. À história da extração do quartzito outras histórias se juntaram, cortando diagonalmente o fio condutor proposto.

Assim como as múltiplas cores com as quais foram impressos os fragmentos de memória, representando a polifonia composta pelas narrativas de vários atores sociais, a utilização das imagens no corpo do texto tem por objetivo ampliar a compreensão do leitor ¹⁴. Elas fazem parte da trajetória histórica local, e por isso povoam a memória das pessoas.

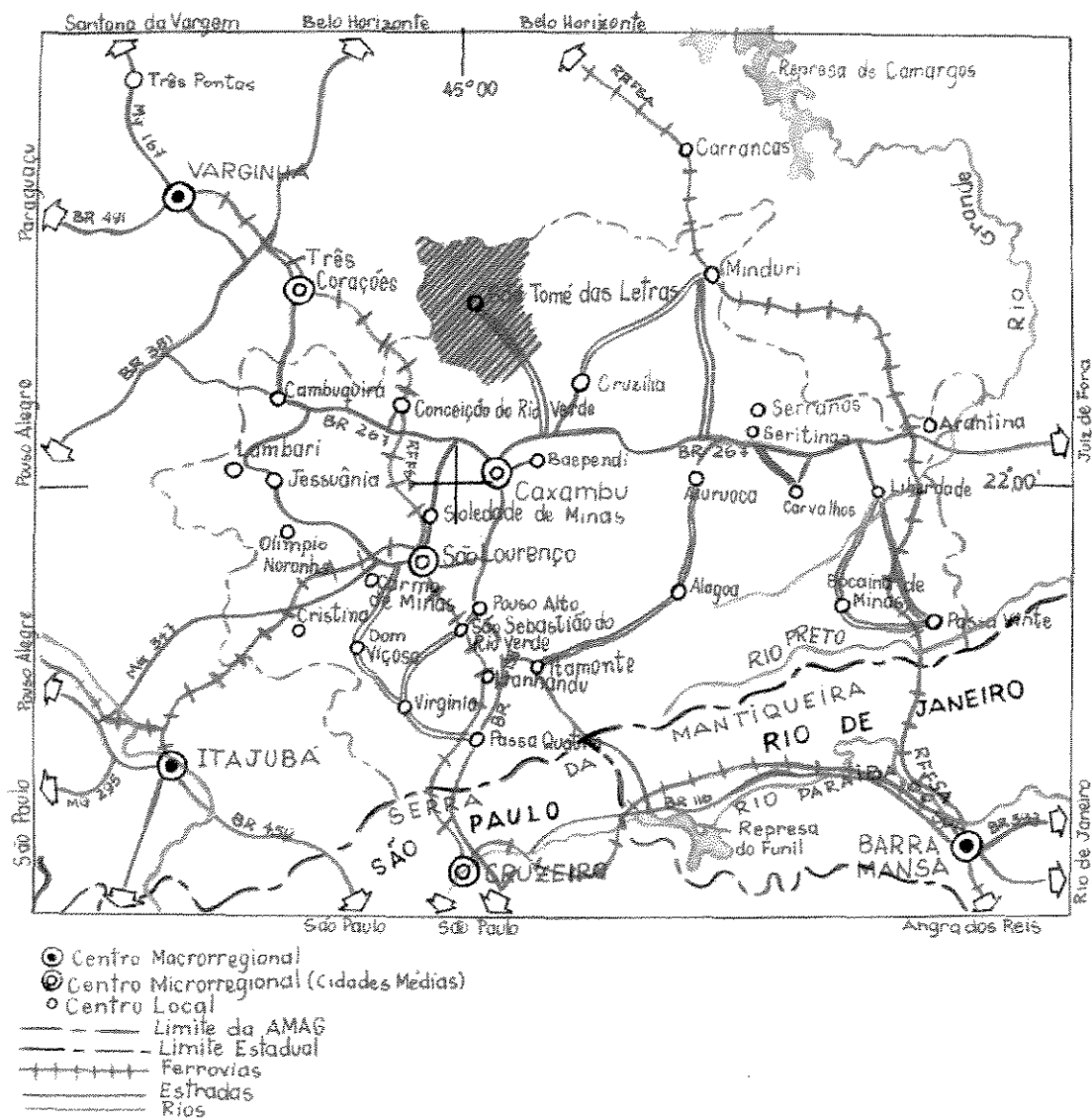
A história aqui construída não deve ser entendida enquanto uma história fechada e um conhecimento acabado. É bom que se reconheça a dupla subjetividade que atuou na síntese histórica: a do ator social que rememorou e a minha, pesquisadora que estimei-lhes o rememorar para, a partir dele, organizar e editar um texto escrito e outros, videográficos. Ela é antes um convite a que outros olhares e outras vozes a estes já registrados se juntem: sob forte influência do pensamento de Walter Benjamin, pretendi construir uma *história aberta*, capaz de se fazer e refazer, e também de dia a dia se construir.

¹⁴ Vide o alto potencial da imagem enquanto transmissora de conhecimentos na primeira parte da presente dissertação.

Preliminares

A História que será contada a seguir representa a síntese daquelas que vi, ouvi, registrei e li quando em contato com as fontes de pesquisa.

Lembrando mais uma vez o *dito* segundo o qual *quem conta um conto aumenta um ponto*, a história que segue escrita é também, aumentada em um ponto, por que agora sou *eu* que conto.



¹⁵ Desenho: Anselmo Toledo. Fonte: Mapa elaborado pelo órgão cartográfico, geográfico e geológico oficial do Estado de Minas Gerais, em 1982. Escala original 1 : 1 500 000. Instituto de Geociências Aplicadas.

A cidade no tempo

A cidade, ao mesmo tempo que é hoje, viaja por todos os tempos.

Beto Sol¹⁶

A história de São Thomé das Letras, ora apresentada, deve ser entendida enquanto uma *construção* que fiz, entre as muitas possíveis. A *construção* tomou como base evidências de várias naturezas - orais, escritas e visuais - que os homens do passado legaram ao homens atuais. Os últimos foram ao mesmo tempo os motivos e os meios que orientaram a elaboração do presente trabalho: os *motivos* porque são eles os elos que ligam, em seu presente, as gerações passadas às futuras, sendo portanto importantes *mensageiros* entre os tempos: neles encontrei a matéria da história. Suas reminiscências foram o principal *meio* de aceso a fragmentos do passado vivido, por cada um deles de maneira única e por todos coletivamente, quando compartilhavam tempos/espços definidos. As experiências de vida dos informantes, matéria de suas memórias, transitam assim, entre universos ao particulares e coletivos, e se relacionam em diferentes graus de complexidade.

Ao eleger como fio condutor a extração dos quartzitos, rocha que forma a Serra das Letras onde o município se localiza, a *construção* se torna deveras ambiciosa, pois a atividade cobre praticamente todo o período que une o presente imediato aos primórdios da colonização do território por europeus, africanos e mestiços, no século XVIII. Estes, nas últimas décadas dos setecentos, iniciam um processo de transformação da paisagem natural, que a sua fixação naquelas paragens exigia. Neste ininterrupto processo de transformação, os quartzitos foram a matéria-prima privilegiada para a construção do arraial e, ao longo dos séculos que se passaram, sua importância para a população local só fez aumentar na medida em que foi transformado, no século XX, na maior fonte de renda tanto para os habitantes do alto da serra como para aqueles das roças vizinhas, que

¹⁶ Beto Sol não foi propriamente um informante, mas tivemos uma entrevista, registrada nas fitas 2 e 3 do acervo de cassetes. Delas retirei as palavras citadas.

pouco a pouco foram trocando o trabalho sazonal nas lavouras da região pela mineração, que lhes oferecia maiores e mais constantes possibilidades econômicas.

A área do município de São Thomé das Letras é extensa – são 368 quilômetros quadrados – e são muitas as mineradoras em atividade nesta área ¹⁷. Durante a pesquisa, concentrei-me em conhecer a trajetória histórica restrita à área onde se localizam as Pedreiras do Patrimônio, área urbana que até meados da década de 1990 estava sob o poder da Cúria Diocesana de Campanha, que se intitulava proprietária daquele patrimônio imóvel.

Para fins de organização do conhecimento histórico a trajetória temporal que baliza a extração das rochas no Patrimônio foi decomposta em cinco estágios, de acordo com o comportamento técnico dos mineradores, a saber:

- 1) o primeiro estágio é compreendido pela retirada dos primeiros fragmentos de rocha, utilizados pelos colonizadores para construir seus templos e suas moradas até o final do século XIX, quando as lajes do quartzito já estavam circulando pela região que faz o entorno da serra;
- 2) período que vai do final do século XIX até o início da década de 1940, quando é iniciada no alto da serra a “*indústria da pedra*”, termo utilizado pelos próprios mineradores;
- 3) entre as décadas de 1940 e 1970, época em que provavelmente a utilização de explosivos foi incorporada ao método de lavra;
- 4) de 1970 até a década de 1990, quando por meio de uma denúncia, inicia-se a atuação do poder público sobre a mineração. Chegam ao da serra os agentes fiscalizadores que passam, a partir daí, a controlar a extração dos quartzitos em função da degradação ambiental gerada pela atividade;
- 5) finalmente o quinto estágio é aquele compreendido pela incorporação de medidas que visavam satisfazer as exigências colocadas pelos órgãos fiscalizadores do meio ambiente como maneira de garantir a permanência da atividade mineratória no alto da serra.

Durante esse tempo, aqui decomposto em estágios, o vivido ali no alto da serra pelos vários atores que a povoaram ao longo dos séculos, não se restringiu, é claro, à mineração. Ao mesmo tempo em que a história da mineração se construía, muitas outras histórias a ela se juntavam, e nela interferiam, formando uma intrincada teia, ainda vívida, em fragmentos, na memória dos habitantes locais.

¹⁷De acordo com Marcelo Ferreira Guimarães, chefe do escritório do IBAMA de Lavras, que faz a fiscalização na área, no ano de 1998, existiam cerca de 90 pontos de extração em toda a área do município de São Thomé das Letras. Registro: fita n. 13 do acervo audiovisual.

*Paisagem*¹⁸



¹⁸ Fragmento da aerofoto produzida em 1968, que compõe o acervo fotográfico da Biblioteca do Instituto de Geociências Aplicadas, em Belo Horizonte. Reprodução fotográfica realizada por Sílvia Helena.

Esconde-se no alto de uma montanha, no Sul das Gerais, um povoado cercado de espaço mágico de pedras e paisagens naturais.

A crosta terrestre chegou a seu aspecto atual depois de passar por numerosas transformações, que aconteceram durante bilhões de anos. Essas transformações foram classificadas por cientistas em *eras*, divisores temporais que acompanham a formação física da Terra e o aparecimento da vida vegetal e animal. Durante a primeira era, *azóica*, aconteceu a formação, pelo fogo, das rochas ígneas, em uma atmosfera carregada e densa. Seguiu-se a era *arqueozóica*, quando surgiram numerosos vulcões, altíssimas montanhas e as primeiras formas de vida – seres unicelulares e algas marinhas – nos oceanos formados pelas primeiras chuvas. Na terceira era, *proterozóica*, o movimento das águas do mar criaram, há 570 milhões de anos, os terrenos sedimentares mais antigos do globo, entre eles a Serra de São Thomé das Letras. Surgiam também, nesta era, os primeiros corais, esponjas e plantas com raízes. Geologicamente ela representa a parte superior do Grupo Carrancas que, unida aos Grupos Canastra e São João del Rei, demarcava as bordas do antigo continente existente no Proterozóico Inferior¹⁹. Daí até o aparecimento do homem, mais quatro eras se sucederam, e, durante elas o relevo continuou a se modificar e as formas de vida tornaram-se mais complexas²⁰.

Por ter se depositado à beira-mar, a formação da serra é predominantemente arenítica. A rocha formada nesse processo de sedimentação é composta por quartzo e mica; são como placas superpostas umas às outras, em cujas camadas às vezes encontram-se arborizações de manganês, denominadas *dentrites*, originando as famosas “pedras ramadas”. Estas, quando deslocadas da serra revelam imagens que lembram as

¹⁹ O Grupo Carrancas tem sua parte inferior denominada Rio Elvas, a intermediária como Campestre e a Serra de São Thomé das Letras como superior. Fonte: Ministério das Minas e Energia. Secretário Geral. Projeto RADAMBRASIL – Levantamento de recursos naturais – volume 32; folhas sf.23/24 Rio de Janeiro/Vitória. Rio de Janeiro, 1983, pp. 139-143.

²⁰ As eras que seguiram a *proterozóica* foram a *paleozóica*, quando iniciou-se a evolução da espécie animal; a *mesozóica*, quando a crosta terrestre modificou-se por causa das grandes erupções vulcânicas; cenozóica, era das glaciações e a *neozóica*, quando as glaciações passaram a alternar-se com períodos de intenso calor. Quando as glaciações cessaram, o homem já era nascido e os continentes e oceanos já apresentavam sua forma atual.

formas de esponjas e corais, provavelmente empurradas para as bordas do antigo continente pelas ondas do mar.

A serra foi há algumas décadas reconhecida por geólogos como remanescente de uma área intensamente tectonizada e erodida, formada por quartzitos muito puros e de granulação muito fina: é uma imensa jazida de quartzito sericítico. A partir daí, a paisagem natural passa por um processo de valoração econômica, como já havia acontecido com as terras férteis quando da implantação das fazendas na região. A serra entra então, em franco processo de degradação, pois rapidamente os homens se puseram a *desmontar* a serra, deslocando as camadas sedimentares que foram formadas há milhões de anos, para empregá-las, em seus fragmentos, na construção civil ²¹.

O núcleo urbano do município de São Thomé das Letras fica a 1290 metros de altitude, como se fosse um mirante onde a natureza é árida e ao mesmo tempo generosa. De lá descortinam-se, ao olhar, grandes campinas, sinuosos vales, prados e montes. Que formam o planalto mineiro. De baixo, a imagem que o pico oferece, é a de uma vigorosa elevação, marcada no alto, por uma imensa mancha branca, que brilha quando sobre ele incide a luz solar, por causa da mica existente na rocha. A mancha sinaliza a existência de várias pedreiras em atividade no local, imprimindo à paisagem, um ar de devastação sem igual.

Da paisagem primitiva ainda se pode avistar grandes afloramentos de rochas que, por ficarem expostas à ação dos intemperismos, são geralmente revestidos por uma espécie de limo, de cor preta, compondo um cenário rico em cavernas, paredões, grutas e gargantas profundas, por onde serpenteiam os vários córregos que nascem na região serrana central e que, ao descer formam belas quedas de água cristalina. Naquele tempo ela era virgem, era tudo preto, você não viu nada ... ah! Há muito tempo, muitos anos, muito tempo, eu vi isso aí escuro, o que via de branco aqui era onde corria água, o resto era tudo escuro.

²¹ Os primeiros estudos geológicos na área incluíam a serra de São Thomé das Letras no Grupo Andreilândia. Fonte: *Projeto RADAMBRASIL*, p. 134: “Esta unidade foi inicialmente definida por Ebert (1956 a) na região de Andreilândia (...) Anteriormente, Lamego (1938) já havia descrito os xistos de alto grau aflorantes na região do alto curso do Rio Grande”: estudos posteriores passaram a correlacionar a serra de São Thomé ao grupo Carrancas

O relevo acidentado do maciço da serra se estende por cerca de 20 quilômetros, apresenta em sua forma predominante colinas e vales encaixados, erguendo-se acima das montanhas como se fosse uma crista. Entre outras serras de menor expressão, alinham-se no município à Serra de São Thomé, a do Cantagalo, do Sobradinho e das Ninfas. Este conjunto serrano, que pertence ao Planalto Compartimentado da Serra da Mantiqueira compõe uma das mais belas paisagens de Minas Gerais, além de ser fonte importante de água, energia e diversidade biológica.

No alto da serra existem inúmeras nascentes que vertem suas águas em pequenos córregos, formando nos primeiros quilômetros de seus cursos, belas cachoeiras que atraem grande número de turistas à região. Esses córregos engrossam os volumes do rio do Peixe - principal curso d'água da densa rede de drenagem do município, e constitui, em dois trechos, divisa intermunicipal. O rio do Peixe depois que se junta com as águas do Rio Cai, desemboca no Rio Verde, afluente do Rio Sapucaí, que por sua vez forma a da Bacia do Rio Grande, geradora e mantenedora da vida no planalto que se avista lá do alto.

Pela vertente ocidental da Serra de São Thomé – pertencente à Depressão do Rio Verde – desce o Ribeirão Passa Quatro. Este é formado principalmente pelas águas de três nascentes. Duas delas nascem no local denominado “Mato do Santo”, a outra nasce acima, na cabeceira da serra. Estas águas se unem tão logo nascem, descendo por uma paisagem de *canyon*. A primeira queda d'água acontece em uma fenda profunda, formando a “Cachoeira da Garganta”. Após a queda, o leito do ribeirão passa a correr no fundo da fenda até que cai novamente em queda. A partir daí, a fenda se abre, alargando as bordas do córrego, que nesta altura recebe as águas de outra vertente, que também desce do alto da serra, trazendo grande parte do esgoto produzido na cidade de São Thomé das Letras. A terceira queda do Passa Quatro, já bem próxima do pé da serra, é conhecida como “Cachoeira do Vale das Borboletas”. O proprietário das terras mantém aí uma “venda”, que fornece queijo, doces, refrigerantes, cerveja e alguns dedos de prosa aos turistas desavisados que se banham nas águas que outrora eram cristalinas.

Outro curso d'água que desce pela encosta ocidental da serra, e que também faz o escoamento do esgoto da cidade são as águas das “Corredeiras”, hoje em dia totalmente impróprias para o banho, mas que já formaram um cenário paradisíaco, até a década de 1980, quando o turista ali chegava e tinha o interesse era justamente de desbravar. A graça de São Thomé tava em curtir tudo que isso aqui oferecia. Então, a nível de cachoeira, nós temos lembranças de cenas idílicas, né, aqueles filmes de lago azul, até é café pequeno. Porque aquela cachoeira do Evaristo, são seis piscinas naturais.

Qual é a cachoeira do Evaristo?

Você indo por essa estrada nova, tem um lugar, que é uma ponte que você atravessa. A primeira ponte, ponte, em baixo, corre essa água, que daí você tem uma, duas, seis piscinas. Uma caindo na outra. E hoje é puro esgoto.

É a Corredeira.

E hoje é esgoto. Mesmo depois de anos mais tarde, no começo a gente curtia, era cristalina, era a coisa mais linda do mundo...

A água corria por um largo escorregador de pedra e formava vários poços.

A poluição das águas, na vertente ocidental, não acontece somente por causa do esgoto. O Ribeirão Passa Quatro vem sofrendo acelerado processo de assoreamento. No início da década de 70 abriram bancos de mineração do quartzito em suas beiras, cortando as arestas que existiam no alto da fenda por onde corre o ribeirão. A limpeza dos bancos era feita pela água, o rejeito era jogado dentro do ribeirão pelos homens e pela chuva que empurrava os pedaços de pedra. Assim, além da areia que se deposita no fundo do leito, que faz com que ele fique mais raso, grandes blocos de rocha impedem que a água corra com liberdade. Atualmente, apesar das providências que já foram tomadas no sentido de minimizar os estragos ambientais gerados pela extração do quartzito, a fina areia e também os fragmentos maiores do rejeito das pedreiras ainda descem do alto da serra, levados pelas águas das chuvas até o leito Ribeirão Passa Quatro, e deste para o Rio do Peixe, onde deságua o ribeirão.

Pela vertente oriental da Serra de São Thomé das Letras – pertencente ao Planalto de Cruzília –, entre esta e a Serra do Cantagalo, correm em direções opostas

outros dois ribeirões, o Lavarejo e o Cantagalo. O primeiro segue a direção norte e deságua no rio Ingaí, o segundo segue para o sul e vai desaguar no Rio do Peixe. Nessa vertente, que tem as águas mais puras e os cursos mais preservados dos males causados pela extração do quartzito, localiza-se a conhecida “rota das cachoeiras”, que consta no guia turístico local. Essa vertente da serra é mais preservada, pois as rochas que aí afloram não tem valor econômico, portanto não são exploradas. Além disso, a área é uma APA – Área de Preservação Ambiental e conta com a vigilância de algumas pessoas que denunciam à Polícia Florestal qualquer atividade que ameace o meio ambiente. No Ribeirão Cantagalo é feita a captação de água pela COPASA, que depois de passar pela estação de tratamento, abastece o município.

As bordas da serra são formadas por solos muito férteis, extensivamente utilizados para agricultura e pecuária. Até a década de 1940, quando inicia-se a indústria da pedra, a lavoura era praticamente a única opção de trabalho da população de São Thomé das Letras.

Ai formou um arraialzinho aqui, as casas todas de pedra, emendadas umas nas outras, com telha comum, igual essa telha da minha casa aqui. Depois a cidade era um arraial muito atrasadinho, não tinha, a vida aqui era trabalhar na enxada, pras fazendas, tirar tarefa pra ganhar dois merreís por dia, eu mesmo fui desse tempo. No começo, mas a cidade já tá bem mais um pouquinho mais velha já. O arraial, no tempo do arraial, já deve ter uns 140, 150 anos que foi formado o arraial aqui.

O café é atualmente o produto agrícola mais expressivo, seguido pelo milho, utilizado na alimentação do gado e comercializado. Arroz, feijão, mandioca e cana-de-açúcar são lavouras de subsistência. A criação de gado, em pastagens naturais, é quase totalmente voltada para a produção leiteira.

A *Floresta Tropical Subcaducifolia* que outrora cobria a região formando campos nas lombadas das serras e matas nas grotas já foi bastante devastada pelo homem, dela restando algumas manchas em locais de forte declividade e difícil acesso²².

²² Informa o mapa elaborado pelo órgão cartográfico, geográfico e geológico oficial do Estado de Minas Gerais – IGA (Instituto de Geociências Aplicadas).

À medida que a altitude vai aumentando, a vegetação vai se tornando mais rala, e o vento se torna mais forte. O terreno inclinado, exposto aos ventos frios, às chuvas e ao sol forte forma depressões onde ocorre a deposição de detritos vegetais, frequentemente nas beiras dos córregos que descem a serra. Nessas depressões a vegetação se adensa e aparecem, entre outras espécies, as goiabeiras e as quaresmeiras, que tingem o verde dos arbustos com o rosa e o roxo.

Nas proximidades do topo da serra, a vegetação raleia ainda mais, assemelhando-se ao cerrado, frágil ecossistema característico de áreas com grande inclinação. O solo apresenta pedregulhos expostos e é constantemente varrido pelos fortes ventos, lavado pelas águas das chuvas, impedindo o depósito de matéria orgânica; além disso, sofre forte insolação, pois as árvores são de pequeno porte e com copas ralas, a vegetação que resiste a essas condições são espécies agrestes, principalmente as candeias – árvores baixas, com troncos e galhos retorcidos, cobertos por líquens, a canela-de-ema - espécie resinosa muito apreciada por seu alto poder de combustão, os cactus, as orquídeas, as flores secas, as bromélias e uma profusão de arbustos que exibem as mais exóticas flores.

Nos grotões viviam onças e suas presas: pacas, cotias, capivaras e veados, caças apreciadas não só pelas onças, mas pelos homens, que fizeram deles também suas presas, praticamente eliminaram da paisagem atual alguns desses animais.

Existem ainda micos que, sempre reunidos, transitam na depressão existente entre a Serra de São Tomé das Letras e a do Cantagalo. Nas matas ralas vivem gambás, lebres, ratos do mato, cotias e lontras, que podem ser avistadas nas beiras dos córregos, onde se alimentam com peixes.

Sabiás, pássaros pretos, tesouras, periquitos, maritacas, canários, tucanos, gaviões, corujas e muitos outros enfeitam as matas e as pedreiras com seu colorido e alegram a paisagem com seu canto.

As pedras são o *habitat* preferido dos escorpiões, que em grande número vivem tanto nas pedreiras quanto na cidade de São Tomé das Letras. Eles aparecem até mesmo dentro das casas de alvenaria. As picadas, ensinam algumas pessoas, podem ser curadas

com a barrigada do escorpião. As cascavéis também são apreciadoras das pedras, e pode-se encontrá-las com relativa facilidade. Elas ainda se reproduzem por ali. Já nas matas, sob as folhas secas serpenteiam entre cobras inofensivas as venenosas coral e urutu. Lá em São Thomé tinha muito urutu cruzeiro, que é uma cobra barra pesada. Eles falam que a urutu cruzeiro ou ela mata ou ela aleija. Se você foi picado, ou você morre, ou você fica aleijado.

Outros animais, ainda menores, como os piolhos de cobras, lacraias e borboletas de todas as cores, integram a rica fauna local.

O clima predominante é do tipo *tropical de altitude*, caracterizado por verões brandos e úmidos e invernos secos²³, mas independente da estação, frequentemente as manhãs são frias e a cidade fica coberta pela neblina, e as inversões térmicas são comuns, com dias de sol intenso e noites muito frias. Os ventos fortes açoitam o alto da serra, compondo sinfonias nas fendas das rochas.

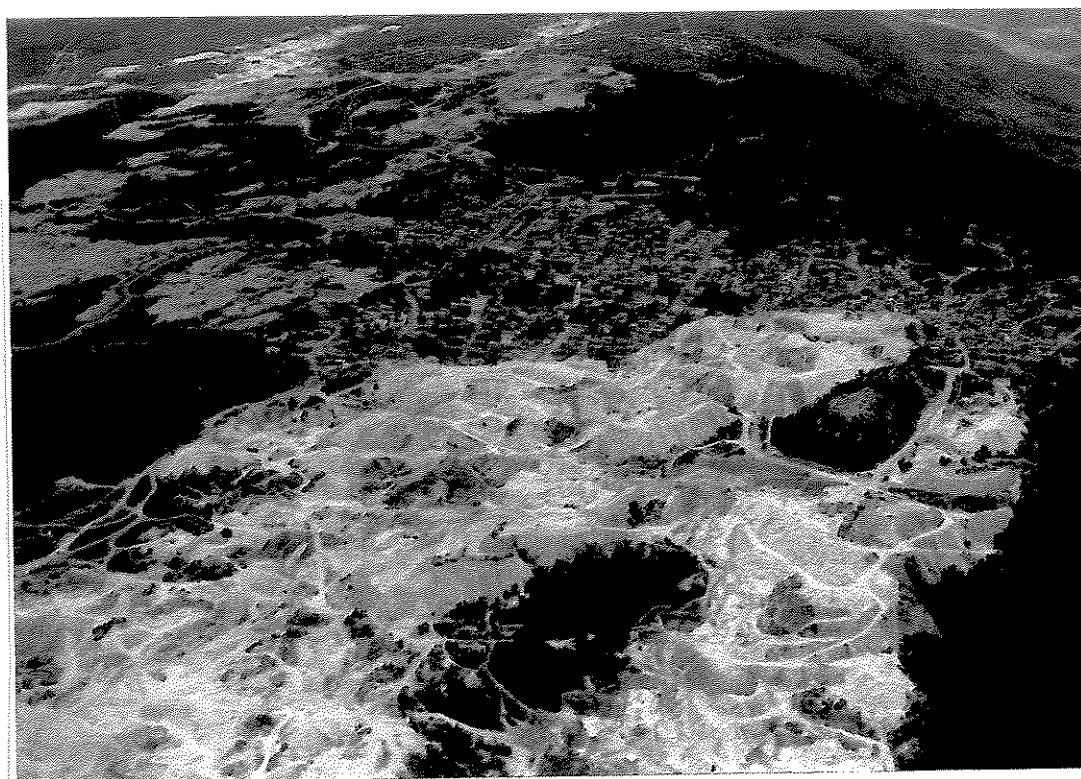
A paisagem no alto da serra, ao mesmo tempo agreste e exuberante, oferecia, antes da chegada dos colonizadores, um cenário acolhedor, com caça abundante, água doce e cristalina e abrigos na forma de grutas e tocas, aos índios, que se moviam até então, livremente, por grandes extensões de terra.

Estes primeiros habitantes não transformaram a paisagem: de sua existência na região, nos ficaram apenas vestígios, legados por estes povos às gerações mestiças que os sucederam²⁴. O mesmo não se pode dizer daqueles que ali se fixaram. Depois de

²³ Idem.

²⁴ Os vestígios que permaneceram resistentes no tempo assumem diversas formas: nomes de algumas localidades; personagens de narrativas épicas, presentes nos livros de memória, nas genealogias das famílias colonizadoras ou em textos antigos, escritos por viajantes dos primórdios da colonização ou nos documentos oficiais produzidos nos idos da colônia e do império; na oralidade, através de palavras, ao longo do tempo transformadas em sua sonoridade ou emprego; mais raramente, em registros por eles próprios feitos, intencionalmente, nas paredes de pedras, em grutas ou cavernas. Sua passagem na área denuncia-se ainda através dos instrumentos de pedra e nos cacos de cerâmicas encontrados por lavradores quando mexem a terra; e finalmente nos tipos físicos de alguns habitantes da região, diluidamente, expressando sua origem.

mais de dois séculos de colonização, a paisagem no alto da serra foi irremediavelmente transformada ²⁵.



²⁵ Aerofoto produzida em 1998 pela *AEROPAR S/C LTDA – Aerofoto do Paraná*. Cedida pela Coopedra.

Povoamento Colonial

Logo nos primeiros anos do século XVII os colonizadores começavam a percorrer as montanhas da Serra da Mantiqueira. Se adentravam por regiões quase despovoadas partindo do entroncamento entre os atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais em busca de ouro, prata e índios para escravizarem. Acabaram por encontrar, no sul de Minas Gerais, ouro e terras férteis.

O caminho principal das minas, nessa época, seguia o curso do Rio Paraíba, desde onde atualmente é São José dos Campos até Cachoeira, quando subia a Mantiqueira ultrapassando o Embaú e seguia o rumo de Pouso Alto e Baependi ²⁶. Iniciava-se o processo de dominação das tribos indígenas ²⁷ que aqui viviam. Tal processo sedava pela aculturação ou pelo extermínio.

A partir do contato, algumas tribos fugiram, temiam as caravanas dos conquistadores. Outros ficaram, misturando-se aos brancos e negros que pouco a pouco se fixaram na região, os primeiros com intuito colonizador em busca de riquezas, os segundos pela obrigação que sua condição de escravos lhes prescrevia. No final do século XIX, os índios que não se aculturaram já estavam quase extintos, a respeito de uma das tribos que viveram na Mantiqueira, uma notícia: “*Na parte meridional tem a extensa Mantiqueira, em parte escalvada e de penedia, noutras povoada de matas. Nelas vivem os índios Cachineses, que são poucos, de corpo acanhado, e tímidos, reduzindo toda a maleficência ao roubo de algumas cabeças de gado nas freguesias convizinhas*” ²⁸.

Na cidade de São Thomé das Letras e em suas adjacências a herança de povos indígenas é ainda bastante expressiva, havendo concentração de significativos sítios de valor arqueológico, locais onde foram encontrados vestígios, como instrumentos de pedra polida e colares, e várias inscrições cuja autoria, embora ainda não exista um

²⁶ Pelúcio, pg. 12.

²⁷ Infelizmente, até o momento, desconheço a existência de estudos aprofundados sobre as etnias indígenas que viveram no sul de Minas Gerais.

²⁸ Manuel Aires de Casal. *Corografia Brasílica*. Belo Horizonte, Itatiaia – Universidade de São Paulo, 1976, cit. p. 171.

consenso, foram presumivelmente produzidas por povos do neolítico. Existem em muitas tocas - como são chamadas pelos habitantes as formações rochosas que se elevam da superfície do terreno - pinturas monocromáticas, feitas com um pigmento muito resistente, de coloração vermelha. Pelo menos três conjuntos delas localizam-se na área urbana, e inspiraram os nomes dos locais onde se encontram: Toca da Mão, Toca do Leão e Gruta de São Tomé das Letras, essa mais expressiva, pois daí irradiou-se o povoado ²⁹.

No século XVIII a ocupação, com o assentamento dos novos habitantes, se tornou efetiva. Com o ciclo da mineração, o eixo econômico do Brasil colonial deslocou-se para o Centro-Sul, atraindo grande número de pessoas que se embrenhavam, em caravanas, por regiões praticamente desabitadas, espantando o gentio e se apropriando das terras, constituindo lavouras e engenhos, construindo igrejas, entrepostos comerciais, criando, além de rotas, uma rede com características urbanas, de relativa densidade e consistência no interior do continente.

Com a chegada dos colonizadores, as terras da região, até então usufruídas pelos indígenas, passaram a ser divididas em grandes fazendas, onde se fixavam os povoadores coloniais, suas famílias, seus escravos e seus animais domésticos, iniciando a construção da infra-estrutura para a fixação da nova população que começava a chegar na esperança de encontrar o ouro. Entretanto, consideram os historiadores, as catas nesses locais exauriram-se no mesmo século, deixando em sua esteira o desenvolvimento de uma atividade agro-pastoril significativa ³⁰.

Em relação à região de Vila Rica, a urbanização do Sul de Minas foi mais lenta e menos opulenta. Desde o final do século XVII até a metade do século XVIII, os arraiais iam se formando de acordo com a quantidade de ouro e pedras preciosas, principalmente o diamante, que era encontrada. Assim, a região próxima a Vila Rica, onde o ouro aflorava quase à superfície do solo atraiu grande fluxo de forasteiros, o que não aconteceu com tanta intensidade no sul de Minas Gerais, o que leva à crer que, do ponto

²⁹ Da pintura feita na Toca do Leão, em São Tomé das Letras, hoje existe somente uma parte, que mostra o corpo do animal. A cabeça foi levada, segundo os moradores, por um estrangeiro, que arrancou, por deslocamento, um pedaço da superfície da rocha.

³⁰ Caio Prado Jr. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1957.

de vista econômico-financeiro este tenha ocupado um papel secundário sob a ótica de uma economia colonial voltada para a mineração. Por isso, embora já houvesse movimento de pessoas, o controle por parte da metrópole era mais restrito, que mantinha seus olhos na região que demonstrava maior produção. Isto, no entanto, não diminui sua importância se o pensarmos sob o ponto de vista do aparato ideológico do sistema colonial, culturalmente voltado para a dominação do território e ao controle e ordenação da vida no sertão. A população era enquadrada de forma muitas vezes sutil, onde a convivência e a interpenetração de populações de procedências diversas gerou uma sociedade de complexa organização, que deve ser entendida em termos de sua reelaboração em níveis culturais múltiplos. Essa vivência, ou melhor, essa convivência, forjou uma realidade que possibilitou a conformação de uma cultura popular fortemente marcada pelo sincretismo, que em sua heterogeneidade, foi absorvida pelo sistema colonial.

Foi nesse contexto que o povoado de São Tomé das Letras nasceu e se desenvolveu. No século XVIII, mais precisamente em 1750, a serra de São Thomé passou a “*pertencer*” ao imigrante português João Francisco da Junqueira, pois localizava-se no interior do perímetro da Fazenda Campo Alegre, onde ele e sua esposa, foram pioneiros “*que aí se estabeleceram no fim do período do rush aurífero. No início chegaram a desenvolver em suas propriedades alguma atividade mineira, passando depois a se dedicar à agricultura e pecuária*”³¹.

Em terras da família Junqueira, “*(...) a história documentada de S. Thomé das Letras se inicia por volta de 1770, quando o padre Francisco Alves Torres, a seu pedido, tem provisão para a ereção da Capela de São Thomé, ao lado da gruta de mesmo nome. Tem início nesta época o povoamento do arraial, embora seja difícil precisar as causas da ocupação de local de tão difícil acesso, desprovido de riquezas auríferas e terras férteis*”³².

³¹ Gabriel Francisco Junqueira – Sua atuação política. Trabalho apresentado pelo Prof. Eduardo d'Oliveira França, escrito por Ana Helena Botelho Chaves, aluna do IV ano de Geografia e História da Pontifícia Universidade Católica, SP, p. 215.

³² IEPHA-MG, PASTA 77, pgs. 4 e 5. Na obra do cônego Raimundo Trindade, *Instituições de Igrejas do Bispado de Mariana*, publicado pelo SPHAN, em 1945, os pesquisadores do IEPHA_MG (Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) encontraram a referência datada.

A partir daí, em meio à exuberante vegetação e às belas formações rochosas, os colonizadores começaram a erguer seus templos e suas moradas, iniciando o processo de transformação da paisagem natural, com a construção dos espaços artificiais.

Qual foi a primeira atividade que incentivou a fixação da população naquele local de tão difícil acesso? Historicamente, é uma pergunta de difícil resposta. Os povoados vizinhos foram por muito tempo rota das tropas que se movimentavam na região, em busca de ouro, abastecendo-se nos entrepostos, ou hospedando-se nas fazendas, que se instalavam no sul de Minas. Houve intenso trânsito por Baependi e Cruzília, que constam na rota dos que vinham pela Mantiqueira. Já existia trânsito de pessoas pela região e São Tomé das Letras não fazia parte dos percursos registrados, nos caminhos das tropas, a serra era circundada por baixo.

A dificuldade encontrada pelos historiadores em precisar as causas da gênese do povoamento no alto da serra não é compartilhada pelos habitantes de São Thomé das Letras, que guardam na memória, uma expressiva tradição narrativa, transmitida de geração em geração, de “boca à orelha”. Tal narrativa, - que não é a única explicação sobre a origem - relaciona a origem da cidade aos proprietários daquelas terras e a um milagre ali acontecido, cuja prova material seria constituída pelas inscrições na gruta e por uma imagem de São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo. A memória mítica, como veremos, constitui um sistema simbólico coerente e autônomo, dotado de uma lógica própria – a lógica da montagem do sistema colonial – que une os elementos fundamentais da colonização, que se configurou através de múltiplos e sucessivos contatos entre índios, brancos e negros no sertão de Minas Gerais.

Origens



Cartão Postal comercializado em São Thomé das Letras. Foto: Olídio Malacrida

A Tradição Oral como Cartão Postal

A narrativa oral sobre a origem de São Thomé das Letras, entre outras inúmeras narrativas orais, foi amplamente explorada pela imprensa nos Cadernos de Turismo, principalmente a partir de meados da década de 1960, quando a cidade, timidamente ainda, começava a integrar o roteiro turístico já oferecido pelas estâncias hidrominerais, localizadas na região do sul de Minas Gerais. A narrativa foi um verdadeiro cartão postal de São Thomé das Letras, sendo sempre mencionada, e registrada, em diversos artigos que faziam a propaganda do potencial turístico do alto da serra, iniciando um novo ritmo, impresso, no tempo pela circulação cada vez mais intensa de visitantes, transformando irremediavelmente a *paisagem cultural* local.

Como eles eram antes do convívio com os turistas se estreitar?

Contou um anônimo: *“Eram calados, assustados, principalmente as meninas da época, quando a gente ia lá, conversavam e tudo, mas era um povo bem diferente do que é hoje.”*

Em 1957, excursionistas da Sociedade Brasileira de Eubiose, *“Procurando contato com elementos da sociedade local e com seus mais antigos moradores, conheceram o sr. Joaquim Rosa Teodoro, de 71 anos de idade, nascido nas cercanias de São Tomé. É casado e pai de 9 filhos e tem mais e 50 netos ... Afirmou ter desempenhado vários cargos públicos, dentre eles o de Representante do Prefeito de Baependi e o de Fiscal Municipal, no qual se aposentou. É profundo conhecedor da região e de suas tradições (...) Um fato pitoresco, e que pela surpreendente casualidade merece ser relatado, foi este; o sr. Joaquim, ao saber que a maioria dos “excursionistas” que com ele palestravam era do Rio de Janeiro, com satisfação disse*

*ter em seu poder uma revista do Rio, e que “falava muito em São Tomé”. Qual não foi a nossa surpresa ao se constatar ser a revista que êle oferecia”*³³.

Nos idos de 1964, logo que chega um visitante na cidade, todos ficam sabendo. Travar contato com os habitantes é muito fácil, são acolhedores, principalmente o Rosa, “o neto de escravos que controla as pedras ramadas, e que melhor desempenha junto ao turista as funções de anfitrião, de guia e de narrador das maravilhas de São Thomé”³⁴.

Vinte anos depois, profetizava um repórter:

*“Antônio Rosa é a rosa negra da cidade, contador de histórias, capaz de olhar fundo nos olhos dos outros e adivinhar segredos da alma. Seu irmão, Zé Rosa, teve papel parecido, morreu e passou a missão pro Antônio, que vai passar pro seu filho. É caso de consciência, de respeito à própria cultura, acho que aprendeu com as pedras que é conservar a essência, a memória. Um homem que irradia um sentimento de paternidade, que gosta das pessoas que vão à cidade e chora como menino às vezes. Muitos não o entendem, mas dia virá em que vai fazer parte das histórias do lugar que ama e respeita”*³⁵.

São as palavras que passaram pelas bocas e ouvidos de Joaquim Rosa Teodoro, José Rosa e Antonio Rosa, que inauguram a narrativa sobre a origem de São Thomé das Letras. Suas vozes nos chegam até os dias de hoje pela boca de Tião Rosa, narrador filho do falecido Antônio Rosa, um dos atuais herdeiros da tradição oral local. Eles por certo

³³ Entre muitas referências escritas sobre os Rosa, um exemplo: *como homenagem sua caravana, precisamente a querida revista DHÂRANÂ!...* DHÂRANÂ. Órgão Oficial da Sociedade Teosófica Brasileira. Propriedade da Editora ARTUS Ltda., ano XXXII, julho-outubro de 1957, pp. 92-97, “Excursão a São Tomé das Letras, 25 de fevereiro de 1957”. Transcrito como no original.

³⁴ Fragmento de um artigo publicado na seção de turismo no jornal *O Estado de São Paulo*, em 7 de agosto de 1964, e tinha como título São Thomé das Letras, Cidade Indecifrável. A reportagem fazia parte de um ciclo delas sobre o Circuito das Águas, no Sul de Minas

³⁵ *Jornal Estado de Minas*, 8 de maio de 1984. “Uma cidade de pedra mas com o coração do tamanho de Minas”, escrita por Mário Lúcio de Oliveira Flecha.

não são (ou foram) os únicos contadores de história de São Thomé, muitas outras vozes repetiram essa história, todas do mesmo jeito e cada uma a sua maneira.

Entre os narradores possíveis, os Rosa são os que vão começar a contar essa história, na voz de Tião, importante elo entre os tempos em São Thomé das Letras, que se contou, contando outras histórias. Depois dele, outras vozes, narrando a mesma história.

A origem na voz

As letras, a imagem, e o patrimônio do santo

Subíamos das pedreiras quando Tião Rosa se contava, contando também São Thomé das Letras

Eu comecei a conhecer São Thomé em 1954, **fala emocionado**. E Em 54 nós tava chegando aí pra dá um conhecimento na montanha e seguimento nas coisa que o vóio começô né. Agora ele tá aí, pois a gente no caminho e nós tamo aí.

Quem trouxe teu pai pra cá?

O pai dele com a mãe dele. Ele era filho da terra também. E eles também, né, os avó, nativo daqui. A gente, eu tô na terceira ... eu tô na quinta geração de escravos. O nosso povo, o pai da vó, do vô, foro escravo. Bisavô. É tudo gerado aqui mesmo. Os bisavô eu acho que vieram de São João del Rei. Os vóio chamava Teodoro. Era Rosa, Teodoro. A fazenda que eles vieram é aqui perto, que chama “Fim do Mundo”, é pra lá de Sobradinho. É lá da fazenda do Barão de Alfena que eles vieram pra cá. Aí fizeram a casa... Era escravo... e eles ficaram, foi um dos que sobrô, que fizeram casa por aqui.

Numa outra ocasião, sentado à beira da Cachoeira do Tapete Verde, com um cigarro apagado entre os dedos, continua ...

... minha mãe parteira e meu pai coveiro. E o vô, benzedô e raizero. A gente vem assim de um misticismo, uma coisa assim tão pura, que é o espírito *brai* de família pra família, então isso é uma coisa importante, que a gente não pode corromper. O dom de ajudar, a gente não tem preço, é o preço é pago pela fraternidade das pessoas. Minha mãe quando saia pra fazer um parto, qualquer hora. Não tinha hora, qualquer dia, e também e também não tem essa de receber não, ela ia pela diretoria; e o pai fazia uma sepultura da mesma maneira que ele fazia pro rico, ele fazia pro pobre também. Era um trabalho e era uma coisa assim mística. O meu pai gostava de tomar conta dos misticismo das história sobre São Thomé, da paternidade, filha, de uma coisa assim muito importante, muito importante, como nasceu São Thomé. São Thomé nasceu de uma parte, de onde veio um escravo, fugido de uma fazenda que o barão tinha prometido um castigo pra ele, e aí, e de repente ele veio cair naquela gruta, e ele veio cair naquela gruta, e de repente chegou na gruta ele me acha um homi que faz uma carta pra ele e manda que ele vá até a fazenda que o barão não ia fazer nada pra ele. E nisso, o barão me pega os outros escravos e disse pra ele "olha ocê me leva aonde esse homi fez essa carta, eu preciso ir lá". Aí eles juntou os outros escravos e vieram. Quando ele chegou na gruta, ele não encontrou o homi, ele encontrou a imagem. E ele pegou a imagem e levou pra fazenda, e mandou fazer um artá lá, e no outro dia cedo (escorrem lágrimas de seus olhos) a imagem não tava lá. Aí, veio na toca, a imagem tava na toca. Aí deram conselho pro barão que teria que ter uma igreja, aonde levantaram uma igreja. Começaram a levantar a igreja de pedra do outro lado, o santo fugia e vinha pra outra, pra gruta. Era a gruta que era a casa e o misticismo da paternidade ficou nas inscrições que tavam na gruta. As letras que tão na gruta, é letra de São Thomé, é, ver pra crê. Então foi isso que aconteceu. O barão, pra ele acreditar no escravo, ele teve que vim vê, pra crê, e chegando aqui na pedra, ele encontra a imagem que foi a cola do misticismo pra levantar essa cidade que é hoje. Em cima dessa toca, tem um lugar que tem um alparcata, indo em direção ao cruzeiro, e o cruzeiro indo em direção ao Mato Santo, essas inscrições ficaram assim numa linha posicional, de um passo indecifrável. Esse é o misticismo sobre São Thomé, então é uma coisa que você vai ter que ver pra crê, sempre

vai ter que ver pra crê, sempre é. É por isso que muitos olhos que passam por aqui, não consegue enxergar essa parte mística.

*Na entrevista com o Sr. Saul, sentados no sofá da sala de sua casa, ele narra
sucinto*

A origem daqui foi o Barão de Alfenas que descobriu um, como é que chama, no tempo dos escravos, o escravo fugiu, ficou na toca de São Tomé, aí apareceu um moço lá, falou pra ele que se ele fosse embora, aí o patrão não batia nele, aí ele foi falou com o dono da fazenda lá, o escravo, que ele tinha fugido, mas tava numa maloca de pedra que tinha aí, aí ele, o moço mandou que ele fosse embora, ele veio aí, descobriu achou a imagem de ST, essa imagem que foi roubada daqui, da cidade. Depois, o Barão de Alfenas veio pra cá, formou um arraialzinho aqui, o arraial. No tempo dos escravos fez as casas todas de parede de pedra, por dentro é de pau-a-pique.

Foi o Barão que mandou fazer essas casas?

É o Barão de Alfenas, que construiu a cidade aqui. Tem o retrato dele na igreja aqui.

Com D. Alvina, sentada no chão e rodeada das crianças da vizinhança no quintal de sua casa, de onde avistávamos belas jabuticabeiras. Logo no primeiro encontro, depois de levar às mãos à cabeça, ajeitando o lenço que envolvia seus cabelos, muito brancos, observa: Ah, estou tão feia... ri, e começamos a conversar

D. Alvina da Costa, noventa e ...

Pode por 98 mesmo.

D. Alvina, a senhora enxerga bem?

Tem dia que eu enxergo. Eu enxergava muito bem, depois, eu tive doente, faz anos, eu tomei uma esbarrada aqui (mostra a cabeça), aí o zóio pegou a purgar, o nariz, aí a vista dá de falsar.

Porque tem umas fotos, aqui, será que a senhora consegue ver? A foto do Barão, quer ver?

Quer ver. Barão Junqueira. Eu conheço ele. Barão da Roseta, né...



Quadro do Barão de Alfenas, pintado em 1876 por Nicolau Facchinetti.

Barão da Roseta é lá pros lados de Baependi. Esse é o Barão de Alfenas.

Esse aí é que deu o terreno, né? As três filhas dele, né. Foi a filha que deu.

Foi a filha que deu? Conte essa história.

O Barão de Alfenas tinha três filhas, e ele bateu muito no negro, o negro fugiu, andando com um cachorrinho e uma foicinha na mão, pra mata virgem afora. Isso aqui era mata virgem. Eu conheci pau aqui que precisava nós dois pra abraçar o pau, inda num abraçava, e vieram pra toca do Senhor São Thomé fazendo aquela picadinha. Aí o Barão soltou os camarada, os jagunço, os cachorros, pra matar, procurar ele pra matar, quando chegou aí, procurou, procurou, não achou. Aí, diz que um outro, já mais de idade, veio pela picadinha afora, no meio do mato virgem, achou o Senhor São Thomé na toca, e então, o Senhor São Thomé, diz que chamava ele, ele com (...) cheio de bicho de vareja, todo rasgado, todo sujo, aí, ele chegou lá pôs a mão por baixo do pé do senhor São Thomé parou a água e bebeu, aí o jagunço do patrão chegou, achou ele lá na toca com o santinho, aí voltou, falou, e esse Barão, eu não sei como é que chama, juntou mais camarada, e veio, se for mentira, nós vai te matar e picar e botar fogo. Quando o Barão chegou aí até deu uma festa, meu Deus do céu. Porque que o povo não conta as coisas direito?

Deu uma festa, o barão? Pergunto. Ela titubeia ...

Deu um acesso, vertigem, quando ele viu o negro judiado, lá perto do Sr. São Thomé. Aquele Sr. São Thomé que tá aí, não é o daí não, o daí o povo roubou, o daí, que achou aí na toca o povo roubou, você sabe disso? Aí o padre Zé Luiz, que era um que vinha celebrar missa aqui, mandou fazer um do jeito do daqui, é esse que tá lá na igreja. Isso ninguém ainda não contou pra você?

(...)

Você já viu a cara de teu senhor? Pergunta D. Alvina para Edvaldo, um dos meninos que estavam em volta dela, vendo as fotos e ouvindo a prosa.

De quem?

De teu senhor. É esse aqui, ó (mostra a foto do barão, o álbum está em seu colo).

Ah, outro causo, sabe quem deu aqui a morada, o terreno pro senhor São Thomé? Isso aqui é do senhor São Thomé a benefício da pobreza. Agora todo mundo tem casa,

todo mundo tem chalé, agora tem pobre aí que não tem, dorme na toca, você sabe disso também.

Porque benefício da pobreza?

É do senhor de São Thomé, a benefício da pobreza. Porque o pobre não tem onde fazer casa, não tem onde viver, faz aí, agora se você for fazer, tem que comprar. Eu não poso queixar da sorte, porque isso aqui foi o Zé Ari que me deu.

(...)

Quando foi encontrar São Thomé, o escravo tava cheio de bicho de pau, D. Alvina?

Vareja.

Vareja... é que eu esqueci.

Cadê o livro, cadê? (procura a pasta com as fotos, mostra o Barão). Esse aqui, o nego era camarada dele. Então, ele bateu muito no nego, queria matar o nego e judiar do nego. Aqui era capoeira, o nego saiu com uma foicinha, fazendo aquela picada. Ocê lembra daquela corrente que tava lá no Guaraci? Aquela dos exército? Grossão, rastando aí pela capoeira até chegar aqui.

Fazenda Campo Alegre, não?

Não, não é Córrego das Pedras?

Não. Eu vi na história de São Thomé que é Campo Alegre.

Como é que é D. Alvina?

Barão Junqueira.

A fazenda dele?

Ele morou aí, a fazenda dele foi até no Córrego Alegre, Traituba, Mato Santo, tudo foi dele. Antão as fia dele... Bão chô cabá de contar um primeiro, porque não pode misturar. Aí ele soltou os jagunço e aqueles cachorro grande de prende gente, ocê já viu passar na televisão, num já? ³⁷. Aí um veio achou ele aí, um dos jagunço. Chegou lá falou prele, eu vou levar o meu cachorro, e vou levar um jagunço, porque se for mentira docêis, eu vou matar ocêis e picá. Então o homem, o nego fugitivo, tava cheio de bicho

³⁷ A televisão que D. Alvina se referia era a tela da câmera de vídeo, onde eu já havia mostrado os registros feitos anteriormente, inclusive a primeira narrativa dela sobre a origem.

de vareja, de ferida, passando fome, aí o senhor São Thomé chamaram ele, então tava o senhor São Thomé como aqui ó, e saia uma água debaixo do pé dele. O nego levou a mão assim, ó, parou a água e bebeu, de tanta sede. Assim como hoje, assim como amanhã, o jagunço deles achou ele aí na toca. Aí pegou o senhor São Thomé levou pra Alfenas, ele fugiu pra toca, levou pra Belo Horizonte, ele fugiu, cada, pressas cidade tudo, aí ele fugiu pra toca, aí ele mandou fazer a igreja, aí roçaro, rancaro os toco, fez a igreja, ali aonde é aquele Santos Cruzeiro era um toco de pó de vinho, gastava dois homi pra abraça ele, depois, esse eu lembro, vi com meus zóio. Depois eles rancô ele pra poder por os Santos Cruzeiro nele, viu?

(...)

Agora, esse homem aqui foi ruim pros povo dele, por isso é que ele deu. Agora é que o povo não quer aceitar. As moças, as fia dele deu esse terreno aqui pra senhor São Thomé em benefício da pobreza, e a pobreza não tá vendo nada.

Edvaldo toma a palavra...

Mas quando São Thomé foi roubado, a cidade piorô, né? Era tão bom aqui quando a imagem de São Thomé tava aqui. (...) quem descobriu que sumiu com o São Thomé foi a Chica da Deni, que ela era secretária lá da casa paroquial, ela foi lá buscar um dinheiro na igreja pra comprar pão pros padres, e a hora que ela chegou, que ela foi lá rezar, ela deu falta do São Thomé e avisou. Aí no outro dia ... aí já era sábado, aí abriram a igreja cedo, pra ver, todo mundo chorou, que eu lembro até eu chorei por causa da imagem.

(...)

Aquele senhor São Thomé é rico... é rico... aquela bengala...

Tem uma pedra de rubi na coroa dele, né?

Pedra vermelha?

Não, uma verde, pedra verde.

Esmeralda.

(...)

Cadê a água que sai lá na toca, onde achou o Senhor São Thomé?

Acabaram com tudo, agora não tem mais nada.

A pessoa da boa vida apanhava água lá e bebia, agora a pessoa que não era, não panhava água, não vinha na mão...

E hoje a água não tem mais?

Secou, acabou, uai. Desde que a imagem sumiu a água acabou.

Então enquanto a imagem tava aqui, tinha água na toca?

Aqui ó, aonde achou o senhor São Thomé aqui, né, então tem aquele... como chama assim, que nem um oratório na toca, então o senhor São Thomé tá ali, encostado onde aparece o oratório, e por baixo do pé dele, corria uma água, então você chegava assim, e punha a mão pr baixo do pé dele e bebia...

A senhora já bebeu?

Eu bebi muito essa água. Agora, sumiu, cabou a água.

Eu lembro que quando eu vi ele, ela tinha uns tamanho do que eles fizeram mais ou... eu lembro que eu nunca tinha entrado na gruta não.

Lá tem oratório até hoje?

Não, lá tem uma escadinha que fizeram e tem umas pedrinhas, recortadinhas assim, na parede...

Aonde achou ele, né, e tem a pedra, a outra maior, aonde ele tava...

Agora não tem mais a pedra...

Tiraram até as pedras?

Tirou... Ah, mas quem fez isso saiu bem, roubou muito santo, roubaram muito do santo... Só ele valia dinheiro...

Feito de madeira...

Não, não, de madeira é esse que tá aí...

Esse que tá aí não é de madeira era o outro, eu vi ele de perto, ele era de madeira...

Ocê viu força dele? Ele era do puro bronze, aquele santo não tinha nada de madeira, não tinha nada de madeira (irrita-se por ser contrariada), não tinha nada de madeira. Esse outro que tava aí, que tá aí esse é de madeira, mas o que achou aí, não.

Mas como que eu vi o retrato verdadeiro dele que ele tem um sinal de madeira.

O outro não... o seu patrão aí, viu? A senhora acredita que esse menino não falava nada, aí eu ensinei, foi fazendo simpatia, uma coisa outra, agora fala que é um papagaio.

D. Alvina se irrita com a teima do menino, que duvida dela, fecha o álbum, que ainda trazia aberto no colo e muda de assunto... a dúvida do menino, que certamente ouviu outras versões, descrê de sua memória, ou melhor, ou de sua narrativa, que talvez revelasse indícios de uma outra história...

Na dúvida, a escrita ... (evidências?)

Sobre as narrativas orais que contam a origem de São Thomé das Letras o parecer técnico do IEPHA considera: *“Tais versões não se impõe como verdadeiras, pois a referida imagem, ou pelo menos a existente até hoje na Igreja Matriz, é uma peça cujas características estilísticas permitem situar sua fatura já em princípios do século XIX”*³⁸.

Na imprensa, mais um indício, publicado em 1972, antes do derradeiro roubo: *“A imagem que foi encontrada na gruta de São Thomé, e que agora se encontra na matriz, foi roubada e levada para Roma, ocasião em que o barão de Alfenas perdeu uma disputa política e conseqüentemente o seu prestígio. No dia em que foi devolvida a imagem, um grande número de pessoas veio à porta da cidade para recebê-la; a partir desta data, começou a celebrar-se a Festa de São Tomé (agosto)”*³⁹.

A igreja, responsável pela imagem, na época do roubo, registrou:

³⁸ Biblioteca do IEPHA-MG, *Pasta 77*, São Thomé das Letras, Centro Histórico e Igreja Matriz de São Thomé. Processo de Avaliação para Tombamento, aprovado pelo decreto n. 24.328, de 22 de março de 1985.

³⁹ Fragmento de um artigo publicado em São Paulo, em setembro de 1972, no *Jornal das Universidades*, p.8. Assinam a matéria Marko Putic, Marcos Augusto Ramos e Ursula Dohme. Notar que a matéria foi escrita doze anos antes do roubo da imagem de São Tomé, furtado da Igreja Matriz na Semana Santa de 1991.

Sobre o dia do roubo, acontecido durante a Semana Santa de 1991³⁸: As celebrações da foram prejudicadas por causa da forte chuva, o pároco não conseguiu chegar à comunidade e estiveram presentes somente o seminarista Gilberto e Frei Belchior.

“Roubo da veneranda imagem de São Tomé”

“No Domingo de Páscoa, pela manhã, o seminarista Gilberto e alguns paroquianos perceberam que a histórica imagem de São Tomé não se encontrava em seu oratório da Matriz. Notificaram à Polícia local, o pároco e Bispo diocesano. Até a presente data (06/05/91) não se tem notícias do paradeiro e nem pistas”.

Em julho, do mesmo ano ³⁹,

“Festa de São Tomé”

“Pela primeira vez se fez a Festa do Padroeiro no dia certo”⁴⁰. Este dia marcou a chegada da nova imagem. É uma réplica em madeira da imagem que foi roubada na Semana Santa deste ano. O Sr. Arger, ex-morador desta cidade, conseguiu junto ao antigo pároco Pe. José Luiz Vilela, esta imagem. Caso a imagem roubada seja encontrada esta (réplica) será devolvida ao seu dono. A chegada do santo foi uma festa linda. O povo se dirigiu à entrada da cidade (próximo ao estádio de futebol) e lá recebeu a pequena imagem. O povo estampou nos olhos e na face a alegria de receber o santo. Uns batiam palmas, outros riam, outros choravam de emoção. A caminhada reuniu mais de 3 mil pessoas. Parece que neste dia o povo lavou a alma e pode ter a felicidade de ver a imagem de seu padroeiro no altar principal. Houve ainda no final da missa a benção dos bancos doados pelo Sr. Sebastião Alvarenga”.

³⁸ Livro do Tombo. Arquivo da Diocese de Campanha. Transcrito como original, p. 87.

³⁹ Idem, pg. 91.

⁴⁰ De acordo com o calendário festivo da Igreja Católica, o dia dedicado a São Thomé é 3 de julho.

Sentada no mesmo lugar, D. Alvina, num outro dia, não comenta mais sua aparência; ela traz os cabelos à mostra e as orelhas adornadas por um brinco de ouro. Novamente rodeada pelas crianças, retomamos nossa conversa...

O menino, que já havia estado ali na em roda no primeiro encontro com D. Alvina, volta nesse dia, e pronuncia o nome da senhora de maneira diferente: o D. *Alvina* havia sido substituído por D. *Arvina*. Certamente a referência foi aprendida com sua avó, à qual certamente relatou o encontro anterior e os causos que ouvira ali. Junto com a fala de sua avó, sua avó, a dúvida que levantara havia se transformado em certeza... Com jeito, no meio da prosa, conduzia o diálogo de forma a por novamente em dúvida a narrativa da anciã.

Ah, dona Arvina, minha vó contou uma coisa, que uma vez vieram uns turcos aqui em São Thomé, que a minha família brigou com eles, matou um monte deles, que num sei quem socou a espora no pescoço...

Não, meu pai tava nessa briga, ele defendeu o João Medeiros. Aquela cadeia ali foi feita pros Medeiros e pro meu pai.

Não tinha cadeia antes?

Não, não, depois da briga do João Medeiros é que fez aquela cadeia.

Ah ... faz muitos anos, muitos anos. O João Medeiros, arrumou a briga, tem até o Quincas Cândido, que era delegado aqui de polícia, até o Quincas Cândido, eles meteram o pau no homi, deixou o homi estirado na rua, mas foi uma bagunça...

Mataram muitos turcos, né?

Mataram os turco que não foi brinquedo.

É verdade isso, que tacaram a espora aqui ou no pescoço do turco?

É, deitou ele no chão e tocou a espora no pescoço do cavalo...

Do homem...

É do homem. Essa Medeirada juntava com meu pai, tirava gente pra fora da venda aqui, eles era brigador.

(...) quem bateu, que machucou, ninguém sabe nada, uai. Agora o dono da arte, que matou, esse correu, foi embora, ninguém dava notícia. O papai foi ser testemunha... eles tava quebrando mio (milho) , e sô Lico, casou com a fia da Tiana Medeira, ela chamava Gabriela, morava lá no morrinho de pedra, o papai vai quando conta o causo pro seu Lico, o seu Lico chegou aqui, foi dereitinho na casa da Tiana Medeiro contar prela que o meu pai viu, sabia, a Tiana Medeiro montou no cavalo e foi lá em casa, pagou o meu pai prele não ir ser testemunha do João Medeiros. (risos) Aí ó, ela tá gravando isso, isso vai sair aí ó. (risos). Que mais que ocê quer saber?

A senhora lembra daquele barão, do barão, aquele barão que morreu em 1910, aquele barão que tá enterrado lá na igreja? O barão...

De Alfenas?

Não, não é o Barão de Alfenas não, é o ...

Visconde de Caldas.

É o Visconde de Caldas, a sra. lembra dele não lembra?

Eu já ouvi contar causo dele, mas num alembro dele não.

Então conta um causo.

Ah, esse eu não sei. Eu só alembro do padre que o gato matou ele e ele tá enterrado lá na igreja, esse eu sei. (risos) Esse eu já contei. Menino, aí tem muita coisa aí que tá passando tudo.

O povo fala que é mentira as coisas que eles contam, né? Eu ...

O que eles falam que é mentira?

Quando conta alguma coisa assim, eu acho que é verdade sim, o negócio que eles falam da água que sai do pé do São Thomé, mas uma criança, uma pessoa mais nova assim, vai falar que é mentira.

Pois eu bebi, por isso que eu sou forte. Bebi água do pé do senhor São Thomé.

Então... eles vão falar que é mentira.

Mas não pode, falar que é mentira. O nego bebeu a água, foi o que matou a sede dele, o nego era camarada do barão, o barão matou, mandou o jagunço dele matar, eu já contei pra ela, matar ele malemar lá na fazenda, ele saiu pra mata virgem, tanto que isso aqui era mato, ele saiu, andando, com a foicinha, fazendo aquela picadinha, veio, chegou

perto da toca, parou, aí o senhor São Thomé, lá de dentro da toca pegou a chamar ele, aí o nego cabou de fazer a picada e chegou na toca, lá ele falou, conversou com o senhor São Thomé, o senhor São Thomé conversou com ele, aí ele falou que tava morto de sede e fome, aí o senhor São Thomé falou pra ele "põe a mão aí, ó", ele pôs a mão, parou água, bebeu, o pão e o vinho, tudo foi o senhor São Thomé que deu pro nego. Ah, eu não vi não, mas isso é quando meu povo velho, do meu bisavô, bisavó, meu pai, minha mãe, porque quando eu conheci aqui, meu filho, aqui tinha duas ruínas de casas, como daqui ali ó, fazia balcão de tábuas, na casa de sapé, assim, ó, fazia aquelas paredinha de sapé, punha parteleira lá, aquela portinha, pra por quitanda, cerveja, pinga, pro povo da roça comer e beber, aí tinha era festa, não é agora, vinha aqueles carro de boi, cantando, com os trem do povo. Agora tem festa, tem cavalaria, festa não tem não, já teve festa, a sra. vai ver outra pessoa falar, sem ser eu, que aqui já teve festa, mas festa boa...

E os baile?

Bão também, na ocasião de festa tinha, mas ninguém dança hoje como dançava naquela época, umas valsa minha fia, ô, uma bazuca, uma cana verde, bem tocada, tem cana verde cantar, tem ao vivo...

Que é cana verde? Pergunto e ela ri, com gosto...

Ah, a gente cantando e toca e dança.... *eu cortei a cana verde da roda do navio, da cana fiz o melado, do melado a rapadura, antes que o amor acaba na boca fica a doçura.* Isso é do tempo antigo.

E assim, em meio às lembranças do tempo antigo, a origem foi novamente narrada. O menino questiona, será verdade? Certamente já ouviu outra história, ou melhor, outra versão sobre aquela mesma história. Ante a dúvida, D. Alvina novamente se irrita com ele, e muda definitivamente de assunto, a festa é um tema mais agradável que a teima de um menino...

Sentado em um banco da praça do Rosário, numa tarde de sol quente, o Sr.

Hilton conta uma outra versão...

A origem, a história que se ouve aqui é que fugiu lá dos Junqueira véio, um escravo, e ele veio parar aqui.

Junqueira velho é o Francisco?

É os Junqueira véio, o João Francisco, o patriarca. Então fugido de lá ele veio parar aqui, escondido na gruta, e eles vieram procurar ele aqui, acharam essa imagem de São Thomé, foi onde começou a construção da Igreja ali, essas coisas.

Quem começou a construção foi o velho, o patriarca?

Foi o velho.

E quem terminou?

Quem terminou foi o Barão? O Gabriel.

E porque o patriarca não terminou?

Porque ele acabou morrendo, ele foi enterrado aí mesmo. E os outros filho, não interessaram pr'isso não.

Os outros filhos do patriarca?

É, dos 7, apesar que tinha um deles que era padre, né? Foi ondé que eles largaram essas coisa de pedra. Eles falam aqui que esse patrimônio é da Igreja, é nada, isso aí foi doado é pra pobreza de São Thomé das Letras, mas foi, tem documento que, eu já vi documento nesse sentido, lá em São João del Rei, inclusive aqui tinha um mato aí que chama mato Santo, a igreja vendeu tudo, cabou com tudo, mas era tudo da pobreza de São Thomé, não era nada a ver com Diocese.

Então foi doado no testamento dele, do Gabriel? Quem doou?

Quem doou foi o Gabriel, é que doou isso aí para a pobreza de São Thomé.

Porque as pessoas eram muito pobres aqui?

É, tinha gente muito pobre, tinha uma quantidade imensa de papudo...

É tireóide, né?

É, falta de iodo na água, não tinha, não tinha sal, não tinha nada...

O senhor chegou a ver?

Vi muito, tinha demais.

As imagens e a oralidade
A mensagem, o tempo e os mensageiros

A memória sobre a origem, que compõe a memória coletiva em São Thomé das Letras, teve na oralidade o seu principal elemento socializador. Através dela teceram-se explicações e justificações, que tomavam como fundamento o elo entre duas imagens primordiais, que a oralidade associava ao motivo do povoamento no alto da serra: as inscrições avermelhadas nas paredes da gruta, que chamavam *letras*, e a imagem de São Tomé. As narrativas, em seus vários tons, expressam todas o sincretismo característico da formação cultural colonial, contemplando os três povos envolvidos no processo: os europeus mercantilistas, que se impunham como senhores sobre outros dois: os negros africanos, expatriados para servirem como escravos e os índios, dos quais os primeiros tomavam o território, tentando por vezes escravizá-los também.

O senhor é representado, na narrativa, ora pela figura do Barão de Alfenas, Gabriel Francisco Junqueira, ora pela figura de seu pai, o patriarca João Francisco da Junqueira; o escravo é, em ambas, João Antão. As imprecisões entretanto, não alteram a qualidade das narrativas, ao contrário, pois a *mensagem* é a mesma: independente do ator, a estrutura narrativa aponta a aparição do santo e das letras como o milagre responsável pela redenção da maldade do branco e da rebeldia do negro, como a pacificar sua convivência.

O índio não aparece como personagem nas narrativas, ao contrário do branco e do negro, ele não atua, sua presença expressa-se na associação das letras, e das pegadas a São Tomé. Talvez, sua ausência do enredo possa ser entendida como a sua diluição – diga-se quase extermínio – no padrão cultural forjado no convívio com brancos e negros.

Os pés de São Tomé são importantes elementos de ligação com os mitos indígenas. Eles aparecem apenas nas versões fornecidas pelo Tião Rosa, *pegadas sobre a rocha formando um passo indecifrável*, e por D. Alvina, *a água que minava dos pés da imagem de São Tomé*, que somente os de bem poderiam tomar. Tanto Tião como D. Alvina são negros, identificados pela população local a tradicionais contadores de

história. Os brancos, Sr. Hilton e Sr. Saul, foram, em comparação, lacônicos em suas narrativas, que nem de longe apresentaram a riqueza de detalhes dos negros.

Das duas narrativas, principalmente o símbolo das *pegadas sobre as rochas*, incluídas na narração de Tião Rosa, já foram relacionadas, em vários estudos, à mitologia dos indígenas do litoral paulista, e do interior de Minas Gerais. Os principais registros que registram tais relações são as crônicas escritas pelos jesuítas, testemunhos (parciais, é verdade) do momento de seu contato com os povos indígenas do Brasil. A partir dessa relação, *Sumé*, por tradição, pode ser identificado a São Tomé, apóstolo. As crônicas deixadas pelos jesuítas atestam o grande apreço destes por São Tomé, cuja festa se celebra a 21 de dezembro, e também a especial devoção que os povos indígenas tinham por esse santo. Dizem as crônicas que eles haviam conhecido Deus pelas tradições dos mais velhos, que em tempos passados tiveram contato com um homem que eles chamavam de Pai Zumé, que lhes ensinou que havia Deus. Essa tradição foi conservada em várias regiões da América Meridional, no Brasil, Rio da Prata, Peru, Paraguai. Era um homem extraordinário que em tempos remotos havia percorrido estes países, ensinando a religião e marcando-se por seus milagres”⁴¹.

Quanto a figura de Sumé em São Thomé das Letras, uma antiga referência escrita, por Diogo de Vasconcelos, ao explicar a origem do nome da serra de São Tomé das Letras: “os colonos assim a denominaram por encontrarem nella uma pedra cheia de cifras e tão perfeitas, que se atribuíram ao apóstolo, graças à lenda espalhada entre os mesmos indios, que em tempos remotos um varão extraordinário andou pelos sertões pregando doutrinas e praticando virtudes”⁴².

Um documento de autoria do padre jesuíta José Mascarenhas, escrito em 1747, aponta pistas, quando responde uma demanda do padre mestre decano Francisco Xavier. Ele queria que o jesuíta decifrasse o desenho “*dos caracteres que aparecem esculpidos em uma pedra ou campa na entrada de uma furna em a Comarca do Rio das*

⁴¹ Andrés A Roverano. *Santo Tomé; El Paso Histórico de Santa Fe de la Vera Cruz*, s.n.t, p. 21.

⁴² As palavras de Diogo de Vasconcelos foram transcritas mantendo a ortografia como no original: da *História Antiga de Minas Gerais*, pag. 65 no *Terceiro Anuário Eclesiástico da Diocese da Campanha. Sul de Minas, 1941-1942*. Campanha. 11/3/1942, p. 23. A Paróquia de São Tomé das Letras está subordinada à Mitra de Campanha.

Mortes". Analisando os caracteres, conclui, elaborando sete argumentos tomando por base *deduções bíblicas, a numerologia na Antiguidade Clássica e a cultura dos índios no Brasil e seus ritos fúnebres que o desenho teria sido feito quando da pregação de São Tomé em 54 d.C. junto à gruta em que foi encontrado.*

O documento analisado pelo Padre José Mascarenhas é de autoria desconhecida e datado de 1738. Contém a transcrição dos caracteres e a referência a uma notícia ainda mais antiga, publicada no tomo das *Coleções* para a Academia Real da História portuguesa, em 1730⁴³.

Outras referências escritas apontam os índios cataguases, que *"habitavam as tocas e atribuíam a autoria das inscrições a Sumé, uma personalidade lendária de um homem branco que aparecia aos indígenas brasileiros ensinando-lhes a agricultura, a moral e impondo-lhes regras de conduta"*⁴⁴.

A oralidade: não, isso aí acho que é coisa de índio, porque aqui eu acho que foi habitado na época pelos goitacazes, esses índios assim...

No litoral paulista, *"dizem os caiçaras que ouviram de seus avós que um dia veio do mar, e numa canôa, um velho de barbas brancas, que era S. Thomé. E que este velho ensinou a todos a preparar a terra e plantar". Um dia os pagés, com inveja, inventaram que o velho era feiticeiro. S. Thomé foi então ameaçado e foi embora. S. Thomé subiu numa pedra, onde sua barca estava amarrada, acenou em despedida e foi. No dia seguinte, quando os índios foram catar mariscos na pedra, viram o sinal da pegada de*

⁴³ *Códice Costa Matoso. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis.* – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. Coord. Geral Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Maria Verônica Campos, estudo crítico Luciano Raposo de Almeida Figueiredo. 374/378.

⁴⁴ O trecho citado consta na MONOGRAFIA MUNICIPAL/IBGE/SERVID-SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E BIBLIOTECA. Outras duas obras, que narram a formação de dois município do sul de minas, fazem referência aos índios cataguases na região: *Sertão dos Mandibóias – Fundação de Paraguaçu - MG*, de Oscar Ferreira Prado, editado pela Imprensa Oficial, Belo Horizonte em 1981. O livro narra o povoamento do município de Paraguaçu, às margens do rio Sapucaí, que dista aproximadamente cem quilômetros de São Tomé das Letras, e *Baependi*, de José Alberto Pelúcio, Editado pela Gráfica Paulista em 1942. Baependi dista aproximadamente 50 quilômetros de São Thomé das Letras.

S. Thomé na pedra, e ele existe até hoje”⁴⁵. Do litoral paulista a presença de Sumé em terras sulmineiras, pode se dever à presença de jesuítas na área, ou a contatos que os índios do interior tiveram com índios do litoral, ou até mesmo os índios que viviam no litoral tenham se interiorizado, quando os brancos conquistadores invadiram as suas praias...

... fato é que Sumé, muito embora tenha vindo pelo mar, de acordo com a tradição dos indígenas do litoral, chegou até o interior sulmineiro, trazido na memória dos homens

Quanto ao patrimônio do Santo, a questão da posse da área virou questão judicial na década de 1990, quando foi preciso buscar nos documentos escritos oficiais, provas que comprovassem legitimidade do direito de posse dos terrenos de São Thomé ... aquele, que teria escrito aquelas letras naquela gruta, e que protegeu o pobre escravo fugido de seu senhor, que passou, a partir do milagre materializado na aparição de uma imagem lá, dentro daquela gruta, de cruel senhor em piedoso benevolente dos pobres habitantes do alto da serra, que em torno da Igreja que mandou construir, naquele local escolhido pelo santo, construíram e habitaram a serra, o arraial, a vila e a cidade de São Thomé das Letras, ao longo do tempo.

Depois de ter pertencido à família Junqueira, a serra de São Thomé das Letras passa por um longo período sob a tutela da igreja, mas a população, como indicam as narrativas transcritas, sabia pertencer aos pobres de São Thomé aquele alto de serra. A questão da posse dos terrenos virou questão judicial na década de 1990, quando aconteceu a intervenção do IBAMA na área de mineração. A Igreja, que até então administrava as pedreiras localizadas na área denominada Patrimônio, ou Pedreiras dos Pobres, recebendo uma porcentagem da produção, disputou a posse da área na justiça com os “pobres” de São Thomé, que se acreditavam seus legítimos herdeiros. Esses “pobres” se organizaram em uma cooperativa - Coopetra, depois do primeiro embargo da mineração na área, pois naquele momento, a continuidade da atividade que lhes garantia o sustento estava fortemente ameaçada pela atuação institucional.

⁴⁵ Wilson Maia Fina. *São Thomé – Padroeiro dos Arquitetos*. São Paulo, Brusco & Cia Ed., 1964.

A doação do patrimônio, presente na memória dos habitantes, teve sua história parcialmente levantada por advogados, que buscaram em documentos escritos, as provas capazes de resolver o impasse gerado por duas ações sucessivas de usucapião, a primeira movida pela Igreja e a segunda pela cooperativa, que pleiteavam a posse de uma fração do patrimônio do Santo.

Contando a origem da Coopedra, em entrevista informavam o Dr. Homero, o Francisco e o Décio:

Eles (a Igreja) recebiam porque não tinha dono, eles se diziam donos e o pessoal aceitava, entendem?

Mas aquela área não foi doada pelo Barão de Alfenas, ou pelas filhas do Barão de Alfenas pro patrimônio do município, pra igreja?

*Eu acho até que foi doado, mas só que quase verbalmente, eles não tinham documento*⁴⁶...

Mas o Barão tinha testamento, não?

A única coisa que consta dessa área que foi doada pelo então Barão de Alfenas, não seria só essa área pequena, mas uma grande área em volta da cidade, é, foi doada através de um livro, o *Livro do Tombo*, que eu acho que tá até na igreja, que eu nem sei se tão cuidando direito dele, que é um grande patrimônio histórico aqui da igreja, que conta a história...

No *Livro do Tombo*, aberto em 1903, a seguinte referência, em registro de agosto de 1989:

“A partir do dia 01, a pedreira passou a ser chamada Mineração Padre Maia, em homenagem ao seu doador Pde. João Ribeiro Maia que em 28 de julho de 1869 doou o que é conhecido como Patrimônio da Paróquia. Conforme registro neste livro às fls

⁴⁶ A cor cinza que identifica o Dr. Homero foi utilizada, em itálico, para identificar o Francisco.

10vs a 11vs. E até que se registre a nova firma toda porcentagem ficará em depósito na conta n. (...) do Banco do Brasil – Posto de Serviço em STL-MG”⁴⁷.

A igreja, até então administradora do patrimônio do Santo, perdeu, na justiça, a posse da área do patrimônio onde se localizava a Pedreira dos Pobres, que passou, de fato a pertencer aos pobres, já não são não tão pobres, de São Thomé das Letras.

Em relação às riquezas do subsolo, o sistema de domínio que imperava na época da demarcação da área pelo Padre João Ribeiro Maia, conhecido como *Domicial*, determinava que as jazidas e minas pertenciam à nação. Este sistema, que havia substituído o sistema de domínio *Regaliano*, vigente durante o período colonial, que previa que a posse das jazidas e minas era da Corôa, foi, logo nos primeiros anos da demarcação, mais precisamente depois da proclamação da República, substituído, pelo sistema de *Ascessão*, que vigorou durante a primeira República (1891 a 1934), passando as jazidas e minas a pertencerem aos proprietários do solo.

O reconhecimento do valor econômico da jazida de quartzitos de São Thomé das Letras somente aconteceu, como já foi colocado, a partir dos estudos de geólogos, e, nessa época, o sistema de *Ascessão* já havia sido substituído pelo *Res-Nullis* (Autorização e Concessão), instituído quando nasceu o primeiro Código de Minas, em 1934, vigorando até os dias de hoje. O *Res-Nullis* restabeleceu a separação entre a propriedade do solo e a do sub-solo. Após a constituição de 1967 ficou extinta a preferência exclusiva do proprietário do solo, instituindo, em substituição, o direito à participação nos resultados da lavra⁴⁸. Dessa maneira, além de garantir a posse da superfície da área, os mineradores de São Thomé das Letras tiveram que se preocupar

⁴⁷ Livro do Tombo, cit. pg. à folha 83v. e 84. A transcrição integral das folhas 10vs a 12, do *Livro do Tombo*, constando as divisas do patrimônio doado encontram-se no *Anexo 3*, onde estão transcritos todos os fragmentos do livro que se referem às pedreiras.

⁴⁸ Informações obtidas em um trabalho cedido por Luiz Felipe Quaresma, funcionário do DNPM – Departamento Nacional da Produção Mineral, de sua autoria, apresentado na disciplina Introdução à Administração e Política de Recursos Naturais, em 1984, quando ele cursava o mestrado em Geociências, na Unicamp. Ele por sua vez, usou como fonte, em relação aos dados citados, Hildebrando Herrman, *Evolução do Direito Mineral Brasileiro. Cadastro Geral das Minas Brasileiras – DNPM – Brasília, DF. 1982.*

também com a posse do subsolo, pois é dele que retiram as lajes de quartizito, que comercializam. Assim, não pagam mais a porcentagem à Igreja, mas ao Estado. Mas essa é uma outra história e será contada em outra ocasião⁴⁹.

A origem nas letras

Durante o século XIX, quando o patrimônio do logradouro de São Thomé das Letras foi delimitado no patrimônio do Santo, provavelmente já compartilhado com os povoadores do alto da serra, outros tipos de letras passavam a escrever a história de São Thomé das Letras, agora cifradas sobre papéis, e não sobre pedras.

Esse século foi marcado pelo surgimento do interesse científico. Nesse momento, São Thomé das Letras passava a ser registrado e analisado em sua paisagem natural e cultural, escrita, por estudiosos escritores, que iniciaram a construção de um outro tipo de conhecimento sobre a *Serra das Letras*. Registrando a tradição oral local, começam a colocá-la em dúvida, revelando um outro tipo de visão, demarcada pela crença na importância da busca da “verdade histórica”, vinda, assim como a tradição que ela desacreditava, de das terras de além mar.

*“A Serra das Letras, que é um ramo da precedente: o nome que a designa vem-lhe duma sorte de hieróglifos, obra da Natureza, que se observam no interior duma vasta gruta, formada de diversas camadas de pedra arenosa; algumas de considerável elasticidade, com várias paisagens formadas por plantas que ali apodreceram. As pretendidas letras, que não passam de toscos e ilegíveis hieróglifos, e que a ignorância do povo atribui à mão do apóstolo São Tomé, devem seu princípio a partículas ferruginosas, segundo parece. Junto dela há uma ermida dedicada ao santo apóstolo nomeado”*⁵⁰.

⁴⁹ Sobre a inserção dos mineradores na legislação compreendida pelo Código de Mineração ver mais à frente, na história da Coopedra, década de 1990.

⁵⁰ Manuel Aires de Cazal. *Corografia Brasílica*, p. 171. Descrição dos montes e serras da comarca do Rio das Mortes.

Depois desta, outras inúmeras vezes a tradição oral foi colocada em dúvida, e diversas hipóteses sobre a origem das letras e imagem do santo na gruta da Serra das Letras foram construídas, mas essas são outras histórias e ainda, reza a ciência e a técnica, *carecem de bases sólidas*, ainda não forma comprovadas.

Sem preocupações acerca da “verdade histórica”, os contadores de história de São Thomé das Letras, cultivavam as suas verdades, contando-as de geração à geração. Fizeram assim com que a narrativa sobre a origem resistisse, vigorosa, unindo e identificando as gerações, ao mesmo tempo em que resistia, assumia novos tons na medida em que ia sendo constantemente reelaborada de narrador a narrador, que lhe acrescentavam ou retiravam detalhes, também revelados nas várias transcrições elaboradas pela escrita através dos tempos.

A narrativa oral, muito embora nem todos os visitantes tenham o privilégio de ouvi-la da boca de um narrador, é ainda um *cartão postal*, que a Prefeitura Municipal cuida de veicular, fazendo-a chegar, em uma versão, acrescida de detalhes mais picantes, até os visitantes, num pequeno guia, contendo *Informações Turísticas da Mística Cidade de Pedras*.

Rápido Histórico

João Antão, escravo da Fazenda Campo Alegre, resolveu fugir e se esconder em lugar seguro, após descoberto um caso que tinha com a irmã de seu senhor. Abrigou-se então em uma gruta no alto da serra, alimentando-se de frutos, raízes, caça e pesca.

Certo dia, apareceu ao escravo um senhor de vestes brancas, que lhe escreveu um bilhete, dizendo-lhe que entregando ao seu amo, este o perdoaria. Ao ler o bilhete o fazendeiro lhe ordenou que o levasse até à gruta. Lá chegando encontraram em seu interior uma imagem de São Thomé, entalhada em madeira.

Por ser de profunda religiosidade, O Capitão João Francisco mandou erguer uma capela onde mais tarde (1785) foi construída a Igreja Matriz.

O senhor de vestes brancas acredita-se que era o próprio São Thomé.

E na entrada da mesma gruta existem pinturas em tons avermelhados semelhantes a “letras”; daí a origem do nome da cidade São Thomé das Letras. Atribuem-se essas “letras” ao santo como prova de sua aparição ou ainda a índios ou até mesmo a extraterrenos”⁵¹.

Na propaganda turística , à narrativa tradicional – fator de identidade local -, outros elementos se juntaram, ampliando o rol de hipotéticos produtores daquelas letras, inscritas no cartão postal local, como a anunciar que a identidade fundamental, construída nos séculos XVIII e XIX, já não é mais a mesma, aquela sociedade, a partir do século XIX passava a ter sua característica mística e devocional questionada, mas ali entre os habitantes do alto da serra, nem mesmo a laicização que veio na esteira da modernidade foi capaz de mutilar a memória, que resiste. Em São Thomé das Letras, a Escola ainda ensina que

Vivia ao redor desse município um senhor de muitas posses e grande influência política. Era João Francisco Junqueira.

Fugiu das terras desse senhor um escravo chamado João Antão. Ele foi refugiar-se numa gruta distante da fazenda e no alto da montanha. Lá, apareceu-lhe um homem de boa aparência, vestes claras que entregou-lhe uma carta, cuja caligrafia era perfeita e rara na época.

O escravo então levou a carta para seu senhor que admirado libertou o escravo João Antão.

O senhor João Francisco Junqueira, impressionado com a história que ouvira e com a mensagem enviada, partiu em direção ao lugar descrito.

Qual não foi sua surpresa quando deparou com uma imagem do apóstolo São Thomé. Comovido, arrependeu-se dos maus tratos empreendidos aos seus escravos e modificou suas atitudes.

⁵¹ Versão veiculada num panfleto elaborado com a cortesia da Associação Comercial e Industrial e da Prefeitura Municipal, que circulou na cidade em 1998, trazendo a lista dos principais pontos turísticos, localizados em um pequeno mapa, um convite ao turista, e a seguinte orientação: *Amigo Turista, aproveite bem o seu passeio, não polua, não destrua nada por onde passar, leve sacolas para trazer o lixo; dessa forma você sempre terá um lugar limpo e bonito para visitar e será um prazer recebê-lo novamente.*

(...)

Tendo recebido a carta do escravo, o patriarca João Francisco, ciente do seu conteúdo, passou a obedecer o pedido. O pedido foi: construir uma igreja ao lado da gruta. A mesma gruta onde foi encontrada a imagem do Santo, sendo instituído padroeiro do lugar. A imagem foi deixada pelo homem de branco que conversou com o escravo. Deste homem, ninguém mais ouviu falar ⁵².

A escrita e a história, ou outras histórias

Em 1837, na *Corografia Histórica de Minas Gerais*, de Raimundo José Cunha Matos uma notícia: Nesse ano, o *Dito de São Thomé* tinha 75 fogos e 373 almas. Na mesma obra, sob o *Título III – Montanhas*:

LETRAS, na Comarca do Rio das Mortes. Recebeu o nome de Serra das Letras em razão de se acharem nas cavernas ou grutas, que nela existem, vários dendritos de diversas configurações (a que os habitantes menos instruídos do distrito chamam “Letras do Apóstolo São Tomé” persuadidos, talvez, de que o Tomé de que tratam as histórias e tradições do Brasil, e que os jesuítas ou outros religiosos converteram em São Tomé, Apóstolo das Índias, habitara na caverna da montanha que agora é ermida do santo). As pedras elásticas, ou quartzo flexível, que se tiram desta serra servem para fundo de tachos ou de fornos de torrar farinha de mandioca⁵³.

Nessa época, como já foi colocado, iniciava-se um período de questionamento da tradição oral, e o levantamento de outras hipóteses sobre a existência das letras e da imagem de São Thomé, hipóteses estas já esquecidas pela população, que a elas não fizeram referência em suas narrativas:

⁵² Fragmento do texto criado por professores da Escola Estadual José Cristiano Alvves, por ocasião do Desfile de 7 de setembro de 1998, em São Thomé das Letras. O tema do desfile era a história local.

⁵³ A referida obra integra as Publicações do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, 1979. Cit. pgs. 92 e 208. Na transcrição ortografia está como no original.

Em 1884, Bernardo Saturnino da Veiga, no *Almanak Sul- Mineiro*:

“A serra de S. Thomé das Letras é assim chamada em consequencia de grandes e curiosas pedreiras que possui, e nas quaes algumas pessoas julgavão outr’ora distinguir letras, em meio das bellas ramagens e variados desenhos que offerecem.

Da negação de uns que só vendo acreditarião na existência dessas letras e da forma caprichosa e realmente interessante dos signae que as pedras tinham, formou-se o nome de S. Thomé das letras coube à serra, e della passou para uma povoação erguida em uma de suas elevações.

“Uma outra tradição, nos diz que o nome da serra foi dado por um jesuíta, devoto de S. Thomé, cuja imagem trazia sempre consigo, e que isolado vivia, abrigando-se em uma gruta que se encontrava junto ao local hoje ocupado pela matriz. A gruta tinha em seu lado exterior traços de côr vermelha que semelhavão letras, o que, junto à devoção do asceptico religiosos, concorreu para a formação do nome deste lugar, que primeiro pertenceu à freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas, termo de S. João del Rei, depois passou para Lavras, e por ultimo ficou pertencendo a Baependy, tendo sido a povoação elevada á categoria de freguesia pela Lei provincial n. 164 de 9 de Março de 1840”⁵⁴.

No início da década de 1930, por Hermes da Fonseca Filho, mais uma versão sobre a origem narrada pela tradição oral. Nessa versão, o encontro entre o senhor e o escravo origina o seguinte diálogo:

“Sinhô moço”, disse o negro, “está vendo aquella pedra preta que lá de longe óia pr’a

⁵⁴ Bernardo Saturnino da Veiga. *Almanak Sul Mineiro*, 1884, p. 536.. Transcrito como no original.

onde São Thomé escreveu a mardade dos home!” Junqueira, incrédulo, sorriu e tornou a montar a cavallo, indagando quem era seu interlocutor. Fitando-o então, de sobreceño cerrado, o velho negro respondeu com firmeza: “conheceu, sinhô moço, o velho Quincas do Areão?” O moço, empalidecendo atalhou: “meu pae?! tu eras escravo de meu pae? És dos muitos que lhe fugiram?!” O negro, abaixando a cabeça branca de soffrimentos, arrematou pausadamente: “um dos que fugiram, não, sinhô; o primeiro que fugiu ao sinhô véio!”

Gabriel Junqueira nessa noite, retendo entre dentes terrível vingança, reprimida pela curiosidade, ouviu toda a história do velho. Havia elle fugido a seu pae, justamente no dia do nascimento de Junqueira, e, embrenhando-se pelo matto, depois de andar muitos dias e muitas noites, fôra se amoitar em uma gruta no cimo da tal montanha. Taes e tão fantásticas cousas contou o negro que o futuro Barão de Alfenas se comprometteu a ir com elle no dia seguinte para a montanha e, se lá encontrassem santo e letras, perdoar-lhe e amparal-o dahi por diante.

Conta, então, a mesma tradição, que Gabriel Junqueira, provavelmente sob a impressão de algum sortilégio do negro, vira, de facto, na noite em que lá chegára, um vulto illuminado roçar a rocha. No dia immediato encontrou finalmente santo e letras. Assim foi segundo a tradição por Gabriel Francisco Junqueira, mais tarde Barão de Alfenas, fundada a aldeia e erguida a capellinha de São Thomé das Letras.

Sobre a origem, o autor considera ainda que:

- 1) Ao contrário do que diz a lenda, tudo nos leva a crer (inclusive uma nota de tinta à óleo escripta nas costas de um retrato do barão de Alfenas existente na propria igreja matriz de São Thomé, dizendo o seguinte: Fallecido em Outubro de 1848) que não foi Gabriel Junqueira o fundador da capellinha e*

⁵⁴ Bernardo Saturnino da Veiga. *Almanak Sul Mineiro*, 1884, p. 536.. Transcrito como no original.

muito menos da aldeia, ou arraial. Apesar de Alfenas ter fallecido em idade avançada, segundo o de que se tem conhecimento, - ainda assim, não é cabível que tenha elle, (que conforme apuramo, falleceu com 82 annos) fundado em tenra idade a aldeia de São Thomé em 1785. Nada, entretanto, conseguimos além desses esclarecimentos.

O mais presumível é que tenha Alfenas, subido, de facto, com seu escravo a São Thomé e lá tenha encontrado uma arruinada capellinha com selváticos resquícios de habitações em volta, achando ainda, a tal imagem de São Thomé anichada dentro da gruta de onde sahiu para o novo altar.

II) *A melhor e, pensamos, a mais veridica explicação do apparecimento dessa imagem na gruta é a seguinte: com os bandeirantes que invadiram a região do sul do Estado de Minas (a rota costumava ser justamente esta – Pouso Alto, Baependy, Lavras, etc.), vieram também os formidabilissimos catechizadores, os evangelisadores das selvas. Suppõe-se que tres desses frades tenham subido a São Thomé, lá, um deles, que andaria sempre acompanhado de uma imagem de São Tomé, pois elle proprio se chamaria Thomé, viesse a fallecer pedindo á seus companheiros que enterrassem seu corpo lá em baixo, visto ali não haver terra, mas deixassem aquella imagem na gruta, uma vez que alli ficaria sua alma. Isto veio, posterior e occasionalmente, a dar o nome ao logar.*

III) *Finalmente, sobre as provaveis origens das letras que ahi existem, prevalece a hypothese mais logica e natural de que, não bandeirantes, mas, navegadores pre-colombianos, ou indios habitantes do logar, tenham sido seus auctores.*

Normalmente esclarecidos estes por influencias fecundas e mais perfeitas, provenientes do convivio anterior em contactos, embora violentos e passageiros, com os povos vizinhos ou mesmo com aquelles navegadores, que viriam simultanea e longiquamente tocar em varios pontos do litoral – legaram-lhes seus maiores as infalliveis experiencias que o tempo e as necessidades cultivam, aperfeiçoam e perenizam. E esses preciosos conhecimentos, que na fugacissima

*e breve existencia do homem não poderiam encontrar perennidade, só na inabalável solidez da rocha viva de granito, viriam encontrar sua merecedora perpetuidade, sua digna eternização*⁵⁵.

Ainda a respeito dos autores das letras, uma consideração, tecida em respeito de sua provável autoria, expressando uma antiga discussão sobre os navegadores pré-colombianos, em terceira mão:

“Sôbre a Gruta de S. Thomé transcrevemos um artigo do eminente historiôgrafo brasileiro, Barão Homem de Melo, escrito em Belo Horizonte, em 19 de maio de 1913:

“Inscrição rupestre de S. Tomé das Letras. – “Em uma de minhas excursões geográficas, recolhendo dados para meu o meu “atlas do brasil”, tive, em 1893, ocasião de visitar a serra de S. Tomé das Letras, um dos pontos mais interessantes do sistema orográfico do Brasil.

É uma das mais pujantes estratificações xistosas de quartzo da região montanhosa do sul do território dêste Estado. São conhecidas as lages silicosas que dali se extraem, notáveis pelas debruities, tão fantasiosas que aparecem em sua superficie. Dentro do arraial, em uma rocha de quartzo perto da matriz, está a inscrição de que é cópia a gravura junta. Copiei-a eu mesmo, linha por linha, e, chegado ao Rio, fi-la gravar pelo sr. Pinheiro, então nosso primeiro xilógrafo.

A inscrição é antiquíssima, como reza a tradição.

Como se explica a persistência da tinta em que está escrita resistindo a todos os estragos da destruição meteórica e pluvátil? Qual o ingrediente empregado para obter êste resultado resistindo aos séculos?

⁵⁵ Hermes da Fonseca Filho, S. Thomé das Letras. Rio de Janeiro: A Coelho Branco Filho, 1935. Cit. às pgs. 10/11 e 38/40. Transcrito como no original.

O trabalho foi apresentado à Comissão de Geographia Historica da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em começo do anno de 1931, tendo sido publicado no ano seguinte na Revista da Sociedade – tomo XXXV, primeiro semestre de 1932.

Quanto aos caracteres traçados, vê-se em baixo desenhado um quadrúpede, talvez uma raposa, no centro um instrumento em forma de pente, na linha do alto, à esquerda, talvez a figura rudimentar de um quadrúpede.

Os outros caracteres não apresentam forma conhecida (em outro rochedo, cêrca de 100 metros distante da matriz, encontra-se nitidamente desenhada a figura de um quadrúpede, quasi como ampliação da que aparece na inscrição aquí reproduzida). Quem teria ali traçado êsses caracteres indelêveis? Alguns presumem que teria sido obra de um jesuíta dos perseguidos pelo marquês de Pombal, que tendo conseguido vir ao Brasil ali se refugiara, habitando por bastante tempo, e fôra talvez quem fundou a primeira capela ali existente; mas nada se pode afirmar de definitivo sôbre êste ponto.

Qual a significação dos caracteres? Parece ser também problema insolúvel.

São numerosas as inscrições rupestres em pontos os mais diversos do território brasileiro, tanto no norte como no sul.

E existem muitos estudos de eruditos brasileiros sôbre as mesmas.

Delas, uma das mais notáveis é a inscrição rupestre da Gávea, fielmente reproduzida na “Revista do Instituto Histórico”, em 1840. Foi estudada por uma comissão do mesmo Instituto, cujo parecer vem transcrito na “Revista” do mesmo Instituto. Nada se pode apurar de definitivo sôbre o assunto.

Já houve entre nós a fantasia de apresentar-se como encontrada no Brasil uma inscrição fenícia, cuja pedra nunca apareceu e infelizmente esta fantasia figura em livros de ciência ...

Aliás fantasias tão condenáveis em matéria de investigação histórica já foram devidamente punidas pelo grande poeta Porto Alegre, em sua incomensurável comédia – “Estátua Amazônica”⁵⁶.

Entre fantasias e realidade, ainda uma última versão sobre a origem das letras, que chegou a São Thomé das Letras no final da década de 1930, na mente dos eubiotas, membros da então Sociedade Teosófica Brasileira:

⁵⁶ O texto de Barão Homem de Melo foi transcrito como o original de: Alvaro Astolfo da Silveira. *As grutas em Minas Gerais*. Belo Horizonte, IBGE, 1939.

Aí há controvérsias, né. índios cataguazes, mas dentro dos nosso conhecimentos são inscrições um pouquinho antes dos fenícios mesmo... Feitas pelos fenícios mas não na forma como eles tinham a sua ortografia nos últimos, nos seus últimos tempos, os quais a gente tem conhecimento, né. Era uma coisa um pouco mais primitiva dos fenícios mesmo.

Tal versão remete a origem daquelas inscrições a um passado ainda mais remoto do que o dos fenícios, aos tempos imemoriais das eras geológicas anteriores a nossa, quando a crosta terrestre ainda não havia assumido suas feições atuais e os continentes ainda não haviam se separado. Nessa época, a superfície da terra teria sido habitada por seres ciclópides...

Nós temos tudo isso bem explicadinho. É que a gente começa a entrar um pouquinho aí em assuntos reservados nossos, aos nossos graus. Mas o continente Atlante, né, que foi tão comentada Atlântida, ele existiu, ele atingia o Brasil, esse continente, uma parte da América Central, um pedacinho também da América do Norte, pegava esse trecho do Oceano Atlântico que hoje tá aberto, né, ia até a Europa, pegava um bom trecho da Europa. Isso tudo era Atlântida, e foi aí que tudo começou, foi aqui como surgiu, com o afundamento da Atlântida, porque os seres que hoje nós chamamos de *jinn*, na época eram semi-deuses, e eles viviam na face da terra junto com os homens e é daí que surge a mitologia e são histórias que foram se transformando, passando pelas suas alterações normais através do tempo, mas aquela fumacinha que existe, né, que a gente costuma dizer que onde há fumaça há fogo, a mitologia na verdade é isso, a mitologia vem lá da época da Atlântida, onde os semideuses viviam entre os homens e faziam coisas espetaculares, mirabolantes, né. Mas começaram a surgir problemas com essa convivência e devido a questões que eu não posso entrar muito a fundo, mas Atlântida acabou submergida, acabou afundando, e, a partir daí, a partir desse afundamento da Atlântida, a face da terra ficou órfã desses seres. Eles não podiam mais conviver na face da terra e foi daí que surgiram os mundos subterrâneos, eles passaram a viver nos mundos subterrâneos, mas mantiveram as suas brechinhas, as suas brechinhas, porque o trabalho na face da terra tem que continuar, tem que ser feito, né, é uma dinâmica, não pode parar, então os seres semideuses na época da Atlântida não tinham

mais como viver na face da terra, não havia mais condições e a humanidade passou a entrar em uma época de deturpações muito grande, confundiu muito as coisas, meter os pés pelas mãos, então a coisa acabou virando uma encrenca então acabou não havendo mais ambiência, não havia mais vibração adequada pra esses seres permanecerem aqui. É uma questão vibratória mesmo. Eles não podiam mais conviver com os homens, então eles desceram para os mundos subterrâneos e mantiveram seus pontos de contato, as suas brechinhas, os seus buraquinhos, que são o que nós chamamos de *ciudades juna*, a gente chama isso de sistema geográfico também. E esses pontos de contato, esses lugares, eles vão mudando através dos tempos, eles vão variando de posição, os mundos subterrâneos permanecem no mesmo local, mas esses pontos sobre a face da terra vão mudando de lugar, os sistemas geográficos. Roma, foi um sistema geográfico, Roma foi a oitava cidade, com sete outras em volta. Então ali era um sistema geográfico, eram *ciudades juna* com contatos com o mundo subterrâneo. Era um trabalho do governo oculto do mundo..

(...) e desde o princípio da humanidade, quando ela começou a se tornar religiosa, quando ela começou a se pensar de uma maneira filosófica, então, a gente pode dizer que o trabalho da Eubiose começou aí, ele só foi mudando de nome e mudando de mãos, mas foi um trabalho de todos, um trabalho da humanidade, e foi mudando, passando de um missionário a outro, e vai continuar sempre (...)

No momento, esse trabalho do Governo Oculto do Mundo está vibrando no Brasil. Aqui principalmente no sul de Minas, temos a cidade de São Lourenço, aqui no sul de Minas e temos mais sete cidades, que além de São Lourenço, são oito, e que a gente costuma dizer sete cidades e São Lourenço, porque São Lourenço é a principal de todas e a gente considera uma síntese, e a gente chama São Lourenço de a oitava, e a síntese, né. É a cidade de Pouso Alto, Itanhanda, Carmo de Minas, Maria da Fé, São Thome das Letras, que é a quinta cidade, porque eu tô colocando na ordem mesmo que a gente aprende, e a quinta cidade. Existe um motivo de ser primeira cidade, segunda, terceira, depois a sexta cidade e Conceição do Rio Verde, que é aqui pertinho, né, nossos vizinhos. Aiuruoca que é um encanto de cidade, uma coisa lindíssima, né e finalmente a oitava cidade que é a síntese dessas sete, que é São Lourenço. Essas cidades

tem o que nós chamamos embocaduras. Essas embocaduras são passagens de uma dimensão pra outra, são pontos é, colocados geograficamente mesmo, e esses locais nós chamamos de embocadura, são as passagens de uma dimensão pra outra, e essas dimensões que eu tô falando são justamente os mundos internos, os mundos subterrâneos, e nosso trabalho é todo voltado para essa coisa dos mundos subterrâneos e o governo oculto do mundo.

São Thomé das Letras é a quinta cidade *jina*. É uma cidade que tem contato muito estreito com os mundos subterrâneos. A Sociedade Eubiose chegou aqui como instituição, a instituição chegou aqui no final da década de 30, em 1938. Inclusive aqui, nesse ano de 1998, estamos comemorando 60 anos da Eubiose em São Thomé. Foi uma época em que era aqui um minúsculo vilarejo, com algumas casas de pedra e com a Igreja católica aqui presente. A Igreja Católica que sempre desempenhou um trabalho muito importante também nessa história toda, oculta, inclusive, da humanidade. A Igreja Católica teve seus erros, nós temos os nossos problemas pessoais com ela, mas também tem grandes acertos, uma grande importância nisso tudo. Alguns papas da Igreja Católica tinham profundo conhecimento dos mundos subterrâneos, conheciam profundamente esse plano, essa questão toda do governo oculto do mundo, alguns deles eram até mesmo seres do mundo subterrâneo. Então na verdade é um trabalho de todos. A Sociedade chegou em São Thomé em 1938, em princípio a sede não era aqui, era numa casinha onde hoje tem a praça central. né. Viemos em lombo de burro, temos alguns relatórios por escritos, bem interessante. Algumas moças e alguns rapazes que fizeram a viagem até aqui, uma viagem de dias, em lombo de burro, chegaram aqui exauridos. não é, e foi nesse ano que a gente começou a se estabelecer como instituição.

Antes já vinham?

Já vinham mas não era uma coisa oficial, a instituição ainda não estava presente, a Eubiose como instituição, e, o governo oculto do mundo já estava aqui há muito tempo. A cidade fala muito de um ser, Chico Taquara, nós temos alguns retratos (aponta com o dedo para as paredes), algumas pinturas dele aqui nessa sala, aquele ali também atrás de você. O Chico Taquara é o que nós chamamos de ser *jina*, é um ser que surge

nos lugares, nos povoados que tão assim no seu começo da organização como cidade, ainda tá querendo surgir uma cidade, o seu começo, o povoado, tal, e costuma em determinados lugares aparecer esses seres misteriosos que ajudam a comunidade, que trabalham, que fazem curas, enfim, que prestam grandes serviços ...

Chico Taquara é um dos personagens lendários da cidade. Não há morador de São Thomé das Letras que nunca tenha ouvido falar dele. Assim como a narrativa sobre a origem, muitas são as versões acerca deste personagem. Uns dizem que era enorme, alto, louro e de barbas compridas, outros, como D. Alvina, conta que ele “era um véio, mulato, então ele tinha vaca de leite, tinha cavalo, tinha um tanto de criação. os porco dele, as galinha, ele saía adiante, saía aquilo tudo acompanhando ele. Ele apartava, punha as vaca prum lado, os bezerro pro outro e os bezerro num mamava, cê acredita nisso? (...) ó, quantos anos faz que esse homem morreu...

Onde ele morava?

Ele morava nas tocas. Aqui tem uma toca que diz que ele morou, mas onde ele morreu mesmo, é no caminho da cidade, tá lá o pasto dele, a toca onde ele morreu, ninguém entra lá nem pra bater o pasto. Quando você for pra cidade, vai andando, vai andando, aí você pergunta pro povo assim, onde era o pasto do Chico Taquara, a toca dele, aí eles mostra a toca do Chico.

Ele tinha quantos anos, mais ou menos?

Ah, não sei, ele era do tempo da escravidão, eu não sei ...

Não sabe de onde veio?

Ele ia muito lá em casa, mas é, isso nós num perguntava pra prele, se ele nasceu aqui em Minas, se é de fora.

Isso vocês não perguntavam?

Ih..., porque quando ele dava um grito, nós tudo tinha medo dele. Ah! Ele levantava, ele gritava: “Ei morenada!” naquele rompão lá do Chico Taquara. Ah, tinha um punhado que corria de medo dele, agora nós era criança, nós ia lá conversar com ele.

Ia? E ele, tratava bem?

Tratava, dava dinheiro prá nós.

Dinheiro?

É! o que! O Chico Taquara era rico! O povo aqui, outro dia veio um aqui em cima de mim pra ir com ele na toca rancar baú de dinheiro, eu falei: ah!, eu não, eu não vou mexer com isso não!

Além dos moradores, a imprensa também ajudou a preservar Chico Taquara na memória das pessoas. Os causos que os habitantes contavam sobre ele eram, junto à narrativa sobre a origem, um elemento explorado pela imprensa nas propagandas turísticas sobre o local.

Em 1973:

*“surgiu há mais de 100 anos. Era um belo homem, alto, forte, olhos azuis e frios, dotados de poderes sobrenaturais. Ele vivia nas grutas da região e andava sempre acompanhado pelos animais que possuía: um cavalo, algumas vacas, bezerros e cabritos. Com um simples olhar era capaz de separar as vacas dos bezerros e mantê-los separados até o amanhecer, na hora da ordenha. Curava doentes, ensinava a lavrar e tornar fértil a terra árida da região. Às vezes ensinava coisas que ninguém compreendia e, vendo os olhos assustados dos camponeses, Chico Taquara subia ao alto da montanha, ajoelhava-se e meditava longamente em silêncio. De repente, sem qualquer explicação, ele desapareceu. Alguns acreditam que foi devorado pelas onças que existem por lá; outros acham que ele simplesmente retornou ao seu povo”*⁵⁷.

Ou outra:

*“Chico Taquara morreu há 40 ou 50 anos. Andava pelas ruas de São Thomé e as crianças se assustavam quando aparecia. Seus cabelos eram longos, dizendo-se que era monge, desertor da Guerra do Paraguai ou membro da expedição de Fernão Dias. Fazia fogo dando voltas no local, o fogo aparecia. Dizem, por esses poderes, que ele era extra-terreno”*⁵⁸.

⁵⁷ Jornal *O Globo*., Caderno de Turismo: “Descubra São Tomé das Letras. 22 a 28 de março de 1973.

⁵⁸ “São Tomé das Letras, uma cidade construída nas rochas”. Da regional de Rio Preto, 24 de junho de 1973.

Voltando à Sociedade Brasileira de Eubiose e à questão das inscrições, sobre as quais realizaram estudos...

(...) pessoas da própria Sociedade. Se não me engano o Sr. Hildebrando, o Sr. Ural Prazeres, (...) pessoas assim de uma extrema cultura, pessoas que foram lá subir na pedra da Gávea no Rio de Janeiro, isso na década de 30, né.

Fala um pouquinho desse parentesco aí, dessas inscrições da pedra da Gávea.

É, tem muita coisa a ver realmente na pedra da Gávea. Ali também é uma embocadura, na pedra da Gávea. No Brasil fenício realmente aconteceu uma história. O rei Badezir veio com seus filhos e com toda uma guarda aqui para o Brasil, e já era um trabalho do governo oculto do mundo

Veio como?

Eles vieram em caravelas, embarcações ...

Pelo mar ...

Pelo mar. Chegaram no Rio de Janeiro, onde hoje é a Baía da Guanabara, né. Eles chegaram ali, mas houve realmente um problema, um acidente, e os filhos do rei Badezir, Yetmaal e Yetbobêi (**escrito como se falou**), um casal, eles morreram, eles foram assassinados ali, né, então realmente, um problema. Então todo o trabalho do rei Badezir naquela ocasião ficou comprometido. E os corpos de Yerbaal e Yetbaobei estão dentro da pedra da Gávea. Estão lá guardados. Mas não adianta furar pedra, cavar, cutucar, fazer expedição porque não acha, entendeu. A coisa é uma malha né, tem uma malha. Então isso só vai ser encontrado mesmo quando houver merecimento pra essas descobertas, né? Do mesmo modo como a Serra do Roncador, no Mato Grosso. É um lugar misteriosíssimo.

O que significa *jina*?

Jina, voltando ao termo *jinn*. A palavra gênio vem de *jinn*. *Jinn*, se não me falha a memória, e do latim mesmo *jina*, e são seres dos mundos subterrâneos, são seres *jinnas*, são seres surgidos de mundos subterrâneo e as cidades *jinas*, no caso São Thome das Letras e algumas outras que eu já citei são cidades a serviço do mundo subterrâneos.

que estão o tempo todo sendo acompanhadas, vigiadas, inspiradas pelas emanções dos mundos subterrâneos. São cidades *jinas*, são cidades ligadas ao governo oculto do mundo. O Chico Taquara é um exemplo, né do que é *jina*, do que é um ser *jina*. São Thomé é uma cidade *jina*, Itanhandú, Pouso Alto, essas cidades todas que eu citei, né, com uma vibração muito especial e cada uma tem uma vibração, tônica toda sua, porque abrange os sete ramos do conhecimento. A literatura, são as artes, a medicina, a mecânica, a taumaturgia, a teurgia (?), a arte guerreira, são os sete ramos do conhecimento e cada uma dessas cidades tem uma dessas tônicas vibrando mais do que nas outras. São Thomé das Letras, a gente diz das letras, né, por coincidência, entre aspas, aqui vibra a literatura, principalmente a literatura esotérica, a literatura mais oculta, literatura mística, principalmente esse tipo de literatura, a gente tem uma inspiração muito grande pra esse tipo de literatura quando chega aqui em São Thomé. A gente fica querendo saber, a gente fica querendo ler, querendo se informar melhor a respeito. Os turistas chegam aqui na cidade geralmente loucos, querendo conversar com gente que tenha coisas mais profundas pra dizer. Isso já é uma coisa que bate na pessoa pelo interesse mesmo pela literatura esotérica, já é a tônica da cidade vibrando, na pessoa. Que mais que eu posso dizer ...

Já disse... Se transitando por domínios de fantasia, ou de realidade, a presença da Sociedade Teosófica Brasileira em São Thomé das Letras desde os idos de 1938 certamente ajuda a configurar uma realidade.

Os sessenta anos de contato da instituição com a população local, por si só já seriam material para uma outra história, e será contada na parte relativa à década de 1930, nos textos que seguem. A presença da Eubiose no alto da serra certamente determinou parte expressiva do público turístico que “*consome*” São Thomé das Letras, pois ali o “*esoturismo*” é nos dias de hoje, uma forte frente do turismo local (embora não seja a única). Ali, a Escola ensina :

Os antepassados de São Thomé foram pessoas misteriosas, boníssimas e fortes, como as rochas aqui existentes, daí a herança de lendas e mitos históricos.

Panfleto que circulou em São Thomé das Letras na década de 1980.
Acervo do Tadeu Neder .

A Década de 1980: a dessacralização das origens, uma questão de poder.

Resgate de antigas em novas versões

O questionamento da narrativa oral, iniciado no século XIX chega a seus limites na década de 1980, quando a convivência da tradicional sociedade do alto da serra com os novos moradores membros vindos “de fora” se estreita. Estes chegam ao alto da serra dotados de uma visão bastante crítica sobre a questão ambiental e urbana, apontando a necessidade da sociedade local em repensar seus conceitos fundamentais. Dessa maneira, fazem frente ao poder local, questionando os mandos e os desmandos dos coronéis da pedras, que reagem pela força.

Foi uma época de intensa atividade, tanto em relação à mineração, quanto em relação ao turismo, mas essas são outras histórias, que serão contadas em outra ocasião. No momento, a prioridade fica por conta de um panfleto, de circulação municipal na década de 80, que colocava em cheque a memória tradicional dos habitantes locais ⁵⁹.

O ouro

A memória na voz, algumas sugestões...

Na casa de D. Agnes, com Marica ...

Você perguntou pro pessoal te contar a história do escravo, nossa...

É a única história que eles contam quando eu pergunto sobre a origem da cidade.

Tem outras versões também...

Ah, tem. Isso aqui era uma passagem.

Eu tô atrás dessa história... passagem pra que, pro ouro?

É claro, mas isso é tranquilo, mas quem pode te dar dados é ...

⁵⁹ A década de 1980 será estudada, em detalhes, nas partes que se seguem.

Mas isso é obvio, nossa. Aqui era um trajeto de passagem para o ouro.

Passagem pra onde?

Bom, não sei, mas ia para o Rio de Janeiro. Tanto é que o caminho, essa crista aí, descia pra Baependi, se vem de lá, seria a região de Outro Preto, dos diamantes, e tal, do ouro de lá e vem, vai pra Baependi, porque de lá vai para o Rio de Janeiro, porque Baependi é muito antigo. Porque subia, ficava aqui, e daqui ia pra Baependi. Esse lado aqui de Três Corações, tudo isso é coisa nova, o antigo caminho é de lá, não daqui ó, de lá, seria nosso norte aqui, norte, noroeste, vindo de lá e então descendo pra Baependi.

Sobre esse assunto, D. Alvina, com incerteza, força a memória...

A senhora já ouviu falar alguma coisa de ouro aqui, que tropeiro carregava ouro por aqui?

Vi falar. Que aqui era mina de ouro, São Thomé.

Aqui era mina? Aonde a senhora sabe?

Não sei não. Ah, pode saber, mas já esqueci também, porque desde pequena eu sou muito ativa, mas que o povo rancava ouro aqui, que só vendo, aqui no Carimbado, até que ali naquele buraco que tem ali em baixo, não tem um buracão lá, que o povo entra, naquele mato, aquilo tudo era pra achar ouro (...) Passava aí tudo de tropa, aí ó.

E eles carregavam o que?

Uai, ouro.

Só ouro?

É. Passava aí, o povo rancava ouro vendia baratinho pra eles, ó, eu tinha uma mão de ouro (**mostra a mão, fazendo uma figa**) que um padrinho meu me deu, padrinho antigo, uma jarra de ouro, do tempo antigo, me roubaram meus ouro tudo, cada conta de ouro desse tamanho assim ó (**novamente usa os dedos para mostrar como eram as peças de ouro**)... me roubaram tudo, porque ninguém conhecia o que era ouro antigo, a minha mãe era muito velha, ficava em casa e o povo chegava lá, entrava, pintava, fazia o que queria.

mãe era muito velha, ficava em casa e o povo chegava lá, entrava, pintava, fazia o que queria.

Na memória do Sr. Saul, nenhum registro...

É ... outra coisa também que eu ouvi falar aqui, é que aqui já foi rota do ouro. O senhor sabe alguma coisa sobre isso?

Essa eu não sei.

Não? Que aqui passava o ouro de Baependi, o ouro tirado em Baependi...

Essa eu não sei não.

O senhor nunca ouviu falar?

Já ouvi falar que tirava ouro era lá perto de Campanha, Entre- Meio. São Gonçalo e Campanha.

Aí não passava por aqui o ouro?

Não. Aqui nunca vi falar não.

É tem gente que fala isso. Que aqui, um dos motivos da cidade ter nascido aqui foi por causa da rota do ouro, sabe?

Ah, aqui não, minha avó morreu com uns 90 anos, nunca ela falou isso.

A Imprensa

“Nos subterrâneos, um mistério ...

Não fica também só na superfície toda história de São Tomé. Há ali subterrâneos ainda inexplorados suscitando comentários que criam certo mistério. (...) Tamus Jorge Bastani, em “Minas e Minérios do Brasil”, referiu-se a ele como enigmático e de nostalgia natural”. “região tristonha que dá a impressão de ter existido a uma cidade milenar”. Sobre os subterrâneos,

A história

Escreveu José Alberto Pelúcio, a respeito da idade de Baependi - revelando fragmentos da história do sul de Minas - que a entrada das bandeiras na região remonta ao ano de 1601, quando “*D. Francisco de Souza, de estadia em São Paulo, fez dahi partir para os sertões, em busca das minas de prata, uma leva de homens, comandados por André Leão*”. O roteiro que seguiram, segundo a reconstituição de Orville Derby era o seguinte: “*seguindo o curso do Parahyba, desde onde hoje é São José dos Campos até Cachoeira, ahi galgara a Mantiqueira, rumo a Pouso Alto e Baependy, atravessando o Angahy, o rio Grande, etc.* (nota: Afonso de Escagnolle Taunay, *S. Paulo no séc. XVI*)”

Cita ainda Alfredo Valadão, *Campanha da Princesa*: “*No caminho seguido pelas bandeiras, desde que transpunham a garganta do Embahú, até chegar ao Rio Grande, se contam actualmente as seguintes localidades: Passa Quatro, Capivary, Sengó, Boa Vista, Baependy, Encruzilhada, Carrancas.*”

E conclui: “*Vê-se pelo exposto, que antes da descoberta do Ribierão do Carmo, hoje Mariana (1696), de Ouro Preto (1698), da criação da capitania independente de Minas (1720), da fundação de Campanha (1737), já o nome Baependi andava na boca dos sertanistas, figurava nos velhos roteiros que fariam entreluzir riquezas minerais aos olhos de nossos maiores*”.

“*Entretanto, observou o Mons. Marcos Nogueira, em sua já mencionada conferência: ‘O trabalho de mineração desenvolveu-se pouco: não são consideráveis as catas que se encontraram da Lavrinha até as paragens do Gamarra’*⁶¹”.

O mesmo não se pode dizer de outras áreas da região. Próximo a Baependi, no local onde nasce um dos principais esporões da Serra da Mantiqueira, os desbravadores do sertão encontraram ouro, nas margens do Aiuruoca, dando origem ao arraial do mesmo nome. No alto desse esporão instalou-se uma redução jesuítica que ali permaneceu até que um programa de reformas determinadas pelo Marquês de Pombal foi posto em prática entre os anos de 1750 e 1777.

⁶¹ José Alberto Pelúcio, *Baependi*. São Paulo: Gráfica Paulista, 1942. Cits. pgs. 10 a 19.

mesmo nome. No alto desse esporão instalou-se uma redução jesuítica que ali permaneceu até que um programa de reformas determinadas pelo Marquês de Pombal foi posto em prática entre os anos de 1750 e 1777.

Entre as medidas prescritas pelas reformas pombalinas, estão a *“retomada de controle, pela metrópole, dos mecanismos comerciais e fiscais do mundo colonial; regalismo; dismantelamento da economia; administração sobre os índios e controle do ensino dos jesuítas”*. As medidas visavam coibir ou prevenir o contrabando, com o controle dos caminhos e a fiscalização de possíveis rotas clandestinas para o escoamento principalmente do ouro. Nesse processo de reformas, consideravam que os jesuítas integravam uma realidade que deveria ser modificada; eles foram considerados perigosos por sua riqueza e por sua importância como educadores. *“Após medidas parciais, a pretexto de se ter comprovado a participação dos inacianos numa conspiração contra a vida do rei, decidiu-se em 1759 sua expulsão de Portugal e colônias, com confisco de seus bens – medida executada, na América portuguesa, em 1760”* ⁶².

Em Campanha aconteceu a mineração mais bem estruturada do Sul de Minas. Até 1737, as notícias das minas do Rio Verde vagamente chegavam até Vila Rica. Nesse mesmo ano, um ouvidor foi enviado pelo governador para buscar as minas do Rio Verde. Descobriu Campanha, encontrando ali um povoado com praça, ruas e boas casas. A mineração que acontecia ali estendia-se por quase vinte léguas, empregando sete mil negros ⁶³.

Nessa época, o patriarca João Francisco Junqueira ainda não se tinha fixado nestas paragens. Ele chegou, vindo de Portugal com sua esposa, em 1750, se estabelecendo no sul de Minas. Eram pioneiros *“que aí se estabeleceram no fim do período do rush aurífero. No início chegaram a desenvolver em suas propriedades*

⁶¹ José Alberto Pelúcio, *Baependi*. São Paulo: Gráfica Paulista, 1942. Cits. pgs. 10 a 19.

⁶² Ciro Flamarion Cardoso. “A crise do colonialismo luso na América portuguesa”. In: *História Geral do Brasil*, por vários autores, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1990.

⁶³ Alfredo Valadão, *Campanha da Princesa*, cit. por Pelúcio.

Entretanto, os registros da viagem dos pesquisadores austríacos Spix e Martius à Minas Gerais, em 1820, revelam ainda a presença da mineração em Campanha, e a ambiência em que ele circulava imediatamente após a sua retirada das lavras: *“A Vila de Campanha, ou propriamente, Vila da Princesa da Beira, que alcançamos cedo, no mesmo dia, pois dista apenas quatro léguas a noroeste de São Gonçalo, está situada sobre alto outeiro, e é, depois da Vila de São João d'El-Rei, a mais importante e populosa da Comarca do Rio das Mortes. As minas de ouro, que, só há poucos anos, foram em parte abertas na vizinhança, incluem-se entre as mais ricas das atualmente exploradas, e deram grande opulência aos habitantes, entre os quais travamos relações com o capitão-mor, um compratrício nosso, irmão do Sr. Stockler, Governador das Ilhas dos Açores. Aqui, vimos diversas e bonitas casas de dois pavimentos, providas de janelas envidraçadas, um dos mais custosos ornamentos no interior do Brasil.*

“Com a riqueza e o comércio, porém, parece-nos que o luxo e a corrupção dos costumes andam de par. Como médicos, tivemos sobretudo, oportunidade de observar a incrível difusão da sífilis e as suas incalculáveis consequências no físico e no moral dos habitantes. Não só a generalização do contágio vai reduzindo bastante a população, mas também o despudor, com que dela se fala abertamente, ofendendo o sentimento moral, além de lesar os direitos do sexo feminino, ao qual não é permitido exercer influência sobre o modo de pensar dos homens, nem pode fundamentar a felicidade conjugal. Estas tristes condições, que são a mancha mais sombria na pintura do caráter brasileiro, ainda mais se agravam pelo grande número de escravas negras e concubinas (mulheres de camas) manteúdas⁶⁶. Como o trabalho manual na lavagem do ouro é exclusivamente executado pelos escravos negros, o senso perturbado dos brancos também faz que repilam como desonroso qualquer serviço, mesmo o da lavoura e criação de gado. São tantos aqui os desocupados, que se costuma chamá-los como a uma classe: - a dos vadios. Aqui, portanto, observa o viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, da indigência e da depravação. Os habitantes, cujas necessidades o solo, embora rico e fértil, não satisfaz, estão

⁶⁶ Nota do texto original sobre o termo manteúdas: nesse sentido, ouve-se no Brasil, em geral, o seguinte prolóquio popular: - As brancas são para casar, as mulatas para ... e as negras para servir”.

também faz que repilam como desonroso qualquer serviço, mesmo o da lavoura e criação de gado. São tantos aqui os desocupados, que se costuma chamá-los como a uma classe: - a dos vadios. Aqui, portanto, observa o viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, da indigência e da depravação. Os habitantes, cujas necessidades o solo, embora rico e fértil, não satisfaz, estão sempre, por isso, descontentes, comparando a sua região com a das comarcas de Minas mais ao norte, para ali mandando os estrangeiros, como para um verdadeiro Eldorado, onde, com gôzo de maior abundância, já encontrariam os costumes europeus, cultura de espirito e prazeres da vida, enquanto eles mesmos estavam muito desfavorecidos.

“Partimos da Vila de Campanha na manhã seguinte, depois de têmos cedido o nosso aborrecido escravo fugitivo para não expormos ao risco de perder de novo, ao juiz de fora, que, justamente por causa de um desmoronamento de montanha na sua mina, havia perdido diversos escravos negros”⁶⁷.

Em relação à região de Vila Rica, a urbanização do Sul de Minas foi mais lenta e menos opulenta. No início do povoamento, os arraiais iam se formando de acordo com a quantidade de ouro e pedras preciosas que eram encontradas. Assim, a região próxima a Vila Rica, onde o ouro aflorava quase à superfície do solo atraiu grande fluxo de forasteiros, o que não aconteceu com tanta intensidade no sul de Minas Gerais, o que leva à crer que, do ponto de vista econômico-financeiro, este tenha ocupado um papel secundário sob a ótica de uma economia colonial voltada para a mineração. Por isso, embora já houvesse movimento de pessoas, o controle por parte da metrópole era mais restrito: esta mantinha seus atentos olhos voltados para a região que demonstrava maior produção.

Isto, no entanto, não diminui a importância da região se a pensamos sob o ponto de vista do aparato ideológico do sistema colonial, voltado para a dominação do território, com vistas ao controle e ordenação da vida no sertão. Nesse ponto, os jesuítas assumiram importantes funções, por estarem em contato direto com os indígenas, eles

⁶⁷ Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Volume 1. São Paulo: Melhoramentos, 1938. Cit. pgs. 197/198. Transcrito como no original.

terras, iniciava-se, em Portugal, a *caça* a estes religiosos, como prescrevia as reformas pombalinas.

A época que corresponde a perseguição aos jesuítas em território brasileiro é marcada pela efetiva ocupação do sul de Minas Gerais, com a formação dos arraiais e de fazendas onde se desenvolveriam expressivas atividades agropastoris. As populações, de procedências diversas, foram as que efetivamente colonizaram a área, gerando uma sociedade de complexa organização, que deve ser entendida em termos de sua reelaboração em níveis culturais múltiplos. Nesses níveis localizam-se as várias versões sobre a provável origem do povoamento no alto da serra., ora marcada pelo caráter devocional, ora marcada por um pretenso cientificismo. A vivência, ou melhor, a convivência de atores de diversas origens, forjou uma realidade que possibilitou a conformação de uma cultura popular fortemente marcada pelo sincretismo, que ficou um pouco marginal quanto à imposição do aparato ideológico que norteava o ordenamento da vida nas áreas coloniais.

Sob o ponto de vista da administração colonial, a tentativa de ordenação e controle do território, e da vida das pessoas que neles se fixavam, acontecia na medida em que *“os descobertos iam surgindo em todo o território, por isto mesmo chamado das “minas gerais”. E ao lado deles os arraiais, mais ou menos densos, conforme a maior ou menor abundância de ouro e diamantes, a reclamar de qualquer forma a vigilância e assistência das autoridades.*

“A eficácia das medidas representadas pela criação das vilas dependia naturalmente da existência de condições mínimas para seu funcionamento, tais como a fixação de interesses econômicos, o elemento humano para o exercício das funções públicas e um nível de cultura suficiente para a formação do espírito comunitário, com base nos princípios morais que deveriam informar a vida social do Brasil desde o início de sua colonização. Da carência dessas condições, ao lado de outras circunstâncias

adversas por certo ocorrentes, tem-se idéia ao considerar que, em todo o primeiro século do povoamento, apenas quatorze vilas foram criadas”⁶⁸.

Dessas quatorze vilas, a mais próxima de São Thomé das Letras foi Campanha da Princesa da Beira, hoje apenas Campanha, criada em 1798. De acordo com Alfredo Valadão, em 1737, quando foi enviado um ouvidor para encontrar as minas do Rio Verde encontrou em Campanha *um povoado com praça e rua e boas casas*, onde acontecia uma expressiva mineração de ouro. Como se vê, somente sessenta anos depois de “descoberta” Campanha esta foi elevada à categoria de vila, o que demonstra a relativa falta de controle da metrópole sobre as terras do sul de Minas, controle este que foi tardio, em relação à região mineradora compreendida por Mariana e suas adjacências. É sempre bom lembrar que a periodização considerada pela história tradicional – em relação ao final do rush aurífero, na segunda metade do século XVIII – não se aplica à região do sul de Minas. Em Campanha, de acordo com os viajantes Spix e Martius, ainda na segunda década do século XIX, a atividade era ali bastante expressiva. A época do auge da mineração em Campanha corresponde ao período em que a Igreja Matriz de São Thomé das Letras foi construída. Seria o ouro da região, especialmente o de Campanha, um dos motivos do fausto do templo, em local de tão difícil acesso, se pensamos na infra-estrutura necessária ao assentamento de populações?

Quanto à organização política, *“até 1837 não se pode falar em partidos políticos no Brasil. As organizações políticas ou pára-políticas que existiram antes da independência eram do tipo sociedade secreta, a maioria sob influência maçônica”* ⁶⁹.

Foi somente durante o período imperial que um controle mais efetivo do cotidiano no arraial de São Thomé das Letras passou a vigorar. Em 1837, foi feita uma contagem da população de São Thomé das Letras, e, três anos depois, o povoado era elevado à categoria de paróquia, então pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, em Carrancas, termo de São João del Rei. No ano seguinte foi instituída

⁶⁸ Joaquim Ribeiro Costa. *Toponímia de Minas Gerais. Com estudo histórico da divisão territorial e administrativa*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997; cit. p. 22. A primeira vila criada foi Mariana em 1711; a segunda foi São João del Rei e a última foi Campanha da Princesa da Beira, hoje Campanha.

⁶⁹ José Murilo de Carvalho. A composição social dos partidos políticos imperiais. In: *Cadernos do Departamento de Ciência Política*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.; cit. P. 4.

canonicamente, sendo o primeiro vigário o Padre João Ribeiro Maia, que iria décadas depois, delimitar a área do Patrimônio de São Thomé, para que ela servisse às necessidades da população local⁷⁰. Com estes atos, o arraial passa a integrar a organização administrativa e judiciária do Império, que tinha nas paróquias um importante elemento; entre outras coisas, elas recebiam as inscrições dos eleitores e, na falta de um juiz de paz, o pároco desempenhava suas funções em épocas de eleições.

Mas essa é uma outra história e será contada em outra ocasião... mais precisamente quando penetrarmos nas memórias sobre o século XIX. Por enquanto, o ouro ainda ocupa a cena, ou melhor, a página.

A hipótese aventada, de que São Thomé das Letras teria integrado um roteiro para o tráfico de ouro, talvez, no início, para fugir ao quinto real, embora careça de comprovação científica, (de provas, ou documentos escritos – não significando que tais provas definitivamente não existam, mas que não foram ainda relacionadas à história do local), pode proceder, pois o arraial localiza-se entre duas antigas áreas de mineração, Baependi e as Minas do Rio Verde; entre elas Campanha, que teve uma mineração bastante expressiva; sem dúvida o pico onde se localiza São Thomé das Letras era (como ainda é nos dias de hoje) uma referência visual importante para os primeiros que se adentravam pela região. A localização, privilegiada pela altitude, transforma o local em um verdadeiro mirante, oferecendo excelente visibilidade, num raio de 360 graus, da planície e do vale. De lá, poderiam ser avistados todos os que se preparavam para a subida da serra.

A existência de rotas clandestinas para o escoamento do ouro foi uma realidade no período colonial, tanto que suscitou medidas por parte da Coroa, além das medidas pombalinas, uma série de medidas visando coibir o tráfico. Sobre a existência de caminhos clandestinos e da preocupação da coroa com eles escreveu Pelúcio:

⁷⁰ A paróquia foi criada pela lei provincial n. 164, de 1840. Em 1841, pela lei n. 202 de 1 de abril, a freguesia passava a pertencer ao município de Lavras. Informações obtidas no *Processo de Tombamento do Centro Histórico e da Igreja Matriz de São Thomé das Letras*, IEPHA.

“Em em 1745, teve ordem nosso governador para mandar proibir o uso do caminho que de Aiuruoca saíria ao Rio de Janeiro, aberto pelo padre Antônio Gonçalves de carvalho e outros, sujeitos, assim, ao que dispunha a lei de 27 de outubro de 1733.

“Decorridos 13 anos, uma ordem régia (12 de outubro de 1758) prescrevia severas providências contra o referido sacerdote e seus associados, pela abertura de uma picada ligando Aiuruoca ao Rio Paraíba.

“Continua ainda Xavier da Veiga: “Por esse tempo (e essa era a razão do fechamento geral da Capitania e do horror às estradas) forão effectuadas rigorosas sindicancias no arraial da Alagoa (Ayuruoca), em terras do dito padre Carvalho, afim de verificar-se si ali existia uma fabrica de moeda falsa, “como se desconfiava” - diz o aviso de Lisboa. Não consta dos numerosos papeis e antigos livros officiaes que consultámos que houvesse fundamento para tal desconfiança, afflictiva situação permanente do governo da metrópole relativamente ao destino do outro tirado nas minas da Capitania”⁷¹.

Como se vê, a preocupação quanto aos caminhos, por parte da Corôa era uma realidade, entretanto, em relação a São Thomé das Letras constituir um desses caminhos, a hipótese pode ser de difícil comprovação, pois se trata de uma história marginal em relação à história oficial. Dificilmente encontraríamos registros de uma rota clandestina que não foi descoberta e fechada como outras apontadas pela administração colonial, mas incorporada, depois da exaustão das minas de ouro, ao rol das paróquias do Bispado de Mariana. Uma pesquisa cuidadosa poderia revelar não ser uma hipótese impossível, é um campo histórico ainda inexplorado.

A hipótese que faz alusão ao ouro que foi encontrado em São Thomé das Letras, já povoou o palco de alguns teatros. A questão foi tema de um texto escrito por Jorge de Andrade no final da década de 50, *“Pedreira das Almas”*, encenado em 1958, pelo Teatro Brasileiro de Comédia de São Paulo. A peça é considerada como exemplar do “teatro social”, escrita em uma época marcada pela tomada de consciência da realidade

⁷¹ Pelúcio, Baependi, p. 220/221. Fala sobre a proibição da utilização de caminhos na primeira metade do século XVIII, por parte do governo provincial. Transcrito como no original.

econômica, social e política. É uma tragédia, em dois atos e quatro quadros, que tem como ambiente São Thomé das Letras em 1842. O enredo versa sobre o conflito de gerações e retrata um período de transição e de inadaptação, da extinção de uma mentalidade depois de finitas as condições de sua existência, o choque de gerações no conflitos entre pais, desejando a permanência da antiga ordem e seus filhos, lutando pela transformação.

A personagem Urbana, representante da antiga ordem, rememora, no enredo, a origem do povoamento, que teve em seu pai um dos protagonistas principais: *“atravessava o Sêro com a comitiva, quando teve que se esconder. Os companheiros espalharam-se pelas rochas, enquanto caia uma tempestade. Quando passou a tormenta, os companheiros não conseguiram achá-lo, tão bom abrigo era a gruta. Entrara atrás da pedra do nicho. Sòmente quando chamou, é que conseguiram localizá-lo. Encontraram sinais estranhos na rocha, e uma imagem de São Tomé no nicho de pedras. Êste é o lugar para a cidade. São Tomé nos protegerá como nos protegeu da tormenta! Descobriram ouro na gruta. Abriram galerias que foram sair em dez pontos diferentes do morro, como se fôsem dez portas de Pedreira. Mais tarde, partindo daqui, abriram lavras por todo o vale e fundaram novos lugarejos”*⁷².

A questão sobre os motivos do povoamento no alto da serra ainda são como fumaças() que os homens, em diversos momentos da história remetem a fogos específicos. O assunto, mais do que nunca – justamente por causa das múltiplas versões - está aberto. A narrativa oral sobre a origem, atualmente desvinculada do precioso metal, seguindo o raciocínio do panfleto da década de 1980, teria a função de encobrir a real origem do povoado. Os indícios sobre o ouro continuam por ali. Como bem lembrou a popular metáfora empregada por Ana Branco: *onde há fumaça, há fogo*, essa é uma questão a se investigar, pois representa um instigante tema para a pesquisa histórica em acervos oficiais (ou não), lembrando sempre que as imprecisões e os silêncios ou ausências também contam a história.

⁷² Jorge Andrade. *Pedreira das Almas*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1960. Cit. Pg. 35. Transcrito como no original.

Fenícios, índios cataguases, ou goitacazes, jesuítas, Sumé, ou o próprio São Tomé apóstolo, ciclópodes seres atlantes, leprosos... maçons, ouro... temas cuja ligação está encoberta pela densa cortina de fumaça formada ao longo do tempo, obscurecendo as fogueiras que a criou; temas que no presente, quase não conseguimos mais unir, e que nos ficam como fumaças, às quais onde queremos, a todo custo, localizar o fogo, como se nos esquecêssemos que o passado vivido é realmente algo inalcançável, principalmente quando esse passado já se vai ao longe, a cada dia mais distante de nós.

A lepra

Uma outra versão sobre a origem do povoamento ali no alto da serra, aventada pelo panfleto da década de 80, toca em questões delicadas. Os habitantes nativos ora silenciam ante o tema - tentam dele fugir -, ora ficam injuriados e desmentem.

A versão foi resgatada recentemente pela imprensa local, mas desvinculada da questão do ouro. É uma versão que, como a anterior, foi também relegada ao esquecimento e ao silêncio. Segundo essa versão, São Tomé das Letras teria sido construída para abrigar pessoas portadoras do Mal de Hansen. O artigo, publicado em dezembro de 1997 no jornal *Caminhos de Minas*, traz o seguinte texto:

“Uma nova versão pode resgatar parte da história de São Thomé das Letras”

Um retiro para hansenianos

Conforme registros na Colônia Santa Fé, em Três Corações, vários portadores da lepra, o mal de hansen, teriam sido retirados das terras de São Thomé para tratamento e isolamento neste hospital.

Casas totalmente de pedras extraídas do local, com tábuas e telhados com estrutura em madeira nativa e telhas “feitas nas coxas” garantiram

muitas moradias, moradias estas que ainda podem ser vistas em vários pontos da cidade. Mas casas pra quem? Negros fugitivos, índios da região? Pelo que consta em antigos registros encontrados no museu do Ipiranga, em São Paulo e em Petrópolis, no acervo da família real portuguesa. Existia uma cidadezinha no Sul de Minas, próxima a Caxambu, onde as casas seriam construídas todas em pedra, com dificuldade de acesso e que compreendia entre dois e três dias de viagem à cavalo, destinada ao retiro de portadores do mal de hansen, doença que matava índios, escravos, brasileiros e conquistadores. Não constam registros de outra cidade de pedra a não ser São Thomé das Letras”⁷³.

Essa versão, assim colocada, carece de bases sólidas. Embora o autor do artigo faça referência aos acervos que consultou, não cita especificamente os documentos e nem a sua localização. Essa versão é corrente entre algumas pessoas “*de fora*” que moram em São Thomé das Letras. Estas dizem que os antigos casarões, que tinham ligações internas serviam de abrigo para os doentes, que eram cuidados por irmãs de caridade ⁷⁴.

Os informantes, quando consultados sobre este assunto, revelam histórias mais recentes...

D. Alvina reage à relação entre a origem do povoamento e a doença, e justifica:

Mentira, mentira, de primeiro não havia essa doença não, minha filha, ó, depois que eu nasci, me entendi por gente, aqui nunca teve dessa doença, e nunca teve um lugar de por um doente aqui. Depois é que pegou, é que fez esse hospital aqui, fez não sei o quê, fez asilo, mas aqui não tinha nada disso. O povo pra vim consultar aqui, o Tonico Inú morava aqui, pra trás, no Mato Santo, não é? Depois daqui ia lavar a roupa lá no

⁷³ *Jornal Caminhos de Minas*, dezembro de 1997, pag. 3. “Uma nova versão pode resgatar parte da história de São Thomé das Letras”. Pesquisa feita por Ricardo Kayapó.

ribeirão da casa dele, ia na cabeça, outra hora ia no cargueiro, ia no carro, ah, água o povo aqui puxava no carro, minha fia, nem água aqui não tinha, agora como é que tinha esses casarão pra botar doente? Se ficasse doente ficava fechado lá na roça, fazia a casa e deixava você lá, separado, deixava aquele buraco na porta, ali punha água, punha de comer, punha o rapé...

Era assim que tratava os doentes?

É. Os doentes aqui em São Thomé foi muito judiado.

Separava eles pra não pegar nos outros?

Pra não pegar nos outros. Mas isso que tinha uma casa dentro da outra, isso é mentira deles. Mentira. Fala a verdade gente. As vezes a gente tá contando uma verdade a gente ainda erra, mas cai em si, conta direito. Ó, tinha o povo que tinha gogo⁷⁵, era separado, quem sofria de sangue, tinha a doença de sangue era separado, mas na roça, era na roça. Fazia as casas, o pai, o dono daquele doente tinha fazenda, ou às vezes morava de empregado, já fazia a casa dele separado, pra tratar deles, aí morria, ele trazia, enterrava no meio das pedras, depois arrancaram as pedras e fizeram aquele cemitério ali.

O Sr. Saul, fala sobre o assunto, mas com reticências...

Ah, aquela é a doença que eles falam a doença do sangue. Existia, aqui no Cantagalo, né, tinha

No Cantagalo? E isso é muito antigo aqui, né?

É, mas o pessoal que sofria da doença aqui já acabou.

Já foi todo mundo?

Já foi todo mundo.

Mas isso tem muito tempo que vinha gente com essa doença pra cuidar aqui?

Ia cuidar lá na Colônia Santa Fé, em Três Corações.

E antes da Colônia?

⁷⁴ Informante: Benvinda do Restaurante “O Alquimista”, em um encontro informal, não registrado.

⁷⁵ Gogo é como chamam o “papo”, ou “gogó”.

Morria por aí mesmo.

E aqui na cidade, aqui em cima, o sr. sabe se morou alguém, ou não?

Aqui em cima, doente que morou. Morou.

E eram muitas famílias?

Poucas.

O senhor conheceu alguma?

Conheci, mas não vou dizer, não vou falar o nome não, porque ainda tem parente aí.

É, hoje tem cura, né...

Tem cura.

Hoje não é mais problema, né. Hoje já é fácil a cura, antigamente que não era.

É fácil. Agora é fácil, já faz tratamento até em casa mesmo. Só separar as vasilhas, faz tratamento em casa mesmo.

Então o sr. conheceu gente aqui?

Conheci.

E o sr. sabe se eram famílias que vieram pra cá há muito tempo...

Ah, essa não é do meu tempo, uma era família que era natural daqui, outras vieram pra cá. Eu conheci bem gente doente com essa doença aqui.

Um informante, que preferiu permanecer anônimo, nega com veemência

Você nunca ouviu falar?

A gente ouve falar tanto absurdo, mas exatamente isso não. Exatamente isso não. Os moradores se ofendem quando... Uma ocasião, a Manchete citou esse detalhe de e o prefeito deu até uma resposta...

A Manchete televisão?

A Manchete revista. Aí escreveram uma resposta dizendo que ali não tinha nada daquilo...

Então esse assunto já foi levantado?

Levantado e parado, né. Agora, o carioca, o paulista, ele sempre, não é a primeira vez que eles falam que o interior de Minas é cheio de lepra, de doença de chagas, então já houve, empresas que vinham para Minas Gerais não vieram de medo do barbeiro, doença de chagas, então sempre há um fuxico, né, isso aí sempre há, não é de agora não. E até pouco tempo era usado. Então alguma empresa vinha pra Minas depois não vieram, porque Minas corria o risco do barbeiro, outros tinha lepra, mas não especificamente São Thomé, Minas Gerais. Tem cabimento?

Uma coisa que se dizia, até era engraçado, que São Thomé tinha muito papo... por causa da água, falta de iodo, mas também não vi nenhuma papuda lá, ninguém, mas até aqui em Três Corações eu já vi, tem até essa figura aqui (mostra uma escultura de barro), é uma senhora tocando acordeon, papuda, que um rapaz, um escultor fez aqui. Era uma figura que morava lá na Cotia que fez assim, engraçadinha, ela tinha um papinho, mas não era de São Thomé, não tinha nada a ver com São Thomé... a sanfoninha, ela tocava, mas não saia nada, não fazia barulho. Então tinha esse boato, que por causa da água de São Thomé que faltava iodo, mas o papo tinha muito, no interior de Minas, principalmente no Norte de Minas tinha muito. Depois de Juscelino Kubsticheck que começou a iodar o sal, né.

O Sr. Hilton, ao contrário, presenciou ali não só o gogo, mas também a lepra.

É, tinha gente muito pobre, tinha uma quantidade imensa de papudo...

É tireóide, né?

É, falta de iodo na água, não tinha, não tinha sal, não tinha nada...

O senhor chegou a ver?

Vi muito, tinha demais.

E tinha alguma outra doença aqui?

Não, não doença que tem até hoje. Os hansenianos, lepra.

Isso aí, eu ouvi dizer que o início de São Thomé tá ligado com a hanseníase...

Não tem nada a ver. (...) Os hansenianos que existiam por aqui, ainda tão por aí, entendeu. Depois é que fez a Colônia Santa Fé, de Três Corações (...) não só daqui, lá

tinha interno de todo lado. Aqui ainda tem um foco grande disso daí (...) O sujeito fica arredio, porque começa a ficar deformado...

E desde quando esse povo vem pra cá?

Ah não, nasceu tudo aí mesmo, criou aqui e essa doença foi transmitindo, de pai pra filho, só que não pega na família inteira. Aparece um hoje, cinco amanhã, e assim por diante, porque se fosse uma infestação em massa, Três Corações inteiro tava afetado com isso daí. Não é assim não. Hoje já acabou esse tabu, não tem isso mais não.

Marica, “de fora”, revela outra face do tabu: a segregação

Ah, sim, meus vizinhos, o pessoal, meus vizinhos, aquele lugar que tem aquela nascente, quando eu comprei a casa, eles tinham hanseníase, lepra, *aqui era um lugar de concentração dos leprosos, talvez o pessoal da região, meio mandava o pessoal pra cá.* Pensa bem, lepra, essa paisagem de pedra, era paisagem da época de Cristo, nos filmes que a gente vê, a gente imagina que era assim aqui, igual.

Então quando você chegou aqui você ainda encontrou famílias...

Muitas, a minha vizinha da minha casa, o pessoal tinha lepra. Nossa eu tomava cuidado.

Mas não se cuidavam?

Não muito não, não muito não. Eu me lembro, o Dr. Pugliese, é médico homeopata, Aidé, médica, o César médico, a preocupação deles e eu sei que eles agitavam coisas, aconselhavam, encaminhavam, pra que isso fosse mitigando, porque jeito de controlar tem, acho que até descobriram coisas melhores.

A história

A lepra é conhecida desde a mais remota antiguidade. Existia de maneira frequente na Europa. Atualmente ocorre principalmente em áreas tropicais e

subtropicais, onde o subdesenvolvimento das populações caracteriza as regiões de endemia. No Brasil a doença é, ainda, um sério problema de saúde pública.

Até o começo do século XX não existiam políticas de saúde pública no Brasil. Nessa época, o Estado inicia uma intervenção no sentido de promover o saneamento dos centros urbanos mais desenvolvidos, principalmente os portos, visando controlar as doenças endêmicas que assolavam essas áreas, mas foi somente nos primeiros anos da década de 1940 que o Sul de Minas passou a contar com a intervenção do Estado em relação ao controle da hanseníase, quando construído o Sanatório Santa Fé, em Três Corações. Este recebia e mantinha internados doentes de toda a região. Lá, ficavam isolados do mundo, separados de suas famílias. A maioria das pessoas foram parar ali através de denúncias. Depois de denunciados, eram transportados, com suas famílias, em carros e vagões de trens especiais até o sanatório, onde faziam exames: os doentes ficavam. O internamento era obrigatório, pois os hansenianos eram segregados pela sociedade, muitas vezes, até mesmo suas famílias os discriminavam. Se se rebelassem contra a internação, sua única saída, depois de chegar ao sanatório era a fuga, e a vida como fugitivos, se escondendo em locais pouco povoados, tinham que viver pelos matos, e morriam à míngua. O fato de São Thomé das Letras ser um local de difícil acesso talvez tenha contribuído para atrair grande número de doentes, pois ali estavam em relativa segurança, uma vez que os meios de comunicação eram deficientes, e por isso as denúncias não aconteciam como nos centros maiores.

O ocultamento da doença e a recusa a se submeter ao tratamento médico, como notou o Sr. Hilton, é uma reação comum entre os hansenianos. A doença atinge as camadas mais pobres da sociedade e é endêmica em todas as macrorregiões do Brasil. É uma moléstia de evolução prolongada, com grande potencial incapacitante, excluindo do convívio social os seus portadores, posto que ela é cercada de estigma e preconceito⁷⁶.

A Colônia recebia doentes de várias localidades de Minas, inclusive de São Thomé das Letras. Em 1952, tinha em torno de três mil pessoas internadas, os pavilhões eram todos lotados. Além de um automóvel, circulava nos trilhos da estrada de ferro um

⁷⁶ Marcos de Souza Queirós e Maria Angélica Puntel. *A Endemia Hansênica: Uma perspectiva multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1997. P. 15.

vagão especial, destinado ao transporte de doentes até a colônia. Tal vagão foi queimado quando a estrada de ferro foi desativada. Até década de 80, a doença era considerada incurável ⁷⁷.

A hipótese da hanseníase ter sido o ponto de partida para o povoamento do arraial de São Tomé das Letras carece de comprovação; nas memórias das pessoas entrevistadas, não há o menor indício, se a hipótese de estar a origem de São Thomé das Letras relacionada à essa doença, como quer o panfleto, então tal versão permanece escondida ou adormecida no silêncio ou no esquecimento.

Do século passado, uma referência escrita no *Almanak Sul Mineiro*: “vivem na freguesia cinco morpheticos”. A presença de portadores do *mal de hansen* em São Tomé das Letras não pode ser considerada uma peculiaridade da história local, pois em Minas Gerais a ocorrência da doença foi grande, justificando até mesmo a construção de um sanatório. Quanto à história mais recente, é real a presença de doentes na cidade e em suas imediações, e a lembrança dela ainda é vivida na memória das pessoas, ao contrário da hipotética referência à origem local. Suas memórias, nesse aspecto, ligam-se à suas vivências, eles próprios conviveram com, ou conheceram doentes. Esse fato, entretanto, não deve causar espanto, já que o Sul de Minas é uma das regiões em que a doença existe constantemente, em maior ou menor grau. Antes da construção da Colônia Santa Fé, os doentes frequentemente segregados pelo preconceito, andavam em grupos mendigando por onde passavam, pois a partir do momento em que desenvolviam a doença, além de ficarem impedidos de trabalhar, e eles próprios, pelas transformações físicas que a doença passava a imprimir a seu corpo, tornavam-se esquivos, não transitando mais com liberdade entre as outras pessoas., tinham medo do confinamento compulsório nos sanatórios, que os isolariam do mundo.

⁷⁷ Consultei na Colônia Santa Fé algumas fichas de entrada dos pacientes, nas décadas de 50 e 60. Destas, foi praticamente inexistente a entrada de pacientes oriundos de São Thomé das Letras. Talvez isso seja um indicador de que ali as denúncias não existiam, ou eram pouco frequentes: existia uma tolerância quanto a presença dos doentes. As informações relativas à construção e funcionamento da Colônia foram fornecidas pelo Sr. Eliseu, morador e funcionário da Colônia, *Fita n. 34* do acervo audiovisual.

A origem

As versões e a ausência de estudos sistemáticos

Como se pode notar através do exposto, a colonização do alto da Serra de São Thomé das Letras gerou uma pluralidade de versões. Todas tentam desvendar o mistério que encerra o povoamento de uma região de difícil acesso e a construção de uma igreja matriz tão ricamente adornada em um local que, segundo a história oficial, não contava com uma produção econômica que a justificasse tal fausto. Com exceção dos estudos “ocultos” dos membros da Sociedade Brasileira de Eubiose ainda não foram comparadas a tipologia predominante nas inscrições de São Thomé das Letras com as existentes em outros locais. Permanecem portanto, os vestígios existentes na tradição oral, que passaram a ser registrados pela a escrita desde o século passado, e a “história oculta”, que fornece uma explicação esotérica, sendo esta reservada aos membros da Sociedade Brasileira de Eubiose.

A versão construída segundo a documentação oficial deixa lacunas, que a “memória mítica” tenta sanar. Esta constitui um sistema simbólico coerente e autônomo, com uma lógica própria – a lógica da montagem do sistema colonial - que une, aparentemente sem conflitos, os elementos fundamentais ao processo colonizador. As versões ocultas, por sua vez, com exceção da explicação esotérica da Sociedade Brasileira de Eubiose⁷⁸, destinada somente aos que passam pelo processo de iniciação através dos graus, apontam pontos interessantes e possíveis, descortinando um amplo leque de possibilidades de pesquisas históricas referentes não só a São Thomé das Letras, mas ao Sul de Minas Gerais, e destes em relação a contextos maiores, já que neles se inserem.

Se temos em mente a *ciência*, os mistérios dos eubiotas constituem um tipo de conhecimento que pertence mais ao mundo de fantasia do que propriamente ao mundo de realidade. Entretanto, é uma versão que deve ser considerada, visto que já há quase

⁷⁸ A versão apresentada pela Sociedade Brasileira de Eubiose compõe um sistema mitológico maior, mas como já foi colocado, o acesso a ele é restrito, a não ser que se faça os graus, onde os conhecimentos ocultos são revelados, estando os iniciantes sob juramento de guardarem segredo sobre o que vão ali aprender. Ver *apêndice*.

50 anos a população de São Tomé das Letras convive com elementos da sociedade. Certamente essa convivência acabou por interferir na conformação da realidade atual: “São inegáveis os efeitos culturais recíprocos que as culturas se oferecem no decorrer dos contatos”⁷⁹. Sua presença em São Thomé das Letras foi a mola propulsora para a implantação do turismo esotérico no alto da serra, que se afirmou durante a década de 1980. A doutrina da Eubiose (certamente distorcida) foi amplamente empregada pela imprensa, por vezes com forte tom de sensacionalismo, propagando uma imagem já muito distante do misticismo tradicional.

As questões que geraram indagações nos primeiros estudiosos que lançaram vistas às inscrições feitas na gruta que existe ao lado da igreja matriz ainda resistem, apesar do tempo. Ainda não são conhecidos resultados de pesquisas e o pigmento não passou por testes químicos que poderiam datá-los, e, a partir daí, compará-los às tradições dos povos pré-históricos. Dessa maneira, o incrível e valioso patrimônio arqueológico que as várias inscrições de São Thomé das Letras representam estão em franco processo de destruição. Mineradores e turistas inescrupulosos ou desinformados não hesitam em depredar esse patrimônio, os primeiros por explodir as rochas que servem de suporte a tais inscrições, orientados exclusivamente por interesses econômicos (a mineração inviabiliza a pesquisa arqueológica); os segundos, arrancam pedaços ou fazem pichações sobre as inscrições. Muito já se perdeu, e o que resta não conta com uma política eficiente de preservação: tanto a paisagem natural quanto à cultural sucumbem ao poder econômico e a origem daquelas “letras” encerra-se nas fronteiras impostas pelas narrativas míticas sobre a origem local e em algumas hipóteses, carentes de comprovação.

Em 1985 foram iniciados trabalhos arqueológicos no município, mas se estes foram levados até o fim, os resultados não foram divulgados, pelo menos não chegaram até meu conhecimento. Os estudos tinham apoio do COMPHAST – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico do Município, hoje extinto. É de suma importância que se faça, no mínimo, um levantamento e um mapeamento dos sítios arqueológicos

⁷⁹ Edgard Ferreira Neto, “História e Etnia”. In: *Domínios da História*, org. por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1997.

que ainda restam no município, pois eles certamente tem algo a nos dizer sobre nossas origens, sobre a organização social e espacial das tribos, constituindo a memória de um tempo em que nossos antepassados ainda viviam de forma integrada à natureza. Essa iniciativa viria a sanar uma grande deficiência da historiografia brasileira que “*caracterizou-se por longo tempo, e ainda o faz em larga escala, pelo silêncio sobre os primeiros ocupantes das terras brasileiras. Excetuando-se alguns aspectos folclóricos, os indígenas são apresentados como ineptos ao trabalho, porque não aceitaram a escravidão (!), boçais e extremamente primitivos*”⁸⁰. Quinhentos anos depois de iniciada a dominação colonial no Brasil, predomina ainda, mesmo entre alguns estudiosos, uma visão *etnocêntrica* (e por que não dizer europocêntrica) que foi a marca registrada da expansão colonial.

As múltiplas versões sobre a origem de São Thomé das Letras ora apresentadas não pretendem esgotar o assunto. Pelo contrário, ao apresentá-las em sua pluralidade, pretendeu-se apontar o rico filão que o sul de Minas representa em relação aos estudos históricos, tanto em relação à cultura material, quanto em relação aos documentos escritos que guardam a história oficial (produzidos por instituições, em forma de fragmentos do vivido, registrados nos momentos de ordenação da vida quotidiana, quando iniciava-se o enquadramento de São Thomé das Letras em ordens maiores, social e principalmente jurídica⁸¹), e os documentos vivos, ou seja, os velhos mineiros, que guardam em seus modos de vida e em sua memória, nos “causos”, piadas e ditos populares elementos capazes de nos fazer compreender melhor a formação histórica e cultural que deu origem à realidade atual.

⁸⁰ Francisco Carlos Teixeira da Silva. “Conquista e Colonização da América Portuguesa”. In: *História Geral do Brasil*, por vários autores, Rio de Janeiro: Campus, 1990; cit. pg. 37.

⁸¹ Quanto aos documentos escritos deve ser citado o esforço da FUNREI no sentido de organizar e co-servar acervos documentais no sul de Minas Gerais, principalmente nos municípios de Campanha e Baependi. No primeiro o resultado foi a criação do Centro de Memória do Sul de Minas, inaugurado em maio de 2000 e no segundo o processo de salvaguarda de importante documentação está em suspenso. Depois da FUNREI ter ganho uma ação na justiça para a transferência dos documentos para São João del-Rei, onde este seria restaurado e alocado em um arquivo público, a comunidade interviu e paralisou o processo. Enquanto isso, o acervo do fórum deteriora-se em função das precárias condições de acondicionamento.

O arraial

Depois, o Barão de Alfenas veio pra cá, formou um arraiáizinho aqui, o arraial. No tempo dos escravos fez as casas todas de parede de pedra, por dentro é de pau-a-pique.

O local onde foi erguido o arraial pertencia à Fazenda Campo Alegre, de propriedade do imigrante português João Francisco da Junqueira, pai de Gabriel Francisco Junqueira, Barão de Alfenas, personagens que, como se viu através das narrativas transcritas, têm seus nomes estreitamente ligados à origem do povoamento. Ao que tudo indica, o primeiro iniciou a construção da Igreja Matriz e o segundo a terminou; em volta dela, originou-se o arraial.

Com a construção do arraial no alto da Serra das Letras, tem início a extração dos quartzitos, que foi a principal matéria prima utilizada. A escassez de terra no local, e a dificuldade de transporte do material necessário às construções, certamente foram fatores que fizeram com que os colonizadores encontrassem soluções construtivas próprias, criando no alto da serra uma arquitetura sólida e peculiar, que iria, quase dois séculos depois, despertar o interesse e o fascínio dos visitantes e determinar o seu tombamento como patrimônio cultural estadual ⁸².

A técnica construtiva ali desenvolvida foi fruto da adaptação do homem à paisagem natural onde se fixavam. Nesse processo, a própria paisagem natural impunha os limites; os colonizadores então, no intuito de ultrapassar esses limites, iniciaram um novo tipo de relacionamento com a natureza: no lugar de utilizar de maneira simples e direta os recursos que ela lhes oferecia, passaram a transformá-la intencionalmente,

⁸² O tombamento foi efetivado através da publicação no Minas Gerais – Diário do Executivo do Decreto n. 24.328, de 22 de março de 1985. Entretanto a publicação saiu errada: “Conjunto Arquitetônico da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em São Thomé das Letras para inscrição no Livro I, do Tombo Arqueológico, Etnográfico e paisagístico e no Livro II, do Tombo Histórico.

Deveria Ter sido tombado o acervo “Área do centro histórico conforme planta anexa com todo seu conjunto arquitetônico, urbanístico e arqueológico/ Matriz de São Thomé, com todo seu acervo e bens móveis e arte aplicada” e mais uma edificação isolada: “Capela de Nossa Senhora do Rosário”.

O centro histórico é compreendido pelo perímetro formado pelas ruas que fazem o entorno do largo da Igreja Matriz. A correção foi feita através de um novo decreto, publicado no Minas Gerais, seção Executivo, parte I, pg. 04 em 25 de abril de 1996, finalmente tombando o Conjunto Arquitetônico e o Centro Histórico de São Thomé das Letras e da Igreja matriz de São Thomé.

retirando dela a matéria prima necessária à construção de suas moradas, e de seus templos.

As pedras usadas para construir as primeiras edificações, segundo alguns habitantes, foram recortadas das *tocas*, como chamam as elevações das rochas no terreno, mais fáceis de extrair; transformavam assim, os precários abrigos naturais, que talvez tenham sido utilizadas pelos povos indígenas, em abrigos artificiais e permanentes, mais de acordo com o modo de vida das populações sedentárias.

No alto da Serra das Letras, a forma de construção típica das montanhas de Minas foi adaptada em função do material que a natureza disponibilizava, que ali era quase restrito às rochas: no lugar de ripas de madeira ou bambu e da terra utilizadas para fazer as paredes de pau a pique, ou então dos tijolos de adobe, as paredes foram construídas por lajes de quartzito, talhadas como lajotas: pedaços de rochas irregulares, de várias espessuras e tamanhos, arranjados, ou melhor, encaixados, por superposição, um a um, sem argamassa. O reboque com barro, quando era feito, privilegiava apenas as faces internas das paredes, para tampar as frestas que ficavam entre as pedras, impedindo assim, a passagem do vento, que ali é forte. As casas mais antigas, em sua maioria, ainda mantêm as paredes em alvenaria de pedra aparente.

A provisão concedida para a construção da primitiva capela, em 1770, inicia a história escrita de São Thomé das Letras. Quinze anos depois, ela foi substituída pela Igreja Matriz, ricamente adornada, que começou a ser construída em 1785.

*“Em 1824, a igreja foi visitada pelo Bispo D. Frei José da Santíssima Trindade, que a encontrou inteiramente pronta, inclusive os trabalhos ornamentais como a talha e a pintura dos forros, e equipada de imaginária e alfaias. A ornamentação interna da Matriz de São Thomé é extremamente rica e homogênea estilisticamente, e possui tratamento erudito, no estilo rococó. Suas pinturas foram realizadas pelo artista sanjoanense Joaquim José da Natividade, cujos trabalhos, ainda pouco conhecidos e estudados, são comparáveis às realizações do mestre Manoel da Costa Ataíde”*⁸³.

⁸³ IEPHA. Pasta 77 - São Thomé das Letras. Centro Histórico e Igreja Matriz de São Thomé. Processo de Avaliação para Tombamento, pg 4.

Contou um ex-morador, já idoso, a um escritor: “Você está vendo as paredes da igreja? Cada uma delas tem mais de meio metro de largura, e são todas de pedra. As pedras eram carregadas pelos escravos. Foi há mais de duzentos anos, quando os pretos trabalhavam em troca de comida, sem receber tostão, comiam com as mãos na gamela e sofriam o diabo com o chicote dos feitores”⁸⁴.

Também com as pedras foram feitos outros elementos da arquitetura, tais como pisos, portais, os muros que cercam os lotes e até mesmo peças do mobiliário e telhas. A madeira foi utilizada para a confecção de janelas e portas. As casas mais antigas, construídas em grandes lotes, tinham belos e amplos pomares, com árvores frutíferas, principalmente jabuticabeiras, nascendo nas pedras; hoje tais pomares já quase não existem mais dentro da cidade.

A igreja, o cemitério ao lado, a praça e o casario do entorno. Estava, dessa maneira caracterizada a malha tradicional dos primeiros núcleos com características urbanas de Minas Gerais.

“Urbanisticamente, a gruta e seu rochedo, e posteriormente a igreja, orientam o desenvolvimento do núcleo urbano, como também o fazem os demais rochedos que afloram na atual área urbana, condicionando o traçado das ruas e assentamento das edificações”, diz o parecer técnico do IEPHA.

Quanto ao cemitério, uma dificuldade se impunha: como enterrar os mortos, já que em São Thomé não existe terra, somente a rocha? A solução encontrada foi bem original: o cemitério de São Thomé é um cemitério suspenso, o morto não fica sob a superfície, mas sobre ela; fizeram um muro de pedras e aterraram, com terra que buscaram longe dali, para sepultar os mortos. Existem pessoas sepultadas também no adro da Igreja, e segundo alguns habitantes, em seu interior estão os corpos de João Francisco Junqueira, morto em 1819 e de seu filho Gabriel, o Barão de Alfenas, responsáveis por sua construção.

À frente da matriz e do cemitério existia uma área livre, onde, aos poucos construíram a praça. Fazem o entorno dessa área as casas...

⁸⁴ Fala do Sr. Francisco Ferreira, editada na obra *Caminhos de Minas*, de Sebastião Martins, em 1992.

O anônimo contou que *“parece que pra construir São Thomé, famílias faziam os quarteirões, faziam assim, tipo uma quadra, o que o povo chamava rancharia. As casas tinham ligações umas com as outras (...) passava de uma casa pra outra, da mesma família. Outra família fazia outra casa, outra família fazia outra, ... Mas isso não é estranho, outra cidade já tinha, isso seria uma forma de proteção. Na época havia muitos saques também. Durante a revolta liberal houve muito saque, inclusive na região aqui, TR6es Corações é destacamento, foram pra revolta... havia saques, então eles fechavam as portas pra proteção e comunicavam entre as portas internas, né. São curiosidades né, que não se explica. A gente tem muito pouco, a gente tem pouca explicação. É contado, sempre os ricos, os nobres fundaram o lugar, eu não acredito nisso, acho que os fundadores mesmo do lugar estão esquecidos. Os ricos tomam conta da história, né”*.

Além da matriz, que aglutinou ao redor de si as primeiras casas, um segundo templo *talvez* tenha tido sua construção iniciada nos primórdios do arraial. Não são conhecidos registros escritos sobre esse templo, que foi dedicado à Nossa Senhora do Rosário; de sua história, a memória e as imagens.

Algumas fotografias tiradas na década de 70, que compõe o acervo de Tadeu Neder, quando visualizadas suscitaram algumas suposições:

Pelo anônimo:

A igreja do Rosário, quando parou, quando foi ... ela parou, quando foi aquela outra igreja, né, houve uma paralisação das obras. Dizem que foi na época que foi proclamada o fim da escravatura.

Aí pararam as obras?

Pararam as obras. Ela tinha essa parte (foto 2)ai essa parte cai (foto3).

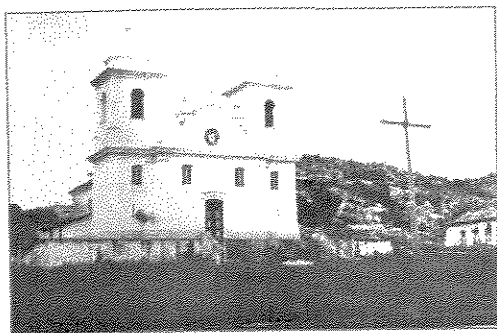
Isso aí era originalmente pra ser uma igreja?

Era pra ser uma igreja. Tem duas versões. Uma delas que seria uma igreja dos negros, a Igreja do Rosário. Outra versão é que ela é uma dissidência, uma briga de família, então eles iam construir outra igreja, porque a tal família não tinha lugar na igreja pra sentar. E a tal família que chegou, pela época a gente mais ou menos deduz qual seja, mas isso a gente não pode afirmar porque...

Para além das suposições, o Sr. Hilton, que desconhece o passado remoto, tem vivo na memória o mais recente: Essa igreja de pedra foi terminada agora, 84, 85. Ela só tinha as paredes, mais nada.

E ela começou a ser construída por quem?

Ah, não sei, foi gente daqui memo, que foi fazeno isso dai, aí desanimaro, largaro. Depois quando na gestão do Alaor Martins, foi prefeito aqui, que terminaram, puseram telhado, puseram porta...



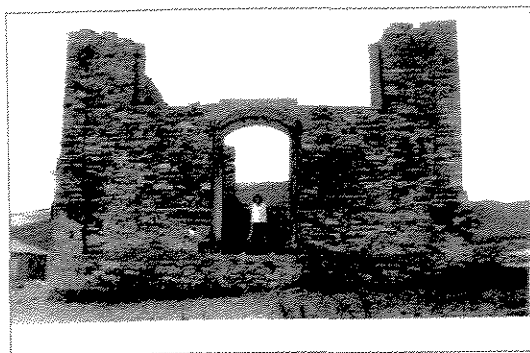
Acervo Tadeu Neder

1



Acervo Tadeu Neder

2



Acervo Tadeu Neder

3

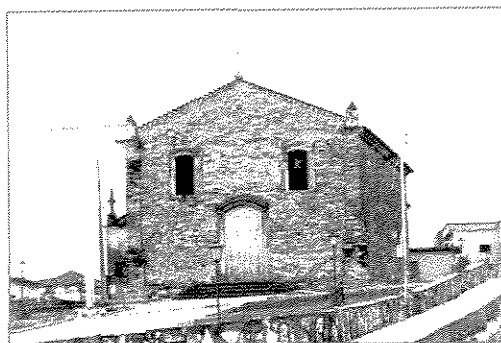


Foto André Alves

4

D. Alvina, vendo as mesmas fotos, revela uma outra versão

Bão, essa igreja, eu conheci ela, ela já tava feita, (aponta foto 1) mas daqui ... tinha um camarote lá dentro da igreja, tinha uma escada de subir pra assistir missa... Agora aquela igreja lá, de Nossa Senhora do Rosário, porque ela é de Nossa Senhora do Rosário.

Porque ela é dos escravos?

Não, porque ela apareceu lá, lá na igreja, numa toca que tinha lá. Aí arrancaram a toca, começaram a fazer a igreja de pedra, e depois parou, e depois acabou de fazer... é, agora, quantos anos faz isso gente?

Foi a mãe, meu pai contavam, que achou ela lá e fez a igreja, depois num acabou, depois que acabou (...) Foi o Barão que mandou fazer. Foi o Barão que mandou fazer, né.

Ela ficou um tempo sem terminar, né?

Ficou, porque acho que o Barão morreu, né, aí parou, depois eles pegou pra fazer.

Há uns vinte anos atrás, mais ou menos, é que foi terminada a obra.

Mas quando começaram? Foi junto com a outra?

Foi. Acabou a outra e começou aquela. Depois não sei o que houve, parou.

Mas pra que duas igrejas?

Ah, foi porque achou a Nossa Senhora do Rosário.

Ah, ali achou a imagem?

É.

Ah, essa história eu não sabia não.

De acordo com D. Alvina, São Thomé não foi o único santo a passar por aquelas tocas...

O século XIX

Sobre o século XIX, existem alguns registros escritos. Nesse século, no arraial, teve início a produção de documentos oficiais, com a inserção de São Thomé das Letras à administração imperial, transformando-se num distrito do Juiz de Paz. Além dessas fontes primárias, poucas referências publicadas nos almanaques, que descreviam povoações. Na memória, a principal referência é a participação de Gabriel Francisco Junqueira, herdeiro da aristocracia rural, na política imperial.

O Barão era político, ele ficava na corte, vivia mais na corte, depois é que ele brigou com o governo, eles planejaram uma revolução aqui .

A Fazenda Campo Alegre, à época da morte do “Patriarca”, em 1819, já havia sido dividida em fazendas menores. O Gabriel Barão, ele herdou o Campo Limpo, só, as outras, Traituba, Favacho, Bela Cruz, Fazenda dos Jardins, ficou pros irmãos dele. Essas foram os irmãos é que ficaram lá.

Gabriel continuou com as atividade agropastoris iniciadas por seu pai. Criava gado holandês e incrementou a tropa de cavalos para montaria “tirando” a raça mangalarga. Conta um dos descendentes da família Junqueira: O mangalarga foi criado pelo Gabriel, pelo Barão. Ele pegou as éguas comum que eles tinham aí nas fazendas e cruzou com os cavalos da cutelaria do Império, né? (...) eles eram cavalos vindos de Portugal. Cavalos vindos daquela região de Espanha, de Portugal, por ali. Eram esses cavalos que tinham lá, tem mais raças aí nesse meio, mas a maioria deles é andaluz. Dessa cruzada foi aperfeiçoando até sair o mangalarga marchador, o marchador. Porque o mangalarga que eles chamam mangalarga só, outros chamam mangalarga paulista, isso foi originário lá de São Paulo já, isso foi uma quimica feita pelo José Osvaldo Junqueira, lá de São José do Rio Pardo, paulista. Agora o mangalarga marchador, que existe até hoje, esse foi criado pelo Barão, pelo Gabriel (...) Era pra tirar cavalo de sela, né, cavalo de andamento macio, porque não tinha condução, a locomoção era toda feita a cavalo, então pra ter uma tropa de andamento macio, conforto, é que eles fizeram esse cruzamento, é a mesma coisa hoje de deixar de andar de caminhão pra andar de carro no asfalto (...) ah, eles cruzaram isso aí muitos anos, muitos anos até chegar no mangalarga

Porque hoje já tá muito misturado, não é mais ... O mangalarga que tinha aqui antigamente era totalmente diferente, não é esse cavalo que tem aqui hoje não. Ele era assim, era cavalo maior, de andamento mais macio, era marcha batida que eles falavam. Hoje tem marcha truncada, tem um monte de coisas aí.

Além de fazendeiro, Gabriel Francisco Junqueira foi personagem atuante na política imperial. Representava o poder oligárquico, que então já estava consolidado no sul de Minas Gerais. Passou para a história como representante das idéias liberais. Em 1831, foi eleito Deputado para a Assembléia Constituinte, derrotando o candidato Silva Maia, apoiado pelo Imperador. Sua eleição representou a reação dos fazendeiros mineiros ante a política centralizadora e autoritária adotada por D. Pedro I.

Em 1833, Gabriel se afastou temporariamente da cena política. Aconteceu uma tragédia com sua família. Nesse ano, uma rebelião de escravos dizimou um filho seu e toda a família de um de seus irmãos, dono da Fazenda Bela Cruz. O movimento ficou conhecido como “Levante da Bela Cruz”. *“Há quem levante a suposição de que, por motivos outros, de ordem talvez política, talvez por inveja do bom nome e prestígio de Gabriel Francisco e de sua família em geral, tenham sido instigados os pobres e ingênuos escravos a tamanho ato de violência”*⁸⁵.

A revolta iniciou-se em 13 de maio daquele ano, na fazenda Campo Alegre, que Gabriel Francisco herdara de seu pai. Naquele dia, o político encontrava-se na corte, e estava à frente da fazenda um filho dele, também chamado Gabriel, que foi assassinado. O restante da família conseguiu fugir, e os negros seguiram para a fazenda Bela Cruz, onde aconteceu a chacina. Dali foram até a Fazenda do Jardim, onde o movimento foi debelado.

Os negros foram presos e julgados, os líderes foram enforcados, com exceção de Ventura Mina, morto no ato da prisão, ainda na Fazenda do Jardim.

Registrou o Cônego José Antonio Marinho: *“e a família Junqueira foi quase toda massacrada pelos escravos que em uma das fazendas não deixarão vivo nenhum menino de peito; e existem nos cartórios da cidade de São João del Rei provas irrefragáveis, e*

⁸⁵ Ana Helena Botelho Chaves, pg. 225.

*os desembargadores Manoel Machado Nunes e Gabriel Mendes dos Santos são testemunhas irrecusáveis de que essa catastrophe fôra promovida pelos facciosos de 1833, que foram os legalistas de 1842”*⁸⁶.

Os facciosos a que se refere o Padre Marinho são os que em 1833 participaram de uma sedição militar, que não logrou êxito visando a restauração. Nessa época D. Pedro I já havia abdicado e voltado para o Reino. Os negros revoltosos teriam sido armados no intuito de vingança, por Gabriel ter vencido o candidato do Imperador.

No texto *Pedreira das Almas*, acerca da Revolução Liberal de 1842, também aparece a mesma versão do levante dos escravos apontada pelo Padre Marinho. Entretanto, não devemos considerar aqueles negros como simples fantoches nas mãos dos brancos. Foram eles os personagens principais dessa tragédia, foram os atores mais atuantes e por isso, podemos entender este movimento enquanto um momento de resistência da cultura negra contra a opressão que sofriam por parte dos seus senhores brancos. A esse respeito, lembremo-nos da fala de D. Alvina, cujo pai foi escravo, guarda amarga lembrança: Agora esse homi aqui foi ruim pros povo dele ..., comenta visualizando o retrato do Barão.

Alguns anos antes de receber o título de Barão das mãos do Imperador, Gabriel Francisco representou uma afronta ao poder imperial, mais uma vez, por ocasião da Revolução Liberal.

Em 1842, D. Pedro II dissolveu a Câmara dos Deputados “*sob a alegação de irregularidades nas eleições de 1840, feitas sob o ministério liberal e que levaram a uma Câmara com folgada maioria. Devia reunir-se em maio e foi dissolvida antes do começo das sessões regulares. A situação conservadora também não será longa – pouco menos de três anos. De 1844 a 1848 decorre o predomínio liberal, substituído pelos conservadores, na dança normal. A dissolução de 1842 surpreendeu e provocou protestos armados dos depostos. Contra ela, bem como contra as leis regressitas, levantaram-se as províncias de São Paulo e Minas Gerais no episódio conhecido como*

⁸⁶ Baependi, José Alberto Pelúcio, pg. 156. O autor registrou a memória oral de um descendente da família Junqueira. Transcrito como no original.

*Revolução Liberal de 1842. Houve luta armada violenta, requerendo providências do governo central. Este conseguiu vitórias em São Paulo, que logo abafaram o movimento, mais demorado em Minas, mas também subjugados na batalha de Santa Luzia. O episódio foi alimentado mais por interesses contrariados que pela defesa de princípios, mas contribuiu para amargar os ânimos liberais e valeu como prenúncio de constante disputa política”*⁸⁷.

Em Minas Gerais, os que faziam oposição ao governo colocaram como Presidente Interino da Província o Sr. José Feliciano da Veiga. Tinham o intuito de “*livrar o regime da coação da oligarquia dominante, a qual atraía, em seu interesse, o país e o trono, ficando destruída a Constituição do Estado. Jurava-se, porém, sustentação ao trono, à custa das próprias vidas*”⁸⁸. Em apoio ao Sr. José Feliciano, juntaram-se em São Thomé das Letras novecentos homens, liderados por Gabriel. De São Thomé, a “Coluna Junqueira”, como se chamou o grande grupo, partiu para Baependi, onde travaram luta armada. Os governistas, em número superior, foram vitoriosos. A Coluna se dissolveu, Gabriel foi preso e enviado para à corte, onde foi julgado e absolvido.

Seis anos depois, D. Pedro II concedeu à Gabriel Francisco Junqueira o título de Barão, como é chamado até os dias de hoje pelos habitantes de São Thomé das Letras. O Barão morreu em 1869 e, como seu pai, foi sepultado na Igreja Matriz de São Thomé das Letras⁸⁹.

A presença de Gabriel é forte: a Igreja Matriz é o seu “*lugar de memória*”, abrigando, além do seu corpo, um retrato de grandes dimensões, pintado pelas mãos de Nicolau Facchinetti, pintor italiano que chegou ao Brasil em 1849. Isso faz com que sua memória seja ali cultuada, principalmente como senhor e benfeitor⁹⁰.

⁸⁷ Francisco Iglésias. *Trajeto Político do Brasil: 1500-1964*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993; cit. p. 162.

⁸⁸ Pelúcio, cit. p. 120.

⁸⁹ Pasta 77 – Iepha, p. 8 e 9.

⁹⁰ Donato Mello Júnior. Facchinetti. Art Editora Ltda/Ed. Record. São Paulo e Rio de Janeiro, 1982: O italiano pintava retratos e paisagens, gêneros que prosperavam no Império, desde 1816, quando chega ao Brasil a Missão Francesa. Facchinetti se esmerou nos detalhes, luzes e coloridos das paisagens. De São Thomé das Letras deixou quatro obras, sendo três delas paisagens e um retrato do Barão de Alfenas, para o qual certamente tomou por base uma fotografia, já que o Barão já havia falecido à época da pintura. Das

Para além da história construída na esfera política, uma outra tecia-se cotidianamente no arraial, que no último quartel do século XIX havia perdido pessoas influentes politicamente, abrigando uma população pobre e sem influência política. Essa vivência deixou vestígios de várias naturezas: materiais, em edificações e utensílios; escritos, produzidos por alguns poucos visitantes e também no próprio arraial, que passou a produzir documentos a partir de sua incorporação no sistema administrativo do Império, com a criação da paróquia e do distrito do juiz de paz ⁹¹; e orais, que chegaram até os dias de hoje na memória das pessoas, relacionada com o vivido na época de seus pais e avós, em “causos” que deles ouviam contar, ou tradições, que aprenderam e ainda repetem.

Do início do povoamento até o ano de 1837, foram construídas no arraial 75 moradas, que abrigavam uma população de 373 pessoas ⁹². Até o ano de 1884, mais 53 casas foram construídas, perfazendo um total de 128, sendo 6 sobrados. Todas as construções seguiram, nesse século, o estilo inaugurado à época do povoamento, utilizando as rochas como matéria prima básica.

Eram residências rústicas, que não contavam com água encanada, ou instalações sanitárias, a população servia-se “*da agua existente em dous poços, que são encontrados à pequena distância, e conhecidos pelos nomes de Querer bem e Cauinana*”⁹³. Além desses poços, serviam-se da água limpa, que descia das pedras,

obras de Facchinetti apenas o retrato do Barão de Alfenas está em São Tomé das Letras, na sacristia da Igreja Matriz. As paisagens são: 1) São Tomé das Letras, 1876, óleo sobre tela, 0,41X0,71 - Coleção Edmon El Mikui (SP); 2) São Tomé das Letras (MG), s/d, óleo sobre madeira, 0,52X0,92 - Museu Nacional de Belas Artes (RJ); 3) São Tomé das Letras entre Baependi e Campanha (MG), 1876, óleo sobre madeira, 0,29X0,70 - Cultura Inglesa (RJ). O núcleo urbano, que compõe o centro de um dos quadros ultrapassava a área que fazia o entorno imediato da Igreja Matriz, apresentando densa arborização e os traçados das ruas, ditados pelos afloramentos das rochas, formavam quarteirões.

“*Local de Memória*”. Cf. conceito em Pierre Nora, 1993.

⁹¹ Em 1856 já existia em São Tomé das Letras quem assumisse a função de Juiz de Paz. O distrito era dividido por quarteirões, e cada um deles contava com a figura de um inspetor. É desse ano o livro “Termos de Bem Viver de Sam Thomé das Letras”, que junto a outros cinco livros compõe o acervo relativo ao século XIX do Cartório de Paz e Tabelionato de São Tomé das Letras, ainda sob a responsabilidade da família do primeiro “sub-delegado suplente”.

⁹² Cunha Matos. *Corografia Histórica da Provincia de Minas Gerais*, 1837. Belo Horizonte, Publicações do Arquivo Público Mineiro, 1979. Cit. pg. 92. Apresenta contagem da população de várias localidades, entre elas, São Thomé das Letras: no “dito” de São Tomé das Letras foram contados “75 fogos e 375 almas”.

⁹³ Bernardo Saturnino da Veiga. *Almanak Sul Mineiro para o ano de 1884*, p. 537. Transcrito como no original.

cortando o arraial em vários locais, formando piscinas nas depressões dos terrenos, onde as mulheres lavavam as roupas⁹⁴.

Das casas primitivas, ainda existem algumas, aponta o Sr. Saul:

É do tempo dos escravos, uma colada na outra, não tem a casa ali, um correr de casas colada uma na outra ali na esquina de cima ali?

Tem, ainda tem.

Pois é, daquele jeito ali. Onde é a prefeitura, e aquele outro sobrado lá, do Doca, que tem um bar, era tudo emendado, as casas todas de parede de pedra da outra ... Que separou as casas deve fazer uns 26 anos, 28 anos mais ou menos.

E porque que começou a separar, o senhor sabe?

Foi separando porque era do povo da roça, aí foi caindo, aí foi vendendo pra outros, aí foi construindo de novo.

Antes de caírem, ou serem derrubadas para dar lugar a novas construções, as casas que pertenciam aos fazendeiros da região somente eram utilizadas em épocas de festas. As outras pertenciam a uma população composta principalmente por pessoas pobres e sem prestígio político, que empregavam sua força de trabalho principalmente nas lavouras da região e em um pequeno comércio de gêneros de primeira necessidade, que subiam a serra nos lombos de burros.

Os gêneros comercializados no arraial eram carne de vaca, carneiros e frangos, ovos, leite, sal e açúcar. Além dos alimentos, comercializavam lenha, pedras e cal, oriundo de Lavras. Eram vendidas madeiras de lei, principalmente tábuas de pinho, cedro e óleo e existiam também casas de aluguel, pagos mensalmente⁹⁵.

A região à esta época já desenvolvia considerável atividade agropastoril. Existiam alguns grandes fazendeiros nas redondezas, responsáveis pela criação de porcos e gado, comercializados em outras localidades. No ano de 1884, das culturas existentes, da cana de açúcar era a mais proeminente. Plantavam também fumo e cereais e, a partir de 1833 o café passou a ser introduzido nas lavouras do sul de Minas,

⁹⁴ Depoimento de Colibri.

⁹⁵ Bernardo Saturnino da Veiga. *Almanak Sul Mineiro para o ano de 1884*, p. 538.

inclusive naquelas próximas a São Thomé das Letras, que tinha em 1884, mais de 80 mil pés ⁹⁶.

Além de lavradores, habitavam o alto da serra alguns carpinteiros, pedreiros e certamente pessoas que já se ocupavam da extração dos quartzitos, pois, de acordo com a notícia que nos deixou o *Almanak Sul Mineiro*, elas já eram no século XIX: “A riqueza especial da freguesia consiste nas afamadas pedras de seu nome, que são muito procuradas, e empregadas nos passeios de algumas de nossas povoações, especialmente nos da cidade de Campanha. As pedras podem ser tiradas de grossura e comprimento diferentes, até de muitos metros. Toda a povoação é edificada sobre essas pedras, que são variadas nos desenhos e muito bonitas, havendo completamente brancas e outras com ramagens amarellas, pretas e rôxas. Estes signaes, desenhos ou ramagens não se alterão com a acção do tempo: - tirada a primeira camada, continuão perfeitamente uniformes nas camadas interiores. Em um ponto os desenhos semelham um perfeito leão, em outros signaes de pés humanos descalços. Cada pedra de um metro quadrado custa 400 réis, e a quantidade é prodigiosa. O preço é proporcional ao tamanho da pedra”⁹⁷. As pedras de São Thomé, nessa época, já estavam descendo a serra.

Antes desta, uma outra referência, mais antiga, relativa a usos domésticos das rochas: “As pedras elásticas, ou quartzo flexível, que se tiram desta serra servem para fundo de tachos ou de fornos para torrar farinha de mandioca”⁹⁸.

O Sr. Saul ainda se lembra.

Isso aí deve ter acabado. Não era um forno não, fazia um fogão e tirava uma pedra de um metro e dez. um metro e vinte de comprimento, por um metro de largura e arrumava um fogão de lenha, punha ela por cima e punha fogo. ali o milho era socado no pilão, punha de molho e depois socava no pilão do monjolo tocado à água, passava na peneira pra torrar farinha, que eles falavam “farinha do monjolo”.

⁹⁶ Idem pg. 536.

Sobre a cultura do café: foi introduzido na região em 1933, de acordo com informações constantes no *Dossiê para futuro tombamento da sede da Terceira Divisão da Rede Ferroviária Federal S/A, Três Corações – MG*. Acervo da Casa de Cultura de Três Corações.

⁹⁷ Idem, pg. 537.

⁹⁸ Cunha Matos. *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*, 1837, cit. pg. 208. Transcrito como no original.

É que nem a farinha de milho hoje, essa bejú?

É hoje a farinha de milho, eles falavam "farinha de monjolo". Era socar o milho, primeiro punha o milho de molho, depois socava, coava na peneira pra torrar a farinha.

O Distrito do Juiz de Paz

Com o número de moradas contadas em 1837, São Tomé das Letras atendia a condição necessária para a criação ali, de distrito de juiz de paz, mas os primeiros registros deixados por um subdelegado, que atuava naquela função, datam de 1856. Estes documentos estão na cidade, no Cartório de Paz e Tabelionato. Em 1833 declarava o Ministério da Justiça que *"não é mister, para ser criado distrito de juiz de paz, que seja freguesia nem capela curada, bastando que o lugar contenha 75 fogos"*⁹⁹.

A atuação do pároco e do juiz de paz representavam a primeira tentativa legal de normatização da vida no arraial.

O distrito foi dividido por quarteirões, cada um deles contando com a figura de um inspetor, que recebia as denúncias ou reclamações da população. Era lavrada então uma ocorrência que era remetida ao juiz de paz, que eram, então, apregoadas pelo porteiro do juízo ou, na falta deste, pelo escrivão, intimando o comparecimento ali, perante o juiz de paz, os réus, reclamantes e testemunhas.

Os registros de ocorrências e sessões públicas, de acordo com as datas dos documentos eram esporádicos, nunca ultrapassando o número de três num mesmo ano, e alguns anos se passaram sem que nenhuma ocorrência fosse registrada. Os assuntos tratados nas audiências públicas eram variados: divisão de terras, ou da revisão de divisões feitas anteriormente; cobrança de dívidas por trabalhos prestados e não recebidos ou por compras feitas nos negócios locais e não pagas; uma por roubo; muitas por causa de cercas e porteiras ou pela invasão de plantações por animais do vizinho, gerando prejuízos; brigas no espaço público, inclusive com tiros, facadas e porretadas; querelas entre vizinhos, embriaguês e perturbação do sossego público, principalmente

⁹⁹ Joaquim Ribeiro Costa. *Toponímia de Minas Gerais*. Belo Horizonte. BDMG Cultural, 1997. P. 27 cita *Leis e Decisões do Império-1833*, p. 90.

por mulheres, que recebiam homens em suas casas, entre eles escravos. Em um dos termos, datado em 1880, foram acusados um homem e sua filha, por embriaguês e “*ajuntamento de escravos*” com filhos de família, perturbando o sossego público. Esta não foi a única ocorrência envolvendo escravos e pessoas livres, entre elas, outra datada de 1874 onde uma mulher foi acusada de seduzir escravos¹⁰⁰. No ano seguinte, um curioso relato:

Um homem foi intimado à comparecer para apresentar a defesa em favor de sua mulher (era o ano de 1860). Acusavam-na de “*perturbadora da paz e sucego de famílias e consentir ajuntamento de escravos em sua casa, e isto por viver ausente do reo marido*”.

Uma testemunha, quando inquirida, “*respondeo que estando elle testemunha morando em um quarto a mesma casa onde existia a mesma accusada, e esta consentir a escrava de nome Barbosa pouzar e, sua casa com um italiano, em alta noite ouviu o italiano dizendo que estava roubado em trezentos mil reis, onde a dita accusada levantando-se, ficou brava a dita Barbosa, que desse conta do dinheiro do homem, e que se não dessem conta, quando amanhecesse o dia, elle hia com a Autoridade, ahi a accusada começou a procurar o dinheiro, e forão achando em diversos lugares, isto por causa do grande barulho que resultou*”.

O marido... “*foi por elle dito que nada tinha a apresentar, por reconhecer tudo verdadeiro, e que por causa do máo comportamento de sua mulher, não podiam viver juntos*”¹⁰¹.

Por esse exemplo de ocorrência pode-se inferir que ali, no alto da serra, além (ou aquém) da história política, uma outra tecia a densa malha que forma os cotidianos. Ali no alto da serra, ao que tudo indica, a convivência entre brancos e escravos, era bem

¹⁰⁰ “*Termos de Bem-Viver de Sam Thomé das Letras*”: f. 13v e 14: No dia 17/05/1874, Thomázia Paulina de Nazareth é acusada pelo Capitão Joaquim Alves Ferreira Pinto de ser sedutora de escravos e de cometer atos que ofendem ao público; f. 15 e 15v: em 16/01/1886, Anna Luciana e Francisca de Paula são acusadas de serem acantadoras de escravos. Transcrito como no original.

¹⁰¹ Idem, fls. 8v-9, datadas em 24 – 05 – 1875.

estreita. Os escravos transitavam com certa liberdade, pois por vezes embriagavam-se pelas ruas e envolviam-se em querelas com pessoas livres.

Os Caminhos

A Ferrovia

Em 1884, o distrito passou a ser servido pelo transporte ferroviário, facilitando o transito de mercadorias e de pessoas. A Estação São Thomé, a 843 metros de altitude, localiza-se a 18 quilômetros do alto da serra, entre as estações de Contendas e Cota, no município de Três Corações¹⁰². Daí em diante passou a ser sede de baldeações de gêneros alimentícios, sal, querosene e demais coisas. As mercadorias destinadas a São Tomé das Letras saíam da estação em lombos de burros ou em carros de bois, que as pessoas mais velhas chamam de *cargueiros*, atravessando o Rio Verde por uma ponte de madeira e seguindo uma estreita estrada até o alto da serra. A estação compunha o trajeto da *Estrada de Ferro Minas & Rio*, que ligava a Vila de Três Corações à cidade de Cruzeiro, inaugurado nesse mesmo ano pelo imperador D. Pedro II¹⁰³.

A estação de trem é ainda bem viva na memória dos habitantes mais velhos, pois até sua desativação, já no século XX, era o meio de transporte que ligava São Thomé das Letras às localidades mais distantes, levando até o pé da serra os artigos consumidos pela população de São Thomé das Letras.

A comunicação era por terra, não tinha nada, não tinha estrada, só estrada de boi, de carro de boi e cavaleiro, só... pra ir pra Estação São Thomé, era estrada de carro de boi, e lombo de burro. Pra ir pra Aparecida do Norte. Nessa época, iam até Cruzeiro, onde faziam uma “baldeação”, pegando o trem que corria pela da Ferrovia do Aço.

¹⁰² Conferir os trilhos de trem no mapa da pág. 199, desta dissertação. A Estação São Thomé ficava entre Três Corações e Conceição do Rio Verde.

¹⁰³ *Dossiê para futuro tombamento da sede da Terceira Divisão da Rede Ferroviária Federal S/A*, s.n.t. Acervo da Casa da Cultura de Três Corações/MG.

Quando falava sobre a extração de pedras, o Sr. Hilton - que não sabia quando ela havia começado – faz uma importante ressalva: relaciona mineração, quando ela era ainda incipiente, aos meios de transporte: a carência destes seria uma barreira ao sucesso da atividade. Nessa associação, revela a abertura dos caminhos até São Thomé... e de como era a vida então...

Uh, não lembro. Eles tiravam umas pedras esporádicas aqui, ali, mas não tinha, aqui não tinha trânsito, não tinha movimento, não tinha caminhão, não tinha estrada.

Como eram as estradas aqui nessa época?

Não existia, aqui não existia estrada nenhuma. Como é que se diz... em 48, abriram essa pra Baependi no enxadão, foi mais ou menos nessa época. Depois foi aberta dos Mafra pra cá essa pra Três Corações. Então não tinha, até essa época aqui não tinha ligação aqui não. Nenhuma, nenhuma, nenhuma, no tempo que eu era criança só vinha aqui à cavalo...

Só à cavalo? Ou carro de boi?

Ou carro e boi. Não vinha aqui com nada não. A única estrada que tinha aqui saía de Três Corações e vinha na Fazenda do Seu Sebastião, que é onde morava meu pai. Pra cá não tinha nada, nada nada.

E como que era a vida aqui quando não tinha acesso?

Era pouca gente né, gente só do local. Morava muito pouca gente aqui, aqui dentro pouca gente, trabalhavam aí pra baixo, fora.

E eles viviam do que?

Lavoura, só lavoura. Isso aí é o seguinte, era o inverso de hoje. Hoje eles vem pras pedreiras, antigamente eles iam pras fazendas, pra trabalhar.

É, hoje eles saem das fazendas e vem pra cá.

Saem das fazendas e vem pras pedreiras, é totalmente inverso do que acontecia antigamente. Por exemplo aqui dentro de São Thomé mesmo eu conheci muita gente que trabalhava lá com meu pai. A mãe do Tomé Bicota, panhava café lá, Sebastião Germano, conhecido como Sebastião Goiabeira, avô daquela Sã Rosa que trabaia na prefeitura, e tantos outros aí, um monte que mora aqui morava lá. Zé Benedito, que é

motorista de caminhão aí. Então era o inverso, em vez de morar lá e vim pra cá, morava aqui e ia pra lá. Então tinha pouca gente aqui no local. Na sede mesmo aqui tinha pouco.

Então eles viviam só de lavoura?

Só de lavoura... e um comerciozinho pequeno aqui, né?

Quase não devia ter dinheiro aqui, circulando...

Não, não tinha não, não tinha nada. E outra coisa, por isso é que surgiu essa Festa de Agosto aqui. A origem dessa festa era o fim das paina, das colheita, então o sujeito vinha aqui pra fazer as compras.

O povo da roça?

É. Os comerciantes aqui iam lá na Estação São Thomé trazendo essas coisas pra cá, pegava lá no cargueiro pra cá. Era onde eles vinham pegar as coisas aqui.

Que é quando tinham o dinheiro.

Que é quando tinha os cobre, os troco, da moda do Ratinho, o cascaio (ri).

Mas aí, essa festa saía a procissão com São Thomé?

Saía, saía. Era uma procissão pequena, né, em vorta só da praça ali, porque não tinha mais nada, não tinha rua, não tinha nada, era só aquele centro ali em vorta da igreja.

O senhor lembra quando que parou de ter a procissão aqui?

Ah, não lembro não, porque depois de 49, depois que o meu pai vendeu a fazenda em 49, eu passei muito tempo sem vim aqui. Depois andei vindo umas vezes aqui quando o Hildo foi prefeito aqui, o Hildo Vilela. Depois é que voltei pra cá com o Alaor Martins, que eu vim mexer com essas estradas aí, em 83. Então tive muito tempo sem vim pra cá.

E quando o senhor voltou já não tinha mais a procissão.

Já não tinha mais a procissão.

O senhor lembra o que eles traziam antigamente pra vender aqui, nessa origem da festa?

Ah, era tecido, desses mascate que andava por aí, era tecido, chinelo, era essas coisas, nem botina o povo não calçava, não tinha, era difícil.

Coisas de casa assim?

Não, é, essas coisas assim mesmo, do tipo dessas barraca aí vendia aí. Vendia mais era tecido, era roupa de cama, esses negócio aí, que o povo mais comprava, essas coisas baratas de antigamente, o que panela, panela de ferro, panela de pedra, era por aí.

E o senhor sabe quando, aí, a época aproximada que começou a ter essa festa?

Festa de Agosto?

É.

Ah não, isso aí é datado do início do troço aqui, isso aí é de mil, mil oitocentos e pouco, mil setecentos e pouco...

Falar dos *caminhos* levou o Sr. Hilton a falar das *festas*. Sobre elas, os habitantes mais antigos, tinham muito o que contar. Elas movimentam o arraial, que viveu as primeiras décadas do século XX como se ainda estivesse no XIX, tal era a carência material das pessoas que viviam no alto da Serra, quase que isoladas do mundo.

As festas

O Senhor Saul, falando de seu trabalho e de sua vida...

A extração de pedras faz 57 anos. Eu fui um dos primeiros que trabalhei e um dos derradeiros que existe.

O senhor Foi um dos primeiros que trabalhou?

Fui, um dos primeiros.

O senhor trabalhava por conta própria, ou trabalhava pros outros?

Não, trabalhava de empregado. Eu tenho a carteira do tempo de Getúlio Vargas, ainda peguei aqui, tá aqui guardada: é diferente dessa de hoje. Depois disso eu trabalhei muito na enxada, de novo, pois voltei, lá perto da Estação ST, trabalhei numa pedreira lá, casei, fiquei lá onze ano, vim embora, comprei essa casinha, criei os cinco filhos e a mulher, casou quatro e a solteira mora contigo, e a cidade aqui era muito atrasada, água muito pouca água que vinha pra cá, vinha lá da serra, que eles tratam de Mato Monjolo. Dia de festa tinha um cargueirinho que puxava água pra vender.

Ah é! Quem puxava?

Era o Luis Amálio, tratava de Luis Amálio, era um vizinho meu aqui.

E puxava água que jeito?

Num cargueiro.

Caminhão?

Não, num cavalo. Punha duas latas dessa de carregar leite e trazia água pra vender pro povo. Ele trazia do José Nunes.

E o povo comprava água dele?

Comprava, pagava 5 merréis o cargueiro de água, dia de festa, porque aqui tinha muita gente, as casas era tudo do povo de fora, aqui tinha muito proprietário era mais o povo da roça. Eu mesmo morei nas casas aí, não pagava nada, só pra tomar conta.

(...)

Ah, a festa de primeiro era boa. Era animada, tinha banda de música, foguete, castelo.

Castelo? que que é isso?

Você não sabe o que que é não, né? Castelo, sabe o que que é? mesma coisa de foguete, mas era animado, era aquele foguete de cor.

Ah, de cor, esse que é o castelo?

Não era esse foguete de hoje, de segurar na mão, era foguete de rabo, já ouviu falar em foguete de rabo?

Não.

Era um canudo de taquara com as bomba, e amarrava o foguete, punha aquele rabo, punha fogo e ele ia estourar lá no ar. Soltava de toda cor.

O bambu?

Não, só o canudinho cheio de pólvora.

A taquarinha?

A taquarinha.

Cheia de pólvora? Aí punha fogo e ela subia?

E as bomba em cima, elas estourava.

Quem que trazia isso pra cá?

Era o procurador da festa, João Batista Neves.

Esse era o procurador?

Quincas Bernardes, Joaquim Cândido ...

Eram os festeiros? Cada ano era um festeiro?

Festeiro era quem dava o dinheiro pra fazer a festa. era o procurador, pegava o dinheiro, depois chegava no fim da festa, pra acertar as contas pagar a banda de música e a despesa da festa

A banda vinha de onde?

Tinha aquele J. Ferreira, bisavô ali do Kleber.

O Kleber do cartório? Era do bisavô dele?

Era do avô do pai do Kleber.

Naquela época o arraial era muito atrasado demais. Na época de festa, o povo vinha festejar trazia os cargueiro de trem, carro de boi...

Essa que tem ainda?

É. Tinha 3 dias de festa, procissão, banda de música, leilão, de gado, de prenda.

Vinha gente das roças tudo? 3 dias, mas contava 4, 5, porque o povo ficava parado aí quase que a semana inteira. Era animado, tinha banda de música () água eles carregavam da mina, lá da Biquinha, que eles tratam. E tinha o Querer bem aqui no posto de saúde. Punha no carro de boi, os trem de cozinha, cama, cargueiro, outros trazia o colchão de palha nas costas, não havia colchão de espuma não.

Tinha essas barraquinhas aí, ou não?

Tinha quitanda. Essas barracas de vender as coisas não tinha não

Como que eles montavam essas barraquinhas?

É, fincava um pau por cima, aí montava a barraca.

E não tinha cobertura?

Tinha, de tira de bambu, abria plástico

Aí ficava os carros de boi todos parados ali em cima?

Tirava, voltava pra fazenda. Deixava os carros aqui e levava os bois, cangados pra fazenda

E depois?

Depois subia com os bois pra pegar a carga.

E que tipo de doces que fazia aí pra festa?

Doce de cidra, doce de laranja, arroz doce e queijo

E as quitandas?

Era broa, pão de queijo, biscoito doce, cafezinho, bolo, uma pinguinha boa.

Nas festas aconteciam, com a aprovação da igreja, as missas, leilões, alvoradas, ladainhas, procissões, etc. Os bailes eram vistos pelos religiosos com reserva, mas os jogos tinham sua total desaprovação.

O jogo sempre mereceu atenção por parte dos religiosos:

*“Nos dias 29, 30 e 31 de Agosto de 1931 foi feita com gande pompa e brilho as festas de costume de S. Thomé, S. Sebastião e Coração de Jesus e Divino Espirito Santo. Houve a maior boa ordem possivel e contentamento de todos (...) Graças a Deus não houve nenhum jogo.”*¹⁰⁴

Alguns anos depois, em 1937, entretanto,

“Muito lamentamos, entretanto a ignorância formidavel que existe a respeito da S. Religião, o que se manifesta então sobretudo na falta de respeito dentro da Egreja”
(...)

*“Ao chegarmos aqui encontramos diversos bancas de jogos de azar. Muito lamentamos isto, que ainda exista autoridade civil sem consciencia que favorece estes ladrões dos pobres roceiros – que aqui vêm para levar a desgraça e a perdição a muitas famílias. Os donos das bancas de jogos foram mandados embora do arraial”*¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Thomé das Letras, cit. pg. 29. Transcrito como no original.

¹⁰⁵ Idem, pg. 37.

Nas festas, inclusive na Festa de Agosto, havia procissão, tradição que vigorou até seguramente a década de 1980, quando o turismo já imprimia à vida local, algumas mudanças significativas. Na década seguinte, algumas tradições já estavam definitivamente transformadas:

No “*encerramento da Semana Santa. A partir da 5ª Feira Santa as atividades externas foram muito prejudicadas pelo excesso de turistas e falta de conhecimento e respeito que muitos deles tem quanto a religiosidade do povo*”.

“*A festa do padroeiro, que passou a ser celebrada no dia 3 de julho, dia de São Tomé, no ano de 1992 teve Alvorada Festiva de manhã, e missa com a celebração da Primeira Eucaristia. A cidade estava toda enfeitada e a comunidade rural subiu a serra com andores do santo padroeiro. Houve procissão e o traslado da imagem para a gruta de São Tomé, onde foi rezada uma missa campal.*

“*Alguns barraqueiros quiseram instalar seu comércio. Mas com o auxílio da policia nós não permitimos conforme acordo feito (Termo de Compromisso) com o prefeito de não autorizar (alvará) comércio neste dia de Festa*”¹⁰⁶.

“*A cada ano que passa a Semana Santa vem sendo prejudicada pelo fluxo excessivo de turistas. Nestes dias a cidade vive em função deles.*

Este ano tivemos a partir da 5ª feira santa a presença de aproximadamente 4 mil turistas. A cada ano que passa a invasão é maior. A participação das pessoas foi pouquíssima. Se a paróquia não pensar seriamente na antecipação desta festa religiosa, ela corre o risco de acabar”¹⁰⁷.

A Festa de Agosto não tem mais procissão, pois as ruas ficam completamente tomadas de barraqueiros e de turistas: não há espaço para o cortejo.

O turismo foi responsável, em relação às festas, por uma grande transformação, pois como anotado no *Livro do Tombo*, durante os feriados a cidade vive em função dos turistas.. e já faz tempo.

¹⁰⁶ Idem, f. 96v.

¹⁰⁷ Idem, f. 100/100v.

Nos tempos “de antes”, conta D. Alvina para as crianças (que não conheceram aqueles tempos) ... vinha bispo, vinha crisma, vinha bispo, arcebispo, isso tudo vinha aí ... aqui teve uma ocasião, teve uma festa dos padre, menino igual assim ocêis, cada um com uma cruz, pegava nessa serra assim, andando, aquela porção de padres, de criança, de homi, muié, véio, véia, pondo cruz nessa serra aí, rezando, hoje ia até uma distância, depois quando era amanhã, tornava a pegar outra distância, depois era pra cá, diz que tava benzeno o pessoal, a cidade, a paróquia de São Thomé das Letras, eu lembro disso tudo, meu fio ...

A magia

A Igreja, no alto da serra era uma fraca presença. Em 1960, num termo de Visita Pastoral, a ausência, ou melhor, a desassistência...

“Encontramos um igreja antiga, no meio de casas típica, dentro de um povoado pobre . Povo bom mas de pouca instrução. Dá pena ver a pobreza e atraso. O trabalho do sacerdote aqui é bastante penoso e o isolamento é impressionante. Por este motivo não podemos exigir, que o sacerdote viva penosamente aqui. Tudo falta e tudo é difícil.

Numa altitude de mais de 1500 metros e servida por pessimas estradas esta freguesia não apresenta condições normais de vida paroquial” ¹⁰⁸.

O registro do visitador faz lembrar a imagem construída em um artigo publicado nos idos de 1899, no *Jornal do Comércio*:

“São Thomé é um arraial decadente, pertencente à Comarca de Baependy, com 400 habitantes, aproximadamente sem industria e sem vida propria. “Um largo de forma rectangular contem o cemiterio e a igreja.

“Este largo é a parte mais importante do arraial; outras ruas estreitas e pequenas correm paralelas aos lados desse rectangulo. As casas de construcção baixa

¹⁰⁸ Idem, f. 65.

*pertencem na maior parte a fazendeiros da visinhança, que só utilisão-se dellas nos tempos de festas, além disto, os poucos habitantes do lugar, são obrigados, pela constante calma que reina alli, a trazer suas moradas frequentemente fechadas, o que dá lugar a um aspecto de desalento e melancolia”*¹⁰⁹.

A população que habitava a desalentada São Thomé das Letras, no século XIX era detentora de uma visão de mundo mágica, expressa pelas lendas e pelas crenças em feitiços e benzimentos. Essa visão ultrapassou as fronteiras seculares e chegou até os dias de hoje. Muitos ainda crêem no poder de feitiços e benzimentos. Algumas mulheres acumulavam as funções de parteiras, benzedoras e curandeiras, que cuidavam de doentes e das vítimas de malefícios. O pessoal era muito ruim. Se você quisesse fazer uma maldade, usavam um ‘arco diabólico’. Jogavam más energias no arco. O arco diabólico eram rezas, feitiços. Os benzedor quebravam o encanto, os rezador. O pessoal tinha o poder de ver atrás de fechaduras, passar em porta... tinha poder de fazer as coisas para os outros.

D. Alvina é herdeira dessa tradição:

Eu benzia, agora tô, parei um pouco. Eu benzia quebrante, eu benzia mal olhado, vento virado, sabe o que é difrúcio de peito? É um difrúcio que a criança não dorme, não dá sossego nem pra mãe, nem pra pai, conhece?

Não foi ninguém que me ensinou, quem me ensinou a fazer isso tudo que eu tô te contando é Deus, mesmo assim. Eu bou lhe contar um causo, você não vai acreditar. Conhece o Nelico, pergunta pro Nelico que que conteceu com a fia dele. Então a menina adoeceu aí, ficou ruim. Pegaram a menina, levou pra Cruzília, é como hoje, quando foi amanhã cedo, veio recado prêle, se quisesse ver a filha viva, pra ir. O Nelico lá ia daqui pra lá e eles vinham de lá pra cá. Aí eu falei prêle: “Nelico, homem chorar é vergonha, que que é isso, ocê e teu fio chorando ...” Aí ele falou: “Ô vó, tem razão deu chorar, a

¹⁰⁹ *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Vol. IV, 1899. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, cit. pg. 566. O texto impresso na revista foi transcrito do *Jornal do Comércio*, datado de 7 de novembro de 1898.

minha filhinha tá morta, a Ana Paula morreu”. Eu falei: “Ah Nelico, não fala isso não, morreu...” Eu falei: “ Nelico, eu lá vou pra Figueira, eu faço simpatia prela, mas cê tem certeza que ela morreu mesmo?” Ele falou: “Não, veio chamá nós lá, se nós demorava não achava a menina viva”. A menina taí, são, correndo na rua. É difícil.

Curou com reza?

Reza boa, mas o povo hoje, é mulher de dieta, como eu tenho levantado. Eu levantei dois moços aí, desenganados (...) sabe com que que eu curei os dois? Assa peixe e paia de milho.

A senhora fez uma mistura?

Não, eu não fiz, eu mandei ela fazer. Eu ensino procê fazer, agora o que faz com fé, aquilo sara, agora o que faz e não tem fé, não sara.

Do século XIX, um último eco

Na memória, mais um *causo*, trazendo os códigos que regiam a existência daquelas pessoas. O *causo* é sobre Carinana, poço citado no *Almanack Sul Mineiro* para o ano de 1884 como um dos locais onde os moradores de São Thomé das Letras podiam se servir de água.

Carinana era uma área verde que tinha um leito usado para lavar roupa também. “*Diz que Carinana era uma moça de família que tinha na cidade e teve um filho e o jogou lá, nesse lugar. Depois o pessoal via nesse lugar uma cobra que tinha crista, por isso chamava Carinana. E veio um missionário aqui e pediu a seus auxiliares que descessem com um balaio e uma varinha. Era um lugar temido. Que chegasse lá colocasse o balaio, batesse com a varinha e não tivesse medo. Aí o monstro da cobra entrou dentro do balaio. Eles trouxeram para a porta da Igreja. Colocaram no chão e mandaram a cobra procurar a sua mãe. Nas primeiras filas, local reservado para gente de fazendeiros, de família nobre da região, a cobra pôs a boca no seio da mãe, que estava na primeira fila, se transformando novamente em*

criança. Viveu três dias e morreu. E desencantou o local.” Era um caso que minha avó contava.

A visão de mundo impregnada pela magia tem nos causos os veículos transmissores de morais e valores, expressando um entendimento do mundo. No século passado, o encantamento de Carinana traz uma moral: a moça rica, filha de família tradicional, para livrar-se da vergonha de ter um filho fora do casamento, joga-o fora. Entretanto, a mentira tem pernas curtas, e chegou o dia em que a verdade apareceu, e a moça de família teve que assumir a sua *mácula*. Enquanto havia a magia, a área onde Carinana habitava estava protegida: os homens tinham temor por ela...

O *causo* que a avó de Colibri contava, nos dias de hoje, pode se prestar a uma outra leitura, podemos ler nele a seguinte *moral da história*: Desencantada pela igreja, a área verde perdeu Carinana, sua guardiã, no tempo em que não viviam muitas pessoas no alto da serra.

No século XX, os homens se apoderaram do patrimônio de São Thomé, desde o século passado Caninana já não estava mais lá para vigiar, pois o encanto havia sido quebrado. Hoje ela existe somente na memória de algumas poucas pessoas, que se lembram de uma cobra que vivia por perto da Cachoeira da Garganta e do Tapete Verde, que já pôs muita gente pra correr.

A cidade morta

Durante a primeira metade do século XIX São Thomé das Letras viveu uma relativa prosperidade, a julgar pelo faustoso templo que foi ali construído. Em 1884, Bernardo Saturnino da Veiga anotou em seu *Almanak Sul Mineiro*:

“Nenhuma escola publica de instrução primaria e nem particular possui esta freguesia! Quando vemos creadas escolas em numero excessivo em diversos lugares de Minas, só em atenção a conveniencias de ordem particular, e observamos, perfeitamente esquecida, uma povoação do merecimento desta, não podemos deixar de

acreditar que são pouco estudadas as necessidades de nossas povoações, em regra desprezadas e abandonadas, quando por ellas não se interessa alguém que tenha, pelo prestigio politico, força e direito para ser attendido em tudo que reclamar.

“Nos ultimos 10 annos perdeu a freguesia diversos cidadãos, cujos nomes estão ligados a seus melhoramentos e a sua historia”¹¹⁰.

A morte dos benfeitores, que levaram consigo seu prestígio político, aliado ao difícil acesso ao alto da serra, fez com que São Thomé das Letras permanecesse por um longo período sem infra-estrutura urbana, isolado do mundo que em breve iria conhecer a República. O impulso modernizante, característico do ambiente republicano não chega a São Thomé das Letras, a não ser na década de 1940, quando a extração de pedras foi revitalizada, iniciando um novo modo de vida para a população que ali habitava.

O desalento que marcou o final do século XIX, permaneceu durante as primeiras décadas do século XX, conforme registrou um visitante no início da década de 1930 ¹¹¹:

*“Esse districto, que fica situado num extenso territorio montanhoso, e cujo epicentro parece culminar justamente no **cruzeiro da aldeia**, já foi florescente e contava outr’ora com figuras de valor, como os finados barão de Alfenas, visconde de Caldas, Valerio Torquato, Luciano Pereira Vargas, José Evaristo e outros fazendeiros, a cujos meritos muito ficou devendo o Estado central. Possui há annos tambem um collegio dirigido pelo educador Praxedes Costa e com elevado numero de alumnos.*

“A séde do districto é hoje um arraial decadente, com menos de quatrocentos habitantes, sem industria e sem vida propria, e tendo como interessante caracteristica a curiosissima forma de construcção de suas casas. São duzentas e poucas as casas que compõem a aldeia; quasi todas construidas de lages de pedras, deitadas umas sobre as

¹¹⁰ Bernardo Saturnino da Veiga. *Almanak Sul-Mineiro*, pg. 537. Transcrito como no original.

¹¹¹ Hermes da Fonseca Filho. *S. Thomé das Letras*, Rio de Janeiro: A Coelho Branco filho – Editor, 1935, cit. pg. 11-12. Transcrito como no original, grifo meu.

O “cruzeiro da aldeia”, naquela época, ocupava o lugar onde foi construída a “Casa da Pirâmide”. É com ele que a gruta onde existem as inscrições faz, de acordo com a narrativa de Tião Rosa (transcrita nas últimas linhas da página 213), está traçada “uma linha posicional, de um passo indecifrável”, espaço marcado com as pegadas de São Tomé.

outras e a maioria cobertas também pelas ditas lages: uma cidade de lages e lagedos. “A maior parte dessas casas permanece fechadas, todavia, pois pertencem a fazendeiros que só as frequentam em dias festivos, o que torna lugubre o aspecto: uma authentica cidade morta”.

Como se percebe comparando os dois fragmentos citados, a falta de escola não era mais problema, mas no arraial, *sem industria e sem vida propria*, a extração do quartzito, já iniciada, ainda não havia vingado como alternativa econômica.

Depois a cidade era um arraial muito atrasadinho, não tinha, a vida aqui era trabalhar na enxada, pras fazendas, tirar tarefa, pra ganhar dois merreís por dia, eu mesmo fui desse tempo

Revitalização

A Indústria da Pedra

Quem começou a tirar foi Jesiel Luz e Companhia Ltda. Um engenheiro lá do Rio. E a pedra ia no carro de boi, engradada pra Estação de São Thomé, num cargueiro, no lombo do burro, e lá atravessava a prancha pra poder ir pro Rio.

Antes dessa época, não tinha ninguém que tirava pedra?

Não, tirava pra fazer esses passeinho aqui, de pedra grande, não tem essa pedra aí, não tirava não.

Tirava, mas só pra usar na cidade?

Só pra usar na cidade, e levava pros fazendeiros pra fazer forno de torrar farinha.

(...)

Quando que começou a vir gente de fora pra trabalhar com pedra?

Aqui em São Thomé deve fazer uns 25, 30 anos. Que começou no tempo do Jesiel Luz e Companhia Ltda, que era o que tirava pedra aqui, que sai pedra, depois foi afundando, diz que, abriu falência.

O seu Jesiel?

O seu Jesiel. Então, eu tenho a carteira, trabalhei 3 anos de carteira assinada, a carteira que eu tava dizendo pra você, a carteira do ano do IPI, do API, nem num fui no Rio procurar direitinho, nem num fui no rio procurar direitinho nada lá, porque não adiantava pagar a viagem...

É longe né?

É longe. A cidade agora miorô bem pra nós aqui.

Então, o seu Jesiel, quando ele começou a tirar pedra aqui, foi o primeiro que tirou comercialmente.

Foi.

Pra vender mesmo.

Foi, é pra vender, pra ir lá pro Rio.

Quem mais que trabalhava com o senhor?

Ah, trabalhava muita gente, pra dizer a verdade, já morreu todos já. Era uns 50 homem. A pedra era tirada não tinha maquinário, não tinha nada pra sair a pedra, era tudo no braço, na marreta.

E como é que tirava?

Era o mesmo projeto que hoje. Tirava aquele pedrão, que era tudo folhadinho, era de folha em folha, ia tirando, esquadrinhando, cortando na banca e ...

Já usava explosivo?

Não. Era tudo no braço.

Mas como é que fazia pra despregar sem explodir nada?

O pedrão a gente levantava ele, o pedrão alto assim (**ergue um dos braços, como a medir do chão até sua mão, um metro**) na marreta, punha bem alto, depois pegava canela de ema, esparramava em cima, punha fogo, depois que já tava tudo em brasa, jogava água, arrebentava os pedaço pra poder tirar, e quando era paredão, a gente rodava ele pra baixo, jogava em baixo do paredão, conforme aquele no alto da praça ali, o cruzeiro, ali era um paredão de pedra, de fora a fora, pegava em baixo, dava a volta lá do outro lado, na ponta lá...

Lá era área do Patrimônio?

Do Patrimônio.

Então lá foi a primeira área que tirou pedra aqui?

Não, a primeira área foi aqui em cima, onde fala caixinha d'água antiga, que era onde vinha a água do Mato Monjolo. Ali, de duas polegadas.

Caixinha d'água antiga?

Em cima ali.

Ah, esse lugar eu não sei onde que é.

Na frente daquele barracão do Armando. É aqui mesmo, dentro da cidade.

Onde tem o escadão ali?

É, de lá do escadão, mais em cima.

Sei, ali era pedreira?

Era, a primeira pedra que tirou foi ali.

Pelo seu Jesiel, né?

Pelo seu Jesiel. Nós falava pedra do banco da caixa d'água.

Banco da caixa d'água?

É banco da caixa d'água. Banco de pedra.

Então foi o primeiro lugar ali.

Foi o primeiro lugar que saiu a pedra, a extração de pedra.

Aí era tudo na mão?

Tudo no braço.

E como é que fazia pra carregar as pedras seu Saul, as lajes, é pesado...

Não, nós cortava tudo no esquadro de metro e dez quadrado

E é na mesma medida de hoje?

Ah, essa pedra de hoje, miúda, que você vê em calçamento era tudo jogado fora. E a pedra nos carro de boi era metro quadrado, metro e dez, dois metros e dez de comprimento, 60 cm. de largura. Essas pedras miúdas jogava tudo fora, não aproveitava nada. Hoje aproveita tudo.

Aí, isso aí saía daqui em carro de boi?

Carro de boi e lombo de burro, na cangaia. Já dava pedra pra ir no lombo de burro e no carro de boi, ia na traseira, de pedra.

Desse tempo, em que o Sr. Saul, ainda jovem trabalhava nas pedreiras, a lembrança de Tião, que nessa época era ainda uma criança e já acompanhava o pai na lida de “desmontar montanhas” e transformar paisagens. Um dia, de pé no seu banco na Pedreira do Patrimônio, contava o passado, lembrando outra área, que nem de longe se parece com sua imagem atual.

Sabe aquele pico lá pra baixo do cruzeiro lá ... aquele morro lá em cima, que botaro o capim tampando?



Aquela montanha era igual aquela do Pião, lá do outro lado (ergue os braços, como a representar a forma do antigo pico): era aquele bico de montanha que ia lá em cima... Então você tinha que subi escalando, escalando, pra í lá em cima, e meu pai pegou a montanha do dono do banco pra desmanchá, e pra subi lá em cima, só subiria

assim ... rapaiz novo, de boa energia, de boa concentração mesmo, porque qualquer vacilo era fatal. Então o que que fazia? Esses bloco grandão, a gente jogava, o que fala de veia, pegava uma veia, dum bloco dessa artura assim (**mostra com a mão, na altura de mais ou menos um metro**), um toco, um toco quadrado, nessa artura assim, você pegava uma alavanca, dois companheiro assim, pegava uma alavanca, então o que que ocê tinha que fazê? Ocê ia dirrubá esse toco lá em baixo... *trolololo... pé* (**imita o barulho que lhe era familiar**). Fazia ele batê lá em baixo. A hora que ele caísse lá, pegava aquela chapa, um martelo... aí meu pai vinha com os outro irmão mais novo rachando (**as mãos acompanham, com gestos, a fala, mostrando como “fatiavam” o bloco de pedra**). Rachano os toco e tirano as pedra, só rachano e tirano. A gente aqui dirrubava os toco lá da montanha lá de cima.

(...)

A gente trabalhava por hora, já tinha patrão, o tal de Pedro Mocotó que era o dono do banco. Trabalhava uns quarenta homi, e meu pai trabaiaava com a turminha dele, eu e mais quatro irmão e um outro companheiro. Então nós trabaiaava mais sob o comando de meu pai.

(...)

Essas pedra ia pra Baependi, Caxambu, já ia cortada. Daqui prá lá sempre foi a finalidade das pedra, né, de lá que as pedra toma um caminho. Todas pedra daqui ia pra Três Corações, Baependi e Caxambu, essa três cidade, que sempre seguraro as pedra de São Thomé. Baependi, Três Corações e Caxambu. Cruzília sempre foi fraco a mercadoria. Mas o ponto forte pra pedra, e a vida de Baependi também é as pedra de São Thomé, sempre foi, as pedra daqui. As primeiras pedras foram pra estação em lombo de burro, né, aí depois ...

Qual estação? (indevidamente interrompo o seu fio narrativo...)

Estação São Thomé.

Aquela que fica em Conceição? (com a nova pergunta, tento retomá-lo, depois de hesitar alguns momentos, quando percebi Ter sido inoportuna minha intervenção. Felizmente ele, como bom narrador que é, retoma facilmente o fio).

É. Ia em lombo de burro até lá. Chegava lá botava na balsa, atravessava, aí botava no trem de ferro pra ir embora, pro Rio de Janeiro.

O Dotor Jesiér foi um dos primeiro homi a dá o passo na saída dessas pedra de São Thomé, esse tar de Dotor Jesié. Esse Dotor Jesié, ele queria aqui em São Thomé uma indústria, uma companhia bem paterna, a idéia do homi era montá uma serra. Ele fez cartera pra todo mundo quando fundô a pedreira. Mas só depois que o homi morreu, pá pá, aí perdeu segmento. Meu pai era dos único que tinha cartera assinada na pedrera. Era uma coisa bunita. A idéia era serrá as pedra aqui, porque o benefício ficaria maior aqui, teria mais renda aqui em São Thomé se as pedra saísse serradinha, bunitinha. Então, aqui a gente só pega o bruto, ela passa lá em Caxambú, Baependi, porque é lá que serra, poli. Se ela fosse polida daqui... a gente vende aqui a 10, lá ela sai a 20, 30.

Aqui em São Thomé foram os nosso pais, nossos avós, é que começaram a exploração da pedra. Então esses que começaram a exploração da pedra, cada um tinha seu próprio banco, era um patrimônio, e cada um tinha seu próprio banco. Só que hoje é uma coisa determinada porque é um pedacinho pra cada um, porque naquela época você trabalhava onde cê achava mais fácil. É por isso que virô essa montoera de entulho. Porque, quando dava assim, ah, aqui não tá bão, largava daqui e ia procura outro canto mais fácil. Então saiu revirano, revirano, revirano porque o pessoal só foro cascano por cima (com as mãos, gesticula, representando o descascamento da montanha, e os empurrões que davam nos entulhos). Olha como tá virgem (aponta uma área, ao alto, onde ainda não explorou) o pão num tá aqui... aqui qui tá o pão (aponta o local onde está em pé, já bastante profundo em relação à superfície). A parte de cima foi uma parte que deu, mas pra manter só, agora é que são os frutos. A parte de cima tem muita perda.

Atualmente chegar nas “veias” mais ricas e belas do afloramento de quartzitos é bem mais fácil e rápido. Já usam máquinas e explosivos, desde ...

Explosivo deve tá fazendo uns 32, 33 anos, mais ou menos.

Então foi em quando, foi em 70, não, 68, mais ou menos.

Mais ou menos.

Quem que trouxe o explosivo pra cá, o senhor se lembra?

Eu não lembro porque quando trouxe pra cá, eu tava lá perto da Estação de São Thomé.

Tirava pedra lá?

Tirava.

E lá não usava explosivo?

Lá não, lá não.

A pedra de lá é igual a pedra daqui, seu Saul?

É igual a pedra daqui, é a mesma pedra. Seu Saul, então veio bastante gente de fora pra trabalhar aqui? Veio, conforme tem bastante gente de fora. A maioria da cidade aqui é só gente de fora. E tem muito trabalhador na pedreira que é gente de fora. Vem de Luminárias, vem de Cruzília, vem de Baependi, muita cidade aí. só, tem muita gente de fora aí até hoje na extração de pedra.

Passo a passo? Ah, a extração da pedra era a gente limpava o banco, tirava o pedrão, quando pegava nas folhas, nós ia riscando tudo com uma régua, ia cortando, com talhadeira e martelo, pedra de metro quadrado, dois metro e sessenta, por sessenta de largura.

É a mesma medida que tira hoje?

Não, era tudo grande. Era só grande.

E cortada já, né?

Tirava dos bloco já cortada à talhadeira e martelo.

Certo. Aí, passo a passo era assim, vocês chegavam num lugar aí tinha vegetação, aquelas arvorezinhas, em cima...

Tinha.

E aí, aí que punha a canela de ema pra ...

Nós limpava, aí quando era pedrão grosso, nós punha canela de ema, suspendia o pedrão, punha fogo, depois nós jogava água ...

Por baixo?

Por cima, por baixo não tinha jeito. Levantava o pedrão, punha fogo, estourava os pedaços maior, pra nós jogar pra baixo.

Então punha canela de ema, punha fogo, e depois jogava água.

Água.

E onde vocês arrumavam água pra jogar?

Nós catava nos poço da chuva.

Nos poços?

É, quando chovia enchia os buracos d'água e nós tirava.

Os buracos que já tinha tirado a pedra?

Tinha tirado.

Certo. Aí jogava com lata?

Com lata de querosene (...) é umas 20, 30 latas, nós jogava. Aquilo queimava, ficava aquele braseiro, né, jogava no fogo o pedrão estourava. Pedrão duro, macio não estoura não.

Macio tirava na mão mesmo?

Na mão mesmo.

O seu Jesiel veio pra cá quando mesmo?

Eu tava com a idade de 21 anos, hoje, tô com 79, quantos anos faz?

Faz, 60...

58 anos.

E o seu Jesiel veio sozinho?

Veio sozinho, mas tinha o avô do Tião Rosa que era o tomador de conta da pedreira.

O avô do Tião Rosa. O seu Joaquim?

Joaquim Rosa Teodoro.

Ele era o tomador de conta?

Ele e o Vicente Pompeu.

Ganhava quanto por mês?

Nós ganhava 6 merréis por dia, era por dia.

Era por dia, não era pelo tanto que tirava?

Não, por dia.

Tinha mulher que trabalhava?

Não, só homem.

E quantos homens que trabalhavam?

Era uma base de 40, 50 por dia.

Seu Saul, ele que ensinou vocês a tirar pedra, ou vocês já sabiam tirar pedra?

Nós era inteligente né, nós mais ou menos pegou o jeito.

O sr. nunca tinha tirado pedra antes?

Não. (...) mas era muito fácil demais. Pra tirar pedrão, era tudo foiado, igual meu dedo aqui, era uma por ríba da outra **(mostra a mão, os dedos fechados, expressando as camadas da rocha)**. E era tudo solta, não usava dinamite, não usava nada, era só no braço.

Um dia, nas pedreiras, quando Tião “fazia hora” aguardando a chegada de um compressor para furar algumas minas, Décio chega e, juntos relembram o tempo em que o trabalho ali era mais pesado... Naquela época, os braços humanos ainda faziam as vezes do compressor ...

Que chegou foi de 80 pra cá, que começou. Agora, que ganhou força a evolução foi de 87 pra cá, 90, nessa faixa que ganhou a evolução, que apareceu as máquinas...

Qual máquina que chegou?

Carregadeira, compressor, explosivos...

O compressor não chegou antes?

Não, eles chegaram praticamente juntos, né... de 80 pra cá que eles ganhou força, né, que veio bastante, porque... antes não tinha, trazia uma maquininha de esteira que tinha que vim lá de outra cidade pra cá... fogo era furado, manual, na mão, eu mesmo cheguei a furar fogo manual na mão...

Tião, que ouvia a prosa, apontou num canto do banco: a broquinha lá. Levanta-se e vai pegá-la.

87... 87 pra 88, por aí, eu furei fogo na mão...

Tião, pegando a broquinha, aproxima-se de onde estamos: Isso aqui o camarada vai fazer o seguinte. O negócio é estar sentado numa pedrinha igual a essa... E senta-se, Ô Décio, pega a marreta aí...

Cadê a vasilha d'água?

Não tinham vasilha com água... Então, escolheram outro lugar, onde escorria um pequeno filete de água sobre a laje de pedra: era o melhor para a representação, que fariam a seguir. Tião carrega a pedra que servir-lhe de assento, senta-se novamente e posiciona-se, com a broca na mão, com uma das extremidades apoiada na pedra molhada.

Tem que ter água pra furar. Enche uma latinha e faz um buraquinho pequeno na latinha com prego, que vai vazando só aos pouquinhos, que vai escorrendo água... Aqui a gente vai aproveitar...

Iniciam, então, um movimento cadente. Tião, manipula a broca com as mãos, girando-a enquanto Décio bate em cima dela com uma marreta. Com movimentos sincronizados, entre batidas de marreta e giros da broca, fazem um pequeno orifício na laje de pedra.

É assim que ia furando, ia assim até guardar esse aço intero, ele ia até lá embaixo, aí, quando chegava embaixo, que que eu tenho que fazer, eu tenho que segurar com uma mão só, pra fazer essa manobra (**girar**) e põe uma mão aqui assim, pra não vazar água pra cima.

Ou então põe uma ruela aqui (**aponta o local exato onde a ferramenta encontra-se com a pedra**).

Aí põe mais um pedaço de borracha, que aí a água não espirra, porque se espirrar esse pó... no olho, aí...

E antes, não existia esse material ... (**mostra a ponta da broca**).

Diamante...

... que é a tecnologia, que é um aço diamantado. Antes disso, era feito na forja, tinha que fazer uma broquinha, pegar um ferro que tenha aço e fazer uma broca na forja, pra poder furar. Não tinha esse material aqui não.

Isso aí não é do tempo docêis? Da tua geração?

É do Tião, eu tô em São Thomé há 12 anos.

Eu, quando comecei a trabalhar em pedreira eu tinha 7 anos de idade. Com 7 anos, esse aí era o serviço de criança. Com 7 anos eu já teria que ter a manha de virar essa broca aí, pro meu pai batê, pra quarqué outra pessoa ... e virá assim numa rapidez... batendo de dois, batia de dois, um batendo e o outro.. pá pá pá ... **(marca o ritmo, enquanto com as mãos repete os gestos que fez ao manipular a broca)** bate de dois também, no ferro, um virava e dois batia...

Dois marretero.

Aí anda mais rápido, e o viradô tem que sê mais rápido ainda... não pode tê vacilo... quando suspende a broca, já suspende e vira, de maneira que ela vai girando é que ela vai cortando ali dentro, porque se ela fica numa posição só, só corta num lugar...ela vai cortano pra arredondá o buraco.

Quanto que tem que tê de profundidade?

Não, aí você vai fazê o quanto queira, isso aí vai dar...

Oitenta centímetro... Essa aqui **(mostra a broca que usaram)** é de oitenta centímetro. Geralmente, é duas vezes essa aqui, é um metro e sessenta, na mão, é o máximo que se consegue.

Mas também tem um negócio, depois que isso aí entrá um parmo pra baixo no chão, ela anda mais rápido. Isso era o artesanato de primeira, agora...

Ouvimos uma explosão ao longe, sentimos seu impacto, que foi forte e um monte de entulho que fica num dos lados do banco do Tião escorrega... Resolvemos subir.

Antes de vir o seu Jesiel pra cá, dar emprego pra esse tanto de gente, o que as pessoas faziam aqui pra se sustentar?

Ah, toda vida trabalhava na roça.

O senhor trabalhava na roça também?

Muito, muito.

Com o quê?

Capinar, bater pasto.

Café não?

Cafê, tinha café também, os fazendeiros, lavoura de café, lavoura de cana, capinar milho, capinar feijão, capinar arroz, tudo no braço.

Produzia tudo isso por aqui?

Tudo por aqui.

O senhor lembra mais alguma coisa pra me falar das pedras?

Não tem mais nada. Saia no carro de boi e no lombo de burro pra ir pra Estação de São Thomé, requisitava as prancha pra levar pro Rio. Não dava tanta tonelada, punha no trem de ferro pra levar a prancha. Não tinha estrada de automóvel, não tinha nada. Depois que abriu a estradinha pra Baependi.

E a que vinha de Três Corações como que era?

Depois nós abriu uma estradinha pra Três Corações.

A primeira estrada que abriu aqui em São Thomé foi pra onde?

Pra Três Corações. Uma estradinha, era quase que um trilho, no tempo do fordinho.

E vinha carro aqui?

Muito pouco. (...) era meio difícil, a estrada era muito ruim.

E caminhão, máquinas, o sr. tá lembrado quando que trouxeram pra cá?

As máquinas? Ah, esse caminhão era no tempo do fordinho 51, no tempo do Jesiel. Depois abriu a estrada pra Baependi.

Depois que abriu? E demorou pra abrir a estrada?

Demorou um pouco. Era no arado de boi e no braço. (...) eu trabalhei muito...

Trabalhou na estrada?

Trabalhei.

Quantos anos que o sr. tinha?

Tava com 21 anos.

Quando começou a estrada?

É, quando começou a pedreira aí.

Abriu a estrada foi por causa da pedreira será?

Foi, foi

Por tudo que o senhor Saul e o Tião lembraram, podemos considerar que a *indústria da pedra*, iniciada pela Jesiel Luz e Cia Ltda., representou o primeiro impulso modernizador para a população do alto da Serra das Letras. No Livro do Tombo, no ano de 1941, o registro, em documento, da passagem do empreendedor pelas pedreiras em São Thomé das Letras ¹¹²:

“Instrumento particular de contrato de arrendamento que entre si fazem paróquia de São Tomé das Letras e a firma Jaziel Luiz & Cia Ltda.

“A Paróquia de São Thomé das Letras, que, neste ato, é representada pelo Revmo. Padre Adhemar Pinto, devidamente autorizado por Sua Excelência o Senhor Dom Inocencio Engelve, Bispo da Diocese de Campanha, Estado de Minas Gerais, como outorgante e a firma “Jasiel Luz & Cia Ltda” com sede na cidade de Baependi, no mesmo Estado, como outorgada, na melhor forma de direito tem justo e contratado as seguintes cláusulas:

1ª - A outorgante concede à outorgada, durante vinte (20) anos, o direito de exploração das rochas de minérios existentes nas terras da Matriz de São Thomé das Letras, sede da paróquia do mesmo nome, especialmente, de quartzito cericítico, também conhecido como “Pedras de São Thomé”, bem como a areia resultante de sua decomposição;

2ª - A outorgada obriga-se a pagar, mensalmente à outorgante, a partir da assinatura deste contrato, a quantia de cem mil réis (100\$000), durante o prazo estabelecido na cláusula primeira;

3ª - A outorgada obriga-se ainda a pagar à outorgante a taxa fixa de um mil réis (1\$000) por metro quadrado de pedra ou metro cúbico de areia, extraídas para fins industriais;

¹¹² f. 48v-49. Transcrito como no original. No anexo 3 estão transcritos todos os fragmentos do Livro do Tombo que se relacionam à extração dos quartzitos.

Em relação ao meio ambiente, tal impulso era agressivo e iniciava ali um processo de degradação ambiental, que com o tempo viria a representar um grande problema ambiental, a degradação aumentava na mesma medida em que a produtividade das pedreiras. No princípio o impacto foi pequeno: os mineradores não eram em grande número e o método de lavra era mais rudimentar.

O senhor Jesiel criou, através da abertura de estradas, a construção de uma infraestrutura de transportes que permitia o escoamento da produção da jazida. Sua empresa ficou por vinte anos na área, tempo previsto no contrato de arrendamento celebrado, depois a igreja assumiu. Durante esse tempo, o último registro no Livro do Tombo, em 1944, foi o seguinte:

“A Cia de extração de pedra não efetuou nenhum pagamento do arrendamento patrimonial este ano, tendo sofrido algum abalo. Entretanto, solucionado certo problema de reforma, fará o pagamento integral”¹¹³.

Nenhum outro comentário foi registrado sobre o empreendimento do Sr. Jesiel. Passados 20 anos do arrendamento, a área retorna para a administração eclesiástica, tendo sido registrado em 1962:

“A paróquia tem um patrimônio, onde se explora as pedras de São Tomé; entregue pelo Sr. Bispo aos cuidados do Senhor José Cristiano Alves e dois auxiliares Sr. Tomé Leonel e Pedro Moisés. STL 30/abril/1962. Pde. Antonio Gonçalves Neves”¹¹⁴.

No final dessa década, um grupo de geólogos da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro - percorreu a serra de quartzitos, fazendo o mapeamento da área e o reconhecimento do potencial econômico da jazida. O resultado do estudo, publicado em 1968, em uma revista especializada, descrevia a lavra ¹¹⁵:

“O aproveitamento econômico dos quartzito da serra de São Tomé das Letras data de cerca de 20 anos, ou seja, teve início em finais da década de 40. Esse material é muito utilizado em revestimentos, como pedra ornamental em Minas Gerais, São Paulo

¹¹³ Livro do Tombo, f. 66. Transcrito como no original.

¹¹⁴ Idem, f. 67.

¹¹⁵ J. R. de Andrade Ramos e Rita Alvez Barbosa. Os quartzitos de São Tomé das Letras. In: *Anais do XXII Congresso – Sociedade Brasileira de Geologia*. Belo Horizonte, set. 1968.

e Guanabara, sendo conhecido como “pedra de São Tomé”, ou “pedra de Caxambú”, local onde grande parte desse material é cortado. Nessa época as maiores jazidas estavam situadas na Serra do Gavião.

“A região das lavras é drenada pelo rio do Peixe, que desemboca no rio Verde, afluente do Sapucaí, tributário da bacia do rio Grande. Planos de falhas locais controlam de certa maneira a drenagem

“A restrição do aproveitamento das rochas reside na sua friabilidade (friável: que pode reduzir-se a fragmentos), sendo apenas aproveitado cerca de 10% do volume total da rocha, porcentagem que apresenta característica de primeira qualidade. Isso faz com que a lavra seja seletiva.

“Os operários constroem nas regiões das lavras casebres de pedra, onde moram. Sem banheiro.

“Os bancos de trabalho constituem-se inferiormente de um quartzo branco, sericitico, muito duro e difícil de separar em camadas. Superiormente são constituídos de um quartzito, por vezes flexível, de coloração branco-amarelada, de fácil separação em lâminas.

“O processo de lavra utilizado tem sido a abertura de frentes de trabalho a céu aberto, das quais se extraem as lajes de quartzito, com auxílio de martelo, cunha e alavanca

“A separação em lâminas de apreciáveis dimensões só é possível em virtude dos planos de xistosidade serem muito bem definidos e uniformemente distanciados, como é frequente nos quartzitos. A experiência da mão-de-obra local é um fator importante no máximo aproveitamento do material.

“O material considerado “de primeira” é um quartzito branco, apresentando por vezes colorações muito apreciadas no efeito de revestimento de fachadas. Ocasionalmente, é usado também em pisos.

“As camadas superiores são mais apropriadas ao aproveitamento. As inferiores, à proporção que a lavra se aprofunda, vão-se tornando demasiadamente duras, não

apresentando as características ornamentais das primeiras. Além disso, as massas inferiores destacam-se com muita dificuldade.

“As camadas de quartzito utilizável apresentam uma espessura total variando entre 15 e 20 cm. A uniformidade estatigráfica e o mergulho praticamente constante e suave, em tôdas as jazidas, são características muito favoráveis à mineração, possibilitando a abertura simultânea de várias frentes independentes, em locais diversos, capazes de fornecer material de qualidade uniforme.

“O trabalho somente acontece na ausência de chuvas, por ser a céu aberto. Quando chove, a primeira tarefa dos operários é retirar a água que fica represada nos bancos; operação feita com o auxílio de mangueiras, pelo sistema de sifão”; atualmente os mineradores usam o termo “carneiro” para designar o equipamento utilizado para a drenagem dos bancos.

“Nas frentes de trabalho existem cavaletes, ou então latões, sobre os quais colocam as pedras para fazer o corte manual, com o auxílio de cunhas e alavancas. As dimensões usuais são 50 por 50 centímetros, 40 por 40 ou 50 por 25, conforme as especificações mais usuais dos consumidores.

“ Tais lajes são arrumadas, manualmente, em caminhões, que os transportam aos centros consumidores. Pelo paralelismo e uniformidade das bordas, as lajes não se quebram e não precisam de cuidados especiais no transporte. O material é assim, entregue aos consumidores pronto para o assentamento. Ocasionalmente as lajes podem ser irregulares, para assentamento desconstruído.

Desde iniciada pelo Sr. Jesiel, a indústria da pedra, em relação ao método de lavra, ainda não havia passado por transformações expressivas. Os explosivos ainda não eram utilizados, o que dificultava a extração das camadas mais profundas, como apontaram os geólogos.

Quanto ao que foi descrito pelo Sr. Saul, uma diferença importante, ditada pelo mercado, se relacionava com o recorte das lajes. Enquanto o senhor Jesiel comandava a extração, as pedras eram cortadas nas seguintes dimensões: metro e dez quadrado e dois

metros e sessenta centímetros de comprimento por sessenta e quatro de largura. As lajes, nessas dimensões eram chamadas “quebra-sol”.

Pouco antes da visita dos geólogos, os trilhos de trem entravam em processo de desativação. As pedras não mais se serviam desse meio de transporte, mas somente de caminhões. As vias de transporte até São Thomé das Letras ainda eram precárias, mas já haviam melhorado. Em 1970, as estradas por onde circularam os fordinho 51 foram alargadas, mas ainda estavam muito longe de se transformarem num caminho adequado ao trânsito de veículos. Os que por ali passavam ou estavam a trabalho, ou em busca de aventuras.

No mesmo ano da visita que atestava o valor econômico das jazidas de São Thomé das Letras, mais um interessado entrava em cena, afligindo os religiosos:

*“Há muitos problemas na Paroquia de São Tomé das Letras; o peor é o problema das Pedras, cobiçadas pelo exército que lá tiveram em manobra os soldados e deixaram transparecer”*¹¹⁶.

O Exército

Na imprensa, uma notícia, publicada no Estado de Minas, em 18 de fevereiro de 1968:

“O 4º Batalhão de Engenharia de Combate vai realizar, de 4 a 15 de março, uma campanha de ação cívico-social, com o objetivo de prestar ajuda e assistência ao povo da região, nos setores médico, odontológico, veterinário, agrônomo e religioso...”

O Sr. Hilton considerou:

¹¹⁶ Livro do Tombo, f. 69v (fev/1968)

Não, eu acho o seguinte, essa vinda da ESA (**Escola Superior de Guerra**) pra Três Corações, é veio, acabou vindo aqui pro Gavião, começou a ajudar a população, aí veio médico, veio dentista, vem uma coisa, vem outra...

Eles faziam um trabalho social?

Faziam não, fazem. Então eles não deixam de ajudar os outros, bastante.

Quando eles começaram a vir prá cá?

Uai, essa ESA foi, ela foi transferida pelo Realengo...

No Rio?

É, do Realengo para Três Corações, em 1949. Isso aí eu tenho certeza absoluta da época porque foi meu pai que conseguiu essa transferência da ESA pra Três Corações, por interferência do General Gaubé. O General Gaubé, era o Ministro da Guerra naquele tempo.

Então até aí não tinha exército?

Já tinha o exército de Três Corações, que era o Quarto Regimento de Cavalaria.

E eles vinham pra São Thomé?

Não, eles não. Depois que eles instalou em Três Corações, que eles precisavam de um campo de instrução é que foi desapropriado essa serra aí...(...) o Pico do Gavião. Isso foi aí em 1951, 52, que eles começaram a vim pra cá.

Eles vinham pra cá e davam assistência médica...

Davam assistência médica, odontológica. E tem uma ligação mais estreita de nível elevado, tenente, capitão, esse pessoal das Forças Armadas, é da onde vem melhorando a situação desse povo aí.

Antes deles quem fazia esse trabalho assistencial?

Ninguém. (...) Ninguém fazia nada. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha nada. Sarvava cos chá da horta, quando tinha que sarvá, né, porque isso aí, a hora chegou não tem um nada, não tem um médico, não tem hospital, não tem os grandes centros, nem os pequenos...

A década de 1960

Sonho de liberdade é comum em qualquer cultura. Aqui era preciso libertar-se da dependência política de Baependi. São Thomé era um distrito que merecia ser emancipado. Tantas lendas e riquezas fazendo parte de sua história, uma realidade distante de Baependi e o anseio natural dos homens em poder caminhar com seus próprios pés a marcha da evolução. Os pés que não marcharam, mas pedalararam até Belo Horizonte foram os de Virgílio Martrogiovani.

237 municípios mineiros tiveram a sorte, talvez, de emanciparem-se, libertarem-se ... Entre eles, o lugarejo singular, a cidade encrustada nas montanhas, São Thomé das Letras. A simplicidade do seu povo foi representada na capital por Virgílio e sua bicicleta. Na volta, este herói que venceu a distância, trouxe uma carta, um papel, o símbolo do município independente. A lei estadual que deu nova vida a este lugar foi datada de 30 de Dezembro de 1962 e o ano de 63 despontou com sabor de independência e vislumbres de um futuro promissor. A primeiro de Março o fato foi consumado: o município era instalado de fato tendo como seu primeiro líder o ilustre Tomé Mendes Peixoto, primeiro e único Intendente. Tomé ficou encarregado de guiar os primeiros passos do município recém emancipado até o dia 31 de Agosto do corrente ano. (...) O primeiro prefeito José Cristiano Alves assumiu juntamente com seu vice Guaracy Ribeiro Costa. (...) Quase três anos mais tarde, um triste fato enlutou o povo santomeense: o falecimento do prefeito. O companheiro Guaracy, apesar da tristeza, assumiu o poder ¹¹⁷.

Depois da emancipação instalava-se um conflito quanto ao patrimônio de São Thomé, até então sob a guarda da Igreja. Em 1964, registra o Livro do Tombo:

¹¹⁷ Fragmento do texto criado por professores da Escola Estadual José Cristiano Alves por ocasião do desfile de 7 de setembro de 1998.

“O prefeito, por má interpretação da lei está querendo se apossar da zona urbana da cidade, que pertence ao patrimonio paroquial. A lei mandou demarcar o perimetro urbano e ele entende que isto se torna posse da prefeitura”¹¹⁸.

“O Sr. José Cristiano está tomando conta das pedreiras, mas não com eficiência, não pagam a igreja.”

A década de 1970

Que deu uma pegada braba, feia, feia de verdade, que São Thomé mudou direitinho, foi em 70. De 70 pra cá, 70 foi quando apareceu pra cá foi os primero *hippie*, apareceu a galera *here crishi*. Era fio de gente forgada, tudo gente de família, os *here crishi*, tudo gente de família, nego estudado... é por isso que era assim, gente paternizada tamém, que resolveu saí pra curti a vida memo, curti. Então o que que conteceu? Muitos cara foro embora, muitos que ficô, os camarada tivero que vim trabaiaí nas pedreira. Eu memo trabaiei com muitos cara... muita gente, e de repente o cara não tem dinheiro e pó, é pedrera. Então, trabalhou comigo, trabalhei com muitos, muitos, e ganhei um merecimento grande e aí a coisa mudô. São Thomé hoje é chamada a terra da fumaça, né? (*graceja e ri*). Não sei se é porque muito explosivo... (*graceja e rimos eu e Décio também, cúmplices*), às veiz o pessoal chama de terra da fumaça. É lá é bem arto, tem muita garoa, a poluição é grande, tem muita neblina...

De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 1970, a população de São Thomé das Letras contava 6796 habitantes, sendo que destes, apenas 631 em área urbana. O número de domicílios de zona urbana e rural somavam juntos 1331¹¹⁹. Nenhum destes domicílios estava ligado à qualquer tipo de rede sanitária geral, usavam

¹¹⁸ *Livro do Tombo*, f. 67v.

¹¹⁹ Ver tabela da população no *anexo 2*.

o sistema de fossa séptica, rudimentar ou então o “salve-se quem puder”, canos que despejam o esgoto para fora das residências, e só... ainda encontrado na cidade.

Na maioria das casas (1235, somando zona urbana e rural) a comida era feita em fogões à lenha, água encanada, televisões, geladeiras e automóveis eram artigos muito raros.

Essa década foi marcada por grandes transformações. A cidade passou a ser servida de energia elétrica, as estradas foram melhoradas e uma importante novidade se afirmaria: os explosivos.

A novidade representou um importante passo no sentido de aumentar a produtividade da jazida. *“Na extração das pedras trabalha quase toda a população de SÃO TOMÉ DAS LETRAS e das cidades vizinhas. Dessa atividade participam também mulheres e crianças e por isso não se vê em SÃO TOMÉ DAS LETRAS mendigos ou famílias sem recursos. A renda média per capita é superior à região. Um trabalhador recebe cerca de duas vezes o salário mínimo, mas há alguns que chegam a receber mais de mil cruzeiros mensais. Os proprietários das pedreiras enriquecem-se em poucos anos; e que faz o transporte das pedras cobra, cada viagem 200 cruzeiros, em uma viagem de pouco mais de 50 Km (SÃO TOMÉ DAS LETRAS A BAEPENDI). Assim, direta e indiretamente, mais de mil pessoas vivem exclusivamente da extração das pedras.*

“O sistema de extração é muito rudimentar: usam barras de ferro (para fazer o corte das pedras), marreta, esquadro (para medi-las), talhadeira e martelo. As pedras são cortadas nas seguintes medidas 40 x 60 cm; 40 x 40 cm; 30 x 60 cm; 25 x 50 cm; e 20 x 40 cm. e 60 x 60 cms. Há muito desperdício das rochas, pois se um bloco se parte ou torna se impossível cortá-las naquelas medidas são abandonadas e formam-se montanhas de pedras consideradas imprestáveis ou não vendáveis para revestimentos de casas ou pisos. Não se pode calcular o potencial das jazidas de SÃO TOMÉ sem a participação de aparelhos ultra-modernos. Apenas iniciou-se a exploração da superfície da serra, que tem uma extensão de aproximadamente 100 Km. (...) Em SÃO TOMÉ DAS LETRAS afirma-se que se uma pessoa é ferida, colocando-se dessa areia na área

ofendida, a cicatrização é rápida. Sòmente uma análise mais cuidadosa poderia informar se a areia possui algum elemento medicinal”¹²⁰.

As dimensões das pedras talhadas nas pedreiras havia se modificado, em função das exigências do mercado consumidor.

As estradas, melhoradas para escoar a produção das pedreiras, que aumentava, permitiram que até o alto da serra começassem a chegar materiais até então inexistentes: tijolos, blocos de cimento, lajes pré-fabricadas, etc. A partir daí, iniciava-se a descaracterização arquitetônica do antigo arraial. A técnica construtiva iniciada nos idos do povoamento colonial aos poucos era substituída por técnicas mais modernas.



Cartão Postal. São Thomé das Letras em 1970¹²¹.

Na cidade, estimam que até a década de 70, quase 80% do seu patrimônio imóvel estava ainda muito preservado. O aumento populacional levou ao aumento da construção civil, e a antiga e sólida arquitetura passou a ser substituída por uma arquitetura “barata”, casas sem acabamento exterior, muito pequenas, feitas muito

¹²⁰ Equipe do Projeto Rondon. Coordenação do Rondon da Área de São José do Rio Preto. Operação Especial n. 12 – de 18 a 23 de abril de 1973. Relatório.

¹²¹ O cartão traz, no verso a indicação de Toninho Garça como autor da foto. Entretanto ele, quando a viu, negou a autoria.

A cidade recebia novos moradores. Eram turistas que ali passaram a se fixar em busca de um local onde pudessem viver de forma alternativa à sociedade capitalista. Pouco à pouco, ao cenários dos mineradores foram se integrando os *hippies*. Esses novos moradores passaram a interferir na vida da comunidade, e hoje são como uma “marca registrada” de São Thomé das Letras.

Os *hippie* quando começou a vir já faz uns 25 anos, pra cima.

E eles vieram e já começaram a morar aí?

Ah, vieram, e o Zé Ari, marido da Tina ali, que já morreu, que era o prefeito, e a polícia prenderam um punhado, aí levou amarrado pra Baependi, de caminhão. Não sei se eles já tavam fumando maconha, o que que foi. Desde essa vez começou a maconha a aparecer por aqui.

Antes não tinha maconha aqui?

Não tinha não.

E outras drogas?

Outras drogas eu não sei não, outras drogas eu inda não vi falar, mas não.

O senhor nunca ouviu falar de cocaína ...

Já vi falar mas não conheço, e nem a maconha mesmo eu não conheço, já vi falar na maconha que eles fumam, mas nunca vi que jeito que é a maconha.

Eles que trouxeram então?

Parece que foi.

Eles chegavam aqui, faziam amizade com o pessoal da cidade...

Fazia. (...) ah, tinha amizade, mas amizade agora eu não sei se era por causa da maconha, ou se era...

Porque aí eles ensinaram o pessoal daqui a fumar maconha, né?

Ah, vai aprendendo, né. (...) Hoje tá comum.

São Thomé das Letras, quando começou a receber os aventureiros da década de 70, como vimos, vivia “apartado” do modo de vida dos locais onde o progresso material já era uma realidade, e a vida da população era rústica. Ao mesmo tempo, oferecia para

os jovens que ali chegavam, um espaço privilegiado para viver um modo de vida alternativo, pois os padrões e principalmente o controle social das cidades “mais desenvolvidas” ainda não acontecia ali. O jogo do poder era algo diferente.

Quem narra agora o encontro entre a população que já estava ali com os *hippies* é um *ex-hippie*, sua mulher e uma amiga. Revelam um outro olhar... o de quem chegava.

Porque eu fui o primeiro, eu fui o primeiro a morar lá.

E eu vou te contar um fato, que foi a primeira vez que eu fui em São Thomé, procê ter uma idéia do que era São Thomé. Eu morava aqui em Três Corações, eu fazia faculdade aqui em Três Corações, e quando foi em 1972, eu via falar em São Thomé, mas São Thomé naquela época, não era igual hoje. São Thomé era uma cidade que tinha no alto da montanha com uma igrejinha, meia dúzia de casas em volta, e ninguém ia lá não, não tinha estrada pra ir, não tinha estrada. A realidade era essa, não tinha estrada. Você pra chegar em São Thomé, era uma viagem, era uma viagem, você tinha que subir...

Só ia a cavalo, não tinha estrada pra chegar lá, não tinha estrada pra carro, só cavalo.

Mesmo que você fosse de carro, você tinha que subir a pedra mesmo, era uma loucura chegar em São Thomé antigamente. Então não ia ninguém lá, não ia ninguém em São Thomé, era uma vila perdida no alto da montanha. A gente sabia que existia... eu que morava aqui em Três Corações... Sempre teve mais contato com Cruzília e Baependi, pra cá não tinha muito não. Não tinha estrada, né, Carla, como é que ia... o contato deles era pra lá, que tinha estrada. E ninguém falava, aqui em Três Corações, a gente sabia, alguém contava ah, São Thomé das Letras? Ah, e o que que é, ah, é uma cidadezinha que tem lá no meio da montanha, é uma cidadezinha perdida que tem lá alto de uma montanha e tal, mas assim a gente não tinha assim, a gente não tinha vontade de ir lá, a gente não tinha vontade nenhuma de ir lá, não atraía, não era um lugar assim que que, a gente não tinha atração nenhuma por lá, a gente não sabia que lá era um lugar legal, que lá tinha montanha, que lá tinha cachoeira, a gente ficava por aqui, não ia pra lá. Não existia pra lá. E esse lance de turismo ecológico também, movimento

alternativo não existia na época, então a gente não sabia..., sabia que existia aquela cidade, mas não ia pra lá...

Quando foi em 1972, um amigo meu me chamou, o Zé vamos passar um fim de semana em São Thomé, o Lino, o Lino e o Nei, dois amigos meus, dois grandes amigos... (...) o Lino, um maluco, um louco que tem aqui, ele até morou lá em São Thomé comigo uma época, eu vou até contar, tem uma passagem dele que foi interessantíssima lá em São Thomé, muito engraçada. E aí, nós arrumamos uma barraca que cabia dois, nós fomos em três, e não tinha jeito de chegar lá porque não tinha carro. Nenhum carro se arriscava a chegar em São Thomé. Então a gente ia de leiteiro, o leiteiro parava no pé da serra, e a gente subia a serra a pé. Quando a gente chegou em São Thomé, eu achei um lugar estranhíssimo, em 197... Isso deve ser em 71, pra ser exato, ocê quer ver, eu vou te falar o ano, foi em 1971. Nós chegamos em São Thomé em 1971, a cidade, a cidade, era o seguinte, tinha a igreja, tinha aquela pracinha...

Ali ainda tinha casa, a rua da *Broadwei* tinha casa, a casa do Lino, a Eubiose já tava lá, a Eubiose tá lá desde a década de 40, mas ali já era mato, ali já virava pasto, montanha, a gente andava à noite encontrava cobra, onde tem padaria ali, tem lanchonete, ali tudo era cheio de cobra, cheio de cobra, isso em 1971. Nós chegamos na cidade a cidade não tinha, só tinha luz elétrica nas casas não, só tinha luz elétrica nas ruas, a maioria das casas não tinha luz elétrica, a maioria das casa não tinha luz elétrica.

A casa do Guaraci era a última casa da cidade, ali já era pasto, pasto mesmo, e a gente acampou, nós armamos uma barraca lá, e eu lembro que a gente tinha passado o dia todo viajando no caminhão e a gente chegou e tava com uma fome, isso já era de tardezinha, tava com uma puta fome, e aí aconteceu uma coisa gozada, chegou um cara perto da gente e falou assim: "boa noite, vocês são de fora?" aí nós falamos: "somos de Três Corações"; "ah, vocês são de Três Corações, ah, vocês chegaram aqui do que?" "ah, nós viemos de leiteiro"; "ah, porque quase não vem ninguém aqui, a gente não recebe visitantes aqui em São Thomé"; e não ia mesmo. Então o cara foi na casa dele, pegou um frango e deu pra gente. Disse "eu trouxe um presente pra vocês", como se fosse um lance de hospitalidade...

Morto ou vivo?

Vivo; e falou "olha tá vendo naquela casa ali, mora uma preta, dona não sei o que, vocês vão lá e fala pra ela matar pra vocês, ela mata pra vocês o frango, com o maior prazer. Eu peguei aquela galinha viva na mão e pensei o que eu vou fazer com uma galinha viva, e eu fui na casa da mulher. Eu falei "eu sou de Três Corações, tô acampado, a senhora poderia matar esse frango pra mim, pra gente comer. Ela falou: "olha, não só isso, mas eu vou matar o frango, vou fazer um arroz, um feijão, uma couve e um angü e vocês vem jantar comigo". Isso me bateu demais, porque eu achei um lance de uma hospitalidade maravilhosa. Eu chegando com três caras, numa cidade que eu não conhecia ninguém, eu já chego, eu já ganho um frango, uma mulher já se propõe a cozinhar o frango pra mim no fogão de lenha e mais do que isso, me dá uma janta, sem cobrar nada. Eu achei aquilo muito legal, isso me cativou demais. O povo de São Thomé, é um povo de um amor muito grande. À noite aconteceu um fato muito estranho...um sargento da polícia, lá só tinha um soldado da polícia, um. Ele chegou pra nós e disse: "ó, eu sou o único soldado da polícia aqui de São Thomé, o destacamento sou eu, só tem eu. eu sou cabo, e eu vou ficar aqui perto pra vigiar a barraca, pra não vim ladrão". Eu falei: "mas meu amigo, mas não tem ladrão em São Thomé". Ele falou: "é, mas aí vocês vão sair, pra ir no bar tomar uma cerveja....

Ele nem pensou que vocês poderiam ser os ladrões...

Não, ele queria proteger. Eu falei assim, ó seu cabo, tudo bem, mas não precisa não. "não, mas pode alguém entrar, mexer na barraca, aqui não vem barraca, a gente nunca arma barraca, às vezes alguma criança pode querer entrar na barraca...". Eu falei: não, mas tudo bem, se entrar não tem problema, não tem nada pra roubar. Ele falou: "então tudo bem, eu moro ali, se vocês precisar de alguma coisa, de ajuda da polícia a gente tá lá". E eu lembro que ele acabou de sair nós apertamos um baseado, e eu fumei um baseado e desmaiei, um fato também que eu não esqueço, a primeira vez de São Thomé, foi esse frango que a gente ganhou e o desmaio, porque era de tardezinha, já anoitecendo, e São Thomé não tinha nada, aquelas montanhas, tal, e eu fumando um baseado e os meus amigos conversando comigo e quando eles olharam eu tava desmaiado, eu acho que o ar era muito puro, eu tava com o estômago vazio, muito alto, eu tava com o estômago vazio, não tinha comido, e a mulher tava preparando um frango

lá, com angú, com couve, lá na casa, né a senhora preta, a mulher de cor lá, né, e eu desmaiei cara, eu desmaiei, acordei e o povo tudo rindo, em volta lá de mim. Foi a coisa mais estranha, você já desmaiou? É a coisa mais estranha, você desmaia e você não vê, e quando você acorda, é que cê tá no chão... e todo mundo olhando e rindo. "Pô ó o cara desmaiou, cara, ele desmaiou". Eu falei: " ah, pois é, eu tava com o estômago vazio e fui fumar muito..." aqueles baseadão que a gente fumava, né. Então a cidade era uma paz total, total, total. E isso foi em 71, entendeu.

É pois é, então eu conheci, isso foi em 1971, eu lembro que eu levei o violão, a gente ficou tocando violão e nós ficamos uns três dias lá acampado, comendo na casa dessa mulher, porque não tinha assim, já tinha pensão...

Do Capote?

Pensão do Capote, que era a sogra do Capote, D. Ditinha. Ela era tão velha que ela nem abria o olho mais. Ela é mãe da mulher do Capote, o Capote é genro dela. A da D. Ditinha era a única pensão que tinha lá. Mas a gente tava afim de ficar na barraca e tal, e essa senhora de cor, ela disse assim: "olha todo dia vocês vem almoçar comigo aqui, mas como eu sou muito pobre, vocês só trazem as coisas". E a gente comprava, um arroz, um ovo, não tinha açougue. Lá tinha armazém, tinha a vendinha do Loro, tinha a venda do ali, do lado da prefeitura ali, como é que chamava, filho do Loro, o seu Negrinho, tinha , tinha aquela casa que pegou fogo ali também que tinha um armazenzinho, mas não tinha nada. Você achava só arroz, feijão, sardinha, banha, mortadela, pão não tinha, o pão vinha de Baependi diariamente. Não tinha padaria em ST, entendeu, Não tinha padaria em São Thomé. Verdura, nem pensar, não existia verdura lá, quem tinha um pé de couve no quintal, tinha um pé de alface comia, quem não tinha não comia. A alimentação deles sempre foi uma coisa que me chamou atenção pela precariedade. Eles comiam arroz, feijão, macarrão, massa de tomate e mortadela. No domingo, algumas pessoas da fazenda subiam a serra à cavalo e vendiam carne nas casas. Não tinha açougue não. (...) a comida deles era extremamente fudida, era arroz, feijão, macarrão com massa de tomate, mortadela e sardinha, não tinha verdura, não tinha fruta, não tinha carne de espécie alguma, carne de porco no Domingo.

E tem aquele problema do pão que eu te falei né, eles não tinham pão. Vinha três vezes por semana de Baependi.

E a coisa ficava muito esquisita. Quando começava a chover, aí acabava tudo, aí não tinha nem carne domingo, aí não tinha nem é, não tinha nada.

Antigamente todos viviam de pedreira, e as mulheres na roça catando lenha e iam catar pedra também, então era assim, muito carregado, eles muito carregado... a pele muito escura, sabe, muito vento, muito, é assim, bem judiado, bem judiado. Agora as roupas é assim, roupa de roça mesmo, roupa de vila mesmo, de roça. O jeito de falar, e tudo, eram assim tímido, com vergonha, com medo, as crianças não podiam ver a gente...

Mas o que chamava a atenção assim, da gente era a bondade deles, todo mundo era bom na cidade, sabe. Eram pessoas puras, humildes, caridosas, todo mundo amigo de todo mundo, sabe?

O problema ali eram os donos de pedreira, como é que chama, o seu Mocotó lá, que era um cara até feio, você vê maldade no cara assim, aproveitava do povo de lá, pagava mal, um cara assim, estranho mesmo. Então, mas tinha alguns assim, meio ressabiado com a gente, meio na deles, que tinha assim mais posses, mas o pessoal da cidade, muito puros, muito puros, sabe. Se a gente quisesse, a gente tirava eles de dentro de casa e eles ficavam na rua, tipo assim, eles faziam de tudo, pode fazer um almocinho aí, pode dormir aqui, nossa mãe, aberto, mas totalmente aberto, tomava conta mesmo da gente, cuidava da gente, preocupava com a gente, sabe, sempre fazia as coisas de comer, levava, chamava, fazia questão de dormir, "dorme aqui", aí gente dormia às vezes na casa de um, o outro ficava com ciúme, queria que a gente dormisse lá e, sabe, queria que a gente tivesse amizade também com ele, igual a gente tinha com o outro, assim, a coisa mais linda. Não tinha, não passava nem uma gota assim de dúvida, de desconfiança, né (...) a não ser uns assim mais, mais bem mais ignorantes, assim, mais fechados que tinham, medo, um pouco de medo, ficavam assim mais ressabiados, mas depois a gente, no contato relaxavam, e as crianças que eram as coisas mais engraçadas, as crianças corriam mesmo de nós, viam a gente de longe, corriam mesmo, sumia, você não via uma

criança na rua, ficavam dentro de casa. Igual o povo fala assim: "cuidado com o Tibúrcio, o Tibúrcio vai te pegar", então era assim, lá era os *hippie*, "ó não faz isso não que os *hippie* vai te pegar, os *hippie* já tá vindo", aí tinha umas mães que quando viam a gente falavam "ó, os *hippie*", então as crianças morriam de medo, e tinha umas criancinhas bonitinhas, que a gente queria chegar, que gracinha, que gracinha o que...devia achar de tudo, né.

Eles que começaram a chamar vocês de *hippie*?

De *hippie*, eu acho que ... uai!, cê sabe que eu nem lembro dessa parte, o Zé deve lembrar mais. Eu sei que eles chamavam de *hippie*, eu não sei porque, porque não ia muito não, ia assim, inclusive o pessoal que ia passear de vez em quando, era o pessoal assim de capital, que não era *hippie*, sabe, o pessoal fumava e tal, mas...

Você adiantou a coisa, eu ia chegar nessa coisa, até então não ia *hippie* em São Thomé, não tinha nada, não existia essa coisa em São Thomé. Os *hippies* aparecem em São Thomé em 1973 quando tem o Festival do Som em Três Corações, e o Festival do Som foi no dia 21, 22, 23 de setembro de 73 e terminou o Festival do som, eu já conhecia São Thomé, eu de uma certa forma fui culpado disso também, eu era um dos organizadores do festival e nós arrebatamos aquela *hippaçada* e levamos eles pra São Thomé pra conhecer São Thomé. Então o Festival de 73 foi o que levou a *hippaçada* pra lá, que até 73 não ia *hippie* pra lá não.

Mas foi, foi, foi uma turma, nisso o Rob já ficou, a Berê, o Rob já ficaram. Já alugaram uma casinha, foram embora, mas já deixaram um pezinho lá, tal, aí a coisa foi atrapalhando.

Aí o pessoal já começou a ir visitar, mas *hippie* que nem tem hoje, não...

E eu lembro que eu passei o natal de 73 e o *reveillon* de 73, eu passei lá em São Thomé, foi uma loucura, é porque a Igreja do Rosário, a Igreja do Rosário, ela só tinha...

Depois do festival?

Depois do festival. O festival foi em setembro, quando foi natal, em dezembro, eu fui passar o natal lá, aí já tinha, aí já tava a muvuca lá, e o Rob já tinha alugado uma casa, com a Berê, que era a namorada dele, a gente já tinha, era amigo dele, a gente já foi convidado pra passar o natal na casa com ele. Dormimos assim uns 30 na casa, todo

mundo tomou ácido aquela noite. Tomamos ácido do dia do natal até o final do ano, nós tomamos ácido. Foi uma loucura, nós aqui e o pessoal do Rio, de São Paulo, eu lembro que tinha uma menina, que era filha do dono daqueles dos brinquedos Estrela, sabe Estrela, era filha do dono sabe, uma menina estribada, ela é que bancava os ácido pra gente, ela aplicava o povo de ácido, é. Isso no natal e *reveion* de 73.

E o povo da cidade, participava?

Não, não entendia nada, achava uma beleza, lá, ter visitante lá, tal. A Igreja do Rosário só tinha as quatro paredes, aí no dia do Natal a gente fez uma peça de teatro lá, e pusemos ...A Igreja do Rosário já era um ponto turístico, a *hippiada* já montava a barraca lá dentro, da igreja, porque só tinha as quatro paredes, ali era um pasto, não tinha nada não, só tinha a casa do Rob.

Você tem alguma foto que mostre a casa do Rob e a Igreja do Rosário? **Pergunta para Ana, que escolhe uma entre várias que estavam em suas mãos...**

E a casa do Rob é altamente histórica, a casa do Rob, ela não existe mais e ela foi a primeira casa dos *hippies* de São Thomé, porque inclusive eu com a Ana moramos lá, foi a primeira casa que nós moramos lá.

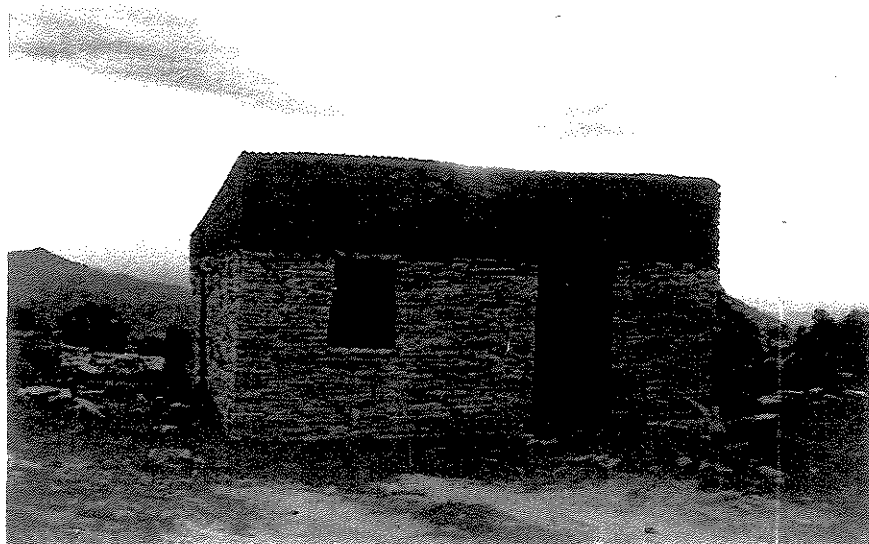


Essa é a casa do Rob. Essa é uma das capas do seu trabalho, porque foi a primeira casa dos *hippies* em São Thomé. Foi aí que aconteceu o famoso Natal de 73, foi

nessa casa, que trinta pessoas tomaram 30 ácidos, nessa noite. Eu ainda caí na bobagem, tomei o meu, achei que tinha caído da boca e pedi outro, tomei dois.

A maioria das casas não tinha água nem banheiro. Só a casa dos Mocotó da vida.

Essa é a nossa.



Era só a nossa que tinha lá em cima, não tinha mais nenhuma, mais nenhuma, tinha pra pegar água, nós tinha que descer o morro todinho e lá em baixo e subir com o balde.

Essa foto também é histórica. Foi a primeira casa dos *hippie* construída.

Vocês que construíram?

Foi lá que nós fomos presos...

Nós que construímos, nós compramos assim, ó (...) era assim, nós compramos assim, essas paredes de pedra. Eu, Adelaide...

Eu, Ana, Adelaide e Bia.

O esqueleto, né, aí completamos aqui, fizemos divisão lá dentro...

Vocês fizeram com tijolo, né.

É, com tijolo mas por causa das telhas, foi só esse pedacinho aqui, por causa das telhas, de fixar as telhas. Aí fizemos divisão ali, o fogão de lenha, né, essas coisas.

Essa também não existe mais?

Existe, mas virou uma muvuca ali. Um dia nós andamos lá e nós não conseguimos mais achar ela.

Tem um bairro, horrível por sinal

É um tipo favelinha, feias, ficou feio. Não tem uma casinha bonita, nada.

Nossa aquilo lá virou um horror...

Uma favela né, é uma favelinha mesmo. E só tinha essa casa nossa naquele alto. Essa era a casa mais alta de São Thomé na época, essa nossa aí

E como era a relação de vocês com os nativos?

Com os nativos? Com os nativos, a gente rolava de boa, todo mundo era amigo de todo mundo, todo mundo era amigo de todo mundo, os nativos recebiam a gente muito bem, muito bem. O povo de São Thomé sempre foi um povo muito hospitaleiro, sabe, ô Carla. Sempre eles, o povo de lá sempre foi hospitaleiro, né Adelaide?

Muito.

Até hoje eles são hospitaleiros, apesar de toda a muvuca, eles ainda são hospitaleiros, eles recebem bem lá.

Quando a gente foi preso, eles ficavam pedindo desculpas pra nós; me desculpa, me desculpa, nós não tivemos nada com isso não... eles ficaram se sentindo culpados. No dia, a cidade inteirinha juntou na praça, inteirinha e você via na cara deles que eles estavam tristes por nós, a não ser os poderosos lá.

Aí depois... mas depois que aconteceu isso, e eu comentei com você, depois disso eu comecei a perceber o povo com malícia neles, em algumas sabe, e hoje, com o decorrer disso, porque lá virou uma confusão, né, o pessoal de má fé, chega.

aproveita, tipo o Chico que você falou, sabe, muita loucura, sabe, né, muito desrespeito, então o pessoal sabe, não tá se entregando mais do jeito que era, né, ficam mais na deles, mas a bondade, aquela coisa deles mesmo não tem como perder isso. Só que o povo já não é tão assim ...

A gente fumava um baseado lá, daqueles porreta, deitava na grama da praça lá e ria, ria, ria, e eles riam junto com a gente. Eles achavam que era uma delícia, achavam ótimo, não entendiam nada, achava bom do mesmo jeito...

A gente juntava no bar do seu Loro ali, a gente conversava, você vê que barato as prosa, aquele sô Loro, né Zé, que prosa boa a dele, né, e ele assim, dando aquela atenção pra gente, aí juntava, sabe, quando vê chegava um, chegava outro, entrava na conversa, ficava escutando, tinha curiosidade com a gente, queria fazer amizade, então, isso, pessoas boas mesmo, sinceras. Tinha muita curiosidade, né, lógico, o que que tá acontecendo aqui, né, nunca teve isso aqui, mas assim, se entregavam mesmo, totalmente. E temos até hoje os amigos nossos, que a gente fez lá na cidade, eles cobram da gente que não aparece, pergunta da gente, quando vê a gente, abraça, beija, sabe, mantemos isso com alguns ali. E é tipo a mãe do Chico, né. Então eles falam da gente fumar, mas de boa, tudo, mas curtem, gozam, brincam...

É o caso do padre que você falou que ia contar?

Do disco do Pink Floyd. A gente fez a peça, o Rob fez a peça de teatro lá dentro, né, e a peça era assim, era o bem e o mal discutindo. O Rob era o mal, simbolizava o mal e o bem, eles pegaram um *hippie* muito louco lá, viajando lá, que personificava o bem, então era o bem e o mal discutindo, até ...

Quem fez o texto?

O texto era do Rob, era do Rob. E a peça girava em torno disso e o Pink Floyd comendo lá na Igreja...

No momento da peça?

É, a gente calculou a coisa mais ou menos, 5 minutos toca essa faixa, depois de 5 minutos pega o outro disco, toca essa faixa, umas coisas bem artesanal, mas saiu...

Qual o disco?

Eu não sei, foi aquele da vaca ou o da orelha, eu não sei, em 73 foi o da vaquinha ou o da orelha. Entendeu, então essa foi a primeira manifestação cultural artística que tinha em São Thomé, no dia de natal.

Aquela pousada Arco Íris, ele foi o primeiro cara a investir em São Thomé.

De fora, né?

De fora, porque tinha a pensão da D. Ditinha. Ele chegou lá. Comprou aquele casarão e construiu a Pousada Arco Íris, tá lá até hoje. Ficou rico lá. O Gê trabalhava na venda do Carlos. O Carlos tinha uma venda e o gê era aquele rapazinho que ficava lá vendendo as coisas. Falava "ô Carlos, me dá dois quilos de feijão, um quilo de arroz, 100 gr. de mortadela", o Gê que pesava, cortava a mortadela, servia, ele era um tipo, um balconista.

Depois ele tinha um barzinho...

Depois ele tinha um barzinho e aí foi embora...

Era o bar do Gê, que foi um dos primeiros *points* da cidade. O Gê foi um dos primeiros locais, assim, da moçada começar a frequentar, tal, que acabou virando restaurante e acabou virando pousada, a Pousada dos Sonhos, né, que é a maior pousada de São Thomé hoje.

Duas...

Duas, tem a 1 e a 2. Tem piscina, sauna, TV por assinatura, frigobar, lá virou aquela potência. Mas foi depois do Armando, da Arco Íris. Aí em 74 a coisa começa a mudar, começou a mudar, começou a mudar, até que quando foi em 75 nós dançamos lá.

Isso já tava na casa de vocês?

Já tava na nossa casa. Eu já tava com a Ana já, já tava morando com ela, aí a gente dançou lá. Quando a gente dançou, foi uma coisa forte, muito forte. Porque até nesse período a droga era uma coisa assim que eles faziam que não viam, entender? Eles não ligavam muito, a coisa ficava meio assim, sabe?

E será que eles já conheciam? Já sabiam o que era?

Já, já sabiam já, já fumavam inclusive, vários nativos já fumavam.

Em 74 muita gente já fumava na cidade já, davam até pra gente. Muitas vezes a gente ia fumar, eles tinham

Mas na época que a gente morava lá, Zé, quem fumava na época lá, eu lembro...

O pessoal da cidade mesmo.

lá fumavam já.

Que eu lembro que fumava, que até ia muito na barraca atrás da gente era aquele rapazinho que morava na praça...

Aí é aquela coisa, beber o povo sempre bebeu demais, isso é uma coisa que sempre impressionou a gente, pinga, né, muita pinga, sempre começando cedo, sabe, mas bebia muito mesmo. Até hoje ainda bebe, mas a gente ficava impressionado com isso, é um divertimento ia pra bar, encher a cara pinga, pinga, pinga...

Não, tinha bar, mas os bar sempre fechavam muito cedo, 10 horas já não tinha mais nada, mas assim o quente mesmo que tinha, que assim fervia, que era super legal, era a Festa de Agosto, que era só do pessoal dali, também, vinha o pessoal da redondeza, ali, das roças, subiam, então montavam aquelas barraquinhas ali de comida, então, sabe? Bem tipo junina, sabe, não tinha musica assim ao vivo, de conjunto, então tinha missa, procissão, as barraquinhas, o pessoal todo vestido de roupinha bonitinha, limpinha, de domingo, aí ia comer doce, as coisas diferentes, aí ficava por ali ...

Dessa maneira, cada vez com mais intensidade, o turismo passava a transformar o cotidiano local, introduzindo novos hábitos. Com a chegada de novos moradores, e a intensificação do fluxo de turistas, pouco a pouco foi-se configurando uma infraestrutura voltada para receber os visitantes, que acenavam com a possibilidade de uma alternativa econômica em relação à extração dos quartzitos, que até então era a única.

As pessoas chegavam e tomavam conta daquele espaço, e, com o passar do tempo até mesmo os nomes de alguns locais foram mudados, para estar mais de acordo com a busca dos turistas.



Acervo Tadeu Neder.

Esse é o Picú. Depois é que começaram a chamar de Pedra da Bruxa

A década de 80

Em 1980, a população de São Thomé das Letras, em área urbana contava 1125 pessoas, distribuídas em 249 domicílios. A instalação sanitária continua inexistente, mas os eletrodomésticos, principalmente a TV em preto e branco já estavam presentes na vida dos habitantes.

Nos últimos anos da década de 70 e durante a década de 80, o método de lavra se torna semi-mecanizado, com a inserção paulatina do compressor à óleo diesel, utilizado para furar as minas, em substituição as rudimentares ferramentas com as quais faziam os furos manuais. Chegavam também os tratores de esteira e as pás carregadeiras, para fazer a manutenção dos bancos de lavra, livrando-os do entulho, que à esta época já

cobria grande parte da área de mineração. O trabalho nas pedreiras tornava-se assim mais fácil, ou melhor, menos árduo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que facilitava o trabalho, a inserção do maquinário imprimia à atividade um “custo” maior: mais investimentos por parte do minerador passavam a corresponder a maiores possibilidades (e não a garantia) de lucro.

A extração de pedra é considerada por muitos, uma atividade cara. Considera o anônimo: *“parece que tem um lucro imediato, a limpeza e a manutenção da pedreira, consomem um bom capital, e nem sempre achar veios ricos, de pedras folhadas, é uma certeza. Não acho bom negócio”*. Aqueles mineradores que tem capital para investir, tem condições de tirar mais, produzir mais, e portanto ganham mais. Há porém, aqueles que não tem como investir: até conseguirem produtividade em relação ao material de primeira (que estão nas camadas mais profundas) já investiram bastante. A limpeza implica para os que não tem maquinário, numa despesa imediata: pagar o aluguel de máquinas, os explosivos e, é claro, ter gente para trabalhar.

Fato é que ainda nos últimos anos da década de 70, os quartzitos de São Thomé eram comercializados tanto dentro de Minas Gerais como em outros estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Espírito Santo, Paraná, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e até mesmo com outros países: Alemanha, França, Itália... As pedras, além de descer a serra, já cruzavam os mares¹²³.

A quase totalidade das empresas não possuía usina de tratamento, vendendo as pedras sem beneficiamento, que era feito em outras cidades. O beneficiamento consiste em serrar a pedra na máquina de corte, deixando-a com as bordas mais uniformes ou então dar polimento, com o qual as lajes ficam semelhantes ao mármore. A partir desses processos, a pedra sobe de preço, é mais valorizada.

¹²³ DNPM – Departamento Nacional da Produção Mineral. Dados obtidos em pesquisa nas fichas *RAL – Relatório Anual de Lavra*. O primeiro licenciamento encontrado é de 1978. vários são para mineradoras cujas áreas estão próximas à leitos de água.

Os registros da Igreja demonstram que a perda de controle sobre a produção da jazida localizada no Patrimônio acelera-se, e eles tentam a todo custo retomar tal controle. Em 1989, o Livro do Tombo:

“IMPORTANTE REUNIÃO NA CÚRIA DIOCESANA SOBRE PATRIMÔNIO – PEDREIRA:

Convocados pelo Senhor Bispo Diocesano Dom Aloisio Roque Oppermann (...) fui à Campanha para tratar de assuntos relacionados à urgente organização dos movimentos de vendagem das pedras e grande necessidade de controle da porcentagem p/a paróquia. Percebendo q o apresentado a pagina 72v deste livro não está sendo observado, recorremos ao Conselho Diocesano para soluções, tendo em vista a precária situação da casa paroquial e Matriz carecendo de recursos para reformas e restaurações. Acertando com o Conselho e Monsenhor José Hugo a viabilidade da administração ficar aos cuidados da paróquia, devendo toda despesa, de transferência ficar sob responsabilidade da CÁRITAS DIOCESANAS. Nesta alteração ficarão 80% para Paróquia, que assumirão as despesas advindas e reverterá 20% para Diocese de Campanha. Tudo foi acertado na presença do Sr. Bispo Diocesano e Membros do Conselho Diocesano.

“Evento importante foi o levantamento da situação patrimonial da paróquia. Com isto ficou decidido que a primeira coisa a ser feita é a legalização da Pedreira do Patrimônio.

“a partir do dia 01, a pedreira passou a ser chamada de Mineração padre Maia, em homenagem ao seu doador Padre João Ribeiro Maia que em 28 de julho de 1869 doou o que e conhecido como Patrimônio da Paróquia.

“o mais importante foi a regularização da Pedreira São Tomé, no Patrimônio da Paróquia. A situação exige cuidados e precisão nos impasses junto ao INPS e demais obrigações. Mons. José Hugo continua se desgastando em favor desta regularização junto aos órgãos competentes”.

O turismo intensifica-se, e a cidade passa a receber outros tipos de visitantes, a imagem de *cidade mística* já havia se espalhado...

Em 76, é, através de amigos, que era o pessoal da TV Cultura, que era o Luis Antonio Simões de Carvalho e a Gigi, frequentavam o curso da Eubiose, em Santo André, então, lá que nós nos conhecemos, então, só se falava de São Thomé, dos pores de sol, das paisagens, de um lugar de muita energia. Ainda não se usava falar em lugar de poder, mas que era uma coisa assim muito enigmática, mágica, e nada como aquela coisa pra nos deixar assim altamente cheios de fantasias. Bom, finalmente então, com o meu ex-marido Sérgio, pegamos a estrada e a vinda pra cá foi uma aventura inesquecível. Então, com aquele chevetinho novo ainda, mas o barro... 76. Então, o que disseram pra nós quando nós saímos de Três Corações "olha, sempre que houver uma bifurcação, opte pela direita". Então, não é como agora que você sai de Três Corações e você já vê aquela coisa ao longe, o branco, né, aquela mancha branca de São Thomé, você se orienta. Na época havia muita vegetação, era um caminhozinho de barro, tortuoso. Aliás, era um labirinto conseguir chegar aqui. Então, eu me lembro que foi na hora que fizemos uma curva, era uma subida e mesmo assim, na subida tinha um poça d'água, aí voou aquele barro no nosso vidro, na frente, ligamos aquele limpador, e nessa que nós ligamos o limpador, aí olhamos, ao longe assim, resplandecendo uma coisa branca nas montanhas. Mas isso depois de já ter andado vários quilômetros depois de Três Corações, né. E foi aquele impacto, porque foi aquele céu azul de rachar e ao longe aquela coisa cintilante. Agora não brilha mais como brilhava antes. Como a extração era uma coisa recente, você tinha, você tem uma presença de mica nesse quartzito muito grande, então, aquele branco de neve, e tudo assim fulgurante, conforme você mudava e tudo brilhava, reluzia, então aquela coisa estonteante. É a mica tem um brilho, aquilo que se põe no ferro como resistência, tem brilho, é química. Então bom, continuamos e aquela coisa tortuosa, tinha que sempre realmente contar com a sorte, às vezes a gente se perdia, mas chegava, e quando a gente vinha à noite então, era super difícil, porque na época a estrada era assim, bem sinuosa.

E eu sei que pra turma, a qual eu tive acesso, que era uma turma que estudava astrologia, São Thomé era uma coisa assim muito *IN*, entendeu, então, quem sabia sobre

São Thomé, quem vinha pra São Thomé, nossa era uma coisa assim, especialíssima, então nós cobiçamos assim poder ter acesso à informação de como chegar aqui, né. Porque o pessoal falava, e aquela aura de mistério em cima, então, imagina, né, deixava todo mundo, a turminha assim maluca.

O pessoal da Eubiose realmente, acho que antes de nós acho que uns 30 anos ou mais tinha sede aqui, porque aqui é uma das sete cidades, né, e cada cidade tem uma tônica, e no caso São Thomé a tônica, talvez falasse conflito, talvez pela dureza da pedra, uma série de coisas, aquilo que está em conflito vem à tona. Porque tem que ser resolvido.

Quer dizer, a gente vinha aqui, sentia aquele por do sol que até hoje, aliás o por de sol aqui de São Thomé passou a ser o símbolo de São Thomé, com o Marcos, o Marcos, filho da Antéa, (...)além de altamente esotérico, ele pegou aquilo, e ele era uma das pessoas, quer dizer, a pessoa na época que mais se preocupou com São Thomé, assim, que eu me lembre, assim, em termos de história...

Bom, o Capote tinha a casa dele, então ele, já antes da gente chegar, ele alugava uns quartos, dois ou três, quer dizer, você tinha lugar, dentro da casa dele, cê tinha um lugar pra dormir e horário da refeição. Ai de você que chegasse um minuto depois das 1 e meia ou 2, aí acabava, tinha aquele horariozinho de almoço e tinha que chegar, se não chegasse passava fome, entendeu? O máximo que tinha era o Negrinho, com a vendinha dele, aí você tinha que comer pão com sardinha, né.

Onde as pessoas ficavam hospedadas aqui?

Olha, não vinham muitas pessoas, vinha só aquela turminha que a gente achava que turminha seleta, que a gente falava (...) não era assim não, então com o tempo, com essa turma que começou a frequentar, que era da Eubiose, com o Luis Antonio e a Gigi, e mais uma outra turma da astrologia, que também pra entrar no tal do grupo de astrologia do Lino, nossa, tinha que ter mil e uma condições...

Chegava feriado, sagrado, sem falhas, a turma se encontrava aqui, né, porque São Thomé, imagina feriado você não vir a São Thomé, não, impossível, né, assim, aí constrói...

E era só fazer a casa e pronto?

Não, era assim a prefeitura doava uma determinada metragem com a condição de você dentro de um ano construir alguma coisa.

Na imprensa...

“Olha aí uma oportunidade para aqueles que ainda não tem casa de campo: em São Thomé das Letras, Minas (a 50 km de Caxambu, 1.444 metros de altitude), o prefeito José Hildo Vilela cede terreno e pedras para os que se interessarem. Única condição: a construção tem que ser feita no prazo de um ano”¹²⁴.

Além da oferta, o artigo reiterava a imagem de São Thomé, que a imprensa ajudou a construir: Local onde o tempo passa mais devagar; cidade mística e perdida no tempo; exploração de pedras – única fonte de renda; não tem nenhum policial nas ruas, gente andando com passos lentos; lendas, mistérios; inscrições rupestres – extraterrestres.

Aí eles lavravam lá um documento, então você tinha que em um ano construir uma casa. Aí você ia pra Baependi, registrava aquilo lá, aí sim, saia uma escritura. Realmente aí legalizava. A casa essa aqui da minha mãe também foi nesses termos.

A casa da pirâmide a gente morre de rir, porque é a casa do Lino. Ele fez aquilo pra ele ter um lugar quando viesse a São Thomé. Uma casa de quatro águas, ele fez onde era o antigo cruzeiro, só que bateu um raio lá, esturricou a cruz, aí o pessoal daqui pôs a cruz do lado, você pode ver que o cruzeiro agora, fizeram lá uma coisa organizada, um patamar ali, e o Lino então construiu em cima, quer dizer, o centro ali era onde era o cruzeiro antigo, e fez com quatro águas, então toda a técnica dele, ele é engenheiro.

Você se lembra do cruzeiro antigo?

¹²⁴ VISÃO. 21 de set. de 1981, ano XXX, n. 38, São Paulo. “TUDO DE PEDRA”.

Lembro. Eu lembro quando não tinha nada, tinha o cruzeiro antigo, e aí, do lado, ná época, o Sérgio e eu cogitamos de pegar... há uma depressão ali do lado, mais protegida do vento, então nós ficamos ponderando se nós devíamos construir a nossa casa lá, mas aí, como que iríamos levar o material? No lombo, sabe, nas costas, e água, como você vai fazer? E raio? Porque ali o perigo de raio, é o ponto, é lá em cima, na crista, e nós não estávamos levando em consideração a coisa mais grave de todas, o Lino acabou ficando sem a casa, porque aquela área ali é da Igreja. É da Igreja, deve ser do Vaticano. Aí, o que aconteceu, a Igreja entrou em ação e ele teve que abandonar. Tá construída, construiu, aí o pessoal chegou lá, embargou e ele teve que largar. Aquela área é da Igreja ainda, que eu saiba. Até hoje, não sei agora quais os trâmites que a prefeitura já fez...

Ele abandonou a casa e aí o pessoal ia lá, "ah é a pirâmide", porque tem quatro águas, porque é um ponto magnífico. Você tem um visual fantástico. Quer dizer, ele sabia o que estava fazendo, né, então, virou esse ponto porque é abandonado, porque ninguém cuida, né. É da igreja mas não tá cercado, não tá fechado, então, banheiro público, então aquilo virou uma coisa horrorosa. Então a nossa turma dá risada, imagina, pirâmide, é a casa do Lino, pô, fez lá de acordo, porque com os ventos, ele como engenheiro, depois ele fez psicologia, ele é psicólogo também. Mas com os ventos lá em cima, você tem que fazer uma estrutura fortíssima, foi o que ele fez.

O interesse era justamente de desbravar. A graça de São Thomé tava em curtir tudo que isso aqui oferecia (...) a caverna do Carimbado, eu entrei lá no fundo (...) você respira, é quente, mas você respira. Eu me lembro que naquele trecho que você tem que andar sentado, embaixo de você, no centro, há um sulco assim, de uns 5, 6 cm de largura, que é tão profundo que você, com um farolete não dá pra ver onde vai, você não sabe até onde vai aquela fenda (...) joga pedra e não escuta não, não sei, pelo menos se cair um anel, não acha.

Quem levava vocês nesse lugares?

Olha, o Tião Rosa, conhecia bastante, mas sempre o Marcos conhecia, porque ele ficava mais tempo aqui, porque ele tava construindo, e também nós construímos aqui. Eu sei que deu em cima, porque aí minha mãe veio morar aqui não sei se foi em

outubro, de 80, e ficou pronta a casa ela foi a primeira pessoa de fora a vir morar mesmo.

Que a pedra é fonte de sobrevivência pra uma série de pessoas, tudo bem, mas que seja de uma maneira que não prejudique a cidade e que não vá soterrar os mananciais, e que as casinhas onde eles ficam as cabaninhas, que o esgoto deles não vá poluir porque esse lado oeste tá poluindo a cachoeira da Borboleta tá poluindo. Esses lugares, essas cachoeiras todas, nós íamos visitar, dando continuidade na tua pergunta, a cachoeira da Eubiose, aquilo era um bosque, agora já tiraram muitas árvores, o Cantagalo na época, nossa altas histórias...

Ah, o turismo, deixa só eu completar uma coisa que era uma das coisas que era a graça de São Thomé, que era vim assim né, o maioral do *Macrozen*, não sei o que, então as linhas filosóficas, então, você encontrava aqui pessoas especialíssimas, né, então, o charme era você justamente ter conversas incríveis, porque no fundo, no fundo, esse pequeno grupo sei lá, o interesse, em busca da consciência, já que você tá interessada, quer saber, tá estudando as coisas, astrologia e seja lá mais o que for, tá buscando alguma coisa, e as pessoas que buscavam, buscavam justamente no silêncio, então você encontrava pessoas que não queriam, não era aquela coisa de tropa, eles vinham, sozinho, pra ficar lá acampado, do lado da cachoeira da Eubiose, curtir aquelas noites estreladas, e ficar consigo próprio, então, os papos que rolavam na época, Nossa Senhora...

Então houve uma inversão aí no comportamento dos turistas?

Com certeza, talvez a busca de vivências continue, só que há qualidades diferentes de vivência, vamos falar. Nós buscávamos mesmo em grupo, mas chegava determinada hora, cada um ia ficar num canto, porque você queria ficar com você mesmo, entende, você, o silêncio e a paisagem, era isso que tinha, era uma das coisas que você queria, encontrar essa paz, você ficar com você mesmo, e aí à noite no jantar lá, aquele arroz com feijão, bife e batata frita, né, encontrava os tipos mais exóticos, porque os que tinham coragem de ficar sozinhos, porque não é todo mundo que tem coragem de ficar sozinho, lá nos confins de algum lugar, então era essa qualidade de

peessoas que vinham, era essa a graça, e nós fomos, de certo modo, não sei se culpados ou não sei que palavra usar. Por um lado a gente queria ver isso se desenvolver como turismo, o bem do local, né, parar essa coisa de estragar, e que as pessoas daqui, muito, você sabe que até hoje ainda é difícil a situação econômica, né, que isso trouxesse um benefício e por outro lado isso também vulgarizou aquilo que era tão incrível na época. Então você vai pros lugares e você não curte mais eles sozinhos, quer dizer...

Então você acha que a partir da vinda de vocês pra cá, meados da década de 70, não é, começou a acontecer esse turismo esotérico com mais intensidade?

É acabou se... essa palavra nem existia, quer dizer, esotérico existia, mas como a gente estudava astrologia, era maravilhado com tudo aquilo, um lugar assim que sintetizava, não é, materializava aquilo que a gente imaginava de um por de sol magnífico, noites, ou de estrela, ou de tempestade, a força da natureza, a gente vindo aqui, então a gente falava entusiasmado daqui, então um fala pro outro, pro outro, então essa idéia do mágico, essa idéia do místico foi meio se multiplicando, não que alguém tivesse a intenção, muito pelo contrário, mas a gente não conseguia conter o deslumbramento vai, nós éramos deslumbrados. Um lugar que você pode ficar com você mesmo, né, silêncio, né, esse negócio de disco voador apareceu mais tarde, né, não fomos nós.

De fato, um ou outro dizia que via, não da nossa turma, mas às vezes as pessoas mesmo daqui, nativos, um ou outro falava que dava pra ver satélite, as noites são claríssimas, falavam que dava pra ver Boitatá, um ou outro contava, e aí, luzes azuis, né, falavam que perto da Eubiose tinha muita, umas bolas de luz azul, o pessoal que acampava, esse pessoal diferente que acampava e ficava sozinho lá. Então começaram a aparecer as histórias de disco voador, mas não assim, não foi da gente.

Olha realmente, a turma *hippie*, é característico, a turma *hippie* fumar a sua maconhinha. Que eu saiba na época era só maconha mesmo, coisa mais pesada veio depois.

Bebiam?

Bebida sim, bebida muito, bebiam sim. Acho que pra aguentar a dureza da pedra só com muita bebida. Então, com a turma de *hippie*, veio a maconha, que eu saiba antes não sei, a nossa atenção não estava voltada pra isso, então não posso te dizer.

Em relação aos movimentos da polícia, a repressão, como foi o comportamento da polícia aqui?

Olha, eu tenho poucos dados, eu sei que uma vez ou outra eles davam umas *blitz*, porque começou a ficar impossível. Então eles barravam o pessoal lá em baixo. Eu lembro que uma vez, veio eu com o Lino uma vez, que nós viemos, aí eles pararam, mandaram a gente descer pra ver se não tinha alguma coisa, mas a gente era frequentador daqui, porque realmente começou a haver exagero. Como a estrada você só tem um acesso, um por Três Corações e outro por Baependi, eu acho que deveria ficar, pra cerco de automóveis, uma maneira ótima de fazer controle de quem entra e de quem sai, eu acho que deveria fazer um plano diretor, toda cidade precisa de um plano diretos. Aqui acho que já começa a comportar, então tem que começar daqui pra frente a crescer com planejamento, de preferência não crescer mais do que está. Melhorar, arborizar, você vê, onde você vai por o carro, não tem uma sombra, haviam tantas árvores, haviam paineira magníficas, um monte de jabuticabeiras, que eu não sei como é que cresciam nas pedras, mas cresciam, e não tem , o pessoal, a única coisa que eles conseguem pensar é decapitar todas as árvores.

O desejo de fazer alguma coisa *por* São Thomé, expressado na narrativa de Marica, acabou gerando um forte movimento de enfrentamento do poder local. Novos moradores, já estabelecidos em seus comércios, disseminavam novas idéias... protestavam contra a extração das pedras, acusavam... panfletavam ... agiam

Traziam uma nova consciência: a necessidade de preservação do patrimônio ambiental e arquitetônico, tentavam introduzir o artesanato ...

Além da Arte, Necessitamos dos Artistas

Cristina Conilho Macedo e Guillermo Müller

Precisamos de uma arte que invista numa temática reveladora dos obstáculos que atrasam e manipulam a organização comunitária. É questão de situar a arte na vida da comunidade, desamarrar na prática, mediante a estética libertadora, as mordaças que atenuam os sentimentos e existem nas entranhas do sistema social-produtivo-estético-sentimental que nos rege. Uma arte que faça dos artistas sua própria ferramenta, alto falantes da realização cultural. Coerência, e perante cada brecha assinalar os quilômetros sombrios do muro, ante qualquer êxito conjuntural, a fraca parte que nessa conjuntura a arte e a cultura como falo ativo têm.

Defender o valor artesanal da criação, o direito de escolher o âmbito, participar do como, lutar o porque. Não tem valor nenhum a felicidade pela metáfora da alienação.

Alis, além da arte, necessitamos dos artistas como especialistas dos sentidos e da magia qualquer que todos levam e submetidos adormece num baú transnacional do merchandising global.

A procura artística é atingir a filosofia da vida onde seja, como na serra com sua bruma ranhida pelos bordéis de compra e venda de pedras, onde mascates, garimpeiros de votos andaram catando o bolso com upalpado riso.

PATROCÍNIO:

O SOL LÓGICO: Comida caseira, Cerveja Gelada, Som e Muita Paz.
SÃO THOMÉ DAS LETRAS - MG

Panfleto que circulou na década de 1980, em São Thomé das Letras
Acervo: Tadeu Neder.

São Thomé das Letras, Sul de Minas

Guillermo Müller e Cristina Conilho Macedo

São Thomé das Letras, na aresta da serra, é uma paragem estacionada no tempo. A natureza banha num festival de luzes e energia a vida, ou é a própria vida fertilizando os sentidos. Mas o tempo que também tece a história dos homens submeteu-se aos desígnios dos patriarcas.

São Thomé, cidade e município, vive ainda no pensamento da exploração da pedra. Quartzito para o luxo das piscinas e residências do Brasil e do mundo, pedra de São Thomé que ainda não serve para pôr a mesa digna dos trabalhadores.

As elites tratam São Thomé como um entreposto exportador de pedras; ilhados no mundo e da história, fizeram da cidade um acampamento provisório... já bicentenário.

O encontro dos homens em São Thomé está proporcionando textura para um novo pano. É a convergência de nossas velhas artesãs com a moçada disposta a mudar a face política do município; é o elo entre a alma daqueles que nas pedras penam e a liberdade das hortas comunitárias; é a luta e a batalha entre as carências existenciais e o engajamento dos artistas que aqui aportam.

São 360.º de visão física, o segredo do silêncio para perpetuar-nos no instante sigiloso e solidário da paz espiritual, sabedora que entre irmãos e sinceramente tudo é possível. Fazendo da pobreza argila para modelar um futuro púrpura de horizontes largos.

São Thomé das Letras é a história do coronelismo arraigada nas pedras, das senzalas o temor e o preconceito, no látigo do senhor a extensão de seu feudo.

São Thomé do mundo, sem hospital nem saneamento básico, abre sua alma para o futuro.

PATROCÍNIO:

O SOL LÓGICO: Comida caseira, Cerveja Gelada, Som e Muita Paz.

SÃO THOMÉ DAS LETRAS - MG

Panfleto que circulou na década de 1980, em São Thomé das Letras
Acervo: Tadeu Neder.

O encontro dos *hippies* com os nativos, na década de 1980 fez nascer (entre outras inúmeras coisas) um tipo de artesanato que desde então é muito expressivo em São Thomé das Letras: a casinha de pedra. Muitos se lembram que o primeiro a confeccionar uma delas foi Tuluí, um *tipo de um hippie*, que fez um porta-jóia em forma de casinha de pedra. Na Casa da Cultura ele ensinou crianças a fazerem casinhas, usando cimento... as crianças começaram a usar cola branca e deu certo, tornando o trabalho mais fácil. Hoje fazer casinhas é uma atividade que envolve mulheres (principalmente senhoras), crianças. *Elas são um sucesso, todo mundo que vai em São Thomé tem que comprar uma casinha, depois começaram a surgir as pirâmides, os abajoures, etc...*

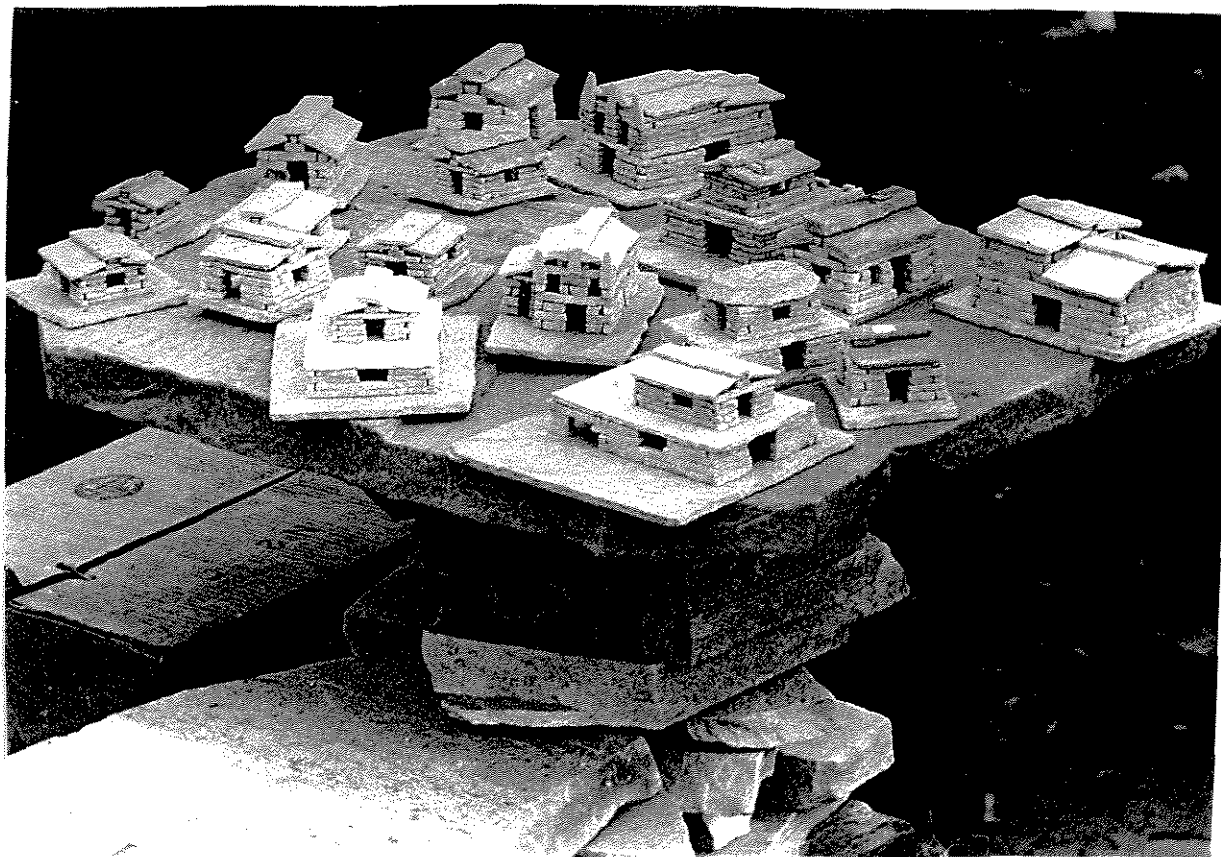


Foto: André Alves

Os hippies também disseminaram ali o artesanato de durepoxi, ligado ao místico: duendes, gnomos, fadinhas, bruxos e bruxas.

Conta um anônimo, participante da fundação da Casa da Cultura, em 1984.

Ela surgiu assim... algumas pessoas se reuniram e ocuparam uma casa do Carlos Cardoso que estava fechada, quase abandonada. Demos uma geral na casa, limpamos, começamos a funcionar... Depois houve injustamente uma invasão lá da polícia a procura de drogas, não achou nada; sempre os preconceito. Isso prejudicou o funcionamento, acabou por parar: o proprietário pediu a casa. Mas serviu, foi uma semente, sobretudo nessa parte de artesanato.

Essa questão da droga há abuso, dos dois lados, das pessoas que usam droga e da própria polícia que abusa do poder: para e vasculha ônibus, malas, bolsas e corpos de todo mundo. Eu acho que não é dessa forma que combate, prejudica o próprio turismo, né, eu nunca faço uma defesa à droga, porque eu não uso droga, mas tem outros meios de combater, mais inteligentes, né. Eu não vou negar que lá não tenha droga, mas também não é assim o paraíso de drogas como falam, agora, a propaganda negativa às vezes é feita pelos próprios moradores de lá ... Droga tem em todo lado, né, infelizmente tem em todo lado, e eu não conformo muito, como eu já disse, sem medo, há abuso dos dois lados, tanto do usuário quanto dos repressores...

A droga começou mesmo na década de 70, com os próprios hippies, os hippies usam drogas. Começou com a maconha que era a droga romântica, hoje já tá pesada com a cocaína.

A imagem de cidade das drogas incomodava pessoas na população. Usar maconha ou outras drogas não era a única coisa que acontecia (ou acontece) em São Thomé das Letras. A vulgarização dessa imagem, como a denegrir a cidade não é bem vista pelos moradores... Alguns deles alertavam pra outras imagens, reagindo – também com panfletos...



São Thomé

Paraíso das Drogas?

Algumas cidades cabem dentro do coração da gente. Uma delas é São Thomé das Letras, que nos últimos anos se transformou na vedete do turismo sulmineiro.

Aquela cidadezinha incrustada na montanha, a 1444 metros de altura, com suas casas de pedras, seu povo simples e bom, conseguiu aliar a exuberância de suas rochas, a beleza de suas cachoeiras e grutas a uma perturbadora, apaixonante e misteriosa inquietação, que paira no ar, vinda de não sei onde, quem sabe do chão.

Uma cidade que aprendemos a amar, respeitar e defender.

E é estranho, estranhamente melancólico, que ela venha se tornar agora, atrás das lentes grossas da moral provinciana, «num dos maiores centros de tráfico de drogas do Brasil (e outros dizem mais longe: do mundo!)» num local onde as pessoas andam literalmente peladas pelas ruas e praticam outras obscenidades.

Ora bolas! Considerações equivocadas como estas refletem o quanto ainda estamos apegados a um código de conduta tão antigo quanto o Direito Romano, baseado no preconceito, na ignorância, nas afirmações a priori, na mentira e na insensibilidade.

Desejamos que as pessoas conheçam a verdadeira realidade da bicentenária São Thomé das Letras e por isso as convidamos a nos fazer uma visita, porque teremos o maior prazer em mostrar-lhes as cachoeiras da Eubiose, do Flávio, Veu-de-Noiva; as corredeiras do Sílvio, as tocas do Leão, do Chapéu, do Chico Taguara; as grutas de São Thomé, do Feijão, do Carimbado; a Igreja Matriz, do Rosário. Com maior deleite ainda lhes contaremos histórias pitorescas e lendárias, como a do Chico Taguara, do Pepino Velho, do sino que foi preso, histórias que só o saudoso Antonio Rosa sabia contar.

Por exemplo, tinha uma que começa assim:

— Não faz muito tempo atrás, havia...

Ass.: Teus Amigos,
São Thomé.

VERDE

Os novos hábitos que vieram na esteira do turismo também afligia os religiosos, que consideravam¹²⁵:

“ Há muitos turistas, dos quais uma parte é de gente boa, cuja presença é benéfica à cidade. Mas há uma outra parte que só traz problemas = prática de nudismo e uso aberto de drogas além de fomento de um certo misticismo naturalista e alienante.

“O prefeito José Afonso de Oliveira “Pretende-se formar o Conselho Municipal de Entorpecentes e um Conselho Municipal de Turismo. Isso criará condições para um melhor futuro da cidade”.

Além dos hippies e esotéricos, na década de 80, São Thomé das Letras começava a receber influência de outras crenças...

Os Evangélicos

Foi o Zé Troquato que trouxe essa religião pra cá (...) Um preto, um escuro

Ele que trouxe? Faz muito tempo?

Morreu aqui, eles levaram ele pra São Paulo, ele era de São Paulo. Foi o Dr. Vitor e a turma deles lá pelejou pra eu assar pra religião deles. eu não vou de jeito nenhum.

Faz quanto tempo isso?

Ah, faz uns 18, 20 anos.

José Troquato. Ele veio pra cá e aí abriu a primeira igreja dos crentes ali em cima agora, tem a igreja.

É uma que fica pra cima do escadão ali, foi a primeira?

Pra baixo do escadão, na rua que segue de fora, que vai dar na Cemig ali. Naquela rua de lá que segue direito em frente à casa do Armando.

E quando eles chegaram logo muita gente já foi pra lá?

¹²⁵ Livro do Tombo, fls. f. 84v/85.

Não, foi devagar.

Tem 3 igrejas. O Vitor já veio cá me agradecer, mas eu falo, ah, não vou lá pra essa religião não. Eu trabalhei muito, hoje eu vivo aqui sossegado. passo pra lá não vou ganhar nada mesmo, se Deus não fizer pra ele não vai fazer pra mim, Deus é um só Deus. Eles não creem em Nossa Senhora, só Deus. Agora você sabe, você tem pai e tem mãe, não tem, você é filha só do pai, não tem mãe?

O Banco do Brasil

Na década de 80, quando era prefeito o Sr. Alaor Sales, foi implantado em São Thomé um *Posto de Atendimento* do Banco do Brasil. A cidade já havia tido um posto do Unibanco, que durou pouco.

Quem conta sobre a implantação do Posto de Atendimento é Toninho Garça, que na época era funcionário do banco em Três Corações e ficou como responsável do posto em São Thomé por três anos.

O Banco e o prefeito Alaor negociaram a implantação do posto. A prefeitura cedeu o cômodo para as instalações e o transporte dos funcionários, que iam e vinham diariamente em um carro muito velho, levando o malote.

Toninho conta que facilitou o acesso ao crédito de muitos dos novos moradores. “A hippaiada tudo tinha cheque ouro. E não davam cano, nunca teve problemas com eles. Muitos daquela época tem cheque até hoje, se estabeleceram e estão aí... o crédito foi um incentivo para eles se fixarem aqui. Em São Thomé, o perfil dos clientes do Banco do Brasil era outro”.

A década de 1990

Os anos 90 têm início em São Thomé das Letras, que tinha à época do censo demográfico de 1991, quintuplicado sua população urbana: durante a década de 80 houve uma verdadeira explosão populacional ali, no alto da Serra das Letras.

Entretanto, em 1996, numa nova contagem da população, esta já havia caído quase pela metade (2739 habitantes).

Concorreram para a explosão tanto o turismo quanto a mineração, que também atraía muitas pessoas com esperança em melhorar de vida, geralmente estes eram lavradores das roças vizinhas, que buscavam uma alternativa ao trabalho nas lavouras.

O turismo, por seu turno, despontou na década de 80 também como uma atividade de grande potencial econômico, e muitas pessoas que investiram na idéia tiveram sucesso. Nos finais de semana e principalmente nos feriados prolongados é impressionante o número de turistas que visitam São Thomé das Letras. Nas ocasiões de festa então... Não é raro, nessas ocasiões de fluxo intenso, o abastecimento de água¹²⁶ ficar suspenso, ou comprometido, e o comércio passar apuros por não poder atender a todos. As noites ficam movimentadíssimas, e quando o dia amanhece, a cidade está forrada de lixo: copos plásticos jogados por todos os cantos, garrafas de vinho Marcon abandonadas ou quebradas... Nessas manhãs, existem pessoas que saem para caminhar nas pedras, principalmente perto da Casa da Pirâmide e do Cruzeiro, onde encontram muitos objetos perdidos, e aproveitáveis: agasalhos, óculos de sol, máquinas fotográficas, dinheiro ou algum baseado esquecido...

Aliás, em São Thomé das Letras, aproveita-se as coisas o máximo possível. Muitos dos carros que circulam pela cidade são verdadeiras sucatas ambulantes, os *brechós* proliferam (existe até mesmo um dia no mês dedicado à venda de roupas, sapatos e objetos usados) em diversos pontos da cidade, sendo que normalmente os objetos usados ali comercializados são levados pelas pessoas de fora e consumidos pela população local e das roças vizinhas: para estes é uma oportunidade em comprar o que precisam por um preço consideravelmente atrativo. O lema parece ser: *quando não dá mais pra usar, a gente reforma...*

As festas também são um importante de consumo, principalmente quando os turistas começam a partir, e os barraqueiros liquidam aquilo que não venderam durante os dias de maior movimento. As pessoas das roças sobem então para comprar...

¹²⁶ Atualmente o abastecimento de água é feito pela COPASA.

O comércio, ao que tudo indica, sempre foi uma oportunidade de relacionamento entre os habitantes permanente de São Thomé e aqueles ocasionais, que às vezes vão ali para ficar alguns dias, e acabam ficando por meses, ou anos, ou a vida toda... e passam a também viver, à espera daquele que vem de fora, por que esse continua sendo aquele que trás o dinheiro até o alto da serra. Entre os que ali permanecem por mais tempo, o hábito de fazer “rolos”, ou trocas envolvendo objetos e/ou serviços. Sem dúvida, a solidariedade é um ponto comum entre eles.

A Festa de Agosto ainda é uma celebração da colheita e nessa ocasião, muitos realmente “fazem a festa” financeiramente. Ali, que normalmente é um local pacato, chegando mesmo a ficar, em algumas tardes “às moscas”, vendedores e compradores se encontram nas noites de São Thomé, e aí, pode-se achar de tudo, de roupas a ferramentas e artigos de cozinha, produtos do Paraguai, sanduíches, churrasquinhos, pastéis, ácido, cocaína, maconha, pra quem é “descolado”, é fácil achar o “canal”. Só não se vê mais no céu a explosão dos castelos, e as quitandas e os doces de cidra, abóbora, mas aquela pinguinha... hoje tem como concorrente principal o vinho Marcon.

Os dias são dedicados às cachoeiras... e aí... copos, garrafas, maços de cigarros, enfim, tudo o que se achou nas ruas após uma noite de festa, aparece no final do dia nas cachoeiras... o turismo, com o tempo, passou a assumir também sua face de predador.

Os ciclos turísticos

Em direção à São Thomé das Letras, convergem diversas “ondas turísticas”: é realmente um local excepcional, síntese. Os primeiros turistas a visitarem São Thomé foram os eubiotas, desde a década de 30 até os dias de hoje. Depois deles, a “onda” mais expressiva foi a dos *hippies*, ou dos jovens aventureiros que para ali seguiam na década de 70. Na de 80 a tônica desloca-se da aventura para o misticismo e o turismo esotérico (iniciado pelos eubiotas) é revitalizado. Na década de 90 surge em cena o *ecoturismo*: a crista da serra, por vezes bastante escarpada oferece cenário para a prática de “esportes radicais” e já existem pessoas na região que estão se especializando em abrir trilhas e

levar grupos para passear... (aliás, como já faziam os ancestrais Rosa, há muitas décadas). Ali pode se fazer *trekking* (caminhadas de curta, média ou longa duração), Montanhismo (combinação de *trekking* com escaladas em maciços rochosos, envolvendo diversos graus de dificuldade), *rapel* (técnica usada pelos alpinistas para descer, com cordas e freios especiais); *canyoning* (prática de *rapel* em cachoeiras). Recentemente o SEBRAE está dando assessoria ao desenvolvimento do turismo e uma das prioridades é mudar a imagem da cidade, que ficou conhecida como local de consumo de drogas e de intensa baderna, atraindo um público barulhento que não “gasta”, mas vandaliza.

O *turismo místico*, ou *esotérico*, projetou a cidade internacionalmente. A imprensa fazia (e ainda faz) bastante sensacionalismo em relação aos mistérios de São Thomé das Letras, principalmente em função da presença ali da Eubiose. Os primeiros artigos sobre o potencial turístico (década de 60), apontavam como atrações a arquitetura peculiar, a igreja matriz, por sua rica ornamentação, e a tradição oral do povo. Na década de 80, os artigos já traziam como atrativo a possibilidade de fazer contatos com extraterrestres, misturando arbitrariamente a doutrina da Eubiose à aparição de naves extra ou intra terrenas.

Em 1980, é revitalizado também o turismo voltado para as cidades históricas, propagado na década de 60.,.

Muitas das pessoas que ali se fixaram em função do turismo, levavam consigo uma consciência diferente, e se integravam à sociedade local, revitalizando o cotidiano ao mesmo tempo em que gerava novas e diferentes “categorias sociais”, como pode ser verificado na transcrição de um artigo da imprensa local que está no *anexo 4*, no final deste volume, que traz uma interessante diferenciação entre “bicho-grilo” e “micróbio”, categorias que, ao lado de outras, povoam a cidade.

Enfim, vão parar ali, no alto da serra, pessoas em busca de mistérios (ou de suas revelações), de aventura, de liberdade e descontração e de contatos com a natureza, ou somente de um local para viver...

Mineração

A introdução dos explosivos e posteriormente do maquinário fez com que São Thomé das Letras entrasse nos anos 90 em meio a uma paisagem extremamente devastada. De longe já se avista a imensa mancha branca no alto (já não tão alto) da serra.

Em 1991, chega um novo pároco à cidade, que espirituosamente comenta, em relação à situação administrativa caótica que havia se instalado nas pedreiras:

“Percebi logo que seria uma ‘pedreira’ no meu sapato”.

“Apesar de relutar bastante para não envolver com a pedreira tive a Segunda reunião com os extratores de pedra do Patrimônio. Eles estavam ansiosos e apreensivos quanto ao futuro da pedreira. Percebi logo que não seria fácil trabalhar com eles. São 64 arrendatários. Encontrei parceiros de arrendo de todos os tipos e intenções. Ficou decidido que nesta reunião Carlos Donizetti dos Reis, funcionário da paróquia não irá mais fiscalizar a execução do trabalho de explosivos na pedreira”.

“Além do problema da pedreira estar funcionando sem licença do DNPM (Dep. Nac. de Prod. Mineral), portanto ilegalmente”¹²⁷.

“Por determinação do IBAMA (Instituto Brasileiro de Amparo ao Meio Ambiente) a pedreira do Patrimônio foi embargada. Os extratores ficaram 15 dias sem poder trabalhar. Foi instalado uma Ação Pública (Inquérito) para averiguar uma denúncia, por escrito, pelo Sr. Edson Luis de Lima (Rua Trinca Ferro 2207 – Cotia, SP). Posteriormente o embargo foi suspenso pelo promotor público da Comarca. No entanto, o inquérito continua e eu já prestei meu depoimento. A situação da pedreira é muito delicada. Com estes acontecimentos o advogado da Mitra (Dr. Antonio Carlos Meirees Barros) deu entrada, no Forum da Comarca à Ação de Usucapião requerendo a área do Patrimônio que não tem Escritura Registrada”¹²⁸.

A fiscalização do IBAMA ocorreu a primeira em 1991, em conjunto com a polícia florestal. Nós tivemos na região aqui, fizemos um embargo de várias áreas onde

¹²⁷ Livro do Tombo, F. 90V. Transcrito como no original.

¹²⁸ Idem, f. 93. No anexo 4 encontram-se outros fragmentos do Livro do Tombo, onde o processo pode ser melhor acompanhado, até a desistência da Igreja quanto à posse daquela área.

estava ocorrendo exploração em áreas de preservação permanente, ou seja, topo de morro, beira, é, próximo aos cursos d'água, córrego e nascente.

As áreas de preservação permanente, como eu já disse, são as proximidades de cursos d'água, depende de cada curso d'água tem uma distância estipulada em legislação, específicas, em torno de nascentes, topo de morro, terço superior de morro, áreas com declividade acima de 45 graus. Essas seriam as áreas de preservação permanente¹²⁹.

Essas pedreiras aqui tem problema de curso d'água, tem uns cursos d'água que cortam aí, tem problema do córrego, do Ribeirão Passa Quatro, que vem sendo assoreado, ao longo do tempo da exploração, e para se delimitar o terço superior do morro e a declividade, isso aí teria que ter um levantamento planialtimétrico em mãos pra gente delimitar com maior certeza.

Quando da primeira vistoria, nós constatamos foi atividade completamente desordenada, assoreando os cursos d'água aqui da região, essa foi a primeira impressão que nós tivemos. A primeira atitude foi o embargo da área, e isso foi feito através do termo de embargo do IBAMA, foram autuadas as pedreiras, lavrado um boletim de ocorrência pela Polícia Florestal, e encaminhado à Promotoria Pública de Baependi. E daí pra cá vem se movendo inquéritos e a Ação Civil Pública contra essas mineradoras. E dum tempo pra cá a FEAM tem entrado na área, porque o licenciamento ele é feito pela FEAM, o licenciamento ambiental no estado de Minas. O IBAMA apenas autoriza a intervenção em áreas de preservação permanente, e a partir dessa intervenção, dessa autorização, o órgão responsável pelo acompanhamento é a Fundação Estadual do Meio Ambiente.

Para intervir em área de preservação permanente, o interessado deve fazer um requerimento solicitando essa autorização pra intervenção, e nós temos uma listagem de documentos que a gente repassa, pro interessado, pra ele poder apresentar, e daí a gente faz a vistoria, com a documentação toda já em mãos, procede-se à autorização. E o

¹²⁹ Entrevista de Marcelo Ferreira Guimarães, chefe do Escritório do Ibama em Lavras. Esta cor servirá, doravante, para designar os depoimentos de Marcelo.

IBAMA depois vem fazendo o monitoramento em conjunto com a Polícia Florestal e a Fundação Estadual do Meio Ambiente.

É a primeira vez que vem uma equipe tão grande... Comento... estamos em 1998.

É, do IBAMA foi a primeira vez que veio uma equipe grande, com seis pessoas, contando com mais seis efetivos da Polícia Militar.

Porque?

Porque nós viemos atender um pedido do Ministério Público, um levantamento ambiental em toda a área de São Thomé das Letras. Como a área é muito grande, são perto de 90 pontos de extração, nós deslocamos uma equipe maior pra que se proceda isso dentro de um período de um curto espaço de tempo e subsidie o promotor dentro das ações que ele vem desenvolvendo.

Nós vamos elaborar um relatório técnico de cada extração, de cada firma, e com as considerações que se fizerem necessários, e encaminhar pro Promotor de Justiça.

Como é o relacionamento do IBAMA com outros órgãos ambientais?

O IBAMA é o executor da política nacional do meio ambiente, que compõe o SISLAMA. São vários órgãos, que compõe o SISLAMA. Dentro do Estado Minas Gerais aqui, que tem a SEMAD, que é a Secretaria de Meio Ambiente, que tem o IEF, a FEAM e o IGAM. O relacionamento do IBAMA a gente tem procurado ser da melhor forma possível, através de entrosamento entre os órgãos, isso a nível superintendência Belo Horizonte, a nível do interior, nós ainda estamos começando a acertar esse relacionamento nosso. O relacionamento maior é feito através da Superintendência do IBAMA em Belo Horizonte.

Como eu te disse, agora nós estamos começando a trabalhar em conjunto com eles. A intenção nossa é começar a trocar essas informações, mas ... projetos na escola, com parceria com Universidade Federal. Conscientizar a população local

Do jeito que está estamos caminhando para a destruição total dos mananciais da região.

Fiscalizar mesmo, em São Thomé, que a fiscalização apertô foi de 90 pra cá, em 90 começou a pegar. Em 94 aí eles começaram vim direto mesmo. 93, aliás...

E eles vem todo mês?

Todo mês... a FEAM, o pessoal do IBAMA, eles vem...

E como eles fazem a fiscalização, eles andam....

Andam. Eles visitam, no caso, a FEAM, eles fiscaliza, no caso esses dique, esses lugar que para areia, esses monte de areia, que fica empoçado nos buracos da pedreira.... Lá na frente tem um que foi construído pra fazer essa contenção, tem que limpar sempre. Explosões; e também na área de reflorestamento. Mas eles são uns fiscal que eu acho que eles deveria trazer mais na área de recurso assim também de idéias, essas coisas... porque eles vem, faz o laudo...

Recurso de idéia?

É no caso, proposta, né? Na área, né? Porque eles não tem proposta, eles só faz laudo de fiscalização. (...) inclusive, agora que tem um cara, que fez doutorado na universidade da Bahia, ele tá com um projeto que a cooperativa...

Depois da primeira visita, em 1991, as pedreiras que se encontravam próximas aos paredões e aos cursos d'água foram desativadas, como o caso daquelas na beira do ribeirão Passa Quatro. Outras tantas foram embargadas, inclusive as pedreiras do Patrimônio. Várias exigências eram feitas para os mineradores que quisessem retornar à atividade. Eles deveriam, a partir daí, seguir as exigências legais, que não eram poucas, principalmente para aqueles que nunca haviam tomado conhecimento delas. Tinha início a aplicação da política do poluidor pagador. As mineradoras que tinham águas drenadas para os córregos tiveram que construir muros de contenção, com o objetivo de segurar o rejeito fino para que ele não se acumule nos cursos d'água causando o assoreamentos deles. Esse paliativo surtiu algum efeito, os muros conseguem segurar o “grosso” do rejeito, os pedaços grandes de pedras, mas o que chamam de “fino”, não pode ser contido. A lavra do quartzito gera uma areia muito fina, que ultrapassa a barreira dos diques de contenção e corre junto com as águas, continuando a assorear os riachos que correm no fundo dos vales, embora agora, em menor escala.

Se por um lado a fiscalização agiu no sentido de regulamentar o funcionamento das pedreiras, por outro impôs uma relativa “pressa” à atividade. Muitos são os produtos

que a pedreira oferece, e estes podem ser inclusive retirados das enormes pilhas de rejeito.

Produtos fornecidos atualmente pela extração, comercializáveis

PEDRA RAMADA: é vendida por peças, não segue os tamanhos usuais para o corte. Quanto maior a placa, maior o seu valor.

PEDRA MANCHADA: (de vermelho). São mais caras, mais raras. O metro quadrado gira em torno de R\$26,00.

Tanto a pedra manchada quanto a ramada tem produção mínima. São difíceis de encontrar, não sendo por isso procuradas para exportação.

Tamanhos padronizados das pedras de primeira, segunda e até terceira :

- 60X60; 50X50; 40X40: quadradas, vendidas por até R\$14,00 o metro quadrado da pedra de primeira.

- 30X60; 25X50; 20X40; 40X60. Pedras retangulares, vendidas por R\$10,00 o metro quadrado.

PEDRAS DE PRIMEIRA.

As pedras consideradas de primeira devem Ter alguns requisitos básicos: são mais duras, tem "qualidade de dureza"; tem as faces lisas, sem cortes e sem trincas, cores claras: as brancas, as amarelas e a roxa. Custam em torno de R\$10,00 a R\$14,00 o metro quadrado. Para a comercialização no mercado interno, as que tem apenas uma face lisa são consideradas de primeira, enquanto para a exportação é necessário que a prancha tenha as duas faces lisas. Essas pedras tem de 3 cm. de espessura para menos.

PEDRA ROSA: é considerada de primeira. O metro quadrado custa mais caro, em torno de R\$12,00 ou R\$13,00 o metro da pedra cortada retangular e R\$16,00 a quadrada. Tem pouca produção.

PEDRAS DE SEGUNDA.

Cortadas nas mesmas medidas das de primeira. Também chamadas de "refugo". Custam em torno de R\$3,00 a R\$4,00 o metro quadrado.

As pedras consideradas de segunda são aquelas que não tem as especificações necessárias para a pedra de primeira. Podem ter trincas, cantos quebrados, sem face lisa, independente da cor. São escuras e mais moles como a pedra conhecida como "chocolate", mesmo tendo a face lisa. São extraídas do "corte", "triado", como é chamado o local onde escorre matéria orgânica, que é absorvida pela pedra determinando sua coloração escura seu grau de dureza (são mais moles que as de primeira).

PEDRAS DE TERCEIRA: Custam em torno de R\$2,00 o metro quadrado cortado nos tamanhos padrão. São pedras grossa, que ultrapassam o limite de 3 cm. de espessura, podendo chegar até 5,5 cm. São de qualquer cor.

PEDRÃO: São lajes de espessuras grossas que podem variar. É pouco aproveitado pelos mineradores por causa de seu baixo preço utilizado para base e parede de construções. Custa em torno de R\$50,00 a viagem de um caminhão carregando em média 9 toneladas. Até aproximadamente 1990, 1993, os pedrões mais duros eram vendidos para uma siderúrgica que funciona (ou funcionava) em Caxambú. Atualmente os caminhões não vem mais buscar esse material nas pedreiras, aumentando o volume de rejeito.

FILETES: são os pedrões, vendidos já cortadinhos. Os filetes são utilizados para o revestimento de paredes.

LAJÃO: utilizado para pisos de quintais, currais, ruas, etc. Custa R\$200,00 a viagem de um caminhão cheio.

CAVACO: São retalhos de pedra de primeira, ou cacos irregulares que não permitem o corte dentro das medidas padrão. Utilizado para revestimento de pisos e paredes. A pedra de segunda não dá cavaco, esfarela. Custa de R\$200,00 a R\$250,00 o caminhão com aproximadamente 9 toneladas.

Apesar de serem vários os produtos possíveis em um banco de extração, a maioria dos mineradores prefere vender somente as pedras cortadas, de preferência de primeira, que dão mais lucro. Muitos não aproveitam nem mesmo as de segunda e

terceira porque o custo delas é baixo em relação à de primeira, e o trabalho para extrair é praticamente o mesmo.

Mas o nosso tempo é curto, a gente tira só dessas retinha aí.

Assim, o material , que poderia ser aproveitado vira rejeito, contribuindo para aumentar os altos montes de estéril acumulados nas pedreiras. A venda do pedrão e de seus "derivados" contribuiria para a limpeza dos bancos, entretanto, nem todos a praticam.

Historicamente os métodos de lavra, ali no alto da serra , ao que tudo indica, sempre estiveram aportados na depredação. O Sr. Saul, nos primórdios da indústria da pedra, lembrou que a “limpeza” dos bancos era feita pela água. Esta, por não gerar lucros não era nem mesmo considerada como um patrimônio. Além disso, quando a atividade passou a constituir uma forte alternativa de renda para a população, conquistando (ou sendo conquistada por) mercados consumidores, a mentalidade que imperava era a do desenvolvimento, associado ao crescimento econômico, sem limites.

Os mineradores, sempre em descompasso com as leis, querem ganhar mais em menos tempo. Quanto à conscientização da população local ... Existe ainda um longo caminho a ser trilhado. Normalmente cumprem as exigências mínimas, mas não porque tenham consciência acerca dos motivos que as geram, mas porque temem ter sua fonte de renda paralisada.

Em relação às políticas públicas, a arquiteta e consultora em planejamento ambiental, Elisabeth Monosowski¹³⁰ considera que as políticas ambientais no Brasil evoluíram, mas não foram acompanhadas, na prática, dos resultados esperados quanto à manutenção e melhoria das condições de vida e preservação dos recursos naturais. A legislação ambiental é sofisticada na forma¹³¹, mas tem condições e meios reais de sua aplicação muito limitados, sendo o principal motivo deste descompasso a dissociação

¹³⁰ Elisabeth Monosowski. Políticas ambientais e desenvolvimento no Brasil. In: *Cadernos FUNDAP*, São Paulo, ano 9, n. 16, pgs. 15-24 – jun/1989.

¹³¹ Vide Cap. 13 da Agenda XXI, *anexo 1*.

entre os objetivos das políticas ambientais e as estratégias de desenvolvimento adotadas: falta de vontade política.

A grande distância existente entre a população local, que é (ou deveria ser) a verdadeira guardiã do patrimônio natural e os fiscais é uma realidade, tanto que, em duas ocasiões, durante minha permanência em campo os mineradores fizeram demandas por minha *atuação instrumentalizada* (com a câmera de vídeo) no sentido de entabularem um diálogo com as instituições que fazem a fiscalização na área. Ante a impossibilidade que sentem em relação ao contato com as autoridades, o vídeo faria a ponte¹³². Essa postura de alguns dos informantes da pesquisa em São Thomé, vem como a reiterar, na prática, uma outra importante consideração daquela autora, que diz respeito à *assimetria de poder*. No controle social das decisões que afetam o meio ambiente, os interesses do Estado sobrepõem-se aos interesses locais e regionais: os benefícios obtidos por atividades insustentáveis ambientalmente são teoricamente distribuídos pelo conjunto do espaço nacional, às populações locais impinge-se apenas o custo.

Em relação à atividade extrativa, o município de São Thomé das Letras fica somente com o *custo ambiental*. As pedras não geravam ICMS porque saiam da cidade com corte manual para serem beneficiadas nas cidades vizinhas. O beneficiamento consiste no corte das bordas com serra elétrica, feito principalmente nos municípios de Três Corações, Baependi, Cruzília. Além disso, não existe ainda um controle rigoroso sobre a quantidade de pedras que sai diariamente do município. Muitos caminhões saem sem nota fiscal, assim, em pedreiras particulares, o prejuízo é da prefeitura e nas pedreiras do Patrimônio, além da prefeitura, os lesados são os próprios cooperados, já que assim, a Cooperativa deixa de arrecadar a cota que cada um deve pagar por metragem extraída. Esse dinheiro deveria ser revertido para a própria manutenção da atividade, bancando a compra e manutenção dos equipamentos e trabalhos de reconstituição de áreas degradadas, exigida pelos órgãos do meio-ambiente. Uma alternativa aventada, mas ainda não aplicada seria o fechamento da área de mineração

¹³² Refiro-me às experiências que resultaram nos vídeos Coopedra e Proposta para a Limpeza da Cachoeira da Garganta, apontadas na Primeira Parte desta dissertação.

da Coopedra com guaritas, os caminhões somente saíam depois de ter suas cargas fiscalizadas.

Além dessas questões, a rígida delimitação das competências das próprias instituições faz com que elas trabalhem em separado. Cada um faz a sua parte (ou não faz) e não existe um trânsito entre as ações, como se pode perceber através da fala do chefe do escritório do IBAMA em Lavras, acima transcrito. As estratégias são implantadas de maneira precária e as políticas ambientais evoluem sem um real questionamento quanto à sua eficácia, compatibilidade ou coerência. Esse panorama aponta, sem dúvida, para uma necessidade urgente de reavaliação dos instrumentos de atuação institucionais e das estratégias atualmente empregadas.

O embargo das áreas de mineração em São Thomé das Letras trouxe à tona um grande problema sócio-econômico, já que a extração das pedras garante o sustento da maior parte da população local. Como a atividade nunca havia sido controlada, um grande número de pessoas vive direta ou indiretamente em dependência do dinheiro que conseguem com a exploração. Os mineradores mais penalizados foram os que trabalhavam nas áreas localizadas no “Patrimônio”. Eram pequenos extratores que trabalhavam por conta própria (deviam apenas uma porcentagem para a Igreja, que já há muito não pagavam) e contavam com a renda das pedras diretamente para o sustento de suas famílias. Percebiam toda a dificuldade que teriam em atender as exigências dos órgãos fiscalizadores. Uniram-se então em uma cooperativa, no intuito de buscarem condições para cumprir a legislação relativa à questão ambiental, prescrita pelo IBAMA.

A primeira atitude que tomaram foi cuidar da questão da posse da área onde mineravam, então sob o domínio da Cúria Diocesana de Campanha. Requereram junto ao Juiz de Direito da Comarca de Baependi-MG a posse da área e instauraram assim um processo de usucapião. Para isso, alegavam os advogados da Cooperativa que esta *“possui há mais de cinquenta (50) anos, mansa, pacífica e ininterruptamente, se oposição de quem quer que seja, o imóvel denominado “PATRIMÔNIO”, situado no*

município de São Tomé das Letras, com a área de 48,50 hectares (...)” ¹³³. 20 anos de ocupação são suficientes para a posse (art. 550 do Código Civil Brasileiro).

Em quanto tempo, pras pessoas se organizarem (em torno da cooperativa)?

Ah ... gastou um ano, só pra organização, área de meio ambiente, liberação de área, liberação do solo, porque tem solo e subsolo, depois foi a liberação do subsolo. Isso aí era sem organização nenhuma porque não tinha ninguém que cuidava do Patrimônio, só que levava o dinheiro, né? Cuidar mesmo que é bom, nada.

Em relação à questão técnica, alguns resultados foram obtidos pela Coopedra, nos primeiros anos de sua existência. As primeiras atitudes técnicas não foram bem sucedidas, pois os mineradores não estavam devidamente preparados para lidarem com as novas questões que passavam a fazer parte de suas preocupações. Somente no terceiro ano de funcionamento da cooperativa, com a contratação do engenheiro de minas Cláudio José de Carvalho, alguns resultados positivos puderam ser incorporados:

- Foram designadas sete áreas para a deposição de estéril, e estes devem ser formados de acordo com os padrões técnicos pré-determinados; com isso pretendem evitar, no futuro, a constante remoção de estéril acumulado à jusante de cada banco de lavra; facilitando a extração de pedras e diminuindo os custos;
- Foi construído um viveiro de mudas onde estão sendo cultivadas espécies nativas da região, para serem utilizadas na revegetação das áreas degradadas pelas atividades de lavra;
- Foi executado um serviço de terraplanagem na parte mais alta da pedreira onde será construído um mirante, com ajuda financeira da Prefeitura Municipal. Até o momento (ano 2000) a construção do Mirante continua apenas no projeto;

¹³³ Comarca de Baependi; Secretaria do Juízo da Única Vara; Processo n. 2466/94. USOCAPIÃO. Sentença em 8 de maio de 1995, pelo Juiz André Leite Praça.

- As explosões passaram a ter um horário definido, às 10 e às 15 horas. Antes detonavam a qualquer hora, pondo em risco as pessoas que estivesse passando por perto. As explosões são violentas, levantam até muitos metros grandes pedaços de rocha. Além de definirem um horário, é obrigatório o soar de uma sirene, avisando que a hora da explosão está próxima; foram colocadas também placas de advertência nas áreas.

Porém, elas continuam fortes... e causam grande impacto. Mesmo se estivermos longe da área onde ocorrem, sentimos sob os pés a sua vibração. O resultado disso são os riscos de desmoronamento das cavernas e as rachaduras nas casas da cidade, que não são poucas.

Em um artigo publicado na imprensa local, o Sr. Daniel, segundo presidente da Cooperativa, declara que antes de sua atuação não tinha nada (conforme também declarou no vídeo Coopedra):

“Foram criadas áreas, para deposição do estéril, depósitos que serão revegetados nos períodos propícios. Foram criados diques de contenção dos rejeitos para se evitar o assoreamento do Ribeirão Passa Quatro, assim como canaletas para drenagem de águas pluviais.

“Diversas áreas foram recuperadas com espécimes nativas. Está sendo feito o processo de recomposição topográfica da serra. Enfim, estamos trabalhando para Ter a extração de pedras, que garante o sustento de várias famílias e recuperando a área topográfica e paisagística.

“A Empresa DEFLOR, de Belo Horizonte, realizou experimentos para desenvoltura de uma camada de vegetação na encosta que verte para a cidade e o resultado está à vista de todos os cidadãos e turistas de São Thomé das Letras. Neste trabalho, a DEFLOR utilizou sementes de braquiaria, gordura, calopogônio, mamona, candeinha, mucuna preta e mucuna branca. O sistema de plantio utilizado consistiu em recobrir o barranco com uma rede contendo espécimes vegetais; esta rede funciona como protetora e em seis meses ela se decompõe em adubo.

A experiência da DEFLORE foi muito criticada por alguns mineradores. Disseram que as plantas que ali colocaram nada tem a ver com as da região, principalmente o braquiária...

Agora trazer aquela solução que eles trouxeram de colocar aquela braquiária... aquilo não tem nada a ver com a região.

Você diz aquela esteira?

É. Faz uns 20 anos que aquela pilha tá ali, nunca rodou pra lado nenhum. Agora que ela táva começando a ... porque depois que ela escurece é que começa a nascer¹³⁴....

A legalização do uso de explosivos foi uma importante questão colocada naquela época. O Ministério do Exército e a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais (Departamento Estadual de Operações Especiais/ Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos) tem que liberar as empresas que usam esse material para compra, estocagem e utilização. Além disso é o ministério que determina a quantidade de material que a empresa pode ter em seu estoque. É necessário ter pessoas especializadas para manipular esse material, e a Coopedra tem dois “*blaster*”, ou “braços de fogo”, como são chamados.

Em São Thomé, são utilizados os seguintes materiais: dinamite, cordel detonante, espoleta pirotécnica, estopim, sistema de iniciação estopim/espoleta, sistema iniciador com retardo não elétrico, dinamite, cordel detonante.

O exército faz vistorias periódicas nos paióis, locais onde acondicionam o material utilizado nas explosões. Na área da cooperativa são três, cada qual guarda um tipo de material, por medida de segurança, para evitar qualquer risco de detonação acidental. Os paióis são rústicos, construídos segundo algumas normas específicas. As paredes são feitas de alvenaria, o piso é feito de cimento, com estrado em madeira e teto feito de telha. Possui barricada artificial e ventilação natural. Não possuem instalação elétrica e foram construídos em terreno seco, com 20 metros de raio e com inclinação para drenagem. É acessível aos meios de transporte e têm placas de advertência.

¹³⁴ Foto na página 304.

Possuem extintor de incêndio e um vigia permanente. O Paiol n. 1 contém dinamite; o n. 2, cordel detonante e o n. 3, espoleta.

Frente ao panorama mundial, a orientação da política brasileira aponta para o fato de que é hora de realizar o controle ambiental, buscando alternativas – essas idéias estão contidas no programa de desenvolvimento sustentável, que prevê, no caso específico de São Thomé das Letras, que se use o estéril das pedreiras, visando diminuir seu volume. Esse estéril tem sido utilizado, de pouco tempo pra cá, como matéria prima para a confecção de artesanato. O SEBRAE está envolvido nesse processo. Uma outra saída seria o incentivo ao turismo, mas um turismo não predatório, como é o que acontece ali. Aí notamos que as mudanças dependem tanto do posicionamento das pessoas envolvidas cotidianamente na comunidade como também das autoridades, e nesse ponto reaparece a importante questão da *vontade*: é preciso que haja vontade política, ou melhor, é preciso que haja, de fato, um posicionamento político, e que tanto os mineradores como a população local se envolvam em projetos alternativos, com consciência, e não apenas por obrigação. Tanto as autoridades quanto a sociedade civil devem adotar um posicionamento consciente em relação a gestão dos recursos naturais não renováveis, que até os dias de hoje tem sido a base da economia local. O envolvimento é *necessário*...

Eles já é pra isso, o meio ambiente toda vez que vem, eles já ganha pra isso, então eu acho que o meio ambiente devia dar mais assistência, mostrar como é que faz, mas não adianta, muitas vezes a gente faz as coisas e faz errado, né?

Mostrar como é que faz o quê?

A restauração, como é pra ser feita, tem o meio certo, né, porque eu acho que não tem, o meio ambiente não dá essa assistência, então fica difícil, porque se você vai fazer uma coisa errada, você, a forma deles ver as coisas, dele restaurada, as coisas, a parte de São Thomé não tem como, né, quer dizer, as partes de tampar buraco, entupir buraco, jogar pedra, essas coisas não tem como, né?

Com essas toca escura acaba, é a melhor coisa pra fazer a restauração em São Thomé, onde você vai destruir, você tira essas toca e põe em outro lugar. É a

melhor coisa, você vai tampar o branco que você tirou. Porque a natureza é formada desse pó preto, não precisa de muita terra pra nascer vegetação.

Que pó preto é esse aí?

É da natureza, que veio juntando, juntando, juntando e formou isso aí. Essa é a natureza da pedra, não precisa jogar terra ... a própria pedra faz a natureza dela. E você toca sem prejudicar a água, a água faz a natureza né.

Sábias e simples palavras, que o fiscal do meio ambiente jamais parou pra escutar. Impõem aos mineradores um conhecimento que é apenas técnico, não experienciado... Os mineradores, em contrapartida, não detém aquele conhecimento, mas vivem ali, naquela área desde que nasceram, e observam, e conhecem... A tirania do discurso (vazio) da competência técnica tem que acabar, para que a regeneração ambiental, que é possível e viável possa acontecer... outros tipos de saber tem que entrar em cena, senão... Do jeito que está estamos caminhando para a destruição total dos mananciais da região, constata o saber do técnico.

Durante minha estada entre os mineradores, pude perceber que a vontade lá existe, assim como também é real uma certa consciência preservacionista em relação ao Ribeirão Passa Quatro, área extremamente devastada pela mineração. Entretanto, mesmo havendo por parte de alguns mineradores a *vontade* de reconstituir a área, o que se lhes apresenta é uma densa rede burocrática, que eles são incapazes de penetrar. São tantos os documentos exigidos para fazer uma intervenção em área de preservação ambiental que a vontade deles se torna inviável: não têm como arcar com os altos custos que a elaboração e execução de um projeto por uma equipe multidisciplinar (como é atualmente exigido pela legislação) acarretaria. Se houvesse um contato mais estreito, talvez essa dificuldade pudesse ser contornada, assim, instituições e população local estariam realmente engajados em realizar políticas de preservação ambiental.

Novas tecnologias atualmente utilizadas

A transformação do rejeito

De acordo com o que foi apurado durante o trabalho de campo, apenas uma empresa que atua na região – a CMS Pedras Ltda., de propriedade de José Geraldo Pelúcio Mangia – possui tecnologia de ponta, que pode ser considerada como o quarto estágio da extração. A empresa conta com 120 funcionários, sendo que 30 deles trabalham nas pedreiras em São Thomé das Letras, enquanto 90 ficam no depósito em Baependi. A empresa possui serra elétrica para cortar as bordas das lajes (que saem das pedreiras com o corte manual, feito com talhadeira), e como implementos ultramodernos tem a “*máquina de pavê*”, capaz de fazer vários tipos de corte, inclusive cortar pedrões e deixá-los com 3 cm de espessura, conforme medida exigida para as pedras de primeira linha. Com essa máquina, de tecnologia italiana, o que é rejeito transforma-se em material de primeira, e sua utilização contribui para a diminuição do volume de estéril. Uma outra máquina que favorece a utilização do rejeito é um forno que muda a coloração do quartzito, fazendo com que todo o material que sai da empresa seja de primeira linha.

José Geraldo, que sempre está em busca de tecnologia na Europa, trouxe esses implementos de um congresso em Verona, na Itália. Sua empresa é a única, da região, que tem em seu quadro de funcionários um engenheiro de minas, um engenheiro de produção e um administrador de empresas, assessorado pela Fundação Cristiano Ottoni, em relação à “Qualidade Total”. Em 1998 estavam em fase de lançamento dos produtos da *máquina pavê* no mercado ¹³⁵.

Ele é um empresário, e rico, podendo portanto investir em máquinas (ele foi o primeiro a introduzir maquinário na década de 70). Quanto aos mineradores que têm seus bancos localizados nas pedreiras dos pobres, de mãos tortas, dedos quebrados em forma de garras, costas arqueadas, pele grossa e com muitas rugas, maltratada pelas intempéries ... a estes resta-lhes descer para a lida árdua, todos os dias, esperando

¹³⁵ Informou sobre a CMS Pedras Ltda. o engenheiro Cláudio José de Carvalho, em conversas informais.

encontrar veios que se enquadrem nas determinações do mercado quanto às pedras de primeira linha.

Com um bom humor contagiante, ouvem a rádio local (que é pirata) enquanto trabalham. Levam em seus embornais café, água potável e talvez pão com mortadela como merenda ... antigamente pegavam a água que descia pelas pedras, para beber...ela era pura. Agora, a água que desce vem junto com o esgoto, que às vezes fica depositado nos fundos dos bancos, onde os homens trabalham.

Andando pelas pedreiras do Patrimônio, ouve-se sempre vozes a gracejar e risadas, altas. Nem sempre podemos localizar de onde partem esses sons, que se misturam ao gemido forte e constante dos compressores e ao ritmo das ferramentas batendo nas pedras... compondo uma sinfonia única, que somente ali pode ser ouvida.

Enquanto isso, por vezes gastam o que não tem em áreas que não vão lhes dar o retorno financeiro. O conhecimento da área e da técnica é fundamental ao sucesso da empreitada:

Porque se eu não tivesse a paternidade de saber o que tava aqui, há 8 anos atrás, tudo tampado de terra, só se o companheiro falasse assim “ah, aí não tem nada”, mas eu como trabaiei aqui, eu tenho confiança do que tá guardado, foi eu que guardei, isso é importante. Então falava assim “vamo guardá a banana pra gente comê depois”. Essa também foi a única maneira que eu achei de economizar o meu dinheiro, porque agora eu acho que é hora de tirar ele, porque ele tando aqui nas pedra, ele tá guardado, porque aqui em São Thomé, meu filho, queira sim ou queira não, ainda tem essa paternidade, o nosso pão aqui continua sendo a pedra, o filho de São Thomé, então teu pão é pedra, o filho de São Thomé, então teu pão é pedra, você não vai poder comer as pedras, mas é do dinheiro delas que você sobrevive. Então é por isso que tem que ter o conhecimento. 30 anos de pedreira, eu com 30 anos, se não tiver o conhecimento posso largar mão, porque qualquer outro camarada que passar aqui e talvez não vai saber tirar pedra. Se eu não tiver aqui, o cara não tira, porque eu tenho a manha, sei onde tá as veia, onde é os pacote, os corte, cabresto, nó, então tudo ... e as pedras tem que ter a manha de conversar com elas: “ó, eu preciso do seu pãozinho aí, me dá uma força, vamo lá ” sabe, é isso aí...

Em conclusão

Concluir esta dissertação, tendo em mente que ela trás registrado, logo em suas primeiras páginas, a proposta inspirada em Walter Benjamin, de ser uma *obra aberta*, pode parecer um despropósito. A impressão que tenho, ao redigir este texto é de redundância...

Serei portanto breve, ao considerar três pontos como referência:

Quanto à proposta de utilização das imagens animadas como um instrumento de investigação, inaugurando o processo de pesquisa *através* de registros audiovisuais, que por sua vez subsidiaram um prolongado diálogo com as pessoas registradas, aos moldes da antropologia filmica.

Essa metodologia explicitou um duplo poder: de democratização das informações, quanto aos passos da pesquisa, para as pessoas que se envolveram no processo como informantes, e, principalmente de gerar neles consciência quanto à sua performance, ou melhor, quanto ao seu reconhecimento enquanto importantes peças na elaboração de um tipo de conhecimento.

A proposta de introduzir o vídeo na história oral partiu da consciência acerca do alto poder de transmissão e de síntese de conhecimentos que a imagem carrega. Quando ouvimos uma voz, a imagem daquele que fala fica por conta de nossa imaginação. Sem dúvida, nossa compreensão acerca daquele que fala é ampliada quando também podemos visualizá-lo. Nesse sentido, os audiovisuais representam no contexto desta pesquisa, antes de tudo, um registro de memórias, e de seus interlocutores, em um suporte permanente. Tal proposta, prescrevia a necessidade de desenvolver estratégias para a colocação desse tipo de instrumento em campo, e numa fase posterior, para a utilização dos registros realizados na construção de uma síntese audiovisual: era preciso cuidado para não ferir eventuais sensibilidades, haja visto que lidamos aqui, com um tipo de registro que expressa muito além daquilo que é aparente. Mesmo não lidando

com filmes, da maneira como trabalhou Marc Ferro ¹³⁶, gostaria de frisar uma importante observação: os filmes permitem fazer uma *contra-leitura* de uma sociedade, eles mostram o *não visível*. Resta-nos aprender *como* ler (entender) essa face, aparentemente oculta.

Se juntarmos isso aos pertinentes apontamentos de Alessandro Portelli¹³⁷, quanto à ética em relação à aplicação da história oral, principalmente quanto à invasão de privacidade que impomos a nossos informantes nos momentos de entrevista, então a questão fica ainda mais delicada: as estratégias são realmente necessárias.

Minha consciência se acalmava quando considerava que não estava lá para realizar registros às escondidas, ao contrário, a anuência das pessoas era uma condição. Nesse ponto, a devolução constante dos registros às pessoas registradas era, para mim, a garantia de que sua participação estava acontecendo com liberdade e consciência: nossa *história era aberta*, e nossas relações transparentes, o *toma-lá-dá-cá* era sempre uma relação explícita: sabíamos o que queríamos uns dos outros, e isso sempre ficou muito claro entre nós.

A questão da inibição ante o olho da câmera é uma possibilidade, que pode ou não se realizar. Em São Thomé das Letras, notei que o contato prolongado e a devolução constante dos registros às pessoas registradas surtia o efeito de descontraí-las, na mesma medida em que eu ia conquistando suas confianças (e elas, a minha). Descortinava-lhes, assim, os horizontes da pesquisa. Então, ao juntar fragmentos, aqui, ali... sempre pude contar com as preciosas colaborações que eles me ofereceram durante todo o tempo.

Antes de ir à campo, eu pensava que talvez pudesse ser difícil introduzir aquele instrumento de registro (para mim, pessoalmente, inibidor, porque invasivo) na comunidade que desejava conhecer. Logo nos primeiros contatos, meus pensamentos se transformaram... As pessoas ali sentiam-se valorizadas (e não invadidas, ou degradadas) quando registradas, o que manifestavam imediatamente após conhecer o potencial de registro da câmera, examinando-se na tela. O prazer e o desejo pelo registro foram uma

¹³⁶ Marc Ferro. *Cinema e História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

¹³⁷ Em artigo publicado na Revista *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História. PUC/SP, n. 15, abril de 1997.

forte tônica durante a experiência ali, no alto da Serra das Letras. D. Alvina adorava. Queria ser filmada junto às suas crianças... Uma tarde, mandou chamar uma netinha, que estava dormindo:

Ah, que pena, exclamou, no tá aí ela filmava junto com a vó. Aí, quando a vó morresse ficava pra lembrança...

Por sorte, a netinha logo acordou, e se aproximava, no colo da mãe, quando um irmãozinho seu, que estava por ali, gritava de contentamento:

Alá, tá trazendo ela, é bonitinha...

D. Alvina também se alegra: *Alá a minha netinha!*

O irmão não cabia em si de orgulho e prazer, gritava: *Vai mostrá ela mãe, vai mostrá ela.*

Quanto a colocação da história em filmes, ou melhor, em vídeos, é (relembrando Rosenstone¹³⁸) assim como o texto escrito, uma re-criação do passado, que parte sempre do presente: não é nem melhor nem pior, mas uma linguagem diferente.

A utilização dessa linguagem aponta que o esforço no sentido de buscar as chaves para a sua compreensão, nos faz capazes de utilizá-la também em nossas construções. A linguagem expressada pelas imagens em movimento, apesar de já contar algumas décadas, é ainda nova para o historiador. Elas inauguraram novas formas de comunicação, e representação no interior de uma sociedade: as ciências que se dedicam ao estudo dessa sociedade não pode desconsiderar essas transformações. Além disso, as imagens animadas não precisam, necessariamente substituir o meio de expressão tradicional, representado pela escrita, ao contrário, são meios que devem ser entendidos (e utilizados) como práticas complementares e não excludentes; eu utilizei imagens animadas como intermediadoras na entre o presente da cidade (meu ponto de partida) e a escrita da história (meu ponto de chegada).

¹³⁸ Robert Rosenstone. History in Images/History in words: reflexions on the possibility of really putting history onto film". *The American Historical Review*, 85, dec.1998.

O objetivo de colocar a história em vídeo, através da metodologia inaugurada por Flaherty, quando filmava entre os esquimós, não foi alcançado. Isso me leva a crer que para chegar a tal ponto de entrosamento, a fase compreendida pela inserção deve ser uma longa fase. Chegado o momento de concluir este trabalho, posso dizer que todo o tempo que permaneci em São Thomé das Letras, entre os informantes, foi na verdade um longo período de inserção (e de aprendizagem). A restituição dos resultados desta pesquisa ao seu lugar de origem certamente fortalecerão (ou completarão) o processo. Assim, a realização daquele objetivo é uma porta que está aberta, mas existe uma condição, a Proposta para a Limpeza da Cachoeira da Garganta.

*Finalmente, a proposta textual levada a cabo na Segunda Parte dessa dissertação, na forma de um texto multicolorido resultou do prazer que a leitura do livro *A História Sem Fim* de Michel Ende, me causou. Nas páginas do livro, conheci um texto em cores (eram duas) e aquilo não saiu mais da minha cabeça, e principalmente de minhas impressões. Quando comecei a escrever, ou melhor, a unir os fragmentos que contariam a história de São Thomé das Letras sentia que todas aquelas pessoas que haviam pacientemente me introduzido em seus mundos estavam se diluindo no texto... Eu tentava achar uma forma de mostrá-los, de expressá-los, que não fosse somente através da reprodução de suas falas, que às minhas já estavam se misturando. Lembrei-me das cores e pensei: por que não? Não encontrando uma resposta, resolvi arriscar, pra ver no que ia dar...São Thomé estava impregnado em mim: “eu queria ver pra crer”.*

De certa maneira, o multicolorido é a expressão do aspecto lúdico que, não adianta querer esconder, sempre esteve comigo enquanto eu ia conhecendo aquelas pessoas e suas histórias.

Com as cores, as presenças como que saltavam das páginas e pude ouvir, na medida em que coloria aquele texto, a cadência da voz de cada um deles quando me contavam as suas histórias. Mas eu estive ali, e ouvi aquelas histórias.

Agora, que este trabalho está prestes a escapar de minhas mãos, cabe ao leitor, a crítica.

Nesses derradeiros momentos, cabe colocar que tive uma dupla pretensão:

- 1) experienciar, através da metodologia proposta, forma de relacionamento com os informantes de pesquisa, baseada sobretudo no *envolvimento*.

- 2) pretendeu juntar obras e vidas, como se isso fosse capaz de restituir o vigor espiritual da cultura contemporânea, em suas marchas e contramarchas, que é fruto da união, ou do encontro de vários saberes, por vezes contraditórios, sobre um mesmo mundo.

APÊNDICE

EUBIOSE

Sociedade Teosófica Brasileira

Spes messine in semine

EUBIOSE

Sociedade Teosófica Brasileira

(spes messine in semine - a esperança da colheita reside na semente)

A Sociedade foi fundada em 10 de agosto de 1924. *“É uma Escola Iniciática para todos aqueles que desejarem pertencer à elite precursora da Nova Civilização que fará seu surto nesta parte do Globo e para o qual foi a mesma criada”*¹.

“O Movimento Cultural Espiritualista, em que está empenhada a Sociedade Teosófica Brasileira, é conhecido por diversos nomes, destacando-se entre eles, os de Missão da Sétima Sub-Raça, (...), e Missão dos Sete Raios de Luz (...)”. Os nomes foram dados baseados em razões ocultas, que somente os membros do Colégio Iniciático conhecem.

Quem nos contará sobre a Sociedade Brasileira de Eubiose, é Ana Branco, iniciada nos mistérios eubióticos, pois já cursou todos os graus; atualmente ela orienta os que estão no caminho da iniciação. Nos encontramos em São Thomé das Letras, na sede da Sociedade, na noite de 16 de novembro de 1998.

A SBE² foi criada no Brasil pelo casal Henrique José de Souza e Helena Jefferson de Souza, aos quais coube, segundo a doutrina da Eubiose:

Eles tinham esse trabalho que nós chamamos de missão Y, então uma haste do Y cabia ao casal Henrique e Helena aqui no Brasil e a outra haste pertencia a HPB, a Blavatsky, lá nos EU.

A Eubiose, ela foi mudando de nome. O nome SBE surgiu realmente no Brasil, mas é porque esse nome foi passando, foi modificando conforme a função, a tônica do momento. A gente pode ir lá atrás, na Helena Petrovna Blavatsky, russa, uma mulher extraordinária, um ser especial também, e a Helena Blavatsky, que a gente chama de HPB, deixou aí uma literatura imensa, vasta, estudos ocultos, esotéricos, uma coisa maravilhosa que a gente aproveita muito até hoje. E a Blavatsky, ela fundou nos Estados

¹ DHÁRANÁ - Órgão Oficial da Sociedade Teosófica Brasileira ; ano XXXII; julho/outubro de 1957; n. 3 e 4. (revista bimestral - redação: Avenida Liberdade n. 47, 1 andar, S.P).

² SBE: Sociedade Brasileira de Eubiose.

Unidos junto com o coronel Olcold, principalmente ela, eles fundaram a Sociedade Teosófica. A Blavatsky, ela tinha esse este trabalho de fundar a Sociedade Teosófica exatamente ali, nos E.U. Porque os E. U., na época da Blavatsky, ele tinha um papel importante nesse plano do governo oculto do mundo, mas os E. U.³ perdeu esse privilégio, perdeu essa missão porque errou muito, o povo, os seus governantes, eles erraram muito, porque explodiram a bomba atômica, por causa do preconceito racial, que até hoje é uma coisa absurda, é uma coisa inacreditável que acontece naquele país, com a perseguição aos negros e outros tipos de preconceito, é um país muito preconceituoso, apesar de ter a fachada de que são muito libertários, democráticos, mas é um país muito moralista, um preconceituoso, então, explosão de bomba atômica, preconceito racial, exploração dos países menos favorecidos monetariamente, isso tudo foi fazendo com que os EU perdessem o privilégio e acabasse por não merecer ter esse papel, ter essa missão para o mundo. Tudo isso eu tô falando dentro do âmbito oculto não é uma coisa aberta, é uma coisa velada, né. Então os E.U. perdeu essa missão, perdeu esse papel.

A Eubiose existe desde o Egito Antigo, vem mudando de mãos e de nome.

então, é desde o princípio da humanidade quando ela começou a se tornar religiosa, quando ela começou a se pensar de uma maneira filosófica, então, a gente pode dizer que o trabalho da Eubiose começou aí, ele só foi mudando de nome e mudando de mãos, mas foi um trabalho de todos, um trabalho da humanidade, e foi mudando, passando de um missionário a outro, e vai continuar para sempre...

No momento, esse trabalho do governo oculto está vibrando no Brasil, no sul Minas. Olha o tamanho da coisa, não é mera coincidência a bandeira de MG ser uma bandeira branca com o triângulo vermelho no meio. Esse triângulo representa o governo oculto do mundo, as pessoas que frequentam escolas, sociedades, correntes esotéricas, estudam o triângulo e o significado do triângulo, o que é o triângulo, né? E o vermelho é o trabalho justamente mais denso, o trabalho da face da terra mesmo, o trabalho com a humanidade, o trabalho mais árduo, isso é o vermelho, então não é mera coincidência, né, Minas Gerais, se você inverter as iniciais, você vai ter GM, que é governo do

³ E.U.: Estados Unidos.

mundo. E a coisa é muito extensa, a região de São Lourenço, se você observar, você vai ver que as placas dos automóveis, as suas três letras iniciais, GOM, que é governo oculto do mundo. Então, no momento e isso, as embocaduras, como eu falei no começo, estão aí vibrando, inspirando a humanidade, a gente vê esse caos todo no momento e a gente fica aí um pouco incrédulo, como é que cabe ao Brasil uma missão como essa, né, e o seu povo vivendo nas condições que vive, mas pra se reconstruir uma casa, é preciso destruir boa parte dela. Então, muitas vezes o que parece destruição, é, é parte de um plano para uma reconstrução. Então às vezes as coisas tem que sofrer abalos profundos, né, para ressurgir em outras bases. Ressurgir de uma maneira totalmente nova, repensada, sobre outros alicerces, então, o momento em que a gente tá vivendo é o momento do caos, entre aspas, né, porque nós vamos ressurgir e o Brasil e o país do futuro, Juscelino Kubstcheck sabia disso, o presidente Juscelino foi homenageado no nosso santuário em S. Lourenço, ele construiu Brasília sabendo exatamente o que estava fazendo, Brasília é uma cidade onde os seus prédios públicos e outras edificações foram feitos com medidas, canônicas, medidas exatamente dentro de padrões esotéricos para cumprir determinada função...

O professor é aquele que veio trazer, é, vamos dizer assim, a público o trabalho todo. José de Anchieta, que não é da época do prof., Jose de Anchieta esteve aqui em STL, dormiu sete noites aqui, ficou sete dias e sete noites aqui em STL. A gente fica pensando, mas como que esse homem pode ter chegado aqui numa época como aquela aqui, mas eram seres que faziam suas trajetórias também pelos mundos subterrâneos, então eles surgiam rapidamente de um lugar a outro, né. Eles tinham suas passagens, Machu Pichu também é um desses pontos, no Mato Grosso, a famosa Serra do Roncador, ali é um trabalho pro futuro, no Mato Grosso. A Sociedade Eubiose tem sede, tem santuário lá também, é um trabalho pro futuro, um futuro muito próximo, né. E depois mudara, né. Mas o professor Henrique José de Souza, ele já nasceu com essa missão, até uma certa altura da vida dele ele não tinha consciência, ele não sabia a que veio. Era um ser diferente, era uma criança diferente, ele fazia algumas curas, assim, de tocar na pessoa, tirar dores, mas ele mesmo sofria com isso, porque era uma criança diferenciada, estranha, né, e até a sua juventude ele não tinha consciência do que ele

tinha que fazer. Ele adquiriu essa consciência em sua viagem, primeiramente ao RJ, Niterói, e depois a S.L.⁴, Minas Gerais, onde ali no cento de S.L. Existe uma fazenda, a Santa Helena, e ali tem uma montanha, que é a montanha Moreli, o próprio povo de S.L. chama essa montanha de montanha sagrada. E foi nessa montanha que o prof. Henrique e D. Helena, juntos, tiveram um momento de esclarecimento, vamos dizer assim, de inspiração, do que eles teriam que fazer a partir dali. E aí veio uma fase didática mesmo, reunir pessoas, ensinar, preparar as pessoas, trabalhar, foi a partir daí que veio essa fase de escola, a gente pode dizer assim.

Isso aconteceu em 28 de setembro de 1921, em S.L., que a gente chama de fundação espiritual da nossa obra. O que eu acho importante dizer é que as coisas estão aí, estão colocadas, a gente tá vivendo um momento que é um *self-service* esotérico, você tem de tudo a seu dispor, não tem mais muita coisa que se pode dizer oculta mesmo, escondida, que, né, tem alguma coisinha, mas quem procura acha.

São Thomé das Letras, para a SBE é uma das oito cidades *jina* que fazem parte de um sistema geográfico. Na teosofia, a palavra *jina* adjetiva lugares e seres especiais, porque capazes de receber emanções de outras dimensões, mais propriamente, do Governo Oculto do Mundo.

A SBE trabalha em várias cidades, inclusive no exterior, onde tem sede. No Brasil são ao todo oito cidades, sete mais São Lourenço, como costumam dizer. São Lourenço é a principal cidade de um sistema geográfico, pois é considerada a sua síntese. As cidades, na ordem de classificação – que segue um motivo oculto – são: Pouso alto, Itanhandu, Carmo de Minas, Maria da Fé, São Thomé das Letras, que é a Quinta cidade, Conceição do Rio Verde e Aiuruoca. Em todas estas cidades existem *embocaduras*, que são *passagens de uma dimensão pra outra, e essas dimensões que en* *tão falando são justamente os mundos internos, os mundos subterrâneos, o nosso trabalho é todo voltado pra essa coisa de mundos subterrâneos e o governo oculto do mundo.*

Nós temos tudo isso bem explicadinho. E que a gente começa a entrar um pouquinho aí em assuntos reservados nossos, aos nossos graus. Mas o continente

⁴ S.L.: São Lourenço.

Atlante, né, que foi tão comentada Atlântida, ele existiu. ele atingia o Brasil, esse continente, uma parte da América Central, um pedacinho também da América do Norte, pegava esse trecho do Oceano Atlântico que hoje tá aberto, né, ia até a Europa, pegava um bom trecho da Europa. Isso tudo era Atlântida, e foi aí que tudo começou, foi aqui como surgiu, com o afundamento da Atlântida, porque os seres que hoje nós chamamos de jina, na época eram semi-deuses, e eles viviam na face da terra junto com os homens e é daí que surge a mitologia e são histórias que foram se transformando, passando pelas suas alterações normais através do tempo, mas aquela fumacinha que existe, né, que a gente costuma dizer que onde há fumaça há fogo, a mitologia na verdade é isso, a mitologia vem lá da época da Atlântida, onde os semideuses viviam entre os homens e faziam coisas espetaculares, mirabolantes, né. Mas começaram a surgir problemas com essa convivência e devido a questões que eu não posso entrar muito a fundo, mas Atlântida acabou submergida, acabou afundando, e, a partir daí, a partir desse afundamento da Atlântida, a face da terra ficou órfã desses seres. Eles não podiam mais conviver na face da terra e foi daí que surgiram os mundos subterrâneos, eles passaram a viver nos mundos subterrâneos, mas mantiveram as suas brechinhas, as suas brechinhas, porque o trabalho na face da terra tem que continuar, tem que ser feito, né, é uma dinâmica, não pode parar, então os seres semideuses na época da Atlântida não tinham mais como viver na face da terra, não havia mais condições e a humanidade passou a entrar em uma época de deturpações muito grande, confundiu muito as coisas, meter os pés pelas mãos, então a coisa acabou virando uma encrenca então acabou não havendo mais ambiência, não havia mais vibração adequada pra esses seres permanecerem aqui. É uma questão vibratória mesmo. Eles não podiam mais conviver com os homens, então eles desceram para os mundos subterrâneos e mantiveram seus pontos de contato, as suas brechinhas, os seus buraquinhos, que são o que nós chamamos de cidades jina, a gente chama isso de sistema geográfico também. E esses pontos de contato, esses lugares, eles vão mudando através dos tempos, eles vão variando de posição, os mundos subterrâneos permanecem no mesmo local, mas esses pontos sobre a face da terra vão mudando de lugar, os sistemas geográficos. Roma, foi um sistema geográfico, Roma foi a oitava cidade, com sete outras em volta. Então ali era um sistema geográfico, eram

ciudades jina com contatos com o mundo subterrâneo. Era um trabalho do governo oculto do mundo...

Atualmente o grupo que frequenta STL é de São Paulo. Eles realizam trabalhos na área social e também um trabalho oculto, ministrando os graus aos iniciantes. Estes fazem juramento de guardar sigilo sobre o seu aprendizado. As vistas a STL acontecem em dois finais de semana por mês, o segundo e o quarto.

Os primeiros que ali chegaram foram o Sr. Hildebrando e o Sr. Ural prazeres, que tinham como missão colocar uma sede, estatuto, placa, iniciando o contato dos membros da SBE com os moradores locais, que os hospedavam e lhes serviam como guias.

Então eles que organizaram o grupinho, que vieram primeiro aqui. Na década de 40, eles conseguiram pousar com um aviãozinho ali onde hoje é o campo de futebol. Só que o aviãozinho quando pousou ali se acidentou, teve problema depois, aí, não levantava mais. O pessoal aqui, que morava né...

Vinham de S. Lourenço pra cá. E esse pessoal ficou aqui meio que preso uns dias além do que tava programado pra consertar esse avião. O pessoal aqui da cidade é que ajudou a consertar, correu atrás e tal. Receberam eles, como não havia sede, eles se instalavam na casa mesmo das pessoas, e tornavam-se amigos de algumas pessoas. Tem aqui a família da D. Célia, que é a família do atual prefeito, o Sr. Ivani Peixoto, né. Eles conheceram também esse pessoal, né. A D. Cilinha que é tia do prefeito, irmã da D. Célia, ela chegou a trabalhar como zeladora lá na nossa sede. Ela chegou a ver o Chico Taquara na nossa sede... (.) Depois dele ter desaparecido. Ela, ela, é uma visão bonita o que ela conta, né, que ela entrou pra cuidar da sede, que ela tinha que abrir janelas pra arejar, dar uma limpada, dar um certo cuidado, e tinha uma biblioteca e quando ela olhou pra sala que era uma biblioteca uma ocasião, viu uma luz esverdeada, e ela se assustou até um pouco e se aproximou e viu o Chico Taquara sentado na mesa da biblioteca com as mãos estendidas, lendo, com um livro aberto, né. Ele olhou pra ela, e ainda sorriu pra ela e ela correu chamou a irmã dela, eu acho que é a D. Célia mesmo, a mãe do prefeito atual. Chamou a D. Célia chegou a ver ele indo embora de costas. Então elas chegaram a Ter uma visão do Chico Taquara. Ela ainda teve aqui sábado, a

D. Cilinha. Ainda lembrou aqui essa história, aí nesse sofá que você está sentada. Mas a Sociedade foi muitíssimo bem recebida aqui em ST, as pessoas que viviam aqui na ocasião, que eram poucas, era um vilarejo, então as pessoas receberam bem demais. Tornaram-se rapidamente amigos, passaram a ajudar mutuamente, a Sociedade passou a prestar serviços pra comunidade, inclusive de assistência médica, trazendo medicamentos, trazendo roupas, e a comunidade..

Sempre tomavam chuva pelo caminho, chegavam molhados com seus ternos de linho, suas calças de linho, né e ficavam hospedados aí pela cidade, né. Uma pessoa também aqui da cidade que conheceu algumas das pessoas que vieram aqui no começo foi o Seu Tatá, o Seu Oriental Noronha. Me parece até que o seu Tatá tem alguma coisa por escrito do prof. , eu não sei, aí eu não tenho certeza, não sei se a história foi passando por algumas transformações, mas me parece que ele tem alguma coisa do prof. por escrito. Então ele também conheceu o pessoal daqui, o pessoal atual também, mas hoje o Seu Tatá tá voltado pra outro tipo de coisa. Nós tamos voltados pra outro tipo de coisa, então ficou um pouquinho distante, né, os nossos interesses. Mas o seu Tata é uma pessoa também que provavelmente também tem alguma coisa mais pra contar, né.

A primeira sede da SBE foi na praça central: É , uma casinha ali pra cima que não existe mais, e depois passou pra uma casa ali na praça onde se não me engano tem uma das lojas da comunidade harmonia, que em cima tem um terraço, e tal, aí passou a sede, mas antes disso foi uma outra casinha que não existe mais.

Não eles não vinham pra morar, eles vinham pra realmente ter um trabalho com a comunidade. Temos uma preocupação muito grande com o desenvolvimento e os rumos que a cidade toma. Temos um interesse muito grande nisso, a gente tá aqui pra acrescentar, pra ajudar e as pessoas na ocasião, elas ouviam bastante o pessoal da Eubiose, eles eram bem aberto, bem abertos a trocar idéias. Muita coisa que foi feito aqui na cidade foi feito por orientação de pessoas da Sociedade. Hoje a cidade já caminha pelas próprias pernas, né, então já é um pouco diferente isso, né. Mesmo assim a gente tá sempre conversando, trocando idéias, mas a cidade já tem uma outra característica hoje, já é uma coisa mais independente. Enfim, segue pelas próprias pernas.

A gente tem também um interesse assim, não sei se a gente pode dizer turístico, mas a gente quer conhecer todos os lugares, sempre, todos os pontos da cidade, a gente quer conhecer, né. Mas existem determinados lugares, determinados pontos que são de maior interesse pra nós, são mais interessantes, O Pico do Leão, por exemplo, que é um dos pontos de maior vibração aqui da cidade, a Gruta do Carimbado também é um lugar bastante interessante, mas o acesso ali é uma coisa difícil.

Então ali onde tem o Pico do Leão, existem alguns desenhos, algumas inscrições, né, mas existia muito mais coisa, que foram destruídas, que realmente acabaram com aquilo, né. Uma coisa interessante de se observar, principalmente em relação ao que existia é mais ou menos o seguinte, você chega num lugar, tem o desenho, vamos supor, tem o desenho de um cavalo, sobre três pernas, sem o rabo, entendeu, faltando alguma coisa nesse cavalo. Ai você continua andando pela região tal, né, ai você vai ver outro desenho, mais à frente, ai você já encontra o cavalo com as quatro patas, mas continua sem o rabo, ai você continua andando, procurando, num outro dia, numa outra ocasião, um outro desenho, com o cavalo completo, então ai você para e pensa que isso é uma linguagem. Você foi indo, você foi se aproximando e você chegou no lugar, onde o animal está completo. E ali no Pico do Leão existia isso, existia essa sequência, que não existe mais. Agora existe ali a toca do Leão que tem um desenho, que não me parece um leão aquilo, e que tá desaparecendo, rapidamente tá desaparecendo. Mas existia outro desenho de leão. Parece-me que existia mais dois exatamente, de desenhos de um animal, menos completos, né. Então é realmente um caminho, uma trilha...

Sobre o relacionamento atual com a sociedade local: A gente tem, dependendo da administração, a coisa era mais aberta ou mais fechada. Algumas administrações aqui a coisa era bem mais hermética, bem mais fechada, né. Então ficava aquela aura de mistério, o povo imaginando "que será que eles fazem lá dentro", ai dar asas à imaginação, já viu, né. É uma coisa perigosa, até, né, uma coisa complicada. Deixar, soltar a imaginação ai ... Mas isso vai mais é da característica mesmo de cada grupo, do que cada grupo tem que fazer naquele momento, do trabalho para o qual cada grupo tá voltado naquele momento. Tivemos administrações que tinham um envolvimento completo, total, amplo, geral e irrestrito com a comunidade, de serem padrinhos das

crianças, de serem compadres, de serem padrinhos, de um batizar o filho do outro, padrinhos de casamento, e festas de natal, que faziam com a comunidade, e festas de São João, aliás, as festas juninas, até hoje nós mantemos essa tradição, e é a única festa onde nós fazemos um ritual aberto, na presença da comunidade, na Festa de São João, e todo ano fazemos aqui no quintal uma fogueira imensa. Agora a frequência está um pouco menor porque tem uma festa muito grande em Sobradinho, também em Sobradinho, inclusive acho que vão carros da prefeitura, caminhão, então o pessoal vai muito pra Sobradinho, mas aqui fica muito cheio de gente também, crianças, a gente distribui doces, pipoca, bolo, chocolate, quentão, cachorro quente. Fazemos aí fogueiras imensas e oito horas da noite, no dia se São João a gente faz um ritual aberto, na presença da comunidade, em volta da fogueira, né. Isso tem um sentido esotérico, que a gente não pode expor, né, a gente não pode abrir, né. Mas é a única ritualística aberta pra comunidade, né.

Existem outras festas, mas somente para os iniciandos: Mas isso é o tipo de coisa que não tá estampado na testa da pessoa. Isso não é uma coisa exposta, declarada. Existem dentro da Sociedade pessoas que tem problemas de todo tipo, problemas pessoais, é normal. Nós passamos por uma fase aqui em ST, justamente vindo de uma administração que foi bastante fechada, então ficou uma aura assim de mistério em torno de nós, uma coisa estranha, algumas pessoas aí da população dizia que a gente sacrificava bodes aqui dentro, matava animais, tal, e, nada a ver, não tem absolutamente nada a ver conosco, né, e nessas duas administrações, que foram bem mais abertas, né, a gente começou a abrir a porta, convidar as pessoas pra entrar e bater papo aqui dentro, eu peguei isso, de abrir a porta e as pessoas entravam receosas aqui dentro, com os olhos muito arregalados, olhando tudo assim, com rabo de olho, e tal, o pessoal mais jovem, porque os mais antigos conheceram outras pessoas, não é, da sociedade, que tinham essa coisa muito próxima também, houve administrações bem abertas também. Mas eu peguei essa última fase, né, onde era tudo muito hermético aqui e mudou a administração, mudou a tônica do grupo e passou a ser uma coisa bem aberta, bem exposta, e as primeiras experiências assim, de pessoas entrando aqui foi um negócio gozado.

Fui uma das pessoas que abriu a porta; e o pessoal entrava bem receoso aqui, parava na porta, né...

E o que que eles vinham buscar?

Pois é, eu acho que é justamente a coisa do mistério, né. É aquela coisa que você, a curiosidade, você quer. ao mesmo tempo você tem algum receio, é melhor tomar um cuidado, não sabemos bem o que que é, quem são essas pessoas, já ouvi dizer que é isso, já ouvi dizer que é aquilo, então, uma coisa que foi muito interessante no trabalho que nós fizemos aqui na cidade, um encontro de educadores, que foi um negócio maravilhoso, se não me engano, isso foi em 89, e nós que organizamos esse encontro de educadores, foi um trabalho feito com a Marisa, aí na escola, com os professores, tal, né. Eu fiquei instalada aqui, como anfitriã, então os professores viajavam por outras cidades aqui do sul de Minas, tal, tinha aquele calendário, né, e eu ficava aqui de anfitriã, recebendo os professores que estavam chegando pra fazer o trabalho daquele dia e encaminhando os professores que tinham feito o trabalho no dia anterior, que iam para outras cidades. Então era assim um giro.

A biblioteca já existe há bastante tempo, mas também houve uma fase que fechou, porque não tinha como manter, não havia condições de manter, nós não tínhamos como manter um funcionário, não tínhamos ninguém da sociedade que pudesse ficar trabalhando nela, precisava ser alguém da cidade, que morasse, então, ela permaneceu um bom tempo fechada e foi reaberta em 91. Já nessa sede, aqui, se não me engano, nós viemos pra cá no começo dos anos 70, essa sede, e a biblioteca foi reaberta em 91, então tudo começou a mudar a partir da reabertura da biblioteca, então já tínhamos condições de pagar funcionário, pra ficar trabalhando aí, e esse curso, esse encontro de educadores, porque nós tivemos um contato muito próximo com os professores aqui da cidade, então essa coisa do almoço junto, de jantar junto, aí cê tem um problema numa roupa, cê precisa costurar uma coisa, aí você vai lá na casa da pessoa, ô, será que cê tem, será que pode me ajudar, então aquela coisa do dia dia, tal, então foi essa a abertura de porta, o pessoal começou a entrar aqui, passaram a tomar chazinho, cafézinho com a gente, então começa a vir pratinho de bolinho, um prato de

rosquinha, tal. então começou a ficar essa coisa gostosa, normal, essa coisa de gente normal, caramba, gente que é gente, pô!

Nós tivemos uma fase muito hermética, que foi uma coisa fechada, eu acho que isso não foi saudável pra sociedade... Eles prestavam serviços, mas era uma coisa distanciada, entende, a comunidade lá e nós cá.

Isso pegou acho que foi no final dos anos 70, década de 80, entende. Realmente, havia muitos problemas internos, de ordem financeira, o grupo era pequeno, tinha muita dificuldade pro pessoal vir, eles estavam com problemas internos também, mas não foi saudável, afastou a comunidade e começou a ficar, começaram a surgir essas coisas que surgem a partir do mistério

Agora, a biblioteca fica diariamente, aberta, as pessoas vem, crianças, adultos, funciona pra alfabetizando, o pessoal da zona rural, a gente abre às terças-feiras à noite pra eles. A criançada faz empréstimos de gibizinhos, até tem uma nova maneira de se pensar em biblioteca porque existia um preconceito com gíbi, né, agora nós temos aí um gibis, tal, pra criançada, e revistas, tem livros, né, infantis, infanto-juvenis. Não cobramos absolutamente nada, exceto 10 centavos de multa pra quem atrasa, porque isso ajuda a comprar uma revista nova, a comprar uma coisinha nova, a gente vai juntando lá no nosso porquinho até , porque é uma maneira também de você impor uma certa disciplina, e, a partir disso tudo também pessoas da comunidade passaram a se interessar me vir fazer os graus na Sociedade, eles descobriram que eles podiam também, entendeu, que eles também podiam participar, tinham direito, tinham capacidade, sabe, esse tipo de coisa, então eles começaram a descobrir que eles também podiam fazer parte da Eubiose, né

Tem bastante gente, temos pessoas da cidade da série interna, que já fizeram, os graus, são da série interna, a Tânia, que trabalha na prefeitura, e membro da série interna. A irmã da Tânia, a Nélis, tá aqui fazendo o último grau. Então tem uma turma boa, mas tem um problema, que é um problema que envolve muito a cidade, ST, que é a coisa da mistificação, e as pessoas, muita gente tá aqui querendo e, viajar na maionese, né. As pessoas querem solução para os seus problemas, as pessoas querem ver disco voador, as pessoas querem ter visões mirabolante e, quando elas chegam aqui e a gente

faz elas baixarem um pouco a bola e por o pé no chão, eles não gostam muito e vão embora, entendeu, porque eles acham que vão entrar aqui e que vão ver coisas incríveis aqui dentro, né, e realmente não é nada disso. A gente tá aqui pra estudar, pra compreender as coisas como funcionam, e cada um tem o seu merecimento de ver ou deixar de ver as coisas, isso é uma coisa pessoal de cada um, mas a gente aqui dentro a gente não proporciona nada disso pra ninguém, visões mirabolantes, contatos não sei com que, não é nada disso, não que isso não exista, a gente estuda isso, de uma forma científica, né, mais, não queremos que a pessoa venha aqui com esse tipo de expectativa, com esse tipo de ansiedade. Chegou aqui querendo viajar na maionese a gente faz baixar a bola, por o pé no chão, e aí, realmente a pessoa não fica muito satisfeita, fica um pouco frustrada, né. Mas o que nós queremos realmente é que a pessoa se conheça, se trabalhe, a nossa preocupação é essa.

Fazemos cursos, constantemente, agora nesse próximo quarto final de semana, dia 29, vamos tá aí com mais um curso, curso de reciclagem de papel e a partir dessa reciclagem, trabalhos, cestaria, com papel, eu guardei uma pilha imensa de papel pra aproveitar, estamos fazendo um curso que tá sendo realizado na escola, ali na Cristiano Alves, de biblioteca e leitura. Esse curso acho que já tá sendo realizado há seis meses, é que ele ocorre duas vezes por mês, uma no sábado e outra no domingo, então tamos aí realizando esse curso, tem bastante gente fazendo, né, damos cursos de culinária, cursos de noções de higiene e saúde, cursos de tricô e crochê, damos palestras públicas, temos aqui um auditório que tá, podemos dizer pronto, pra ser entregue pra comunidade, lógico que vai ter critérios pra isso funcionar, porque, tem manutenção, tem uma série de coisas então nos queremos que haja um retorno, de alguma maneira disso, não tamos aí com esse auditório pra ter lucro, pra nada disso, entendeu, mas a gente quer manter uma coisa limpinha, arrumada, bonita, a gente quer manter uma coisa apresentável, até pra cidade aproveitar quando quiser trazer também pessoas de outras cidades pra desenvolver alguma coisa aqui. Ter um espaço, limpo, arrumado, só que ele ainda não tá pronto, tá quase pronto, e, constantemente tamos aí vindo com novos cursos, a gente faz trabalhos com as crianças, nos quantos finais de semana também, fazemos jogos,

brincadeiras, aqui nesse quintal mesmo. e, tem rolado um monte de coisas, eu num tô assim...

E de onde vem o dinheiro?

Da própria sociedade. . . doações dentro da própria sociedade. Em S. Lourenço a sociedade é fundação. é considerada oficialmente como fundação. então nós não temos absolutamente nada com fins lucrativos, ou nada, de multiplicar o dinheiro, né. Então são doações dentro da própria sociedade, doações espontâneas. de membros do Brasil, membros até do exterior, mas o problema é que essas doações, elas se espalham, porque não existe a Sociedade só em ST, né, existe uma série de sedes ainda né, então a coisa se dilui um pouco também, né. então na medida do possível ramos aí fazendo as coisas. Intenção tem bastante, né. .

ANEXO 1

Agenda XXI

Capítulo 13

Gerenciamento de Ecossistemas Frágeis:

Desenvolvimento

Sustentável das Montanhas

Capítulo 13

GERENCIAMENTO DE ECOSISTEMAS FRÁGEIS:

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS MONTANHAS

INTRODUÇÃO

13.1. As montanhas são uma fonte importante de água, energia e diversidade biológica. Além disso, fornecem recursos fundamentais -- como minérios, produtos florestais e produtos agrícolas -- e são fonte de lazer. Enquanto importante ecossistema que representa a ecologia complexa e inter-relacionada de nosso planeta, os ambientes montanhosos são essenciais para a sobrevivência do ecossistema mundial. No entanto os ecossistemas das montanhas estão passando por uma rápida mutação. Eles são vulneráveis à erosão acelerada do solo, deslizamentos de terras e rápida perda da diversidade genética e de habitat. No que diz respeito ao homem, verifica-se um estado generalizado de pobreza entre os habitantes das montanhas e a perda do conhecimento autóctone. O resultado é que a maior parte das áreas montanhosas do mundo estão experimentando degradação ambiental. Em decorrência, o gerenciamento adequado dos recursos montanhescos e o desenvolvimento sócio-econômico das pessoas exigem ação imediata.

13.2. Cerca de 10 por cento da população do mundo depende dos recursos montanhescos. Uma porcentagem muito maior utiliza outros recursos oferecidos pelas montanhas, inclusive -- e principalmente -- água. As montanhas são um reservatório de diversidade biológica e espécies ameaçadas de extinção.

13.3. Duas áreas de programas estão incluídas neste capítulo, com o objetivo de aprofundar o exame da questão dos ecossistemas frágeis no que se refere a todas as montanhas do mundo. Essas duas áreas de programas são as seguintes:

(a) Geração e fortalecimento dos conhecimentos relativos à ecologia e ao desenvolvimento sustentável dos ecossistemas das montanhas;

(b) Promoção do desenvolvimento integrado das bacias hidrográficas e de meios alternativos de subsistência.

ÁREAS DE PROGRAMAS

Bases para a ação

13.4. As montanhas são extremamente vulneráveis ao desequilíbrio ecológico, tanto natural como provocado pelo homem. As montanhas são as áreas mais sensíveis a toda e qualquer mudança do clima da atmosfera. É fundamental haver informações específicas sobre sua ecologia, seu potencial de recursos naturais e suas atividades sócio-econômicas. As montanhas e suas encostas apresentam grande variedade de sistemas ecológicos; devido a suas dimensões verticais, as montanhas criam gradientes de temperatura, precipitação e insolação. Uma determinada encosta pode reunir diversos sistemas climáticos -- como tropical, subtropical, temperado e alpino --, cada um representando um microcosmo de uma diversidade ainda mais ampla de *habitat*. Não obstante, verifica-se uma carência de conhecimentos acerca dos ecossistemas das montanhas. A criação de uma base de dados mundial sobre montanhas é, portanto, fundamental para a implementação de programas que contribuam para o desenvolvimento sustentável dos ecossistemas das montanhas.

Objetivos

13.5. Os objetivos desta área de programas são:

(a) Empreender um estudo dos diferentes tipos de solos, florestas, usos da água, plantio e recursos animais e vegetais dos ecossistemas das montanhas, levando em conta o trabalho das organizações internacionais e regionais existentes;

(b) Manter e gerar bases de dados e sistemas de informações para facilitar o gerenciamento integrado e a avaliação ambiental dos ecossistemas de montanhas, levando em conta o trabalho das organizações internacionais e regionais existentes;

(c) Melhorar e implementar a atual base de conhecimentos ecológicos sobre terra/água no que diz respeito a tecnologias e práticas agrícolas e de conservação nas regiões montanhosas do mundo, com a participação das comunidades locais;

práticas agrícolas e de conservação nas regiões montanhosas do mundo, com a participação das comunidades locais;

(d) Criar e fortalecer redes de comunicações e centros de difusão de informações para atender organizações que atualmente se ocupem de questões relativas a montanhas;

(e) Melhorar a coordenação dos esforços regionais para proteger os ecossistemas frágeis das montanhas através da consideração de mecanismos adequados, inclusive instrumentos jurídicos regionais e outros instrumentos;

(f) Gerar informações para o estabelecimento de bases de dados e sistemas de informação que facilitem a avaliação dos riscos ambientais e dos efeitos dos desastres naturais nos ecossistemas das montanhas.

Atividades

(a) *Atividades relacionadas a gerenciamento*

13.6. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Fortalecer as instituições existentes atualmente ou criar outras novas nos planos local, nacional e regional, com o objetivo de gerar uma base multidisciplinar de conhecimentos ecológicos sobre as terras e as águas dos ecossistemas de montanha;

(b) Promover políticas nacionais que ofereçam incentivos às populações locais para o uso e transferência de tecnologias inócuas para o meio ambiente, bem como de práticas de cultivo e conservação;

(c) Ampliar a base de conhecimentos e a compreensão criando mecanismos de cooperação e intercâmbio de informações entre instituições nacionais e regionais voltadas para os ecossistemas frágeis;

(d) Estimular políticas que ofereçam incentivos aos agricultores e às populações locais para que apliquem medidas de conservação e recuperação;

(e) Diversificar as economias das montanhas, entre outras coisas através da criação e/ou fortalecimento do turismo, em harmonia com o gerenciamento integrado das áreas montanhosas;

(f) Integrar todas as atividades relacionadas a florestas, pastagens e fauna e flora silvestres de forma a manter ecossistemas de montanha específicos;

(g) Estabelecer reservas naturais apropriadas em locais e regiões ricos em espécies representativas.

(b) *Dados e informações*

13.7. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Manter e estabelecer análises e capacidades de monitoramento nas áreas meteorológica, hidrológica e física abarcando a diversidade climática e a distribuição hídrica das diversas regiões montanhosas do mundo;

(b) Preparar um inventário das diferentes formas de solo, floresta, uso da água, cultivo e recursos genéticos vegetais e animais, dando prioridade aos que estejam sob ameaça de extinção. Os recursos genéticos devem ser protegidos *in situ* através da manutenção e criação de áreas protegidas, do aperfeiçoamento das técnicas tradicionais de cultivo e criação de animais, e da criação de programas de avaliação do valor potencial dos recursos;

(c) Identificar áreas nevrálgicas que se mostrem particularmente vulneráveis à erosão, inundações, deslizamentos, terremotos, avalanches de neve e outros acidentes naturais;

(d) Identificar áreas montanhosas ameaçadas pela poluição atmosférica das áreas industriais e urbanas próximas.

(c) *Cooperação nos planos internacional e regional*

13.8. Os governos nacionais e as organizações intergovernamentais devem:

(a) Coordenar a cooperação regional e internacional e facilitar um intercâmbio de informações e experiências entre as agências especializadas, o Banco Mundial, o FIDA e outras organizações internacionais e regionais, governos nacionais, instituições de pesquisa e organizações não-governamentais voltados para o desenvolvimento das áreas montanhosas;

(b) Estimular a coordenação, nos planos regional, nacional e internacional, das iniciativas populares e das atividades das organizações não-governamentais internacionais, regionais e locais voltadas para o desenvolvimento das áreas montanhosas, como a Universidade das Nações Unidas, o *Woodland Mountain Institutes* (WMI), o Centro Internacional para o Desenvolvimento Integrado das Montanhas (ICIMOD), a *International Mountain Society* (IMS), a Associação Africana para a Proteção das Montanhas e a Associação Andina para a Proteção das Montanhas, bem como apoiar essas organizações no intercâmbio de informações e experiências;

(c) Proteger os Ecossistemas Montanhosos Frágeis através da consideração de mecanismos adequados que incluam instrumentos jurídicos regionais e outros.

Meios de implementação

(a) Financiamento e estimativa de custos

O secretariado da Conferência estimou o custo total anual médio (1993-2000) da implementação das atividades deste programa em cerca de \$50 milhões de dólares a serem providos pela comunidade internacional sob a forma de subvenções ou concessões. Estas são estimativas exclusivamente indicativas e aproximadas, não examinadas pelos governos. Os custos reais e as especificações financeiras, inclusive as não concessórias, dependerão, entre outras coisas, das estratégias e programas específicos que os governos decidam adotar.

(b) Meios científicos e tecnológicos

13.10. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem

desenvolvimento tecnológico, inclusive sua divulgação através das instituições nacionais e regionais, especialmente nas áreas de meteorologia, hidrologia, silvicultura, ciências do solo e ciências das plantas.

(c) *Desenvolvimento dos recursos humanos*

13.11. Os governos, no nível apropriado e com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem;

(a) Lançar programas de treinamento e extensão sobre tecnologias e práticas ambientalmente adequadas que se mostrassem condizentes com os ecossistemas das montanhas;

(b) Apoiar a instrução superior através da concessão de bolsas de estudo e subsídios para a pesquisa favorecendo os estudos ambientais sobre áreas montanhosas e onduladas, em especial para candidatos pertencentes a populações nativas das montanhas;

(c) Oferecer instrução ambiental aos agricultores, em especial às mulheres, com o objetivo de ajudar a população rural a entender melhor as questões ecológicas relativas ao desenvolvimento sustentável dos ecossistemas montanhosos.

(d) *Capacitação*

13.12. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem criar bases institucionais nacionais e regionais capazes de empreender pesquisas, oferecer treinamento e difundir informações sobre o desenvolvimento sustentável das economias dos ecossistemas frágeis.

B. *Promoção do desenvolvimento integrado das bacias hidrográficas e de meios alternativos de subsistência*

Bases para a ação

13.13. Cerca de metade da população do mundo se vê afetada de diversas maneiras pela ecologia das montanhas e a degradação das regiões de bacias hidrográficas. Cerca de 10 por cento da população do mundo vivem em áreas montanhosas de altas

população do mundo vivem em áreas montanhosas de altas encostas, enquanto cerca de 40 por cento ocupam as áreas adjacentes às bacias baixas e médias. Essas áreas próximas a bacias apresentam sérios problemas de deterioração ecológica. Por exemplo, nas áreas de encosta dos países andinos da América do Sul uma grande parte da população que se dedica à agricultura defronta-se com uma rápida deterioração dos recursos terrestres. Similarmente, as áreas montanhosas e regiões elevadas do Himalaia, o sudeste asiático e a África do leste e central, que contribuem de forma marcante para a produção agrícola, vêm-se ameaçadas pelo cultivo de terras marginais devido à expansão da população. Em muitas áreas esse fato é agravado pelo excesso de ruminantes nas pastagens, pelo desflorestamento e pela perda da cobertura de biomassa.

13.14. A erosão do solo pode ter um efeito devastador sobre uma imensa quantidade de pessoas que vivem na área rural -- pessoas que dependem da agricultura irrigada pela chuva tanto em áreas montanhosas como em encostas. A pobreza, o desemprego, a doença e as deficiências sanitárias estão por toda parte. A promoção de programas integrados em prol do desenvolvimento das bacias hidrográficas com a participação efetiva da população local é uma maneira de impedir o aumento do desequilíbrio ecológico. É indispensável uma abordagem integrada para a conservação, melhora e aproveitamento da base de recursos naturais de terras, águas, plantas, animais e recursos humanos. Além disso, a promoção de formas alternativas de subsistência, particularmente através do desenvolvimento de planos de emprego que aumentem a base produtiva, contribuirá significativamente para a melhoria do nível de vida da grande população rural que vive em ecossistemas de montanha.

Objetivos

13.15. Os objetivos desta área de programas são:

(a) Até o ano 2000, desenvolver sistemas adequados de planejamento e gerenciamento do uso da terra, tanto para terras aráveis como não aráveis, nas áreas montanhosas próximas a bacias fluviais, com o objetivo de impedir a erosão do solo, aumentar a produção de biomassa e manter o equilíbrio ecológico;

(b) Promover atividades geradoras de rendimentos, como o turismo e a pesca sustentáveis e a mineração ambientalmente saudável, e melhorar os serviços sociais e de infra-estrutura, em especial para proteger os meios de subsistência das comunidades locais e dos populações indígenas;

(c) Elaborar dispositivos técnicos e institucionais para os países afetados, com o objetivo de mitigar os efeitos dos desastres naturais através de medidas preventivas, do zoneamento das áreas de risco, de sistemas de pronto alerta, de planos de evacuação e da criação de fundos de emergência.

Atividades

(a) Atividades relacionadas a gerenciamento

13.16. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Adotar medidas para evitar a erosão do solo e promover, em todos os setores, atividades destinadas a controlar a erosão;

(b) Estabelecer grupos de trabalho ou comitês para o desenvolvimento das bacias hidrográficas que venham complementar as instituições existentes na coordenação dos serviços integrados de apoio às iniciativas locais voltadas para a pecuária, a silvicultura, a horticultura e o desenvolvimento rural em todos os níveis administrativos;

(c) Estimular a participação popular no gerenciamento dos recursos locais através de uma legislação apropriada;

(d) Apoiar as organizações não-governamentais e outros grupos privados que contribuam com as organizações e comunidades locais na preparação de projetos que propiciem o desenvolvimento participativo dos habitantes locais;

(e) Criar mecanismos que preservem as áreas ameaçadas que tenham condições de proteger a flora e a fauna silvestres, conservar a diversidade biológica ou funcionar como parques nacionais;

(f) Desenvolver políticas nacionais que ofereçam incentivos a agricultores e habitantes locais para que esses adotem medidas de conservação e utilizem tecnologias inócuas para o meio ambiente;

(g) Empreender atividades geradoras de rendimentos em indústrias familiares e de processamento agrícola, como o cultivo e processamento de plantas medicinais e aromáticas;

(h) Realizar as atividades acima, levando em conta a necessidade de que o desenvolvimento conte com a plena participação das mulheres, dos populações indígenas e das comunidades locais.

(b) *Dados e informações*

13.17. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Manter e estabelecer instalações que permitam a observação e a avaliação sistemáticas nos níveis nacional, estadual ou provincial, para gerar informações utilizadas nas operações cotidianas e avaliar os impactos ambientais e sócio-econômicos dos projetos;

(b) Gerar informações sobre meios alternativos de subsistência e sistemas diversificados de produção no nível de povoado, versando sobre cultivos anuais e de árvores, pecuária, avicultura, apicultura, pesca, indústrias locais, mercados, transportes e oportunidades de fontes de rendimentos, levando plenamente em conta o papel da mulher e sua integração ao processo de planejamento e implementação.

(c) *Cooperação nos planos internacional e regional*

13.18. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Fortalecer o papel dos institutos internacionais de pesquisa e treinamento adequados, como o Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agrícola Internacional (GCPAI) e a *International Board for Soil Research and Management* (IBSAM), bem como de centros regionais de pesquisa, como os *Woodland Mountain Institutes* e o

Centro Internacional para o Desenvolvimento Integrado das Montanhas, na realização de pesquisas aplicadas que contribuam para o desenvolvimento das bacias hidrográficas;

(b) Promover a cooperação regional e o intercâmbio de dados e informações entre países que partilhem cadeias montanhosas e bacias fluviais, especialmente os que se vêem afetados por desastres nas montanhas e inundações;

(c) Manter e estabelecer parcerias com organizações não-governamentais e outros grupos privados cuja ação se volte para o desenvolvimento das bacias hidrográficas.

Meios de implementação

(a) Financiamento e estimativa de custos

13.19. O secretariado da Conferência estimou o custo total anual (1993-2000) da implementação das atividades deste programa em cerca de \$13 bilhões de dólares, inclusive cerca de \$1,9 bilhão a ser provido pela comunidade internacional sob a forma de subvenções ou concessões. Estas são estimativas exclusivamente indicativas e aproximadas, não examinadas pelos governos. Os custos reais e as especificações financeiras, inclusive as não concessórias, dependerão, entre outras coisas, das estratégias e programas específicos que os governos decidam adotar.

13.20. As subvenções para promoção de meios alternativos de subsistência em ecossistemas de montanha devem ser consideradas parte do programa de combate à pobreza ou da promoção de meios alternativos de subsistência de cada país, também discutido nos capítulos 3 ("O Combate à Pobreza") e 14 ("Promoção do desenvolvimento rural e agrícola sustentável") da Agenda 21.

(b) Meios científicos e tecnológicos

13.21. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Estudar a possibilidade de dar andamento a projetos pilotos que associem a proteção ambiental ao desenvolvimento, com ênfase especial para alguns sistemas ou práticas

tradicionais de gerenciamento do meio ambiente que apresentem efeitos positivos sobre o meio ambiente.

(b) Gerar tecnologias para situações específicas de bacias hidrográficas e explorações agrícolas através de uma abordagem participativa que envolva homens e mulheres locais, bem como pesquisadores e agentes de extensão que levem a cabo experiências e testes sobre essas situações agrícolas;

(c) Promover tecnologias de conservação da vegetação com vistas a prevenir a erosão; de gerenciamento da unidade *in situ*; e de aperfeiçoamento das técnicas de cultivo, produção de forragem e agro-silvicultura baratas, simples e facilmente adotáveis pelos habitantes locais.

(c) *Desenvolvimento dos recursos humanos*

13.22. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem:

(a) Promover uma abordagem multidisciplinar e intersetorial do treinamento e da difusão de conhecimentos para os habitantes locais sobre um amplo leque de questões, como sistemas domésticos de produção, conservação e utilização de terras aráveis e não-aráveis, tratamento de canais de drenagem e reposição de águas subterrâneas, gerenciamento da pecuária, pesca, silvicultura e horticultura;

(b) Desenvolver os recursos humanos através do acesso à educação, à saúde, à energia e à infra-estrutura;

(c) Promover a sensibilização e a preparação das populações locais para a prevenção e mitigação de desastres e utilizar, ao mesmo tempo, as tecnologias de pronto alerta e prognóstico mais recentes de que se disponha.

(d) *Capacitação*

13.23. Os governos, no nível apropriado, com o apoio das organizações internacionais e regionais competentes, devem desenvolver e fortalecer centros nacionais de gerenciamento para as bacias hidrográficas, com o objetivo de estimular uma abordagem abrangente dos aspectos ambientais, sócio-econômicos,

tecnológicos, legislativos, financeiros e administrativos e oferecer apoio às pessoas em posição de definir políticas, aos administradores, ao pessoal de campo e aos agricultores, com vistas à promoção do desenvolvimento das bacias hidrográficas.

13.24. O setor privado e as comunidades locais, em cooperação com os governos nacionais, devem promover o desenvolvimento da infra-estrutura local, inclusive de redes de comunicação e de projetos hidrelétricos em escala mínima ou pequena, com o objetivo de apoiar indústrias familiares e o acesso aos mercados.

ANEXO 2

POPULAÇÃO E NÚMERO DE DOMICÍLIOS EM SÃO THOMÉ DAS LETRAS - MG¹

Ano	pop. total	pop. urbana	pop. rural	núm.de domicílios urbanos
1920	4618			
1950 ²	4450	426		106
1970	6796	631		6165
1980	5300	1125	4175	249
1991.....	9371	5700	3671	
1996	5733	2739	2994	748

Totais de domicílios

- **1970:** 1331. Destes, 72 abastecidos com água da rede geral; 50 com iluminação elétrica; inexistência de rede sanitária geral; 1235 usam lenha; 672 têm rádio; 17 têm geladeira; 20 têm TV; 44 têm automóvel.

- **1980:** 1128. Destes, 168 abastecidos com água da rede geral; 742 sem canalização interna; 987 usam lenha; 128 usam gás; 216 com energia elétrica; 933 têm rádio; 50 têm geladeira; 3 têm TV a cores e 136 TV preto e branco; nenhum, com telefone.

- **1991:** 1442. Destes, 916 com energia elétrica; 428 com geladeira; 559 com TV preto e branco; 119 com TV a cores; 25 têm freezer; 35 com telefone.

¹ Tabela elaborada com dados colhidos nos censos realizados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

² Essa contagem foi feita considerando-se o número de habitantes e de domicílios separados em área urbana, suburbana e rural. Para a elaboração desta tabela, considerei como área urbana a soma desta e da área suburbana.

ANEXO 3

Livro do Tombo

Igreja Matriz de São Thomé das Letras

transcrições

Era onde os padres visitantes registravam a sua estada em São Thomé das Letras, tecendo comentários.

p. 1v. - outubro de 1903 - “Quanto nos desolou o progresso temporal da comunidade, nos desalentou sua frieza espiritual.”

p. 14, 14v - 7 de junho de 1908 - Registro do “decreto pontifício de 8 de setembro de 1907, esecutado pela Nunciatura Apostolica por decreto de 19 de abril deste anno, houve por bem o SS. Padre Pio X, crear mais uma diocese no Estado de Minas, desmembrando de Pouso Alegre, com sede na cidade de Campanha.

Pelos limites que foram estabelecidas, fica a Parochia de S. Thomé, pertencendo a esse novo diocese de Campanha.”

F. 10 vs.

Certidão

Joaquim Olynto de Figueiredo Torres Primeiro Escrivão do Judicial e notas da Comarca de Baependy, na forma da Lei, etc, Certifico que, revendo os autos de arrecadação das Terras de São Thomé á folhas oito us que nove, se vê o auto de avaliação, a folhas doze us que treze, as declarações do Vigario, representantes do povo

e Juiz de Orphãos ausentes e de capellas e residuos, tudo pelo theor seguinte = avaliação =

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e sessenta e nove, aos vinte e oito dias do meiz de Julho do dito anno, n'este arraial de S. Thomé das Letras do termo da cidade de Baependy em casa do Alferes Lucio Marciliano de Araujo onde se achavão o Juiz de Orphãos Doutor Antonio Carlos Viriato Catão, commigo Escrivão adiante nomeado, e sendo ahi pelos louvados nomeados, juramentados – Capitão Antonio Ferreira Pinto e Alferes Antonio José Gomes de Carvalho, foi dito e declarado que percorrido as terras pertencentes a S. Thomé, apresentarão a avaliação e demarcação do modo seguinte =

Nos abaicho assignados louvados Juramentados declaramos que louvamos o patrimonio de São Thome ressevado conformi a detriminação do Juiz de harmonia como o Reverendo Vigario João Ribeiro Maia um logradouro para satisfação das necessidades dos Povos principiando a divisa do patrimônio que deve ser posto em praça.

F. 11

No reberão da Chacara acima de retiro de Joaquim Ponciano da Silva a partir do rumo direito que vem do Marco que se acha na estrada que vem de S. Thomé para Paula Francisco (...) descendo pela beira da capoeira até o ribeirão da mesma Chacara e por este abaicgo ate fontear o rumo do marco de pedra, onde teve principio esta demarcação cujas terras compostas de matto virgens capoeiras e campos avaliamos na quanta de seis contos e setecentos e treze mil e quinhentos reis = E para constar fiz este mesmo auto em que assignão com Juiz, Eu, Jose Joa-

F. 11vs.

quim Ferreira Escrivão, que o escrivi Matão Antonio Ferreira Pinto Antonio José Gomes de Carvalho Declaração nos abaixo assignados, como louvados Juramentados declaramos, conforme o que foi determinado pelo Doutor juiz Municipal, e de Orphão Antonio Carlos Carneiro Viriato, e de harmonia este como o Reverendo Vigario João Ribeiro Maia atendendo a necessidade dos povos desta Capella que reservamos para logradouro dos referidos habitantes, os terrenos seguintes, que pertencião ao Patrimonio de S. Thome = (...)

(...) ficou reservado o logradouro com as divizas retro e supra referida sendo o mesmo Vigario ou qualquer outro que o substitua, e zelador não podendo permitir que seja o logradouro destruido queimado ou que nelle se fação chacaras privadas assim ao publico, digo assim o uso publico pois que o fim para que foi reservado foi para o tiramento de lenha madeira necessaria aos povos mas tudo isso procedendo licença do respectivo vigário. E para tudo constar mandei escrever esta pelo respectivo escrivão e assigno (...) conforme aos mencionado autos a que me reporto e dou fe nesta cidade de Baependy Minas 29 de outubro de 1902.

(...)

f. 48v-49 - 1941 – primeiro arrendamento do Patrimônio para a exploração dos quartzitos.

“Instrumento particular de contrato de arrendamento que entre si fazem paróquia de São Thomé das Letras e a firma Jaziel Luiz & Cia Ltda.

“A Paróquia de São Thomé das Letras, que, neste ato, é representada pelo Revmo. Padre Adhemar Pinto, devidamente autorizado por Sua Excelência o Senhor Dom Inocencio Engelve, Bispo da Diocese de Campanha, Estado de Minas Gerais, como outorgante e a firma “Jasiel Luz & Cia Ltda” com sede na cidade de Baependi, no mesmo Estado, como outorgada, na melhor forma de direito tem justo e contratado as seguintes clausulas:

1ª - A outorgante concede à outorgada, durante vinte (20) anos, o direito de exploração das rochas de minerios existentes nas terras da Matriz de São Thomé das Letras, sede da paróquia do mesmo nome, especialmente, de quartzito cericítico, também conhecido como “Pedras de São Thomé”, bem como a areia resultante de sua decomposição;

2ª - A outorgada obriga-se a pagar, mensalmente à outorgante, a partir da assinatura deste contrato, a quantia de cem mil réis (100\$000), durante o prazo estabelecido na cláusula primeira;

3ª - A outorgada obriga-se ainda a pagar à outorgante a taxa fixa de um mil réis (1\$000) por metro quadrado de pedra ou metro cúbico de areia, extraídas para fins industriais;

4ª - Durante o prazo de vigência deste contrato, obriga-se o outorgante, por seu turno, a não criar embaraços e qualquer espécie ao livre exercício do que estabelece a norma contida na cláusula 1ª, bem como não alienar o imóvel por venda ou por outra qualquer forma de direito, salvo os terrenos nos quais não se encontrarem os minérios enumerados na cláusula primeira.

5ª - Os contratantes elegem o fôro da cidade de Baependi para dirimir todas as questões que se suscitem durante a vigência do presente contrato;

6ª - De comum acordo, fica estabelecido o valor do presente contrato em trinta contos de reis (30.000\$0);

7ª - As demais condições legais não aqui especificadas, reger-se-ão pela melhor forma de direito.

Para constar, assinam o presente contrato, em duas vias e na presença das testemunhas abaixo, as duas partes contratantes, depois de lerem e aceitarem as condições estipuladas nas cláusulas contratuais.

São Thomé das Letras, 17 de outubro de 1941.

Ass: Pde. Adhemar Pinto – Vig. Encarregado

Jaziel Luz & Cia Ltda.

Selo com 90\$200.

f. 50 - 1942: “- Arrendamento pedras do Patrimônio. Desde o contrato feito, PG. 48 já rendeu para a Matriz, de mensalidades e metros de pedra a importância de Cr\$ 3.013,00 (três mil e treze cruzeiros) importância esta creditada no Livro da Fabrica”.

f. 66 - 1944: A Cia de extração de pedra não efetuou nenhum pagamento do arrendamento patrimonial este ano, tendo sofrido algum abalo. Entretanto, solucionado certo problema de reforma, fará o pagamento integral.

1962: A paróquia tem um patrimônio, onde se explora as pedras de São Tomé; entregue pelo Sr. Bispo aos cuidados do Senhor José Cristiano Alves e dois auxiliares Sr. Tomé Leonel e Pedro Moisés. STL 30/abril/1962. Pde. Antonio Gonçalves Neves.

“O prefeito, por má interpretação da lei está querendo se apossar da zona urbana da cidade, que pertence ao patrimônio paroquial. A lei mandou demarcar o perímetro urbano e ele entende que isto se torna posse da prefeitura. “O Sr. José Cristiano está tomando conta das pedreiras, mas não com eficiência, não pagam a igreja.”

F. 67v.: “Em nossa companhia trouxemos o Revmo. Pe. José Santiago Paiva que nos ajudou no ministério sagrado e como membro da Comissão Diocesana que administra estas pedreiras procurará resolver a celebre e agitada questão das pedreiras. Graças a Deus este assunto ficou bem encaminhado”.

f. 68: No Mês seguinte, o Bispo Diocesano assumiu as pedreiras: “Comecei neste mês a tomar conta das pedreiras do patrimônio paroquial. Desde a morte do Padre Pedro até agora a igreja perdeu muito dinheiro, pois saiu muitos mil metros de pedra sem receber nada. Todos tiram pedras a vontade.

“Nomeei como fiscal da igreja o Sr. Walter Olaci Costa que acompanhará os caminhões e receberá a porcentagem na hora. 50% da renda ficará para o Seminário Diocesano.

f. 69 - fev. de 1968: “Há muitos problemas na Paróquia de São Tomé das Letras; o pior é o problema das Pedras, cobiçadas pelo exército que lá tiveram em manobra os soldados e deixaram transparecer. mapeamento da área pelos geólogos

1969: “Nesta oportunidade recebi do encarregado das pedreiras a porcentagem da Paróquia: R\$ 672 – sendo retirada a comissão do mesmo.

f. 72v/73.: “Transcrição da Provisão da Nova Comissão das Pedreiras dada por D. Othon Motta, Bispo diocesano.

“Dom Othon Motta, por mercê de Deus e da Sta. Sé Apostólica, Bispo da Diocese de Campanha. Aos que esta nossa provisão virem, saudação, paz e benção no Senhor. Atendendo o bem da Santa Igreja, havemos por bem nomear a comissão abaixo, que

deverá administrar a Pedreira de São Tomé das Letras, de propriedade desta Diocese. Compor-se-á das seguintes pessoas, de quem esperamos fiel desempenho nessa missão:

Diretor Diocesano da Caritas,
Secretário Executivo da Caritas
Leo Laner Gomes,
Ubsclendes Carneiro Pereira,
Luis Fonseca Pereira.

Ao mesmo tempo que conferimos podêres para fazer ou dissolver contratos, organizar sociedade quando julgar oportuno. A renda líquida que se apurar deverá ser distribuída na seguinte proporção:

30% para a Paróquia de São Tomé das Letras
30% para o Seminário Diocesano de Campanha
30% para a Cáritas Diocesana
10% como patrimônio para a melhor exploração da Pedreira.

Dada e passada na Cúria Diocesana de Campanha, sob o sêlo e sinal de Nossas Armas, aos 16 de maio de 1969.

Othon Motta.

Mons. José do Patrocínio Lefort Chanceler do Bispado.

F. 82v. - IMPORTANTE REUNIÃO NA CÚRIA DIOCESANA SOBRE PATRIMÔNIO – PEDREIRA: convocados pelo Senhor Bispo Diocesano Dom Aloísio Roque Oppermann (...) fui à Campanha para tratar de assuntos relacionados à urgente organização dos movimentos de vendagem das pedras e grande necessidade de controle da porcentagem p/a paróquia. Percebendo q o apresentado a pagina 72v deste livro não está sendo observado, recorremos ao Conselho Diocesano para soluções, tendo em vista a precária situação da casa paroquial e Matriz carecendo de recursos para reformas e restaurações. Acertando com o Conselho e Monsenhor José Hugo a viabilidade da administração ficar aos cuidados da paróquia, devendo toda despesa, de transferência ficar sob responsabilidade da CÁRITAS DIOCESANAS. Nesta alteração ficarão 80% para Paróquia, que assumirão as despesas advindas e reverterá 20% para Diocese de

Campanha. Tudo foi acertado na presença do Sr. Bispo Diocesano e Membros do Conselho Diocesano.

f. 83 - abril de 1989. Evento importante foi o levantamento da situação patrimonial da paróquia. Com isto ficou decidido que a primeira coisa a ser feita é a legalização da Pedreira do Patrimônio.

“a partir do dia 01, a pedreira passou a ser chamada de Mineração padre Maia, em homenagem ao seu doador Padre João Ribeiro Maia que em 28 de julho de 1869 doou o que é conhecido como Patrimônio da Paróquia.

f. 85v. - dez. 1989.: ...”o mais importante foi a regularização da Pedreira São Tomé, no Patrimônio da Paróquia. A situação exige cuidados e precisão nos impasses junto ao INPS e demais obrigações. Mons. José Hugo continua se desgastando em favor desta regularização junto aos órgãos competentes.

f. 87. – 1990: “Conseguimos legalizar e regular a situação dos exploradores de pedras do Patrimônio com o surgimento de micro-empresas para este fim.

f. 90V - Este ao chegar registra que a situação administrativa é caótica. “Percebi logo que seria uma ‘pedreira’ no meu sapato”.

MAIO: “Apesar de relutar bastante para não envolver com a pedreira tive a Segunda reunião com os extratores de pedra do Patrimônio. Eles estavam ansiosos e apreensivos quanto ao futuro da pedreira. Percebi logo que não seria fácil trabalhar com eles. São 64 arrendatários. Encontrei parceiros de arrendo de todos os tipos e intenções. Ficou decidido que nesta reunião Carlos Donizetti dos Reis, funcionário da paróquia não irá mais fiscalizar a execução do trabalho de explosivos na pedreira”.

JUNHO: “Além do problema da pedreira estar funcionando sem licença do DNPM (Dep. Nac. de Prod. Mineral), portanto ilegalmente.

f. 92 - 14 de setembro de 1991.

“a propósito deste fato a paróquia vem sofrendo a consequências de atitudes irresponsáveis por parte do prefeito municipal. Ele ctem/ “doa” terrenos do Patrimônio para que as pessoas construam. Mesmo o Patrimônio não tendo o título de propriedade, Escritura Registrada, entendemos que a Igreja é proprietária de fato. Penso que não é lícito ele dar uma coisa que não pertence à Prefeitura.

F. 93 v. - ABRIL DE 1992. - “Por determinação do IBAMA (Instituto Brasileiro de Amparo ao Meio Ambiente) a pedreira do Patrimônio foi embargada. Os extratores ficaram 15 dias sem poder trabalhar. Foi instalado uma Ação Pública (Inquérito) para averiguar uma denúncia, por escrito, pelo Sr. Edson Luis de Lima (Rua Trinca Ferro 2207 – Cotia, SP). Posteriormente o embargo foi suspenso pelo promotor público da Comarca. No entanto, o inquérito continua e eu já prestei meu depoimento. A situação da pedreira é muito delicada. Com estes acontecimentos o advogado da Mitra (Dr. Antonio Carlos Meires Barros) deu entrada, no Forum da Comarca à Ação de Usucapião requerendo a área do Patrimônio que não tem Escritura Registrada”.

f. 95 - julho de 1992.

“A propósito, o prefeito municipal continua doando lotes à revelia da igreja. O relacionamento com ele se torna cada vez mais difícil

f. 97v/98 - Setembro: “neste mês houve a criação da COOPEDRA (Cooperativa dos extratores de pedras do Patrimônio. Existe na paróquia uma cópia do estatuto. Primeiro contato com a paróquia se deu numa reunião neste dia.

f. 98v./99 - “Desde que foi criada a Coopedra a porcentagem de 10% não vem sendo paga. Há deliberadamente, uma má vontade de grande parte dos extratores de pedras em pagar a Igreja.

O conselho de Consultores da diocese se reuniu para avaliar melhor a viabilidade de se continuar ou não a ação de usucapião”

Deliberaram: “Desistir da ação de usucapião e se retirar da área. A permanência da Igreja no Patrimônio poderá trazer implicações com a justiça em relação ao meio

ambiente, Previdência social e direitos trabalhistas. Além do mais a área está tão devastada e desprotegida que dificilmente a Igreja poderá se beneficiar da propriedade. Outro fator que determinou a posição da Igreja foi as implicações negativas que esta relação comercial acaba p/ influir nas atividades pastorais.

A Igreja desiste da área total do patrimônio.

F. 99 - Dezembro de 1993 - Houve reunião da cooperativa e um dos membros da diretoria dirigiu palavras ofensivas à Igreja.

“A propósito, desde a criação da Coopedra, a Igreja não vem recebendo a porcentagem. Tivemos que parar a reforma da Igreja do Rosário para pagar os funcionários. Houve uma sugestão da Cooperativa dar 2% da arrecadação para a paróquia. A paróquia não aceitou por entender de que se tratava de uma ‘esmola’ e isso implicaria responsabilidades futuras.

TURISMO

11 DE SETEMBRO DE 1989 - Da comunidade da Mata, sob os olhares curiosos dos turistas, dirigimo-nos em caravana de automóveis e caminhões para a Igreja Matriz.

f. 84v/85 - “3º Há muitos turistas, dos quais uma parte é de gente boa, cuja presença é benéfica à cidade. Mas há uma outra parte que só traz problemas = prática de nudismo e uso aberto de drogas além de fomento de um certo misticismo naturalista e alienante.

O prefeito José Afonso de Oliveira “Pretende-se formar o Conselho Municipal de Entorpecentes e um Conselho Municipal de Turismo. Isso criará condições para um melhor futuro da cidade.

f. 93v - 19 de abril de 1992 - “encerramento da Semana Santa. A partir da 5ª feira Santa as atividades externas foram muito prejudicadas pelo excesso de turistas e falta de conhecimento e respeito que muitos deles tem quanto a religiosidade do povo.

A festa do padroeiro, que passou a ser celebrada no dia 3 de julho, dia de São Tomé, no ano de 1992 teve Alvorada Festiva de manhã, e missa com a celebração da Primeira

Eucaristia. A cidade estava toda enfeitada e a comunidade rural subiu a serra com andores do santo padroeiro. Houve procissão e o traslado da imagem para a gruta de São Tomé, onde foi rezada uma missa campal.

“Alguns barraqueiros quiseram instalar seu comércio. Mas com o auxílio da polícia nós não permitimos conforme acordo feito (Termo de Compromisso) com o prefeito de não autorizar (alvará) comércio neste dia de Festa.

f. 96v. - 1993. Abril. Encerramento da Semana Santa: “A cada ano que passa a Semana Santa vem sendo prejudicada pelo fluxo excessivo de turistas. Nestes dias a cidade vive em função deles.

f. 100/100v. - 3 de Abril: Encerramento da Semana Santa. Este ano tivemos a partir da 5ª feita santa a presença de aproximadamente 4 mil turistas. A cada ano que passa a invasão é maior. A participação das pessoas foi pouquíssima. Se a paróquia não pensar seriamente na antecipação desta festa religiosa, ela corre o risco de acabar.

ANEXO 4

JORNAL CAMINHOS DE MINAS, FEV. MAR. 1997, P. 4 (CAMINHOS TEEN'S)
transcrição.

SE FICAR O BICHO PEGA, SE CORRER O BICHO COME

Mas afinal de contas, o que é esse tal de “bicho-grilo”

Com certeza, em alguma esquina, de alguma cidade, você já se deparou com aquele indivíduo de cabelos longos, calças encardidas, barba falhada, ostentando pulseiras nos pulsos, encobrindo talvez, aquela (s) velha tatuagem feita num momento “de doideira” que todo mundo passa um dia.

Esse pode ser um “Bicho-Grilo”, ou talvez quem sabe um hippie, como eram chamados na década de 70.

Em São Thomé das Letras, o Bicho-Grilo me parece ser discriminado. Realmente alguns indivíduos não querem “nada com nada”, mas não são todos, portanto eu chamaria isso de RACISMO.

Não importa a marca, o rótulo, o que importa é que ser bicho-grilo é um jeito de ser, uma filosofia que veio desde os tempos de JESUS CRISTO, quando naquela ocasião era chamado de “Andarilho”, por alguns, e “peregrinos” por outros. Naquela época também existia o preconceito.

Jesus Cristo vestia bata, sandálias, tinha barba e cabelos longos, dormia em estábulos ou em qualquer lugar que porventura lhe oferecessem para pernoitar e pregava a PAZ. Percebesse que existe uma certa influência, não que eu queira comparar alguém com o Senhor. Não existe comparações.

Não se pode confundir o chamado “micróbio” com bicho-grilo, O micróbio é aquele agente causador de doenças, um ser vivo que não faz nada além de causar pestes e males. Micróbio, na gíria é aquele indivíduo que fica a pedir cigarros, fica olhando para o seu prato de comida, e come as sobras. É aquele que não gosta de trabalhar, não é

muito adepto do banho e vive de favores. Um dia aqui, outro ali; vai levando a vida. E no final se diz filósofo, o certo seria “FILÓLOGO”, aquele que fila, aquele que pede, aquele que chateia.

Manusear materiais diversos e criar formas, sejam úteis ou não. Para olhar, utilizar no dia a dia, adornar a casa ou o corpo, não importa. É o artesanato, de *arte*, *dom* artístico e *nato*, *nascer*. **Fazer nascer das mãos. É isso que o bicho-grilo gosta, vive, sente e medita, na sua viagem interior, no seu pensamento, na sua essência. Não lhes importa conforto, dinheiro, roupas caras e carros. O que importa é viver cada momento, cada instante. Viver a natureza, o alimento que ele lhes dá. É dormir ao relento contemplando as estrelas, é ficar na boemia, é tocar instrumentos musicais e ouvir cada nota, cada acorde. Epa! Acorde, você já viajou demais.**

Da próxima vez que deparar com um bicho-grilo, respeite-o como gente, não como um animal. Cada um na sua. *Uns pedem fumo, outros dizem que viram Jesus, como diz Chico Buarque*, é importante saber distinguir o bicho-grilo como são chamados, do pedinte, micróbio, mendigo, seja lá como for. Mas são pessoas, são seres humanos. Assim como você, seus filhos, seus netos, seus bisnetos...

Mesmo que você, que está lendo esta coluna, não concordar com o que escrevi, valeu a atenção dispensada. Se você leu é porque interessou.

Agora uma coisa eu vou contar. Tem muita gente que veio a São Thomé porque ouviu dizer que aqui parece Woodstockk. Por incrível que pareça bicho grilo traz dinheiro.

Diga NÃO ao APHARTEID.

SEJA BICHO-GRILO POR UM DIA, QUANTO CUSTA SER UM BICHO-GRILO

- Bolsa de couro cru – R\$ 56,00
- Sandália – R\$ 25,00
- Bata – R\$ 15,00
- Pulseiras e braceletes de fios – R\$ 2,00 (cada)
- Calça jeans surrada (Tipo brechó de periferia) – R\$ 5,00

- Violão popular – R\$ 80,00
- Tatuagem – R\$ 50,00 (preço mínimo)
- Cabelos compridos - mínimo de dois anos sem cortar

TOTAL: R\$ 233,00

(Se preferir incrementar mais o visual com óculos tipo “John Lennon”, colares e cordões, tererê ...)

BIBLIOGRAFIA

Primeira Parte

ALBERTI, Verena. História Oral. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARIÈS, Philippe. O Tempo da História. Rio de Janeiro. Francisco Alves , 1989.

BARTHES, Roland e MARTY, Eric. “Oral / escrito”. In.: Enciclopédia Einaudi, v. II, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987. pp. 32-57.

BARTHES, Roland. A Câmera Clara: nota sobre a fotografia. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter et alii. Textos escolhidos. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade. São Paulo. Cia das Letras, 1988.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Lisboa. Presença, 1976.

BUCAILLE, R. e PESEZ, J. M. “Cultura Material”. In.: Enciclopédia Einaudi, n. 16. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

BURKE, Peter. A escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo, Ed. da UNESP, 1992.

CAMARGO, Aspásia. Apresentação - Introdução, História Oral: técnica e fonte histórica. In.: Programa de História Oral. Catálogo de Depoimentos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 9-24. julho/dezembro de 1995.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação (A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente). São Paulo, Ed. Cultrix, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma Introdução à História. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1997.

CARVALHO, Rui Duarte de . O Camarada e a Câmera. Lisboa: Ed. Ulisseia (editada para o INALD), 1984.

CAVALCANTI, Rachel Negrão. Mineração e desenvolvimento sustentável. Casos da CVDR. Tese de Doutorado. EPUSP, 1996, pp.132-168.

COLLIER JR., John. Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa; SP: EPU, 1973.

CRAWFORD, Peter I. e SIMONSEN, Jan K. (eds.) – “Ethnographic film”. Aesthet and Narrative Traditions, Aarhus, Intervention Press, 1992.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Reflexões sobre memória e história: a técnica da história oral. In.: Revista do Departamento de História. n.4, Belo Horizonte: UFMG, 1987.

DOSSE, François. A História em Migalhas: dos “Annales” à “Nova História”. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

DUBY, Georges et alii. História e nova história. Lisboa. Teorema, 1986.

FARKAS, Thomas. Cinema Documentário: um método de trabalho. São Paulo, Tese de Doutorado. ECA-USP. 1972.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

_____. Société du XX siècle et histoire cinématographique. In: *Annales – Économies. Sociétés. Civilisations* 23/1968, Paris: Kraus Reprint 1978, pp. 581/585

FRANCE, Claudine de. Cinéma et Anthropologie. Paris, Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1982.

FRANCE, Claudine de (ed.). Du film ethnographique à l’anthropologie filmique. Paris, Editions des Archives Contemporaines, 1994.

FREIRE, Marcius. A tela pluridimensional. O filme documentário e suas novas próteses tecnológicas. In: Cadernos da Pós Graduação. Instituto de Artes/UNICAMP, Campinas, SP – Brasil, v.3, 1999. pg. 129/136.

- FONTANA, Joseph. Análisis del pasado y proyecto social. Barcelona: Grijalbo, 1982.
- FURET, François. A Oficina da História. Lisboa. Gradiva Publicações. s/d.
- HEIDER, Karl G.- Ethnographic film. Austin, University of Texas Press, 1994.
- HOCKINGS, Paul e OMORI, Yasuhiro (eds.) - Cinematographic and New Dimensions in Ethnographic Film. Osaka, National Museum of Ethnology, 1988.
- HOCKINGS, Paul. Principles of Visual Anthropology. Paris, Mouton, 1974.
- HUNT, Lynn (org.) A Nova História Cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- KOTHE, Flávio R. Walter Benjamin. São Paulo. Ed. Ática, 1985.
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo, Ed. perspectiva, 5 ed, 1997.
- LAPALANTINE, François. Aprender Antropologia, São Paulo, Brasiliense
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (eds.) História, novos objetos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, Jacques. História, novos problemas. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1976.
- _____. A História Nova. São Paulo. Martins Fontes, 1993.
- _____. Documento/Monumento. In.: Enciclopédia Einaudi. Lisboa. Impresso Nacional Casa da Moeda. 1984. vol. 1, pp. 95-106.
- _____. Memória. In.: Enciclopédia Einaudi. Lisboa. Impresso Nacional Casa da Moeda. 1984.
- LEROI-GOURHAN, André. Cinema et sciences humaines. Le film ethnographic existe-t-il? In.: Revue de Géographie Humaine et d'Ethnologie, n.3, Paris, 1984.
- LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1988.
- MENDES, A. D. "Envolvimento & Desenvolvimento: Introdução à simpatia de todas as coisas. In.: CAVALCANTI, C. (org.). Desenvolvimento e natureza estudos para uma

sociedade sustentável. São Paulo. Cortez Editora/Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

MENEZES, Ulpiano B. de - “A Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas”. In.: Revista de História, n.115, jun/dez.1983, USP.

NUNES, José Walter. Campo e Cidade na Memória Popular: Guarantão do Norte/MT – 1981-1990. Tese de Mestrado em História Social. FFLCH-USP, 1993.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC_SP, n. 15, abril de 1997.

ROSENSTONE, Robert a. “History in Images/ History in Words: reflexions on the possibility of really putting history onto film”; The American Historical Review. 85, dec., 1988.

ROUCH, Jean. “Le film ethnographique”. In.: POIRIER, Jean (ed.) Ethnologie générale. Paris, Gallimard, 1968.

SAMAIN Etienne. Ver e Dizer na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. Revista horizontes antropológicos – antropologia visual, n. 2 – 1995. Publicação do programa de pós-graduação em antropologia social da UFRGS, Porto Alegre.

SANTA CATARINA. Catálogo; Programa de documentação em história oral da UFSC, s/d, (mimeo).

SCHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo. Martins Fontes, 1978.

SORLIN, Pierre. Les historiens cinéastes: première generation. In.: Annales, economies, sociétés, civilisations. Paris, 33 année, n.4, p. 745-48.

SZTUTMAN, Renato. Jean Rouch e o cinema como subversão de fronteiras. In: Sexta Feira – Antropologia Artes Humanidades, São Paulo, Klick editora, 1997. Pp. 23/28.

SZTUTMAN, Renato e SCHULER, Evelyn. Jean Rouch, em entrevista In: Sexta Feira – Antropologia Artes Humanidades, São Paulo, Klick editora, 1997. Pp. 13/22.

TOLMASQUIM, M. T. Economia do meio ambiente: forças e fraquezas. In.: CAVALCANTI (org.), Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade

sustentável. São Paulo, Cortez Editora/Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1995, pp.323-365.

VEYNE, Paul. Como se Escreve a História. Lisboa. Edições 70, 1983.

VON SIMSON, Olga R. M. - “Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: Reflexões de pesquisa”, In.: Boletim do Centro de Memória, UNICAMP. V.3, n.5, (jan./jun.1991), pp.14-24.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. Trad. de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Segunda Parte

Obras impressas

ANDRADE, Jorge. Pedreira das Almas. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1960.

X ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese de Campanha, 1948. Sul de Minas. Campanha, Imprimatur, 2/2/1949.

XVIII ANUÁRIO Eclesiástico da diocese de Campanha, 1956. Campanha, Imprimatur. 12/3/1957.

XXIV ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese da Campanha, 1962. Campanha, Imprimatur, 20/01/1963.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1971.

BROTERO, Frederico de Barros. Memórias e Tradições da Família Junqueira. 1957.

CANEVACCI, Massimo. A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da Comunicação Urbana. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993. .

CALDEIRA, Maria Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. In: Novos Estudos – CEBRAP, n. 21, julho de 1988, pp. 133-157.

CASAL, Manuel Aires de. Corografia Brasilica. Belo Horizonte, Itatiaia-Universidade de São Paulo, 1976, p. 171.

COSTA, Joaquim Ribeiro. Toponímia de Minas Gerais. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1970.

CUNHA MATOS, Raimundo José. Corografia Histórica da província de Minas Gerais: 1837. Belo Horizonte, Publicações do Arquivo Público Mineiro, 1979.

FINA, Wilson Maia. São Thomé – Padroeiro dos Arquitetos. São Paulo, Brusco & Cia Ed., 1964.

FONSECA FILHO, Hermes da. S. Thomé das Letras. Rio de Janeiro. A coelho Branco Filho editor, 1935.

IGLÉSIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil – 1500-1964. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

JORDÃO, Moacyr de Faria. “o Império Teocrático”. In.: O Embu na História de São Paulo. 2ª edição. Sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Embu, 1964.

LACAZ, Carlos da Silva, 1915. Introdução à geografia médica no Brasil. São Paulo, Edgard Lucher, Ed. da USP, 1972.

LINHARES, Maria Yedda (org.) História Geral do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1990.

MARTINS, Sebastião. Caminhos de Minas. São Paulo, Editoração, Publicações e Comunicações, 1992, 284p.

MELLO JÚNIOR, Donato. Facchinetti, Art Editora Ltda/Ed. Record, São Paulo/Rio de Janeiro, 1982

Monosowski.

PASSALACQUA, C. O Apóstolo S. Thomé na América. Instituto Histórico e geographico de S. Paulo no Brazil, 1904

PINTO, Welington. Minas Dicionário Estatístico Geográfico e Histórico. Belo Horizonte Edita, 1983, p. 93.

PRADO, Oscar Ferreira. O Sertão dos Mandibóias. Fundação de Paraguaçu-MG. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, 272p.

RAMOS, J. R. de Andrade e BARBOSA, Rita Alves. “Os Quartzitos de São Tomé das Letras”. In.: Anais do XXII Congresso – Sociedade Brasileira de Geologia. Belo Horizonte, setembro de 1968.

SENNA, Nelson de. Anuário de Minas Gerais. 1918. Ano VI, p. 488/89.

_____. Anuário Histórico-chorographico de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1909. P. 219/20.

SILVEIRA, Alvaro Astolfo. As grutas em Minas Gerais. Belo Horizonte, IBGE, 1939.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A Pintura de Perspectiva em Minas Colonial – ciclo rococó. In: Barroco.

PRADO JR., Caio, Formação do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Brasiliense, 1957.

ROVERANO, Andrés A. Santo Tomé; El Paso Histórico de Santa Fe de la Vera Cruz, s.n.t.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. Almanak Sul-Mineiro para 1884, Typographia Monitor Sul Mineiro, 1884.

MONOSOWSKI, E. “Políticas Ambientais e Desenvolvimento no Brasil”. Cadernos FUNDAP. Ano 9, n.16, pp.1-24, 1989.

PRADO JR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo, Brasiliense, 1957

SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil. 1817-1820. Volume 1. São Paulo: Melhoramentos, 1938. Cit. pgs. 197/198.

Relatórios - Instituições públicas

MINISTÉRIO das Minas E Energia. Secretaria Geral. Projeto Radambrasil. Levantamento de Recursos Naturais – Volume 32.FOLHAS SF.23/24 Rio De Janeiro/Vitória.Rio de Janeiro, 1983.

PRIMEIRO Censo Cultural de Minas Gerais, 1994. Secretaria de Estado da Cultura. Governo do Estado de Minas Gerais.

PROJETO RONDON. Coordenação da Área de São José do Rio Preto. Operação Especial n. 12 – Pesquisa Histórica da cidade de São Tomé ds Letras (MG). 18 a 23 de abril de 1973.

MONOGRAFIA MUNICIPAL – IGA. São Tomé das Letras. Instituto de Geociências Aplicadas. 1982

IEPHA – Pasta 77 – Processo para Avaliação de Tombamento. São Thomé das Lertas, 1985.

Idem, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Secretaria de Planejamento da Presidência da República

- MINAS SEGUNDO O RECENSEAMENTO DE 1920, p. 6
- RECENSEAMENTO GERAL DE 1950, p. 186.
- VIII RECENSEAMENTO GERAL – 1970
- IX RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL – 1980, N. 16 – Minas Gerais
- CENSO DEMOGRÁFICO – 1991, n. 18 – Minas Gerais

PROJETO MINAS AMBIENTE. Material de divulgação da Coop. Técnica Brasil/Alemanha – 1996.

PANFLETOS de circulação pública em STL. Acervo Tadeu Neder.

Jornais (em ordem cronológica)

VOZ DO RIO VERDE, 8 de set. 1963 – Emancipação de São Tomé das Letras.

O ESTADO DE SÃO PAULO – 7/8/64. Turismo: “São Thomé das Letras – Cidade indecifrável”.

MINI-SUL JORNAL, novembro de 1968, Caxambu- MG – São Tomé das Letras a “Cidade de Pedra”.

ÚLTIMA HORA, dezembro de 1968. São Tomé, a Cidade de Pedra

ESTADO DE MINAS, 18/2/68 – Exército ajuda São Tomé das Letras

O GLOBO – 8/1/69 – Pedras: o marco de uma cidade

O JORNAL – 29/9/69 reportagem de Glauco Carneiro

CITY BANK NEWS – JULHO/AGOSTO DE 1970 – São Tomé das Letras

O GLOBO – 9/6/71 – Caxambu e São Tomé das Letras

ESTADO DE MINAS – 1/1/71 – rep. Henry Correa de Araújo.

JORNAL DA UNIVERSIDADE – São Paulo – set. 1972. “São Tomé das Letras ou das Pedras?”

O CRUZEIRO – OUTUBRO DE 1972 - cópia sem o título da matéria

DIÁRIO DE MINAS – 7/9/72 – São Tomé das Letras inaugura seu serviço de energia elétrica

O GLOBO – 22 A 28 mar. 1973. Turismo. “Descubra São Tomé das Letras”

O GLOBO – Set. 1973. São Tomé das Letras: lendas e poesia.

MOVIMENTO. SÃO PAULO. Set. 1975.

CENA BRASILEIRA. “Pedreira”. Por Murilo Carvalho.

TRIBUNA TRICORDIANA – Três Corações. 5/11/77. São Tomé das Letras, cidade misteriosa.

TRIBUNA TRICORDIANA. 7/1/78. “São Tomé das Letras”.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 21 ABRIL DE 1978. CADERNO DE TURISMO. “Uma cidade erguida sobre pedras há mais de duzentos anos”.

NOTÍCIAS POPULARES. SP, 21/5/78. São Tomé das Letras: a cidade de pedra que fica perto do céu.

A VOZ DA VERDADE – semanário, ano v, sul de minas, n. 10813 de agosto de 1978.

INFORMATIVO SUPAM – 15/6/79/ MG. Município Mineiros.

FOLHA DA TARDE – COLUNA CATÓLICA – Estanislau do Carmo – 18/8/80. Igreja Católica comemora Assunção de Nossa Senhora.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 27 maio de 1981

ESTADO DE SÃO PAULO, 12 mar. 1982. A lendária São Tomé das Letras.

ESTADO DE MINAS, 2 mar. 1983. Joaquim José da Natividade. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira.

JORNAL DE CASA. Belo Horizonte, 18 a 24 de março de 1984. “São Tomé das Letras: ver para crer.

ESTADO DE MINAS, 8 de maio de 1984. “Uma cidade de pedra mas com o coração do tamanho de Minas”. Mário Lúcio de Oliveira Flecha.

MUNICÍPIOS MINEIROS

Ano XCII. Belo Horizonte, 18 de julho de 1984, n. 136

“São Tomé das Letras.

DIÁRIO DE MINAS. BH, 7 out. 1984. “Em São Tomé das Letras, no sul de Minas, a ficção e a história se alternam sempre”

DIÁRIO DE MINAS. 28 OUT. 1984. “São Tomé das Letras: patrimônio

DIÁRIO DO COMÉRCIO 27 OUT. 1984. São Tomé das Letras é tombada pelo IEPHA
ESTADO DE MINAS, 2/11/84. Tombada como patrimônio, São Thomé das Letras espera explosão turística.

JORNAL DO TOURING N. 32, ANO VII, 1984. “De onde partem os discos voadores”

ESTADO DE MINAS 9/11/84. É preciso ver (para crer) o que está acontecendo em São Thomé das Letras. Iolanda Pignataro

JORNAL DO BRASIL. 30/12/84, P. 15. “Governo de Mins tomba carro antigo de São Tomé das Pedras”.

FOLHA DE SÃO PAULO. CAD. TURISMO, 1/2/1985. “A misteriosa e incrível cidade de pedra”. José Henrique da Cruz.

ESTADO DE MINAS, 11/10/85. São Tomé das Letras faz a festa. Raquel Botelho

CORREIO DAS LETRAS. Março/abril de 1998, “Informe da Coopedra”, p. 6

Revistas

REVISTA do Arquivo público Mineiro. Vol. IV, 1899. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, p. 566/69.

QUATRO RODAS JULHO DE 1978. Reportagem De Marco Antonio Montandon.

REVISTA PAMPULHA ANO II N. 2, jan/fev 1980. São Tomé das Letras

VISÃO. 21 de set. de 1981, ano XXX, n. 38, São Paulo. “Tudo de Pedra”. (TURISMO)

CLUBE HONDA – ANO 1, N.3, ago/set. 1983. “São Thomé das Letras, berço ou túmulo de uma civilização”. Ronaldo Leme.

PANORAMA, out/nov.1984. “o Enigma de São Thomé das Letras”.

REVISTA “ INTERIOR”, julho/dez. 1985. Ministério do Interior. “Uma cidade lendária”.

III ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese da Campanha. Sul de Minas. 1941-1942. Campanha. Imprimatur, 11/3/42.

X ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese de Campanha, 1948. Sul de Minas. Campanha, Imprimatur, 2/2/1949.

XVIII ANUÁRIO Eclesiástico da diocese de Campanha, 1956. Campanha, Imprimatur. 12/3/1957. P. 55

XXIV ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese da Campanha, 1962. Campanha, Imprimatur, 20/01/1963.

DHÂRANÂ - Órgão Oficial da Sociedade Teosófica Brasileira; ano XXXII; julho/outubro de 1957; nos. 3 e 4. (revista bimestral - redação: Avenida Liberdade n. 47, 1 andar, S.P)

Manuscritos

Cartório de Registro Civil, Ofício e Notas

São Thomé das Letras – Comarca de Baependi – Minas Gerais

- 1- Termos de Bem Viver de São Thomé das Letras do Ano de 1860.
- 2- Termos de Conciliações de Sam Thomé das Letras do ano de 1871.
- 3- Delegacia de Sam Thomé das Letras do Ano de 1873.
- 4- Ação Sumária de Sam Thomé das Letras – 1874
- 5- Termos de Audiência e Conciliações de Sam Thomé das Letras 1874

Arquivo Eclesiástico - Cúria Diocesana de Campanha

Livro de Tombo – São Thomé das Letras, 1903/1996.